BOLETIM

DA

CLASSE DE LETRAS

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

BOLETIM

DA

CLASSE DE LETRAS

(ANTIGO BOLETIM DA SEGUNDA CLASSE)

ACTAS E PARECERES
ESTUDOS, DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

VOLUME XIV

1919-1920

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

I

ACTAS E PARECERES

Sessão de 27 de Novembro de 1919

Presidente: Sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Presentes: os sócios efectivos srs. Batista de Sousa (Visconde de Carnaxide), Cândido Figueiredo, David Lopes, Fernandes Costa, Francisco Maria Esteves Pereira, Leite de Vasconcelos, Lopes de Mendonça e Cristovam Aires, secretário da Classe; os sócios correspondentes srs. Felix Ferreira, Gustavo Ramos, Luís Gonçalves, Pedro de Azevedo, Teixeira Botelho, Vítor Ribeiro e Vieira da Silva e o sócio correspondente estrangeiro sr. Lúcio de Azevedo.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Secretário* chamou a atenção para o convite feito à Academia pelo *International Research Council* para uma colaboração sôbre vários assuntos, entre outros geofísicos.

O sr. *Visconde de Carnaxide* participou à Classe que, estando pronto o seu trabalho de elogio histórico de Veiga Beirão, desejava que se marcasse o dia para a sua realização.

O sr. *Presidente* disse que, dadas as relutâncias às despesas feitas pela Academia nas suas sessões solenes, propunha que êsse elogio se fizesse em sessão pública, no dia 20 de Dezembro, naquela mesma sala destinada às sessões ordinárias. Êste alvitre foi aprovado.

Resolveu-se em seguida que mais tarde, e com a brevidade possível, se realizasse nas mesmas condições o elogio de Jaime Moniz pelo sr. Francisco Maria Esteves Pereira.

A uma pergunta do sr. David Lopes a respeito das sessões solenes, respondeu o sr. Presidente que as despesas com as que se tinham realizado no mês de Junho não estavam ainda pagas.

Procedendo-se à eleição dos cargos académicos foram eleitos: Presidente da Classe o sr. Júlio de Vilhena com nove votos, e com oito ditos para Vice-Presidente o sr. Fernandes Costa, Vice-Secretário o sr. David Lopes e vogal do Conselho Administrativo o sr. Francisco Maria Esteves Pereira. Tendo obtido um voto para Vice-Presidente o sr. Cândido Figueiredo.

O sr. *Fernandes Costa* agradecendo a sua eleição para Vice-Presidente da Classe, disse que não podia recusar o cargo, visto ser êle uma prova da generosa deferência, com que os seus ilustres consócios, o quiseram honrar; mas que, se o houvessem consultado, antes da eleição, teria procurado afastar de si essa honra, afim de que ela recaísse noutro confrade seu, para quem não fôsse tão grande o risco de ela vir a tornar-se pesada. Está avançado em anos, tem uma saúde insegura, e apenas o tranquiliza a esperança de que a feliz robustez e o grande amor pela Academia, coexistentes na pessoa do ilustre presidente eleito, sejam garantia para que a sua vice-presidencia não passe de ser uma situação meramente honorária. É, nestes termos, que se resigna a aceitá-la, agradecendo a sua eleição com o mais penhorado reconhecimento.

O sr. *António Baião* pediu que lhe fôssem franqueadas as fôlhas já impressas do volume XV do *Corpo Diplomático,* o que foi autorizado.

O sr. *Esteves Pereira* disse que no suplemento literá-

rio do *Times*, de Londres, de 16 de Outubro do corrente ano, foi inserta uma extensa notícia acêrca do *Livro da Montaria*, recentemente publicado pela Academia. O autor da notícia põe em relêvo o grande valor literário e técnico do livro, e considera-o como obra composta por el-rei D. João I.

No jornal *L'Action Française* de Paris, de 22 de Outubro dêste ano, foi também publicada uma notícia da reimpressão da tragédia *A Vingança de Agamenon* de Henrique Aires Victória. Como é de pequena extensão leu.

A Classe resolveu que essas apreciações fôssem publicadas no «Boletim da Classe», o que se faz depois desta acta.

O *Secretário*.referiu-se também a uma apreciação feita na *English Historical Review — Da relação da Embaixada a França em 1641*, por João Franco Barreto —, reimpressa com noticias e documentos elucidativos por Carlos Bocage e Edgar Prestage, prometendo apresentá-la na próxima sessão.

O sr. *Fernandes Costa* apresentou a seguinte proposta que foi unanimemente aprovada:

Tomando na consideração e no aprêço, que lhe são justamente devidos, o testemunho de apertada confraternidade, dado pela «Academia Brasileira de Letras» à «Academia das Sciências de Lisboa», no facto de destinar metade do número regulamentar dos seus sócios correspondentes estrangeiros a homens de letras portugueses;

Considerando que essa disposição, espontâneamente tomada por aquela Academia, representa, da parte dela, um movimento altamente simpático, no sentido de uma aproximação carinhosa, não só entre as duas Academias irmãs, como entre os mais valiosos representantes das duas literaturas;

Considerando que a tão alta prova de confraternidade devem corresponder, e correspondem, da nossa parte, sentimentos absolutamente identicos, dos quais está naturalmente indicada a forma de manifestação e de retribuição;

Considerando que os mais sérios interêsses da nossa língua e

das nossas letras estão sendo calorosamente compreendidos e defendidos por uma nobre pleiade de escritores brasileiros, cujos trabalhos são uma colaboração constante para a conservação da pureza da língua e para o maior esplendor da literatura comum;

Considerando que é do nosso dever premiar a benemerência dêsses dedicados colaboradores, reconhecer os seus grandes serviços, testemunhar-lhes gratidão, e apertar com êles os laços intelectuais naturalmente existentes pelo facto da mesma origem étnica, do mesmo secular passado, de um longo encadeamento histórico, das mesmas tradições nacionais e, sobretudo, da mesma língua;

Propômos, que a Classe de Letras da «Academia das Sciências de Lisboa» tenha sempre preenchido metade do número regulamentar dos seus sócios correspondentes estrangeiros, por homens de letras brasileiros; sendo título de preferência para a eleição, em paridade de outras circunstâncias, a de serem sócios efectivos da «Academia Brasileira de Letras».

Lisboa, Sala das Sessões da Academia das Sciências de Lisboa, 27 de Novembro de 1919.

Candido de Figueiredo
Cristóvam Aires
David Lopes
Visconde de Carnaxide
Francisco Maria Esteves Pereira
Anselmo Braamcamp Freire
José Leite de Vasconcelos
Fernandes Costa
Henrique Lopes de Mendonça
Júlio Dantas.

Em seguida o sr. *Fernandes Costa* leu uma calorosa apreciação dos trabalhos do escritor brasileiro o sr. Afrânio Peixoto, apresentando oito volumes dêste escritor como título de candidatura a sócio correspondente.

O *Secretário* apresentou os livros do sr. Pedro de Azevedo, único candidato a sócio efectivo na secção de História. Foi resolvido enviarem-se êsses livros ao presidente da secção respectiva, a fim de indicar o relator.

Foi também apresentada em nome do sr. Aubrey Bell a comédia *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, para ser publicada pela Academia, caso assim o enten-

desse, sendo também resolvido enviar-se à respectiva secção a fim de obter parecer.

O sr. *Cândido de Figueiredo* pediu informações a respeito da comédia *Eufrosina* do mesmo Jorge Ferreira de Vasconcelos, que estava sendo reeditada pela Academia; informando o secretário que ela não tardaria a entrar na Academia, pois estava sendo brochada.

O mesmo académico pediu informações sôbre as candidaturas pendentes dos sócios estrangeiros e nacionais, ficando o secretário de lhe apresentar na próxima sessão a relação das candidaturas pendentes, e a de sócios falecidos estrangeiros em França, Bélgica, Itália e Brasil, que recebera em virtude de solicitações suas dos respectivos ministros de Portugal, aguardando contudo iguais informações pedidas para outros países.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

UNE VIEILLE TRAGÉDIE PORTUGAISE

L'Académie de Lisbonne a réimprimé la *Vengeance d'Agamemnon*, œuvre de la Rénaissance, antique échantillon de la tragédie portugaise, dont il ne restait plus qu'un exemplaire. Les curieux de théâtre apprécieront cette rareté: aux simples lettrés, Orion croit utile d'assignaler l'importance. Ayres Victoria fit cette pièce, accommodée de *l'Electre* de Sophocle, en 1536; dans toutes les litteratures modernes, il n'y a pas d'exemple d'hellenisme plus précoce que celui-là. D'autres pièces, classiques en Portugal, ont été *Cléopâtre*, de Sá de Miranda, et *Ines de Castro* de Ferreira: mais le text de la première est perdu, et ni l'une, ni l'autre, n'est si ancienne.

Cette ancienneté se fait aimer d'autant plus que l'allure du poète est franche. La secrète arrivée d'Oreste, la feint de sa mort, sa reconnaissance avec Electre; enfin, la meurtre de Clytemnestre et d'Egisthe, immolés, en représailles de celui d'Agamemnon, sont reproduits avec une entière liberté. Rien n'a moins le caractère d'un ouvrage d'école. Puis, les grandes beautés sont saisies, par exemple l'imprecation d'Electre: *O lumière, terre et air, que de plaintes ne m'avez-vous pas entendue faire!* A la fin, même énergie

dans l'expression d'horreur causée par la vengeance nouvelle dont saigne la maison des Atrides :

O casa desventurada,
cheia de mortes e brados
de sangue toda banhada...

O maison malheureuse, pleine de morts et de cris, tout baignée de sang...

Et dans l'invocation à la justice divine :

O soberano senhor
que nos ceos tens a morada...

O souverain seigneur, qui fais ta demeure dans le ciel...

Nous sommes loin des essais tragiques d'un Robert Garnier, par exemple. Une seule chose est à reprendre l'excés de peintures morales; c'est un travers du moyen âge, dont on n'etait pas encore gueri.

Le vers de onze syllabes, dans lequel toutes les langues du Midi ont fini par rimer, n'était pas encore importé d'Italie, pas plus que l'octave. La pièce est en decades, sept syllabes, et rimes croisées. Ainsi dans l'âge précedent, avait versifié Gil Vicente ces beaux mysteres et ses moralités. Le vieil instrument servait à la tache nouvelle, en attendant le complet essor de l'art.

Le soin du texte de la *Vengeance d'Agamemnon* a été confié à M. Esteves Pereira L'excellente préface est aussi son ouvrage.

Orion.

(*L'Action Française,* mercredi 22 octobre 1919; 12.^{e} année, n.º 295).

A ROYAL BOOK OF THE CHASE

Livro da Montaria. Feito por D. JOÃO I, Rei de Portugal. Publicado por FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA. (Coimbra: Imprensa da Universidade. 1.500 réis).

The wild boar became extinct in England in the twelfth century, but in the Iberian Peninsula it still abounds, notably in that strange region of Las Hurdes on the Portuguese frontier, where it continually devours the grapes and vegetables of the peasants. In the fourteenth century hunting the boar and the bear was the favourite sport of Portuguese lords and princes. Two pleasant chapters of one of Fernam Lopez's chronicles are devoted to the prowess of the Infante João in this sport, and his half-brother, the Master of Avis, was not less enthusiastic. When he and his sons

wished to consult the Constable Nun'Alvarez (about an expedition to Africa) without anyone having wind of the matter they made hounds the apparent pretext of their visit.

Any light thrown on the person of King João I, of good memory, founder of the dynasty of Avis, is welcome: and to Englishmen it is especially interesting when we remember that he commanded English as well as Portuguese soldiers at the battle of Aljubarrota in 1385, and married an English princess, Philippa of Lancaster, daughter of John of Gaunt. It was known that he took an interest in Portuguese prose and had caused portions of the Bible to be translated. His son, King Duarte, had, moreover, mentioned this book of the chase. It is now printed for the first time in an excellent edition by Dr. Esteves Pereira, published by the Lisbon Academy of Sciences. If King João cannot be wholly absolved of the arts of the demagogue in acquiring his throne (one remembers the scene when, as he was about to sit down at table, news was brought that the mob was minded to murder the Spanish Bishop of Lisbon, the prince's first impulse was to save him, but on being told that there would be no dearth of Portuguese to replace the Bishop he continued his meal—went on cutting bread and butter, and left the Bishop to his fate), he certainly made a noble use of it when won. In this book he appears high-minded, unassuming, intensely serious, keen, businesslike and thorough, with a great natural dignity. Apart from a few introductory pages of a philosophical character and an astronomical digression later, it deals continually with the matter in hand: the education of hounds and huntsmen in the chase of the wild boar (and incidentally of the bear). It is interesting to read the victor of Aljubarrota's notes on battles, especially that on the measures necessary to avoid being outflanked by a larger force, but otherwise there are but very few general observations.

The book was written late in life: its author is already Lord of Ceuta (the capture of which inaugurated the Portuguese Empire in 1415). One might naturally have suspected this to be the case, since in his earlier years he had «other dogs to beat». As with most works assigned to kings, it is necessary to consider carefully whether he was really the author: it was as easy for the work of a staff to become the King's book as it is for a decree drawn up [illegible] a Department to be ascribed to a Minister. But in this case there is plenty of internal evidence to prove the King's claim. The treatise is written «in great pity for those who have no one to teach them», and its aim is to be as complete and accurate as possible

and to improve with age, the criticism of all huntsmen, living and to come, being especially invited. The King writes from personal experience, and attempts to answer sundry doubts and questions, although well aware that «a fool may throw a stone into the sea of Spain and all the wise men in the world will not be able to get it out». He regarded the theme as well worthy of a king's pen. The chase had always been a Royal sport, and he is carefnl to bestow on Meleager of Calydon and Castor and Pollux the title of «Iffante», while he bewails the fact that in his day «there is not a herdsman or priest or pauper» who does not aspire to the chase. On the other hand, he rebukes the monks who denounce it as mere vanity, and carries the war into the enemy's camp with the hint that a sermon may be quite as vain, particularly so when the preacher deals «in great and subtle opinions in order to show forth his learning». So little does he consider the chase a vain thing that he invokes the Holy Ghost to «come and help me in this litle work, for without Thy aid I can do nothing», and in the most eloquent passage of the book he appeals to «Thee, Lord God, who art three equal undivided persons, one true God, Father, Son and Holy Spirit, who dwellest in an everlasting dwelling and in light, whom no man may approach, who madest the world and it is in Thy power and Thou rulest it in Thy wisdom». The treatise, written strictly from a practical point of view, has necessarily in five centuries lost something of its importance; but the author, having enthusiasm and an intimate knowledge of his subject, writes with clearness and vigour, so that his work may still be read with pleasure owing to its unfailing zest and the purity and precision of its prose. We see the King in scarlet, with his spear of hazel or willow, careful in the great heat to give the hounds the benefit of his horse's shadow, thoughtful to do as little damage as possible to the property through which he passes, keenly observant of the character of horse, huntsmen, and hounds (a dozen times, he says, he had been in danger of his life owing to his horse shying, and as to dogs he asserts that many of them are quite foolish, while «the intelligence given by God» to others «is a wonderful thing for a man to see»); and we hear the tuneful cry «Eilo vai, eilo vai!» as the boar is seen, going, in the King's phrase, «with a great going».

(*The Times Literary Supplement*. October 16. 1919).

Sessão de 11 de Dezembro de 1919

Presidente: Sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Presentes: os sócios efectivos Batista de Sousa (Visconde de Carnaxide), David Lopes, Fernandes Costa, Francisco Maria Esteves Pereira, Leite de Vasconcelos e Cristóvam Aires, secretário da classe e os correspondentes srs. Almeida de Eça, António Baião, Gustavo Ramos, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Vitor Ribeiro e Vieira da Silva.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O *Secretário* apresentou um artigo do Rev.do George Edmundson publicado na *English Historical Review* sôbre a «Relação da embaixada a França em 1641», por João Franco Barreto, reimpressa com notícias e documentos elucidativos por Carlos Roma du Bocage e Edgard Prestage.

Da 1.ª edição de *Relação* de Barreto, disse o Secretário, poucos exemplares existem e os srs. Bocage e Prestage esforçaram-se em ilustrar o texto com uma notável introdução histórica e biográfica, com notas e trechos de cartas e narrativas contemporâneas. Num longo apêndice vem indicados os nomes das pessoas e lugares mencionados na *Relação* e o livro é acompanhado dum mapa do Itinerário dos Embaixadores. Êste auxilio é utilíssimo e até necessário, porque seria impossível identificar muitos dos sítios num mapa moderno de França. A narrativa bem merece o cuidado com que foi tratada:

1) devido à importância da embaixada;

2) porque contêm uma discrição pitoresca e por mui-

tos respeitos única, duma viagem através da França nos meados do século XVII e da assistência na Côrte de Luís XIII por uma testemunha de vista;

3) porque Franco Barreto era literato distinto, cuja versão da *Eneida* foi largamente utilizada no «Dicionário» de Moraes, George Edmundson passa a tratar da embaixada, observando que a revolução de 1.º de Dezembro, que veio num momento crítico da guerra dos trinta anos, foi um acontecimento de primeira importância; porque acabou por derrubar o poder hespanhol. Sôbre a liga formal que Portugal quis estabelecer com a França, e esta potência se recusou a fazer, o Rev.do G. Edmondson é de opinião que a oposição vinha da Holanda, cujos interêsses financeiros nas colónias foram feridos pelo renascimento português. Daqui em diante, a política holandesa mudou de rumo, chegando a Holanda a fazer a paz separada com Hespanha em 1648, afastando-se da aliança francesa.

O autor acha sobremaneira interessante a parte da *Relação* que trata da côrte francesa, citando-a por vezes, e acrescenta que a narrativa de Franco Barreto nos leva a conhecer melhor a França do tempo do cardeal Richelieu. As descrições das cidades etc., teem valor histórico, e Barreto era observador muito inteligente e cuidadoso, e escrevia com pena fácil.

Foi resolvido que êste artigo fosse publicado no «Boletim da Classe».

O mesmo *Secretário* apresentou a relação dos candidatos pendentes pedida pelo sr. Cândido de Figueiredo e a dos sócios falecidos em França, Belgica, Itália e Brasil.

O sr. *Fernandes Costa* apresentou à Classe uma série de desenvolvidas considerações subordinadas à designação geral: *A vitalidade académica e o Boletim da Classe de Letras,* nas quais expôs os grandes serviços que êste

Boletim presta aos académicos, e portanto á Academia, dando publicidade aos seus trabalhos e estudos, solicitando a sua colaboração, estimulando a sua actividade literária, e demonstrando, finalmente, fora do recinto académico, pela publicidade que tem, a utilidade social desta antiga e gloriosa instituição. Justificando as dimensões que lhe são dadas, e que não são excessivas, pois dificilmente comportam tudo quanto a Classe produz, na laboriosa aplicação de alguns dos seus membros, mostrou todo o inconveniente que haveria em reduzil-as, na intenção de reduzir, assim, também, as despesas académicas, e, por esta forma impugnou uma proposta apresentada pelo Conselho Administrativo em assembleia geral, e ali aprovada, mostrando a ineficácia e os inconvenientes dela. De passagem, louvou a forma utilíssima com que, para bem da Academia e elevação do seu prestígio externo, o *Boletim* tem sido organizado e dirigido pelo Secretário da Classe, incançável, — disse, — na sua elaboração.

O *Secretário* agradeceu as amáveis referências do seu ilustre consócio, dizendo que todas as glórias pertenciam aos doutos membros da Classe, que tanto tem contribuido para tornar rico e fecundo o *Boletim da Classe de Letras,* não podendo deixar de fazer especial menção ao poderoso trabalho com que o sr. Fernandes Costa tem para êle contribuido.

O sr. *Pedro de Azevedo* faz uma breve comunicação a respeito da estada do naturalista Geoffroy S.t Hilaire em Lisboa no ano de 1808, encarregado pelo govêrno francês de subtrair dos museus da Ajuda e de outros estabelecimentos as peças mais curiosas ali existentes, para enriquecer os estabelecimentos congéneres de Paris. Apesar das reclamações portuguesas, o referido naturalista conseguiu enviar para França numerosas espécies daquele museu, as quais só foram restituidas em 1860,

554 chapas da *Flora do Brasil,* de Veloso, e grande quantidade de documentos da casa Cadaval, que hoje figuram na Biblioteca de Paris, etc. A valiosa notícia é acompanhada de documentos e numerosos extractos de publicações, que tratam do assunto, sendo para registar que nas obras francesas essa expoliação é defendida como um título de glória do naturalista.

O sr. *Júlio de Vilhena* agradeceu à Classe a honra da sua eleição à Presidencia, tendo palavras de justo elogio ao actual Presidente, que agradeceu.

O sr. *Lopes de Mendonça* apresentou, em nome do sr. João de Barros, os livros do escritor brasileiro Graça Aranha como título de candidatura.

O sr. *Júlio Dantas* apresenta a candidatura do eminente professor de psicologia experimental da Sorbone, Dr. George Dumas, a sócio correspondente estrangeiro. Fala da obra e da figura intelectual dêste sábio, que muito concorreu para a criação da cadeira de estudos portugueses na Universidade de Paris, e envia para a mesa, como título de candidatura académica, a mais interessante das suas obras: *Les deux Messies du positivisme: Saint Simon et Auguste Comte.* Fala depois largamente dos poetas e da poesia brasileira, e especialmente do grande poeta Martins Fontes, que considera uma das mais admiráveis expressões do génio lírico da raça, e de cujo livro *Verão* lê algumas poesias, duma rara beleza e dum ofuscante explendor verbal. Termina afirmando quanto é consolador verificar que, seja qual fôr o destino histórico de Portugal, a lingua portuguesa viverá, sagrada e imortal, como órgão do pensamento duma das maiores nações do mundo.

O sr. *Visconde de Carnaxide* fez várias considerações sôbre a fórma de obter recursos para a Academia, a que o sr. Presidente fez algumas observações.

O sr. *Júlio Dantas* fez várias considerações favoráveis

à proposta apresentada pelo sr. Fernandes Costa para a candidatura de Afranio Peixoto a sócio correspondente, declarando ter tido muito prazer em assinar também essa proposta.

O sr. *Esteves Pereira* leu um estudo de história literária ácêrca da Mofina Mendes, do auto dêste mesmo nome do poeta Gil Vicente. Conjecturou que a expressão *a Mofina Mendes* é sómente uma designação qualificativa, que quere dizer *infeliz* ou *sem ventura de seu próprio natural*; mostrou que a última fala que a Mofina Mendes pronuncia no auto, contém em resumo um apólogo indiano, que se encontra no Panchatantra; e supõe que Gil Vicente teve conhecimento do mesmo apólogo pelo *Livro de Patronio* ou *Conde de Lucanor*, composto por D. João Manuel, que era livro muito lido na côrte de Portugal desde o reinado de D. João I.

O sr. *Presidente*, louvando a conceituosa e erudita comunicação do sr. Esteves Pereira, lembra que o título pôsto por Gil Vicente à obra, foi de *Auto dos Mistérios da Virgem*, como logo nos primeiras versos é claramente indicado. A designação do *Auto de Mofina Mendes* foi posta pelo vulgo.

O sr. *Lopes de Mendonça*, a propósito da comunicação do sr. Esteves Pereira, diz que a palavra «mofina» era empregada também pelos quinhentistas como substantivo comum, com o significado de infortúnio, má sorte, equivalente ao plebeismo actual «macaca». Isto se depreende de uma passagem do próprio auto, que se refere satiricamente a vários desastres políticos da Europa, no tempo em que êle se representou. Quanto à palavra «mendes», empregada como substantivo comum, citada em passagens das redondilhas de Camões e das comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, ela tem sido objecto de eruditos comentários dos doutos consócios a sr.ª D. Carolina Micaëlis e o sr. dr. José Maria Rodrigues. É de memória

que de relance apresenta estas notas à interessante comunicação do sr. Esteves Pereira.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Relação da Embaixada à França em 1641. Por João Franco Barreto. Reimpressa com notícias e documentos elucidativos por Carlos Roma du Bocage e Edgar Prestage. (Coimbra: Academia das Sciências de Lisboa, 1918).

Of the original edition of this Relação of Barreto scarcely any copies exist, and the authors of this reprint have spared no pains to illustrate the text by an admirable historical and biographical introduction, by foot-notes, and a selection of contemporary narratives and letters. Finally, in a lengthy and elaborate appendix, the name of every person and every place named in this detailed account of the journey of the Portuguese embassy of 1641 from Lisbon to Paris and back has a full descriptive notice with frequent references to the authorities on which it is based; and a map on which is traced the route of the envoys' travels is given. This assistance is most useful and indeed necessary in regard to the localities mentioned, as many of them could not be identified in any modern map of France, and others are strangely transfigured by the spelling of a writer unacquainted with the French language. This narrative is, however, well worthy of the care which has been bestowed upon it; (1) because of the importance of the embassy itself; (2) because it contains a picturesque and in many respects unique description of a mid-seventeenth-century journey across France and of a residence at the court of Louis XIII by an eyewitness, who was the private secretary of Francisco de Mello, the chief envoy; (3) because the writer, João Franco Barreto, was a distinguished literary man, whose translation of the Aeneid into Portuguese verse was largely used, as a source, in the compilation of Morais and Silva's Portuguese dictionary.

The revolt of Portugal, occurring, as it did, at a most critical moment in the Thirty Years' War, is an event of first-rate historical importance, since it finally broke the power of Spain. The news of the successful rebellion and of the accession of João IV was received with much joy in France, and at first in Holland, and the object of the stately embassy of 1641 (according to the instructions and secret intructions which are printed in this volume) was to propose, and, if possible, to conclude, a formal league of alliance with France, and through French influence with the United Pro-

vinces. Barreto in his Relação studiously omits any reference to the subjects of the diplomatic discussions which took place. As a private secretary he was bound not to reveal confidential information, and so he abstains wholly from political comment. His narrative dwells, however, on the extraordinary friendliness with which at every halting-place on the journey between La Rochelle and Paris the embassy was received, and nothing could exceed the graciousness of their reception, not only by the king and queen but by Richelieu. The result, however, was disappointing. No «formal league» was concluded, only an offer of armed assistance by land and sea. The envoys have been severely censured by Portuguese historians[1] for their diplomatic lack of success, and they have been accused of accepting fair words and blandishments in the place of definite agreements. The editors, however, in their introduction have been at pains to show that causes other than the remissness of the envoys brought about the partial failure of the mission, and they bring documentary evidence in support of their argument. It requires, however, a more intimate knowledge of Dutch affairs and of the effect of the Portuguese revolt upon public opinion in Holland, than the editors possessed, to see how and why it was that the French government with all its friendliness and goodwill was barred from making in 1641 a «formal league» with King João IV.

The facts which governed the situation were briefly these: France was bound to the United Provinces by the offensive and defensive alliance of 1635, which forbade either of the two powers to treat with Spain or to conclude peace separately. The Dutch, like the French, at first welcomed the Portuguese declaration of independence, for it struck a deadly blow at the very heart of the Spanish enemy. But the revolt of the home country was quickly followed by the revolt of all the Portuguese colonies, and it was precisely in the former Portuguese possessions in the East Indies and in Brazil that the Dutch East and West India Companies had been in recent years making extensive conquests and securing fresh openings for trade. This had been the more easily accomplished, because the Portuguese settlers in their hatred of Spain had offered only a half-hearted resistance to the Dutch invaders. Their rising, therefore, in 1641 was a national

---

[1] *Historia de Portugal restaurado*, by the Conde de Ericeira, 1751; *Historia delle Guerre de Portugallo*, by Alessandro Brandano, 1689; *Annaes de Portugal restituido a Reis naturaes*, anón. M. S. Biblioteca Nacional.

effort to throw off the foreign yoke which oppressed them, whether it were Spanish or Dutch. Such a serious menace to the great East and West India Companies affected vast financial interests in Holland Dutch public opinion was touched in its most sensitive point, and from this time forward a fundamental change began to take place in the orientation of Dutch foreign policy. Its final result was the conclusion by the United Provinces of a separate treaty with Spain (the treaty of Münster, 30 January 1648) behind the back of France. By this treaty Spain not only recognized the independence of the Dutch Republic, but ceded to the Dutch all the possessions in the East and West which had been taken by them from the Portuguese.

Barreto's narrative scarcely refers to these matters, but it is rarely lacking in interest. The most striking portion is that which tells of the three months' residence at the court and of the various interviews of the envoys with Louis XIII, Anne of Austria, and with Richelieu. Curiously enough not a single member of the embassy could speak French, and the medium of intercourse, when an interpreter was not employed, was Spanish, with which language the chief ambassador, the Monteiro Mor Francisco de Mello, was acquainted. It is interesting to learn that the cardinal spoke Spanish «as well as if he had been born at Toledo». Having inquired of Francisco de Mello whether he knew Castilian, the envoy rejoined, «Yes, but he did not speak it. Such was his hatred of the Castilians that he never wished to use their language». The reply of Richelieu was characteristic, «No importa, que las lenguas no pelean». The two interviews with the queen, who also used Spanish in speaking to Francisco de Mello, reveal to us how completely the sister of Philip IV had identified herself with the interests of her adopted country, for she made no secret of the fact that she rejoiced in the successful revolt of Portugal and wished it to prosper.

This narrative adds largely to our knowledge of the France of the days of Richelieu. The descriptions of Paris, of St. Germain-en-Laye, of Fontainebleau, of Orleans, Tours, Abbeville, and many other towns, villages, and *châteaux*, have a real antiquarian and historical value. Barreto was a highly intelligent and keen observer, and possessed a facile pen.

George Edmundson.

(Da *English Historical Review*, vól. 34, n.º 136, outubro de 1919).

Sessão de 26 de Dezembro de 1919

Presidente: o sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Presentes: os sócios efectivos srs. Artur Montenegro, David Lopes, Fernandes Costa, Francisco Maria Esteves Pereira, Lopes de Mendonça e Christóvam Aires, secretário da classe e os sócios correspondentes srs. António Baião, Felix Alves Pereira, José Joaquim Nunes, Pedro de Azevedo, Teixeira Botelho e Vieira da Silva.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. Felix Pereira justificou as suas faltas.

O sr. *José Joaquim Nunes* comunicou a infausta notícia de ter falecido em Loben (Estiria) o dr. Júlio Cornu, que à filologia portuguesa prestou relevantíssimos serviços, quer publicando a primeira gramática histórica da nossa língua, na qual versa com mão de mestre a fonética e morfologia da mesma, subministrando auxílio indispensável aos que posteriormente entre nós, e mesmo fora, teem estudado o português e galego, quer fazendo conhecidos de nacionais e estrangeiros muitos dos nossos textos arcaicos, que publicou na revista francesa *Romania*, e ainda dando explicações muito eruditas sôbre vários vocábulos, sobretudo antigos.

A classe partilhou êste voto de sentimento.

O sr. *Esteves Pereira* leu uma nota a uma passagem da *Crónica da Tomada de Ceuta* por Gomes Eanes de Zurara, na qual se alude a um apólogo bem conhecido, *quebrar um feixe de varas*, e mostrou a sua origem indiana.

O sr. *David Lopes* leu o relatório da comissão do

monumento a Gonçalves Viana. Fôra propósito desta dar ao falecido uma jazida própria no cemitério de Bemfica, mas não o pôde realisar por falta de recursos. Felizmente, o sr. Armando Rodrigues, amigo e admirador de Gonçalves Viana, ofereceu-se para recolher-lhe a ossada no seu jazigo do Alto de S. João.

O sr. *Presidente* disse que fôra pena não ter podido a Academia levar a cabo a sua idea; mas em todo o caso era satisfatório saber-se que os ossos de Gonçalves Viana estavam devidamente recolhidos.

Despedindo-se da Classe, disse que, ao deixar a cadeira da presidência, lhe ficava a pena de não ter podido fazer alguma cousa de útil a favor da Academia, visto ter encontrado má vontade nas estações oficiais.

Desculpou-se, com protestos unânimes da Classe, de qualquer falta devida a sua insuficiência. Referindo-se ao apólogo do feixe de varas de que se ocupara o sr. Esteves Pereira, recomendou a união de todos os sócios para o bem da Academia.

O sr. *David Lopes* disse, entre aplausos, que a Classe se afastava do seu Presidente com saudade.

E não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Relatório da comissão do monumento a Gonçalves Viana. Prestação de contas

No dia 13 de Setembro de 1914 falecia em Lisboa o nosso consócio Aniceto dos Reis Gonçalves Viana e era sepultado no dia seguinte no cemitério de Bemfica, no coval 2:521. Passou quási despercebido o seu passamento e só o *Diário de Notícias* lhe dedicou algumas palavras de justa homenagem.

Devendo o seu coval ser aberto no dia 14 de Setembro do corrente ano e prevendo o signatário-relator que a sua ossada havia de ser lançada na vala comum, apre-

sentou na Academia, na sessão de 9 de Dezembro de 1915 da 2.ª classe, uma proposta para que o nosso Instituto se interessasse pelo assunto e evitasse êsse facto. A Classe elegeu para êsse fim uma comissão composta dos srs. dr. José Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Vítor Ribeiro e David Lopes, a qual escolheu o signatário-relator para seu presidente e resolveu abrir uma subscrição entre os sócios da Academia e amigos de fora dela, para dar ao saudoso extincto uma jazida própria naquele cemitério. Infelizmente, os donativos alcançados foram insuficientes para realisar o piedoso fim e por isso o signatário-relator ofereceu à Comissão o jazigo que tem no cemitério dos Prazeres para nele ser guardada a ossada de Gonçalves Viana. A Comissão aceitou êste oferecimento e decidiu que se restituisse aos subscritores o dinheiro recebido dêles.

Ia esta resolução ser executada, quando o jornal *O Seculo*, de 8 de outubro corrente, anunciou que o sr. Armando Rodrigues mandava nesse dia abrir a sepultura e fazer a trasladação para o seu jazigo do cemitério do Alto de S. João. As cartas que a seguir inserimos dão conta do que se passou então e por isso as transcrevemos na íntegra. Por elas se vê o que a Comissão fez e porque não pôde realizar o seu propósito.

Carta que o signatário-relator escreveu a *O Seculo* e nêle foi publicada no dia 9 de outubro:

«*Sr. Redactor*. — Li n'*O Seculo* desta manhã uma local em que se convidavam os amigos e admiradores do falecido Gonçalves Viana a assistirem hoje no cemitério de Benfica à abertura do seu coval e trasladação da sua ossada para o jazigo do sr. Armando Rodrigues. Foi grande a minha surpreza, como V. Ex.ª vai compreender.

No fim do ano de 1915, sugestionado pelo sr. Acácio de Paiva, expuz na Academia de Sciências de Lisboa o triste destino que provávelmente viriam a ter os restos mortais daquele seu ilustre sócio efectivo. Por isso, a 2.ª classe nomeou uma comissão de quatro sócios que procurasse reunir os meios necessários para dar ao fale-

cido uma jazida própria naquele cemitério. A comissão elegeu-me seu presidente e dela fazem parte mais os srs. drs. Leite de Vasconcelos e Joaquim Nunes e o sr. Vítor Ribeiro. Abriu-se uma subscrição entre os sócios da Academia e os amigos do extinto de fora dela, e oficiou-se à Câmara Municipal de Lisboa pedindo o terreno no cemitério para o dito monumento. A Câmara recusou ceder êsse terreno e então o sr. Monteiro Aillaud, muito amigo e editor do falecido, ofereceu à Academia comprá-lo. Tudo isto veio à imprensa, então. Mas os donativos recolhidos não deram verba suficiente para custear êsse monumento e a comissão aceitou a minha proposta para que a ossada de Gonçalves Viana fôsse trasladada para o meu jazigo no cemitério dos Prazeres. Estava eu reunindo os papeis para êsse fim, quando apareceu o convite referido. Fez-se aí alusão a artigos sôbre o assunto publicados na *Illustração Portugueza* e n'*O Seculo*, edição da noite, mas não os li: li, porêm, a notícia do oferecimento do sr. A. Rodrigues n'*O Seculo* de 14 de Setembro. Estava eu então no Pôrto, de passagem para Lisboa, adoentado, e não fiz rectificação alguma; demais, a notícia pareceu-me vaga e eu vinha para Lisboa para tratar do assunto. Devia hoje mesmo ir à Câmara buscar a certidão de enterramento que requerera em 24 de Setembro, e hoje também requerer ao Govêrno Civil o alvará autorizando a trasladação; e já há dias comprei a urna na agência do sr. Pires Branco, do largo da Abegoaria. Elaborei também já o relatório de contas que tenho de apresentar à Academia e aí refiro o oferecimento do sr. A. Rodrigues, com elogio, é claro.

A seu tempo a comissão prestará contas aos subscritores e à Academia, mas desejo desde já informar o público de que a memória de Gonçalves Viana não foi esquecida na mesma Academia, nem entre os seus amigos. Se não fôsse a minha doença do meado de Setembro e uma demora de oito dias que houve na Câmara, a trasladação teria sido feita para o meu jazigo bastante antes do dia de hoje.

Lisboa, 8 de Outubro de 1919.

(a.) *David Lopes*».

Carta que o sr. Acácio de Paiva escreveu ao relator depois de ter lido a carta acima transcrita:

«Em Leiria, onde me encontro de passagem, convalescente dum forte ataque de *grippe*, que me atacou há 15 dias na Figueira da Foz, li a carta que V. Ex.ª enviou ao *Seculo* e sôbre a qual devo

explicar a V. Ex.ª o seguinte: Em fins de Agôsto avisaram-me na Alfândega de que estava a findar o prazo da gratuidade do coval que encerrava os restos de Gonçalves Viana, e então escrevi a V. Ex.ª, para a sua residência, uma carta de que não obtive resposta, porque (soube-o pelo sr. Agostinho Fortes) V. Ex.ª estava numas termas. Receando que o prazo fôsse excedido sem que V. Ex.ª disso tivesse conhecimento, na crónica da *Ilustração Portuguesa* lembrei o facto aos amigos de Gonçalves Viana. Responderam, com oferecimentos, primeiro Armando Luís Rodrigues, que não conheço, depois Francisco do Canto Martins, do Pôrto, que foi sub-director da Alfândega de Lisboa. Aceitou-se o oferecimento de Armando Rodrigues.

Na Alfândega de Lisboa abri uma subscrição, conforme o combinado com V. Ex.ª, por meio duma circular na qual indiquei o nome de V. Ex.ª como tendo-me encarregado de tal, para juntar aos donativos dos sócios da Academia de Sciências de Lisboa; essa subscrição deve estar nuns cem escudos, que teem sido recolhidos pelo chefe da 1.ª repartição, Vasques Machado. Regresso a Lisboa em fim de outubro e procurarei V. Ex.ª para entregar êsse dinheiro que demorei em obter... porque sou muito hesitante no pedir. Vê V. Ex.ª que em tudo isto não houve senão boas intenções...

Leiria, 10 de Outubro de 1919.

(a.) *Acácio de Paiva*».

Resposta a esta carta:

«Encontrei hoje na Faculdade a carta de V. Ex.ª de 10 do corrente, à qual vou responder.

Em 17 de Agôsto escreveu-me V. Ex.ª a respeito da sepultura de Gonçalves Viana. Recebi a sua carta nas caldas das Taipas só em princípio de Setembro, porque tinha mandado reter em Lisboa toda a minha correspondência. Logo que a recebi respondi para o Terreiro do Trigo, direcção que V. Ex.ª nela me indicava. Aí disse que na primeira quinzena de Agôsto tinha ido ao cemitério de Benfica entender-me com o administrador sôbre o caso, declarando-lhe que queria trasladar a ossada do nosso amigo para os Prazeres. Deu-me todos os esclarecimentos necessários e disse-me que por lei eu tinha um mês para abrir a sepultura, depois dos cinco anos decorridos, mas manifestou-me o desejo de que a abertura se fizesse até ao fim de Setembro. Assim lho prometi; sucedeu, porém, que ao regressar a Lisboa, no dia 15 daquele mês, já adoentado, caí de cama e só no dia 24 pude requerer à Câmara a certidão de enterramento. Averigùei, depois, que tinha sido antecipado. No dia 18

do mesmo mês, o sr. António Maria Lopes, editor d'*O Seculo*, como mandatário do sr. Armando Rodrigues, requerera no mesmo sentido.

Agradeço as explicações que V. Ex.ª me quiz dar, mas elas não podem demover-me de uma decisão que tomei: prestar contas à Academia, restituir o dinheiro recebido e promover a dissolução da Comissão Académica.

Lisboa, 15 de Outubro de 1919.

(a) *David Lopes*».

Em vista dos factos expostos, a vossa comissão dá por finda a sua tarefa e por isso resigna o seu mandato.

Subscreveram para o monumento a Gonçalves Viana os indivíduos e colectividades seguintes:

	Escudos
Dr. Júlio de Vilhena	5$00
Henrique Lopes de Mendonça	5$00
Dr. Cândido de Figueiredo	5$00
Dr. Júlio Dantas	5$00
Dr. António Baião	5$00
David Lopes	5$00
Vítor Ribeiro	5$00
Faustino da Fonseca	1$00
Vicente Almeida de Eça	2$50
Dr. Leite de Vasconcelos	5$00
Pedro de Azevedo	5$00
Edgar Prestage	5$00
Cristóvam Aires	5$00
Dr. Almeida Lima	2$00
Dr. Fidelino de Figueiredo	5$00
Sociedade de Estudos Históricos	5$00
Dr. Artur Montenegro	5$00
Dr. Coelho de Carvalho	5$00
Dr. Betencourt Ferreira	1$00
Dr. Zeferino Falcão	5$00
Júlio Monteiro Aillaud	10$00
Aillaud, Alves & C.ª	20$00
Dr. António Barradas (Subscrição aberta por êle entre os consulentes da secção «Língua Portuguesa» do *Primeiro de Janeiro*)	6$00
Dr. Júlio de Vilhena (quota parte da venda da sua obra *Antes da República*)	88$56
A. M. Teixeira	5$00

Dr. Sebastião Rodolfo Dalgado	5$00
José António Dias Coelho	5$00
Dr. José Joaquim Nunes	5$00

Estas quantias vão ser restituidas aos srs. subscritores e os documentos respectivos ficarão patentes na Secretaria da Academia.

Lisboa, 13 de Novembro de 1919.

David Lopes, presidente e relator
José Leite de Vasconcelos
José Joaquim Nunes
Vítor Ribeiro.

Sessão de 8 de Janeiro de 1920

Presidente: sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Artur Montenegro, Braamcamp Freire, David Lopes, Fernandes Costa, Francisco Maria Esteves Pereira, Júlio Dantas, Lopes de Mendonça, Visconde de Carnaxide e Cristóvam Aires, secretário, socios correspondentes srs. Almeida de Eça, António Baião, José Joaquim Nunes, Pedro de Azevedo, Vítor Ribeiro, e Vieira da Silva, e Oliveira Simões da classe de sciências.

O sr. *Júlio de Vilhena* declarou que abria a sessão na qualidade de Vice-Presidente na conformidade dos Estatutos por se não achar presente o sr. Braamcamp Freire.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Fernandes Costa* propôs que a Academia, pela «Classe de Letras», dirija à «Academia de la Lengua», de Madrid, fervorosos votos de condolência pelo passamento do seu glorioso consócio, o grande romancista e autor dramático, D. Benito Pérez Galdós. Em sentidas palavras, resumiu os grandes serviços prestados por êsse eminente espírito literário à literatura hespanhola do último meio século, felicitando esta pela ventura de poder acrescentar à extensa lista dos seus geniais cultores, mais um nome que tanto a dignifica e que tanto aumenta o seu prestígio universal.

Tendo entrado durante a sessão o sr. Braamcamp Freire, o sr. Júlio de Vilhena convidou S. Ex.ª a retomar o seu lugar de Presidente, a fim de dar a respectiva posse. O sr. Braamcamp declarou que já na sessão anterior

fizera as suas despedidas e acha que terminara o exercício da sua função. O sr. Júlio de Vilhena disse que, aceitando a interpretação de S. Ex.ª dava ao que se passara na sessão anterior, à qual não assistira, se julgava investido na presidência, na conformidade dos Estatutos, sem dependência de qualquer outra formalidade.

Disse mais o sr. Presidente que desejava que as sessões começassem às 4 horas a fim de melhor e com mais proveito empregar o tempo.

O sr. *Baião* ofereceu à Academia o seu livro *Inquisição no sec. XVI.*

O sr. *Anselmo Braamcamp* realizou a sua comunicação, «O Cancioneiro Geral e a Censura». Mostrou que a-pesar da censura inquisitorial se não ter nunca tornado efectiva, por não ter havido no seu tempo nova edição do *Cancioneiro,* entretanto sabe-se como ela se exerceria pois que vem indicada no *Index* de 1624. Lê a censura, intercalando nela os trechos mandados suprimir, e por fim faz notar que o censor teve boas intenções em vista; suprimir as composições desonestas e as ofensivas da Igreja e do clero. Estava pois no seu direito absoluto, podendo-se apenas discordar do rigor havido nalguns casos que aponta. Observa igualmente que a censura exercida sôbre o *Cancioneiro* foi mais honesta que a aplicada às *Obras* de Gil Vicente, nas quais o censor, além de supressões, ousou introduzir modificações e alterações em versos, exorbitando evidentemente do seu direito.

O sr. *Júlio Dantas* cumprimenta o sr. Júlio de Vilhena pelo seu advento às funcções da presidência, pondo em relêvo as altas qualidades de S. Ex.ª, não só como estadista e jurisconsulto eminente, mas também como homem-de-letras elegante e lapidar. Por deferência e respeito pela Academia, deseja lêr o seu trabalho acêrca da batalha de Ourique, antes dêle ser publicado. Não é pròpriamente um lavor histórico; mas tão sòmente uma obra

literária em que pretende fazer pintura de história, reconstituindo num grande fresco animado o fossado formidável de Afonso Henriques (o seu *raid*, como diriamos na guerra moderna) através da charneca abrazadora do Alemtejo. Explica a razão porque não aceitou a versão, ultimamente apresentada, segundo a qual a batalha, ferida como dizem os cronicons coetaneos *in loco qui dicitur oric*, se localizaria, não em Ourique do Alemtejo, mas na chã de Ourique, junto de Santarêm: e não a aceitou porque, entre duas conjecturas, preferiu aquela que, consagrada pela tradição e abonada por documentos do século XIV (que localizam a batalha em Ourique, perto de Castro Verde), engrandecia o glorioso feito dos portugueses em vez de o diminuir e amesquinhar. Alêm disso, a incursão de Afonso Henriques pelo Alemtejo *in cor terrae sarracenorum*, como diz a *Crónica dos Godos*, não é tão inverosimil como à primeira vista pode parecer; a cavalaria almorávida, a flôr dos exércitos lametúuidas tinha passado à África a combater os almoadas revolucionados e à Andaluzia a defender as províncias ameaçadas pela incursão paralela de Afonso VII; se os sarracenos tinham elementos militares suficientes para defender os castelos, não os tinham para, em campo aberto, dar batalha às fôrças, que se sabe serem importantes, reunidas pelo infante português em maio de 1139 para o fossado, gázua ou correria daquele ano (algara de maio, *fossatum domini regis*, que todos os anos se fazia pelo tempo do pellacil). Feitas estas considerações, que não excluem a homenagem prestada a trabalhos notáveis, já em tempos apresentados à Academia pelo ilustre consócio sr. David Lopes, passa a lêr o seu trabalho sôbre a *Batalha d'Ourique*, grande pintura de história na qual se evoca a figura de Afonso Henriques, o seu exército e os homens eminentes que dela faziam parte, descrevendo-se a marcha dessa serpente de ferro através da alta

estremadura e do sertão alemtejano, as pilhagens e o corte das searas e dos pinhais, os incêndios, a passagem do Tejo, as ceifas intensivas nos campos dentre Évora e Alcacer, e finalmente a batalha, quando os alcaides de Abrantes, Torres, Évora, Beja e Alcacer, reunindo à pressa as relíquias da cavalaria almolatanida, marcharam a cortar a retirada ao Infante português.

O sr. *Presidente* disse que agradecia ao sr. dr. Júlio Dantas a leitura do seu trabalho, com o qual honrara a primeira sessão a que êle presidira. Esse trabalho era como todos os de S. Ex.ª realmente monumental. A mesma construção irrepreensivel dos períodos, o mesmo conhecimento da língua, o mesmo vigor de colorido, o mesmo poder de sugestão descritiva. Uma peça de arte que representava uma justa posição de laminas de ouro primorosamente buriladas. O sr. Júlio Dantas era um dos novos grandes artistas de palavra escrita.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Sessão de 22 de Janeiro de 1920

Presidente: sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Batista de Sousa (Visconde de Carnaxide), David Lopes, Francisco Maria Esteves Pereira, Lopes de Mendonça e Cristóvam Aires, secretário da Classe e os sócios correspondentes srs. José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, Pedro de Azevedo e Vieira da Silva.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Presidente* comunicando o falecimento do sócio correspondente sr. Xavier da Cunha, fez o seu elogio e propôs um voto de sentimento que foi unanimemente aprovado.

O sr. *David Lopes* leu a seguinte nota:

Na sessão passada desta classe, o nosso ilustre confrade, o sr. dr. Júlio Dantas, antes da leitura da sua descrição da batalha de Ourique, fez referência ao meu estudo acêrca da dita batalha e à minha hipótese de *Chão de Ourique*, no concelho do Cartaxo. Deu-me assim a idea de redigir esta pequena nota para ser inserta na acta da sessão de hoje.

Depois de publicado o meu estudo tive conhecimento de mais duas denominações topográficas com aquele nome, a saber:

1. *Chão de Ourique*, nome de um trato de terreno de mato, perto de Linhó, pertencente ao sr. António Fernandes (de Linhó), freguesia de S. Pedro de Penaferrim, concelho de Sintra. Informação do sr. João Perestrelo.

2. *Campo de Ourique*, nome de uma propriedade do

concelho de Leiria. Foi o sr. dr. José Saraiva, professor do liceu daquela cidade, que, em carta de 17 de Fevereiro de 1917, me deu conhecimento dêle nos seguintes termos:

«Explicando há dias aos meus pequenos, na aula, a batalha de Campo de Ourique, recebi de um dêles uma informação que me pareceu interessante; e procurando eu completa-la tanto quanto me foi possível, para a transmitir a V. Ex.ª, cheguei a apurar o seguinte: A uns 8 quilómetros de Leiria, nas proximidades da origem do rio Liz, há uma propriedade chamada Campo de Ourique. Quem saisse de Leiria para Santarêm, aproveitando o vale do rio, teria de passar pelo referido campo, ou muito perto dêle. Em Pôrto de Moz, que dista do Campo de Ourique cêrca de 5 quilómetros, parece que ainda hoje existe a tradição do rei Ismar, vencido ali perto. Diz o actual proprietário do Campo de Ourique que, haverá cinqüenta anos, mandou seu pai proceder a excavações, e que por essa ocasião se encontraram várias ossadas, sepulturas e esqueletos, que pareciam ter sido inumados verticalmente; que nada disso foi possível guardar, pois que se desfazia tudo assim que se punha a descoberto. O actual proprietário possue alguns crânios, mas de ossadas que parecem muito mais modernas».

Deixo a outrem tirar qualquer conclusão dêste facto novo. Não serei eu quem substitua hipótese por hipótese, — e a nova é, talvez, mais plausivel que a antiga — para não cair possívelmente em êrro, tomando uma nuvem por outra; mas continuo a pensar, como até aqui, que a chamada batalha de Ourique não se travou, certamente, no Alemtejo.

O sr. *José de Figueiredo* apresentou o livro do sr. Duque d'Alba e fez uma interessante comunicação sôbre a reedição das obras do notável artista português Francisco de Holanda, incumbida ao erudito escritor português

Joaquim de Vasconcelos, e sôbre os retratos dos feitores portugueses em Anvers, João Brandão e Rodrigo Fernandes.

O sr. *Presidente* felicitou o sr. José de Figueiredo pela sua interessantíssima comunicação, folgando ao mesmo tempo por vêr que S. Ex.ª retomava as suas funções académicas.

O sr. *José Joaquim Nunes* discreteia sôbre as fases da nossa língua, arcaica e moderna, e comunica à Academia a existência de duas versões da *Regra de S. Bento*, notadas sob o ponto de vista filológico, por quanto aí se mostra a evolução que o português sofreu, pelo menos durante um século, que tanto é o espaço que separa uma da outra, e a propósito enumera as diferentes publicações que da mesma *Regra* existem, umas manuscritas ainda, outras já saídas a lume.

O sr. *Presidente* agradece vivamente esta comunicação que era aceita pela Classe como mais uma manifestação da competência do sr. Nunes nestes assuntos, e achava tão interessantes as comunicações que acabavam de ser feitas, tornando tão notável esta sessão, que pedia que, em conformidade com o artigo 65.º do nosso Regulamento, fossem préviamente participados à Secretaria afim de serem comunicadas nos convites aos sócios para que estes soubessem o objecto de que elas tratavam e que de certo interessariam alguns deles.

Muitas vezes lhe sucedia a êle Presidente ter tido notícia de certas comunicações depois delas realizadas, lastimando-se por isso de não ter assistido à sessão.

O sr. *Esteves Pereira* observou haver já sucedido que um sócio inscrevera já três vezes a sua comunicação, podendo realizá-la só à quarta vez, porque sócios que se não tinham feito inscrever préviamente pediam a palavra e ocupavam todo o tempo; entendia por isso que os sócios

que as não tivessem anunciado com antecipação, não deviam realizá-las com prejuízo dos inscritos.

O sr. *Presidente* entendia também que deviam ser lidas primeiro as comunicações anunciadas e depois as outras, dentro da ordem do dia, e não antes dela, com prejuízo dos inscritos.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Sessão de 12 de Fevereiro de 1920

Presidente: sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Baptista de Sousa (Visconde de Carnaxide), F. M. Esteves Pereira e David Lopes, vice-secretário da classe; os sócios correspondentes srs. António Baião, Gustavo Ramos, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Pedro de Azevedo e Vítor Ribeiro.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

O sr. *Alves Pereira* em carta participou que por motivo de fôrça maior não podia assistir à sessão.

O sr. *António Baião* refere-se à perda que a nossa Academia acaba de sofrer com o falecimento do general Brito Rebelo. Se é verdade que o seu estado de saúde e avançada idade lhe não permitiam ser assíduo às nossas sessões, não é menos verdade que nos acompanhava em espírito e tanto assim que um mês antes de falecer pedira a êle académico para aqui lhe apresentar uma comunicação sua acêrca do *Itinerário do Mestre Afonso*, cuja edição precisava, no seu entender, de ser refundida.

Companheiro de trabalho na Torre do Tombo durante perto de dezoito anos, onde Brito Rebelo quási era considerado como funcionário, pela sua assiduidade, pela sua pontualidade e pelos seus profundos conhecimentos do Arquivo, o sr. Baião recorda-se com infinita saudade do tempo em que, modesto novato, simples neófito, se iniciou nas investigações históricas. No mesmo gabinete se juntavam Ramos Coelho, ornamento que foi da nossa Academia, a regularidade e o método personificados, que ao

dar do meio dia invariavelmente abria a porta, todo correcto no seu fraque preto e chapéu alto, o general Brito Rebelo que nos seus estudos borboleteava, ocupando-se hoje de Albuquerque, amanhã do Gil Vicente, agora das capelas imperfeitas da Batalha, logo dos navegadores portugueses e êle académico. Não pretende nestas breves palavras fazer uma resenha, embora incompleta, dos muitos e variados assuntos a que o nosso falecido consócio dedicou a sua atenção. Erudito como poucos, paleógrafo distintíssimo, o general Brito Rebelo, alêm das obras que com o seu nome correm, alêm da colaboração assídua no *Arquivo dos Açores* e no *Arquivo Histórico Português*, prestou valioso auxílio a muitos autores nacionais como Sousa Viterbo e Albano da Silveira Pinto na *Resenha* e a autores estrangeiros como Vignaud, nos seus monumentais trabalhos sôbre Colombo e Harisse na sua obra sôbre os Côrte-Reais.

Trabalhou até à última, e tanto que a morte o colheu quando elaborava o índice dos volumes das Cartas de Afonso d'Albuquerque, com destino às nossas publicações académicas.

Propõe por isso o sr. António Baião que na acta se lance um profundo voto de sentimento por tão irreparável perda e que êsse voto seja comunicado à filha do saudoso extincto.

O sr. *Presidente* em seu nome e no da classe, associou-se às palavras do sr. Baião, que a memória do falecido bem merecia, e poz a proposta à votação da classe, que a aprovou por unanimidade.

O sr. *David Lopes* leu, em nome do autor, a comunicação do sr. Fernandes Costa, impedido por falta de saúde, intitulada *Erros inadmissíveis num aditamento moderno feito à inscrição do monumento a D. José, na Praça do Comércio, de Lisboa*. Trata-se aí, como se vê do título, de um aditamento à inscrição latina cravada no

pedestal do monumento erguido a D. José I. Êsse aditamento é moderno e está redigido num latim que envergonha a cultura portuguesa aos olhos de nacionais e estrangeiros. Urge, pois, corrigir êsses êrros. Foi o sr. coronel de engenharia Roberto Pinto quem comunicou ao autor todos os elementos da questão.

O sr. *Presidente* disse que a matéria desta comunicação era importante e devia merecer toda a atenção da classe e por isso propoz a eleição de uma comissão, composta dos srs. Esteves Pereira, dr. José Maria Rodrigues e José Joaquim Nunes, que estudasse o assunto dela. A comissão ficou encarregada não só de dar o seu parecer, mas também de elaborar o projecto de representação da Academia ao Estado.

Não havendo mais de que tratar, encerrou a sessão.

Sessão de 26 de Fevereiro de 1920

Presidente: sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Baptista de Sousa (Visconde de Carnaxide), Cândido de Figueiredo, F. M. Esteves Pereira, Lopes de Mendonça e David Lopes, vice-secretário da classe; os sócios correspondentes srs. António Baião, Fidelino de Figueiredo, José Maria Rodrigues, Pedro de Azevedo, Vítor Ribeiro e Vieira da Silva; e o sócio correspondente da classe de Sciências, sr. António Cabreira.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

Foi apresentado o parecer da secção de história favorável à candidatura do sr. Pedro de Azevedo a sócio efectivo. Ficou sôbre a mêsa para ser consultado pelos sócios que o quiserem lêr.

Foi igualmente apresentado o processo do concurso a uma vaga de sócio correspondente nacional aberto segundo o preceituado no nosso Estatuto. Foram quatro os concorrentes. O sr. Presidente propoz que se nomeasse uma comissão para escolher a secção a que deve pertencer o novo sócio a eleger; e indicou para dela fazerem parte os srs. Lopes de Mendonça, Baptista de Sousa, Cristóvam Aires e êle Presidente. A classe assim o entendeu e votou.

O sr. *Presidente* disse que alguns sócios efectivos estavam uns em precário estado de saúde e outros impossibilitados de assistir às sessões da Academia; e, como êles tinham prestado serviços valiosos às letras, propunha que fôssem transferidos para a categoria de eméritos, como o permite o artigo 9.º do Estatuto. É o maior

galardão que o nosso Instituto pode conceder àqueles dos seus sócios que bem o serviram.

Assim o entendeu também a Classe e foram votados por aclamação sócios eméritos os sócios efectivos srs. António Cândido, Conde de Sabugosa, Gama Barros e Teófilo Braga.

O sr. *Lopes de Mendonça* associou-se ao voto de sentimento que o sr. Baião apresentou na última sessão pela morte do sr. general Brito Rebelo. Fôra seu paleógrafo na publicação académica *Colecção de monumentos inéditos* e tivera então mais uma vez ocasião de apreciar o seu muito saber.

O sr. *António Cabreira* ofereceu o seu livro *Tomás Cabreira através da vida e da morte*, que o sr. Presidente agradeceu.

O sr. *Pedro de Azevedo* fez uma comunicação sôbre *cohortes bracaraugustanas e lusitanas* incorporadas no exército romano e que estiveram aquarteladas em todos os pontos do império, desde a Inglaterra até o Egito. De uma dessas cohortes achou-se um papiro datado do ano de 156 que contêm a composição completa da unidade, com os nomes dos seus centuriões, decuriões, cavaleiros, infantes e dromedários ou cameleiros, na totalidade de 505 homens. A comunicação é fundada num trabalho alemão que trata das cohortes do império romano.

O mesmo académico leu ainda um alvitre que se encontra num trabalho de Fr. Joaquim Soares, datado de 1809, para fazer julgar pelos tribunais civis os generais franceses e soldados culpados de roubos e atrocidades cometidos em Portugal e aos quais a Inglaterra permitiu a saída do país com todas as honras de guerra. Agora que tanto se fala no julgamento de militares e civis culpados de delitos de guerra, é oportuno saber-se que já em Portugal, há um século, alguêm apresentara essa idea.

E não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Parecer ácêrca da candidatura do sr. Pedro de Azevedo a sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

Foram-nos apresentados, para sôbre êles darmos parecer, quatro trabalhos do sr Pedro de Azevedo, como títulos de candidatura a sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa:

Documentos das chancelarias reais anteriores a 1531 relativas a Marrocos, tomo I, Lisboa, 1915, XV — 682 páginas;
Capítulos do concelho de Elvas apresentados em côrtes, Elvas 1914, 116 páginas.
D. Afonso V e a ordem de Torre e Espada, Lisboa 1919, 116 páginas.
As cartas de criação de cidade concedidas à povoação portuguesa, Lisboa 1917, 44 páginas.

1) Os *Documentos* constituem obra verdadeiramente grandiosa, onde o sr. Azevedo dispendeu imenso labor, pois ela contêm a copia textual, e cronològicamente ordenada, de 522 documentos distribuidos por duas séries, uma de 376, e outra, como «Addenda», de 146. O mais antigo dos documentos é de 1402, o mais moderno é de 1450. Estes documentos respeitam a numerosos e variados assuntos, relacionados sobretudo com Ceuta, que nós conquistamos em 1415, é com Tanger que empreendemos Tomar em 1435; mas neles se reflete grandemente também a vida íntima portuguesa de toda a primeira metade do século XV; o sr. Azevedo teve o cuidado de inteligentemente organizar um circunstanciado índice alfabético de «cousas», e aí se verá confirmado o que dizemos. A par com o mencionado índice formou o sr. Azevedo mais cinco: de nomes de pessoas; de dignidades, emprêgos e ofícios; de nomes de terras de Portugal e de África; de assuntos de Ceuta e Tanger em especial; e de vocábulos obsoletos, pela fórma ou simplesmente pela ortografia. De modo que à riqueza, em todo o género, quer histórico, quer etnográfico, dos documentos coligidos pelo sr. Azevedo acresce a facilidade que o leitor tem de consultar e utilisar os mesmos.

2) Os capítulos de Elvas são também como os documentos que constituem a obra precedente, extraidos da Torre do Tombo. Aos capítulos propriamente apresentados em côrtes adiciona o sr. Azevedo alguns que não o chegaram a ser, e também meros apontamentos. Todos estes textos vão de 1387 a 1642, e importam principalmente à história da antiga vila, hoje cidade, de Elvas; mas o

sr. Azevedo precedeu-os de um prólogo em que faz a história sucinta das côrtes portuguesas.

3) No livrinho acêrca da Ordem da Torre e Espada refuta o sr. Azevedo a lenda que atribue a fundação desta Ordem a D. Afonso V, e publica vinte e seis documentos concernentes ao assuntos, extraidos de muitas obras.

4) *As cartas de criação de cidade* contêm documentos de 1464 em diante, os quais se referem a Bragança, Elvas, Tavira, Beja, Faro, Leiria, Miranda, Portalegre, Lagos, Aveiro, Penafiel, Pinhel, Castelo Branco, Portimão, Tomar, Viana, Guimarães, Setubal, Santarêm, Covilhã, Figueira e Abrantes. Tambêm o sr. Azevedo trata da divisão de Lisboa em Oriental e Ocidental, em 1717, e da reencorporação das mesmas em uma só, com o simples título de *Lisboa*, em 1741. Da Lisboa primitiva, bem como das cidades não especificadas acima, não encontrou o sr. Azevedo as cartas respectivas. O curioso opúsculo é precedido de uma notícia em que se estuda a evolução da palavra *Civitas*.

*

O sr. Pedro de Azevedo é sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa há muitos anos, e nessa qualidade tem dado nas sessões provas sobejas do amor que consagra a esta instituição scientifica, pois lhe faz constantemente comunicações eruditíssimas em que versa variados temas literários, ou lhe traz documentos, pela mór parte arrancados ao rico tesouro da Torre do Tombo, que esclarecem pontos controversos ou obscuros da nossa vida antiga. Já por isto, já pelas obras de que acima falámos, especialmente pela primeira, que mostra que o sr. Azevedo alia a sólidos conhecimentos paleográficos não menos sólidos conhecimentos históricos, entendemos que a Academia o deve galardoar, tornando-o seu sócio efectivo: com o que praticará um acto de grande justiça.

Lisboa, Sala da Sessão, 15 de Fevereiro de 1920.

Henrique da Gama Barros
Anselmo Braamcamp Freire
Júlio Marques de Vilhena
Francisco Maria Esteves Pereira.
José Leite de Vasconcelos, relator.

Sessão de 19 de Março de 1920

Presidente: sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Baptista de Sousa (Visconde de Carnaxide), Francisco Maria Esteves Pereira e Cristóvam Aires, secretário da classe e os sócios correspondentes srs. António Baião, Fidelino de Figueiredo e Vieira da Silva.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O *Secretário* leu uma carta do sr. António Cândido Ribeiro da Costa ao sr. Presidente agradecendo a sua elevação à categoria de sócio emérito da Academia.

O sr. *Presidente* leu a seguinte proposta:

Considerando que o Senhor D. Pedro de Alcantara, que reinou em Portugal com o nome de D. Pedro V, foi um desvelado protector das letras e das sciências, já fundando e sustentando à sua custa o Curso Superior de Letras, já assistindo às lições, animando e estimulando com a sua presença os respectivos professores e alunos;

Considerando que êle foi também um distintíssimo escritor, abrangendo todos os assuntos, tanto nas suas cartas oficiais e particulares como nos trabalhos especiais, sempre notáveis pela pureza da linguagem, pela elevação dos conceitos e pela concisão e aticismo do estilo;

Considerando que raríssimas vezes se encontrou, em tão curta idade, igual manifestação de talento enciclopédico, o que faz dêste homem, na ordem intelectual, um ser superior digno da veneração da posteridade;

Considerando que a antiga Academia das Sciências tem prestado sempre homenagem, não sómente aos que pro-

tegem as sciências e as letras, mas aos que, professando-as preclaramente, bem serviram a pátria;

Proponho que seja nomeada uma comissão composta dos srs. David de Melo Lopes. Júlio Dantas, Esteves Pereira, Alberto Pimentel. Fidelino de Figueiredo e António Baião, os quais procurarão coligir todos os escritos do senhor D. Pedro de Alcantara, publicados ou inéditos, empregando para a sua acquisição os meios necessários, a fim de serem editados por conta da Academia, prefaciados e anotados como melhor parecer à referida comissão.

Por proposta do sr. Francisco Maria Esteves Pereira foi agregado à comissão acima indicada o sr. Júlio de Vilhena, que agradeceu.

O sr. *Presidente* disse que estando presentes cinco sócios efectivos e além disso estando o parecer relativo ao sr. Pedro de Azevedo assinado por mais três sócios que não estavam presentes, havia o número necessário para a eleição dêste sócio a efectivo, em harmonia com o artigo 19.º do Regulamento Geral da Academia, que se refere ao artigo 25.º dos respectivos Estatutos.

Procedendo-se à votação, foi o sr. Pedro de Azevedo eleito sócio efectivo por unanimidade.

Pelo sr. *Visconde de Carnaxide* foi lido o parecer acêrca do concurso para uma vaga na Classe de Letras aberto no *Diário do Govêrno*, de 4 de abril de 1919, concluindo por que nela seja provido o candidato sr. Adriano Antero.

O sr. *Fidelino de Figueiredo* leu uma desenvolvida comunicação sôbre o teatro de António José da Silva, o Judeu, que faz parte do seu livro em preparação *História da Literatura Clássica*, 2.ª época (1580-1756). Analisou a estética de cada uma das peças e apontou as influências que nelas se ostentam e fazem dessa pequena obra dramática, tão heterogénea nos seus elementos e de tão escasso papel na história geral do teatro peninsular, um caracte-

rístico exemplo de como é possível combinar, num conjunto original, componentes de proveniência de imitação, originalidade que no presente caso se manifesta em separar-se a obra de Silva completamente da tradição vicentina, continuada e universalisada pelos grandes dramaturgos hespanhois, e também do teatro clássico. Apresentou ainda uma conjectura sôbre a parte musical desse teatro, que não considera devida a influência italiana.

O mesmo sócio mandou para a mesa alguns documentos recentes para a história da Academia, que está sendo publicada no «Boletim da Classe de Letras».

O sr. *Presidente* agradeceu a leitura do interessante trabalho do sr. Fidelino de Figueiredo, que revela da parte do seu autor uma grande aptidão para o estudo da história literária.

O sr. *Esteves Pereira* leu uma comunicação, na qual depois de lembrar a pecadora do Evangelho e S. Maria Egípcia e S. Thais, reproduziu uma lenda búdica, escrita antes do século III da era vulgar, relativa a uma meretriz de Mathurâ, da Índia do norte, que se converteu à doutrina do Buddha Çakya Muni, e, depois de morrer, renasceu entre os deva.

O sr. *Presidente* felicitou o sr. Esteves Pereira, agradecendo-lhe em nome da Academia a bela lenda e os interessantes comentários com que o adornou.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Parecer ácêrca do concurso para uma vaga na Classe de Letras aberto no «Diário do Govêrno» de 4 de Abril de 1919, concluindo por que nela seja provido o candidato Adriano Antero sendo relator o sr. Visconde de Carnaxide

Verificado pela Secretaria ter havido o decesso de três sócios correspondentes da classe de Letras, e no presuposto de que não havia que atender-se à disposição transitória do art 37.º dos Estatutos, ou que não havia candidatura alguma pendente (o que já só

cumpre confirmar), tendo apenas em tal hipótese de se dar cumprimento à outra disposição igualmente transitória do art 36.º, foi por anúncio publicado no *Diário do Govêrno* de 4 de Abril aberto concurso por espaço de 60 dias para uma só vaga, não para alguma das quatro secções, mas para a classe toda genéricamente.

Acudiram quatro concorrentes.

Afonso de Dornelas, apresentando:

Uma colecção de 46 trabalhos, que contêm comunicações feitas em Sociedades Scientíficas e artigos publicados em jornais, que ainda não estão na obra *História e Genealogia.*

Visconde de Faria, apresentando:

D. António Prior do Crato — Nos Archives, concernant D. António Prior do Crato, XVIII. — Roi de Portugal et sa descendance. — Descendance de D. António Prieur du Crato. — Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventeur des aérostats. — Portugal e Itália. Académie Aérostatique Bartholomeu de Gusmão, etc., e mais uma nota das obras de D. António de Portugal e Faria e quatro opusculos sôbre o centenário da Índia, um retrato de D. Constantino de Bragança, uma carta de Jacob de Brito e Aarão Moneeca. e *Lettre à Messieurs les auteurs du journal des savants sur la navigacion des Portugais aux Indes orientales,* par J. J. S. de Barros e Vasconcelos.

Severo de Portela, apresentando, entre obras e opusculos:

A árvore e o sentimento português — Água corrente — Os animais na educação do sentimento — Os condenados — O Presépio — Bôcas do mundo — Terras do exílio — Pensamentos, Palavras e Obras — A nossa casa.

Adriano Antero de Sousa Pinto, apresentando:

Os reprobos — O Poema do Trabalho — Na Penitenciária — Entre o Breviário — O Poema da Vida — Projectos parlamentares — A lista civil — A crise vinícola - Os 4 volumes já publicados da *História Económica* — Os 2 volumes do *Comentário ao Código Comercial* e *A eleição camarária;* declarando o mesmo autor, que tem prontos a entrar no prelo o 5.º volume da *História Económica,* o *Poema da Amargura,* um livro de *Direito Internacional* e outro de *Direito Aéreo*.

Faltando homogeneidade aos trabalhos a documentar as candidaturas, ou sendo de índoles diversas, o seguimento do processo do concurso, por muito tempo parado, foi devido à justa aprovação da adequada proposta da presidência em sessão de 26 do mês passado para ser nomeada uma Comissão, em que as quatro secções da classe fôssem representadas, a fim de dar um parecer colectivo acêrca da escolha do candidato, o que ela se apressa a fazer.

Um dos concorrentes, Adriano Antero, estava numa situação

especial. Havendo a sua candidatura sido apresentada em sessão de 24 de Janeiro de 1918, por uma circunstância acidentalmente surgida veio na sessão imediata de 14 de Fevereiro a ser revelado, que, antes da proposta, e com ocultação para o proposto de tudo que se passava, o proponente se assegurara do assentimento, que fôra sincero e pleno, alêm doutros, de todos os sócios da secção, que deveria dar o parecer.

Se a proposta houvesse seguido os seus trâmites conforme os Estatutos ao tempo vigentes, indubitavelmente estaria Adriano Antero eleito há já bastante tempo.

Deixou, porêm, de ter andamento, conforme da mesma sessão consta, por da presidência baixar uma solicitação a todos os sócios para se absterem de apresentar novas candidaturas antes dos novos Estatutos serem publicados, e deixarem até de insistir no seguimento das já apresentadas.

Anuiu o proponente, em atenção a um certo interêsse geral servido pela reforma esperada da limitação do número também dos sócios correspondentes, mas sem prejuízo, como disse, do destino a dar na primeira oportunidade à apresentação de tal candidatura, alêm duma outra para sócio correspondente estrangeiro.

Acontecendo isto na segunda classe, na primeira pouco depois, sem a promulgação dos novos Estatutos, e sem talvez semelhante facto ser por ela conhecido, foi dado seguimento até à eleição final de candidaturas lá pendentes.

Ninguêm absolutamente havendo é bem certo, cogitado em relacionar os dois factos, nem por isso, êles deixariam de impôr uma emenda ou reparação, eis que denunciados ou conhecidos fôssem.

O concurso, porêm, aberto para a classe toda, e cuja repetição se deve evitar, até para observância do novo regime, para que tem de haver necessáriamente, e bem se oferece, meio congruente a empregar, poderia ter dado ocasião a uma conjuntura muito embaraçosa.

Figure-se o caso de todos os concorrentes ou alguns, como aqui acontece, terem produções e mérito absoluto de equivalência, cada um para determinada secção.

A preferência ter-se-ia de submeter a qualquer motivo eventual ou aliatório.

Acidentalmente, e por fortuna para remover o embaraço, conspiram algumas circunstâncias para o sentimento de justiça daquela reparação coincidir com o critério da recomendação aos sufrágios da classe do referido candidato Adriano Antero.

À generalidade dos labores intelectuais compreendidos no largo âmbito da classe de Letras corresponderia, como se houvesse o pro-

pósito de correlativa exigência aos concorrentes, a documentação multipla e variada das obras dêsse candidato.

São estas, alêm doutras, como acima foi relatado: as de jurisconsulto, da importância dos seus artigos como colaborador da *Revista dos Tribunais*, e da grandeza dos seus dois tomos do *Comentário ao Código Comercial*: as de parlamentar, do interesse que justificara, dos projectos de lei de sua iniciativa; as de economista e historiador, da vastidão dos quatro volumes já publicados da *História Económica;* tendo mais prontos a entrar no prelo os volumes seguintes dessa História, — o 5.º da Edade moderna e o 6.º e 7.º da Edade contemporânea —, o *Poema da Amargura*, um livro de Direito Internacional e outro de Direito Aéreo.

A elas acrescem, — tanto o seu engenho se ageita a tudo —, a aureolar de belesa a sua gestação scientífica: os *Reprobos*, o *Poema do Trabalho*, *Na Penitenciária*, *Entre o Breviário* e o *Poema da Vida*: composições poéticas de índoles mui distintas e géneros bem diversos.

É a um tempo o exegeta dos textos, que como um relojoeiro com um microscópio investiga nas leis os seus mais miúdos segredos para os denunciar, comentados, aos que necessitem conhecê-los, e o filósofo e o esteta, que como o astrónomo com um telescópio, penetrando alêm dos horisontes visíveis, e transformando em sentimentos os conceitos ou mais altos ou mais delicados, vira no remoto mundo ideal a forma da linguagem cadenciada para tornar a verdade atraente e bem sensível.

Quando a visão educada em profundar com agudeza as pequenas cousas, criando assim um disciplinado espírito de ordem, mas de ordinário avesso às vistas de grande alcance, excepcionalmente, como bem se pode exemplificar com Adriano Antero, coexiste com aptidão igual para problemas transcendentes, apropriando-se prontamente as maiores sínteses, e tendo o presentimento das verdades novas, aqueles, em cujo espírito se realisa tal união, elevam-se acima de todos, e desmesuradamente, no dizer de Rochefoucault.

E do autor da — prece, caridade, velhinho, desterrado, a eterna síntese, o duelo, as crianças, o jogo — etc., é bem o atributo, com que Goethe define os poetas, de homens que teem a viva sensação das situações e a faculdade de a exprimir, correspondendo a essa sua expressão a superioridade sôbre a da prosa, que Lamartine deixou para sempre assim gravada: *Tout ce qui sort de l'homme est rapide et fragile — Mais le vers est de bronze et la prose est d'argile.*

Á poesia, até por um matemático, e o maior dêles, Henri Poincaré, no seu discurso de recepção em Janeiro de 1909 na Academia

Francesa, em que sucedera a Sully Prudhomme, foi reconhecido o domínio perpétuo e exclusivo em cada momento para além dos limites da sciência, vindo nela as palavras pelo ritmo e movimento, como na música as notas, reunidas em melodia, agitando o coração e avassalando a alma, a sugerir para as realidades da vida e as aspirações humanas a menos imperfeita imagem.

Depois da impressão geral ou do conjunto das suas produções, o aprêço em particular, e até separadamente para cada um dos trabalhos já editados do esmerado e consciencioso cultor das sciências jurídicas e histórico-económicas, é segura base do seu direito de conquista dum lugar e bem saliente dentro da nossa Academia.

A preferência, que entre os diferentes ramos daquelas lhe mereceu o estudo e interpretação do nosso Código Comercial de 1888, substituindo o de Ferreira Borges de 1833, além doutros motivos a explica-la, mostraria para espíritos como o seu a existência daquele atractivo especial, que sagazmente a tal Corpo de leis atribuiu G. de Greef na sua *Introduction à la Sociologie*, dizendo haver — *plus de philosophie au fond de notre législation commerciale que dans toutes les élucubrations métaphysiques passées et présentes: le tout c'est de savoir l'en tirer.*

E se a elucidação, confronto e crítica das numerosas e complexas disposições do estatuto geral mercantil, terrestre e marítimo, à luz da teoria e com os ensinamentos da prática, e ainda com o conhecimento do subsidiário Direito Civil, já demandam uma larga preparação e potentes faculdades de hermenêutica, há que ter mais em conta singularidades que ali se deparam, e que a bem rudes provas submetem os legistas.

Basta referir: *a)* a grande ficção, fecundíssima em conseqüências, das sociedades comerciais, ou só elas e não as civis, constituirem uma personalidade jurídica para com terceiros e até para com os mesmos associados; *b)* o instrumento *literis* ou meramente simbólico, que, na evolução que foram tendo, representam agora as letras; *c)* a sujeição de credores dissidentes às deliberações de determinadas maiorias com respeito a pagamentos a efectuar por devedor comum; *d)* a competência ou limites de poderes das assembleias constituintes extraordinárias das sociedades anónimas, em frente não só de vencidos mas até de ausentes, em reformas substanciais do pacto social, questão denominada, por escritores das diferentes nações, das mais árduas ou emaranhadas que em Direito podem existir; *e)* a incriminação da fraude dos falidos de modo exemplificativo e não taxativo como é da fundamental essência das leis penais comuns.

Quanto à *História Económica*, fruto de longas vigílias e profunda penetração, não apenas a dentro das nossas fronteiras, mas no campo de acção da humanidade toda, não há temeridade em afirmar, que ao autor de tão colossal trabalho daria jubilosamente ingresso qualquer Academia dos mais aluniados países.

Para algumas zonas de tal obra, que na sua generalisação parece não ter outra a antecede-la, foi preciso ao esforçado construtor procurar, por os não haver seleccionados, entre os dispersos materiais da história política os que à económica tinham de pertencer.

E à história económica, fragmentária ou completa e unificada, só bem modernamente se começou a ligar interêsse rial no sentido de elemento indispensável para conhecimento da organização social, que corresponda ás incoerciveis manifestações psicológicas dos homens na sua vida de relação.

Ainda em 1832 ensinava Rossi, que a Economia Política era menos uma sciência de observação do que de raciocínio. Transformado hoje ou substituido tal conceito, tem-lhe sido oposto, e nomeadamente por André Vovard no *Monde Economique* em Março de 1912, que, ao contrário, ela deve ser fundamentalmente de observação das realisações havidas nas comunidades humanas, pois que tendo por objecto as relações dos homens com as riquezas ou dêles entre si com respeito a estas, e constituindo essas relações factos e não raciocínios, êles só podem ser bem conhecidos pelo seu exame atento e minucioso.

Dum modo geral já A. Comte havia dito, que todos os nossos conhecimentos subjectivos teem a objectividade em seus alicerces.

Em vez, pois, das verdades económicas serem deduzidas, é da inducção que elas devem derivar, sendo os princípios, que constituem as suas premissas, colhidos nos laboratórios naturais das humanas acções, como nos artificiais dos fenómenos da matéria aqueles de que promanam as afirmações do doutrinamento da Física ou da Química.

É assim que Yves Guyot, que entre os mais sábios economistas do mundo tem lugar primacial, deu ao seu admirável livro *La Science Economique*, onde as verdades teem enunciados e demonstrações como de teoremas, a orientação que logo indica êste aditamento ao seu título *Ses Lois Inductives*.

E a compilação ou o arquivo bem ordenado dos factos económicos observados, e que pela sua constância revelam as leis imutáveis, a que obedecem, e que impunemente se não transgridem, é o preciosíssimo serviço, que à causa da justiça e da ordem na organização social é destinada a prestar a grande lição da História Económica,

para prevenir uns êrros e já corrigir outros, alguns descomunais, que trazem posta em chéque a civilização secular.

Para tão benéfico fim, verificada a falta duma bibliografia geral e de trabalhos de história económica, e concitando o referido escritor André Vovard na mencionada Revista em Novembro de 1918 todos os economistas a que a preenchessem, ao seu apelo acudiu com sua propaganda o *Institut de Sociologie Solvay*, mostrando a relevância para a sciência e para os Estados das obras de tal especialidade.

O valor a estas atribuido teve significativo indicador no acto da Academia de Sciências Morais e Políticas de Paris ter eleito em fins de Maio de 1919 para a vaga de M. René Storm a M. Gustave Schelle por ser — le plus brillant spécialiste de l'histoire économique.

A nossa Academia vai ficar, certamente, a envaidecer-se, tanto ou mais do que aquela, por ficar tendo entre os seus sócios o autor português da grande e mundial obra de toda a História Económica.

Das circunstâncias em favor do mesmo candidato acima aludidas ainda há que mencionar uma, que, aliás, só interessa à vida íntima da Academia na organização do quadro dos seus sócios, e vem a ser: que, agrupados êstes em conformidade da distribuição dos assuntos das secções, a de sciências jurídicas e políticas, a que respeitam os problemas, como nunca momentosos, que agora se agitam, sendo actualmente a mais indigente numéricamente, sobretudo de jurisconsultos militantes, é a que mais precisava de ser acrescentada com individualidades novas, que lhe perpetuassem os serviços e conservassem o prestígio.

Finalmente, sendo conjuntamente com os méritos scientíficos ou literários condição para a entrada na nossa Academia, segundo a letra dos Estatutos, que os candidatos possuam respeitabilidade moral, que a nenhum, aliás, faltava, Adriano Antero está também a tal respeito, como homem, advogado, professor, presidente do Município do Pôrto, parlamentar e escritor, na culminância mais luminosa duma mais que honesta vida, porque toda a sua é feita de afectos e virtudes.

Sala da Comissão, 4 de Março de 1920.

Júlio Marques de Vilhena
Henrique Lopes de Mendonça
Cristóvam Aires
Visconde de Carnaxide, relator.

Sessão de 25 de Março de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Lopes de Mendonça e David Lopes, vice-secretário da classe; e os sócios correspondentes srs. Gustavo Ramos, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Vieira da Silva e Vítor Ribeiro.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Presidente* disse que estava sôbre a mesa uma caixa que a viuva do nosso saudoso consócio Teixeira de Queiroz, e por vontade expressa dêste, oferecia à Academia, a qual caixa continha os originais das obras de seu falecido marido e as canetas com que as escrevera.

Propoz que se agradecesse vivamente áquela senhora o seu oferecimento, que tanto honrava a Academia.

O sr. *Lopes de Mendonça*, como inspector da biblioteca, aceitou com palavras de louvor o precioso depósito que lhe ia ser confiado.

Estava também sôbre a mesa o parecer relativo à candidatura a sócio correspondente do sr. dr. Adriano Antero, o qual devia ser votado nesta sessão, não o sendo porêm, por falta de número legal de sócios.

O sr. *Presidente* disse ainda que, estando doente o vice-presidente da classe, sr. Fernandes Costa, convindo dar-lhe substituto, emquanto durar o seu impedimento, nos termos do artigo 44.º do Regulamento, e não o podendo ser o presidente da secção de literatura, por já exercer outro cargo académico, propunha para esse cargo o sr. dr. Artur Montenegro, presidente da secção de sciências jurídicas e políticas. Foi aprovado.

O sr. *José Maria Rodrigues* leu o relatório da comissão encarregada de dar parecer acêrca da comunicação do sr. Fernandes Costa, relativa à inscrição latina do monumento de D. José I, no Terreiro do Paço.

A comissão, depois de várias pesquisas, chegou à conclusão de que, segundo todas as probabilidades, o aditamento ou linha final da referida inscrição, deve ter sido feito ainda em vida de Machado de Castro, contribuindo muito naturalmente para isso as considerações apresentadas pelo arquitecto irlandês, Murphy, a respeito do esquecimento em que tinha caido o nome do insigne escultor.

Emquanto aos êrros que hoje maculam êsse aditamento e em que sobresaem um *finnit*, que não é nada, e *eques tris* por *equestrem*, são êles de data recente. Em 1864 ainda lá não tinham sido introduzidos, como se vê da *Colecção de inscrições* de A. J. Moreira (manuscrito da Academia).

Também a ortografia da parte principal da inscrição foi indevidamente alterada, substituindo-se os *ii* consoantes por *jj* e os *vv* vogais por *uu*. Alêm disso, estão mal colocados os pontos que separam as palavras.

A comissão é de parecer se oficie ao respectivo Ministério ou à comissão dos monumentos da 1.ª circunscrição, para que se proceda com urgência à emenda dos êrros apontados, e se lembre a necessidade de superintender neste serviço o professor de Epigrafia da Faculdade de Letras, o sr. dr. Leite de Vasconcelos.

Emquanto à ideia de se aproveitar a ocasião para no aditamento incluir o nome do arquitecto Eugénio dos Santos, autor do desenho do monumento, a comissão entende que o assunto é muito delicado e exigiria o voto de outras entidades. O que urge é restituir à sua forma primitiva tanto a inscrição principal como o aditamento.

O sr. *Joaquim Nunes* ofereceu para a biblioteca os

seus trabalhos seguintes: *Compêndio de gramática histórica portuguesa* e os dois opúsculos *O monge e o passarinho* e *A vegetação na toponímia portuguesa*. O sr. Presidente agradeceu estas valiosas ofertas.

Não havendo mais que tratar, foi encerrada a sessão.

Parecer do sr. dr. José Maria Rodrigues sôbre a inscrição latina do monumento de D. José I, no Terreiro do Paço

A comissão nomeada em 12 de Fevereiro último pela Classe de Letras da Academia das Sciências de Lisboa, para propor o que urge fazer relativamente ao assunto da comunicação nesse dia lida pelo Ex.mo consócio, sr. General Fernandes Costa (*Erros inadmissíveis num aditamento moderno feito à inscrição do monumento a D. José na Praça do Comércio de Lisboa*), vem dar conta do seu mandato nos termos seguintes:

1.º) Em quanto aos graves êrros *finnit* e *eques tris*, as regras da crítica dos textos autorizam *a priori* a correcção *finxit* para o primeiro, e *equestrem* para o segundo.

E era assim, com efeito, que estas palavras se liam na inscrição há pelo menos 56 anos, como consta da *Collecção de Epitaphios, Inscripções e Lettreiros*, obra manuscrita de António Joaquim Moreira, existente na Biblioteca desta Academia.

Aí, a fl. 527 v. do volume 3.º, que no frontispício tem a data de 1864, se transcreve toda a inscrição do monumento, que é precedida das seguintes palavras: *Inscripção em Lettras de Bronze douradas que está no pedestal da Estatua equestre*, etc.

E a inscrição termina por esta forma: «Ioachimus · Machadius. Castrius · Finxit · Et · Sculpsit · Bartholomeus · Costius . Statuam . Equestrem · ex · Aere · Fudit».

Desta maneira o latim está corrente [1], faltando apenas um *a* antes do *e* da palavra *Bartholomaeus*.

---

[1] Não quer isto dizer que a forma dada aos apelidos *Machadius Castrius* e *Costius* se não preste a críticas. Mas assim aparecem elas usadas na época em que foi erigido o monumento. Basta citar o epigrama do insigne latinista, Padre António Pereira de Figueiredo, em honra do fundidor da estátua: *Bartholomaeo Costio, fuso ex Rege, statuario celeberrimo*, epigrama, diga-se de passagem, que com razão incomodou Machado de Castro e o obrigou a lançar também mão da lira, para não deixar atribuir a outrem glórias que lhe pertenciam a êle.

Veja-se a *Memória sôbre a Estátua Equestre do Senhor Rei D. José I*, publicada pelo insigne escultor no *Jornal de Coimbra*, vol. 2.º, 1812.

Êste *a*, como é de supor, falta ainda hoje, sendo porisso necessário acrescentá-lo, como necessário é tambem fazer reaparecer o *m* de *Joaquimus*, que actualmente se acha substituído por um *n*.

2.º) Apesar dos passos que deu, não pôde esta comissão apurar documentalmente a história desta parte final da inscrição.

Julga, porêm, poder reconstrui-la, com mais ou menos probabilidade, nos termos seguintes:

Primitivamente os nomes de Machado de Castro e de Bartolomeu da Costa não se achavam no sítio onde hoje se encontram. Não é natural com efeito que eles figurassem pouco abaixo dos do monarca e do seu omnipotente ministro, e isto por uma forma tão saliente e que desfeia a harmoniosa disposição da inscrição propriamente dita.

É até muito crivel que os dois nomes se não encontrassem mencionados nem mesmo em outro lugar mais adequado do monumento, e isto por causa da referência que seria preciso fazer ao já falecido arquitecto Eugénio dos Santos, autor do primitivo desenho do monumento, em que Machado de Castro conseguiu apenas introduzir certas modificações que reputava indispensáveis [1].

Mas o aditamento à primitiva inscrição deve ter sido feito ainda em vida do ilustre escultor, falecido em 1822, e naturalmente a seu pedido ou dos seus amigos e admiradores.

E contribuiriam talvez para isso as observações do arquitecto irlandês Murphy, que no seu livro — *Travels in Portugal* —, publicado em Londres em 1795, faz um caloroso elogio de Machado de Castro e lastima que êle fôsse posto de parte e esquecido, a ponto de não haver entre mil portugueses um que saiba ter sido êle o autor do monumento [2].

É natural que fôsse o próprio Machado de Castro quem redigisse o aditamento à inscrição primitiva, empregando o *finxit (modelou)* e não o *invenit*, de que usou outras vezes [3], por ter trabalhado sôbre o desenho de Eugénio dos Santos.

---

[1] Veja-se sôbre êste assunto a obra publicada em 1810 por Machado de Castro: *Descripção analytica da execução da Real Estátua Equestre*.

[2] Machado de Castro, the sculptor, who has an undubted claim to the principal merit of the work as the designer and modeler of it, is neglected and forgotten indeed, there is not one Portuguese in thousand who knows that he was the author of it; and though his talents entitle him to be ranked with the first artists of the age, he is scarcely known in his native country (pág. 150-155).

A palavra *designer* mostra que Murphy ignorava a parte que Eugénio dos Santos tinha tido na realização do monumento.

[3] Veja-se, por exemplo, a estátua de D. Maria I, na Biblioteca Nacional.

Modernamente as letras do aditamento caíram ou foram tiradas, total ou parcialmente, e ao reconstruirem-se as palavras que faltavam cometeram-se os erros que ficam indicados, salvo a falta do *a* em *Bartholomaeus*, que é mais antiga, se está fiel a cópia de A. J. Moreira.

3.º) O exame da inscrição primitiva e o seu confronto com a que se encontra na gravura do monumento, devida a Joaquim Carneiro da Silva[1], mostram que também esta foi vítima de um mal intendido desejo de a aperfeiçoar. Substituiram-se com efeito os primitivos *II* consoantes por *JJ* e os *VV* vogais por *UU*. E é também esta a pseudo-ortografia empregada no aditamento.

Há ainda a notar a má colocação dos pontos que separam as palavras, que estão na linha da base das letras, e não na linha média, como se usa em epigrafia.

4.º) A adição, que se propõe, do nome de Eugénio dos Santos ao de Machado de Castro envolve a revisão de um processo artístico, que não é da alçada exclusiva desta Classe.

Em presença do que fica exposto, é esta Comissão de parecer:

1.º) Que urge emendar os erros que actualmente maculam a inscrição do monumento da Praça do Comércio desta cidade;

2.º) Que nesta conformidade se deve oficiar ou ao Ministério da Instrução Pública ou à Comissão dos Monumentos da primeira circunscrição artistica;

3.º) Que nesse ofício se deve ponderar a necessidade de superintender no serviço de restauração da inscrição e do seu aditamento um especialista em epigrafia latina;

4.º) Que, para êste efeito, se acha naturalmente indicado o professor de Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e sócio efectivo desta Academia, sr. dr. José Leite de Vasconcelos.

Francisco Maria Esteves Pereira
José Joaquim Nunes
José Maria Rodrigues, relator.

[1] Existe um exemplar na Biblioteca Nacional.

Sessão de 15 de Abril de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Baptista de Sousa (Visconde de Carnaxide), Cândido de Figueiredo, David Lopes e Cristovam Aires, secretário da Classe e os sócios correspondentes srs. Almeida d'Eça, António Baião, Augusto Vieira da Silva, Fidelino de Figueiredo, J. Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Teixeira Botelho e Vítor Ribeiro.

Assistiu à sessão o escritor brasileiro sr. Solidónio Leite.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

Foi lido um ofício do sr. Anselmo Braamcamp Freire, ao sr. presidente da Classe participando a sua resolução de se exonerar da direcção dos *Portugaliae Monumenta Historica*.

O sr. *Presidente* lembrou, e foi unanimemente aceite pela Classe, o nome do sr. Pedro de Azevedo para substituir o sr. Braamcamp nessa missão académica.

O sr. *Presidente* disse que, por terem pedido escusa dois membros da comissão encarregada de coligir todos os escritos de D. Pedro V, propunha para os substituir os srs. Moreira de Almeida e Joaquim Nunes; o que foi unanimemente aprovado.

Foi votado sócio correspondente da Academia o sr. Adriano Antero por unanimidade de votos.

O sr. *Lopes de Mendonça* propoz a nomeação do paleógrafo sr. Possidónio Mateus Laranjo Coelho para substituir o sr. Brito Rebelo nos trabalhos dos *Monumentos Inéditos para a História das Conquistas*, o que foi aprovado.

O sr. *Presidente* disse que estando presente na sala o ilustre escritor brasileiro Dr. Solidónio Leite, o saudava muito afectuosamenté e se congratulava por esse facto com a Academia.

O sr. *Cândido de Figueiredo* disse que não pode deixar de se congratular pela presença do sr. dr. Solidónio Leite, não só porque o recomendam os seus elevados méritos pessoais, senão também, e sobretudo, pelos valiosos serviços que lhe deve a língua portugueza. Com efeito, o sr. dr. Solidónio Leite pertence à numerosa e benemérita falange dos que, alêm do Atlantico, pugnam dedicadamente pelos direitos e puresa do nosso idioma. Bastaria o cuidado e o amor literário com que procedeu, por assim dizer, á exumação dos que êle chamou *clássicos esquecidos,* entre os quais Frei Manuel da Esperança, o Padre Consciencia e outros; mas afora êste apreciavel trabalho, o sr. dr. Solidónio Leite, na imprensa periódica, e onde quere que tenha ensejo de mostrar quanto preza a língua portuguesa, é um ilustre representante da sobredita falange, em que há os melhores nomes da literatura brasileira: Rui Barbosa, Afranio Peixoto, Silva Ramos, Mário Pacheco, Carlos de Laet e muitíssimos outros.

Há pois motivos de sobra para a sua congratulação; alêm de que o sr. dr. Solidónio Leite, passando por entre portugueses, terá ensejo de verificar *de visu* que os portugueses, especialmente os cultores de Letras, não são ingratos perantes serviços, como os que devemos ao sr. dr. Solidónio Leite:

O sr. *António Baião* associa-se às palavras dos srs. Presidente e Cândido de Figueiredo, saudando no sr. dr. Solidónio Leite principalmente o autor dum trabalho notável acêrca da autoria da *Arte de Furtar* que S. Ex.ª, com argumentos de pêso, atribue a António Sousa de Macedo, de cuja obra demonstra vasto conhecimento. O sr. António Baião inclina-se também a que seja êste o

autor do famoso livro atribuido ao Padre António Vieira, que tanta sensação tem feito na nossa história literária.

O sr. *Solidónio Leite* agradece os cumprimentos dos Ex.^mos^ Srs. Presidente, Cândido de Figueiredo e António Baião. Disse que S.S. Ex.^as^ o sabiam amigo sincero de Portugal, e por isso encareceram o merecimento dos trabalhos, nos quais tem procurado mostrar no Brasil as belezas dos antigos modelos da boa linguagem portuguesa, que deve ser cultivada com o mesmo carinho nos dois países irmãos,

O sr. *J. J. Nunes* lembra que a Academia prestaria mais um serviço às letras pátrias publicando o códice inédito da *Crónica de Espanha*, existente na sua biblioteca, que em 1879 foi adquirido no leilão dos livros que pertenceram aos Marqueses de Castelo Melhor, códice escrito no século XV e reproduzindo portanto a linguagem do tempo.

O sr. *António Baião* lê à classe uma notícia feita por um frade de Alcobaça duma visita régia à biblioteca e ao cartório de Alcobaça, em 1782. Nessa notícia fala-se em vários documentos e códices cuja antiguidade não é tão grande como pretenderam os cronistas de Alcobaça e cuja genuidade tem sido posteriormente posta em dúvida. Em especial o sr. Baião fala numa Biblia, hoje existente na Torre do Tombo, que não é do tempo de D. Afonso Henriques, mas do século XIII.

O sr. *José Maria Rodrigues* ocupa-se de uma das fontes da *Eufrosina* — os *Adágios* de Erasmo — e mostra como J. Ferreira de Vasconcelos se serviu largamente da obra do famoso humanista. Há na difícil comédia muitos passos que só se compreendem com o auxílio das respectivas fontes. No caso presente basta citar as expressões «pendurado do nariz» (p. 5, ed. da Academia); «essa era a história da cabra Amaltea» (p. 17); «mal tremerio» (p. 19); «passa em cavalos brancos» (p. 25); «lineas de

Apeles» (p. 26); «prazer de orelhas furadas» (p. 43); «movo a camarina» (p. 113); «codorniz para Hercules» (p. 126); «Delio nadador» (p. 171); «ver o seu fumo» (p. 174) deve ler-se, como a fonte o mostra, *vender* o seu fumo; «secar a Idra» (p. 264); etc.

Aponta ainda várias obscuridades da interessantíssima novela dialogada, propondo a solução de algumas delas. Assim, por exemplo, nas palavras «Soday, que he de tres letras» (p. 10), há um êrro de imprensa da 1.ª edição, devendo ler-se Saday, e as três letras são as consoantes *s, d, y,* desta palavra hebraica. Quási em seguida, referindo-se a D. Manuel, diz o autor que «esteve num erre da sua esphera cumprir nelle esta volta» (da monarquia universal para os portugueses, depois de ter passado pelos assírios, persas, macedónios, e não *lacedemónios*, que é êrro da 1.ª edição).

Refere-se por fim a algumas opiniões paradoxais, como é a que faz de Penélope uma adultera, cuja procedência indica.

O sr. *Fidelino de Figueiredo*, a propósito da comunicação do sr. António Baião, congratula-se com o conhecimento de mais essa achega para a história da biblioteca de Alcobaça, da qual se ocupou recentemente.

Estudando a historiografia alcobacense, acompanhou a vária fortuna dela através da nossa história literária, de polémicas de impugnação dos seus créditos e defeza deles, a primeira das quais se abriu logo em vida de Fr. Bernardo de Brito, e de que a questão de Ourique foi o derradeiro éco. As visitas de inspecção à livraria dos manuscritos de Alcobaça repetiram-se para examinar os falsos documentos alegados pelos cronistas e seus apologistas.

A seguir, o mesmo académico comunica que um crítico francês, M. Masson-Forestier, apresentou uma tése curiosa sôbre as fontes da tragédia de Racine, *Bajazet*. Segundo

êle, as personagens Roxane e Bajazet e a intriga amorosa que entre êles decorre, teriam sido sugeridas por Mariana Alcoforado, Chamilly e pelo pequeno entrecho que se depreende das *Cartas* da célebre freira de Beja. Repetindo, passo a passo, a demonstração do escritor francês e decompondo-a nos seus argumentos, o sr. Fidelino de Figueiredo concluiu que havia que reduzir consideravelmente a asserção; as diversidades morais das personagens e os entrechos são tão grandes que só será possivel com segurança afirmar que das *Cartas* da Alcoforado se teria utilisado Racine, como documento literário flagrante da paixão amorosa.

O grande trágico, que à elaboração de temas amorosos deu as suas preferências, recorreria naturalmente ao estudo da literatura mais intensa e expressiva da paixão amorosa, para se apropriar da substância dela. As *Cartas* de Mariana Alcoforado apareceram em 1669 e *Bajazet* em 1672. A proximidade, o êxito ruidoso e o gôsto de Racine pela psicologia das violências do amor certamente o levariam a aproveitá-las como um caso, um documento com que se abonaria. Essa influência exercida é indirecta, como das de *Heloisa* e *Abeilardo*, e não uma imediata e directa sugestão. Isto mesmo é confirmado pela análise estilométrica.

O sr. *Almeida d'Eça* disse que a observação do que se está passando nos nossos dias em relação às condições económicas, não só de Portugal como de outros países, o leva a apresentar algumas breves considerações sôbre a maneira como se tem escrito a História.

As determinantes das acções dos homens são várias, sem dúvida; mas entre todas elas avulta a necessidade de obter os meios para satisfazer as exigências da nossa natureza física. As grandes invasões, as conquistas, as aventuras d'além-mar, a colonisação, tudo foi feito sob o impulso de aumentar a riqueza, e muitissimas vezes

de procurar obter o que, sendo essencial à vida, faltava.

Ora a História escreveu-se primeiro em relação aos chamados *grandes homens*, e por isso atendia-se principalmente a perpetuar os feitos dos chefes dos estados e especialmente as guerras, consideradas sob o aspecto militar. Mais recentemente entendeu-se que maior atenção devia dar-se às instituições, pois que o progresso destas melhor explicava o progresso da civilisação. Mas não se deu ainda a devida atenção aos factores económicos, que constituem, em sua opinião, o grande, o principal incentivo da actividade dos homens, pelo menos da sua enorme maioria.

Nesta ordem de ideas acrescentou diversas considerações, que espera poder desenvolver em outra ocasião.

O sr. *Presidente*, congratulando-se com as excelentes orações que acabavam de ser proferidas e que mostravam o zelo que os assuntos académicos mereciam aos seus consócios, observou, em referência às palavras do orador antecedente, que nas grandes épocas da história apareciam sempre os grandes homens; — que grande era a presente época, porque nela se realisou um dos maiores factos da história humana — A ÚLTIMA GUERRA — ; e comtudo os grandes homens é que não apareceram. E fazendo algumas considerações sôbre o modo como foram compreendidos os princípios proclamados do direito e da justiça, lamentou que os tivessem esquecido em muitos pontos e sobretudo em relação a Portugal, que os ajudara a vencer.

Lera há pouco no *Mercurio* de França um caso que, com ser pitoresco, nem por isso deixa de ter uma alta significação. Existe em França uma Sociedade de intelectuais que criou dois prémios, um para a melhor, outro para a pior obra do ano. A melhor foi um livro que se publicou sôbre a Itália; a pior, e que teve por unanimi-

dade o prémio do ano, foi o tratado de paz! Nunca se fez com mais espírito a crítica dos grandes homens que redigiram esse tratado.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Sessão de 29 de Abril de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Artur Montenegro, Baptista de Sousa, (Visconde de Carnaxide), Cândido de Figueiredo, David Lopes, Francisco Maria Esteves Pereira, Leite de Vasconcelos, Lopes de Mendonça, Pedro de Azevedo e Cristóvam Aires, secretário da Classe e os sócios correspondentes srs. Almeida d'Eça, Augusto Vieira da Silva, Fidelino de Figueiredo, Gustavo Ramos, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Teixeira Botelho e Vítor Ribeiro.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Presidente* felicitou o sr. Pedro de Azevedo pela sua eleição a sócio efectivo, acentuando que a Academia muito tinha ainda a esperar do seu zelo e amor ao estudo.

O sr. *Pedro de Azevedo* agradecendo as palavras do sr. Presidente, disse o seguinte:

«Quando há 10 anos a classe de letras me admitiu no número de sócios da Academia, eu afirmei que punha as minhas limitadas faculdades ao dispôr da agremiação; o que cumpri até hoje tanto quanto possível. Entendia então e entendo ainda que uma Academia, ao contrário do que julga o público, não é instituto de consagração, mas um estabelecimento próprio para promover trabalhos scientíficos e históricos e nesse sentido tenho sempre trabalhado.

Foi sempre êste o meu pensamento, pôsto que a Academia, como todos os institutos nacionais não ofereça comodidades para o progresso scientífico, por lhe faltar

uma dotação condigna aos fins da sua instituição, o que provêm de viver num Estado quási puramente agrícola e portanto pobre.

Foi hesitante que requeri a minha inscrição na lista dos candidatos a sócio efectivo, por haver entre os sócios correspondentes outros que eu considero com mais valor para exercer êsse cargo do que eu. A classe acolheu todavia favoravelmente o meu requerimento, para o que contribuiu bastante o afastamento dos demais sócios correspondentes.

A toda a classe manifesto, portanto, o meu reconhecimento, a uns por que me elegeram e a outros por que facilitaram a eleição».

O sr. *Esteves Pereira* leu a seguinte nota:

O sr. Gabriel Ferrand, consul geral de França, e membro da Sociedade Asiática de Paris, encarregou-me de entregar à Academia um exemplar da sua memória, que tem por titulo *Le Kouen-louen et les anciennes navigations interocéaniques dans les mers du sud*, publicada no *Journal Asiatique* (1919). Esta memória é, como outras já oferecidas à Academia, de especial interêsse para a história dos descobrimentos dos Portugueses nos séculos XV e XVI; e demonstra bem a extensa e profunda erudição do seu autor, que utilisou na sua composição não só as relações históricas escritas em chinês, sânscrito, malaio e árabe, mas, o que é pouco vulgar dos eruditos estrangeiros, também se aproveitou e largamente das relações escritas em português.

Na segunda parte desta memória, que é a que mais particularmente nos interessa, dá notícia de diversas viagens efetuadas nos mares do sul e sudeste da península indiana antes do comêço do século XVI. Uma destas viagens é a de Vasco da Gama em 1498.

No *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* refere-se que êle e seus companheiros partiram em três navios de Me-

linde à terça-feira, 24 do mês de abril «com o piloto que nos el rey (de Melinde) deu, para huma cidade que se chama Qualecut», e que houveram vista de terra à sexta feira, 17 de maio, e no domingo seguinte (19 de maio) ancoraram a duas léguas de Calecut (*Roteiro*, 2.ª ed., p. 49 e 50). No *Roteiro* não é dado o nome de piloto. Castanheda (*História dos descobrimentos*, liv. I, cap. XII e XIII) diz que o piloto era guzerate, e se chamava Canaqua. João de Barros (Dec. I, liv. IV, cap. VI) diz que o piloto era um mouro de Guzerate, chamado Malemo Cana. *Mouro* quer dizer mussulmano; Malemo é a palavra arábica *muallim*, que significa mestre de navegação, piloto; enfim a palavra Canaqua ou Cana é ainda sem explicação.

O nome de piloto foi conservado em uma obra escrita em árabe, que tem por título: *Livro do relampago do Yaman, em que se refere a conquista othomana*, composta por Muhammad Kutb ad Din, que faleceu em Meca no ano 990 H (1582-1583 J. C.). Desta obra, ainda inédita, deu notícia S. de Sacy no tomo IV das *Notices et extraits des Mss. de la Bibliothèque Nationale de Paris*; e o nosso erudito consócio, sr. David Lopes, publicou em 1892 alguns capítulos da mesma obra, com tradução portuguesa e notas na memória que tem por título: *Extratos da historia da conquista do Yaman pelos Othomanos*; e o capítulo que nos interessa lê-se nesta memória (p. 39 e 40).

É desnecessário dizer que a afirmação que Vasco da Gama convidou o piloto a comer, e o embriagou, para dêle saber o segrêdo da navegação para Calecute, não merece confiança. Sabe-se pois que o nome do piloto que dirigiu o navio de Vasco da Gama desde Melinde a Calecute se chamava Ahmad ibn Mājid.

O sr. Gabriel Ferrand, na sua memória agora apresentada, amplia as notícias acêrca do mesmo piloto; êle identifica-o com o autor de diversas obras sôbre náutica,

escritas em árabe, uma das quais tem por título: *Livro dos ensinamentos úteis sôbre as bases e princípios da navegação*, composta por Sihāb ad Din Ahmad ben Mājid, que se intitula *mualim* (mestre da navegação). A obra é inédita, mas dela existe um ms. na Biblioteca Nacional de Paris (Fonds árabe, ms. 2292), datado do ano de 895 H (1489-1490), isto é, cêrca de dez anos antes da viagem de Vasco da Gama, de Melinde a Calecute.

Ibn Majid tinha uma instrução muito extensa; nos tratados que escreveu cita Aristóteles, Ptolemeu, Ibn Haukal, Masudi, Ibn al-Vardi.

Esta obra, que o sr. Gabriel Ferrand se propõe publicar, tem excecional valor scientífico e histórico; porque é um testemunho irrefragável do estado de adiantamento que no fim do século XV tinha atingido a sciência náutica dos mestres de navegação, que percorriam os mares da Índia; é por assim dizer análoga e percursora dos roteiros de Vasco da Gama, de João de Lisboa, de D. João de Castro, e de tantos outros notáveis navegadores portugueses.

O sr. *Cândido de Figueiredo* comunica que fez há tempos um ligeiro estudo sôbre os adágios da *Eufrosina*, e que êsse estudo foi publicado numa revista brasileira, que dêle fez uma separata. Oferece um exemplar à Academia, e pede licença para ponderar que, se ao redigir aquele trabalho tivesse conhecimento da recente edição da *Eufrosina*, dirigida pelo sr. Bell, uma de duas coisas sucederia: ou não proseguia, nem publicava o referido estudo, visto que o sr. Bell consagrou também algumas páginas aos adágios da *Eufrosina*; ou alteraria o seu trabalho, discutindo talvez várias locuções, que o sr. Bell considera adágios e que, realmente, apenas lhe parecem meras sentenças ou *frases feitas*. Agora, porém, tem de manter o seu estudo, conforme lhe saiu da pena antes da edição do sr. Bell, e a Academia aceitará benévola,

como costuma, a sua insignificante publicação, sôbre os adágios da *Eufrosina*.

O sr. *Visconde de Carnaxide* leu a seguinte proposta: «Admitida já hoje, depois de ingentes controvérsias, em que houve impugnadores tão valorosos como entre nós fôra Alexandre Herculano, a existência duma propriedade literária, é ela, todavia, — com as raríssimas excepções de Guatemala, México, Nicarágua e Venezuela —, reconhecida e protegida com uma duração limitada, que vai de 5 a 80 anos (sendo em Portugal de 50) e não com o carácter de perpetuidade, atributo de todas as outras da tradição secular do Direito Civil.

Tal fenómeno jurídico, que por suas condições de excepção tem uma subtil mas procedente defesa, há chocado o sentimento geral sempre que, caídas as obras scientificas ou literárias no domínio público, segundo a expressão das leis, quando extincta a protecção, tornados caducos os direitos dos herdeiros dos autores, as respectivas obras livremente reproduzidas, sem encargo algum, por quem quer que seja, vão enriquecendo seus editores, em contraste com a afrontosa miséria desses herdeiros. Dos vários exemplos, que a história oferece, costumam citar-se, dos mais conhecidos, o do único herdeiro do sangue e do nome de Corneille não ter morrido de fome apenas por Voltaire, reivindicando um direito então desconhecido, lhe haver procurado recursos com uma nova edição, que comentara, das obras que já se encontravam fóra do domínio da herança; e o de uma neta de Milton dever à caridade de Garrick não continuar a mendiga-la nas ruas, arrastando uma vida de abjecção.

Desta situação tem promanado uma aspiração muito defendida dum *domínio público pagante*, espécie de coeficiente de correcção da caducidade absoluta, depois de certo período, de todo o valor monetário das obras scientíficas ou literárias para os herdeiros dos autores.

Pelo congresso de Turin de 1898 e novamente pelo da Associação Literária e Artística realisado em Nápoles em 1902, a que há que acrescentar o interessantíssimo relatório de M. Ed. Marck, apresentado na sessão do ano seguinte em Weimar, foi deliberado que, — «après l'expiration du droit exclusif de l'auteur et de ses héretiers ou ayants cause, il soit établi un domaine public payant».

Ás leis italiana e suiça citadas por Marck, como exemplos, adita E. H. de Villefosse (conforme tudo indico no meu *Tratado de Propriedade Literária e Artística*) a recente lei inglesa de 16 de dezembro de 1911, as quais estabelecem o pagamento pelos editores duma percentagem do preço da venda, logo que as obras caiam no domínio público.

Por seu lado a Associação Literária e Artística Internacional, tendo primeiramente estudado o prolongamento dos direitos de propriedade literária, e em seguida a unificação nos diversos países da duração dessa propriedade, ultimamente se propõe conseguir a organisação dum domínio público pagante — «c'est à dire (consoante expõe E. Pouillet) après l'expiration du droit exclusif de l'auteur et de ses héritiers, une période pendant laquelle la reproduction de l'œuvre est libre, mais moyennant une redevence perçue, soit par les hérétiers, soit par des sociétés existantes ou créées à cet effect».

Obedecendo a semilhante orientação, foi em 31 de Maio de 1907 apresentado por M. Ajain na Câmara dos Deputados Francesa um projecto fazendo incidir sôbre as edições novas de obras caídas no domínio público uma taxa de 10 por cento para o Tesouro do Estado.

Entre os homens de letras, porêm, o critério dominante, quanto ao destino de qualquer receita de tal proveniência e à entidade à qual seja confiada a sua aplicação, é de que constitua uma dotação de assistência a desvalidos selectos escritores nacionais ou a seus descendentes

privados de meios de fortuna, e de que, posto êsse fundo à disposição da mais qualificada Academia dos respectivos países, seja ela que, discretamente, sem publicidade, alheia a preocupações politicas ou isenta de toda a coação partidária, distribua equitativamente, com o melhor conhecimento das situações, os recursos que assim fôr arrecadando.

Seria dêste modo, para só falar dos mais recentes casos ocorridos entre nós, que haveriam sido poupados à mais penosa e humilhante indigência o octogenário herdeiro do gloriosíssimo académico Latino Coelho, e na sua própria torturante existência os geniais poetas Gomes Leal e João Penha, cuja miséria o Estado, para lhes conceder umas pequenas subvenções, não pôde deixar de assoalhar, violando o seu pudor e orgulhosa pobresa.

O ambiente para a aceitação de uma tal providência é, certamente, o mesmo, em que se gerou uma proposta ministerial, há dias apresentada no Parlamento pelo Ministro da Instrução, criando, entre outras receitas, em benefício da conservação e melhoria das bibliotecas nacionais, um imposto, quer sôbre a representação de peças portuguesas, quer sôbre as reimpressões de obras, quando umas e outras caídas no domínio público.

Por isso proponho, que em conformidade do exposto, embora sucintamente, como basta para esta Academia, ela represente ao Govêrno solicitando a sua iniciativa perante o poder legislativo a fim de vir a ser estabelecida a referida tributação, constituindo um fundo com o mencionado destino e a confiar à Academia para ela livre e discretamente aplicar.

O sr. *Presidente* disse que, para cumprimento dos Estatutos, a proposta do sr. Carnaxide seria apresentada à assembleia geral, para depois se resolver.

O sr. *Artur Montenegro* disse que não tem podido assistir às sessões por falta de saúde e apresentou à

Academia o livro póstumo de Jaime Moniz intitulado: *Estudos de ensino secundário*, com palavras de muita saudade pelo ilustre morto e encómios à sua obra, por tantos títulos notável.

O sr. *David Lopes* leu a nota seguinte:

«No dia 8 de Janeiro do corrente ano, o sr. dr. Júlio Dantas leu na Academia a sua descrição da batalha de Ourique e fez preceder a leitura destas duas declarações: 1.ª Não venho *fazer história;* 2.ª Coloco o logar da batalha no baixo Alentejo, *porque assim me convem.* Posta assim a questão, o historiador não tinha que intervir e discutir: falava o artista, só havia que admirar a obra de arte.

No dia 22 do mesmo mês, leu-se a acta daquela sessão e, por estar ouvindo o que me dizia o meu vizinho, sr. Vítor Ribeiro, não prestei atenção à parte da acta que relatava o que sôbre isso se passara na sessão anterior.

No dia 23 de Fevereiro, encontrei-me com um meu amigo, muito prezado, que disse ter lido essa acta no *Diário de Notícias* e estranhara que eu não contestasse certas afirmações aí feitas. No dia 24 fui à Secretaria da Academia examinar a dita acta e na verdade li nela um período que continha afirmações que não tinham sido feitas na sessão, porque eu me veria obrigado a responder.

Escrevi isto mesmo ao sr. dr. Dantas, dizendo-lhe que na próxima sessão eu leria uma declaração na Classe sôbre o assunto.

Eis porque levanto hoje esta questão, apesar de o momento não ser para assunto dêstes. Êsse período diz assim: «Explica [o sr. dr. Dantas] a razão porque não aceitou a versão últimamente apresentada... e não a aceitou, porque, entre duas conjecturas, preferiu aquela que, consagrada pela tradição e abonada por documentos do século XIV, engrandecia o glorioso feito dos portugueses, em vez de o diminuir e amesquinhar».

Tais explicações eu não as ouvi e, todavia, prestei toda a atenção às palavras do orador, porque o assunto me interessava muito. Encerrada a sessão, disse-me, porêm, que em sua opinião a batalha se dera no Alentejo e a sua convicção vinha de um passo do *Livro dos testamentos* de Santa Cruz de Coimbra. O sr. Lopes de Mendonça, que estava no grupo, opinou no mesmo sentido.

A segunda parte do período contêm uma afirmação que eu repilo indignadamente. Sou acusado de amesquinhar os gloriosos feitos dos portugueses. Trata-se de mim, é evidente. Fui para a questão de Ourique porque ela se prendia com os meus estudos árabes. Vi nela absurdos, como a localisação da batalha no baixo Alentejo; procurei a solução racional e apresentei-a, como me pareceu, à consideração do pùblico ilustrado. ¿Chama-se isto amesquinhar as glórias nacionais? Na verdade, eu devia prever que um dia um poeta quereria aproveitar a matéria para um quadro de pintura histórica. ¡Confesso a minha pouca previsão! Mas, emfim! admirar e louvar é que é engrandecer a pátria? ¿A tradição é, pois, indiscutivel? ¿A razão perde todos os direitos quando ela fala? Não tenho essa concepção da história; e se raciocinar é um crime, risque-se o nome dela do dicionário português e transfira-se o seu conteúdo para o vocábulo *poesia*. Quando em 1846 saíu o 1.º volume da *História de Portugal* de Herculano fez-se-lhe um crime de ter reduzido a batalha de Ourique a mínimas proporções, a simples fossado. Mas então era a canalha reaccionária, gente sem horizonte, de má fé, que com êle investia. Hoje é um dos mestres das letras portuguesas, um espírito de largo horizonte, um homem sem preconceitos, creio, que vem fazer igual acusação, porque a sua visão de poeta encontra um obstáculo nas opiniões dos outros. Lanço aqui o meu protesto contra esta insinuação de que eu quiz menoscabar as glórias do meu país!

O meu caminhar é vagaroso e obscuro, porque me falha o talento que nos outros sobeja; mas o meu caminho procuro que seja o da verdade. Se, pois, encontro nêle um preconceito, uma falsidade, não hesito em condená-los; é o dever do historiador, é o dever de todo o homem que ama a verdade acima de tudo.

Até aqui tenho-me defendido apenas da acusação injusta; seja-me permitido agora discutir o ponto de fé que levou o sr. dr. Dantas a discordar de mim quanto à localisação da batalha. O nosso ilustre confrade defendeu na nossa conversa, depois da sessão, que a batalha se desse no baixo Alentejo, porque Afonso Henriques não foi o homem prudente que eu dissera: logo podia ter praticado êsse acto de insensatez. Quís prová-lo com um passo tirado do *Livro dos testamentos* citado na sua descrição [vem nos *P. M. H., Scriptores*, p. 64 v.]. Essa citação está, porêm, truncada e diz assim de Afonso Henriques: «Aure flatus ut arundo fragilis ferebatur — frágil cana que se inclinava para onde o vento a impelia».

Isto não é bem verdade. Senão veja-se. Diz-se aí, no *Livro dos testamentos*, que, vencidos num só dia de batalha, a rainha D. Teresa e o conde galego foram expulsos de Portugal e o filho dela tomou então o poder. E logo a seguir: «Qui juvenis etsi; regendi imperium, jam bene sciolus, tamen amore laudis ardenter plenus ad quoscumque aure flatus, ut arundo fragilis ferebatur proclivis» — o qual, ainda que moço, já conhecia bem a sciência de governar; todavia, cheio de um ardente amor de glória, inclinava-se, à maneira de uma cana frágil, para todos aqueles rumores que lhe passavam pelo ouvido». Isto é diferente do que se pretendeu para invalidar a opinião corrente sôbre o nosso primeiro rei. Mas há mais: estas palavras dizem-se do moço Afonso quando êle tinha apenas 17 anos. A batalha de S. Mamede deu-se, de facto, em 1128 e o moço príncipe nascera em 1111.

Compreendem-se aquelas palavras ditas de um mancebo da sua idade. Mas a batalha de Ourique feriu-se onze anos depois. ¿Onze anos de governação pública e de experiência na guerra não são nada na vida de um príncipe? Seja como fôr, na citação do sr. dr. Dantas, Afonso Henriques seria um leviano, um estouvado, e por isso é que êle iria batalhar para o baixo Alentejo, sem outro objectivo que não fôsse alancear mouros. No texto, porêm, do *Livro dos testamentos* quer-se apenas mostrar o seu espírito irriquieto e de esforçado cavaleiro e ainda assim no momento de tomar as rédeas do govêrno e quando tinha 17 anos, idade em que facilmente se aceitam as sugestões dos validos que cercam os príncipes [1].

O sr. *Leite de Vasconcelos* justificando as suas faltas às sessões, por coincidir a hora destas com a da sua aula em Belem, propoz que se fizesse a consagração do sócio de mérito dr. Gama Barros num número do *Boletim da Classe de Letras*, para o que oferece um retrato dêste sócio. Esta proposta foi aprovada por aclamação.

O mesmo académico ofereceu o seu trabalho intitulado: *Signum Salomonis* e leu um artigo acêrca da origem de *Safira*, nome de uma freguesia condal do Alentejo; mostrou que êle devia ser na origem nome de mulher, imposto a um local. A propósito falou de vários modos de denominar terras, e do costume de dar à mulher nomes de cousas delicadas da Natureza, de pedras preciosas, de flores, de aves, costume já vindo da antiguidade greco-oriental.

O sr. *Joaquim Nunes* ofereceu em nome do seu autor o sr. R. Mendez Gaite os livros intitulados: *La obra de la Redencion, Patria y Regionalismo, Reconquista de Vigo* e *Aromas Divinos*.

---

[1] Esta nota, redigida no princípio de Março, só nesta sessão pôde ser lida, por motivos alheios à vontade do autor.

O sr. *David Lopes* também ofereceu em nome do seu autor, o sr. José Cordovil, o livro *Boninas e Malmequeres*.

O sr. *Almeida d'Eça* referindo-se ao estrago dos livros da Biblioteca Nacional, disse estar certo que êsse facto compungia todos os seus consócios, como o afligia a êle. Sabe muito bem que daquele estado a que chegaram tantos exemplares preciosos da Biblioteca, não são culpados os actuais ou anteriores chefes do estabelecimento, pois conhece bem os esforços que todos procuraram empregar para obter os meios necessários para combater os estragos. Sabe também que o mal vem de longe. talvez até desde a própria transferência para o seu actual edifício. É sua opinião, salvo outra melhor, que não foi completamente acertada a concentração em Lisboa do espólio das livrarias dos conventos, depois que estes foram extinctos. Teria sido preferivel que desde logo se tivesse instituido em cada capital de distrito uma biblioteca pública, para a qual servissem de fundo os livros dos conventos do distrito.

Para êle, alêm ou a par da divisão das bibliotecas em eruditas e populares, haveria outra a fazer — bibliotecas de leitura e bibliotecas-museus. Destas ultimas fariam parte os livros que rarissimas vezes são consultados, mas que, pela sua antiguidade, pela beleza das edições e até, por vezes, só pela riqueza das encadernações, constituem verdadeiras joias, de valor inestimavel, e requerendo tanto maior cuidado na sua conservação quanto menor é a sua consulta.

Seja, porêm, como fôr, o que se torna urgente para o bom nome da Nação, é que se empreguem os meios necessários para obstar à destruição dos livros da Biblioteca Nacional. Tem ouvido e lido nos jornais diversos alvitres, entre êles o de se construir um novo edifício para a Biblioteca de Lisboa. Não concorda; a Biblioteca deve, por todas as razões, continuar onde está. Se algum

edifício novo houvesse de ser construído, êsse deveria ser destinado à Camoneana; dedicasse-se à guarda exclusiva de tudo o que diz respeito a Camões uma construção especial, num talhão da Avenida, por exemplo, com os seus funcionários especiais, templo consagrado à maior glória literária de Portugal. Mas a Biblioteca de estudo, a Biblioteca onde todos nós temos trabalhado, conserve-se onde está, acudindo-se de pronto aos perigos que a ameaçam.

O sr. *Presidente* disse que há dez anos tivera conhecimento da desgraça em que se acham os livros da Biblioteca Nacional, porque nessa ocasião pediu livros e encontrou-os completamente perdidos, tais como as obras dos Santos Padres. Havia as mesmas obras em outras bibliotecas; mas, por exemplo, os livros da Biblioteca de S. Fiel foram vendidos pelos soldados para cigarros! Sabe perfeitamente que a Biblioteca Pública estava num estado lastimoso. Parecia pois conveniente que se empregassem todos os meios para se evitar a total ruina.

O sr. *Fidelino de Figueiredo*, como antigo director da Biblioteca Nacional, declara que envidou quantos esforços pôde para obstar aos progressos da epidemia bibliofaga que grassa naquele estabelecimento, continuando assim as suas diligências as dos seus antecessores. Activou e remodelou os serviços de limpeza e, com a colaboração do prof. Artur Cardoso Pereira, consócio da Academia, estava montando os serviços de higiene e desinfecção dos livros, quando deixou a direcção. Propunha-se fazer uma desinfecção química global, complemento da limpêsa manual, e introduzir várias modificações no edifício, que facilitassem a entrada da luz e do ar em alguns lugares mais apartados. Julga o edifício susceptivel de aproveitamento e inteiramente à prova de fogo; das maiores dificuldades a construcção dum novo e dos maiores inconvenientes a mudança duma biblioteca. A fundação duma

hemeroteca autónoma já ocasionaria a devolução de grande espaço actualmente ocupado pelos jornais. Finalmente declara que nunca tomaria a iniciativa duma exposição de livros destruidos, como a que recentemente se efectuou.

O sr. *Almeida d'Eça*, estimando ver que as suas singelas considerações calavam no espírito de todos os sócios da Classe, manda para a mesa a seguinte moção:

A Classe de Letras da Academia das Sciências de Lisboa, tendo conhecimento da situação em que se encontram os livros da Biblioteca Nacional, tesouro preciosíssimo e de valor incalculável, ameaçado de grande ruina; e considerando que é absolutamente indispensável, para o desinvolvimento da instrucção e para honra da Nação, que essa ruína não se realise, ou pelo menos que, por todos os modos, se procure obstar à sua continuação:

Emite o voto de que os poderes públicos, e todos quantos se interessam pelo bom nome português, apliquem os meios necessários para a restauração da Biblioteca Nacional.

Não havendo mais que tratar, encerrou-se a sessão.

Sessão de 13 de Maio de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Baptista de Sousa, (Visconde de Carnaxide), David Lopes, Francisco Maria Esteves Pereira, Lopes de Mendonça, Pedro de Azevedo e Cristóvam Aires, secretário da classe, os sócios correspondentes srs. António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo Ramos, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Vieira da Silva e da Classe das Sciências o sr. Oliveira Simões.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Fidelino de Figueiredo* leu um seu ensaio crítico sôbre o grande escritor do Uruguai, José Enrique Rodó (1872-1917). Começou por definir o «americanismo literário», a tendência das modernas gerações hispano-americanas, que procura criar, não tantas literaturas locais como as repúblicas ibero americanas, nada menos de vinte, mas, acima delas e unificando-as, uma consciência hispano-americana, servida por literatura ora de língua portuguesa, ora de língua castelhana, com a qual êsses países solidariamente se defrontem com a América inglesa, que em si ponha, discuta e quanto possível resolva os mais íntimos e mais americanos problemas da sua vida mental, que saiba acrisolar as influências estranhas, para conveniente fecundar e manter os tipos nacionais. Lembrou que o Uruguai, antes que para êle chamasse a atenção a presença dum tal escritor, já ruidosamente falara na história portuguesa, porque êle fôra o campo de batalha na América de dois imperialismos rivais, o de

Portugal e Hespanha, desde que D. Pedro II fundara a colónia do Sacramento, até à criação por conveniências políticas desse país intercalar, espécie de Bélgica neutral. Num rápido escôrço recordou a história literária dêste país e fez notar que, como Ruben Dario de Nicarágua, fôra possivel o aparecimento de tão insigne escritor num país sem tradições literárias de valia, de agitada vida política e de cultura pouco intensa, porque a língua castelhana lhe abrira todo o tesouro de tradições intelectuais e artísticas da pátria dela, a nobre Hespanha.

Entrando no exame crítico das obras de Rodó, o sr. Fidelino de Figueiredo referiu-se com detença aos ensaios de estreia, *El que véndrá, La novela Nueva*, à inolvidável lição de idealismo que é *Ariel*, evangelho da juventude americana, aos ensaios críticos e perfis morais de Ruben Dario, Bolivar, Montalvo e Gutierrez, a uma polémica célebre *Liberalismo y Jacobinismo*, *Motivos de Proteo, El Mirador de Prospero* e *Camino de Paros*.

Os *Motivos de Proteo* contêm a sua filosofia e são a sua obra prima. De tudo que povoa a mente dum homem moderno, conceito filosófico, concepção estética, doutrina política ou simples simplicidade, extraiu Rodó uma ética, tecida das mais requintadas elegâncias morais. Por esta obra o escritor do pequeno Uruguai filia-se na grande linha de pensadores moralistas, que vem de Epiteto e Marco Aurélio por La Bruyère, La Rochefoucauld, Emerson, Renan, Guyau e Maeterlinck, mestres da literatura de análise intuspectiva da alma humana.

O mesmo académico salientou as características essenciaes da obra de Rodó: o seu humanismo impregnado de simpatias; a vida interior e seus entusiasmos pelo heroismo, no sentido de Carlyle, e por tudo que signifique grandeza, fôrça e beleza; a riqueza inimitável do seu estilo, exuberante de imagens, vibrante das mais profundas emoções, sob uma aparência de serenidade helénica.

Indicou alguns elementos portugueses dessa obra, na galeria de heroísmos dos *Motivos de Proteo,* lembrou a sugestiva lição que dela se extráe para portugueses e brasileiros, sobretudo no alto pensamento da formação de uma grande pátria espiritual, a Ibero-América, vasto mundo de mais de 120 milhões de almas, que falam português e castelhano.

O mesmo académico ofereceu a 3.ª edição do seu trabalho intitulado *O Espírito Histórico.*

O sr. *António Baião* fez uma comunicação acêrca do *Cardeal Saraiva como guarda-mór da Torre do Tombo.* Começa por lêr excertos do seu trabalho, no qual faz avultar não só o interêsse de D. Fr. Francisco de S. Luís pelo alargamento do Arquivo Nacional e aumento das suas colecções, como também as suas grandes aptidões de investigador histórico, reveladas especialmente nas suas pesquizas no *Corpo Cronológico* e sôbre artistas portugueses. Enumera o sr. Baião alguns dos manuscritos doados pelo ilustre guarda-mór à Torre do Tombo, descrevendo com minúcia os quinhentistas. Lê à Classe uma interessante carta em que o cardeal Saraiva, já então Patriarca, conta uma conversação que tivera com o rei a propósito da Torre do Tombo e dos seus funcionários, e refere-se por último às suas relações com o visconde de Santarêm e com Alexandre Herculano. Dêste lê notas escritas à margem duma Memória académica de Fr. Francisco de S. Luís.

Êste trabalho histórico do sr. António Baião representa o preenchimento duma lacuna na biografia do polígrafo Fr. Francisco de S. Luís.

O sr. *Presidente* elogiando estes excelentes trabalhos, felicitou os seus autores em nome da Academia.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Sessão de 27 de Maio de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. José Leite de Vasconcelos, Lopes de Mendonça, Pedro de Azevedo e Cristóvam Aires, secretário da classe; os sócios correspondentes srs. Almeida d'Eça, Alves Pereira, António Baião, Fidelino de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Sousa e Costa e Vítor Ribeiro e o sócio correspondente estrangeiro sr. Lúcio de Azevedo.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Lopes de Mendonça* leu um estudo sôbre uma aventura amorosa de Camões, desenvolvendo a comunicação que acêrca da aventureira Grácia de Morais fizera há cêrca de cinco anos. Analisa as referências que a ela são feitas pelo poeta em redondilhas madrigalescas e num soneto satírico, paródia a outro de Garcilaso de la Vega. Atribue à mesma inspiração a ode IV, dirigida a uma cortezã. Sôbre todos os indícios coligidos nas obras do poeta e conjugados com os elementos que encontrou num códice da Biblioteca Nacional, o sr. Lopes de Mendonça fundamenta as suas conjecturas. Grácia era uma aventureira castelhana emigrada na Índia, muito cortejada pelos primores de seu espírito. Por ela se apaixonou Camões, a exemplo de muitos fidalgos da Índia. Vítima dos seus desdens, desembestou contra ela em furiosas invectivas. Assim pois, êle teve a glória de pôr a descoberto a parte terrena e humana da alma do vate. E o sr. Lopes de Mendonça conclue que, pela investigação cuidada e minuciosa dos pequenos episódios romanescos

análogos, se poderá chegar à reconstituição integra da personalidade moral de Camões, bem diferente da figura convencional e hierática, consagrada pela tradição literária.

O sr. *Presidente* felicitou o sr. Lopes de Mendonça pelo seu primoroso trabalho.

O sr. *Sousa Costa* pede a palavra para transmitir o pedido do dr. Armando Labra Carvajal, consul geral do Chile em Lisboa, que deseja fazer uma conferência na sala da Academia acêrca de Alexandre Herculano.

Diz quem é o dr. Armando Labra Carvajal, professor da Faculdade de Direito de Santiago de Chile, escritor distintíssimo e investigador de admiráveis qualidades, que tem dedicado o seu espírito e a sua pena ao estudo de homens e coisas portuguesas.

Ficou para resolver na próxima sessão da Assembleia Geral.

O sr. *Fidelino de Figueiredo,* ao mandar para a mesa a obra *Camões Portugals Nationalskald,* do dr. Johan Vising, professor da Universidade de Göteborg, chama para êste insigne lusitanisante a atenção da Classe. Tempo é de dar público testemunho de reconhecimento a êste escritor, que na longinqua Suécia tem dado desvelada atenção ao estudo da lingua e da literatura de Portugal. Não são muitos os lusófilos da Escandinavia; alêm do Dr. Vising, só poderemos nomear o Dr. Goran Bjorkman e o sr. Carl Kirsmeyer. Esta circunstância mais ainda obriga a reconhecer os serviços do autor do livro, que acaba de enviar para a mesa.

Johan Vising nasceu em Angermanland, na Suécia setentrional, em 20 de Abril de 1855. Fez na Universidade de Upsala os seus estudos superiores, de 1874 a 1880, freqùentou a Escola Prática de Altos de Estudos, de Paris, em 1880-1881, onde teve por mestres a Gaston Paris e Paul Meyer, a quem deveu estimulos e amizade

no decurso da sua carreira scientífica. Em 1881-1882 regressou à freqüência da Universidade de Upsala, onde tomou o gráu de doutor em letras. Nessa mesma escola regeu, como professor agregado, a cadeira de francês nos anos de 1882-1884, e no liceu da mesma cidade lecionou até 1891, acumulando com a regência agregada de francês na Universidade de Lund desde 1886. Em 1890 tomou conta da cátedra de línguas românicas na Universidade de Göteborg, de que foi reitor durante o decénio de 1899 a 1909. Do seu reitorado conserva o ilustre professor a mais grata recordação. Com a cooperação de alguns amigos da sciência e da Universidade, conseguiu ordenar a sua administração financeira e fazer construir um belo edifício, que maravilhosamente corresponde aos seus fins.

Da sua vasta bibliografia, de que há uma boa parte disseminada pelas revistas especiais, enumerará as seguintes obras:

Etudes sur le dialecte anglo-normand du XII^e siècle, Upsala, 1882, tése de doutoramento; *Sur la versification anglo-normande*, Upsala, 1884; *Die Realen Tempora der Vergangenheit im Französichen und den übrigen romanischen Sprachen*, Heilbronn, 1888-1889, 2 vols.; *Gramática francesa* (em suéco), Lund, 1890; *A questão da língua italiana* (em suéco), Stockholm, 1894; *Quomodo in der romanischen Sprachen*, Hale, 1895, em *Abhandlungen Herrn Prof. A. Tobler dargereicht; Da origem e das migrações dos contos populares* (em suéco), Stockholm, 1895; *Dante*, Göteborg, 1776 (em suéco); *Sôbre a beleza das línguas* (em suéco), Göteborg, 1876, nos *Anais da Universidade; La Chanson de Roland* (em suéco), Göteborg, 1898; *O francês na Inglaterra* (em suéco), Göteborg, 1900-1902; *O amor cortesão na literatura da idade-média* (em suéco), Stockholm, 1901; *Estudos sôbre o romance francês de Horn* (em suéco), Göteborg, 1903; *A poesia*

dos trovadores provençais (em suéco), Göteborg, 1904; *La Plainte d'amour, poème anglo-normand,* Göteborg, 1905-1907; *Stile e indagini stilistiche,* artigo na *Revista de Itália,* Roma, 1909; *O Romantismo Francês* (em suéco), Stockholm, 1915; *Le Purgatoire de Saint Patrice,* Göteborg, 1916; *A Suécia na literatura francesa até Gustavo Adolfo* (em suéco), Stockholm, 1917; *Anglonormandisch,* série de artigos publicados no *Kritischer Iahresbericht über die Fortschrifte der romanischen Philologie,* München-Erlangen, 1890-1912; *Deux poèmes de Nicolas Bozon,* 1919.

Guardou para o fim a enumeração dos estudos portugueses dêste eminente romanista, que são os seguintes:

O capítulo 3.º do 1.º vol. da sua *Die realen Tempora der Vergangenheit,* pags. 28-92, ocupa-se da língua portuguesa, com uma segurança de informação bibliográfica e documental para surpreender em quem nunca visitou Portugal. Já então, em 1888, lhe eram familiares os textos dos códices alcobacenses publicados, a literatura medieval, a clássica, principalmente do quinhentismo, e a do século XIX. Numa revista de Stockholm publicou em 1890, um artigo em suéco, sôbre o *Renascimento da literatura portuguesa no século XIX.* Em 1911 saiu a público com o seu volume *Spanien och Portugal* (*Bilder frân iberiska halfön*), Stockholm, onde há estudos de cônjunto sôbre a nossa história e a nossa literatura. Traduziu para suéco o romance de Camilo, *Amor de Perdição,* Stockholm, 1889, e deu-nos agora o volume sôbre Camões, que é o primeiro livro escrito na Suécia sôbre o nosso grande poeta nacional. Na parte crítica, essa obra ostenta um conhecimento amplo da literatura camoneana; mas não é possível informar sôbre os juízos e interpretações estéticas, porque o veda a língua em que estão expressos. Uma originalidade da obra consiste em incluir mais de oitenta estâncias e algumas líricas de Camões, traduzidas para suéco pelo próprio Prof. Vising, que não

quiz utilisar-se da tradução completa dos *Lusíadas*, que Nils Löven publicara em 1852. Löven era poeta também e foi feliz na sua versão, mas usou metros que actualmente estão fóra de voga na Suécia. Sôbre essa tradução de Löven e outra da *Divina Comédia*, do mesmo escritor, prepara o Doutor Vising um artigo crítico.

O sr. Prof. Johan Vising, que muito tem viajado pela Alemanha, Inglaterra, França, Suíça, Itália e Hespanha, nunca esteve em Portugal. Quando há anos, estando em Madrid, se propoz fazê-lo, uma enfermidade provocada pela mordedura dum insecto infectado impediu-o de realisar esse seu vivo desejo.

Na vida intelectual do seu país ocupa um alto lugar, como o testemunham as dignidades e cargos que ali lhe atribuiram: desde 1892 é sócio da *Real Sociedade de Letras e Sciências de Göteborg*, de que foi secretário nos anos de 1899 a 1907; desde 1897 é presidente do conselho de administração da Biblioteca Comunal e Universitária de Göteborg; desde 1900 preside à *Sociedade de Filologia*; e desde 1894 preside à *Aliança Francesa*.

A Real Academia de História, de Madrid, elegeu-o seu membro em 1914, assim reconhecendo os seus trabalhos de hispanisante.

O sr. *Presidente* congratula-se com a oferta da interessante obra do Dr. Johan Vising e diz que a Academia fará saber diretamente o seu reconhecimento.

O sr. *Pedro de Azevedo* leu o testamento de Diogo José Blanchevile, em que êste oficial do Erário legou à irmã de Bocage e sua desvelada enfermeira, e ao Padre José Agostinho de Maçedo, a quantia de 96$000 réis a cada um, por uma só vez. Blanchevile foi um dos protectores de Bocage durante a doença a que o poeta sucumbiu e editou o epicedio do Padre José Agostinho à morte do seu antigo rival.

Não havendo mais de que tratar, encerrou-se a sessão.

Sessão de 11 de Junho de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. Baptista de Sousa, (Visconde de Carnaxide), F. M. Esteves Pereira, Lopes de Mendonça, Pedro de Azevedo e Cristovam Aires, secretário da classe; os sócios correspondentes srs. Alves Pereira, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo Ramos, José Maria Rodrigues, Vítor Ribeiro e o sócio correspondente estrangeiro João Lúcio de Azevedo.

Lida a acta da sessão anterior, foi aprovada.

O sr. *Presidente* propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte do sr. António Maria Batista, presidente do ministério. Embora êle não pertencesse à Academia era um homem de estado notável pela sua energia, prudência, bom senso administrativo e comprovada honestidade, qualidades estas que justificam a apresentação desta proposta no seio da nossa corporação.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

O sr. *Presidente* deu a palavra ao sr. Esteves Pereira para fazer a sua comunicação.

O sr. *Esteves Pereira* disse que o sr. presidente lhe concedia a palavra em primeiro lugar por ter mais cedo participado o desejo de lêr uma comunicação, mas que vira no aviso que tambêm estava inscrito o sócio correspondente brasileiro sr. João Lúcio de Azevedo; seria por isso um desprimor da sua parte usar da palavra antes dum sócio correspondente estrangeiro, sobretudo do Brazil, com cujos sábios e literatos a Academia das Sciências de Lisboa se esforça por manter as mais bene-

volentes relações: por isso pedia ao presidente, que pelas razões indicadas e pela sua subida consideração pessoal, permitisse que o sr. Lúcio de Azevedo lesse primeiro a sua comunicação.

O sr. *Lúcio d'Azevedo* pediu licença para não aceitar a preferência que aliás muito o lisonjeia, mas que isso pertence de direito ao sr. Esteves Pereira, como sócio efectivo da Academia, como sábio, e como pessoa a quem pelos seus merecimentos todas as honras eram devidas.

O sr. *Presidente* disse que muito o lisonjeava a deferência manifestada nas relações entre os sócios desta Academia.

Instado o sr. *Esteves Pereira* leu uma comunicação acêrca da viagem de uma companhia de mercadores Banianes, nos mares da India no século v. Tomando por fundamento um jātāka budhista, escrito antes de 434, mostrou que os pilotos hindús possuiam conhecimentos suficientes para exercer com sucesso a sua profissão, não só conduzindo os navios ao longo das costas, mas também dirigindo a derrota no mar alto, orientando-se pelo sol, pela estrêla polar e pela bússula. Mostrou as fototipias de um livro, em que eram representados os navios hindús dos séculos VI e VII.

O sr. *João Lúcio d'Azevedo* disse que ia lêr um trabalho que faz parte de um estudo geral sôbre a história dos cristãos novos portugueses. O assunto não é de completa novidade, pois já tem sido tratado por outros, nomeadamente por António Joaquim Moreira na *História dos principais actos da Inquisição,* aliás cheia de inexactidões, e pelo sr. dr. António Baião em um magistral estudo no *Arquivo Histórico Português.* O americano Lea versou largamente a matéria na sua *História da Inquisição,* mas só em relação à Hespanha. Não fala na obra de Llorente que é clássica. Apesar disso restam ainda pontos a mencionar que merecem relêvo. Ence-

tando a comunicação dá notícia dos três regimentos pelos quais se governou a inquisição em Portugal: o primeiro de 1552, do Cardial Infante D. Henrique, o de 1613 e o de 1640, definitivo até à reforma de Pombal. Aponta a marcha do processo desde a denúncia e primeiras confissões até à sentença, descrevendo os tormentos e a cerimónia do auto da fé, com seus particulares. Mostra o horror do segrêdo que envolvia todos os actos do tribunal, sendo o maior martírio dos acusados e causa provável de muitas injustiças. Em sua opinião os juíses eram retos, e aplicavam à risca um regulamento, de que o direito, e não o modo da aplicação, é discutível. Sem embargo das severidades do sistema repressivo, o judaismo que êle tinha em vista eliminar, crescia constantemente. Foi necessário, no fim do século XVI, alargar as prisões inquisitoriais. Dentro em pouco perdeu-se a fé no sistema seguido, e a opinião comum foi que só pela expulsão dos cristãos novos se poderia conseguir o fim desejado.

O sr. *António Baião* agradece as palavras com que o sr. Lúcio de Azevedo se referiu aos seus trabalhos sôbre a Inquisição e felicita-o por êste seu estudo, em que não sabe se mais admire a conscienciosa investigação histórica ou a forma requintadamente literária porque foi apresentado.

O sr. *J. M. Rodrigues* lê um capítulo dos *Subsídios para uma edição crítica e anotada de Eufrosina,* em que se ocupa de êrros de imprensa da edição de 1561, que Rodrigues Lobo não corrigiu na de 1616 e Sousa Farinha reproduziu na de 1786. Alguns deles são verdadeiras diabruras tipográficas. Assim, por exemplo, a pág. 7, linha 4 (edição de 1919), onde se lê: «Eu scu dos que requerem Aretusa e comédia no mais maçorral estilo», Jorge Ferreira tinha sem dúvida escrito: Eu sou dos que requerem *a fiuza* (confiadamente) *ẽ* (em) comédia no

(nom) etc. A pág. 35, linha 15 «nam tem os peccadores nem penamilhamor por hu correr», *penamilha* está por: *pés nem trilha*. A pág. 5, linha 9, *Tiranos* deve ser *Titanos*; a pág. 18, linha 28, *críticos* está em vez de *Trágicos*; a pág. 106, linha 15, *terra dos Rumos* é a *terra dos Fumos*; etc., etc.

O sr. *Presidente* felicitou os conferentes pelos seus excelentes trabalhos.

Não havendo mais que tratar, encerrou-se a sessão.

Sessão de 24 de Junho de 1920

Presidente: o sr. Júlio de Vilhena.

Presentes: os sócios efectivos srs. F. M. Esteves Pereira, Lopes de Mendonça e Cristovam Aires, secretário da Classe, os sócios correspondentes srs. Alves Pereira, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo Ramos, José Maria Rodrigues, Vítor Ribeiro e Vieira da Silva, e o sócio correspondente estrangeiro sr. João Lúcio de Azevedo.

Lida a acta da sessão anterior foi aprovada.

O sr. *Secretário* leu uma carta do sr. Cândido de Figueiredo, participando que continuava doente e portanto impedido de sair e de assistir à sessão. Embora nunca faltasse senão por motivo justificado — falta de saúde ou incompatibilidade de serviços impreteríveis — pedia que apresentasse à Classe e ao presidente as suas desculpas.

O sr. *António Baião* comunica à Classe uma narração inédita da viagem de Fernão de Magalhães feita em Malaca, a 1 de Junho de 1552, por um castelhano, grumete da náu *Victória*. Salienta a oportunidade desta descoberta por se estar celebrando, na América e na Hespanha, o centenário de Magalhães e o altíssimo valôr histórico dêste documento que escapou às investigações do hespanhol Navarrette, do inglês Stanley, do chilêno Medina e do belga Denucé. Fica sendo a narração mais antiga da viagem do imortal português, e vem desfazer dúvidas e confirmar pontos controvertidos. O sr. António Baião faz um confronto rápido com a conhecida narração de

Pigafêta, com as da coleeção Ramuzio e com a intercalada numa carta do capitão de Maluco, António de Brito.

Êste seu estudo é destinado à publicação oficial portuguesa que se vai fazer celebrando o centenário de Magalhães.

O sr. *Gustavo Cordeiro Ramos* apresentou à Academia um estudo sôbre três obras literárias alemãs que se ocupam de Camões. A morte do poeta, romance de Tieck; a morte de Camões, tragédia de Frederico Halm; Camões, romance em verso de Rudolfo Bunge. Expoz o assunto de cada uma delas, detendo-se sobretudo na análise da primeira, cujo valor exalta pela linguagem cuidada, pelo encanto das descrições, evocação da sociedade portuguesa do século XVI e como monumento de glória elevado à memória do grande português, que a letra da Alemanha sempre considerou um dos primeiros poetas das literaturas modernas. A propósito da segunda obra fez a sua análise comparando-a com os outros dramas da época, caracterisados pela exuberância do estilo, peças declamatórias sem grande fundo. Sôbre o romance de Bunge mostrou como a originalidade de ser composta em verso o torna enfadonho, o que não impede que contenha versos de incomparável beleza; põe em relêvo principalmente o estudo superior que o poeta faz da loucura de Camões ao saber a notícia do desastre de Alcácer.

Termina por mostrar que Holtei trata um motivo análogo, embora lhe tivessem servido de inspiração as desgraças, não de Camões, mas de Henrique Kleist.

O sr. *Esteves Pereira* leu o seguinte:

Peço especial atenção da Classe de Letras desta Academia para uma obra recentemente publicada — *Dicionário dos hieroglifos egipcios* — pelo Dr. Ernest A. Wallis Budge, conservador das antiguidades egípcias e assírias do Museu Britânico. Esta obra é muito importante, não só sob o ponto de vista filológico, mas também histórico

e geográfico; seja-me por isso permitido dar uma sucinta notícia do seu plano e conteúdo.

A obra é dividida em duas secções: a primeira secção consta do dicionário das palavras egípcias, a segunda secção são os índices.

O dicionário das palavras egípcias é dividido em três partes: a primeira parte compreende os nomes, que se encontram nos textos conhecidos, tanto comuns como próprios de deuses e entes mitológicos; a segunda parte contêm os nomes e títulos de todos os reis conhecidos desde Menâ até Décio, imperador romano; a terceira parte é a lista de nomes geográficos, de país, distrito, cidade, aldeia e lugar do Egipto, do Sudan Egípcio e da Ásia ocidental, contidos não só nos textos hieroglificos como nas tábuas de Tell al-Amârna.

Estas três partes do dicionário são seguidas de uma série de índices que formam a segunda secção. O primeiro índice contêm a lista das palavras inglesas, com referências, empregadas para traduzir os termos egípcios. No segundo índice procura-se fazer a identificação dos nomes reais, que se encontram nos textos mutilados, com as formas hebraicas e gregas conhecidas. O terceiro índice contêm a lista dos nomes geográficos, com referências, sob a forma que é dada nos livros ingleses. O quarto índice contêm a lista de todas as palavras copticas, com referências, que se encontram no dicionário. Emfim o quinto índice é formado por listas de palavras não egípcias, hebraicas, siríacas, arábicas, etiópicas, amharicas e gregas, que são citadas.

Na transliteração das palavras egípcias foi seguido o sistema empregado por Birch, Brugsch, e outros eminentes egiptólogos; mas foi simplificado não só para auxiliar o estudo dos eruditos, como o trabalho da composição tipográfica.

O dicionário é precedido de uma introdução, em que é

dada a lista dos hieroglifos egipcios mais comuns, e sua correspondência fonética ou significação determinativa.

A despêsa feita com a composição e impressão desta obra monumental foi muito elevada, não só pela natureza e variedade de caracteres e tipos empregados, da extensão da obra, do cuidado da composição, e da qualidade do papel da impressão, mas também pelas condições excecionais da época em que o mesmo trabalho foi feito, desde julho de 1916 até fevereiro de 1920, isto é, durante o periodo mais crítico da guerra. A despêsa foi paga por um nobre cidadão inglês, que persiste em conservar-se anónimo, e deseja sómente ser conhecido como pessoa que se interessa muito por tudo o que diz respeito à história, religião, linguagem e literatura dos antigos egípcios que abraçaram a religião cristã. Mas a sua munificência não se limita a fazer erigir um monumento de tão grande valor, como é o dicionário; êle estende-a, e torna-a profícua, oferecendo gratuita e liberalmente a mesma obra às grandes bibliotecas inglesas e estrangeiras, e aos eruditos que teem mostrado interêsse e trabalhado pelo progresso dos estudos egícios. O sr. Esteves Pereira apresentou o prospecto do mesmo dicionário e lembrou a conveniência de se fazer aquisição desta obra, quando o sr. Inspector da Biblioteca o julgue oportuno.

O sr. *Lopes de Mendonça* disse que reconhecia a importância da publicação a que se referia o sr. Esteves Pereira; mas, dado o preço elevado que ela custava, submeteria o caso ao Conselho Administrativo a fim de obter a obra, que devia realmente figurar entre as da Biblioteca da Academia.

O sr. *Vítor Ribeiro* leu umas anotações «aos obituários da Casa de S. Roque».

O sr. *Presidente* disse que interpretava decerto os sentimentos da Classe agradecendo as interessantes comunicações que acabavam de ser feitas.

Não havendo mais que tratar encerrou-se a sessão.

Sessão de 8 de Julho de 1920

Presidente: sr. Júlio de Vilhena.

Serviu de secretário: o sr. Francisco Maria Esteves Pereira.

Presentes: os sócios efectivos srs. Visconde de Carnaxide e Pedro de Azevedo; os sócios correspondentes srs. António Baião, Fidelino de Figueiredo, Vítor Ribeiro, José Maria Rodrigues e José Joaquim Nunes e o sócio correspondente sr. Edgar Prestage.

Lida a acta da sessão anterior, foi aprovada.

O sr. *Presidente* propoz que êle, que pertence à secção de história, passe para a secção de jurisprudência, por motivos académicos; esta proposta foi aprovada sem discussão.

Disse mais que pela sua colocação na secção de jurisprudência, ficam vagos dois lugares de sócios efectivos na secção de história, um pela passagem do sr. Gama Barros a sócio emérito e outra deixada por êle mesmo. Disse que também fica vago um lugar de sócio efectivo na secção de jurisprudência pela passagem do sr. António Cândido a sócio emérito, e outro na secção de sciências económicas pela passagem do sr. Conde de Sabugosa a sócio emérito. O preenchimento destas quatro vagas vai ser anunciado e o respectivo processo seguir seus termos conforme é disposto no Estatuto da Academia.

O sr. *Fidelino de Figueiredo* mandou para a mesa algumas publicações brasileiras, chamando a atenção para a que descreve o jubileu scientífico do dr. Benjamim Franklin Ramirez Galvão celebrado pelo Instituto Histó-

rico do Rio, porque respeita a uma figura que deve ser cara a Portugal pela sua memória sôbre o *Pulpito no Brasil,* que abrange os tempos coloniais, e pelos seus trabalhos sôbre o fundador da bibliografia portuguesa Diogo Barbosa Machado. Igualmente chama a atenção para outra publicação, em que se comemora o 81.º aniversario da fundação do Instituto Histórico do Rio, a mais antiga e prestigiosa sociedade scientifica do Brasil, que relevantes serviços tem prestado à cultura daquele país. Ainda recentemente sugeriu e apadrinhou a fundação da Faculdade de Filosofia e Letras, do Rio, e tomou a seu cargo dois grandes empreendimentos, com que se propõe comemorar o centenário da Independência: a elaboração dum *Dicionário histórico e geográfico do Brasil* e a organização dum Congresso Internacional da História Americana. Por último, leu passagens dum artigo de João Ribeiro, ilustre humanista fluminense, sôbre trabalhos recentes da Academia, no qual claramente se expõe o papel que pode desempenhar no Brasil a erudição portuguesa.

O sr. *Esteves Pereira* disse que Mr. Gabriel Ferrand, em carta particular, o encarregara de comunicar à secção que acedendo ao convite que há tempos lhe fizera o sr. secretário geral Cristóvam Aires, de colaborar nas publicações da Academia, e mostrar a sua simpatia por Portugal, enviará em breve um artigo, cujo titulo é: *Notes d'histoire et de géographie orientale, contenant plusieurs sujets ayant trait à l'histoire et géographie de l'Océan Indien et de la Chine.* O sr. Esteves Pereira acrescentou que Mr. Gabriel Ferrand é um dos poucos eruditos estrangeiros que conhece e tem utilisado em seus trabalhos literários as obras dos escritores portugueses que narram os feitos dos portugueses no Oriente.

O mesmo académico leu uma nota ácêrca da *árvore triste* da Índia, à qual se refere o sexto dos *Colóquios*

dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia por Garcia da Orta e fez a comparação da lenda indiana, a que Garcia da Orta se refere no mesmo Colóquio, com a lenda ocidental da ninfa Clitie contada por Ovídio no livro quarto das *Metamorfoses* (v. 256-270).

O *Presidente* agradeceu tão interessante comunicação.

Não havendo mais de que tratar, encerrou-se a sessão.

II

ESTUDOS, DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

GEOFFROY SAINT-HILAIRE EM LISBOA

A invasão de Portugal no inverno de 1807 pelas tropas francesas é um dos actos de guerra menos desculpáveis de que achamos notícia nos tempos modernos, mas que os descendentes dos invasores se limitam a censurar algumas vezes só pelas conseqüências desastrosas, que trouxe à ditadura militar francesa.

É curioso registar que sucedesse então o caso, já verificado em outras invasões, de encontrar o conquistador entre o povo oprimido numerosos serventuários. Todavia a má vontade geral dos portugueses em breve se manifestou contra os dominadores como o sr. Cristovam Aires observa: «os franceses podiam tirar grande partido das simpatias que ali encontraram . . . se não fôsse o espirito de traição que os animara e que em breve converteu essa simpatia em odio encarniçado [1].»

Êsse espírito de traição ou melhor de hipocrisia fez dar entre nós aos vocábulos *francês* e *francesismo* uma significação especial que define a antinómia entre as boas formas do convívio social e a rude realidade.

Êsse espírito não se manifestou só nos militares, es-

---

[1] *Hist. do Exercito Port.*, vol. XII das *Provas*, 1917, pág. XXVII.

critores franceses de alto valor revelam-no a cada passo. Em termos indignados transcreve Soriano [1] as seguintes palavras de Thiers:

«Le convention datée de Cintra fût signée le 30 août... Il fut convenu de plus que les Français n'emporteraient rien de ce qui appartenait au Portugal, dont ils avaient administré les finances avec autant d'ordre que de loyauté, et auquel ils laissaient 9 millions dans les caisses, qu'ils avaient trouvées absolument vides à leur arrivée» [2].

Não se limitaram os franceses só a roubar, ainda foram mais longe porque caluniaram o povo que tinham oprimido. Entre êsses encontra-se um dos sábios mais notáveis do seu tempo, um rival feliz de Cuvier, o cirurgião Geoffroy Saint-Hilaire. Os biógrafos, principalmente seu filho, não se cansam em referir os feitos notáveis e quási sobre-humanos praticados por êsse sábio, quer em França, no tempo da Revolução salvando inocentes do cadafalso, quer no Egito por ocasião da ocupação francesa fazendo recuar os ingleses que lhe queriam extorquir o produto das suas frutuosas rapinas scientíficas. Não se esquecem os biógrafos de pôr em relevo o procedimento de Saint-Hilaire em Portugal incumbido da missão de explorar os museus dêsse país, de proteger os sábios indígenas, de ilustrá-los e de lhes enriquecer os depósitos com objectos que êle trouxera atravez de Hespanha em plena ebulição contra os seus visinhos do outro lado dos Pirineus.

Não me ocuparei em verificar se são verdadeiras todas as alegações que os biógrafos fazem em honra do seu herói, porque essa investigação teria de ser muito minuciosa e por vezes impossível de fazê-la por falta de documentos.

---

[1] *Hist. da Guerra Civil*, 2.ª época, tom. I, (1870), pág. 439.

[2] *Hist. du Consulat et de l'Empire*, IX (1849) pág. 235.

Tal é o caso que se dá no que diz respeito às relações do francês com os representantes nacionais da sciência. Em todo o caso a carta agora escrita de Vandelli e os trechos de vários autores que trataram de Saint-Hilaire, sob a fé da biografia, que não conheço, de Isidoro Saint-Hilaire, filho do naturalista, são suficientes para abrir o caminho neste curioso episódio das relações scientíficas da França e Portugal.

É oportuno notar que apesar da extraordinária e justificada influência intelectual que exerce sôbre nós aquela parte da Europa transpiranáica, as produções scientíficas dêsse país a nosso respeito ficam muito atrás em número e qualidade às que nos oferecem a Alemanha e Inglaterra.

O que se sabe ter conseguido levar para França Geoffroy Saint-Hilaire é o seguinte:

1.º Várias colecções do Museu da Ajuda. Estas foram restituidas em 1860, graças aos esforços do naturalista Barbosa du Bocage.

2.º 554 chapas pertencentes à Flora do Rio de Janeiro de que era autor Fr. José Mariano da Conceição Veloso.

3.º Manuscritos da casa dos Duques de Cadaval, que Morel Fatio no *Catalogue des ms. espagnoles et des ms. portugais*, publicado em Paris em 1892, descreve assim a pág. xxv; «23[16] papiers des ducs de Cadaval provenant de Geoffroy Saint-Hilaire père; 24 à 32 [20 à 28], idem; 34 et 35 [29 et 30], idem; 37, [31], idem». Os documentos vem relacionados nêsse catálogo.

O roubo feito no Museu da Ajuda foi tanto mais odioso que o govêrno português não se cansava em enviar aves, conchas e até minérios de ouro para França, o que fazia a pedido do incivil general Lannes, embaixador de França, a partir de 19 de Agôsto de 1803 até 7 de Maio de 1804. É o que consta da nota do sr. Bettencourt Ferreira, publicada no *Boletim da Segunda Classe*, da Academia das Sciências de Lisboa, vol. v (1912), pág. 373.

O que publico agora não tem pretensão de ser um completo trabalho, significa apenas o empenho de iniciar pesquisas a respeito das relações de Portugal com alguns Estados poderosos da Europa.

Pedro de Azevedo.

DOCUMENTOS

I

1808

(manuscrito)

Senhor. — Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botanico, Museo etc. reppresenta a V. A R. que entre as Repartições da Sua Real Casa o Museo escapou á pilhagem de Chuffre[1] cunhado do General Junot, que tendo noticia nelle haver folhetas e barras de ouro, e suppondo tão bem porção de diamantes, nos primeiros dias da sua chegada o foi visitar, mas ficou lograda a sua cubiça; porque os diamantes são pequenos e não são mais que nove, e as folhetas e barras de ouro precavendo o saque as entreguei a V. A. R. em dous saquinhos na vespera da sua partida; pelo que o Chuffre não sendo curioso das outras producções Naturaes não voltou.

Poucos meses depois chegou Geoffroy de S.t Hilaire, hum dos Proffessores de Historia Natural do Museo de Paris, mandado pelo Ministro do Interior da França para tirar deste Museo todas as producções Naturaes, que faltassem no de Paris, indicando a grande massa de cobre nativo da Bahia, e que fizesse collecção de manuscriptos maes raros, donde os achasse, e cartas geographicas das Colonias etc.

Tive eu ordem do Governador de patentear o Museo ao Geof-

---

[1] Luz Soriano, na *Hist. da Guerra civil*, 2.ª epoca tom. I (1870), p. 446 chama-lhe Juffre, administrador geral dos dominios da coroa. O nome era Geouffre. Tanto êste nome como Joffre, Geoffroy e Godefroy derivam de *Godefredus*.

froy; pelo que para assistir a sua escolha, e não houvesse saque, nem descaminhos, pedi nos dias, que devia hir a Ajuda sege, ou parelha das Reaes Cavalharices que me foi concedido, tendo a já por mercê de V. A. R., mas que na entrada dos francesees me foi tirada.

Escondi as maes raras produções naturaes, e principalmente a maior parte que não erão duplicadas por meio do fiel José Antonio Pires.

Instei com o Geoffroy para deixar o cobre nativo, por ser enorme o seu peso, e difficultoso o transporte por terra, e porque era o principal ornato deste Museo; e ficassem os animais, que como desconhecidos dos Naturalistas, eu e meu filho moço da sua Real Camera tinhamos descriptos, sendo os maes animaes por elle escolhidos quase todos duplicados, exceptuados as conchas, e algumas especies de macacos; o que alcancei.

Assinados os catalogos pelo Governador, do que escolheo Geoffroy deixei encaixotar, e transportar as caixas para a Junqueira, de donde os hia embarcar

Mas como sucedeo a feliz restauração do Reino dando lugar a reclamações, logo pedi ao General Beresford a restituição das caixas que Geoffroy tinha tirado deste Museo, que aparecendo neste Quartel General dizendo, que nas ditas caixas existião misturados muitas produções naturaes, que lhe pertencião recolhidas na sua viagem, e outras obtidas de varias pessoas, ou compradas, e hum Herbario do dr. Brotero, ao qual tinha dado huma grande collecção de sementes, que se repartirão com este Jardim Botanico, e ao Museu fez presente de muitos mineraes, que nelle não existião, e por ter eu ja de V. A. R. obtida licença de trocar as produções Naturaes duplicadas do dito Museo para enrequece-lo mais com o que faltasse (como por varias vezes fiz); e prometendo-me Geoffroy, quando as cousas fossem socegadas remeter-me o dobro do Museo de Paris, que faltasse a este; e que entretanto em compensação dos animaes me dava cinco caixas de manuscritos recolhidos em varios pontos e 23 grandes Volumes com folhas das estampas da Historia de Luiz XIV e coroação de Luiz XV, que nenhum reclamou, e contendo os ms. muitas obras ineditas, e interessantes para a Historia deste Reino, e das Colonias, de Politica, e finanças, Bellas Lætras etc lhe deixei as caixas dos Animaes, e me fiz restituir a das conchas, porque continha as mais raras e das quaes não havião (sic) duplicadas, na caixa dos mineraes por serem quaze todos do Brazil, aquella da Hora do Perú copiada do original e a do Rio Janeiro ineditas, as quaes no fim por ordem do Junot tirou da Biblioteca do Museo.

Presentei na Junta da Comissão os catalogos assinados, e a relação do que tinha recebido de Geoffroy em compensação dos Animaes, e me passou o junto certificado.

Nesta geral separação das produções Naturais, e reposição das, que se restituirão, ficou o Museo tão desordenado, que necessita reordenar-se e pôr as etiquetas, que se confundirão, ou perderão; pelo que devendo eu com maior frequencia hir a Ajuda, tãobem para continuar o catalogo e dirigir e vigiar as pessoas empregadas nestes estabelecimentos não podendo eu esperar auxilio algum do Vice Director, se não que como thezoureiro por ser inhabilitado sahiu de casa por causa de molestia cronica — portanto P. a V. A. R. seja servida a continuação da mercê da sege das suas Reaes Cavalherices E. R. M.

Nesta Commissão entregou o Sr. Dr. Domingos Vendelli como encarregado por S. A. R. da Administração e regulação do Muzeo do mesmo Senhor, todas as declarações relativas ao mesmo Muzeo, declarando que em lugar de alguns animaes que nenhuma falta fazião deu Mr. Geoffroy muitos Mineraes, e varios manuscritos raros, ficando por todas estas razões utilizado, e não damnificado o referido Muzeo. Lisboa, 17 de Septembro de 1808. — *Antonio Rodrigues de Oliveira.*

We aknowledge to haven received from sig.r Dr. Domingos Vandelli a report relativ to the restitution of some Articles of Natural History by the French to the referred Museum as also respectivy an Exchange made with the French of their articles and which Exchange he states to be in favour of the referred Museum of Belem. 17 Sep. 1808.

N. Trant
L.t C.el [1]

II

1808

(manuscrito)

Ill.mos e Ex.mos Snr. Por avizo de 24 do corrente mandão V. V. Ex.as que eu dê conta do estado em que ficarão os Palacios Reaes que estavão debaixo da minha inspecção, e os extravios que nelle fizerão os Franceses.

[1] Torre do Tombo, Ministerio do Reino, maço 279, Cavallariças Reaes.

Pela vestoria a que procederão o Architecto e Mestres da Casa das Obras, me informarão, que o Palacio de Belem para se reduzir ao seu antigo estado, avaliando as ruinas que fizerão, as casas imperfeitas que deixarão e as acomodações que alterarão será necessária a quantia de 35 contos de reis.

No Palacio de Queluz desmancharão toda a configuração interior do quarto da S. S. Snr.ª Princeza D Maria Benedicta, do quarto do S. S. Snr. Infante D. Pedro Carlos, e outros; deixarão obras imperfeitas, avalião estas ruinas, e a redução ao seu antigo estado em 40 contos de reis [1].

No Palacio de Mafra adonde destruirão tudo quanto poderão, arrancando quazi todas as portas e postigos, todas as ferragens, divisões de madeira, solhos, Torneiras de bronze, e emfim adonde deixarão quazi somente o que ha de Pedra foi avaliada toda a ruina em 350 contos de reis.

A ruina do Palacio de Salvaterra consta-me pelo Almoxarife, que importará em 3 contos de reis.

No Palacio do Pinheiro não houve ruina algũa no edificio, mas o General Kellerman tirou as Armações, Moveis, e Camas.

No Palacio velho d'Ajuda tirarão do Gabinete de Phisica dois Mappas que ja restituirão, e da Bibliotheca particular nada tirarão.

O Palacio de Samora nada soffreo, e athe agora não me chegou informação legal da Quinta da Murteira.

Do Palacio da Bemposta só tirarão mobilia da Coroa, e do Infantado, algũa do qual ja está restituida.

Assenhoreando-se Jeoffre com força armada, no dia imediato á chegada do Exercito, dos Palacios de Belem, Queluz, e Necessidades, pondo sellos nas portas, despedindo os Criados, e guardando as chaves, não posso saber o que dali tirarão: porque tendo eu Inventarios exactos de quanto havia nos Palacios de Belem, e Necessidades, adonde erão os depozitos de mobilia, e Pinturas, tendo-se encaixotado tudo para hir para o Brazil, hindo só parte e tomando imediatamente o dito Jeoffre posse dos mesmos Palacios, não pude liquidar o que foi para o Brasil, e o que ficou.

Em execução da Ordem que recebi da S. A. R. datada de Bordo em 28 de Novembro do anno proximo passado, fiz recolher ao Palacio de Belem grande quantidade de Barcos que tinhão ficado no

[1] «Les maisons royales ne furent pas oubliées: le château de Quelus et son parc furent entièrement réparés: ils devinrent en peu de mois plus beaux qu'ils ne l'avaient jamais été». Thiébault, *Relation de l'expedition du Portugal*, 1817. pág. 97.

Caes, muitos pertencião á Caza Real, os outros á Familia, de tudo tomou posse Jeoffre, de tudo roubou: e disto não se pode fazer conta porque se ignora o que continhão os ditos Barcos que ali se recolherão.

Tenho procedido com toda a efficacia nas reclamações de tudo, quanto sei de certo que tirarão, e tenho conseguido a restituição de varios objectos: tendo-se achado pelas cazas adonde aboletavam os Generaes algũa Tapessaria, cortinas de Damasco, Alcatifas, e Mobilia, que tenho feito guardar no Palacio das Necessidades: e só depois de tudo recolhido, he que poderei dizer com alguma exatidão que extravios que houve; sendo certo que ha de faltar munta couza principalmente Prata, e oiro: e para maior execução seria necessario que os Ministros que forão authorizados pelo Conselho da Regencia para inventariar as Cazas Reaes me apresentassem os Inventarios que então fizerão para por elles entrar em conhecimento de tudo que falta.

He o que posso informar a V. V. Ex.as que mandarão o que forem servidos. Lisboa 28 de setembro de 1808. — *João Diogo de Barros Leitão e Carvalhoza* [1].

III

1808

(Satírico)

«*Cassilhas 15 de Setembro.* — Junto desta praça apareceu morta no dia 12 huma ave que he inteiramente desconhecida. O feitio he de Aguia; mas a côr he amarela e o corpo alguma cousa pequeno para Aguia: as unhas do pé direito estão muito gastas, e a aza esquerda quebrada. Os curiosos que a abrirão acharão-lhe nas goellas atravessado hum osso de Leão, e no buxo alguns diamantes. A maledicencia, prompta sempre a deitar veneno em tudo, quiz dizer que esta ave rara, era o simbolo de Napoleão, que vem de degirir os diamantes do Brazil, nem tão pouco engolir os obstaculos da Hespanha. Porêm não advertem estes faladores que esta ave era mortal e caduca, e que Napoleão he omnipotente e immortal?

Seria razão enviar esta raridade ao grande Muzeu de Pariz, em

---

[1] Torre do Tombo, Ministério do Reino, maço 279, Inspecção do Porteiro da Camara. Não obstante referir-se este ofício só aos prejuizos nos paços reais, o seu teor mostra o espirito que animava os invasores de respeitarem a propriedade portuguesa.

algum dos caixotes que estavão distinados para transportarem o Muzeo Regio e o Mármore». (P 34).

«Mandou O general Junot que o Deposito publico o qual se tinha mudado para bordo da nau Vasco da Gama tornasse para a sua antiga casa no largo do Pelourinho, assim como o Real Muzeu para a quinta de Belem, donde tinha saido, havia poucos dias. . » (Pg. 39).

Gazeta de Almada. Uma recordação dos tempos de Junot, colligida por João Braz de Oliveira. Lisboa, 1907.

IV

1808 (?)

«O Deputado Lourenço Homem prometeo subtrahir aos Inimigos a preciosa Collecção de todos os Mappas, Cartas Geographicas, Plantas e duas chapas da Carta Militar de Portugal, que tinhão prompta para embarcar».

«O Deputado Secretario declarou ter já recebido a Collecção dos Mappas, &c. mencionado em Sessão XXXIV da mão do Deputado Lourenço Homem, que não só nesta acção fez hum grande serviço, mas se prestou para outros muitos em tudo quanto delle exigissem; e como fosse de esperar que o governo o procurasse para lhe fazer exhibir o subtrahido, assentámos que se retirasse a lugar seguro, ficando a nosso cargo cuidar da segurança de sua familia &c.

Catalogo por copia extrahido do original das sessões e actas feitas pela sociedade de Portuguezes dirigida por hum Conselho intitulado Conselho Conservador de Lisboa. Lisboa, p. 26 e 37.

V

1811

«O Naturalista Geffroi de St. Hilaire mandado de França com ordem do Ministro do interior para recolher os productos de Historia natural que faltassem no museo nacional de Paris, chegou a Lisboa nos principios de maio, e se apresentou de surpreza, sem se ter annunciado, ao Director do museu Real da Ajuda Domingos Vandelli para que lho mostrasse, e franqueasse. Já vinha informado de algumas das suas raridades como especialmente d'huma massa de cobre nativo, a maior que se conhece em toda a Europa, originaria do Brasil onde foi descuberta no anno de 1782 a 2 leguas da Cachoeira, e 14 da Bahia, que pezou 2$616 arrateis, de figura rhom-

boidal, com a superficie superior irregular por causa de algumas cavidades, e protuberancias. O medico Francez Danton, que acompanhava Geffroi, aconselhou a Vandelli que lhe não mostrasse os diamantes; mas este mesmo bom homem Danton vendo no museô huns cristaes lapidados os foi mettendo no seu bolço, julgando que erão diamantes; engano que depois teve a sinceridade de confessar.

Tirou Geffroi o que quiz, tendo-se conseguido o ficarem-lhe escondidas as medalhas, e alguns mineraes, e conchas preciosas: a final quando tudo se mandou restituir em consequencia da reclamação do Director, houve huma troca de caixotes, de que resultou levarem os Francezes alguns peixes, macacos, e aves quasi tudo do Brazil, e deixarem huma importante collecção de estampas, livros, e manuscriptos raros, que sem dúvida tinhão roubado em outras casas, sendo muito notavel entre estes objectos huma vida de Luiz XIV. illuminada com estampas preciosas, arranjadas em 23 volumes. Tenho em meu poder huma relação dos livros, e manuscriptos, muitos dos quaes, alem de serem, ou raros ou unicos, são muito uteis, e curiosos, principalmente alguns que respeitão á historia da India. Averiguou-se que muitas delles erão da casa de Cadaval».

José Accursio das Neves, *Historia geral da invasão dos francezes em Portugal*, tom. v. Lisboa, pág. 264.

VI

Note sur les objects d'histoire naturelle recueillis en Portugal par M. G. S.-H.

(*Annales du Muséum*, t. XII).

VII

1812

«At Belem are the royal gardens, which, altthough magnificent, are in too formal a style to please an English taste. At few rare birds remain in the aviary, but the menagerie was completely emptied by Junot.

The royal museum still contains a great number of natural curiosities, although a considerable quantity had been caried off by the French, and many rare productions wantonly destroyed».

William Stothert, *A narrative of the principal events of the campaigns of 1809, 1810, & 1811 in Spain and Portugal* Londres, p. 11.

VIII

1817

«O Museu de Historia Natural de Paris, prodigiosamente enriquecido pelas preciosidades daquelles por onde passaram os exercitos francezes, contém uma infinidade de presentes de particulares, e especialmente dos professores. Como portuguez, não poderia deixar de notar ali com o seu competente rotulo alguns d'aquelles que o professor Geofroi levou de Portugal: Mr. Geofrois não diz no rotulo que lh'os deram ou que os comprara em Portugal, mas somente — apporté de Port.»

Nota comunicada pelo dr. Manuel Pedro de Melo ao dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, e por este transmitida ao redactor do Jornal de Coimbra. Não consegui encontrar neste Jornal o trecho acima publicado que me é fornecido por J. S. Ribeiro, *Hist. III.* p. 356.

IX

1822

«Le Cabinet d'Histoire Naturelle à Ajuda est encore assez bien assorti, surtout dans la partie minéralogique, et dans celles des oiseaux et des coquillages, quoique le savant commissaire envoyé par Napoléon pendant l' occupation française lui ait enlevé 3000 pièces de minéralogie, 400 espèces d'animaux rares du Brésil et d'autres possessions portugaises, dont quelques-unes venaient d'être découvertes, et un herbier contenant 2000 espèces, parmi lesquelles plusieurs étaient très-rares. Le Portugal n'a pas encore pu obtenir la restitution de ces objets».

Adrien Balbi. *Essai statistique sur le Royaume de Portugal.* tom. II p. 93: J. S. Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos*, tom. III, 1873, pag. 356.

X

1829

«Beaucoup de caisses avec des effets du musée royal [1], qui étaient déjà empaquetés pour Paris, beaucoup de livres des biblio-

[1] Il y eut alors des méprises. Ainsi les Français laissèrent pour quelques caisses de poissons et oiseaux brésiliens, plusieurs caisses de gravures, livres, manuscripts, etc. pris dans des maisons particulières.

théques, en partie pris pour l'usage particulier du général Junot, furent alors également restitués».

De Chépeler. *Hist. de la révolution d'Espagne et de Portugal.* Traduit sous les yeux de l'auteur. Liège, tom I, pag. 389.

XI

1839

«En 1798, Geoffroy fit partie de l'expédition d'Égypte. On sait quelle fermeté il déploya pour conserver à la France tant de précieux materiaux recueillis au prix de peines infinies, et entre autres ses derniers manuscrits réservés pour la comission des sciences et des arts. Après la capitulation d'Alexandrie, il ne les arracha des mains du géneral anglais, qui voulait les retenir, qu'en le menaçant de les détruire. «Nous brûlerons nous mêmes nos richesses, lui dit-il et l'histoire redira que vous avez brûlé une autre bibliothèque dans Alexandrie».

«Une mission dans le Portugal, dont le but était la réorganisation de l'instruction publique (1810), offrit à son courage, à son amour pour la science et à sa bienfaisance une nouvelle occasion de se produire. Les Anglais voulurent encore une fois le spolier des riches collections qu'il destinait à la France; mais une députation des conservateurs d'Ajuda se rendit auprès des commissaires anglais, pour attester que ces collections avaient été données au naturaliste français en échange de minéraux apportés de Paris, et que la classification du cabinet d'Ajuda était le fruit du travail de ce savant. Cette déclaration et le sacrifice que fit M. Geoffroy de plusieurs caisses contenant ses propres effets, abandonnés aux exigences du peuple, lui permirent d'enrichir le Muséum de Paris d'une collection complète des productions du Brésil».

Encyclopédie des Gens du Monde, tom. XII, Paris, p. 312.

XII

1839

«Neste mesmo convento [*de Jesus*] se acha hoje bem collocado o *Museu de historia natural,* o unico que merece este nome em todo o Reino mas pouco abundante em objectos raros, sobretudo depois que foi roubado pelos Francezes».

P. P. Camara. *Descripção geral de Lisboa em 1839,* Lisboa, p. 121.

XIII

1845

Geoffroy Saint-Hilaire em Portugal[1]

«A missão de Geoffroy St. Hilaire em Portugal, que alcançou para nossas diversas collecções riquesas tão preciosas, póde ser citada como um dos mais bellos exemplos das vantagens positivas, que resultam da moderação e da humanidade no exercicio do poder. É cheia de incidentes de toda a especie, que fazem da sua narração um dos capitulos mais interessantes da história deste illustre sabio.

Pela occupação de Portugal em 1807, o imperador, que jamais separava os interesses da sciencia dos da politica, quiz que um naturalista alli se dirigisse imediatamente para explorar as riquesas scientificas que a longa dominação de Portugal na America naquelle paiz accumulava. O enviado do governo francez devia visitar as collecções d'historia natural, e determinar quaes os objectos que poderiam ser transportados para Paris. A pedido de Geoffroy St. Hilaire, encarregado da missão, juntaram se á historia natural não somente todas as sciencias em geral, mas ate as letras e artes. Suas instrucções confidenciaes davam-lhe a este respeito poderes illimitados. Por uma determinação cheia de grandeza, e cujos resultados deviam amplamente mostrar toda a prudencia, Geoffroy St. Hilaire quiz que sua missão fosse igualmente util a Portugal e á França.

As collecções de Portugal eram ricas em objectos trazidos pelos navegantes dos paizes longinquos, mas incompletas em outros objectos não menos importantes, desordenadas, mal classificadas: nosso sabio tendo concebido a ideia de levar comsigo varias caixas cheias de duplicados do museu que, inuteis aqui, se tornavam naquelle paiz do mais alto preço, e por conseguinte de servir aos interesses da sciencia nos dois paizes ao mesmo tempo.

Chegado a Lisboa, depois de ter estado a ponto de ser assassinado na Hespanha, que elle acabava de atravessar no primeiro fogo da insurreição contra os francezes, foi recebido de braços abertos por Junot, pois este ultimo fora seu companheiro no Egypto, e que dispondo de um poder quasi absoluto lhe assegurava antecipadamente toda a protecção, de que podesse carecer na sua missão. Deram-se ordens aos conservadores dos museus e bibliothecas do Estado e dos conventos, e até dos particulares, de communicarem ao com-

---

[1] *Magasin Pittoresque*, vol. 16, p. 173.

missario imperial todas suas riquezas, e de annuir a todos seus pedidos Houve um susto geral : via-se ja Portugal despojado de todas suas riquezas litterarias e scientificas. Porem o receio não durou muito Geoffroy St. Hilaire começou por declarar que os depositos publicos ou dos conventos seriam todos visitados por elle, mas na qualidade de inspector. O rico convento de Nossa Senhora de Jesus foi o primeiro a receber sua visita. Deixou aos frades quanto tinham, e recebeu delles somente alguns fosseis, cuja importancia estavam bem longe de apreciar, e algumas amostras de mineralogia, que possuiam em duplicado. Por isso bem longe de esconderem, apressavam-se a tudo lhe patentearem. Em S. Vicente de Fora estando a admirar os manuscriptos preciosos que vinham mostrar-lhe, crendo que esta admiração não era mais que o preambulo adocicado d'um pedido formal apressaram-se de o prevenir, pedindo lhe unicamente licença para ficarem com as copias. Vim, respondeu elle, organisar os estudos, e não roubar os elementos. Contentou-se com fazer neste convento o que fizera no outro.

Porem os religiosos em sua alegria foram mais expansivas, e lembraram-se de lhes enviar um prezente. «É pena, disse Geoffroy, ao retirar se; eu tinha vontade de ir-me despedir desses bons religiosos». Os gabinetes de historia natural pertencentes ao governo não tiverão menos que lhe agradecer. Tratava-se aqui dos beus do rei, e, apesar de mais livre, tambem não abusou. Estes gabinetes na occasião de sua chegada nada mais eram que um montão de objectos não classificados, offerecidos á curiosidade publica muito mais que aos estudos e investigações dos sabios. Na sua partida tudo estava mudado. A ordem methodica e os rotulos tinham sido introduzidos, e a preciosa serie de mineraes levada por elle de Paris, tinha sido trocada.

Não se contentou em proteger as collecções, protegeu tambem os sabios A amisade de Junot, lhe forneceu os meios. Muitos sabios affeiçoados á antiga ordem de coisas eram victimas da nova: tiveram desde então em Geoffroy St. Hilaire um confrade dedicado. Por isso um dos professores mais distinctos da universidade de Coimbra, o botanico Brotero, suspenso e privado de seus ordenados, tinha-se refugiado n'um arrebalde, onde vivia obscuramente, e em miseria extrema. Geoffroy corre a sua casa, faz-se seu advogado perante Junot, insiste, e nada consegue. Brotero recebe comtudo no dia seguinte uma parte do que reclamava, com um convite a que guardasse segredo. «O general, disse, nem mesmo quer que vós lhe agradeçais, pois o caso se divulgaria, e toda a gente reclamaria como vós». Apesar deste convite, o reconhecimento não o poude conter. Brotero

escreve ao duque, que fica como furioso, pois toma estes agradecimentos, não merecidos, como uma ironia. Mas bem depressa a confissão do piedoso estratagema de St. Hilaire o commove e desarma, e concede o que ate então obstinadamente tinha recusado.

O mesmo caso se deu com Verdier, membro correspondente do Instituto de França. Gravemente comprомettido pelos acontecimentos politicos do começo de 1808, estava no exilio, e Junot mostrava se excessivamente irritado contra elle. Á força de pedidos, e de ter attraido sobre si mais do que uma vez a colera do general, o nosso joven sabio obteve que finalmente o tirassem do exilio: e foi Verdier quem no anno de 1814 por um generoso impulso escreveu a relação dos serviços prestados á instrução publica em Portugal por Geoffroy St. Hilaire.

Mas de todas as belas acções do mesmo genero, que foi permettido a St. Hilaire fazer nesta epoca de commoções e de reacções, nenhuma recebeu uma mais tocante recompensa, que o serviço que teve a ventura de prestar ao arcebispo de Evora, ameaçado um instante durante a occupação desta cidade. Algumas semanas depois o arcebispo por sua intervenção omnipotente, salvava por sua vez os homens dos nossos postos surprehendidos pelo inimigo, e dirigia a Geoffroy St Hilaire estas enternecedoras palavras :

Lembrei-me de vós

Em seguida aos dias de triumpho, como se vê em quasi todas as coisas humanas, vieram os dos revezes. Junot, reduzido a dez mil homens, contra o exercito inglez desembarcado debaixo do comando de Wellington, viu-se obrigado a deixar Portugal. Geoffroy St. Hilaire, que figurava na desastrosa batalha do Vimeiro como cirurgião militar, teve que seguir a fortuna de seu general, e foi levado para França numa Fragata ingleza. Não se retirava com as mãos vazias, pois as tinha enchido muito gloriosamente. Os commissarios inglezes logo depois da sua occupação de Portugal tinhão-lhe dado ordem de largar immediatamente todas suas collecções; mas, apoiado pela Academia de Lisboa que tanto tinha que lhe agradecer em attenção aos perseguidos, agora poderosos, aos quaes tinha socorrido, obteve que suas caixas lhe fossem deixadas, mas como objectos d'elle, ao passo que para prestar homenagem ao principio, abandonava quatro É o que praticou; mas abandonou quatro, que lhe pertenciam.

As galerias do museu achavam-se enriquecidas com uma multidão de objectos de Malabar, Cochinchina e sobre tudo do Brasil, e mesmo com varias especies desconhecidas totalmente na sciencia até então, e que Geoffroy St. Hilaire foi o primeiro a descrevel-as,

taes como os coriamas, e os cephalopteros. Porem não se tinha limitado à historia natural, e a Bibliotheca nacional deve lhe um dos mais preciosos acrescimos de seus manuscriptos. É com um verdadeiro transporte (diz Mr Pavie no seu relatorio ao ministro de instrucção publica acerca destes manuscriptos) que vi offerecerem-se-me a meus olhos cartas de todos os soberanos, que governaram Portugal desde 1557 ate 1715, D. Sebastião, o cardeal rei D. Henrique, Philippe II de Hespanha, Luiz XIV Delphim, Carlos II de Inglaterra, etc. Ao todo cinco mil documentos originaes.»

Não foi bastante ter levado as collecções para França: 1815 veiu ainda alli ameaçal-os. O duque de Richelieu, tomando a iniciativa, escreveu ao ministro de Portugal convidando o a fazer valer seus direitos. A resposta de Portugal foi que nada se reclamava, porque nada havia a reclamar. «Os commissarios da Academia e os conservadores da Ajuda (diz o ministro officialmente) consideram que Mr. Geoffroy recusou usar da auctorisação que tinha obtido para escolher os objectos unicos: somente pediu duplicados, e o que recebeu lhe foi dado em troca de objectos de mineralogia raros e desconhecidos em Portugal, que trouxera de Paris, e por causa do cuidado que teve com a classificação dos rotulos das collecções deixadas na Ajuda».

Eis indubitavelmente um documento unico nos actos diplomáticos de 1815, e que não dá menos honra a Portugal, que ao sabio francez».

E. *Note sur les objets d'histoire naturelle recueillis en Portugal.* (No tomo 12.º *dos Annales du Museum de Paris*). Apud Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros*, tom I, 1879. p. 379.

XIV

1857

«Geoffroy Saint-Hilaire *(Étienne)*, célèbre naturaliste français, né à Étampes (Seine-et-Oise), le 15 avril 1772, mort à Paris, le 19 juin 1844. Il appartenait à une famille honorable, mais peu fortunée, qui de Troyes était venue s'établir à Étampes.

.. Enfin, au moment de quitter l'Egypte, il parvint, par son énergie à sauver les richesses scientifiques que la capitulation du 31 août abandonnait aux Anglais. Le général Hutchinson, malgré les instances des savants, exigeait que la capitulation fût strictement exécutée, et Hamilton était venu de sa part annoncer à Geoffroy Saint-Hilaire et à ses collègues que toute démarche nouvelle

serait inutile. «Ce fut alors que, par un élan courageux, par une inspiration énergique Geoffroy Saint-Hilaire sauva une partie que tout le monde considérait comme perdue.» «Non, s'écria-t-il, nous n'obéirons pas. Votre armée n'entre que dans deux jours dans la place. Eh bien, d'ici là le sacrifice sera consommé : nous brûlerons nous-mêmes nos richesses. Vous disposerez ensuite de nos personnes comme bon vous semblera.» Ainsi les rôles étaient renversés les vaincus menaçaient: Hamilton, pâle, silencieux, semblait frappé de stupeur. «Oui, nous le ferons, s'écria Geoffroy Saint-Hilaire. C'est à de la célébrité que vous visez. Eh bien, comptez sur les souvenirs de l'histoire: vous aurez aussi brûlé une bibliothèque d'Alexandrie». Ces paroles, rapportées à Hutchinson, le décidèrent à revenir sur ses ordres, et l'article 16 de la capitulation fut annulé.

.... Quelques mois après, mars 1808, il fut chargé d'une mission scientifique dans le Portugal, que l'armée française sous les ordres de Junot occupait depuis le mois de novembro 1807. Il traversa l'Espagne soulevée contre l'invasion française, courut les plus grands dangers, et fut retenu prisonnier pendant plusieurs jours à Merida. En Portugal il retrouva en Junot un ancien compagnon d'Egypte qui le reçut à bras ouverts et lui fournit tous les moyens d'exécuter sa mission. Il s'en acquitta avec son zèle ordinaire, et y apporta les plus grands ménagements pour le peuple vaincu qui pouvait craindre d'être dépouillé. S'il emporta du Portugal plusieurs caisses d'échantillons minéralogiques, de plantes, d'animaux brésiliens, il enrichit le Musée de Lisbonne d'une précieuse série de minéraux apportés de Paris et mit de l'ordre dans les collections qui n'avaient été jusque là qu'un inutile object de curiosité. Il se fit le protecteur des savants et des gens de lettres. Son humanité et son désintéressement furent les arguments qu'il fit valoir pour conserver ses collections lorsque les Anglais en demandérent la remise après la convention de Cintra; il les rapporta en France, et quand toutes les nations reprirent ce que les Français leur avaient enlevé, le Portugal seul ne réclama rien».

Nouvelle Biographie Générale ... publiée par M. M. Firmin Didot Frères sous la direction de M. le Dr. Hoefer, t. xix, Paris, p. 42. A bibliografia é a seguinte: Isidore Geoffroy Saint-Hilaire. *Vie, Travaux et doctrine scientifique d'Ét. Geoffroy Saint Hilaire.* — Flourens, *Éloge historique d'Et. Geoffroy Saint-Hilaire.* — Pariset. dans *l'Histoire des Membres de l'Academie royale de Médecine*, t. II. — *Discours* de M. M. Serres et Dumas aux funérailles de Geoffroy Saint-Hilaire; dans le *Moniteur*, 1844, p. 1888. — F. Hoefer. dans le *Nouvelle Revue encyclopédique.*

XV

1860

«Consta do catalogo do sr. Lagos, que este titulo é fielmente copiado dos onze volumes de estampas da *Flora Fluminensis*, cujo manuscripto se conservava ainda em 1840 na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro. — O 1.º volume do texto, que se começara a imprimir na Typ. Nacional d'aquella côrte, e que não chegára a ser concluido, tem o titulo seguinte: *Flora Fluminensis etc.*

Em Lisboa, e antes da partida para o Rio de Janeiro, tratava o Padre Velloso de dar esta obra á luz a expensas do Governo, tendo-se começado, não sei se ainda na Typographia do Arco do Cego, se já na Imprensa Nacional, a gravura das respectivas estampas, que ia grandemente adeantada. É o que se vê, bem como o destino que tiveram as chapas, pelo seguinte curioso paragrapho de um officio dirigido ao Governo em 31 de Agosto de 1808 pela Administração geral da Imprensa Nacional, (registado a fol. 31 do *Livro das consultas da Junta Administrativa, Economica e Litteraria*, que exista n'aquelle estabelecimento) e me foi ha pouco communicado pelo benemerito empregado da mesma repartição, o sr. F. A. de A. Pereira e Sousa, a quem muito deve este *Dicionario*. Diz o alludido §:

«No dia 29 de Agosto de 1808 depois do meio dia, apresentou-se na Imprensa Regia Mr. Geoffroy St.-Hilaire com uma ordem de s. ex.ª o Duque de Abrantes, datada de 1 de Agosto, ordenando que se lhe entregassem 554 chapas pertencentes á *Flora do Rio de Janeiro*, de que era autor Fr. José Mariano da Conceição Velloso, as quaes se entregaram, e levou consigo na mesma sege em que veio».

Innocencio, *Dicc. bibliogr. portuguez*, v, Lisboa, p. 55; e *Historia da botanica em Portugal* (do Conde de Ficalho?), pertencente á Bibliotheca Corazzi, Lisboa, 1883, p. 45.

XVI

1860

«Durante a minha residencia em Paris pareceu-me conveniente tentar obter do jardim das plantas, não a restituição dos exemplares que d'aqui recebera em 1808, mas o do donativo de algumas das collecções que este magnifico estabelecimento possue em duplicado nos seus vastos armazens, como justa compensação do que devia ao nosso hoje tão acanhado museu.

Para não se dever solicitar a restituição dos antigos exemplares do museu da Ajuda havia alem de outras rasões, a consideração do tempo decorrido e a de que bem se poderiam considerar hoje como propriedade da França essas collecções, que só nas mãos de sabios franceses se haviam tornado uteis á sciencia. O bom uso legitimara assim a posse. Pelo contrario um donativo, que se fundamentasse n'aquella divida de meio seculo, não poderia encontrar opposição da parte dos dignos administradores do jardim das plantas, todos homens de sciencia e dos mais illustres da França, incapazes por certo de repellir este favoravel ensejo de pagar uma divida importante e riscar da memoria de uma nação amiga a recordação de uma violencia injusta.

«Obtida do nosso governo a devida autorisação emprehendi essa negociação delineada. Auxiliado pelo nosso representante em Paris, o sr. Visconde de Paiva, a quem desejo consignar aqui os meus sinceros agradecimentos pela sua constante e efficaz coadjuvação, tive a felicidade de submetter a minha pretensão ao ministro da instrução publica, de quem depende o jardim das plantas, e de a ver favoravelmente acolhida d'aquelle alto funcionario.

«Nutri por algum tempo a esperança de alcançar em breve espaço a autorisação precisa para haver do jardim das plantas uma boa collecção zoologica, escolhida de entre os seus duplicados; e lisongeava-me de ser eu mesmo quem fosse incumbido da escolha d'esses objectos o que seria de alguma vantagem para o museu de Lisboa. Obstaculos porém, alheios ao assumpto impediram a realisação desta esperança. O ministro da instrução publica saiu de Paris antes de ter podido resolver inteiramente este negocio: os professores administradores ausentaram-se igualmente d'aquella cidade, senão todos ao menos em grande parte por ser então a epoca das ferias: o tempo da minha licença estava a findar; e na incerteza de obter prorogação d'ella tive de partir immediatamente para Londres, a fim de completar a minha viagem scientifica e regressar ao meu paiz. Antes porém de deixar Paris consegui que mr. Is. Geoffroy Saint-Hilaire me autorisasse a visitar as collecções de mamiferos e aves que se acham nos armazens do museu de Paris, e a escolher condicionalmente, de entre os exemplares que não são destinados ás galerias d'aquelle rico estabelecimento, os que me pareceram de mais vantagem para o nosso museu. Penhorou-me summamente esta obsequiosa condescendencia do distinto professor do jardim das plantas: aceite elle, bem como mr. Florent Prevost, que me acompanhou a dirigir n'este trabalho, a sincera expressão do meu vivo reconhecimento.

«Com a minha retirada de Paris não ficou contudo nem perdida nem mesmo abandonada a negociação que eu emprehendêra. Tomou-a a si o sr. Visconde de Paiva, e collocou-a segundo me consta, em mui bom andamento.

«A justiça do pedido, a intelligencia e zêlo do actual negociador o interesse que o nosso governo ha de certo tomar por este negocio de que informei minuciosamente, tudo promette um exito favoravel. Se, como, espero, o jardim das plantas convier em solver com generosidade a sua divida, resta ainda fixar a escolha do que possa convir melhor ao museu de Lisboa; o que se conseguirá incumbindo-a a pessoa competente, e que tenha previo conhecimento do estado em que hoje se acham as nossas collecções zoologicas».

Diario de Lisboa, de 21 de janeiro de 1860; Barbosa du Bocage, *Instrucções*, p. 68.

XVII

1862

«A invasão franceza despojou de um golpe o museu de Ajuda da melhor parte das suas mal aproveitadas riquezas. Um naturalista, já a esse tempo illustre, Geoffroy Saint-Hilaire, acompanhára o exercito invasor com a missão de se apoderar de quantos objectos encontrasse convenientes ao museu de Paris. O sabio francez descobriu logo nas primeiras visitas que fez ao nosso estabelecimento um grande numero de exemplares raros, muitos dos quais via pela primeira vez. Vandely [1], então director do gabinete da Ajuda, recebeu pouco tempo depois, uma ordem terminante do general Junot para que entregasse a Geoffroy Saint-Hilaire tudo quanto este julgasse digno de ser remettido para Paris. Esta ordem, como é de crer, não achou resistencia; e mais de 1:500 exemplares de mineralogia e zoologia foram expedidos para França, onde ainda hoje, na maior parte. podem ser examinados no museu de Paris. Intelligente, instruido, animado de um zêlo ardente pela zoologia Geoffroy Saint-Hilaire utilisou em beneficio da sciencia descrevendo-os, os exemplares que jaziam ignorados dentro dos armarios do museu de Ajuda, e que estavam talvez fadados, se ali permaneeessem a desapparecer, como tantos outros presa da traça. É esta a unica con-

[1] A respeito de Vandelli, do seu antecessor e chefe o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira leia-se a curiosa nota a p. 3 desse opusculo.

sideração que póde attenuar aos olhos de um naturalista a fealdade de um similhante procedimento [1].»

[1] Mr. Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, affirma, na *Historia da vida e trabalhos de seu pae*, que os objectos levados do gabinete da Ajuda haviam sido obtidos por *troca voluntaria*; e acrescenta, para corroborar esta asserção que pela restauração dos Bourbons o ministro de Portugal em Paris, reconhecendo isto mesmo, se recusára a aceitar a restituição de tais objectos, contentando-se apenas em receber alguns livros, etc. Não duvidâmos acreditar que o nosso diplomata, não comprehendendo o valor do que se lhe offerecia, recusasse a restituição, acobertando a sua preguiça e negligencia com quaisquer pretextos futeis; não podemos porêm convir na *trôca* imaginada por mr. Isidoro Geoffroy. Respeitamos o sentimento que lhe inspirou a defesa de seu pae, desejariamos devéras poder absolvê-lo de toda a participação na violenta expoliação que se nos fez, porém a verdade não nos consente uma similhante condescendência. Hoje que o museu de Paris nos indemnisou já, por minha intervenção, do que adquirira á nossa custa e contra nossa vontade, as contas devem dar-se por saldadas, e esquecida a offensa.

Os objectos apartados por Geoffroy Saint-Hilaire, no gabinete da Ajuda, e mandados para o museu de Paris pelo general Junot em 1808, comprehendiam varias colleções zoologicas e mineralógicas, muitos herbarios e alguns manuscriptos. Pela seguinte relação se poderá fazer uma ideia da sua importancia numerica.

1.º As collecções zoologicas constavam de:
76 Exemplares de mammiferos
387 Exemplares de aves
32 Exemplares de reptis
100 Exemplares de peixes
508 Exemplares de insectos
12 Exemplares de crustaceos
468 Exemplares de conchas.
Ao todo 1:583 exemplares.
2.º 59 Mineraes e 10 fosseis
3.º 10 Herbarios; a saber:
1 Herbario feito no Brazil por A. F. Ferreira, com 1:114 plantas;
1 Dito feito no Brazil pelo Dr. J. J. Velloso, com 120 plantas;
1 Dito feito no Brazil por F. J. M. Velloso, com 117 plantas;
1 Dito feito na costa de Angola por M. da Silva, com 256 plantas;
1 Dito feito no Cabo por M. Macé, com 83 plantas;
1 Dito feito no Perú, com 289 plantas;
1 Dito feito em Cabo Verde por J. da Silva Feijó, com 562 plantas;
1 Dito feito em Goa, com 35 plantas;
1 Dito feito na Cochinchina por Loureiro, com 88 plantas;
1 Herbario feito na Suecia pelo Dr. Thunberg, com 182 plantas;
4.º 5 manuscriptos, que são:
Flora fluminensis. Curante J. M. Velloso, 11 vol. in fol.
Profectura fluminensis. Descriptiones plantarum sponté nascentium curante J. M. Velloso, 2 vol. in fol.

No relatorio que tive a honra de apresentar ao conselho da escola polytechnica. ácerca da minha viagem scientifica ao estrangeiro em 1859, publicado no *Diario de Lisboa* de 2 de janeiro de 1860, dei conta do modo por que encetára em Paris as negociações para haver do jardim das plantas um donativo de objectos zoologicos, em compensação dos que haviam sido levados do gabinete da Ajuda, nos seguintes termos:

....

Realisaram-se effectivamente as minhas esperanças. Pouco tempo depois da publicação do meu relatorio, recebi de Paris, por intervenção do nosso ministro naquela côrte, a collecção de mammiferos e aves que escolhera de entre os duplicados do museu de Paris, e uma interessante collecção de reptis e peixes que o respectivo professor, mr. Dumeril, se prestou a enviar-me com a maior benevolencia. Em 1860 voltei novamente a França em missão de governo, e pareceu-me que devia ainda por essa occasião diligenciar o donativo de exemplares de outros ramos da zoologia, que a primeira remessa não comprehendêra. Estas diligencias em que muito me auxiliou o meu amigo dr. Mathias de Carvalho, distinto lente da Universidade de Coimbra, foram coroadas de bom exito. Mr. Milne Edwards, professor de entomologia no jardim das plantas, prestou-se da melhor vontade a seguir o exemplo dos seus collegas; e fez apartar das collecções que tem a seu cargo uma variada e numerosa collecção de insectos e crustaceos, que veiu preencher no nosso museu uma das suas primeiras lacúnas.

Alem disso tendo manifestado a mr. Dumeril a minha intenção de encetar alguns trabalhos ácerca da nossa fauna logoque o nosso governo me desse os meios indispensaveis para isso, e as difficuldades em que me via de obter os representantes da erpetologia e ichthyologia europeas, sem os quaes me seria impossivel determinar com segurança as especies de Portugal, o sabio professor offereceu-me do melhor grado todos os reptis e os peixes de agua doce da Europa de que podia dispor n'aquella occasião.

Seja-me licito aproveitar mais este ensejo para exprimir aos distintos professores que acabo de mencionar, a mr. Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, que substitue dignamente seu illustre pae, a mrs.

Specimen floræ Americae meridionalis, 4 vol. in fol.
Plantes du Pará, 1 vol. in fol.
Lepidopteri profecturae fluminensis, 1 vol. in quarto.

Todos estes objectos entregou Vandeli por ordem do general Junot a Geoffroy Saint-Hilaire, em 3 e 12 de junho e 1 de agosto de 1808. De todos elles apenas nos foram restituidos em 1814 os manuscriptos.

Pucheran e Florent Prevost, seus naturalistas adjuntos, a mr. Kiener, conservador do jardim das plantas, a mr. Lucas e Blanchard, e a todos os naturalistas e empregados d'aquelle importante estabelecimento que tive a fortuna de conhecer, o meu profundo reconhecimento pela benevolencia com que me acolheram sempre, e pela extrema cordialidade com que me franquearam o auxilio do seu saber e da sua posição».

Barbosa du Bocage, *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter produtos zoologicos para o museu de Lisboa*, Lisboa, pp. 3 e 67; José Silvestre Ribeiro, *Hist. dos Estab.*, III, p. 353.

XVIII

1863

«Chargé en 1810, par le gouvernement impérial, d'une mission scientifique en Portugal, il y porta une multitude d'objects que le muséum de Paris possédait en double, et il reçut en échange ces richesses brésiliennes dont les musées du Portugal regorgeaient, et qui manquaient à nos collections. Il en usa de même avec les bibliothèques publiques; car sa mission, disait-il aux moines étonnés, était d'organiser les études publiques en Portugal, et non pas d'en enlever les prémiers éléments. Et cependant, après la capitulation en vertu de laquelle les armées françaises évacuèrent la Péninsule, Geoffroy eut encore à défendre contre la rapacité des Anglais des collections aussi loyalement acquises: lord Proby et le général Beresford déclarèrent formellement qu'ils ne rempliraient les conditions du traité que lorsque ces collections leur seraient remises; et le duc d'Abrantès souscrivit à leurs exigences. Ce fut encore au savant qu'il appartint de donner la leçon de courage national à un général français. Geoffroy refusa net: il déclara que ces collections lui apartenaient en propre; et les membres de l'Académie de Lisbonne. et les conservateurs du musée d'Ajuda, vinrent déclarer à leur tour que Geoffroy avait en effet acheté ces objects, et qu'il les avait payés et au delà par les minéraux qu'il leur avait donnés en échange, et par les soins qu'ils avait mis à organiser leurs bibliothèques et leurs musées. Les commissaires de l'armée anglaise se virent forcés de céder: ils demandèrent seulement que pour apaiser la clameur populaire, quatre caisses sur dix-huit leur fussent; du reste, ils en laissaient le choix à Geoffroy lui-même; et Geoffroy trouva dans ce choix l'occasion d'un nouveau sacrifice: les caisses qu'il abandonna renfermaient tout ce qui lui apparte-

nait en propre, tout, jusqu'à ses livres et ses effets; celles qu'il conserva ne contenaient que les objects qu'il avait recueillis pour les musées de France».

Dictionnaire de la conversation et de la lecture... sous la direction de M. W. Duckett, Paris, tom X. p. 236.

XIX

1866

«Meu amigo, o que me resta dizer-lhe é, que ha no processo que deixo extractado tantas feições da obra de *Eugenio Sue — o Judeu Errante*, que muitas vezes tenho pensado se *Junot, Geofroi de Saint-Hilaire* ou algum outro homem de letras que acompanhasse a expedição franceza de 1807, tiraria copia ou extracto dos autos, que indo parar ás mãos do engenhoso romancista, lhe desse o plano d'aquelle livro. Eu bem sei que em França tambem houve jesuitas, mas o mui curioso processo da herança de G. P. Pereira esteve no quartel general de *Junot*, e o sabio *Saint-Hilaire* não tinha acompanhado o exercito invasor para tomar parte nas suas batalhas. Bem sabe v. qual era a sua missão. — De v. etc. *José Maria Antonio Nogueira* = Setembro, 4 de 1866.

Ribeiro Guimarães. *Summario de Varia Historia*, vol. I, 1872, p. 115.

XX

1867

«Chargé, en 1810, d'aller organiser l'instruction publique en Portugal, il y réunit une précieuse collection avec les doubles du Muséum, et reçut en retour une partie de toutes les richesses brésiliennes dont regorgeait le Portugal. L'évacuation de cette contrée le replaça bientôt dans la même position qu'à Alexandrie.

Sommé de livrer aux Anglais ses collections, il refusa opiniâtrément sous prétexte qu'elles étaient à lui. Les conservateurs du musée d'Ajuda, consultés, déclarèrent qu'elles lui appartenaient en effet, puisqu'il les avait payées par les minéraux nombreux dont il avait enrichi leurs collections».

Encyclopédie du dix-neuvième siècle, 3.ème édition, tom XI, Paris. p. 484.

XXI

1880

«Em 1807 foi nomeado membro do Instituto, e no anno seguinte recebeu o encargo de vir a Portugal, então occupado pela invasão franccsa, colher nos nossos museus exemplares de historia natural para com elles completar as collecções da França».

Diccionario Popular, dirigido por Manuel Pinheiro Chagas, vol. vi, p. 57.

XXII

1884

«Von der Regierung 1810 mit einem wissenschaftlichen Auftrage nach Portugal gesendet, kehrte er von dort mit reichen Sammlungen zurück, die, den öffentlichen Museen entnommen, zu Streitigkeiten Veranlassung gaben».

Brockhaus' Conversations — Lexikon, 7 B., Leipzig, p. 791.

XXIII

1892

«Passada esta data devia abrir-se para este venerando estabelecimento scientifico uma era de desolação e desconforto como para os paises assolados pelas conquistas.

A invasão francesa (1808) foi de uma precaria influencia para o estabelecimento que parecia condemnado a um completo desbarato. De não ter então ficado inteiramente destituida a nação de um instituto d'esta ordem, que mais tarde appareceria entre os estabelecimentos uteis e gloriosos do paiz, pode, quando menos, inferir se a valia e interesse que estas colecções teem despertado, embora vagamente, no espirito publico.

A inteligentes benemeritos se deve a sua reconstituição e mais do que a todos, justiça é dize-lo, ao dedicadissimo director da moderna secção zoologica que, unindo ao zelo e enthusiasmo pela cultura scientifica a mais eficaz diplomacia, conseguiu quasi restaurar o museu e remedia-lo dos desvios e injurias que lhe trouxe o estrangeiro.

Dirigia o estabelecimento o dr. Domingos Vandelli, a quem apenas se devem algumas memorias scientificas de contestavel merito e que o viajante Link achara ridiculo. Foi a este director que o

general Junot, deu em 1808, a ordem fatal para entregar ao naturalista Geoffroy Saint-Hilaire quanto este julgasse digno de figurar no museu de Paris. Irremissivelmente cumprida esta ordem despotica, ficou o museu d'Ajuda expoliado de parte consideravel das suas riquezas.

Esta extorsão teve, para compensação, o benefico resultado de adquirir definitivamente para a sciencia o conhecimento de raridades destinadas a serem victimas do desleixo no nosso paiz ou a serem conhecidas muito mais tarde no mundo scientifico. Mais tem a seu favor o museu de Lisboa que nas suas curiosidades mal ou bem conservadas só conta os obtidos por meios honestos e diligencias nobilitantes que honram e acreditam na gratidão publica os que na sua colheita e remessa se teem esmerado. Não assim o museu de Paris que deslustra a sua grandiosidade com a mancha historica das aquisições forçadas da conquista.

O dr. Pedro de Mello escreveu em 1817 ácerca daquelles objectos extorquidos que «como portuguez não queria deixar de notar ali com o seu competente rotulo alguns d'aquelles que o professor Geoffroy levou de Portugal; Mr. Geoffroy não diz no rotulo que lh'os derám ou que os comprou em Portugal, mas sómente — apporté du Port» [1].

Para avaliar este desfalque do museu Real damos a seguinte nota dos objectos levados pelo sabio francez......»

«Primeiro obteve o sr. Barbosa de Bucage a autorização do governo portuguez para encetar com o instituto similar de Paris essa especie de extradição de exemplares, para compensação do que nos fora arrebatado em 1808.

Não era contudo facil a missão, e o sabio professor de zoologia de Lisboa entendeu muito bem que não se podia ter a veleidade de requisitar a restituição dos exemplares levados do Museu Real da Ajuda, obstando a isso não só o haver passado muitos annos sobre o facto, mas haverem aquelles especimens sobrelevado o seu valor scientifico pelo trabalho dos sabios franceses.

Uma dadiva em compensação da violencia sofrida tornou aquella nação quite para comnosco e em particular com o museu de Lisboa, pelo acerto da conducta do nosso meritissimo representante naquela ocasião coadjuvado pelo Visconde de Paiva ministro em Paris nesse tempo, que teve de continuar a levar a bom termo estas negociações, porque ao tempo a que o ilustrado professor portuguez devia reali-

---

[1] Nota communicada ao dr. Lacerda Lobo e transmitida por este ao *Jornal de Coimbra*.

zar a escolha de alguns duplicados da colecção do Museu de Paris ausentara-se o ministro da instrução publica e grande parte dos professores deste estabelecimento, no gozo de ferias, ao passo que se esgotava o tempo de que podia dispor o snr. Barbosa de Bocage.

Conseguiu no entanto este senhor que o professor Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire o autorisasse a escolher provisoriamente nos depositos do Museu de Paris os exemplares que achasse bom para figurarem no museu da Escola Polytechnica.

Do resultado honroso e proveitoso desta missão advém para esta instituição, conservada á custa de singular e desinteressado esforço, uma ampliação notavel das colecções de zoologia».

Revista de Educação e Ensino, vol. VII pág. 344 e 426. Artigo de Bettencourt Ferreira.

XXIV

1899

O naturalista Geoffroy Saint-Hilaire, que já acompanhara o exercito de Bonaparte ao Egypto, veiu tambem com o exercito de Junot a Portugal. Trouxe a missão de colher nos nossos museus os exemplares de historia natural precisos para completarem as collecções dos de França De facto, alguma coisa obteve em Lisboa. Provam-nos os documentos seguintes : — (Copia) Mr. le Dezembargador Monteiro. Directeur de l'imprimerie Royale, remettra a Mr Geoffroy Saint-Hilaire, membre de l'Institut, Professeur d'Histoire Naturelle, et commissaire du Gouvernement Français pour la requisition des objets de Sciences et arts, tous les cuivres gravés de la Flore de Fleuve de Rio de Janeiro, cuivres au nombre de cinq cents cinquante et quatre, des quels ont été gravés sous la direction du pére Velloso, auteur de la dite Flore. — Les cuivres ont été demandés par le gouvernement français pour faire partie du Museum Imperial d'Histoire Naturelle. — Le present ordre tiendra lieu de recepissé. — Lisbonne, le 1 de Aout de 1808.

Le gouverneur du royaume de Portugal : Le duc d'Abrantes.

Contadoria da Impressão Regia. 7 de Setembro de 1808. — *Joaquim José Escopezy.*

Em 7 de Agosto, Junot mandou passar uma certidão que diz

«O deputado thesoureiro deu conta n'esta Junta, de que no dia de segunda-feira, vinte e nove do presente, veiu a esta Impressão Regia Mr. Geoffroy Saint-Hilaire apresentar uma ordem do Illmo Exmo Sr. General em chefe da data do primeiro deste mez, a qual

fica no cartorio, para se lhe entregarem as chapas da Flora do Rio de Janeiro, feitas pelo Director Litterario, Fr. José Mariano da Conceição Vellozo, exigindo-as logo, o que se executou, entregando se-lhe quinhentas e cincoenta e quatro chapas d'estampas da dita Flora. E para constar se fez este termo. Lx.ª em trinta e um d'Agosto de mil oitocentos e oito annos. Neves. Escopezy Oliveira. Annes da Costa».

«E para constar onde convenha passei a prezente. Lisboa oito de Setembro de mil oitocentos e onze. — *João José Escopezy*».

Ha mais uma carta do Director Geral da Impressão Regia. Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral, participando aquella entrega.

Desapparceceram tambem as chapas da triangulação do reino, levantadas pelo Dr. Ciera e outros engenheiros, e os 7 mappas do Brazil levantadas pelo padre-mestre da companhia de Jesus, Diogo Soares, geographo-mor d'aquelles estados no tempo de D. João V.

D. Miguel Pereira Forjaz reclamava (em 1811) aquellas chapas, e as chapas ou estampas do gravador Dupuis, que fora director da gravura, a fim de as remetter para o Rio de Janeiro,

Entre os mappas desapparecidos contava-se uma carta das sondas do Tejo talvez a única que então existia, e que devia estar em poder de Magendie ou do coronel engenheiro Vincent. (*Avisos*, etc. Maço 12)».

Pinto de Carvalho. *Lisboa doutros tempos*. II. Os cafés, Lisboa, p. 69.

XXV

1904

«Durante a invasão franceza, Napoleão mandou a Lisboa um naturalista com ordem de enviar para França tudo quanto achasse digno de figurar no museu de Paris. Assim desappareceram 400 animais, 3:000 productos mineralógicos e um ervario contendo 2:000 especies de plantas».

Portugal, vol. I, p. 109, artigo *Ajuda* (Jardim Botanico d').

XXVI

1916

«Criara-se tal museu junto ao palacio da Ajuda, a instancias de Miguel Franzini, para instrução e recreio do principe D. José e do Infante D. João, seus discipulos.

As colecções de mineralogia, ornitologia, conchiologia e zoologia formavam já um núcleo importante quando em 1808, Junot, tomando posse de Lisboa em nome de Napoleão, entendeu que devia ir locupletando com *honestissimas* expoliações os museus franceses. Nesse patriotico impulso expediu uma ordem ao sabio dr. Domingos Vandelli conservador do museu, ordenando-lhe fizesse imediata entrega a Geoffroy Saint-Hilaire de tudo quanto este naturalista apetecesse [1].

Que fazer nesta conjuntura? ¿ Resistir à ordem do General? ¿ Entregar tudo conforme o mandato?

Não sei que inspiração, que acaso ou que medo, resolveu a perplexibilidade de Vandelli. O que é certo é que Saint-Hilaire levou para o museu de Paris tres mil especimes mineralógicos, quatrocentos animais e um ervario com duas mil especies de plantas. Esses milhares de objectos ostentam-se hoje na capital dos franceses devidamente catalogados e numerados.

Foram estas desfalcadas colecções que, por decreto de 27 de agosto de 1836, se removeram para o museu da Academia Real das Sciencias, onde ficaram mal instaladas, mas um pouco mais seguras da rapina».

Matos Sequeira, *Depois do Terramoto*, vol. I, p. 366

[1] A *Gazeta de Almada*, manuscrito coévo dado à publicação pelo capitão de mar e guerra, sr. João Braz de Oliveira, refere-se também a esta espoliação.

A MOFINA MENDES DE GIL VICENTE

Estudo de história literária

Auto da Mofina Mendes é o título[1] de uma das mais notáveis obras do poeta e comediógrafo Gil Vicente.

O auto compõe-se de duas partes; a primeira parte tem duas scenas, na primeira lembram-se algumas profecias acêrca da vinda de Christo, e figura-se a Anunciação da Virgem Maria; e na segunda representa-se um episódio da vida dos pastores de gado. A segunda parte tem também duas scenas; na primeira pronostica-se o próximo nascimento do Menino de Deus; e na segunda os anjos acordam ôs pastores para irem adorar o Menino de Deus, que acabava de nascer. Neste auto há pois unidade de acção, que é a celebração festiva do nascimento do Menino de Deus; e a acção desenvolve-se com regularidade seguindo a ordem cronológica dos factos, profecias acêrca da vinda de Christo, anunciação da Virgem Maria, e nascimento do Menino de Deus. Como se vê êste auto foi composto para festejar o Natal; e da rubrica do auto consta que êle foi representado, estando presente el-rei D. João III, na vigília do Natal de 1534.

A Mofina Mendes, protagonista da scena dos pastores,

---

[1] O título desta obra é *Auto dos Misterios da Virgem* como o próprio Gil Vicente declara na sua estrofe décima; mas entre o povo era conhecida pelo nome de *Auto da Mofina Mendes,* e assim é denominada em todas as impressões. (A. Braamcamp Freire, *Vida e obras de Gil Vicente,* Lisboa, 1919, p. 232).

era guardadora dos gados (pegureira) de Payo Vaz, havia mais de trinta anos; mas cuidava pouco de guardar os gados, e procurava mais a conversação dos pastores. Quando Payo Vaz lhe pediu conta dos seus gados, a Mofina Mendes respondeu que antes lhe pagasse a soldada que lhe devia; e quanto aos gados disse, que não sabia por onde andava a boiada; que das vacas haviam morrido sete, e dos bois tinham morrido três; que as vitelas tinham sido dizimadas pelos lobos; que as cabras andavam umas por entre o arvoredo e outras saltando pelos penedos; que os cabritos haviam sido levados pelas raposas; emfim que as ovelhas reganharam, os carneiros afogaram-se, as cabras engafeceram, e os rafeiros morreram. Payo Vaz julgou por isso, que lhe era melhor despedir a pastora Mofina Mendes, e em paga do que lhe devia, deu-lhe um pote de azeite. A Mofina Mendes pôs à cabeça o pote de azeite, e diz que vai à feira de Trancoso [1] vender o azeite, e com o dinheiro que lhe render, há de comprar ovos de pata, que fará chocar, e criará os patos, que vendidos renderão mais de um milhão de reais; e que assim casará rica e honrada, e que no dia do noivado sairá ricamente vestida ao encontro do seu desposado, e cantando uma cantiga: e assim enlevada nestes pensamentos, cai-lhe no chão o pote de azeite, quebrando-se o pote e derramando-se o azeite, desfazendo-se dêste modo em um momento todos os pensamentos de riqueza e fortuna que imaginara. A Mofina Mendes afasta-se então de Payo Vaz e dos outros pastores presentes, vai cantando uma cantiga, em que diz, que apesar de ser engeitada da fortuna, requere os pastores a que não lhe movam guerra, porque os prazeres

---

[1] A feira de Trancoso, chamada de S. Bartolomeu, era a 24 de agôsto, e durava três dias. (Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. IX, p. 716).

humanos se dissipam, como os pensamentos de prosperidade que concebera com o fundamento do pote de azeite.

Deve notar-se que o diálogo de Payo Vaz e da Mofina Mendes não tem relação alguma com o assunto principal do auto; e por isso parece ter sido inserto sómente para captar a atenção dos ouvintes e inculcar uma lição de moral.

NOME DE PASTORA. — Primeiro que tudo deve observar-se, que do título da obra, *Auto da Mofina Mendes*, parece dever concluir-se que a expressão Mofina Mendes não era nome próprio da pastora, mas sómente uma designação qualificativa. Com efeito a particula *da*, que precede a palavra Mofina, indica que esta palavra não é um nome próprio mas um adjectivo. A palavra *mofino*, adjectivo, tem na língua portuguesa várias significações. Na linguagem literária do século XVI o adjectivo *mofino* tem a significação de infeliz, desventurado, sem ventura [1], como se vê do seguinte verso de Camões (*Luziadas*, canto II, estância 39):

Assentarei emfim que fui mofina.

Na linguagem popular o adjectivo *mofino* tem significações diversas; no Alemtejo significa sumítico, avarento; em Tras-os-Montes diz-se daquele que causa inquietação, desprazer e aborrecimento, donde o verbo *amofinar*, causar desprazer e aborrecimento, e *amofinar-se* o que está inquieto e aborrecido, consumido pelos pesares.

A palavra *Mendes* também tinha no século XVI duas acepções [2]; a primeira era como substantivo patronímico,

---

[1] «Ó Deos, que máo Rey, e sem ventura». Fernão Lopes, *Cronica de D. João I*, parte segunda, capitulo 43 (ed. de 1646, p. 109).

[2] Dr. José Maria Rodrigues, *O vilancete de Camões á senhora dos olhos gonçalves*, no vol. x, do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Sciências de Lisboa, p. 914-929.

derivado de Mendo, a segunda era como adjectivo, equivalente a *medes*, derivado do latim *met-ipse*. Nesta última acepção umas vezes significa mesmo, próprio, outras vezes tem uma significação um pouco vaga, quási indefinida, e difícil de precisar.

Gil Vicente empregou a palavra *mendes* como adjectivo qualificativo no seguinte passo do *Auto do Clérigo da Beira*:

> Vós estais mais aguçado
> que canivete do Porto.
> Viva o Conde do Redondo,
> que lhe furtais quanto tendes;
> mas de sua graça mendes
> vos acho em todo mondo.

Camões emprega também a palavra *mendes* como qualificativo no seguinte vilancete:

> MOTE — Com vossos olhos gonçalves,
> senhora, cativo tendes
> este meu coração mendes.
> VOLTA — Eu sou boa testemunha
> que amor tem por cousa má
> que olhos, que são homens já,
> se nomeiam sem alcunha.
> E pois o coração a punha,
> diz: olhos, pois vós a tendes,
> chamai-me coração mendes

Henrique Lopes, na *Scena Policiana*:

> Oje terás bona xira.
> á noite musica mendes.

José Pinto, no *Auto de Rodrigo e Mendo*:

> Como he certo em nova dama
> ter ceumecinhos mendes.

Resumindo o que precede, parece pois dever concluir-se que a expressão *a Mofina Mendes* não é o nome próprio

da pegureira dos gados de Payo Vaz, mas sómente uma designação qualificativa, querendo significar que ela era o tipo ou exemplo da mulher infeliz, sem ventura, e causadora de inquietação e aborrecimento, pois que por descuido dos deveres do seu mister causara a perdição de todos os gados que êle lhe entregara. Esta significação é ainda confirmada pela expressão *por mais que a dita me engeite*, proferida pela Mofina Mendes; e por estoutra *és Mofina Mendes toda* dita por Payo Vaz. Mas é de presumir que o satírico Gil Vicente empregasse intencionalmente a expressão *a Mofina Mendes* para designar a pegureira dos gados de Payo Vaz, afim de causar aos ouvintes ou leitores certa perplexidade e confusão por meio da dupla significação das palavras Mofina e Mendes.

ORIGEM DO APÓLOGO. — O principal interêsse da scena dos pastores, e certamente de todo o auto, está na última fala da Mofina Mendes, na qual se resume um apólogo bem conhecido, cujo conceito moral consiste na afirmação, que são estultos aqueles que põem o fundamento da sua prosperidade em sucessos que são por vir. Êste mesmo conceito moral é o tema de um apólogo indiano, cuja mais antiga forma se encontra no Panchatantra. É pois bem interessante procurar reconhecer, senão a cadeia contínua que liga a fala da Mofina Mendes ao apólogo indiano, pelo menos assinalar alguns dos seus elos mais notáveis, mostrando ao mesmo tempo, de um modo incontestável, a migração do mesmo apólogo, do oriente para o ocidente.

O Panchatantra é uma obra composta em sânscrito, e assim denominada porque é dividida em cinco livros (*panca tantra*); consta, pela maior parte, de fábulas e apólogos, escritos em prosa com mistura de versos, que exprimem aforismos ou conceitos morais. Esta obra, ainda que actualmente não seja búddhica, as fábulas e

apólogos que a compõem, são de origem búddhica. Na sua forma actual, o Panchatantra é obra dos Brâhmanes, os quais, ainda que transformaram ou omitiram tudo o que revelasse animosidade contra o brahmanismo, contudo deixaram muitos vestígios indeléveis da origem búddhica da obra. O seu título primitivo não é conhecido; mas não é improvável, que êle fôsse designado pelo nome dos dois chacais Karátaka e Damánaka, que nas fábulas do primeiro livro tem a parte mais proeminente.

Do Panchatantra existem diversas recensões; uma, denominada *textus simplicior*, foi publicada por Kosegarten (Bonn, 1848), Kielhorn et Bühler (Bombaim, 1868, 1873); outra, denominada *recensão do sul*, foi publicada pelo Dr. Michael Haberlandt (Wien, 1884); outra denominada *recensão de Cachemira*, foi publicada por Johannes Hertel, (Leipzig, 1904); outra, denominada *textus ornatior* e considerada mais antiga, pelo muni jaina Purnabhadra Suri, e publicada por J. Hertel (Cambridge, Mass. 1908). O Panchatantra divulgou-se muito na Europa, depois que Theodor Benfey publicou a sua tradução alemã precedida de uma erudita e valiosa introdução (Leipzig, 1859). As mais recentes investigações acêrca do texto do Panchatantra e das suas recensões e traduções foram coordenadas em duas memórias publicadas por J. Hertel (Cambridge, Mass. 1912).

Não é possível indicar com precisão a época em que o texto do Panchatantra recebeu a forma, pela qual actualmente é conhecido; mas com esta forma já existia na primeira metade do século VI de J. C., porque êle foi trasladado (traduzido) por um médico persiano, chamado Barzoi, por ordem do rei Khosru Anusirvan (531-579), em pahlavi, que nesse tempo era a língua literária da Pérsia.

O texto original sânscrito do Panchatantra, e a sua tradução em pahlavi, são perdidos; mas foram conser-

vadas duas antigas e notáveis traduções uma em siríaco e outra em árabe.

A tradução siríaca foi feita pelos anos de 570 de J. C., e tem por título *Kalilāg e Damnag;* desta versão há duas recensões, a mais antiga foi publicada por Bickell, e a mais moderna por Keith-Falconer.

A tradução arábica foi feita no século VIII por Abdalah ibn Almocaffa, persa convertido ao islamismo, que morreu pelos anos de 760 J. C., e tem por título *Kalilah e Dimnah*[1]. Esta tradução é conhecida tambêm pelo nome de *Fabulas de Pīlpay* ou *Bidpai*, porque nela se refere que um rei perverso foi reduzido a praticar a virtude pela doutrina de um sábio brâhmane chamado *Bidbah;* êste nome não é provávelmente senão a transcrição, por intermédio do pahlavi, da palavra sânscrita *vidyapati,* senhor de sciência, sábio.

A versão arábica tem excepcional importância, porque exerceu muito grande influência na literatura dos povos da Europa na idade media. Dela foi feita uma tradução em hebreu pelos anos de 1250, e outra em castelhano pelos anos de 1261. Da versão hebraica foi feita, pelos anos de 1270, uma tradução em latim por João de Capua, que denominou *Directorium humanae vitae,* a qual foi impressa pela primeira vez em 1480. Emfim D. João Manuel (1282-1348), pai da rainha D. Constança, mulher del-rei D. Pedro I de Portugal, imitou o livro de *Kalilah e Dimnah* na obra que compôs em castelhano com o título *Livro de Patronio ou Conde Lucanor,* a qual foi impressa pela primeira vez em 1860. Esta última obra foi muito conhecida no século XV na corte de Portugal; ela é citada expressamente no *Livro da Montaria feito por el rei D. João I* (liv. I, cap. XIII); existia entre os livros do uso

[1] A tradução arábica com o título de *Kalilah e Dimnah* foi publicada por Silvestre de Sacy, Paris, 1816.

del-rei D. Duarte; é citada, sem a nomear, por Fernão Lopes na primeira parte da *Cronica de D. João I* (cap. 41); e é citada expressamente por Gomes Eannes de Zurara na *Cronica da tomada de Ceuta* (cap. 31).

Outra forma do apólogo indiano se encontra na Hitopadexa, composta em sânscrito por Naráyana no século XIV, mas em cuja composição se serviu de materiais muito mais antigos, sôbre tudo do Panchatantra. A história correspondente à fala da Mofina Mendes encontra-se no livro IV, história sétima. O Hitopadexa foi traduzido em português por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado[1].

COMPARAÇÃO DA FALA DA MOFINA MENDES COM O APÓLOGO INDIANO. — A mais antiga forma do apólogo, com o qual se relaciona a fala da Mofina Mendes, é a história (*katha*) do livro V do Panchatantra[2], n.º 9 da recensão

---

[1] *Hitopadexa, ou Instrução util*, versão portuguesa feita directamente do original sânscrito por Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado, Lisboa, 1897.

[2] O texto sânscrito das diversas recensões encontra-se nas seguintes obras:

Pancatantram çrī Visnuçarma-sankalitam, ed. Kielhorn e Bühler Calcuta, 1872, liv. V, katha VII.

A popular edition of the Tantras of Vishnusarman by M. S. Apte, Poona, 1908, III (IV and V tantras), liv. V, katha IX.

The Panchatantra, a Collection of ancient Hindu Tales, in the recension called Panchakhyanaka, and dated 1199 A. D., of the Jaina monk Purnabhadra, ed. Dr. Johannes Hertel, Cambridge, Massachusetts, published by Harvard University, 1908, liv. V, katha VII.

Zur Geschichte der Pancatantra; Text der südlichen Recension, ed. Dr. Michael Haberlandt, Wien, 1884, liv. V, katha I. (*Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*, CVII Band, p. 472-474).

Uber das Tantrākhyāyika, die Kasmirische Rezension des Pancatantra, von Johannes Hertel, Leipzig, 1904 liv. V, katha IX, (2355-2374. *Abhandlungen der Philologische-historichen Klasse der königlich Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*, XXII Band).

mais simples[1], e n.º 7 da recensão *mais adornada*[2]. No texto sânscrito o herói do apólogo é um brâhmane, chamado Svabhāvakripana, que literalmente significa *infeliz* (pobre, miserável) *por sua natureza*, desventurado, sem ventura, que corresponde perfeitamente à palavra mofina da expressão Mofina Mendes, empregada por Gil Vicente para designar a guardadora dos gados (pegureira) de Payo Vaz. Contudo esta equivalência não pode ser considerada como uma contaminação directa do texto sânscrito do Panchatantra, porque esta obra só foi conhecida na Europa depois da sua primeira impressão em 1848[3]; mas deve atribuir-se a mera coincidência resultante da identidade do assunto, querendo-se significar que o herói do apólogo passára da mais completa pobreza ao estado de considerável prosperidade.

As obras, pelas quais, segundo se pode presumir, Gil Vicente teve conhecimento do apólogo indiano, para compôr a fala da Mofina Mendes, não poderiam ser outras senão a versão castelhana do *Livro de Kalilāh e Dimnah*, o *Directorium humanae vitae* por João de Capua, e o *Livro de Patrónio* ou *Conde Lucanor* por D. João Manuel; mas é muito mais provável que fôsse esta última, a qual, segundo testemunhos positivos era conhecida na côrte de

[1] A tradução alemã dêste apólogo foi dada no *Pantschatantra*, fünf Bucher indischer Fabeln, Märchen und Erzalungen, aus dem Sanscrit übersetzt mit Einleitung und Annemerkungen, von Theodor Benfey, Leipzig, 1859, 2 theils, tômo II, p. 345-346; e a tradução portuguesa foi dada no *Curso de literatura e língua sânscrita* por Guilherme Vasconcellos Abreu, vol. II, tômo I, p. 130-133.

[2] A tradução é dada adeante.

[3] A íntima relação da fala da Mofina Mendes com o apólogo indiano incluido no Panchatantra, foi pela primeira vez indicada em 1891 por Guilherme de Vasconcelos Abreu, professor de sânscrito no antigo Curso Superior de Letras. Veja-se o seu *Sumario das investigações em sanscritologia desde 1888 até 1891;* Lisboa, 1891, p. 41 a 47.

Portugal, desde o tempo del-rei D. João I, fizera parte dos livros do uso del-rei D. Duarte, e provávelmente ainda era conservada na livraria rial del rei D. Manuel, onde Gil Vicente a poderia ter lido. Todavia fazendo a comparação da fala da Mofina Mendes como *enxemplo* do *Livro de Patrónio* ou *Conde Lucanor* observa-se uma diferença muito importante; no *Livro de Patronio* a narração é desenvolvida mostrando-se um progressivo e gradual crescimento da prosperidade do herói até chegar a ser rico, constituir família, ter filho, que educa castigando-o se não fôr obediente; na fala da Mofina Mendes a narração é condensada à primeira gradação, na qual a heroina é já tornada rica, apresentando-se logo o êxito, que foi a destruição (perda) do objecto (pote de azeite), que havia de produzir a riqueza, e mostrando-se a inanidade dos seus pensamentos. Mas esta redução da narração era exigida pelo movimento rápido da scena do auto, onde seria talvez fastidioso o desenvolvimento feito no *Calilah e Dimnah* e no *Directorium humanae vitae*.

Depois da renascença o apólogo indiano foi tomado por tema de diversas composições poéticas dos fabulistas modernos; uma das mais notáveis é sem dúvida a bem conhecida fábula de La Fontaine, que tem por título *La laitière et le pot au lait* (a leiteira e a bilha de leite) (liv. VII, fab. X). Os fabulistas portugueses também puseram em verso o mesmo tema, imitando a fábula de La Fontaine; Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elysio) incluiu-a na sua tradução, ou antes paráfrase, das fábulas de La Fontaine; e Henrique O'neil imitou-a em uma fábula do seu *Fabulário*. É muito para notar que o apólogo indiano, modificado, é ainda hoje vivo na tradição oral popular na provincia do Alentejo [1].

Lisboa, 9 de Dezembro 1919.

Francisco Maria Esteves Pereira.

[1] Veja-se adiante o conto da *Cantarinha de leite*.

Panchatantra

LIVRO V, HISTÓRIA VII

Havia em certo lugar um brâhmane por nome Svabhāvakripana (pobre por seu natural); por êle tinha sido enchido um calão [1] (bilha) com farinha (de cevada), sobejos de comida, adquiridos no peditório; e tendo-o pendurado em um gancho, e colocado o seu catre por baixo dêle, olhando sempre com olhar fixo (para êle), de noite estava pensando (assim): Esta panela [2] certamente está completamente cheia de farinha (de cevada); e se houver carestia, então pela sua (venda) será produzido um cento de rupias; e depois com êle eu comprarei um casal de cabras; depois, de seis em seis meses, por motivo da criação, será feito um fato de cabras; depois com as cabras (comprarei) vacas; e farei a venda dos (bezerros) nascidos da criação das vacas; depois com as vacas (comprarei) búfalos; com os búfalos (comprarei) éguas; pela procriação das éguas terei (grande) quantidade de cavalos; pela venda dêstes será para mim grande quantidade de ouro; com o ouro será adquirida uma casa de quatro salas. Depois algum (brâhmane) aproximando se da minha casa, (me) dará uma (filha) donzela, cheia de graça e rica de rupias; dela será (para mim) um filho; eu farei o nome dele Somaçarman (assim disse). Depois quando êle tiver crescido na prática de andar nos joelhos, eu tomando um livro, assentando-me na parte posterior do sítio da corrida de cavalos, e estudarei. Neste meio tempo Somaçarman vendo-me, (descendo) do quadril da

[1] Sânsc. *kalaça*, calão, bilha de barro ou de cobre (S. R. Dalgado, *Glossario luso-asiático*, I, p. 183), talha, pote, (Vasconcelos Abreu, *Exercicios e primeiras leituras de sânscrito*, p. 32).

[2] Sânsc. *ghata*, vaso em geral, infusa, pote, cântaro (Vasconcelos Abreu, *Exercicios e primeiras leituras de sânscrito*, p. 46).

mãe por causa do balouço dos (meus) joelhos, virá passando por trás dos cavalos. Então falarei com ira à brâhmana, (dizendo): Seja tirado, seja tirado o menino. Se ela não ouvir as (minhas) palavras por causa da sua ocupação no serviço doméstico, então eu levantando-me lhe baterei um pontapé. Então por êle, que assim proseguia nestas reflexões, foi lançado tão grande pontapé, que a panela foi quebrada, e êle ficou branco com a farinha (de cevada) que estava dentro da panela[1].

Hitopadexa

O Brâhmane e a escudela de farinha

Havia na cidade denominada Devíkotta um brâhmane por nome Devaxarman. Por ocasião do equinócio vernal recebeu êle uma escudela cheia de farinha de cevada. Pegou nela, e abafado com o calor, foi deitar-se a um canto da tenda de um oleiro, cheia de loiça; e para guardar a farinha, tomou um pau na mão, e pôs-se a pensar: « Se eu obtivesse com a venda da escudela de farinha dez caurins, então com êsses caurins comprava aqui mesmo bilhas, escudelas e outras cousas, e com o dinheiro muitas vezes aumentado, comprando e vendendo mais e mais areca, panos e outros objectos, adquiria riqueza que se contasse por laques, e casava-me com quatro mulheres. Depois disto amaria de preferência à que entre elas fôsse mais moça e formosa. E se as mulheres rivais fizerem questões, então eu, arrebatado de cólera, espancá-las-ei com um pau ». Dizendo estas

[1] *The Panchatantra, a Collection of ancient Hindu Tales*, in the recension called Panchakhyanaka, and dated 1199 A. D. of the Jaina monk Purnabhadra, critically edited in the original sanskrit by Dr. Johannes Hertel, Cambridge, Mass., published by Harvard University, 1908, p. 276.

palavras arremessou o pau, que reduziu a cacos a escudela de farinha, e quebrou muita loiça. A êste estrondo acudiu o oleiro; e como visse a loiça em tal estado, ralhou com o brâhmane, e pô-lo fóra da tenda[1].

Calila e Dimna

DE ABDALLAH BEM ALMOCAFFA

CAPITULO VIII

Dicen que un religioso habia cada dia limosna de casa de un mercador rico, pan è manteca, è miel et otras cosas, et comia el pan è lo al condesaba, è ponia la miel è manteca en una jarra, fasta que la finchò, et tenia la jarra colgada à la cabecera de su cama. Et vino tiempo que encareciò la miel è la manteca, et el religioso fablo un dia consigo mismo, estando asentado en su cama, et digo assi: Venderè cuanto está en esta jarra por tantos maravedis, è compraré con ellos dies cabras, et empreñarse han, è pariran à cabo de cinco meses; et fizo cuenta de esta guisa, et falló que en cinco años montarian bien cuatrocientas cabras. Desi digo: Venderlas hé todas, et con el precio dellas compraré cien vacas, por cada cuatro cabezas una vaca, è haberé semiente, è sembraré con los bueyes, è aprouecharme he de los becerros et de las fembras, et de la leche è manteca è de las mieses habré grant haber, et labraré muy nobles casas, è compraré siervos è siervas, et esto fecho casarme he con una mujer muy rica, è formosa, è de grant logar, è empreñarla he de figo varon, è nacerá complido de sus miembros, è criarlo he como á figo de rey, è castigarlo he con esta vara, si non quisiere ser

---

[1] *Hitopadexa ou Instrução util*, versão portuguesa por Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado, Lisboa, 1897, p. 233-234.

bueno è obediente. E el diciendo esto, alzo la vara, que tenia en la mano et ferió en la olla que estaba colgada encima del, è quebrola, è cayole la miel è la manteca sobre su cabeza. Et tu, home bueno, no queras desear è asmar lo que non sabes si ha de ser [1].

Johannis Capuae Directorium humanae vitae

CAPITULUM SEPTIMUM

Dicitur quod olim quidam fuit heremita apud quendam regem, cui rex prouidebat quolibet die pro sua vita, scilicet prouisionem de sua coquina et vasculum de melle. Ille vero comedebat decocta et reseruabat mel in quodam vase suspenso super suum caput donec esset plenum. Erat autem mel percarum in illis diebus. Quadam vero die, dum jaceret in suo lecto, eleuato capite, respexit vas mellis, quod super eius caput pendebat, et recordatus est quoniam mel de die in diem vendabatur pluris solito seu carius, et dixit in corde suo: Quando fuerit vas plenum, vendam ipsum uno talento auri, de quo mihi emam decem oues, et successu temporis he oues facient filios et filias, et erunt viginti. Postea vero ipsis multiplicatis cum filiis et filiabus in quattuor annis erunt quattuor centum. Tunc de quibuslibet quattuor ouibus emam vaccam et bouem et terram, et vacce multiplicabuntur in filiis, quorum masculos accipiam mihi in culturam terre, preter id quod percipiam de eis, de lacte et lana, donec non consummatis aliis quinque annis, multiplicabuntur in tantum quod habebo mihi magnas substancias et diuitias, et ero a cunctis reputatus diues et honestus. Et edificabo mihi tunc grandia et excellentia edificia prae

---

[1] *Calila è Dimna de Abdallah ben Almocaffa*, na *Biblioteca de autores españoles*, escritores en prosa anteriores al siglo xv, Madrid, Rivadeneyra, 1860, p. 57.

omnibus meis vicinis et consanguinibus, ita quod omnes de meis divitiis loquentur. Nonne erit mihi illud jocundum, cum omnes homines mihi reuerentiam in omnibus locis exhibeant? Accipiam postea uxorem bonam de nobilibus terre, cumque eam cognouero, concipiet et pariet mihi filium nobilem et delectabilem cum bona fortuna et Dei beneplacito, qui crescet in scientia et virtute, et relinquam mihi per ipsum bonam memoriam post mei obitum. Et castigabo ipsum dietim, si mee recalcitrauerit doctrine, ac mihi in omnibus erit obediens, et si non, percutiam cum isto baculo: et erecto baculo ad percutiendum, percussit vas mellis, et fregit ipsum, et defluxit mel super caput eius. Hanc protuli parabolam ut de his que nescis non loquaris. Dicitur enim: Non consulteris de die crastino, quia nescis quod accidet hodie [1].

Livro de Patronio ou El Conde Lucanor

HISTORIA

Señor conde, dijo Patronio, una muger fue que auia nombre doña Truhana, la qual era asaz mas pobre que rica; et un dia iba al mercado et llevaba una olla de miel en la cabeza, et yendo por el camino comenzo a cuydar que venderia aquella olla de miel, et que compraria partida de huevos, et de aquellos huevos nascerian gallinas, et las venderia, et de aquellos dineros compraria ovejas, et assi fue comprando de las ganancias que faria fasta que se fallo por mas rica que ninguna de sus vezinas; et con aquella riqueza que ella cuidaba que habia, asmo como casaria a sus fijos et fijas, et de como iria aguardada por la calle con yernos et con nueras, et como derian

---

[1] Leopold Hervieux, *Les Fabulistes latins*, tomo v, Paris, 1899, p. 259 e 260.

por ella como fuera de buena ventura en llegar a tan gran riqueza siendo tan pobre como solia ser. Et pensando en esto comenzo a reir con plazer que habia de la su buena andanza: et en reyendo dio con la mano en la su cabeza et en su fruente, et entonce cayo la olla de la miel en tierra, et quebrose. Et quando fue la olla de la miel quebrada comenzo a facer muy grant duelo, teniendo que habia perdido todo lo que cuydaba que haberia si la olla non se quebrara; et porque puso todo su pensamiento por fiucia vana, non se fizo al cabo nada do que ella cuidara [1].

Do Auto da Mofina Mendes, de Gil Vicente

PAYO VAZ — Pois Deos quer que pague e peite
tão daninha pegureira,
em pago desta canseira
toma este pote de azeite,
e vai-o vender á feira;
equiçaes medrarás tu,
o que eu comtigo não posso.

MOFINA MENDES — Vou-me a feira de Trancoso
logo, nome de Jesu,
e farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
comprarei ovos de pata,
que he a cousa mais barata
qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
cada ovo dará hum pato,
e cada pato hum tostão,
que passará de um milhão
e meio, a vender barato.

---

[1] *El Conde de Lucanor, compuesto por el excelentissimo principe Don Juan Manuel,* Sevilla, 1575, fol. 57 *r* e *v*. *Obras de Don Joan Manuel,* na *Biblioteca de autores espanoles,* escritores en prosa anteriores ao siglo xv, Madrid, Rivadeneyra, 1860, p. 377, *Livro de Patronio,* capitulo VII.

Casarei rica e honrada
per estes ovos de pata;
e o dia que for casada
sahirei ataviada
com hum brial d'escarlata,
e diante o desposado
que me estará namorando:
virei de dentro bailando
assi dest'arte bailado,
esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite à cabeça, e andando enlevada no bailo, cai-lhe; e diz:

PAIO VAZ Agora posso eu dizer,
e jurar e apostar,
qu'es Mofina Mendes toda.

PESSIVAL E s'ella baila na voda,
qu'está inda por sonhar,
e os patos por nascer,
e o azeite por vender,
e o noivo por achar,
e a Mofina a bailar;
que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes cantando:

MOFINA MENDES «Por mais que a dita m'engeite,
pastores, não me deis guerra;
que todo o humano deleite,
como o meu pote d'azeite,
ha de dar comsigo em terra».

Obras de Gil Vicente; ed. de Mendes dos Remedios, tomo I, Coimbra, 1907, p. 13-14.

Fables de La Fontaine

LIVRE VII, FABLE X

La laitière et le pot au lait

Perrête, sur sa tête ayant un pot au lait,
bien posé sur un coussinet,
prétendait arriver sans encombre à la ville.

Légère et court vêtue, elle allait à grands pas,
ayant mis, ce jour-là, pour etre plus agile,
cotillon simple et souliers plats.
Notre laitière ainsi troussée
comptait déjà dans sa pensée
tout le prix de son lait; en employait l'argent,
achetait un cent d'oeufs; faisait triple couvée:
la chose allait à bien par son soin diligent.
Il m'est, disait-elle, facile
d'elever des poulets autour de ma maison:
le renard sera bien habile
s'il ne m'en laisse assez pour avoir un cochon.
Le porc à s'engraisser coûtera peu de son:
il était, quand je l'eus, de grosseur raisonnable:
j'aurai, le revendant, de l'argent bel et bon.
Et qui m'empêchera de mettre en notre étable,
vu le prix dont il est, une vache et son veau,
que je verrai sauter au milieu du troupeau?
Perrête là-dessus saute aussi, transportée:
le lait tombe; adieu veau, vache, cochon, couvée.
La dame de ces biens, quittant d'un oeil marri
sa fortune ainsi répandue,
va s'excuser à son mari,
en grand danger d'être battue.
Le recit en farce en fut fait:
on l'appela le Pot au lait.

A Saloia e a bilha de leite

C'uma bilha de leite, bem assente
numa sogra, á cabeça, Briolanja
pretendia á cidade
chegar sem sorte aziága.
Leve, e trajada ao curto,
largas pernadas dava.
Vestio simples saiote,
calçou sapatos razos nesse dia,
e assim arregaçada
somava já na ideia
quanto rendia o leite,
e em que empregasse a soma.

Comprava um cento de óvos,
chocava tres galinhas. Tudo lhe ia
ás maravilhas, pondo ela os desvelos.
« Facil me é (vai gizando)
nos redores da casa criar pintos.
Será giria a raposa, se não deixa
de tantos pintos com que eu compre um porco,
que com farelo, a pouco custo engorda,
e quando uma vez medre,
e encorpe bem arredrado,
torno-o a vender, e val-me grossa chelpa;
e quem me tolhe (visto o bom barato)
que no curral não meta
vaca com seu bezerrinho,
que pule, que retouce entre o mais gado? »
Nisto salta a Saloia, e cai a bilha.
Adeos choca, bezerro, porca e vaca.
A dona desses bens ao apartar-se
de riqueza tamanha ali vertida,
tristes olhos lhe põe. Vai desculpar-se
c'o marido, entre os sustos
de ser zurzida. Farças se fizeram
do tal caso, e a Saloia obteve a alcunha
Dôna Bilha de Leite.

(*Fabulas de Lafontaine*, traduzidas por Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento), *Obras*, Lisboa, 1838, tomo XII, p. 292-294).

FABULA 243.ª

A leiteira e a bilha de leite

Bilha bem cheia de leite,
que, lá no seu entender,
havia de lhe render
mais que se fosse de azeite,
uma saloia ladina
vem a Lisboa vender,
e em profundas reflexões
venturas mil imagina.
« Levo aqui meus seis tostões;
só com tres

compro boa deitadura,
lá na praça da Figueira,
para a galinha pedrez,
não ha melhor criadeira.
A ninhada está segura:
e se bom frango em janeiro
pode valer um carneiro,
boa ovelha hão de valer
os meus, ou antes as minhas,
(pois certo saem galinhas
dos ovos que hei-de escolher
bem redondos.) Uma ovelha
nem muito nova nem velha,
e que não sofra lazeira,
dar pode logo á primeira
dois cordeiros bons e bellos;
vou vendê-los
mais a mãi,
tomo a alguem
uns bezerritos de meias
que me dão duas mãos-cheias
de dinheiro.
Com este e o do mealheiro
muito bem posso comprar
uma junta de boisinhos
embora sejam ratinhos.»
Começa então a pular
de alegre batendo as palmas;
e promete missa ás almas
se lhe fazem alcançar.
Baldada foi a promessa,
pois tropeça
cai no chão
estatelada...
Lá vai o leite e lá vão
os sonhos da desgraçada.
Este espelho
(já bem velho)
deves tê-lo sempre á mão.

(Henrique O'Neil, *Fabulario*, 2.ª ed.. Lisboa, 1888, p. 406-407).

A cantanrinha de leite[1]

Era uma vez um homem e uma mulher muito pobres, que viviam em uma velha casinha quási no fim da aldeia. Os dois trabalhavam sem descanso; mas como tinham muitos filhos, ainda pequenos, o que ganhavam mal chegava para sustentar a família.

Uma tarde, já quási ao anoitecer, a mulher de um pastor, seu vizinho, veiu trazer-lhe uma cantarinha cheia de leite acabado de ordenhar, o que causou grande alegria à pobre mulher. O marido e os filhos, pensou ela, teriam nessa noite umas boas sopas de leite; e quando ia arredar do lume a panela, em que estava a cozer o bacalhau para a açorda da ceia, lembrou-se de outra cousa; tornou a arrumar a panela contra as brasas, e foi guardar a cantarinha de leite na pilheira da chaminé.

Á noite, depois da ceia, estando todos sentados em volta da lareira, a mulher foi buscar a cantarinha de leite para mostrar o convite da vizinha. Ficaram todos muito contentes; e o marido lembrou que com o leite se faria um bom almôço no dia seguinte; mas a mulher pousou a cantarinha na lareira; e sentando-se junto dele, com o filho mais novo no regaço, disse-lhe que tambêm tinha tido primeiro essa ideia; mas que depois, pensando um pouco, se lembrara de cousa melhor. «Olha, se tu quiseres, podemos com êste leite melhorar a nossa vida. Com o leite, que está na cantarinha, posso fazer àmanhã seis queijos, que vou vender a pataco cada um. Com êsses doze vintens compro uma franganita, que se cria aí pelo campo sem despesa; e logo que ela faça a postura, tira doze pintos, que nos rendem mais tarde dois

[1] Recolhida da tradição oral popular em Reguengos de Monsarás por uma senhora.

tostões cada um. Com essa meia moeda compramos uma marranita, que para o outro ano faz criação, e nos pode dar uns dez bacoritos. A gente trabalha um pouco mais para os sustentar até êles terem quatro arrobas; e então, vendendo-os a três mil réis a arroba, fazemos nos dez porquinhos, conto e vinte mil réis. Com êste dinheiro compramos um cavalo». Ao ouvir falar no cavalo, o filhito mais novo, que escutava com toda a atenção, o que a mãe estava dizendo, bateu as mãozinhas, e saltando do regaço da mãe para os joelhos do pai, gritou com grande alegria: «Ó pai, ó pai! quem monta primeiro no cavalo, sou eu, sim?» Então a mãe e os outros irmãos deram um grito de consternação, que abafou de repente toda a sua alegria. O pequenito ao saltar para os joelhos do pai, derrubara a cantarinha, e todo o leite se derramara e perdera na cinza da lareira; e assim se desfez a esperança de prosperidade que durante alguns momentos a toda a família enchera de contentamento.

NOTA A UMA PASSAGEM DA CRÓNICA DA TOMADA DE CEUTA

LIDA POR

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA

Na *Cronica da tomada de Ceuta* (cap. xliij), Gomes Eannes de Zurara conta, que a rainha D. Filipa de Lencastre, mulher del-rei D. João I, estando em Odivelas doente da enfermidade de que faleceu, chamou à sua presença seus filhos, os infantes D. Pedro e D. Henrique, e lhes recomendou muito que se amassem sempre; porque se assim fizessem, os seus feitos iriam de bem em melhor, e não haveria quem os empecesse; e para confirmação disto lhes referiu uma historia que se dizia em sua terra.

E bem interessante reconhecer e investigar, se fôr possível, a origem da mesma história.

As palavras de Zurara são:

«E ficamdo os outros Iffamtes [D. Pedro e D. Henrique] jumto com ella [com a rainha D. Felipa], assy fraqua como ella estaua lhes começou de dizer. Porque sempre uos uy em huũu amor e uoomtade, sem auer amtre uos nehuũa desaueemça per obra nem pallaura, assy como uerdadeyros jrmaãos, uos rroguo e emcomemdo, que assy como uos ata aqui amastes, assy uos amees daqui em diamte em seruiço de nosso Senhor, e sempre uossos feitos hiram de bem em milhor, e nom auera nehũu no rregno que uos possa empeeçer. E se fordes desuay-

rados e jnimijgos, nom auera em nos a força que ha, seemdo ambos em huũu amor, como claramente podees emtemder pollo exemplo da frecha, de que em nossa terra ha huũa estoria, em que sse diz, que ligeiramente pode huũu homem quebrar huũa e huũa, e pera quebrar mujtas jumtas compre mujto mayor força.»

Se, como parece, as palavras da cronica: *de que em nossa terra ha huũa estoria*, não são mero artifício literário, mas palavras pronunciadas pela rainha D. Filipa nessa ou em outra ocasião, elas demonstram, que a rainha possuía cultura intelectual e literária muito considerável.

Como é sabido a mesma história era conhecida na Europa na idade média por meio dos fabulários, escritos em latim, e traduzidos nas línguas vulgares. Foi provàvelmente em algum fabulário ou livro de exemplos, que a rainha D. Filipa leu a historia a que aludiu [1] falando aos infantes D. Pedro e D. Henrique.

A mesma história encontra-se nas fábulas (μῦθοι) atribuídas a Esopo; a sua redacção, conforme o manuscrito grego da Biblioteca de Florença (fábula n.º 52), é como se segue:

Os filhos do lavrador

Os filhos de um lavrador disputavam entre si.

O pai, exortando-os, não pôde conciliá-los com razões; contudo julgou persuadi-los por meio de factos. Estando êles assentados, mandou que lhes trouxessem varas; e tendo sido trazidas as varas, o lavrador, tomando-as, fez um feixe delas; e ordenou aos filhos, que cada um tomasse o feixe, e o quebrasse: mas êles experimen-

---

[1] É possível que a rainha D. Filipa lesse a mesma história no fabulário de Gualterius Anglicus (Walter l'Anglais), ou no de Johannes Saresberiensis, o que não nos foi possível verificar

tando não puderam quebrá-lo. Depois o lavrador, desatando o feixe, deu uma a uma, para as quebrar; e êles fizeram isto com facilidade. Então o pai lhes disse: Assim também vós, meus filhos, se fordes conformes comigo, sereis invencíveis e indomáveis pelos vossos inimigos; mas se permanecerdes disputando e altercando, fácilmente sereis tomados.

Esta história não é senão um exemplo, em que se verifica a verdade do aforismo bem conhecido: *a união faz a fôrça;* ou melhor, é a enunciação em linguagem vulgar do princípio, que em mecânica se denomina *composição das fôrças paralelas.*

Plutarco (46–120 J. C.) na *Vida de Sertório* conta um apólogo semelhante [1]. Sertório, querendo apaziguar a impaciência de seus soldados, que, sendo poucos, queriam pelejar com os soldados romanos, que eram em muito maior número, mandou reunir toda a sua hoste em certo lugar, para onde fez conduzir dous cavalos, um doente e velho, e outro grande e forte e notável pela grandeza e formosura das sedas da cauda. Conduzia o cavalo doente um homem de grande estatura e robusto, e ao cavalo valente um homem de pequena estatura e fraco. A um sinal dado o homem robusto, tomando com ambas as mãos a cauda do cavalo doente, procurava arrancá-la fazendo grande fôrça; e o homem fraco, tomando as sedas da cauda do cavalo forte às poucas e poucas, as foi arrancando. Depois o homem robusto, apesar de empregar grande fôrça, não pôde arrancar a cauda do cavalo doente, o que provocou o riso da multidão que assistia; em quanto que o homem fraco arrancou todas as sedas da cauda do cavalo robusto sem deixar nenhuma. Então Sertório disse aos seus soldados: Vistes

[1] *Plutarchi Chaeronensis opera,* Lutaetiae Parisiorum, 1624, tômo I, p. 576.

que a perseverança é mais eficaz do que a violência, pois muitas cousas que não podem ser comprimidas juntas, são esmagadas aos poucos e poucos.

O génio dos Gregos, que deu tantas provas da sua perspicácia, e cujos sábios condensaram em breves aforismos verdades imutáveis, era bem capaz de demonstrar por um breve exemplo o princípio acima enunciado; mas como é bem sabido, os Gregos foram muitas vezes sòmente os transmissores da sabedoria de outras gentes, cujos sábios não eram menos profundos pensadores. O Oriente nos chama: *Ex Oriente lux!* e como muitas outras, a história atrás referida, era conhecida em toda a Ásia desde muito antigos tempos.

No Ecclesiastes, cuja redacção é anterior ao século II A. C., lê-se: *O fio triplicado é cortado não com brevidade* (facilidade) (hebr.) Cap. IV, v. 12. Os LXX intérpretes traduziram em grego, que diz: *A corda de esparto é cortada não com brevidade.* E S. Jerónimo na Vulgata latina: *Funiculus triplex difficile rumpitur.*

No *Hitopadexa*, obra escrita em sânscrito, e composta provàvelmente no século XIV, mas certamente com materiais mais antigos, tirados sobretudo do *Pancatantra*, lê-se a seguinte estância (secção I, est. 34)[1]:

alpânâmapi vastunâm
samhatih kâryasadhikâ
trnairgunatvamâpannair
badhyante mattadamtinah.

isto é:

A coesão[2] ainda de pequenos elementos, leva a cabo uma emprêsa. Umas palhas enlaçadas em forma de corda seguram furiosos elefantes[3].

---

[1] *Hitopadexa*, ed. de Kielhorn e Bühler.

[2] *Hitopadexa, ou Instrução útil*, versão portuguesa por Monsenhor Sebastião Rodolpho Dalgado, Lisboa, 1897, p. 25.

[3] A palavra *trina* significa erva, especialmente planta gramínea-

Na obra escrita em chinês, cujo título é *Tsa-pao-tsang-king*, a que corresponde em sânscrito *Samyukta ratna pitaka sutra*, que foi traduzida em chinês no ano de 472 J. C. pelo çramana dos Países ocidentais Ki-kya-ye, assistido do religioso T'au-yao [1], refere-se a seguinte história:

Outrora houve um homem nobre, que tinha dois filhos; um dêles chamava-se Rista, e o outro chamava-se Arista; o pai dizia constantemente: «O que é exaltado, será abatido; o que é permanente, terá fim; o que é vivo, morrerá; o que é unido, se desagregará.» O mesmo homem nobre adoeceu; e quando estava proximo de falecer, fez esta recomendação a seus filhos: «Tende cuidado de não vos separar. Para dar uma comparação, uma só fibra [2] não pode prender um elefante; mas reunindo juntamente um grande número de fibras, um elefante não poderá quebrá-las. Da mesma maneira os irmãos, quando são unidos, são como muitas fibras juntas.» Depois que o nobre fez estas recomendações a seus filhos, exalou o último suspiro e morreu.

No avadāna intitulado *Pūrna* (perfeito), que faz parte do Divyāvadāna [3], escrito em sânscrito, e um dos mais

---

como capim, e caule (palha) desta planta. A palavra *guna* significa filamento, fibra, simples fio (coche), de que é formada a corda.

Na Índia os elefantes eram presos por meio de calabres feitos de juncos torcidos ou entrançados.

[1] Acêrca do *Tsa-pao-tsang-king*, no *Tripitaka chinês*, tômo XIV, 10, p. 24 *v.* e 25, veja-se Eduard Chavannes, *Cinque cents contes et apologues extraits du Tripitaka chinois*, Paris, tômo III, p. 49 e p. 1, nota 1.

[2] Talvez em sânscrito se lia a palavra *trina*, filamento, fibra, caule de uma gramínea, de que se faziam cordas grossas e calabres.

[3] *The Divyavadana, a collecion of early Buddhist legends*, now first edited by Cowell and Neil, Cambridge, 1886.

antigos livros sagrados dos Buddhistas do norte, conta-se o seguinte[1]:

Por isso em tempo posterior Bhava[2], senhor de casa[3], se tornou exausto (débil): ele reflectiu: Por meu falecimento meus filhos separar-se-hão; é necessário tomar-se uma disposição [para o evitar]: assim disse. Por isso [Bhava] chamou seus filhos, e assim lhes disse: Meus filhos, ajuntai alguns paus. E os paus foram ajuntados por êles. E Bhava lhes disse: Ponde-lhes fogo. E êles lhes poseram fogo. Bhava, senhor de casa, lhes disse: Cada um tire um tição. E por cada um deles foi tirado um tição. E o fogo apagou-se. E Bhava lhes disse: Meus filhos, vós vistes (o que sucedeu)? E os filhos responderam: Pai, nós vimos. (sim). E Bhava pronunciou esta estância:

> Os carvões juntos ardem,
> do mesmo modo os irmãos juntos (unidos) [persistem];
> como os carvões separados se apagam,
> do mesmo modo os homens [separados se estinguem].

Os fabulistas modernos, a partir de La Fontaine, aproveitaram o antigo apólogo para os seus fabulários; entre os portugueses foram Curvo Semedo e Henrique O'neil que composeram fábulas sobre sobre o mesmo tema[4].

Estes exemplos são suficientes para mostrar o diferente tratamento e as modificações consideráveis, que um apólogo, demonstrando o proveito resultante da prática de um determinado preceito moral, sofre pelo decorrer do

---

[1] *Divyavadana*, p. 27; E. Burnouf, *Introduction á l'histoire du Buddhisme indien*. Paris, 1844, p. 239.

[2] *Bhava* significa o que vem a existência, nascimento, produção, origem: *Bhava* é φοῖβος. (Monier Williams, *English-sanskrit Dictionary*, p. 748, e 222).

[3] Senhor de casa, *grihapati*, quere dizer homem rico. (Monier Williams, *English-sanskrit Dictionary*, p. 362).

[4] Veja-se adiante I, II e III.

tempo, e passando de um povo a outro de diferentes costumes e crenças.

I

Le Vieillard et ses Enfants

Toute puissance est faible, à moins que d'être unie:
Écoutez là-dessus l'esclave de Phrygie.
Si j'ajoute du mien à son invention,
C'est pour peindre nos mœurs, et non point par envie:
Je suis trop au dessous de cette ambition.
Phèdre encherit souvent par un motif de gloire;
Pour moi de tel pensers me seraient malséants.
Mais venons à la fable, ou plutôt à l'histoire
De celui qui tâcha d'unir tous ses enfants.
Un vieillard près d'aller où la mort l'appelait:
Mes chers enfants, dit-il (à ses fils il parlait),
Voyez si vous romprez ces dards liés ensemble;
Je vous expliquerai le noeud qui les assemble.
L'ainé les ayant pris, et fait tous ses efforts,
Les rendit, en disant: Je les donne aux plus forts.
Un second lui succède, et se met en posture,
Mais en vain. Un cadet tente aussi l'aventure.
Tous perdirent leur temps; le faisceau resista:
De ces dards joints ensemble un seul ne s'éeclata.
Faibles gens, dit le père, il faut que je vous montre
Ce que ma force peut en semblable rencontre.
On crut qu'il se moquait; on sourit, mais à tort:
Il sépare le dards, et les rompt sans effort.
Vous voyez, reprit-il, l'effet de le concorde:
Soyez joints, mes enfants; que l'amour vous accorde.
Tant que dura son mal il n'eut d'autre discours.
Enfin, se sentant près de terminer ses jours,
Mes chers enfants, dit-il, je vais où sont nos pères;
Adieu; promettez-moi de vivre comme frères,
Que j'obtienne de vous cette grâce en mourant.
Chacun de ses trois fils l'en assure en pleurant.
Il prend à tous les mains; il meurt. Et les trois frères
Trouvent un bien fort grand, mais fort mêlé d'affaires.
Un créancier saisit, en voisin fait procès;
D'abord notre trio s'en tire avec succès.

Leur amitié fut courte autant qu'elle était rare.
Le sang les avait joints, l'intérêt les sépare.
L'ambition, l'envie, avec les consultants,
Dans la succession entrent en même temps:
On en vient au partage, on conteste, on chicane:
Le juge sur cent points tour à tour les condamne.
Créanciers et voisins reviennent aussitôt,
Ceux-là sur une erreur, ceux-ci sur un défaut.
Les frères désunis sont tous d'avis contraire:
L'un veut s'acommoder, l'autre n'en veut rien faire.
Tous perdirent leur bien, et voulurent trop tard
Profiter de ces dards unis et pris à part.

(*Oeuvres de La Fontaine*. Paris. 1878. livre IV, table XVIII p. 87-88).

II

O velho e seus filhos

Um velho sabio e prudente,
vendo-se vizinho á morte.
chama tres filhos que tem.
e fala-lhes desta sorte:
Eia vede, amados filhos,
se quebrais por força ou geito
este emblema: e tira um molho
de varas de vime feito.
Ao filho mais velho o dá,
que se propõe a partí-lo;
mas por mais forças que emprega,
nunca pode consegui-lo.
Pega-lhe o filho segundo,
destro e valente rapás,
que partí-lo não consegue
por mais esforços que faz.
Entregam-no ao mais pequeno.
que blazona de mui forte,
torce-o, dobra-o, cora e sua,
e deixa-o da mesma sorte.
Fracos moços, diz o pai,
vossa fraqueza celebro.
vede como desta idade
essas varas todas quebro.

Depois desatando o molho
pronto as varas dividindo,
com toda a facilidade
huma a huma as vai partindo.
E diz: Vede neste exemplo,
filhos do meu coração,
os desastres da discórdia
e as vantagens da união.
Partir não podeis, ó moços,
as varas estando unidas;
mas, depois de separadas,
são por fracas mãos partidas.
Se unidos vos conservardes,
assim, ó filhos, sereis,
e aos baldões da impia sorte
sem custo resistireis.
Mas se algum dia a desgraça
vos chegar a desunir,
qualquer de vós aos seus golpes
não poderá resistir.
Assim o velho proclama
esta brilhante doutrina,
e no fim de pouco tempo
sua carreira termina.
Os filhos choram-lhe a morte
com lamentos deploráveis;
porem lembram se mui pouco
dos seus conselhos saudáveis.
Porque danoso interesse
em partilhas os envolve;
e um credor, e outro credor
os bens paternos dissolve.
Depois vomitando injúrias
huns contra os outros litigão,
e os ministros com prisões
e com multas os castigão.
Pobres por fim, noite e dia,
com pranto e queixas amaras,
recordam, mas sem remédio,
o sábio exemplo das varas.

(*Tradução livre das melhores fábulas de La Fontaine*, por Belchior Manuel Curvo Semmedo; Lisbôa, 1843, p. 179-181).

III

O velho e seus filhos

Sentindo a morte chegar
um velho mandou chamar
a seus tres filhos, e disse,
que desejava saber,
qual tinha tanto poder
nos pulsos, que lhe partisse
um feixe de varas feito,
que mostrou
junto do leito.
Todos tentaram a empreza,
mas nem força nem destreza
lhes valeu;
algum tanto se torceu
o feixe, mas não quebrou
Eis logo o velho separa
cada vara,
e uma após outra partiu.
«Cada qual de vocês viu,
quanto val 'starem unidos:
aqueles paus se o ficassem,
nunca seriam partidos».
Disse o velho, e lhes pediu
que do feixe se lembrassem
Prometeram; e morreu.
Mas do que foi prometido
nenhum mais se recordou:
e por isso sucedeu
ver-se cada um perdido:
e só então lhes lembrou,
já tarde, o feixe partido,
apenas se desatou.

Fabulario, composto por Henrique O'Neil, Visconde de Santa Mónica, 2.ª edição, Lisbôa, 1888, fábula 16, p. 24-25.

VOTO DE CONDOLENCIA PELA MORTE DE PÉREZ GALDÓS

Perante a morte de D. Benito Pérez Galdós, há poucos dias sucedida, não repetiremos a frase banal, que, em análogos casos, quási que inconscientemente se pronuncia; não viremos dizer, aqui, lamentosamente, como em frente de uma inesperada desgraça: « A Hespanha perdeu um dos seus mais gloriosos escritores! » Pérez Galdós, nascido em 1840, atingiu quási os limites extremos concedidos pela natureza à existência humana, e, dentro dêles, honrou, desde a juventude até quási aos derradeiros anos da vida, a alta mentalidade espanhola, enriquecendo, abundantemente, com produções de sumo valor, a sua riquíssima literatura. A Espanha não o perdeu, por conseguinte; a Espanha ganhou tudo quanto lhe podia dar o superior engenho dêsse seu filho, e teve a boa fortuna de êle só lhe morrer, depois de lhe legar uma grande obra, inteiramente acabada. Porque os últimos tempos da vida de Pérez Galdós foram já de deperecimento físico; e, embora um lampejo, mais ou menos furtivo, da sua perdida actividade, viesse, de quando em quando, relembrar o lutador antigo, a verdade é que as suas energias produtivas estavam quási extintas e que o ciclo do seu labor estava prestes a fechar-se. Perdas são as daqueles para quem se abre a sepultura no período risonho das promessas, que ficam irrealisadas; as daqueles a quem a morte derruba em virilidade plena, levando com

êles a obra, que ainda poderiam efectuar. Mas os privilegiados do destino, que tiveram tempo de materialisar em produções imorredouras as concepções do seu talento ou do seu génio e que lograram assentar a última pedra no monumento da sua glorificação, para êsses a morte não passa de ser o fenómeno transitório, que dá comêço à sua invejável imortalidade. Pérez Galdós foi um dêsses predestinados.

Percorrendo a lista dos nossos sócios correspondentes extrangeiros, para verificarmos se o seu nome formava parte dela, vimos, dolorosamente, que, entre os de tantos outros de que ela se ufana, o seu faltava à nossa glória. Não é, portanto, a um confrade, que vimos dirigir a última saudação, preito sentido de uma espécie de culto doméstico; é a um luminoso representante do génio peninsular, do génio latino, que fraternalmente vimos render o preito que lhe devemos, pela grande soma de prestigio com que êle o acrescentou.

Proponho que a «Academia das Sciências de Lisboa,» pela sua Classe de Letras, dirija à sua irmã, a «Academia de la Lengua,» de Madrid, fervorosos votos de condolência, pelo passamento dêste seu glorioso consócio.

A Espanha não teve, na segunda metade do século que findou e nos primeiros anos do presente, nenhum outro homem de letras, que a êste excedesse em merecida e justificada popularidade. Como criador de vida, como animador de personagens humanos, como observador de personalidades, tanto da vida fantasiada como da realidade, nos seus romances, no seu teatro e nos seus admiráveis estudos históricos, *Episodios nacionales*, teve toda a fecundidade exuberante de um Balzac, de um Dickens. Concebeu gente, pôl-a em acção, constituiu com ela um mundo tão positivo como o verdadeiro, tão animado e tangível como o real. Exacto, minucioso e colorido nas descrições; interessante e variado na fabulação; castiço

e clássico na linguagem; abunda nos predicados, em toda a parte requeridos, para a formação, quer de um novelista da vida social e moral, quer de um romancista-historiador.

A sua obra, abundante e variada, teve a facilidade, a fertilidade, caracteristicas do génio, e foi realisada em grande parte, mais por intuição do que, própriamente, por observação. Isto compreende-o quem conhecer, pelas suas próprias confissões escritas, o modo como êle coligiu os elementos, com os quais reconstituiu, como se dela tivesse sido testemunha presencial, a história épica da independência espanhola, desde a primeira invasão francesa até às luctas liberais de 1834. Despresando a história, como o vulgo geralmente a concebe, isto é, como um apontoado exclusivo de factos de ordem política, militar ou principêsca, com esquecimento sistemático de tudo o mais que constitui a vida e a existência dos povos, Pérez Galdós lutou com as maiores dificuldades e com a maior escacês de subsídios, para dar existência verídica a uma outra história, como êle a concebia, na qual se sentisse, por assim dizer «o viver, o sentir e até o respirar da gente.» E foi isso o que êle magistralmente realisou nos seus *Episódios Nacionais*, vinte volumes que, pela sua nota patriotica, hão de ter sempre leitores que os prefiram a todo o resto da sua obra, aliás enorme.

Outra feição do pensador e do escritor lhe assegura, ainda, uma grande corrente de estimação popular. Foi êle grande defensor da liberdade e do progresso; interessou-se vivamente, pelas questões morais e sociais; e lutou, com brilho e tenacidade, contra a intolerância religiosa e contra o predomínio clerical. Claro é que, por esta feição, o viram com menos complacentes olhos aqueles cujas pretensões e cujos interêsses as suas obras feriam. Uma comédia sua, altamente lisonjeira de certos ideais modernistas, *La de San Quintin*, tem por objecto

proclamar a superioridade do povo sôbre a aristocracia e anatematisar os ricos e os nobres. Unindo pelos laços do amor uma duqueza com um operário socialista, resolve, assim, a seu modo, a questão social que, de facto fica sem solução nenhuma. O mesmo lhe sucedeu com outras peças de tese, cujos temas também deixou insolúveis; sendo, como poeta dramático, que levantou em torno de si maior número de discussões.

Pérez Galdós, durante cêrca de meio século, agitou e interessou a opinião do seu país; enriqueceu sucessiva e profusamente, o património literário nacional; difundiu e dispersou ideas; educou gerações; fez larga sementeira de beleza artística; emfim, alargou, para muitas aspirações da mente e do coração humano, os âmbitos do ideal. Não foi inútil a sua passagem na vida: a sua obra fica, o seu nome não morre.

Fernandes Costa.

A CENSURA E O CANCIONEIRO GERAL

Quando na primavera de 1516 por ordem de Garcia de Rèsende se começou a imprimir o *Cancioneiro geral*, em Almeirim, na oficina de «Hermã de Campos, alemã, bombardeyro delRey e empremidor». ainda não existia no reino a censura eclesiástica, sob o aspecto introduzido pelo filho de D. Manuel, em cujo reinado a obra vira a luz.

No *Rol dos livros defesos* mandado publicar em 1551 pelo cardial infante D. Henrique, inquisidor geral, aparecem condenados a supressão sete autos de Gil Vicente mas nenhuma referência se encontra relativa à compilação coordenada por Garcia de Rèsende.

Só acho mencionado o *Cancioneiro* no *Index librorum prohibitorum* impresso em 1581, em Lisboa, por ordem de D. Jorge de Almeida, arcebispo daquela diocese e inquisidor geral. Neste tomo, na sua segunda parte intitulada *Catalogo dos livros que se prohibem nestes Regnos & Senhorios de Portugal, etc.*, impressa porêm na mesma ocasião, mas com frontispício e numeração especial de folhas, lê-se, entre os «Livros prohibidos em Lingoajem», o seguinte: «Obras de graças, zombarias, que andão no Càcioneiro geeral, Portugues, ou Castelhano, no que toca a devação, & cousas Christãs, & da sagrada Scriptura: ou em outra qualquer parte onde estiverem.»

Aqui ficou registada a ameaça nunca levada a efeito por se não ter tratado da reimpressão do *Cancioneiro*,

pois que, se nesses tempos da censura inquisitorial, alguem tivesse pensado em publicar nova edição dêle, ver-se-hia então quam mutilada ela sairia dos prelos, como sucedeu à *Copilaçam das obras de Gil Vicente* impressa em 1586. Não obstante, é-nos possível conhecer o avultado número de passagens sujeitas à censura e o seu rigor em alterações e supressões, pois que no *Index auctorum damnatae memoriae*, publicado em 1624, vem transcrita toda a censura[1]. As referências porêm aos trechos censurados são pouco explícitas e parece-me ser de interêsse, não só esclarecê-las, mas tambêm tornar patente o critério inquisitorial revelado na sua censura.

Do *Cancioneiro geral* existem quatro edições: a magnífica de 1516 dada à estampa pelo próprio compilador, o jucundo Garcia de Rèsende, merecedor de imperecível aplauso e reconhecimento; a de Stuttgart de 1846 publicada sob a direcção do dr. E. H. von Kausler; a bela reprodução da primeira em fac-símile, mandada executar em 1904 pelo sr. Archer M. Huntington, na Vinne Press, e tirada de um exemplar existente na sua biblioteca; e finalmente a dirigida pelo benemérito sábio dr. Gonçalves Guimarãis, impressa em Coímbra nos anos de 1910 a 1917.

Em ambas as edições mais acessíveis, tanto a de Stuttgart, como a de Coímbra, vem indicada à margem a numeração das folhas e das colunas da primeira edição, por tanto fácil será aos possuidores destas reimpressões confrontar nelas as citações da censura e minhas adiante indicadas.

Passarei agora a transcrever a Censura de 1624, intercalando os trechos por extenso sôbre que ela recaíu.

---

[1] De pag. 346 a pag. 349.

Cancioneiro géral Portugues

Do Cancioneiro gèral em língoa Portugues impresso em Lisboa por Hernam de Campos anno 1516. se ha de emendar o seguinte.

Fol. 15. pag. 1. coluna 3. nas obras de Dõ Ioaõ de Menezes em a estancia, *Mas sy sois de mim culpado,* se risque o quinto verso.

sy myrais quien es my dios [1].

Fol. 16. pag. 2. coluna 3. se rìsque toda a estancia, *Vejouos minha Senhora,* & acaba, *Nem por seu gram padecer.*

Vejouos, minha senhora,
naçida sem par no mundo,
vejo a mym que mylhor fora
ca me ver sem vos agora
ter m'a terra ja de fundo.
Vejome por vos penado,
vejo deos por vos fazer
ser de todos mays louuado
que por ser cruçeficado,
nem por seu gram padeçer.

Fol. 17. pag. 2. col. 3. huã grosa a *Memento homo quia puluis es,* &c. começa, *Lembrate que es de terra,* se ha de tirar, *Memento homo,* &c. E tambem se risque a estãcia, *Guai de tua fermosura.* & acaba, *pois me aqui pagar nao queres.*

Goay de tua fremosura,
que conta lhe pediram
da perdida perdiçam
da minha triste ventura.
O dia da sepultura
pagaras quanto fezeres,
pois m'aquy pagar nã queres.

---

[1] As transcrições dos versos suprimidos tiro do próprio *Cancioneiro* e não da Censura inquisitorial, onde elas nem sempre aparecem correctas.

Fol. 19. pag. 2. col. 1. nas obras do Coudel mór se risque hũa que começa, *Pelas praças de Lisboa*, & acaba, *por si, & pelo parceiro.*

O Coudel moor as damas, porque derã,
a hũa que casou, a melhor peça que
cada hũa tynha dajuda pera
o casamento, antre as quaes
lhe derão o sexo de dona
Lucreçia.

Polas praças de Lixboa
tantos louuores vos dam,
que a mañão nunca lhe doa
quẽ fez tall rrepartiçam.
Que no tall tempo de vodas
faça voda quem quiser,
mas por çerto ha mester
que aly lh'acudam todas

E poys tam bem acudistes,
louuor grande vos acuda,
qua sem sexo se concruda
todas vodas serem tristes.
Mas hũ de nos cinco ou seys
esta questam fazer ousa,
que achastes hessa cousa
hu se rremetam nas leys.

Er'ele sobelo ancho,
ou tira mays de rredondo,
ou tambẽ se lança gancho,
cando esta sobre cachondo.
Ou se anda perfilado,
como compre ha donzela,
ou s'estando arreganhado
se verão dele Palmela.

Se he per ventura caluo,
sse toca de cabeludo,
sse faz agoa a seu saluo,
sse myja com'a ssesudo :

sse he famynto, se farto,
sse he pardo, se vermelho,
sse rrapa como coelho
ss'arranha como lagarto.

Se he manso, se brigoso,
sse lança couçe a espora,
ou cand'estaa forioso,
sse o quer dentro, sse fora,
Ou se por matar a sede
a traues toma myl saltos,
ou se lhe praz dos pes altos,
arrymado's haa parede.

Se tem rrysco no gargalo
do poço laa da Fotea,
ou depoys que papa ꝛ çea,
sse fica com bom rregalo,
Ou se tem crista de galo,
ou fala cóm boca chea,
ou apagando a candea
que som faraa sem badalo.

S'ee de mole carnadura,
sse tem cabelo de rrato,
ou sobre vyanda dura
sse daa punhada ho gato.
Cando estaa de ssy contente,
a quall parte mays s'emborca,
ou se cando bate o dente
faz bacorynho com porca.

Fym.

Quanta ssoma d'almazem
cabe laa em seu carcaxo,
ou que tempo se detem
em fazelo altibaxo.
Se he leesto marinheiro
em meter hũa moneta,
ou se faz a çapateta
por sy ꝛ polo parçeiro.

Fol. 20. pag. 1. col. 2. se risque toda a estancia. *He muy bom ser alterado.* acaba. *E mentir de macha mano.*

He muy bom ser alterado
ꝛ ser gram desprezador.
ꝛ he bom ser rryfador,
mas melhor ser desbocado.
Outrossy he bom d'oufano
em todo caso tocar,
mas melhor he ja gabar,
ꝛ mentir de machamano.

Colu. 3. na estancia *Quem estas manhas tiuer,* se risque do quinto verso, *ca hu,* ate o quarto. *como fora &c.* inclus. que está na seguinte troua, *Mas que digo &c;*

La hu s'ele descobrir,
qual seraa tam sofruda
que lhe logo nam acuda,
ꝛ lhe dê canto pedyr.

Mas que digo, sayba, sayba
jugar d'espada ꝛ broquell,
porque dentro no bordel
como fora dele cayba.

Fol. 21. pag. 2. col. 1. em hũas trouas a Ioão Affonso de Aueiro, na estancia *faz mostrar preto por branco,* se risquem os quatro versos vltimos que começaõ, *Leua o frade,* & acabam, *nos fara ja, ta que quebre.*

Leua o frade que çelebre
aas tauernas,
byxygas por alanternas
nos faraa ja ta que quebre.

Fol. 22. pag. 2. colu. 2. hũa do Conde Dom Aluaro,

se risque toda que começa, *des que fordes juntas duas,* & acaba, *que toda não seja tua.*

Do conde dom Aluaro, que mandou
a hũa senhora que era terçeyra
em hũs seus amores.

Desque fordes juntas duas,
vos hes'outra que sabees,
por mym tanto lhe dyrees,
o senhora, nam destruas
Aquelle que em maãos tuas
encomenda seu esperyto
ꝛ manda per este escrito,
que cousa nam fyque sua,
que toda nam seja tua.

Fol. 23. pag. 2. colu. 2. nas obras do Coudel mòr, se risque hũa que começa, *Não leuaes boa maneira,* & acaba, *Melhor boa alcouiteira.*

Coudel moor.

Nam leuaes boa maneyra
para muyto autorizar,
poys por amygos cobrar
vos fazeys alcouuiteyra.

Mas que digo, fazeys bem,
ca eu disso tal me pago,
ca poys vos nam quer ninguem,
nam he bem qu'estes de vago
Bom he ser mexeriqueyra,
per oo paço emburylhar,
ꝛ pera amygos cobrar,
mylhor he'alcouuyteyra.

E logo adiante se risque a estancia, *Senhora cunhada*

minha, com a seguinte que acaba, *festa da Encarnaçam.*

Coudel moor a sua cunhada, que lhe mãdou hũa escreuanynha frãçesa, que trazya o cano no tinteyro tudo junto pegado.

Senhora cunhada mynha,
deu me grande toruaçam
esta vossa escreuanynha,
c'adavynha
a festa d'encarnaçam.

Nũca vy cousa tam noua,
nem joya tam excelente,
mas dos cuydos que rrenoua,
sejaa proua
ho tynteyro seu presente.
Ca jaz dentro na baynha
d'hũa tam noua feyçam,
que sem caso d'antrelinha
adeuinha
a festa d'emcarnaçam.

Fol. 24. pag. 1. col. 1. se risquem as estancias do mesmo Autor que começão, *Porque meu mal se dobrasse*, & acabão, *Aqui vereis Palmella.*

Do Coodel moor

Porque meu mal s'y dobrase,
vos fez deos fremosa tanto,
que nam sey santo tam santo,
que pecar nam desejasse.

Polo qual sey que me vejo
de todo ponto perder,
por nam ser em meu poder
partirme deste desejo.
Mas que m'este mal fadasse,
ꝛ me traga dano tanto,
praz me, poys nã sey tã santo,
que pecar nam desejasse.

Do Coudel moor a hũa senhora que queria fogir de Palmela por se dizer que morrera hy hũa molher, ⁊ ella morrera de parto.

Que en trajos de donzella,
dona, motejes assy,
senhora, soby aquy,
⁊ d'aquy vereys Palmela.

As nouas ca tanto correm,
que d'ouuylas ja sam farto,
que nessa vyla nam morrem,
senhora, se nam de parto.
E poys fyngys de donzella,
nam fugaes por ysso d'y.
mas podeys sobir aquy,
⁊ d'aquy vereys Palmela.

Fol. 25. pag. 1. colu. 3. em as obras de Aluaro de Brito Pestana, a Luis Fogaça, se risque da estancia que começa. *os que sacendem em furia,* ate as palauras, *tres mil villas.* que estão na col. 3. perto do fim.

Os que s'açendem em furya
com sobejos apetitos,
muy açesos
nos ardores da luxuria,
que de solturas suditos
jazem presos,
Caçurrentos mays que pulhas,
de seus males criminaes
se castiguem,
porque tantas maas borbulhas
tam grandes dores mortaes
se metyguem.

Casados tem barragâas,
⁊ casadas barragâaos,
desta sorte
frades com freyras louçãas,
nam dam doentes nem saâs
pola morte.

Nossa ley do casamento
damoslh'abyto mourysco
muy bastardo,
vodas, ordẽs, sacramento,
nam segundo sam Françisco,
sam Bernardo.

Por surdas alcouuyteyras,
barateyras ⁊ beatas,
muytas ardem
em desonestas fogueyras;
desbaratem taes baratas,
nam lhe tardem.
Nam cuydem com ellas ter
conuersaçam sem doesto,
ca nam podem
muytos dias se manter,
que nam vam pelo cabresto,
v s'emlodem.

Alguũs ha na crelezya
que leuam errados rrumos,
mao costume
de vestyr epocresya,
sam deuotos mays dos fumos
que do lume.
Leuam pecados alheos
muy grauemente defendem,
⁊ nam tardam
de fazer outros mays feos,
de que nunca se rreprendem
nem se guardam.

Ca deuassam as igrejas,
ermidas ⁊ moesteiros;
os sagrados
por molheres ham pelejas,
por molheres sam guerreyros
namorados

Suas oras engroladas,
em torpe vyuemda çuja
desrregrados,
duas manhas costumadas
dentro no porto de Muja
costumados.

Estudantes preguadores
metem sanctas escreturas
em sermoões,
diriuados em amores
fazem de falssas feguras
tentaçooes.
Quando vyrem tal caminho
de maa preegaçam, s'afastem
os que ouuem,
demlhe todos de foçinho,
taes metaforas contrastem,
ꝫ deslouuem.

Sebrecreçẽ os demonyos
ꝫ semeam vytuperios,
d'u se cryam
doestados matrymonios,
dessolutos adulteryos
se cotyam.
As enerynações malynas
de ssatyras ealidades
destroylas,
as que sam adulterynas
danary[a]m myl çydades,
tres mil vilas.

Fol. 27. pag. 1. col. 1. em hũa que começa, *sem penna ou sem fauor*, se risque o segundo verso,

nem per graça deuinal.

E na estancia seguinte se risque o sexto verso,

que queyra Deos eternal.

Fol. 28. pag. 1. col. 2. em hum rifaõ que começa, *Vossas burbulhas me comem*, & tem tres estãcias, de cada hũa dellas se tirem as duas regras vltímas, *sois porque disse Iesu*, &c.

soes por quẽ dyse Jesu
pesame porque fyz omẽ.

Fol. 31. pag. 2. col. 3. em hũa reposta que começa, *Quem mais perde*, se risque o septimo verso, *Ca dito tem*, com os dous seguintes.

ca dito temos d'autor
que dios al buen amador
nunca demanda pecado.

E logo adiante se risque toda a cantiga de Antaõ de Montoro em louuor da Rainha Dona Isabel, que começa, *Alta Raynha soberana*, & acaba, *recibiéra carne humana*, donde se riscará tambem todo o nome do Autor.

Cantigua d'Antom de Montoro ẽ louuor da rraynha dona Ysabel de Castella.

Alta reyna soberana,
si fuerades ante vos
que la hija de sanct'Ana,
de vos el hijo de dios
rescibiera carne humana.

O bella sancta discreta,
con espirencia se aprueue
que aquella virgem perfecta,
la diuinidad ecepta,
esso le deueys que os deue.
Y pues que por vos se gana
la vida y gloria de nos,
si no pariera sanct'Ana
hasta ser nascida vos,
de vos el hijo de dios
rescibiera carne humana

Fol. 57. pag. 2. colu. 3. se risque hũa reposta do Coudel môr a Diogo Pedrosa, que começa, *Quem sabe ser namorado,* & acaba, *porque sua coua tapa.*

Reposta do Coudel moor polos consoantes

Quem sabe ser namorado.
nam leyxa tempos passar,
nem em tal caso quebrar
juras nunca foy pecado.
Quãto mais que nagoa ẽvolta
sempr'aa fyna pescaria.
ꝛ quem sab'a parçaria.
o amor tredor nam solta.

Doçe baylo de mourisca
mil sentidos faz perder,
ꝛ la mete hũa tal trisca
qu'ee muy ma de guoareçer.
Quer sejays duro quer tenrro,
procuray vossos fauores,
mas sobre conpadre jenrro
duuydam nyss'os doutores.

Mas se vos tresfoy Martin,
fazeys ynda sem demora,
medrareys ho gualarim
segundo o al em vos mora.
Sede seruidor de chapa,
se vos pregriça nam fylha.
goardar de dor de virilha,
porque sua coua tapa.

Fol. 58. pag. 2. colu 2. (aliás, 1) em hũa obra de Gil de Crasto, se risque a segunda estancia, *E sem vossa companhia,* ate a sexta que acaba, *que fará grande pequice*·

E sse em vossa companha
forem algũas donzelas,
nunca vos ssay[ae]s d'antr'elas,
como ja tendes por manha.

Nom syrnaes sempre cõ hũa,
sse vos mal disser a dyta,
mas a quem vos disser yta,
a essa tanjey a mula.

Cõ quẽ vos der milhor jeito,
seruires polo caminho,
nom leyxes de sser daninho,
quando virdes tempo feyto.
Onestamente ꝛ de dia
seja de vos bem seruida,
ꝛ por cousa desta vyda
nam leyxes descortesya.

Como virdes o ar pardo,
que ja quer anouteçer,
sse tomar queres prazer,
nunca vos mostres couardo
Leyxayuos fycar detras,
mamday os moços diante
huũ desuyo de gualante
jaa sabeys como se faz.

Ordenay como se deça
pera correger a çylha,
ꝛ ençima da mantilha
fazey cousa que pareça.
Sendo loguo perçebido
que muy bẽ lha alimpeis,
porque nam seja sabido
nada dysso que fazeys.

Se a virdes muy queyxosa,
amostray grande braueza,
dizelhe pera fermosa
nam he jsso gentileza.
Seja a ssela tornada
com gram prazer ꝛ lediçe,
dizey que nam digua nada,
que faraa grande pequyçe.

Fol. 60. pag. 2. colu. 2. (aliás, 1) hũa de Ioaõ Barbato *deume tais padecimentos*, se risque toda. E tambem o

demais ate a fol. 62. (aliás, 61) pag. 1. colu 3. ate o titulo, *de Diogo Fogaça*, exclus.

De Johã Barbato, como se ham de seruir as damas, daa sete auisos.

Deu me tays padeçimẽtos
com tam diuersos cuidados
quem seray,
que fiz sete avisamentos,
⁊ todos espermentados
ja por my.
Nos quaes serey verdadeiro,
mas veja quem os seruir
v sse mete,
qu'ee o auiso primeiro,
que lhe compre de seguir
todos sete.

No primeyro, de tua dama,
antes que seja seruida,
te dou pejo,
⁊ sabe por sua fama,
s'ela quer, ou he querida.
nesse emsssejo.
Porque se querida for,
com tanto qu'ela nam queyra,
poderaas
darte por seu seruidor.
mas se quis bem da primeira,
partiraas.

No segundo, v for posta
hũa vez tua firmeza,
consentyres
com trabalhada crueza
que te venha maa rreposta.
nam partires

Que vees que se syguiraa,
se deyxares esta hũa
ꝛ outra metas,
nunca t'agasalharaa
em dias molher nenhũa
que cometas.

No terçeyro aperçeber
lembrete, que te auiso
em tal maneira,
v puseres teu bem querer,
que seja molher de syso
ꝛ verdadeira;
E peroo presumiras
que o seu bom entender
te embeleça,
syruia bem, ꝛ veras,
que milhor he de mouer
que a peça.

No quarto assegurar
se poderes, seja çedo,
nam te leyxe,
ꝛ se vires tal luguar,
tu lhe poẽ as mãos, sem medo
que s'aqueixe.
Ca que t'ela bem entenda,
fymge nam no entender,
ꝛ elhe viço,
ꝛ posto que se defenda,
todo seu bom defender
he fyngydiço.

E no quinto tu rretem
hũa vez teu bem querer,
se poderes,
posto que lhe queyras bem,
nam lhe des a entender
quanto lhe queres.

Que s'ee molher entendida,
conheçera bem teu jeyto.
⁊ maneiras,
⁊ ja toda tua vida
sempre lhe seras sojeyto,
que nam queyras.

Se quiseres seruir amores,
tu sabe tomar aqui
tua ventagem,
esta dama que seruires
nam valha menos que ty
por linhagem.
Milhor he menos amado,
posto que s'oomẽ afronta
com verdade,
⁊ querer em alto estado
que doutra de menos conta
liberdade.

Fym.

No seteno te concrudo,
se quiseres bem querer,
faz mester,
que te tenha por sesudo
⁊ de muyto entender
esta molher.
Tu sê lhe tal seruidor;
que saybas bem encobrir
sa poridade,
⁊ eu fico por fiador
quem sa dama assy seruir
que a rrecade.

De Joham Barbato a Violante de Meyra.

Senhora, contaruos ey,
preguntay a Vasco Palha,
de hum sonho que sonhey,
⁊ do prazer que tomey
tornoussem'em namigalha.

Vos vinheys de cas da rrainha,
vos dezyeys que fogida,
⁊ dizendo, ho mezquinha,
poys ventura tal he minha,
ja creo que sam perdida.

E daueys huũ grãde brado,
quem se doy daquesta dama,
eu jazia ja deytado,
acordey estrouynhado,
⁊ saltey fora da cama.
E eu vos nam conheçy,
quando foy pola primeyra,
mas despoys que vos bem vy,
senhora, disse assy,
soys Vyolante de Meyra.

Quãdo cheguastes a mym,
vos fycastes bem çytada.
⁊ dyxestes, ho coytada,
nam achaua outra pousada,
o demo me troux'aquy.
A la fee, dyss'eu, donzella,
seres mynha conuydada,
pois vos tenho na pynguela,
eu creyo que soys aquela
que doona seres tornada.

Vos vinheys este seram
mays vermelha que a brasa,
eu fuy loguo temporam,
⁊ tomeyuos pola mam,
metiuos dentro em casa.
Aly dezyeys, senhora,
o por amor dos donzes,
por merçe lançayme fora,
perdoayme por aguora,
omilhom'a vossos pees.

Al me podes vos rroguar,
rrespondy, senhora, eu,
mas de vos esta quitar,
eu seria de tachar
por muyto mais que sandeu.
Em tam, senhora, vos vya
em tamanho desbarato,
que vossa merçe dezia,
pois ventura tal he minha,
entreguayuos, Joham Barbato.

Estas rrezões acabadas,
por delas nam fazer custa,
nẽ despender mays palauras,
descalçey loguo as braguas,
ꝛ aparelheyme de justa.
Eu vos posso affirmar
ꝛ dar de mym esta fee,
que nã tynemos vaguar,
pera nos hyrmos lançar,
ꝛ começamos em pee.

Despoys disto começado,
vos dissestes hũa cousa,
poys ja tal he meu pecado.
amiguo, sede lembrado
nam no sayba Rruy de Ssousa.
Respondiuos desta guisa:
nam tenhays esta sospeita,
mas por ver vossa deuisa.
desuesty esta camisa,
quero ver como soes feyta.

Vos desuestistes vos loguo,
ꝛ oulhastes bem par'ele,
quando vy o mays do joguo,
eu ardia em tal foguo,
que nam cabya na pele.

Tornastes vos a vestyr.
ꝛ lançastes vossos contos,
começastes de carpir,
quem me soya a seruir
me faz andar nestes pontos.

Brandando cõ boa vontade,
ho meu senhor ꝛ amiguo,
pois levaes a virgindade,
obray ora piadade,
ꝛ casay ora comiguo.
Eu o quero ja fazer,
senhora, por conçiençia,
mas vos tinheys'o poder,
ꝛ eu nunca pud'auer
hũa vossa audiençia.

Vos vistes que me prazia,
senhora, de eu querer,
ꝛ vossa merçe fazia
comssyguo tal alegria,
que chorauceys com prazer.
E a mym, que nam pesaua,
me mataua bem de rriso,
porque, senhora, cuidaua
que aquilo que sonhaua
que era em todo meu syso.

Fym

Toda a noyte trabalhey
em andar nest'embeleço,
mas sabey, quando acordey,
eu certamente m'achey
hum muyto valente peço.
Qu'assy deos me dey vitoria
em tal prazer qual estaua,
despois ouue menẽcoria
por perder aquela groria,
senhora, em qu'eu estaua.

Fol. 61. pag. 2. col. 1. hũa de Diogo Fogaça se risque toda, começa *Ay molher*, ate o titulo, *cantiga sua*, exclus.

De dyoguo foguaça.

Ay molher, eu vos ey medo
da yra de dom Fadrique,
guardayuos d'auer huũ pyque,
ou anday c'o rrabo quedo.

Vejo vos tal condiçam,
que dũ soo nam soes contente,
quem a corna nam conssente,
vemlhe de bom coraçam.
Avey bom consselho çedo,
s'emtemdeys de vos casar,
confessar ⁊ comunguar,
ou andar c'o rrabo quedo.

Mãda deos dũ homẽ soo
ser contente hũa molher,
⁊ quem mays que huũ quiser
o demo aja dela doo.
Julgua Luys d'Azeuedo
que tem a vara del rrey,
que moyra segundo a ley,
ou ande c'o rrabo quedo.

Fol. 62. pag. 1. col. 3. em hũa de Affonso Valente, a Dona Guiomar de Castro, na segunda estancia, ***Este mar he muy brigoso***, se risquem os cinco versos vltimos que começaõ, ***Este mar he Guiomar***, & acabaõ, ***por senhora.***

Este mar he Guyomar,
a dyesa que se adora,
esta se deue louuar,
esta se deue adorar
por senhora.

Fol. 63. pag. 1. colu 1. nas obras de Ruy Monis, em hũa que começa, *expedit vnam mulierem mori,* acaba, *da fama de hũa senhora*, se risque tudo.

Ruy monyz alegando ditos da payxam pera matarem
hũa molher de que s'aqueyxaua.

Expedite vnam mulierem mory

Por tall de nam pereçerẽ
as molheres virtuosas,
nem suas famas perderem
as damas gentys, manhosas,
Assy s'escreue, senhores,
na Payxam, por seu castigo,
⁊ eu assy volo diguo,
auangelista d'amores.

Non licet mittere eam in carbonum.

Nam he neçessaria cousa
desta molher fazer vida
em casa, onde rrepousa
bondade tam conheçida
Porque seria pecado
d'aquesta viuer ⁊ nam
mora falsso coraçam,
do que deue mal lembrado

Secũdum legem debet mory

Segundo ley morrer deue,
poys em sy tanto mal traz
a molher, que se atreue
a fazer o qu'esta faz.
As leys vmanas o querem.
os direitos o conssentem,
⁊ os que dela se sentem
sempre sua fym rrequerem.

Tole, tole, crucifige eam.

Logo a crucifiquemos,
poys se nam quer correger,
ou morte cruel lhe demos,
por mays males nam fazer.
Porque, se muyto andar
no lugar em que andamos,
com as que mays desejamos
nos a sempre de trouar.

Hanc dimittis, non es amicus Cesaris.

Se viua sobala terra
leyxamos quem nos quer mall,
destroyndo o mays leall,
conssentyndo quẽ mays erra,
Ymigos das nossas vidas
somos verdadeiramente,
ꝛ nam das nossas soomente,
mas das que temos seruidas.

Tradidit eam illis vt crucifixeretur.

Com pregam seja leuada
desta gentil corte fora
esta ymiga prouada
da fama de hũa senhora.

E na col. 3. (da pag. 2) outra do mesmo, que começa, *senhoras concedo,* acaba, *par Deos eylhe medo,* apaguese toda.

Senhoras, conçedo
çymbrar ou casar,
qua quem lhe tardar,
par deos, eylhe medo

Fol. 64 pag. 1. colu. 3. outra do mesmo, que começa,

senhoras vos todas tres, acaba, *se por, vt, Re,* risqueso toda.

Outras de Rruy Moniz a tres freyres dum moesteyro.

Senhoras, vos todas tres,
porque soes de muy bõ tento,
por merçe rresponderes,
ꝛ ysto decrarareys
em nome desse comvento.
Dizemos qua antre nos,
ꝛ todos tem por tençam,
se nam he frade,
que quem jaz cña de vos,
que lhe cay arma da mão,
se he verdade.

E tã bẽ muytos s'afastam
d'andar cõ vosco d'amores,
ꝛ qua pelo lugar catam
outros amores que matam
todolos vossos fauores.
E dizem que o Antecristo
ha de ser de vos gerado,
por merçe decraray ysto,
se quem vos coçou foy visto
em sua morte alterado.

Cabo.

E porque nos nã sabemos
tam bem arte do cantar
como vos, nem n'aprendemos,
em gram merçe vos teremos,
emssynardesnos solfar,
E manday tudo num rroll,
senhoras, por vossa fee,
ꝛ dizeynos em bemoll,
se folguays por my fa soll,
se por vt rre.

E mais adiante se risque outra do mesmo que começa, *dama do gentil despacho.*

Cantigua de Rruy Moniz a hũa molher que elle ja conheçeo, z mandoulhe hũa muyto maa rreposta.

Dama do jentyll despacho,
que pouco days por ninguem,
eu sey que vos sabeys bem
se sam femea se macho.

Eu vos nam auorreçia,
eu sey bem que vos coçaua,
z que quando m'aprazia
em osso vos caualguaua.
Poys se quer auey empacho,
vos molher de pouco bem,
de quem vos em Santarem
caualgou sem barbyquacho.

Fol. 65. pag. 1. colu. 1. nas obras de Iorge d'Aguiar em hũa ao Conde de Borba, a estancia que começa, *Não cureis de tal terceiro,* com as seguintes se risque ate o verso, *em mil annos hũ dia,* inclus.

Nã'cureys de tall terçeyro
de que sejaes rreçeoso,
antes peytay hum porteyro
com vestido z dinheyro,
z seja porem dioso.
S'y ouuer compytidor,
nam lhe mostreys amyzade,
qu'ee synal de pouca dor,
antes muyto desamor
lhe mostray, z maa vontade.

Quando quer que lhe falays,
sempre vos conheça pejo,
z mostray que vos toruais
em dizer o que passais,
qu'ee synal de bem sobejo.

Com as outras despejado,
nam despejo tras saydo
em tratalas muy ousado,
em gabalas nam calado,
por ser mays fauoreçido.

S'asy fordes esquençado
que vos vejays melhorar,
quanto mais fauorizado,
vos mostray mays agrauado
a quem com ella pousar.
Mostraynos seu seruidor,
⁊ que tudo lhe palrraes,
queyxaynos de desfauor,
porem cousa de fauor,
jamays nunca lhe digaes.

S'em tal lugar vos topardes,
nẽ prestem brados nẽ choro,
por que quanto aly ganhardes,
desque rreconçilhardes,
vos fycara ja por foro.
Nam vos forçe bem querer,
que vos tolha ousadia,
que poderaa muy bem ser
que nam podereys auer
em mill anos hũ tal dia.

Fol. 67. pag. 2. colu. 2. em hũa feita a Dom Goterre, que começa, *sabes quantos annos has*, se risque o verso septimo.

E que jaa entam fodias,

E na col. 3. hũa ao Comendador mòr de Auis, *Quien te vio como te ey visto*, acaba, *E disto*, se risque toda.

Ao comẽdador moor d'Avys

Quẽ te vyo como t'ey visto
daraa voz
que pareçes byaroz
de dar papa a Jesu Cristo,
⁊ disto.

Nam te digua a ty ninguẽ
ca caualo es fermoso,
de mula pareçes bem,
por qu'ees ayroso.
Em dama nam faras choz,
saybam laa que digu'eu ysto,
que pareçes biaroz,
que vas fartando d'apisto
Jesu Cristo,
⁊ disto.

Fol. 69. pag. 2. colu. 2. em as obras de Ioão Gomes da Ilha, hũa cujo titulo he, *Confissaõ:* da estancia que começa, *sei que vos confessareis*, se risque, ate *ser seruidor verdadeiro*, que està no principio da folha 70.

Sey, que vos confessareys
polo ano, ⁊ seus dias,
vos de mym açeytareys
tres pecados, que sabeys
que condenaram Mançias
E a vosso confessor,
desque os vossos dysserdes,
sereys dos meus rrelator
⁊ term'eys por seruidor,
quando m'eu seruir quiserdes.

Vos dyzey que sam casado,
⁊ quero bem a casada,
sendo d'amor tam forçado,
que nam sento por pecado
ela ser de mym amada.
Nem me posso conheçer,
se nam tam sojeyto dela,
que cuydo que padeçer,
⁊ tras padeçer morrer
devo soportar por ela.

E o pecado segundo
lhe direys, que meu sentido
nam se funda nem me fundo
se nam sempre neste mundo
querer mal a seu marydo.

E a morte lhe desejo
mays çedo que possa ser,
⁊ o demo nele vejo,
⁊ ey gram prazer sobejo,
quando a ela posso ver.

O terçeyro conerusam
vos dyzey, que sam tam forte
amador por condiçam,
que nam sento contriçam,
nem rreçeo minha morte.
Nem d'alma nã sam lẽbrado,
nem de rrezam nem de fama,
nem he outro meu cuydado
saluante ser namorado
d'aquesta casada dama.

Requerereys a pendença
pera mym vereys quejanda,
que nam priue bem querença,
que toda minha femença
he fazer quanto amor manda.
O padre pode mandar
quanto m'ele mandar queyra,
mas nam seja desamar,
ante me mande matar
per outra qual quer maneyra.

Se me mandar gejunar,
dyzey que ey por gejum
quando nam posso cobrar
a vista de quem pesar
me da, ⁊ prazer nenhuũ.
Se que veele vos disser,
dizey que veelo cuydando
na mays fermosa molher
das que deos fez nem fyzer,
pola qual viuo penando.

Fym.

Se que rreze orações
vos mandar, dizey que bem,
mas seram muytas payxões,
danos ⁊ tribulaçoẽs
que meu coraçam sostem.
Se vos mandar que esmole,
gastese quanto dinheyro
teuer, pero que m'esfole
fyque com que me conssole
ser seruidor verdadeyro.

Fol. 82. col. 3. em as obras do Conde do Vimioso, da estancia que começa, *A outra per &c.* se risque o vltimo verso,

cñ preuersso preuerteris

Fol. 89. que por erro he 91 pag. 2. col. 3. em as obras de Ioão Fogaça, hũa que fez por Duarte de Lemos, começa, *se em pè se quando jaço.* & acaba, *E assi acabo,* se risque toda.

Cantigua sua, que fez por Duarte de Lemos a hũa molher que preguntaua como poderia dormyr cõ sua molher sendo tam grãde.

Se em pee, se quando jaço,
quereys, senhora, saber
como posso ou como faço,
eu volo quero dizer.

S'ela jaaz de pap arryba,
ambos ficamos ygoaes,
nem cuydeys, se o cuidaes,
que, se m'ela nam derryba,
que sejamos desygoaes.
Se em pee, faço m'anaão,
⁊ d'ilhargua atrauessado,
tam junto, tam concheguado,
que nã ponho pee em chaão.

E tambẽ sam tã humano
ꝛ leuo tamanho gosto,
que, por lhe ver bem o rrosto,
faço de mym pelicano.
Ela tambem de seu cabo
faz muytas gualantarias,
ꝛ fala mill arauias,
que vos eu aqui nam guabo,
ꝛ assy acabo.

Fol. 93. pag 2. colu. 3. em as obras de Diogo Brandam, a hũa senhora, que lhe deu hum nome de Iesu, começa *O nome da perfeição.* & acaba, *tenho eu no coração,* se risque toda.

A hũa senhora que lhe deu huũ nome de Jesu que se tomava por ela.

O nome da perfeyçam,
que tomey com deuaçam
no meu liuro s'apousenta,
mas o qu'ele rrepresenta,
que he o bem que m'atormẽta,
tenho eu no coraçam.

Fol. 97. pag. 1. col. 2. em hũa reposta de Anrique de Saá, que começa, *De Diabo vos seguro,* se risque toda a estancia ate, *pera dór de esquentamento,* inclus.

Reposta d'Anrryque de Saa

De diabo vos seguro,
antes por homẽ de bem
estas senhoras vos tem,
poys nũca trepastes muro.
E por jsso, ao que sento,
abeyjam por ter saude,
que ham que tendes vertude
para dor d'esquentamẽto.

Fol. 101 pag. 1. col. 1. nas obras de Luis Enriques, em hũa do Paternoster que começa, *Kyrieleyson*, na quinta estancia *Dimitte nobis*, se risque o quinto verso,

O tres em huũa pessoa,

Fol. 106. pag. 1. col. 2. na mesma obra de Luís Enriques, da estancia que começa, *Quando com vossa camisa*, se risque tudo ate o titulo, *De Ioam Rodrigues de Castelb[ranco]*, exclus.

Quãdo com vossa camisa
andardes, teres auiso,
nam façaes d'aquesto rriso,
gradeçey quem vos auisa.
Com ele vos nam jareys,
mes passados sete dias
otauilaa vos fareys,
⁊ dormireys
c'o parente das Judias.

Quando vyeer ho comer,
que for ho partir do pam,
dyr vos ha hũ oraçam,
sabelhe vos rresponder.
Baru ata adonay eloeno
sam as palauras que diz,
amoçy leha minariz,
lhe rresponderes, ⁊ peno,
poys meu bem foy tã pequeno.

Depois do consselho dado,
⁊ noua vos quero dar,
cõ que moyras de pesar,
de grande dor ⁊ cuydado.
Vosso bem nã tem bezys,
que sam cõpanhões ẽ abraico,
juroumo nuũs tafelys
hũ laa do pouo judayco.

Fol. 107. pag. 1. colu. 2. em as obras de Ioam Rodriguez de Castelbranco, em hũa a Antão da Fonseca, da estancia que começa, *Das perras em que falaes*, se risque do quinto verso, *bem sei ja que me tomaes*, ate a estancia, *destas nouas &c.* exclus.

Bem sey ja que me tomays
nysto que quero dizer,
com quem sam de correger
se mostram esqueçer mays.

Se com elas nos topamos,
leuam tam fortes bocados,
que quando mays pelejamos,
somos mays desbaratados.
Nam por serem apertados,
nem muy rryjos de rromper,
mas aturam o correr
que nos vençem de canssados.

E assy que nos tornamos
os mays de nos ypotentes,
por qu'eles sam tam valentes,
que por vençydos nos damos.
E tal que, quando escapamos,
da sua boca danada,
vento he mouros de Grada,
par'oo medo que levamos.

E na pag. 2. col. 3. da estancia que começa, *No puedo caber coitado*, se risque o derradeyro verso que diz,

daquel my dios en que creo.

Fol. 112. pag. 2. colu. 2. nas obras de Diogo Brandam, em hũa de Gaspar do Figueiro que começa, *Naquesta pena, & cuidado*, se risque o 4. verso,

dios deue ser ell culpado.

E na segunda estancia se risque o primeiro verso,

Culpa bien auenturada.

E na col. 3. em as obras de Fernão Brandam, hũa que começa, *Não se parte meu sentido*, se risque toda.

Nam se parte meu sentido
dhũa casada que vejo,
nem o seu de seu marido,
por onde tenho sabido
que nom pode ser comprido
meu desejo.
Apartarme he cousa forte
por camanho bem lhe quero,
em seguilla desespero,
este mall he de tall sorte,
que nam sey quem me cõforte.

Fol. 114. pag. 1. col. 3 em outra de Fernão Brandam, a qual começa, *Do gram milagre deste anno*, & acaba, *O viessem ca ajudar*, se risque toda.

Do gram milagre dest'ano
todo coraçam desmaya
em saber c'o deos vmano,
rrendeyro por nosso dano,
quys tomar carne na Maya.
Por mays espanto mostrar
este Christo, deos eterno,
ordenou que do ynferno
por os mays atormentar,
o viessem caa ajudar.

E na pag. 2. col 2. em a reposta de Anrique de Saà, risquese a 4. estancia, que começa, *A freira por bom caraõ*, & acaba, *deuaçoẽs.*

A freyra por bom caram,
que farte tem de marteyro
ꝛ de muyta deuaçam,
se lhe falam no moesteyro,
vemlhe dor de coraçam.
Por trouas, ꝛ rrepulhõ[e]s
rreza matynas,
ꝛ todas suas emdinas
deuações.

E na sexta estancia, *Robres anda na ribeira*, se risque ate onde diz, *Dado* inclus.

Robres anda na rribeyra
co as mãos negoçeado,
mete freyra, ꝛ tyra freyra
com'a dado.

Fol. 122. pag 2. col. 2. em hũa de Luis da Sylueira, que começa, *O que disse a Mãy de Veiga*, da segunda estancia se tire o sexto verse, *Sendo trazeis muito meiga*, ate o vltimo, *Não gasteis vossa manteiga*, inclus.

Se nõ trazeys muyto meygua
a senhora com que andais,
poys nela vos nam forrays,
nom gasteys vossa mãteygua.

Fol. 124. pag. 2. col. 2. na reposta de Ioam Rodrigues, *Quem nisso fizesse, &c.* risquese o verso penultimo.

qu'eu tenho por diuinal.

E na col. 3. *Trouas que mandou Ioam Rodrigues, &c.* risquese toda a 2. que começa, *este nam he de heresias.*

Este nom he de heresyas
nem em que os anjos cayram,
mas hũ par de trouas frias
nom s'acha que se rremiram,
nem por vida do Mexias.

E em quanto a maa tenção
nom say fora da pousada,
ahy val a descriçaão,
por que hũa troua mãdada
he pedra que say da maão.

Fol. 127. pag. 1. col. 1. no fim, *Trouas de Luis da Sylueira, &c.* risquese, *Este vosso monco si*, ate, *segure como sabeis.*

Este vosso monco sy
ẽ chegando de ymprouiso,
que maa ora o eu vy,
tinhaa eu fora de sy,
⁊ ele fela aver syso.
Nunca tal se vyo fazer,
leua jaa mestre Lyão,
por que sem lhe por a mão,
sem a abrir, sem a coser,
soo de fora com a ver
lhe curou sua paixão.

Foy dele muy bem curada,
ja agora dela nam cura,
porem aa minha chegada
lhe sobre veyo quentura
doutra materia causada.
Se lhe vida dar queres,
mandaylho vyr qu'eu o fyo
que a quentura cõ seu frio
segure como sabeys.

Fol. 132. pag. 1. col. 3. de Bras da Costa a hũa sua Prima, *Senhora dessa batalha*, risquese toda.

De Bras da Costa a huña sua prima que casou, ⁊ mandoa ele vesytar, e lhe rrespondeo que aquela noyte entrara em batalha.

Senhora, dessa batalha
pregunto como vos vay,
se disestes huy ou hay,
ou se nam foy nemygalha.

Por que no joguo da pela
a primeyra vay de graça;
assy cuydo eu, donzela,
que ficastes amarela,
sem vos dizerem prol faça.

Fol. 133. pag. 1. col. 2. na 5. estancia de Duarte da Gama, a qual começa. *A gram importunidade*, risquese o vltimo verso,

fosse ho do Zebedeu.

Fol. 136. pag. 1. col. 3. nas de Gonçalo Mendez, da estancia primeira, *Pois em vossa merce cabe*, risquemse os 3. vltimas versos, *saluo se for*, &c.

saluo se for aleguar
em o mays alto luguar
da outra nossa senhora.

Fol. 142. pag. 2. col. 3. no fim em hũa do Dõ Rodrigo de Crasto, começa, *que posso por vos dizer*, se risque o 4. verso, *pelo qual*, &c. ate o cabo.

Polo qual quem vos olhar
dira que loguo emprouiso,
deça deos do parayso
ꝛ vos de o seu luguar.

Fol. 143. aliàs 144. pag. 1. col. 1. na de Dom Ioam de Meneses, *se neste louuor*, &c. risquese, *pera seruir*, &c. *adorar*, ate o cabo.

Pera seruir ꝛ adorar
fuy eu naçido,
ꝛ vos ssoo para passar
o que nam pod'alcançar
nenhũ humano sentydo.

Fol. 144. pag. 1 col. 3. na de Dom Affonso, *naõ sei*

como ninguem, &c., risquese o 5. verso, *mas diga quem, &c.* com os tres seguintes.

Mas digna quem vos oulhar,
pera que quys ser naçido,
se ss'espera de saluar
de nam ser por vos perdido.

Fol. 147. pag. 1. col. 1. em hũa de Francisco d'Almada, *Quem quizer. &c.* risquese o 4. & 5. verso.

poys he çerto c'Aguostinho
s'embaraçou na trindade.

E na seguinte de Francisco da Sylueira, *Acolhamonos, &c.* risquẽse os dous vltimos versos. *por ser todo, &c.*

por ser todo da senhora
dona Felipa dAbreu.

Fol. 150. pag. 1. colu. 3. a de Diogo de Mello, *pois nos Deos quis, &c* risquese toda.

Poys nos deos quis amostrar
em vos todo seu poder
ter sojeyto,
deuemolo bem de louuar,
se sse nam arrepender
de vos ter feyto.
Grande merçe quis fazer
so a quem quis descobrir
a groria que he perder
a vida por vos seruir.

Fol. 151. pag. 2. col. 1. no fim a de Luis da Sylueira, *sesta senhora, &c.* risquese toda.

S'esta senhora nos veyo
mostrar seu pareçer,
foy por c'ouue deos rreçeo
de o ela preçeder,
e a la quisesse ter.

E pera la nam leyxar,
lembroulhe c'ouuyo dyzer
dous santos mal pareçer
pera oulhar
quanto mays pera adorar,
ꝛ pera crer.

Fol. 154. pag. 2. colu. 1. no fim risquese do titulo que diz, *De Dom Ioão de Meneses, &c.* ate o titulo, *Fernão da Sylueira, &c.* exclus.

De dõ Joã de Meneses a hũa dama que rrefiaua, ꝛ beyjaua dona Guyomar de Crasto

Senhora, eu vos nam acho
rrezam para rrafyar,
ꝛ beyjar tam sem enpacho
dona Guyomar,
saluante se vos soys macho

Se o soys, ꝛ nã soys dama,
he muy bem que o diguays,
ꝛ tam bem deue sua ama
nam querer que vos jaçays
soo com ela em hũa cama
Cõfessaynos que soys macho.
ou que folguais de beyjar,
que doutra guysa nã acho
rrezam de antrepernar
tal dama tam sem enpacho.

Ajuda de Fernã da Silueyra.

Dous gostos podeis leuar,
senhora, desta maneyra,
poys sabeys de tudo vsar,
ser macho pera Guiomar
ꝛ femea pera Nogueyra.
E por jsso nam vos tacho,
antes vos quero louuar:
nos trajos em que vos acho
podereys vos emprenhar
outra molher como macho.

Dom Rodriguo de Castro.

Lançenuos fora do paço,
ou vos leuem a Lyxboa,
ou vos dem outra machoa,
com que percays o rrayuaço.
Lançenuos hũ barbycacho,
ou vos mandemos capar,
por c'outra forma nõ acho
pera poder escapar
dona Guyomar,
poys ss'afirma que soys macho.

Dom Pedro da Sylua.

Pera pareçer donzela
cousas tendes bem que farte,
mas chamardes vos muela
a beyços de dama bela,
nam vos vem de boa parte.
D'oje auante nom me agacho
nem mays ey assy d'andar,
mas cõ muy gentil despacho
vos ey d'yr arreguaçar,
z oulhar,
se sois femea ou macho.[1]

E abaixo risquese do titulo que diz, *d'Anrique d'Almeyda, &c.* ate o titulo, *Dom Ioam Manoel*, exclus. que està na fol. 155. pag. 2. col. 1. no fim.

D'Anrrique d'Almeyda Passaro aa barguilha de dõ Goterre que fez de borcado, enderẽçadas aas damas.

Nõ ajays por marauilha
preguntar donde vos vem,
quererdes saber que tem
dom Goterre na barguylha.

[1] Não percebo qual foi o critério do censor não mandando suprimir as duas estâncias seguintes, tam obscenas como as precedentes.

Cãt'eu deuinhar nam posso
como deemo ysto dizeys,
se vos ele deixa o vosso,
vos oo sseu que lhe quereys.
Par deos he gram marauilha,
que tem de fazer ninguem
c'o que tem ou que nam tem
dom Goterre na barguilha.

O coudel moor.

Barguilha de falsso peyto
rreboloa,
quando vem a ser no feito
nunca boa

Faz amostra ꝛ grã parada,
por que todaa casa peje;
se acha quem lhe rrabeje,
say vos tam envergonhada
ꝛ encurtada,
emtam buscay quem peleje.
E fica toda dum jeyto
a pessoa,
por que s'enguanou no feito
d'arralhoa.

Dom Aluaro d'Atayde a esta cantigua.

Sobrinho de meu cõsselho,
pois de baixo nam jaz nada
se nam hum triste folhelho,
nom te faças dominguelho
por braguada.
Ca sse jouuer no teu leyto
putarroa,
achart'aa tam encolheyto,
ꝛ do nembro tam tolheito,
qu'yraa maa ꝛ vyraa boa.

Fernam da Sylueyra a esta cantigua.

Segundo a tençam mynha,
quẽ barguylha assy goarneçe,
quer soprir com louçaynha,
o que por obra faleçe.
E o que nisto sospeyto,
⁊ caa ssoa,
he que nam he pera feyto
tam mixilhoa.

Cantigua sua a esta barguilha.

Caualheyros de Castilha,
vos qu'estays en Freyxinal,
vynde ver hũa barguilha
a Portugual
do filho do Marichal.

He de bom borcado rraso,
qu'eschameja como brasa.
⁊ he gram caso,
sayr hum omem de casa
com barguilha toda rrasa.
Manday lançar em Sseuilha
hum preguam que sseja tal,
dom Goterre fez barguilha
cordeal,
vinde a ver a Portugual

O Coudel moor a esta cantigua.

O fidalgo de linhajem,
filho de pay muy honrrado,
he de hũa tal carnajem,
que sem mais fazer menajem
vos vem jaa desnaturado.
Com rrecheos de pontilha
rraspalaã, ⁊ ysto tal
faz hũ cume de barguilha
tam mortal,
que mao grado a Ssandoual.

Joã Correa a esta cãtiga.

Todalas cousas prouistas
sem mays grosa
polos quatro auangelistas,
nestas vistas,
nom vem cousa tã pomposa
Mas nam he grã marauilha,
em caso que venha tal,
ser hum sonho da barguilha,
aynda mal,
por que tudo he papassal.

Dõ Rodrigo de Castro a esta cantiga,

Yrey eu d'aqui a Rroma
por ver ysto que sse diz:
meteras lho teu naryz,
ꝛ sy quer fizera ssoma,
ora toma.
Por que ss'aqueste barguilha
nesta festa do natal,
que jaa vay a Bobadilha
de Freyxinal
noua dela, ꝛ que tal.

Dom Pedro da Silua.

Quẽ te vir o teu borcado,
ꝛ te for buscar o çentro,
achara grande toucado,
ꝛ chyco rrecado dentro.
Em nenhũ rreyno nem ylha
nunca se vyo trajo tal
com'esta tua barguilha
por teu mal
muy vazia do ylhal.

Dõ Aluaro d'Atayde.

Barguilha de gram valya,
chea de laã ou de pena,
por nom andares vazia,
emchete de carne ajena
ou t'encherey de la mya.

Fizeste dhũ mao rretalho
de borcado, feyto em tyras,
pera pequeno tassalho
grande outeiro de myntyras.
Pelo qual loguo ordena,
como nom ande vazia,
emchea de carne ajena,
ou t'encherey de la mya.

Letreyro d'Anrrique d'Almeyda a barguilha.

Aqui jaz o emcurtado
que o mundo mal logrou
aqui jaz quem nom pecou
contra deos hũ ssoo pecado.
Aqui jaz quem nunca ssono
fez perder a seu senhor,
aqui jaz quem a seu dono
nunca fez vender penhor.
Ponhamos lhe por ditado,
pois tam maa vida passou,
aqui jaz quem nom gostou
deste mundo hũ soo bocado.

O Coudel moor ao letreyro,

Aqui jaz quẽ sempre jaz
dormente, mas nunca dorme,
leixemno viuer em paz,
pois que jaz ꝛ nunca faz
de ssy forma em que emforme.
Aqui jaz quem, sem comer,
jaz em som mays que de farto,
aqui jaz sem sse mouer
quem jaz fora de poder
de matar ninguem de parto.

Dom Goterre por ssy as damas.

Assy me veja eu em Beja
muyto aa minha vontade,
com'isto vay com emueja,
mas nã jaa por sser verdade.

Senhoras, por meu rrepayro,
a quem nisto douidar
eu lh'espero de mostrar
o contrayro.

Fol. 156. pag. 1. col. 3. de hũa de Gonçalo Gomez. *Quando aos brados, &c.* risquese o 4. verso,

et in terra paos a my.

Fol. 157. pag. 1. col. 1. no fim, *Hum estojo, &c.* risquemse os primeiros cinco versos.

Hũ estojo com tanaz,
ꝛ tisoyras ꝛ nauálha,
por que se guedelha traz,
ꝛ mester faz,
que nam fique nemigalha.

E na pag. 2. colu. 2. no principio, *Douuos tauoas, &c.* risquese dos do sexto verso, *porque quando vos &c.* ate o cabo.

Por que, quãdo vos sobyrdes
nelas pera caualguar,
vos vejamos, se cayrdes,
ꝛ descobryrdes
ho desonesto luguar.

Fol. 158. pag. 1. col. 2. no fim. *Senhor my alçar,* risquese toda a troua.

De Joam Foguaça.
Senhora, my alçar
cuberta de rrabo,
vos estar diabo
com tanto mandar.
Quam arreneguado,
eu te matarey,
sem rrabo lauado.
ꝛ cono chofrado
m'ey d'yr para el rrey.

Fol. 162. pag. 1. col. 3. outra de Simaõ de Miranda, *Minha culpa digo &c.* risquese toda.

Minha culpa diguo mays,
que pequey de confyado,
sendo bem aconselhado,
fyz çeroylas cordayes.
Dysto, padre, nam rryays,
mas day rezam
pera minha saluaçam.

Fol. 166. pag. 1 col. 3. no fim risquese o titulo que diz, *De Fernão da Sylueira*, com as trouas todas, ate, *esfollou a seu Irmão*, no principio da col. 2. pag. 2.

De Fernã da Silueyra a dom Rodriguo de Castro,
que beyjou hũa dama, ⁊ ela meteolhe
a lingou na boca.

Poys medistes assy crua
a ssua linguoa co a vossa,
dizeynos qual he mays grossa,
se a vossa, se a ssua.
Tam bem queremos saber
atee onde foy metida,
⁊ qual era mays comprida,
mais solta no rremexer.
Se veyo tal falcatrua
por sua parte ou por vossa,
nos dizey qual he mays grossa,
se a vossa, se a ssua.

Reposta de dom Rrodiguo.

Mays comprida ⁊ mays delguada
achey a ssua que a minha,
por que todaa campainha
me leyxou escalavrada.
E fez me tam grandes briguas
nos queixays,
que mos nom fizera tays
hũ grande molho d'ortiguas.

Outra sua.

Eu disselhe: tate perra,
nam metays assy de ponta
a lingoa, que tanto monta
como os da boca em terra,
fazey conta
Dizia: mano, deixayme
em quanto tenho luguar:
e eu bradaua: soltayme,
deixayme rresfoleguar,
que me quereis afoguar.

Outra de Fernam da Sylueyra.

Ouuy de todos mandado
da senhora dona Guyomar,
que manda desençerar
hũ croque qu'ee ençerado.
E manda que muy asynha
a degradem do seram,
por que todas campainha
esfolou a sseu yrmam.

Fol. 167. pag. 1. col. 1. no principio risquese o titulo que diz, *Do macho, &c.* ate o titulo, *Do Coudel mór, &c.*

Do macho rruço de Luys Freyre
estando para morrer.

Poys que vejo que deos quer
deste mundo me leuar,
quero bem encaminhar
a minha alma, sse poder.
Em quãto estou em meu syso,
a morte dandome guerra,
mando alma ao parayso,
desy o corpo aa terra.
E mando loguo primeyro,
em quanto viuo me sento,
que deste meu testamento,
seja meu testamenteyro

Meu jrmão, o de barrocas
que eu mays que todos amo,
por sempre fogir a trocas,
ꝛ seruyr muy bem sseu amo.

O qual me fara leuar
cõ muy grão solenydade
oo rrossyo da Trindade,
hu me mãdo enterrar.
Poys me d'aly gouerney
gram parte de minha vyda,
a carne que leuarey
aly deue sser comyda.

E vaão cantando diante
a de Braria, ꝛ d'Afonsso
hũ tam solene rresponsso,
que todo mũdo sse espante.
A estes ambos ajude
o macho de Gomez Borges,
o qual leue o ataude,
a bytalha ꝛ os alforges.

Rogo aos cortesaãos,
quanto lhe posso rroguar,
que todos me vam onrrar
com seus çirios nas mãos.
E poys cram espantados
de passar vyda tam forte,
deuem sser de mym lẽbrados,
dandome onrra na morte.

Item, me leuem d'oferta
dous ou tres çestos de palha,
que poys custa nemygalha,
nam deue d'auer rreferta.
Tam bẽ me leuẽ hũ alqueyre
de farelos ou çeuada,
poys na vyda Luys Freyre
disto nunca me deu nada.

Infyndos perdoẽs pedy
as pousadas v pousey,
d'alguydares que quebrey,
z gamelas que rrohy.
E nam me deuem culpar
de lhe fazer tantos danos,
poys que de palha fartar
nũca me pude em .xx. anos.

Item, peço as verçeyras
muytos enfyndos perdoẽs,
z tam bem aos orteloẽs
dos danos das ssalgadeyras.
Que a bofee sse me soltaua,
fome tal me combatya,
que qual quer cousa c'achaua
tudo muy bem me solya.

E que meu amo agrauos
me desse com amarguras,
deyxolhe tres ferraduras
que nã tẽ mays de dous crauos.
E pero dele me queyxo
de males que me tem dados,
dous ou tres dentes lhe leyxo,
que mande fazer en dados.

Nam lhe posso mais leixar,
qu'ele nũca mays me deu:
rroguo Aluaro d'Abreu
que o queyra acompanhar.
Roguo tanto que sse doa
dele tanto meu jrmão,
que o ponha em Lixboa
arredor de ssam Gyam.

Fym.

Sobre minha ssepoltura,
depoys de sser enterrado,
se ponha este ditado,
por sse ver minha ventura.

Aquy jaz ho mays leal
macho rruço que naçeo,
aquy jaz quẽ nam comeo
a sseu dono hũ soo rreal.

Fol. 169. pag .1. col. 3. hũa de Dom Gracia d'Albuquerque, *pera vos desesperar, &c.* risquese toda esta estancia.

Pera vos desesperar,
rrynchou aqueste caualo,
como quantou morto o galo
pera Judas s'emforcar.
Vos deueys loguo d'andar,
sem tardar,
a buscar asoluiçam.
ho moesteyro de Loruam.

E na pag. 2. col. 3. de hũa de Pero Fernandez Tinoco, na 2. estancia, *naõ tenhaes senhores porfia,* risquese os tres vltimos versos, *pois foram em confraria, &c.*

Poys foram em cõfraria
por huũ jrmão,
nam vos presta hyr a Loruam.

Fol. 177. pag. 2. col. 2. hũa de Vasco de Foes, *Senhor seja por vosso bem,* risquese toda.

Senhor, sseja por vosso bem
esta dama o que vos quer,
mas nã ssey sse he molher,
que o tenha dito alguem.
E se he desta maneira,
daruos ey a minha touca
qu'ahynda que deos nã queira,
em a pondo ssera moua.

Fol. 179. pag. 1. col. 3. a Simaõ de Sousa, *ja não posso agradecer,* risquese este verso & o seguinte.

Ja nam posso agardeçer
a deos o que me tem dado.

E na pag. 2. col. 1. se tire o titulo, *Bulla do Papa. &c.* cõ toda a troua.

Bula do Papa contra Jorge d'Olueyra.

Vem qua querela tamanha,
que calarsse he grande mal
dũ cristão nouo d'Espanha
do rreyno de Portugual.
Pois que da tanta apressão
sem deyxar leyra nem beyra,
nos damos jeral perdão
a quem for neste rrifão
contra Jorge d'Olueyra.

Fol. 192. pag. 1. col. 2. de Francisco Lopez a prisam, &c. começa, *stabat como solia,* & acaba, *& com dor tam desigoal*, apaguese tudo.

De Frãçisco Lopez aa prysam
de Joana de Farya.

Estabat, como soya,
em ssuas contemprações
esta senhora Faria,
que de noyte z de dia
daa gram pena oos corações.
Repousado sseu sentido,
de dentro da casa sua
ouuyo hũ grande arroydo.
z com o rreçeo perdido
sayo aa porta da rrua.

Com todos seus Fariseus
erat autẽ Joam da Noua,
que pareçiam Judeus
que prendiam Cristus deus
no orto, segum se proua.
Foram tam ssem piedade
aquestes que a prenderam,
que vos juro de verdade,
que tamanha crueldade
a ninguem nũca fyzeram.

Jnterrogauit a guya
ssua may: a quem buscays:
bradando a voz dezya:
a Joana de Faria,
⁊ a vos, que nos falays.
Foram loguo muy cortadas
a mãy, ⁊ tam bem a filha,
com ysto tam trespassadas,
⁊ da cor tam demudadas,
que era gram marauilha.

E dixit: que mal tem feyto
a coytada ynoçente;
a ty deos peço direyto
deste tamanho despeyto,
que nos faz aquesta gente.
Nam curarão de rrezões
os lobos, ⁊ a tomarão
com tã grandes empuxoẽes,
que nõ ssento corações,
que de uer tal nõ quebrarão.

Fogirão os sseruidores,
nulus nũquam pareçeo;
foram tantos sseus tremores,
que a fee de seus amores
naquela ora sse perdeo.
Nam ouu'ahy quem cortasse
orelha a beleguym,
nem quem espada tirasse,
que naquilo sse mostrasse
sua fee nã fazer fym.

Dacta est, segũ se ssoa
a Faria por mor dano
a esse Pero de Lixboa,
que por sser gentil pessoa,
era Pontifyx esse ano.

E ele, pela fazer
de hũ em outro andar,
disse sseu juyz nam sser,
ꝛ mandou ha rremeter
oo Botelho ssem tardar.

Fym.

Tanquam latrones cõ ela
vy beleguyns apegados,
ouue tamanha mazela,
que, por nũca conheçela
dera eu muytos cruzados.
Triste, coytada de vos,
menyna com tanto mal,
amaros tristes de nos,
que ficamos qua tam ssoos,
ꝛ com dor tam desygoal,

Fol. 196. pag. 2. col. 1. risquese o titulo, *Outras suas sobre hum regimento*, &c. cõ todas as trouas ate, *Como o souberdes*, inclusiuamente.

Outras suas ssobre hũ rregimẽto de hũas cõtas em que sse guanhauam muytos perdoões.

Este he o rregimento,
ꝛ rrezasse desta sorte,
começasse em meu tormento,
ꝛ acabasse em minha morte.
Oulhay, ssenhora, por ele,
ꝛ nam por mym;
al demenos vereys nele
minha fim.

Item, ssenhora rrezando
este rrosayro tres vezes,
confessada, ꝛ confessando
que meus males nũca vedes.
Vos ficaryeys ssem culpa,
ꝛ eu na pena,
por que a culpa me desculpa
sabendo de quem ss'ordena.

Que ss'eu enguanado viuo,
desenguanado padeço,
nam me days o que mereço
nem me quereys por catiuo.
Mas dizeyme vos agora
que farey,
que ssem vos lembrar, senhora,
morrerey.

E por que busco os estremos
me buscam eles a mym,
mas triste de mym que vym
aa conta qu'anbos fazemos.
E eu a faço de perdido
sem ventura,
vençido, que he ja vençido
da vossa gram fermosura.

Mas he muy çerto que a vida
que en tays perigos sse ve
nam pode sser nem sse cre
senam que he ja rreperdida.
Tomay as contas na mão
com tal fee,
que este vosso coração
vosso hee.

Anda o esprito em pena
nesta vida, que nom tem
este foguo, donde vem,
que tantos males m'ordena.
Por qu'este mal que m'aqueyxa
nam tem meyo,
mas pois que m'ele nom deixa,
de vos veyo.

Oo coytada d'esperança
que tomou nome de minha,
por que em vernos adeuinha
que mudada days mudança.

Que vos fiz, que vos mereço,
que me days
dores, z dor que padeço
desygoays.
Fym.

Vyrdes vos, ssenhora, a ter
perdam de tantos enguanos
nom ouso nem ssey dizer
que ssois liure de mil anos.
Que segundo o vos fazeys,
sem nos terdes,
ey medo que nos mateys,
como o ssouberdes.

Fol. 198. pag. 2. col. 1. risquese o titulo, *Cantiga sua a hũa molher, &c.* ate, *na vossa possa morrer*, inclus.

Cantigua ssua a hũa molher cõ que andaua, a que pedio hũa cousa, z ela rrespondeo que lha nam queria fazer por que tynha duas leys.

Em que me vysseis viuer
em outra ley atee qui,
senhora, como vos vy,
conheçy,
que na vossa ey de morrer.

E poys que ja tenho a fee,
senhora, day vos a graça,
qu'as obras forçado lh'ee
qu'em vosso nome as faça.
Pois que nam quero viuer
na ley que tiue atequy,
eonssenty,
senhora, que des d'aquy
na vossa possa morrer.

E na colu. 3. no titulo, *d'Ayres Telles*, & no fim da mesma columna titulo, *cantiga sua, &c.* se risquem as palauras, *com que andaua.*

Fol. 206. pag. 2. col. 1. Henrique da Mota a Dom Ioaõ de Noronha, *No veram, &c.* risquese ate, *a pendença que vos deraõ,* inclus.

D'Anrrique da Mota a dom Joam de Norõha, ꝛ a dom Ssancho seu yrmão por que se forã cõfessar a Ssam Bernaldĩ na metade do verão leuando comssyguo o vigayro d'Ouidos, que he muyto gordo, ꝛ vieram jãtar a hũ luguar que chamam os Gyraldos, ꝛ nom acharam vynho pera beber.

No verão hyr confessar,
na força dos dias grandes,
nam a hy bancos de Frandes
pera tanto arreçear.
O frade muy devaguar,
assentado a seu prazer,
a çegua rregua a cantar,
em tam estar, ꝛ ssuar,
ysto he mais que morrer.

Por tanto foy ordenado
o confessar no inuerno,
por qu'o mor mal do jnferno
he sser muyto emcalmado.
Ante sser escomungado
que hyr confessar por calma,
que açaz he gram pecado
ser o corpo mal tratado
com pouco proueito d'alma.

Ora ponhamos que jaa
seja feyta confissam
com muy grande contriçam,
como creo que sseraa.
Vejamos quem poderaa
comprir aguora pendença,
a qual he cousa tam maa,
que, se n'alma vida daa,
no corpo causa doença.

He hũa cousa muy ssaã
pera os corrutos aares
nos dias caniculares
o beber pela menhaã
Atouguya ou Lourinhaã,
Quem nam tiuer Caparica,
ssobre pera ou maçaã,
ꝛ o al he cousa vaã;
em ssaluo esta quem rrepica.

E sse disser o contrayro
esse frade por ventura,
dizeylhe c'assy sse cura
o padre do campanayro.
Por que tem hum bibyayro
em que rreza ssem periguo
muyto mays que no rrosayro;
nam diguays qu'ee o viguairo,
por qu'eu, senhor, nã no diguo.

Nem eu çerto nam diria
do senhor vigayro nada
nem da ssua imbiguada,
por que m'escommunguaria.
Mas porem eu juraria
na ssaya de ssam Bernaldo
que ja ele rrezaria
hum rresponso que dizia
libera me do Giraldo.

In die illa tremenda
quando for o çeo mouido.
ꝛ o vinho faleçido.
que nam achem quẽ no vẽda,
nem fiado nem aa tenda,
Nẽ per força nẽ per rroguo,
domine miehi defenda
de tam aspera emmenda,
ante me julgue per foguo.

Açaz gram pendença era
a que fez vossa merçe,
querer beber ssem ter que,
oo que pedença tam fera.
Ssempre ouuy que nesta era
he periguo ter barrigua,
ꝛ eu vy na prima vera,
ꝛ no cursso da espera
c'avyẽs de ter fadigua.

Vierom do oriente
tres rreys magos que ssabeys,
ꝛ vos fostes todos tres
muyto guordos em ponente.
O frade muyto contente
na ssua çela muy fria,
ꝛ vos per calma muy quente,
eu m'espanto çertamente,
ssayrdes daquele dia.

Fym.

Ora ja vos confessastes,
goarday vos de jejuñar,
c'açaz vos deue abastar
o ssuor que laa ssuastes.
Por que doulhe que cõtastes
mays pecados do que eram,
eu m'afirmo que paguastes
n'afronta, que la passastes
a pendeuça que vos deram.

Fol. 208. pag. 1. col. 2. na estancia *Tomamos outra jornada,* tirese o verso.

ꝛ na cruz muy marteyrada.

E na pag. 2. col. 1. risquese toda a estancia, *se aueis por confissam,* ate, *de chorar.*

Se aveys por confyssam,
açaz ssam de conffessada,
eu nam como ja çeuada,
jsto por que ma nom dam.

E tomo por deuaçam
jejũar,
poys, quanta por contriçam,
assaz d'emffadada ssam
de chorar.

Fol. 213. pag. 2. col. 1. de Manoel de Goies, *Trabalho por me enganar, &c.* se risquem os dous vltimos versos.

que eu sam mays obriguado
a vos ver qu'aa me saluar.

Fol. 214. pag. 1. col. 3. tirese o titulo, *outra sua a hũa freyra.*

Outra ssua a hũa freyra que ssem na cõheçer
lhe mandou hũ escryto por hum moço
sseu, z ela nam sse assynou.

Fol. 216. pag. 2. col. 1. (*aliás*, pag. 1, col. 2.) no principio tirese o verso,

mays que o anjo Guabriel,

da estancia que começa atras. *A outra sua igoal, &c.*

Fol. 217. p. 1. col. 2. (*aliás*, fol. 216, pag. 2, col. 3.) da estancia, *os velhos saõ namorados*, se tire o quinto verso,

z os clerigos casados.

Fol. 218. pag. 2. col. 1. (*aliás*, fol. 217, pag. 2. col. 3.) da estancia *porque senhor como fora*, risquese o quarto verso.

cama tal que cada ora.

Fol. 223. (*aliás*, 220) pag. 2. col. 2. Garcia de Resende a hũa mulher, &c. na estancia, *pera que quereis rezar*, risquese este verso com os quatros seguintes.

Para que quereis rrezar
nem fazerdes deuações.
que obra podeys obrar
que seja mais de louuar
que tirardes mil paixões.

Fol. 228. pag. 1. colu. 1. (*aliás*, fol. 222, pag. 2, col. 2) Garcia de Resende a Ioaõ Rodrigues de Saà, *Galãte*, &c. risquese o verso penultimo.

ou Cristos desenssoado.

E na pag. 2. colu. 2. (*aliás*, 3) a Aluaro de Sousa Pagem &c. risquese o vltimo verso desta estancia.

Cristos molhado ẽ rribeyro.

Fol. 229. (*aliás*, 224) pag. 1. colu. 1. de Garcia de Resende, *pois trocais a liberdade*, tirese tudo.

De Garçia de Rresende a Rruy de Fygueyredo Potas, estando detremynado pera se meter frade.

Poys trocays a lyberdade
por vyuer sempre sojeyto,
sem averdes saudade
dos amyguos de verdade
vossos sem nenhũ rrespeyto.
S'estais, senhor, de partyda
para entrar em noua vyda,
tomay jsto que vos diguo
como dum vosso amyguo,
grande, fora de medida.

Se determinays vestyr
avyto com seu cordam,
nam aveis nũca de rryr
no moesteyro nẽ bolyr,
qu'ee synal de deuam.
Dyornal, ⁊ breuyayro,
contas pretas, ⁊ rrosayro
trazey de cote na mam,
sem rrezardes oraçam
a santo do calandayro.

S'y ouuer deçeprinar,
hy com grande deuaçam,
⁊ depois da casa estar
has escuras açoutar
rryjo, mas seja no cham.

A meude sospirar,
que todos possam cuydar
qu'ee de muyto marteyrado;
assy estareis poupado,
sem vos da rregra tyrar.

Aueys sempre de mostrar
que andais muy mal desposto,
por do coro escapar;
qu'ee gram trabalho rrezar
a quem nysso nam tem gosto.
E ha mesa gejumbar,
que façays todos pasmar,
mas tereys em vossa çela
mantymento sempre nela
com que possais jarrear.

Tereys nela putarram
que seja do vosso geyto;
se bater o goardyam
ha porta, darlhe de mam
para debaixo do leyto.
Se vos achar suarento,
dizey que vosso elamento
he estar dessa maneyra;
esta rregra he verdadeyra,
ꝛ o al tudo he vento.

Tereys de sso o colcham
jybam, ꝛ calças de malha,
casco, luuas, burquelam,
punhal, ꝛ espadarram,
chuça, ꝛ hũa naualha.
Escada de corda boa,
que suba, ꝛ deça a pessoa
segura de nam quebrar,
cabeleyra nam errar,
para cobrir a coroa

Como sa lũa poser,
sahyreis dese fadairo
vestido como faz mester,
por que entam aveis de ler
polo vosso calandayro.
Por segurar o caminho,
sede amyguo do meirinho,
ꝛ do alcayde tam bem,
que nam queyram por ninguẽ
tomaruos no vosso nynho.

Pobreza ꝛ castidade
ꝛ tam bem obedyençia
dareys ha comonydade,
mas nam tereys caridade,
verdade nem paçiençia.
Trabalhay muyto por hyr
de cas em casa pedyr
c'os olhos postos por terra,
por que assy se faz a guerra
melhor que com bom seruyr.

Para melhor vos saluar,
sede muy mexeryqueyro,
dũs, ꝛ doutros mormurar,
ꝛ o goardiam louuar
em tudo muy por ynteyro.
Falay mansso, ꝛ de vaguar,
ꝛ s'ouuerdes de rrezar,
seja alto, ꝛ de maa mente,
ꝛ fazeyuos muy çyente
por molheres confessar.

Se vos mandarem cauar,
agoar aruores ou varrer,
ser forneyro ou cozinhar,
ou os avytos lauar,
começay loguo gemer.

E dyzey: padre, eu sam
de tam fraca compreysam,
que, nam diguo trabalhar,
mas s'um pouco m'abaixar,
cahyrey morto no cham.

Cabo.

Jsto podereys fazer,
mas o bom que a vyda tem
nam no aueys vos de sofrer,
por jsso antes de ser
frade conselhayuos bem.
Por que quanto bem mereçe
pola vyda que padeçe
o bom frade vertuoso,
tanto o mao rrelegioso
torna atras, ꝛ desmereçe.

Fol. 230. pag. 2. colu. 2. (*aliás*, fol. 224, pag. 2, col. 3) hũas que Affonso Valente fez em Thomar, &c. *Pareceis hum. &c.* risquese o 2. verso.

preguador da vyda eterna.

Fol. 231. pag. 2. col. 1. (*aliás*, fol. 225, pag. 1, col. 2) no principio se risque o 5. verso da estancia que começa na pag. precedente, *vi vos na feira, &c.*

Gram sam Joã barba douro.

Fol. 232. pag. 2. col. 1. (*aliás*; fol. 225, pag. 2, col. 2 [1]) na reposta de Garcia de Resende. da estancia. *pareceis curto Lagarto*, risquese os 3. versos vltimos.

frade que de noyt'acharam,
ꝛ com putam amalharam
em trajos de rrefyam.

---

[1] Não sei explicar os erros destas últimas citações do *Cancioneiro*, que só tem 227 folhas.

Aqui termina a censura ao *Cancioneiro geral*, como se encontra no *Index / Avctorvm dãnatæ / memoriæ, / Tvm etiam librorvm, / qui uel simpliciter, vel ad expurgationē vsque prohi-/bentur, vel denique iam expurgati permittun-tur. / Editvs avctoritate / Ill.^mi Domini D. Ferdinandi Martins Mascaregnas / Algarbiorum Episcopi, Regij status Consiliarij, ac Regno- / rum Lusi / taniæ Inquisitoris Generalis.* / Vlyssip. cū facult. Ex officina petri Craesbeck. 1624. — Parte II, pags. 346 a 349.

Na censura de 1624 limitou-se o censor inquisitorial a suprimir versos, estâncias, ou até composições inteiras, mas não se atreveu a introduzir modificações nos versos, como fez Fr. Bartolomeu Ferreira às *Obras* de Gil Vicente. Era portanto uma censura mais justa, pois que ela terá o direito de suprimir as passagens ou obras consideradas inconvenientes, mas modificar, deturpar o sentido dado pelo autor à sua composição, não tem autoridade para fazer.

Dois pontos principais atacou a censura: as composições desonestas; as ofensivas da Igreja ou do clero. Não a posso pois arguir; estava absolutamente dentro na sua alçada; posso únicamente discordar dos seus rigores nalguns casos.

O primeiro verso mandado suprimir, *si mirais quien es mi dios*. é prefeitamente inofensivo. Como êste muitos outros: *nem por graça divinal; que queria deus eternal; o três em uma pessoa*, e por aí além até quási ao fim.

Outros porêm foram suprimidos nos quais existe, na verdade, ofensa à religião. A *Cantiga de Antão de Montoro em louvor da rainha D. Isabel de Castela* é, sem dúvida, afrontosa. A mistura do divino e do profano nos *Ditos da Paixão para matarem uma mulher*, obra de Rui Moniz, é inconveniente; já porêm só há crítica à vida monástica e não à religião, nas trovas do mesmo autor a *Três freiras dum mosteiro*. *A Confissão* de João Gomes,

da Ilha, é também, sob o ponto de vista da censura, bem suprimida, pôsto que não seja tam ofensiva. E por aí fora, pois não devo estender mais a apreciação, deixando-a ao critério do leitor.

Quanto às composições desonestas há supressões dignas de inteiro aplauso, as daquelas onde se empregam palavras mal soantes, ou se fazem descrições ou alusões claras a actos libidinosos; existem porêm outras composições, que se me afiguram menos merecedoras de tam grave castigo.

Concordo em que o mereceram, apesar de todo o espírito por elas espalhado, as trovas do Coudel mor às *Damas por que deram a uma em casamento o sexo de D. Lucrécia*. Já não concordo com a supressão doutras do mesmo Coudel mor, Fernão da Silveira, homem prasenteiro e folgazão, dirigidas a sua cunhada *que lhe mandou uma escrevaninha francesa, que trazia o cano no tinteiro, tudo junto pegado*. Estas podiam ser lidas pela mais recatada donzela, sem nelas encontrar maldade, podendo só sentir-se ofendida no seu respeito pelo Culto com a alusão ao mistério da Encarnação. E, quem sabe? talvez fôsse só por isto que o censor inquisitorial mandou suprimir as trovas.

Não insistirei na apreciação da censura, pois que o meu fim, ao ler à Classe esta comunicação, de trabalho quási só material, é de proporcionar aos estudiosos meio de apreciarem o critério dos censores inquisitoriais em matéria de composições *de graças e zombarias*, como êles próprios lhes chamavam.

E também para se ver a que ficaria reduzido o *Cancioneiro Geral*, no caso de se ter pensado em fazer dêle uma nova edição.

Anselmo Braamcamp Freire.

EVOLUÇÃO DA LINGUA PORTUGUESA

exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da Regra de S. Bento e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece

INTRODUÇÃO

Para conhecimento das várias fases por que a língua portuguesa tem passado desde que se fixou pela escrita até hoje abundam já os meios, quer em edições completas de obras dos diferentes séculos, quer em colecções de trechos selectos dessas mesmas obras; com referência especialmente ao período arcáico e entrada no moderno, que, como é sabido, foi quando as divergências lingüísticas mais se acentuaram, eu próprio publiquei a minha *Crestomatia Arcaica*. Importantes sem dúvida, essas obras e êsses trechos mostram-nos todavia apenas o estado da língua na época em que foram escritos; essa importância, afigura-se-me, seria maior, se fôsse possível ver a mesma obra reproduzida com intervalo de tempo notável e as conseqüentes alterações sobrevindas durante êle. É o que se dá com a versão da *Regra de S. Bento* que se segue e é uma das que figuram entre as existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, provindas do velho mosteiro de Alcobaça. A necessidade que do seu conhecimento tinham os membros dêste Instituto religioso e a ignorância da parte de alguns dêles da língua em que se achava escrita, o latim, explicam o grande número de

traduções em vernáculo ou *romance*, como lá se diz: nada menos de seis daquela proveniência ali se encontram, parecendo que mais de uma se fez no mesmo século. A que escolhi foi já publicada por John M. Burnam [1], mas imperfeitamente, como reconhecerá quem cotejar as duas transcrições.

Sôbre a época em que ela foi feita dão-nos algumas informações, embora incompletas, a nota em latim com que fecha e a declaração lançada posteriormente sôbre a palavra *monacho* [2], aí contida. Naquela diz-se que fôra D. Fernando, abade de Alcobaça, quem mandara fazer a tradução e nesta que o monge que cumprira a sua determinação se chamava Martinho de Aljubarrota. Ora entre os abades perpétuos de Alcobaça de nome Fernando figuram três: um de apelido Mendes, que governou de 1206 a 1215, outro de 1247 a 1252 e um terceiro que, tendo sido eleito em 1414, foi em 1427 deposto pelo papa Martinho V, por queixa de D. João I. O organizador do *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae*, Olisipone. 1775 [3], tomou aquele Fernando pelo primeiro [4], a linguagem, porém, como já o afirmou Fr. Fortunato de S. Boaventura [5], não

---

[1] *An Old Portuguese Version of the Rule of Benedict* em os *University of Cincinnati Studies*, vol. VII. n.º 4.

[2] No *Explicit* lê-se *Secunda expositio . . . exarata a quodam monacho . . . de mandato domni Fernandi, abbatis Alcobacie;* sôbre *monacho,* a tinta preta, *Martino de Aljubarrota.*

[3] Fr. Francisco de Sá, que governou a congregação de Alcobaça de 25 de Fevereiro de 1777 a 21 de Setembro do mesmo ano, segundo uma nota do Sr. Nogueira de Brito.

[4] Ali encontra-se erradamente 1270 em vez de 1207, mas na fôlha inicial do códice, que contém a indicação das obras nele compreendidas, lê-se 1207, vê-se contudo que essa indicação é posterior e sofreu modificações.

[5] «Bastará o mais pequeno sabor da nossa antiga linguagem para se conhecer que a dêste livro pertence ao seculo 15» diz êle na sua *História da Abadia de Alcobaça*, pág. 67-68.

tem o cunho próprio dessa época, mas doutra mais moderna; pela mesma razão também não pode tratar-se do segundo, ficando portanto por exclusão o terceiro. Acresce ainda, como também já observou o mesmo erudito monge, que o tradutor, fr. Martinho de Aljubarrota, figura no Códice n.º 330 (hoje 281) como copista da *Regra Beneditina* e *Usos de Cister*, que nele se conteem em latim, pois aí lê-se: *istam litteram scripsit frater Martinus de Aljubarrota cum esset magister novitiorum anno Domini M°CCCCX mensis junii die 27.* Do exposto concluo que a presente tradução deve ter sido feita e escrita no primeiro quartel do século XV, isto é entre 1414 e 1427, ou seja durante o govêrno de Fr. Fernando do Quental[1]

Informações mais precisas subministra-nos a versão que dou em paralelo, proveniente do mosteiro de Lorvão, em cujos códices, actualmente no Arquivo da Torre do Tombo, figura com o n.º 32 e foi transcrita, senão do Códice Alcobacense n.º $\frac{300}{231}$ em que se acha a primeira, pelo menos de outro de redacção idêntica, a julgar do conteúdo, que em ambos é igual, só divergindo nas modificações trazidas à língua pelo tempo, pois lá diz-se expressamente «ter ela sido escrita para seu uso particular por fr. Guilherme da Paixão em 27 de Maio de 1565 anos», mediando, pois, entre uma e outra redacção século e meio, pouco mais ou menos.

Como era natural e se depreende doutros textos de que nos não resta a primeira redacção, o copista aco-

---

[1] Todavia Burnam (cf. a sua edição, pág. 4), ignoro por que motivo, diz que a nota do *Explicit* e portanto as informações por ela dadas teem a aparência de falsificações e por isso possuem pouco, se é que algum, valor histórico; na sua opinião o tal fr. Martinho de Aljubarrota seria o 14.º abade, o qual, conhecido também pelo nome de fr. Martinho da Cella, governou de 1369 até 1381, ano em que morreu, não podendo, segundo êle, a versão ter sido feita além de 1385: vejam-se os seus argumentos na referida página.

modou à que ele usava a linguagem do códice que copiava, sem que todavia, levado pelo texto que tinha diante de si, deixasse escapar uma ou outra forma, que então se tornara de certo obsoleta. As alterações por êle feitas referem-se principalmente à fonética e vocabulário, como não podia deixar de ser, visto que são os sons que mais freqüentemente se modificam e as palavras que não raro desaparecem, dando lugar a outras; algumas também há que dizem, respeito à morfologia e, embora em menor número, à sintaxe: assim na

Fonética ha a fazer estes reparos:

1.º Emquanto na primeira das duas versões persistem as vogais, quer tónicas, quer átonas, que, pela queda de consoante intermédia, vieram ajuntar-se à imediata, de qualidade idêntica ou, quando não tal primitivamente, tendo-se tornado simillhante à com que veiu pôr-se em contacto [1], na segunda essa duplicação desaparece, quási por completo, devendo os casos em que persiste atribuir-se a descuido em harmonizar a escrita com a pronúncia, pela razão, já dita, da influência do original. Mas apesar da duplicação usada na primeira, não me parece que ainda então as duas vogais se fizessem ouvir, antes atribuo-a a tradição gráfica, pois é sabido que em escrita hábitos há que duram muito tempo e que em geral ela não acompanha logo as alterações que na fala se vão dando.

---

[1] Não é raro nêste e noutros textos da época encontrarem-se vogais duplas em casos que não houve queda de consoante intermédia (cf., por exemplo, *ceeos*, *corporaaes*, *graao*, *maao*, *mortaaes*, *terreaaes*, etc.); atribuo o facto a que, tendo-se aquele fenómeno dado principalmente em sílaba tónica, os escreventes posteriores, que desconheciam a sua verdadeira causa, tomaram essa duplicação como distintivo de vogal daquela qualidade; por vezes ainda a átona aparece igualmente duplicada (cf. *entẽeçom* etc.), sem causa que o explique; veja-se a *Introdução* à *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, § 1.

2.º O *e* tónico, seguido de *a* ou *o* finais, persiste na primeira, mas na segunda, se umas vezes continua a subsistir, outras toma já um *i* a desfazer o hiato, isto é, ditonga-se, oscilação esta que se nota nos escritos do tempo [1].

3.º A todo o *-õe* e *-õ* da primeira corresponde *-am* ou *-ão* na segunda, quer se trate de nomes, quer de verbos.

4.º Na segunda desaparece a distinção que na primeira se faz entre *s* e *ç* e *s* e *z* em harmonia com a sua diferente origem.

Na *Morfologia* deparam-se-nos as seguintes divergências:

1.º O sufixo *-vil* da primeira e seu plural *-viis* são substituídos respectivamente por *-vel* e *-veis* na segunda, bem como o *-es*, plural dos nomes em *-el*, que se mantém naquela, aparece já nesta em *-is*, como hoje.

2.º A terminação *-iste*, que na primeira às vezes se encontra na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito, assim como o *-rom* da terceira do plural, tomam na versão mais moderna as actuais formas *-este* e *-ram* ou *-rão*. Igualmente no *-des* da segunda pessoa do plural, usado exclusivamente pela primeira, cai na segunda o *-d-* nas mesmas condições em que o faz a língua de hoje. Uma particularidade, porém, do texto mais moderno é a conservação do *-e-* postónico de origem nas primeira e segunda pessoas do plural do futuro do conjuntivo [2].

Em *Sintaxe* ha a notar:

1.º O complemento directo de pessoa, que na primeira nem sempre é acompanhado da preposição *a*, tem-na em a segunda.

---

[1] Assim: *alheo* cap. VIII, XI, LXIV, *candea* LIX *ceea* LX, *feea* IV, *leea* LX, *mea* XXVI, a par de *leia* LXVI, *meio* LXXX, *veio* LXXXIII, cf. *Lusiadas*, edição de Epifanio Dias *in fine*.

[2] O mesmo se observa em Fr. Pantaleão de Aveiro; cf. *Rev. Lusitana*, XVI, pág. 86, n.º 8.

2.º O artigo é por esta omitido antes do pronome possessivo e por vezes também demonstrativo.

3.º A prática hodierna de empregar a terminação *-mente* só no último, quando dois advérbios de modo se seguem, é observada pela segunda, ao contrário da primeira.

Vocabulário. Ao tempo que a segunda cópia foi feita alguns vocábulos e formas verbais da primeira versão tinham-se já tornado obsoletos e portanto quem a fez tratou de substituir uns e outros pelos então usados, mas nem sempre a substituïção daqueles corresponde ao seu verdadeiro significado, prova evidente de que estavam de há muito fora da circulação; é o que se vê, por exemplo, no arcaico *entejar*, que ou se conservou ou se traduziu erradamente por *engeitar* [1].

Grafia. Afora as alterações indicadas, produzidas pelo tempo nos sons e formas das palavras e que a escrita tinha de representar, os dois textos concordam bastante sob êste aspecto: assim: 1.º a vogal oral *i* é em ambos representada por êste sinal e também por *j* e *y*; 2.º emquanto aquele duplica a primeira vogal nos ditongos nasais *ão* e *õe* [2], sem dúvida pelo hábito, em que então se estava, de representar assim a tónica, êste procede em geral, como nas orais, escrevendo uma apenas; 3.º a nasalidade da vogal é representada indiferentemente por *m*, *n* ou til, mas, se essa vogal é final de palavra, essa representação é mais por *m* no segundo e *n* no primeiro; 4.º a vogal nasal final *om* do primeiro é figurada, por *am* ou *ão* no segundo, deixando-nos em dúvida, se já então evolucionara para o actual ditongo *ão*, porquanto dêste modo se acha também escrita a mesma vogal, quando interna;

---

[1] Também *traidor* e *mostrar*, cap. IX e cap. X, por falsa comprehenção de *detraidor* e *ameestrar*.

[2] Assim, por exemplo, *anciãaos*, *cenobitãaos*, *coraçõoes*, *cuidaçõoes*, *ermitãaes*, *geeraçõoes*, *irmãaos*, *multidõoes*, *petiçõoes*, *razõoes*, *servidõoes*, *tentaçõoes*, etc.

5.º enquanto a escrita do primeiro apresenta feição mais literária, que se revela na manutenção do *ph*, *th*, devida de certo a influência do original latino sôbre que era ou parece ter sido feita, e em vários vocábulos, como *preceptos*, *scriptura*, *sancto*, *dicto*, *tercio*, *inflado*, etc., que se podem classificar de verdadeiros latinismos, o carácter do segundo é mais popular; 6.º as consoantes neste aparecem duplicadas com mais freqüência do que naquele e por vezes mesmo sem razão de ser etimológica; é o que sucede em especial com o *h*, ex.: *hordem*, *habaixado*, *huso*, *ahinda*, *hidade* etc. [1]; 7.º o som gutural do *g* é no segundo representado sempre por *gu*; ao passo que o palatal no primeiro aparece por vezes sob a forma de *g*, ainda quando seguido de *a*, *o*, *u*, no segundo é figurado por *j* ou *y*: ex.: *correga*, *tanga*, [2] *anoge*, etc. no 1.º, mas *correja*, etc. no 2.º; 8.º mais freqüentemente naquele do que neste omite-se o *e*- antes de *s* inicial, seguido de consoante, ou chamado *impuro* [3]; 9.º apenas uma única vez, no cap. I, é o *z* empregado em ambos os textos com valor de *ç*; 10.º no segundo aparece por vezes -*s*- interno com valor de forte, isto é, em vez de dobrado.

As duas versões, provenientes de épocas diferentes, ou melhor a versão única que ambas representam, é parafrástica, isto é, o tradutor anónimo ampliou o original

---

[1] Mas também *sahude*, *hermo*, etc. em A; contràriamente a êste, B escreve sempre *aver*. Designo pela primeira destas letras a versão contida no códice alcobacense, pela segunda a do de Lorvão.

[2] Não me parece que nestas formas verbais o *g* tivesse ainda o som gutural originário.

[3] Além dos citados no *Glossario I*, há ainda estes exemplos da omissão do *e* inicial: *scarnho* XXIII, *scoldrinhar* LXXV, *scripto* IX, *spaço* XXXVI, *spantar* X, *spantoso* V, *sparger* V, *sperança* X, *spinha* XXXI, *spiritual* X, *sta* LXXVIII, *stabelecer* III, V, *stabelecimento* III, *stamago* XXVI, *star* LXI, *ste* XLII, LXI, LXXXI, *stever* XXV, LXII, *stillo* LXXV, *strangeiro* LXXXI, *streitamente* III, *streito* III, *studo* V.

latino, fazendo-lhe acrescentamentos, mais ou menos extensos, que quási sempre consistem em desenvolver a mesma idea por palavras sinónimas, ao contrário da fragmentada, que dou em apêndice e já fôra publicada com algumas incorrecções por Fr. Fortunato de S. Boaventura no tomo I dos seus *Inéditos*, a qual se cinge ao original, que traduz quási literalmente, chegando por vezes essa fidelidade a ponto tal que conserva a própria colocação latina, donde resulta não raro ficar o sentido ininteligível.

Esta segunda versão é anterior em data à primeira daquelas, como se depreende da divergência de linguagem que ambas acusam e se manifesta especialmente nos seguintes pontos: emquanto numa os verbos incoativos continuam a manter a desinência *-sco* na 1.ª pessoa do presente do indicativo e em todo o conjuntivo, na 2.ª pessoa do singular do pretérito se usa a terminação *-isti* e os particípios da segunda conjugação acabam em *-udo*, a outra emprega já as formas actuais.

Além das diferenças apontadas, outras se observam na referida regra fragmentária; assim: 1.º Encontram-se por vezes representadas por uma só vogais que de antes deviam ter sido duplas (ex.: *estaris*, IV, *cairis*, VIII, *razoaris*, XXIV, *pregante*, VI, etc., por *estariis*, *cairiis*, *razoariis* ou *estarees*, etc.); é possivel contudo que nuns casos tivesse havido lapso na escrita, escrevendo-se a vogal simples em vez de dobrada, noutros, especialmente quando ocorre a preposição *a* com artigo feminino, poderá atribuir-se o facto a que, sabendo o tradutor que aquela representava a latina *ad* e nesta língua não há artigo, entendia atribuir-lhe o valor de ambos.

Mas é na sintaxe onde as divergências são mais notáveis, como mostram estes casos: 1.º Nos comparativos o segundo termo é introduzido pela partícula *ca* ou preposição *dẹ* (ex.: *chus ca*, *peiores dos*); 2.º É freqüente o emprêgo da oração integrante infinitiva em vez de con-

juncional, o que se deve atribuir a influência latina; 3.º A obrigação é expressa ou por uma forma verbal em *-doiro*, seguida ou não do verbo *ser*, conforme no latim aparecem sós ou acompanhados de auxiliar no infinito os particípios do futuro activo e passivo que àquela correspondem, modo de dizer que não me lembro de ter visto usado noutra obra traduzida do latim, ou ainda pelo verbo *ser*, seguido de infinito, precedido da preposição *a* ou então pelo mesmo auxiliar após aquele e sem esta (ex.: *estabelecedoira é a nos a escola*, cap. III, *é rendedoiro razom* VIII etc., *algũas cousas grandes som a fazer* IX, *acorrer e aver é* IX, etc.).

Na grafia ocorrem também casos dos quais alguns são comuns à da versão com que a estou comparando, outros são-lhe peculiares: Assim: 1.º O som gutural do *g* é representado às vezes só por esta letra, desacompanhada de *u*, quando se lhe segue *e* (ex.: *pronger* XXXVI), sendo do mesmo modo figurado o palatal (ex.: *aga* VIII, *sega* X, *integasti* VI, *invega* LXXXV, *ango* XIII, *desego* V, etc.); 2.º as vogais nasais *ẽ* e *õ*, a par desta grafia ou de *en* e *om*, teem estoutras *ĩ* e *ũ* ou *in* e *um* (ex.: *in*, *cum*, *munge*, etc.), modos de escrever que atribuo a influência do latim; 3.º A nasalidade da consoante é representada, afora o *n*, também freqüentemente pelo til, mas quer-me parecer que por êste sinal ortográfico se pretendeu não raro indicar igualmente o *n* e talvez o *nh* (ex.: *disciplĩa* LXXXII, *menĩo* LXXIX, *vizĩo*, XI etc.), como por aquela letra se substituíu aquele (ex.: *una* XXXV, *mesquino*, IV). Casos ha ainda em que deve ter havido omissão dêsse sinal; assim, ao lado de *menĩo*, *mõesteiro*, ha *menio*, *moesteiro*. 4.º Embora raramente, aparece *c* por *u*, como em *octro* LXXXI, fenómeno que explico por influência do literário *doctrina*, a par de *doutrina*. Encontra-se também *z* (ex.: *offizio* III) por *c*, substituïção que aliás se nota noutros escritos antigos.

Os casos apontados com relação à lingua levam-me sem sombra de dúvida a colocar a sua redacção no século XIV e a grafia nela usada, segundo a autorizada opinião do snr. Pedro de Azevedo, que teve a amabilidade de cotejar a minha cópia com o respectivo original, não pode ser anterior à primeira metade daquele; pelo que estarei com a verdade ou muito próximo dela, se estabelecer, contràriamente à opinião de fr. Fortunato de S. Boaventura, que a colocava ainda no século XII, que entre as duas redacções, esta e a completa, que dou em primeiro lugar, há apenas o intervalo de um século, pouco mais ou menos.

Descrição dos códices respectivos. Tem actualmente o n.º 231 (correspondente ao antigo 300) aquele onde se encontra a primeira versão, que abrange 34 fôlhas, todas numeradas e escritas, com excepção da última, que só o está até meio; noutra que as precede está o indice, feito evidentemente por mão diferente e em data posterior, embora com distância de tempo não sensivel. Antes destas há ainda 136, das quais 46 conteem a mesma regra em latim, 87 um *Kalendarium* e as três restantes fórmas de absolvição, uma tabela da Epacta e aureo número, lendo-se na frente da primeira delas a indicação das obras contidas no códice [1]. A dimensão de cada fôlha é de

[1] A regra latina, em cuja página inicial se vê uma portada com um santo (S. Bernardo), entregando um livro (a regra) a um frade, pròpriamente só abrange 44 fôlhas e metade da página seguinte, o verso desta, bem como a fôlha imediata são tomados por orações de defuntos em latim, terminando por uma comemoração que começa assim: *In territorio ligonesi beatissimi Bernardi primi Claravalis abbati etc.* Antes da fôlha inicial do códice há outra com fórmulas de absolvição e no verso da última escreveu-se uma oração de defuntos. A numeração das fôlhas, em algarismos romanos foi em parte prejudicada pela faca do encadernador. Em seguida ao índice da regra em português há vestígios de ter havido três fôlhas, que foram cortadas e já assim estavam ao tempo do organizador de *Index*, o qual conta entre as 92 do kalendário as 4 que o precedem.

0m,320 × 0m,218, sendo de 0,m235 × 0m,150 a da parte escrita daquelas onde se acha a versão portuguesa; destas a que devia ter o número IX desapareceu e da seguinte restam apenas dois fragmentos; tentei restaurar o seu conteúdo com auxílio do códice laurbanense e do n.º 44 de Alcobaça, que igualmente contém uma versão portuguesa da regra e não mais moderna do que esta. Os caracteres estão feitos com esmero, o que fácilita bastante a leitura, e a tinta neles empregada é de côr negra, ao envés da inicial de cada capítulo, geralmente floreada, e seu título, que é ora azul, ora vermelha. Cada página, quando escrita toda, comporta em média trinta e uma linhas.

O códice n.º 32 de Lorvão é de papel e está também encadernado; a dimensão das suas fôlhas é de 0m,096 × 0,m070, sendo 0,m080 × 0,m055 a da parte escrita; cada página desta em toda a sua extensão tem quinze linhas. No princípio há nove fôlhas em branco e no fim, não contando com dez linhas do R.º, e todo o V.º, mais cinco regradas, seguidas de seis por regrar, como as primeiras A regra abrange de folhas I, R.º, a fôlhas CXXIIII, V.º; na fôlha CXXV fica a *Taboada*, que ocupa essa frente da fôlha e verso e mais quatro e R.º da quinta, fôlhas estas que não estão numeradas; no verso desta última lê-se: *Este he o numero dos prellados que sayrão desta hordem e Regra do nosso glorioso padre são Bento. Os quais o papa Johão XXII deste nome fez tirar dos cartorios dos pontifiçes Romãaos do tempo do glorioso sam Bento ate aquelle tempo.* A meio da página seguinte (fôlha 6 por numerar) lê-se: *Memorial da doação deste devoto e Real mosteiro de Alcobaça e da sua fundação* [1], o qual ocupa essa frente e verso, mais três fôlhas e cinco linhas da

[1] Depreende-se daqui, a meu ver, que, embora figurando no espólio de Lorvão, êste códice pertenceu antes a Alcobaça.

quarta, todas por numerar. A letra usada na transcrição da regra é de côr vermelha nos títulos dos capítulos e negra no texto, uma e outra feitas com esmêro e arte, sendo floreadas algumas daqueles.

O códice em que se acha a versão fragmentária, a mais antiga das conhecidas até hoje, tem actualmente o n.º 14, mas figura com o de 329 entre os manuscritos alcobacenses; é um volume encadernado modernamente [1] e contém 16 fôlhas, as quais estão todas escritas, e mais uma em branco, que deve ter feito parte dêle desde antigo tempo, porquanto o título do último capítulo estende-se por parte da sua frente, lendo-se no verso: *Este livro* etc. e mais abaixo também, a modo de experiência: *aqui se começa a rregra de . . .* duas vezes e outras duas vezes: *aqui se começa* e ainda: *assi he no tempo do inverno delas caendas;* frases estas que foram escritas ao envés das palavras: *Este livro* etc. No princípio falta talvez mais duma folha e a seguir à undécima desapareceram pelo menos três cadernos de cinco folhas cada um, onde devia achar-se escrito o que vai do princípio do capítulo XLI às primeiras palavras do LXXIX [2]; a dimensão das respectivas folhas é de 0,m178 × 0,m125, abrangendo a parte escrita 0,m138 × 0,m098; a tinta usada é também negra no contexto e vermelha nos títulos dos capitulos; cada página tem 28 linhas, mas os caracteres nelas contidos não teem a perfeição dos dos outros códices.

Reprodução dos respectivos textos. No intento de mostrar a ortografia das três épocas diferentes, fiz a sua transcrição com a mais escrupulosa fidelidade, ainda nos casos em que a divergência entre os textos era mínima;

---

[1] Entenda-se muito posteriormente à redacção, talvez no século XVII, pois é em coiro.

[2] No original latino XXIII e LIX; segui para mais facilidade do confronto, a numeração adoptada pelo códice n.º 231.

apenas desfiz as abreviaturas que, a conservarem-se, nem sempre seriam percebidas pelos inexperientes, e, para facilitar a compreensão do texto, separei as palavras que muitas vezes ocorrem juntas, especialmente quando partículas ou pronomes, antepostas ou pospostas sobretudo a verbos, empregando então o apóstrofe ou traço de união, que lá se não encontram; usei a mais letra maiúscula nos termos próprios e a pontuação moderna, desprezando a antiga, que em geral é indicada por um ponto, com valor quási sempre idêntico à actual vírgula, por julgá-la arbitrária; acentuei as palavras que poderiam prestar-se a confusão (*dê, estê*, verbos, e *de*, prep., *este*, pron.); a própria nasalização da vogal representei-a tal qual, visto, como disse, haver em todos os três processos vários de a figurar, que me impossibilitavam de dar a preferência a qualquer deles.

Exemplares vários da Regra de S. Bento. Afora os textos aqui publicados, encontra-se a mesma regra, como atrás disse, noutros códices ainda da mesma proveniência e igualmente existentes na Biblioteca Nacional; são: n.º $\frac{44}{328}$, já mencionado, que, a acreditarmos a indicação colada na lombada, teria sido escrito no século XIV, mas já no seu fim, segundo se depreende da linguagem nele usada[1]; n.º $\frac{73}{326}$, posterior talvez perto de meio século ao aqui transcrito, pois lá se diz que fora mandado traduzir pelo abade D. Nicolau Vieira[2], e n.º $\frac{223}{331}$, que reproduz aquele em língua mais moderna, pertencente sem dúvida ao século XVI, não tanto, porém, como a do n.º 32. Além destas versões, dou fé da existência de outra, que foi propriedade do mosteiro do Paço de Sousa, feita pelo abade respectivo, fr. João Alvares, antes de 1467, segundo in-

---

[1] Esta regra foi por mim publicada na *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 91 a 145.

[2] Governou este monge a Congregação desde 1461 a 1475.

forma J. Pinto Ribeiro, que dela fez alguns extractos, que foram publicados no *Boletim Bibliográfico* da Universidade de Coimbra, n.^{os} 4 e 6 de abril-junho de 1916; tal versão parece ter-se perdido. Na Biblioteca Municipal do Pôrto existe igualmente outra versão, que o Catálogo respectivo atribui ao século XV, mas que na opinião do respectivo bibliotecário, sr. João Grave, a quem devo o favor da informação, é muito mais moderna. Das impressas a mais antiga que conheço é a de 1586, *tirada do latim em lingoagem portuguesa per industria* de fr. Plácido de Villalobos; seguem-se-lhe: a de 1623 anónima, mas cuja tradução Inocêncio F. da Silva diz ter sido feita por fr. Isidoro da Barreira; a de 1631; a de 1632, que, publicada por indústria de fr. Tomás do Socorro, o mesmo bibliógrafo afirma ser segunda edição da de 1586, que êle diz haver sido traduzida por fr. João Pinto; a de 1698 de fr. Fradique Espínola; a de 1703, *segunda vez impressa por mandado de fr. Joseph de Mello;* a de 1713 de fr. João da Soledade; a de 1785 e finalmente a de 1902, que a reproduz, segundo se me afigurou por um rápido exame. A última reimpressão foi destinada não ao uso dos membros da congregação beneditina, que de há muito não podem legalmente viver entre nós, mas a satisfazer a crendice popular que, segundo se depreende da sua *Advertência*, tem a regra como remédio eficaz «contra feitiços trovões, raios, tempestades, terremotos», servindo também «para a felicidade dos partos das mulheres e contra todo o poder do inferno, como tem mostrado a experiência, e ainda para defensivo de todas as enfermidades: livra de todos os perigos da terra e do mar e, nas guerras, dos inimigos».

J. J. Nunes.

REGRA DE S. BENTO

[PROLOGO] — Começa-se o prologo da regla de San Beento abbade: Filho, ascuyta os preceptos e mandamẽtos do meestre e jnclina e abaixa a orelha do teu coraçõ e recibe de boamẽte e toma o amoestamẽto e cõselho do padre piadoso e afficadamẽte o comple e ponhe em obra, por que te tornes per trabalho de obediencia aaquel do qual te partiste e arredaste per priguiça e peccado de desobediencia. Poys por esto a ty hora eu digo o meu sermon e as minhas palauras quẽquer que tu es que queres renunciar e fugir aos proprios deleytos e plazeres da carne e deste mundo e tomas armas de obediencia, muy fortes e muy claras e nobres, pera seruir a Jhesu Christo, senhor e uerdadeyro rei. E primeyramẽte en começo do teu tornamẽto demanda e roga a el en tua oraçõ muyto afficadamẽte que queyra complir e acabar qualquer cousa de ben que começas a fazer, que, poys que el ja teue por ben e lhe prougue de nos poer e receber en-

Variantes do Codice de Lorvão n.º 32
I. H. S.

Começa-sse... Regra do glorioso padre sam Bento... Fylho escuita... mestre... e inclina... coraçam e recebe .. bõoa mẽte e toma ho... conselho... aficadamente o cumpre e poem em .. que tornes... aaquelle do quall... per preguissa... deshobediencia. Pois por ysto .. ora... sermão... pallauras... renũciar.. deleites e prazeres... mũdo... verdadeiro rey... em... de... rogua a elle... oração muy afficadamente... queira comprir... quall quer... bem... a ffazer... pois que elle... bẽ... prouue... por... en o...

no conto dos seus filhos, nõ se haja de cõtristar e anojar en algũu tempo dos nossos maaos fuytos e obras. E assy certamẽte lhe deuemos seer obedientes en todo tempo e en toda hora por los bẽes e mercees que del recebemos que nõ tam solamẽte, assy como padre irado, nõ desexerde os filhos en algũu tempo, mas ajnda que nen assy como senhor temeroso e mouido a sanha por los nossos peccados dê a pena e alance en tormẽto pera sempre os muy maaos seruos que o nõ quiseron seguir pera ir aa sua gloria.

[Capitulo i.] *Como nos cõuida a santa scriptura que nos conuertemos e tornemos pera deus e diz.*

Poys leuantemo-nos, irmãaos, se quer en algũu tempo do sono do peccado, ca a escriptura nos esperta e braada a nos dizendo: Hora he ja de nos levantarmos do sono, quer dizer, do peccado. E, depoys que abrirmos os olhos do nosso coraçon ao lume do conhecimẽto de deus, cõ as orelhas do nosso entendimẽto attentas ouçamos aquelo que nos amoesta en cada hũu dia a uoz de deus e diz: Hoje, se ovuirdes a uoz do senhor, nõ queyrades endurentar os uossos coraçõoes. E diz ajnda majs: Aquel que ten orelha de entendimẽto pera ovuir ouça e entenda ben aquelo que o spiritu de deus diz aas egrejas. E que diz? Uijnde uos, filhos, e ouuide-me e ensinar-uos-hey que

... ffilhos não... aja de contristar... algũ... ffeitos... toda a hora pollos... merçes... delle... não tão ssoomente... yrado não deserde... algũ... nem... pollos .. dee a pena e lance en os tormentos... aos... não quiseram. . hyr...

...conuida a sancta screptura.. deos...

..jrmaãos... em algũ .. ssono... porque a screptura... brada... leuantaremos.. ssono... depois... abriremos.. coração... conheçimento de deos . entendimento atentas... aquilo... hũ... voz de deos.. ouuirdes a voz... não queirais... corações... aynda... Aquelle... tem... entendimento... ouuir... bem aquillo... deos dyz .. igreyas... Vynde vos... ouuy-me e ensinar-vos-hei...

cousa he o temor de deus; correde e trabalhade, enquanto hauedes lume de uida, nẽ pella uentura as tẽebras da morte uos encalcem e arreuatem. E querendo e buscando o nosso senhor deus na multidão do seu poboo o seu obreyro, ao qual estas cousas braada, diz mays: Qual he o homẽ que quer vida perdurauil e cobijça e quer ueer boos dias? A qual cousa se a tu ovuires e responderes e disseres Eu, diz-te logo deus: Se tu queres hauer uerdadeira uida e pera sempre, quita e guarda a tua lingua de todo maao falar e a tua boca nõ fale engano; parte-te de mal e faze ben; busca e demanda a paz e sigui-a. E, quando uos esto fezerdes, os olhos da minha misericordia esguardaran sobre uos e as minhas orelhas seram aprestes pera ovuir as uossas prezes e rogos e petiçoões e, antes que me chamedes, direy: Eys-me prestes sõo pera comprir uossas petiçõoes e desejos. Jrmãaos muyto amados, e qual cousa pode seer melhor e mays dolce a nos que esta uoz do senhor que nos conuida e chama en cada hũu dia? Eys o nosso senhor deus por la sua piedade nos demostra o caminho e a carreyra da uida perdurauil.

...deos. Correy e trabalhay... tendes.. vida... polla ventura as treuas... vos alcançem e arrebatem... buscando nosso... deos na multidam do sseu pouo... obreiro .. quall... brada... mais: Qual he ho.. vida perduravel e cobiça... ver bõos... quall... ouuires e respondereres (sic)... dis-te... deos... aver verdadeira vida... lingoa... não... enguano... bem .. segue-a... vos ysto fizerdes .. esguardarão... vos... prestes .. ouuir vossas... roguos e pitições... chameis dyrey... sam... vossas petições e desseyos. . muito amados, que cousa .. milhor e mais doçe... voz... em... hũ... deos polla... carreira da vida perdurauel.

[CAPITULO II.] *De quaaes obras devemos de começar pera ir ao regno de deus.*

Primeyramẽte os nossos lombos e forças dos nossos corpos e das nossas almas ja cingidos e cercados e apparelhados con fe e cõ obseruancia e guarda de boas obras, andemos, jrmaãos, os caminhos de deus perlo guiamẽto do euangelho, pera seermos dignos e merecedores de ueer aquel senhor que nos chamou en no seu reyno, en no qual reyno se nos queremos e desejamos uiuer e morar, nõ podemos a el ir se nõ per trabalho de boas obras. E porem, se queremos saber como podemos ir morar ao seu reyno, preguntemos o nosso senhor deus con o propheta, dizendo a el: Senhor, quẽ uiuirá e morará no teu tabernaculo e morada do reyno dos ceeos ou quem folgará no teu sancto e alto monte? Depoys desta pregunta, jrmaãos, ouçamos o nosso senhor deus que nos responde e demostra o caminho e a carreira da sua morada e diz: Aquel que entra e uiue sen magoa e çujidade de peccado e faz obras de iustiça e de ben; aquel que fala e diz uerdade no seu coraçõ, como a fala e diz perla sua boca; aquel que nõ fez engano cõ a sua lingua; aquel que nõ fez nẽ disse mal a nehũu homem; aquel que nõ recebeo nẽ lhe prougue o mal e o doesto do seu proximo nẽ o quis

...quaes... devemos .. hyr... deos.

Primeiramente... aparelhados com ffe e com... bõoas... deos pollo... evangelho .. seremos... veer aquelle... en o seu... en o quall... deseyamos viuer... não... a elle hyr senão... bõas... hir... regno preguntemo-lo a nosso senhor deos cõ... a elle .. quem viuirá... regno... quẽ... mõte? Depois... pregũta ouçamos, jrmãaos, a nosso... deos... Aquelle... vive sem .. sugidade... yustiça e de bem; aquelle... verdade... coração.. polla... aquelle... não... linguoa; aquelle... não... ninhum homẽ; aquelle... não... prouue...

ouvir de boa mente: aquel que esquiuou e empuxou do ante a presença do seu coração o diaboo malicioso que o mouia e cõselhaua falsamẽte a mal fazer e uenceo e trouve a nehũa cousa el e todo seu maao mouimẽto e cõselho e tomou e reteue os começos das cuydaçõoes pequenas e das tentaçõoes e maaos encitamẽtos e mouimẽtos del, que nõ çrecessem e quebrantou-os en Jhesu Christo, cõfessando-os e demostrando-os a el e chamando a sua graça e ajuda. E aqueles que temem deus e porlo ben e a boa uida que fazem nõ emsoberuecem nẽ se exalçam mas cuydam e pensam que esse ben que en eles ha nõ pode vĳr nẽ proceder delles, mas que procede e uen do senhor deus e magnificam e louuam o senhor que en elles obra, dizẽdo cõ o propheta aquelo que he scripto: Non a nos, senhor, nõ a nos, mas ao teu santo nome da a gloria e o louuor, assi como o apostolo San Paulo, que da sua preegaçõ nunca a ssi meesmo apos nẽ contou nehũa cousa, mas dizia: Aquello que eu som feyto perla graça de deus o sõo. E el diz mays: Aquel que se gloria e alegra en no senhor deus se glorie e alegre. E deste tal fala nosso senhor Jhesu Christo no euangelho hu diz: Aquel que ouue as minhas palauras e as faz e pohem en obra eu o farey semelhauil ao homem sabedor que edificou e fundou a

...ouuir... bõoa...; aquelle... dante... de seu coração o diabo... aconçelhava falçamẽte .. venceo e trouue... ninhũa... elle .. mouimento e cõçelho .. cuidações piquenas .. tentações... inçitamẽtos e mouimentos delle... não... quebrãtou-os... confessando-os e demostrãdo-os a elle .. temẽ deos e pollo bem e bõoa vida... fazẽ não ensoberbecẽ... exalção... cuidão e penção... bem que ha em elles não... vir. . vem... deos e magnificão e louuão... em... dizendo com. . aquillo... Não .. não... sancto . dá gloria e louuor, assy... são... preguação nũca a ssy mesmo... ninhũa... Aquillo.. são .. polla... deos... sam. E elle... mays: Aquelle... en o... deos .. alegre. E desta maneira deste tal... evangelho onde... Aquelle... palauras... poem... farei semelhavel ao homẽ...

sua casa sobre a pedra: veerom os rios, sopraron os uentos e empeçaron e derom en aquella casa e nõ cayo, porque era fundada sobre pedra. Aquestas cousas complindo e acabando, o nosso senhor Jhesu Christo aguarda e spera nos cada dia que hajamos de respõder a estes seus santos amoestamẽtos cõ boas obras e cõ bõos feytos. E por tanto por emmenda e corregimẽto dos nossos males e peccados nos som dados e perlongados por treguas os dias desta uida presente, como diz o apostolo: Per uentura nõ sabes tu que a paciencia de deus te spera e traje a penitẽcia? Ca o nosso senhor deus muy piadoso diz perlo propheta: Non quero a morte do peccador, mas quero que se conuerta e torne a penitẽcia e uiua.

[Capitulo III.] *Per que modo e maneyra pademos herdar a morada do reyno de deus.*

Irmããos, depoys que nos fezemos pregunta ao nosso senhor deus do morador da sua casa ovuimos o precepto e encomẽdamento que deue fazer e comprir aquel que en ela quiser viuer e morar. Poys, se nos quisermos fazer e comprir o oficio e obras de morador desta casa, seremos herdeyros do reyno dos ceos. E pera esto deuemos de aparelhar os nossos coraçoões e os nossos corpos aa santa obediencia dos mandamẽtos de deus, pera o seruir

...vyeram os ryos, sopraräo os ventos e encontraräo e deräo naquella... não .. Estas... comprindo.. Christo nos aguarda e espera cada dia ajamos lhe de responder... sanctos amoestamentos... bõoas... feitos... malles... sam... perlonguados... vida prezente... Por ventura não... deos... espera e traz... Porque nosso senhor deos diz pollo... Não... penitençia e niua.

Por.. maneira .. regno de deos.

...depois... a nosso... deos... ouuimos... encomendamẽto... aquelle... ella .. Pois... quiseremos... cõprir... herdeiros... ysto.. corações... sancta obbediençia dos mandamentos de deos...

e batalhar e pugnar contra os peccados. E roguemos ao senhor que nos dê e ministre a ajuda da sua graça, pera fazer aquello que a nossa naturaleza en nos do sy nõ pode obrar. E, se queremos vĩjr aa vida perdurauil, fugindo aas penas e tormẽtos do fogo do jnferno, enquanto ajnda agora hauemos tẽpo e en estes corpos mortaaes somos e per aquesta carreyra de luz e de uida hauemos tempo pera esto fazer e comprir, por tanto deuemos agora de trabalhar e fazer aquello que nos seja bõo e proueytoso pera sempre. Poys pera esto queremos stabelecer e ordenar hũa scola de seruiço de deus no qual stabelecimẽto e ordenamẽto nõ entendemos apoer nẽ ordenar cousa nehũa aspera nẽ graue. Peró, se algũu pouquetinho ditando e mostrando-nos o juyzo da boa razão, se seguir e posermos algũa cousa mays streytamẽte que entẽdemos por corregimẽto e emmenda dos uiçios e peccados e por guarda da caridade, nõ tomes logo spanto nẽ pauor, nẽ fugas, nẽ leixes o caminho e a carreyra da sahude, a qual nẽ se deue, nẽ pode começar se nõ per começo e entramẽto streyto e apertado. Mas per processo e acrecentamẽto de uirtudes de boa uida e de fe depoys andaremos perlo caminho dos mandamẽtos de deus cõ o coraçõ largo e spacioso e folgado cõ muyta dulcidon do amor de deus

...punhar... dee... aquillo... natureza em nos de ssy não... vir a... perduravel... ynferno .. aynda . avemos tempo e em .. mortais ssomos e pera esta carreira... vida temos... Ysto... devemos aguora .. aquillo... seya... proueitoso. . Pois... ysto... estabelecer... escola .. deos no quall estabeleçimento e hordenamento nam (e não) entendemos poor. . hordenar... ninhũa... Porẽ se algũ tanto ditando. . juizo da bõoa rezão... poseremos... mais estreitamente... entendemos... corregimento... viçios... não .. espanto... fuyas .. carreira da saude a quall... senam... entramento estreito. bõoa vida e de fee, depois... pollo .. mãdamẽtos de deos... coração larguo e espaçoso e folguado.. muita doçidão... deos

sen conto e sen fin, assy que, nunca nos partindo do seu seruiço e en na sua doutrina ataa morte perseuerando, per paciencia padecendo e soffrendo, participemos e haja mos parte en nas payxooes e padecimẽntos de Jhesu Christo por tal que sejamos merecedores de seer cõ el parceyros e quynhoeyros do seu regno.

[CAPITULO IV.] *De como hy ha quatro geeraçõoes de monges*

Cousa certa e manifesta he que quatro som as geeraçooes dos monges. A primeyra geeraçom he dos cenobitãaos e estes som aquelles que uiuem nos mosteyros so regla ou so abbade. A segunda geeraçõ he dos anacoritas, cõuẽ a ssaber, dos hermitãaes, nõ daquelles que nouamente cõ feruor e desejo de boa uida se conuertem e tornã a deus, mas daquelles que em prouaçõ perlongada de mosteyro e per longos tempos nos moosteiros já ensinados per exemplo e uida e ajudoyro de muytos aprenderon a ssaber pugnar e lidar contra o diaboo. E elles ben ensinados e doutrinados da az e conuersaçõ forte da companhia dos jrmaãos pera batalhar e lidar apartadamẽte no hermo contra as tentaçõoes e ja seguros sen cõsolaçõ e sen ajuda doutro nehũu cõ sua maão soo e

...sem... sem fim... nũca... em a sua doctrina ate a... sofrendo e padecendo ajamos... nas suas paixões e padecimentos. ss. de Jhesu Christo... seyamos... com elle parceiros e quinhoeiros...

...ha hy... gerações.

...são as gerações dos mõges. A primeira geração... sam... viuẽ em os moesteiros debaixo de regra ou debaixo de abbade... geração... s s. dos yrmitãaes não... nouamẽte... deseio de bõoa vida se conuertẽ e tornão a deos... prouação prolomguada de moesteiro ... longuos. . moesteiros... vida e ayudoyro... aprenderão... diabo. . cõverçação .. cõpanhia... pera trabalhar e lidar... cõtra as tentações... sem cõsolação e sem... ninhũ ..

cõ seu braço per forteleza do seu bõo niuer e cõ o ajudoyro de deus som abastantes e sofiicientes pera no hermo pugnar e lidar contra os uicios e peccados da carne e das cuydaçoões. A terceira geeraçõ dos monges muy fea e spãtosa he a dos sarabaytãaos, os quaaes nõ som esprouados nẽ examinados per nehũa regla nem per experiencia e doutrina de meestre, assi como o ouro na fornalha, mas estes, fracos e molles assi como o chumbo, guardando e fazendo ajuda as obras do mundo, mentẽ a deus perla tonsura e coroa e hauito que tragem. Os quaaes dous e dous ou tres e tres ou certamente cada hũu en sua parte, sen pastor e regedor, nõ en nos mosteyros e casas de deus, mas en suas cellas e logares appartados e ençarrados, tomam e ham por ley fazer e comprir todas suas võotades e os seus desejos e qualquer cousa que elles cuydarem ou pensarẽ, segundo suas võotades, pera fazer ou elegerem e escol[h]erem aquesta dizem que he boa e santa e aquella cousa que elles nõ quiserem fazer dizẽ que nõ he boa, nẽ lhes perteece. A quarta geeraçõ he dos monges que chamam girouagos, os quaaes toda sua uida despendem andando per desvayradas prouincias e terras e per tres tres ou quatro quatro dias som hospedados e recebidos per desvayradas cellas, sempre nagos e nunca

. . .fortaleza. . . viuer. . . e cõ ajudoyro de deos são. . soficientes. . vicios. . . cuidações. . . geração. . feea e espantosa. . . quais não são prouados. . . ninhũa regra nẽ. . mestre assy. . . assy. . . chũbo. . . mũdo, mẽtem a deos polla. . habito que trazẽ. . . quaes . trez e trez ou çertamẽte. . . hũ em. . . sem. . não en os moesteiros. . deos . . luguares apartados e emçarrados tomão . . lei. . . cõprir . . vontades. . deseyos. cousa que elles não quiserẽ fazer dizẽ que não he bõoa nẽ lhes pertence e quall quer cousa que elles cuidarẽ ou pensarẽ segundo suas vontades pera fazer esta dizem que he bõoa e sancta e essa enlegem e escolhem. . geração . chamão girovagos os quais. . . despendẽ . . desvairadas prouincyas. . . trez trez. . . são. . . recebydos. . . desvairadas. . . vaguos e nũca. . .

stauijs, seruindo aos proprios deleytamẽtos e cobijça e desejos da garganta, e estes taaes en todo e per todo sem peores que os sarabaitas. Da cõuersaçõ e uida muy mesquinha destes todos melhor he calar que falar e por tanto, leixadas todas estas geeraçõoes, uenhamos apoer e ordenar cõ a ajuda de deus a uida da muy forte e nobre geeraçõ dos monges cenobitaães que uiuem nos mosteyros so regla e so abbade.

[CAPITTLO V] *Qual deve de seer o abbade*

Aquel que he digno e merecedor de seer abbade e regedor de mosteiro sempre deue seer nembrado que he dito e chamado abbade, quer dizer padre, e o nome de mayor, cõuem a ssaber, d'abbade e de padre deue cõplir per feytos e per obras e reger ben e sagesmente gouernar e ensinar, castigar e reprehender os monges, seus filhos, cõ amor de padre e cõ discreçõ, por que creemos que el no mosteyro ten o logo e as uezes de Jhesu Christo, que foy e he nosso meestre e nosso padre, por quanto o chamam per esse meesmo nome per que Jhesu Christo he dito e chamado, segundo que diz o apostolo: Recebestes spiritu de adouçõ, quer dizer, de filhos adoutiuos, no qual spiritu chamamos e dizemos abbade, padre.

estaueis, servindo... delleites e cobiça... garguanta... tais... são piores. . sarabaytas. Da conuerçasão e vida... milhor... deixadas... gerações venhamos apoore hordenar... deos a vida... geração... viuẽ nos moesteiros debaixo de regra e debaixo de...

Quall deue ser...

Aquelle... moesteiro... lembrado... abbade, que quer dizer... mayor. ss. de abbade .. comprir per feitos . bem e sagesmẽte e guouernar e emsinar, castiguar e reprehẽder os mõges... descrição. . cremos que elle no moesteiro tem o luguar e as vezes... mestre e noso... chamã... mesmo nome... de adoação que quer...

E por tanto o abbade nõ deue ensinar cousa nehũa, nẽ stabelecer, nẽ ordenar, nẽ mandar cõtra os preceptos e mãdamẽtos de deus, o que deus nõ mande, mas o seu mandamẽto e a sua doutrina seja fermento de iustiça de deus e do seu amor spargido nos coraçoões e nas almas dos seus discipulos. O abbade sempre seja renẽbrado que no muy spantoso e temeroso dia do juyzo de deus lhe ha de sseer demandado e requerido conto e recado e razõ tan ben da sua doutrina come da obediencia dos seus discipulos. E saba por certo o abbade que qualquer cousa de menos proueyto e de mingua e desfalecimẽto que deus padre estonce poder achar nas suas ouelhas todo encostará e demandará ao pastor. Peró entanto será libre e sen culpa o pastor, se el fezer e poser toda diligencia e studo e for ben solicito e discreto sobre a sua grey e cõpanha que for maa e desobediente e houuer toda cura e cuydado dos seus autos maaos e enfermos e enfermidades corporaaes e lhes der e ministrar todalas cousas necessarias pera os corpos e pera as almas e estonce o seu pastor, libre e assoluto e quite de culpa, diga ao senhor no dia do juyzo cõ o propheta: Senhor, nõ neguey nẽ ascondy a tua iustiça no meu coraçõ, mas a tua uerdade e a tua sahude lhes disse e pronunciey e

...não... ninhũa... estabeleeer... hordenar... preceiptos e mãdamẽtos... deos .. deos não... mãdamẽto... doctrina seya fromento da yustiça de deos... espargido nos corações... discipolos... seya lembrado .. espantoso juizo de deos haa... seer demãdado e requirido cõto... rezão tam ben... como... discipollos... saiba... quallquer... proveyto e de minguoa .. deos padre então... ovelhas todo o encostará e demãdará ao pastor. Porẽ então será liure e sem... elle fizer... estudo .. bem... desereto... grei e companha... ffoor... ouuer... cuidado . auctos... emfermos... corporaes... todallas.. então o seu pastor liure e absolto... juizo... não neguei nem escondi... justiça... coração... verdade... saude... pernũciey e

demostrey, mas elles, maaos, soberuos e desprezadores, desprezarõ-me e nõ curarom da minha doutrina e ensinança. E estonce finalmente a essas ouelhas, maas e desobedientes a el, seja-lhes pena e tormẽto muy grande e muy forte essa morte de perdiçõ e cõdẽnaçõ na qual cayron perla desobediencia.

[Capitulo VI] *Per que modo e maneyra deue o abbade ensinar os seus monges*

Quando algũu recebe e toma encarrego e nome de abbade per duas maneyras deue ensinar os seus disipulos, conuẽ a ssaber, deue-lhes demostrar e ensinar todalas cousas boas e santas mais per feytos e per obras que per palauras assi que aos disçipulos capazes e mais entendidos proponha e diga-lhes per palauras e preegue os mandamẽtos de deus, mas aaqueles que forem duros de coraçõ e mays simplices e que mays pouco entendimẽto ham per seus feitos e per suas obras lhes mostre os preceytos e mandamẽtos de deus. E todas aquellas cousas que el ensinar aos seus disçipulos que som contrayras e empeeciuijs aas suas almas en seus feytos primeyramẽte e en suas obras as demostre que se nom deuẽ de fazer, nẽ per neutura el preegando aos outros seja achado e

demostrei . soberbos... desprezarão-me e não curarão... ensynança. E então finalmẽte... ovelhas.. elle seya.. tormento .. e mui... perdição e condenação... cayrão polla ..
. maneira... ensynar...
...algũ . maneiras . disçipollos, ss. deve... todallas... bõoas e sanctas mais per feitos e per obras que per pallavras assy.. disçipollos. .. mais entendydos ... digua-lhes.... pallauras e pregue... deos .. aaquelles. . forẽ... coração. . mais... mais... feitos... mandamẽtos . deos.. elle ensynar... disçipollos... são contrairas e empesiveis as... em... feitos primeiramẽte e em... não deuem fazer... elle preguando... seya...

hauudo por maao preegador e por que nõ diga deus en algũu tempo a el, maao e peccador: Por que contas tu e dizes as minhas iustiças e tomas e preegas o meu testamẽto perla tua boca? Ca tu auorreceste e entejaste a minha disciplina e ensinança e deytaste as minhas palauras atras ty e nõ curaste dellas. E tu que uias o argueyro no olho de teu jrmãao e no teu nõ uiste a traue? O abbade nõ faça departimẽto nẽ estremamẽto antre hũa persoa e outra no mosteiro, nem seja hũu mays amado que outro, saluo aquel que for achado en melhores feytos e obras ou mays obediente: nõ seja mays auantejado; nẽ haja mayor logo nẽ honra na ordem o liure e de boa geeraçõ porlo sangue nobre de hu ven que o seruo que se cõuerte e tira da seruidõoe e entra na ordem primeyro que el, saluo se for por algũua causa que seja razoauil. E esto meesmo se ao abbade parecer cõ razõ, faça el a qualquer de cada hũa das ordẽes tam ben dos sacerdotes come dos de euãgelho e de epistola. En outra maneyra nenhũu nõ seja promouido a mays alto graao, mas cada hũu tenha seu logar proprio, por que assi seruos como liures todos somos hũa cousa en Jhesu Christo e so hũu senhor igual iugo e trabalho de seruidõ sopportamos, ca ante deus nõ ha hy recebemẽto nẽ departimẽto de persoas;

avido... preguador... não digua deos... em... algũ... elle maao peccador... mjnhas justiças... preguas .. polla... Porque tu aborreceste e engeitaste... desçiplina e ensynança e deitaste... pallauras .. não... v[i]as o argueiro... não viste a trave... não faça departimento nem... peçoa... moesteiro... seja ninhum... aquelle... milhores feitos... mais... não seya mais avanteyado... aja... luguar... honrra... hordem... bõoa geração pollo... donde... servidão.. ordẽ primeiro... elle... algũa... razoavel. E isto mesmo... rezão... elle. . hordẽs tambem.. como... evangelho... Em... maneira ninhũ não seya... hũ.. luguar... assy... debaixo de hũ... ygual juguo... servidão ssoportamos porque ante deos não... recebimento. . pessoas;

ta a soomente en esto somos departidos e estramados ante el, se formos achados melhores en boas obras e mays humildosos que os outros. E por tanto o abbade haja caridade e amor a todos jgualmente e hũa disciplina seja dada a todos segundo os seus merecimẽtos.

[Capitulo vii] *Que modo deue teer o abbade en castigar o[s] seus discipulos*

O abbade na sua doutrina e ensinança sempre deue teer e guardar aquella forma e maneyra do apostolo na qual diz: Reprehende, roga, doesta, conuẽ a ssaber, mesturando e ajuntando tempos a tempos affaagos a espantas. Aas uezes o abbade mostre se aos discipulos meestre crueuil e espantoso e aas uezes padre piadoso, conuẽ a ssaber, os discipulos soberuosos e uagos e desobedientes e mal ensinados deue reprehender e castigar asperamẽte e espantosamẽte, mas os obedientes e os humildosos e mansos e os pacientes deue rogar que aproueytẽ de ben en melhor. E mandamos e amoestamos que o abbade doeste e castigue os neglígentes e os desprezadores, nẽ leixe hir nẽ traspoer os peccados dos seus discipulos sen correyçõ e sen castigo, mas, logo como começarẽ de nacer, perla guisa que el melhor poder os talhe de rayz.

tam... isto... estremados .. elle... foremos.. milhores em bõoas... mais... aja.. ygualmente .. seya .. mereçimentos.
...ter... castiguar os discipolos.
...ensynança... ter... aquela... maneira... rogua, doesta. ss. misturando... affaguos As vezes... disçipolos mestre cruel e espãtoso .. piedoso. ss. aos disçipolos soberbosos e vaguos... ensynados... castiguar asperamente e espantosamente, mas aos .. manssos e pacientes.. roguar .. aproveitem de bem em milhor... aos negligentes . nem traspor... disçipolos sem correição e sem castiguo... loguo .. pollo milhor modo que elle poder...

nẽbrando-se do perigoo de Hely, sacerdote de Syló. E aquelles que forem mays honestos e de melhores entendimẽtos amoeste-os e castigue-os per palauras a primeyra e a segũda uez, mas os maaos e duros de coraçõ e os soberuosos e os desobediẽtes en começo desse peccado correga e castigue per açoutes ou per outra correyçõ corporal, sabendo aquelo que diz a scriptura: O sandeu nõ se correge, nẽ castiga per palauras E diz mays: Castiga e fire o teu filho cõ a uara e liurarás a sua alma da morte.

[CAPITULO VIII] *De quaaes ha de dar conto e razon a deus o abdade e por que*

O abbade sempre se deue nembrar e consijrar que he abbade e padre e que assi he dito e chamado de todolos outros que lhe som cometidos e deue de saber que aaquel a que mays he cometido mays lhe sera requerido e demandado. Outro sy saba e consijre quam forte e alta cousa recebeo, a qual he reger almas e seruir aos custumes e uõotades de muytos e hũus tractar e reger e correger per affaagos e outros per doestos e outros per rogos e conselhos e per amoestamẽtos. E segundo a qualidade e propriedade e condiçõ e entendimẽto e conhecimẽto de cada hũu assi se apparelhe o abbade e cõforme a todos

...lembrando-se de Hely... forẽ mais.. milhores entendimentos... pallavras a primeira .. segunda vez... coração... soberbosos... em... correja... correição... aquillo .. escriptura .. não... castigua per palavras... mais: Castigua e fere... vara...
...quaes.. . conto e recado e rezão a deus. .
...lembrar e consirar .. assy .. todos os .. são... aaquelle... mais lhe... requirido... saiba e cõsire quão... vontades... muitos e hũs tratar .. affagos .. calidade e propriadade e condição e entendimento... hũ assy se aparelhe...

en tal guisa que nõ tan soomente el nõ padeça, nẽ leixe passar perda nẽ danno nẽ mingua da cõpanha a el cometida, mas ajuda alegre-se en no acrecentamẽto da boa cõpanha. Ante todalas cousas o abbade nẽ per uentura dissimulando e fazẽdo que nõ uee as cousas ou desprezando e teendo en pouco a sahude das almas a el cometidas, nõ haja, nẽ faça moor cura e cuydado das cousas transitorias e terreaaes que ham desfalecer que das almas dos seus subditos, mas sempre cuyde e pense que recebeo encarrego e cuydado de reger almas, das quaaes ha de dar conto e razõ, e nõ murmure, nẽ se querele porla sustancia e mantijmẽto do mosteyro, se for pouco, mas nembre-se daquelo que he scripto: Primeyramẽte queredo e demandade o reyo de deus e a sua iustiça e todas estas cousas uos seram dadas e apresentadas. E diz aynda mais a escriptura: Nõ desfalece nehũa cousa aaquelles que temẽ e servẽ a deus. E saba o abbade que aquel que recebeo cura e cuydado pera reger almas deve-se apparelhar e aguisar pera dar conto e razon dellas. E quanto conto de frayres el tener so sua cura conheça e saba por certo que en no dia do juyzo ha de dar conto e razon a deus de todas essas almas e sen duvida nehũa e da sua alma. E assy sempre temendo e receando a demanda e enquericõ do pastor, que ha de sseer feyta das

. . .maneira que não tão. . . elle não. . minguoa da companha a elle cometyda. . . en o acreecẽtamẽto da bõoa companha. . todallas. . . polla ventura dessimulando. . . não vee. . . tendo em . . saude. . . elle. . não aja. . faça mayor cuidado e mayor cura. . . terreaes. . . hão de falecer. . . cuide. . . encarreguo e cuidado. . quaes. . . rezam e não. polla substancia e mantimẽto. . . moesteiro. . . lembre-se daquillo. . Primeiramẽte buscay e desmanday o reyno. . . deos. . . justiça. . . vos serão. . . escreptura: Não. . . nihũa. . . deos. . saiba . . aquelle. . . cuidado . . aparelhar e apercever. . . rezão. . . religiosos elle . . debaixo de . . saiba. . . que no dia do juizo. . . rezão e deos. . . sem . . ninhũa. . . ssua. . . temẽdo. . . inquirição. . seer feita das

ouelhas a el cometidas, quando se el cauidar e guardar das razõoes alheas e trabalhar de dar bõo conto e razon dos feytos dos outros, estonce el será solicito e diligente pera se cauidar e guardar das suas razõoes das quaaes ha de dar côto e recado. E outro sy, quando el os outros ben ensinar e doutrinar e amoestar que se enmendem, estonce sera el por la boa ministraçõ emendado e quite dos uicios e peccados.

[Capitulo ix] *De como deuem seer chamados os frayres a conselho*

Sempre quando algũas cousas grandes se houuerẽ de trautar e fazer no mosteyro, chame o abbade toda a congregaçon e diga el aquelo que quer trautar ou fazer. E, depoys que el ouuir o cõselho dos frayres, traute e consijre ben en seu coraçõ e aquello que el entender e iulgar e disser que he mays proueytoso esso faça. E por tanto dissemos que todos fossem chamados a cõselho, per que per muytas uezes demostra deus ao mays pequeno aquello que he melhor e mays proueytoso. E os frayres assy dem o conselho cõ toda sogeyçon e humildade que nõ presumam, nẽ ousem teer e defender soberuosamente aquello que a elles parecer melhor e mays proueytoso,

ovelhas a elle... quâdo .. elle... rezões... cõto e rezão dos feitos... então elle... rezões das quaes... quâdo elle aos outros bem... emmendem então será elle polla bõoa ministração emmẽdado... vicios...

...deuem de seer... religiosos...

...ouuerem de tratar... moesteiro... cõgregação e digua elle aquilo... tratar... depois... elle... dos religiosos trate e cõsire bem... coração e aquilo... elle... julguar e diseer *(sic)*... mais proveitoso ysso... vezes... deos ao mais .. aquillo... milhor e mais proveitoso. E os monges... o cõselho com subieição... não presumão... defẽder soberbosamẽte aquillo .. milhor e mais proveitoso...

mas esto penda'e stê mays mo aluidro e juyzo do abbade que deles e todos obedeeçam e consentã aaquello que el julgar e disser que he mays proueytoso e mays sãao. Mas, assi como conuem e perteece aos disipulos obedeecer ao meestre, bem assi conuem e perteece a el fazer e ordenar discretamẽte e iustamente todalas cousas. Poys por esto todos, cõuen a ssaber, os monges e o abbade sigam e guardem esta regla que nos ameestra e ensina en todalas cousas e preceptos e mandamẽtos dela e nehuum nõ desvihe della neyciamẽte fazendo o contrayro della cõ presũnçom ou desprezamento. Nehũu no mosteyro non siga, nẽ faça a voontade do seu proprio coraçõ, nẽ presuma, nẽ seja ousado nẽhũu de contender nẽ hauer entẽeçom nẽ palauras soberuosamẽte cõ o seu abbade dentro nẽ fora do mosteyro, a qual cousa se presumir e for ousado de a fazer, seja por ello sometido e posto aa disciplina da regla. Peró esse abbade faça todallas cousas cõ temor de deus e guarda da santa regla, sabendo sen duuida nehũa que de todolos seus iuyzos ha de dar razõ a deus, juyz muy iusto e dereyto. Mas, se algũas cousas pequenas se houuerẽ de fazer en prol do mosteyro chame o abbade a conselho tan soomẽte os anciãaos, assi

...ysto.. estee mais... alvidrio e juizo.. delles... obedeção e consintão aaquillo... elle julguar.. mais proveitoso. . são... assy... cõvẽ e pertence aos disçipollos obedecer ao mestre bem assy cõvẽ e pertence a elle... disretamente e yustamẽte todallas... Pois por ysto todos. ss os .. siguam... regra. . amostra... todallas. . preceptos della e mãdamẽtos e ninhũ não desvie... neiciamẽte.. contrairo con presunção... Ninhũ no moesteiro não sigua.. vontade .. coração .. seya... aver entenção... pallavras soberbosamẽte .. moesteiro a quall.. ousado algũ de fazer seya por ysso somitydo... regra. Porem... todallas... deos... sancta regra. . sem... ninhũa. . todollos juizos... rezão a deos, juiz.. yusto e dyreito ouuerem.. em proueito do moesteiro... tão somente...

como he scripto: Faze todalas cousas cõ conselho e, depoys que as fezeres, nõ te repeenderás.

[Capitulo X] *Quaaes som os jnstrumentos das booas obras*

Primeyramẽte ante todalas cousas amar deus de todo coraçõ e de toda alma e cõ toda uirtude e forças della, depoys amar o seu proximo assi como sy medés, desy non matar, nõ cometer adulterio, nõ fazer furto, nõ cobijçar, nõ dizer falso testimunho, honrar todolos homẽes e aquello que cada hũu nõ queria que lhe fezessem nõ o faça a outrem, negar cada hũu sy meesmo por tal que siga Jhesu Christo, o seu corpo castigar, os manjares e deleytos delle nõ amar, o jeiuum amar, os proues recriar, o nuu uestir, o enfermo visitar, o morto soterrar, aaquel que for en tribulaçõ acorrer, o doente consolar, dos autos e feytos do mundo se arredar e delles se quitar, nõ amar cousa nenhũa mays que Jhesu Christo, ira nõ acabar, tempo de sanha e de uingança nõ aguardar nẽ attender, engano no coraçon nõ teer, paz falsa nõ dar, caridade nõ leixar, nẽ desemparar, non jurar, nẽ per uentura seja periuro, uerdade de coraçõ e de uõontade perla boca dizer, mal por mal nõ fazer nẽ dar, injuria a nenhũ nõ

...todallas... conçelho... e não te rependeras depois que as ffizeres.

Quaes ssam... bõoas...

Prymeiramẽte... todallas... deos... coração. . vertude. . depois .. assy como ssy mesmo... não... não... não... não cobiçar não .. falsso testemunho, honrrar todollos homẽs e aquillo. . hũ não. . . fezessem não no fazer a outrẽ, neguar... hũ a ssy mesmo .. sigua. . castiguar, os mãjares e deleites... não.. jejũ... proves recrear... vistir, o emfermo vizitar .. aaquelle. . tribulação... cõsolar... feitos... e delles se tirar, não.. ninhũa mais... não... vingança não. . enguano no coração não... falça não. . não... não... ventura seya perjuro, verdade de coração e de vontade polla .. não... inyuria a ninhũ naõ...

fazer, mas, se lha fezerem, cõ paciencia a soffrer, os imijgos amar, nõ maldizer os que o maldisserem e uituperarem e doestarem, mas antes bendizer delles, as jniurias e perseguiçõoes por amor de iustiça soffrer e sopportar, nõ seer soberuoso, nẽ muyto bebedor de uinho ou de outra cousa que embebedar possa, nem seer muyto comedor e gargãton, nẽ muyto dormidor e sonnorẽto, nẽ priguiçoso e deleixado e modorno, nõ murmurador e contradizedor dalgũa cousa cõ maa uõotade e como nõ deue, nem seer detraydor nẽ maldezidor de nehũu per detras cõ maa entençõ, a sua sperança a deus cometer e todalas suas cousas en el poer, quando algũu ben en sy uir e sentir, a deus o dê e apponha e nõ a ssy meesmo, mas o mal saba e seja certo que del uen e procede sempre e a sy soo o ponha, o dia do juyzo temer e do jnferno, logar de fogo e de exuffre e de penas perduraujjs, sempre se spantar e dello temor e pauor hauer. A vida perdurauil cõ todo desejo e cobijça spiritual desejar e a morte en cada hũu dia ante os seus olhos sospeyta poer e hauer, os autos e feytos e obras da sua uida en toda hora guardar, sabendo por certo que em todo logar deus oolha e vee e esguarda os seus feytos, as suas cuydaçõoes maas que ueerem ao seu coraçõ logo oolhando e

...fizerem. . sofrer... imigos... não... maldiserẽ e vitoperarẽ e doestarẽ... bem dizer... jnjurias e persseguições... da justiça sofrer e soportar, não... soberboso... vinho... doutra... não seer muito... garguantam... sonorento nem preguissoso... não... contradizidor... vontade. . não deve, não seer traidor nem maldezedor de nehũ... detraz... entẽção .. esperança a deos a cometer e todallas .. elle por.. algũ bem en ssy vir... deos adee *(sic)* e aponha e não... mesmo... saiba e seya.. delle vem... ssy... juizo... luguar de foguo e de enxofre. . perduraveis, sempre se espantar e delle pauor e temor aver.. perduravel... deseio e cobiça... deseyar... hũ... sospeita poor e aveer *(sic)* feitos vida... ora... luguar deos . feitos. . cuidações.. vierẽ a seu coração... loguo...

esguardando a Jhesu Christo e de ssy empuxando-as en el as quebrantar e ao seu anciãao spiritual e confessor as demostrar, a sua boca de maa e de empeeciuil fala guardar, muyto falar nõ amar, palauras uãas ou autas e cõuinhauijs pera rijr nõ falar, rijso muyto ou sacudido e desramado nõ amar, as liçõoes santas de boa mente ouuir, aa oraçõ amehude se achegar, os seus peccados traspassados cõ lagrimas ou cõ gimidos cada dia en sua oraçõ a deus cõfessar, desses peccados desy adeante se emendar, os desejos da carne nõ acabar, a sua uõotade propria auorrecer e entejar, aos preceptos e encomendamẽtos do abbade en todalas cousas obedeecer, ajnda que el doutra guisa faça e perlo contrayro desta regla uiua, o que deus nõ mande, nembrando e acordando-se o discipulo daquele precepto e mandamẽto de nosso senhor Jhesu Christo, no qual diz: Aquellas cousas que uos elles dizem fazede-as, mas as que elles fazem nõ as queyrades uos fazer, nõ querer, nẽ desejar a seer dito e chamado santo, antes que o seja, mas primeyramẽte o seer, por tal que o seja dito mays uerdadeiramẽte, os preceptos e mandamẽtos de deus per feytos e per obras em cada hũu dia complir, a castidade amar, nenhũu nõ auorrecer cõ odio nẽ entejar, zeo maao e enveja nõ hauer, conteençon e perfia nõ amar, aleuantamẽto de

...elle... ançião... confeçor... empeçivel... muito... não... pallauras... cõuinhaueis... ryr não... ryso muito derramado não... lições sanctas de bõoa. . ouuyr. . oração ameude se cheguar... traspasados... gemidos.. oração... deos confesar.. dahy adiante se emmendar, os deseyos... não.. võtade avorrecer e enteyar... encomendamẽtos... todallas .. elle... doutra maneira faça, o que deos não mãde, lembrãdo.. desçipolo daquelle mãdamẽto. . vos .. fazei-as... não nas queirais vos... não. . deseyar seer... sancto... seia... primeiramẽte... seya dicto cõ verdade, os... deos. . feitos... em cada hũ dia cõprir .. ninhũ não aborrecer com. . enteyar... não aveer *(sic)*, contenção... não... alevãtamẽto de

uãa gloria e gabamentos fugir, os uelhos e anciãaos honrar, os mancebos e os mays juniores amar, enno amor de Jhesu Christo por los jmijgos orar, antes que se ponha o sol, cõ aquelles cõ que houuer discordia en paz e en bõo amorio se poer e tornar e da misericordia de deus nunca desesperar. Eys estes som os instrumẽtos e mesteres da arte spiritual cõ que a uida spiritual he formada e fabricada e cõposta, os quaes jnstrumẽtos se de nos, de dia e de noute continuadamẽte perseuerando, forem complidos e no dia do juyzo assijnados e demostrados, seer-nos ha dada do nosso senhor deus aquella mercee que nos el prometeo, a qual olho d'omem nunca vyo, nẽ orelha ouvyo, nẽ coraçõ d'omem pode pensar aquelas cousas que deus ten aprestes e aparelhadas pera aquelles que o amam. As offecinas e logares hu todas estas cousas cõ diligencia deuemos de fazer e obrar som as claustras e ençarramentos dos mosteyros, perseuerando e stando firmes na congregaçon.

[Capitulo xi] *Da obediencia*

O primeyro graao da humildade he obediencia sen detardãça. Aquesta conuem e perteece aaquelles que nõ amam nehũa cousa mays que Jhesu Christo. E estes, tanto que lhes perlo seu mayor for encomẽdada algũa cousa, nõ saben padecer nẽ poer detardãça en a fazer, mas assy

vãa... guauamẽtos. . ançiãos hõrrar... mãcebos e mais juniores em o amor... pollos inmiguos... ouuer... em... e em... amor se poor... deos nũca... Eys aqui estes são os jnstrumẽtos... vida... os quais... noite cõtinuadamẽte... forẽ cõpridos e guardados e... juizo assinados... deos... merce... elle... de homẽ nũca vio nẽ... ounio nẽ coração de homẽ pode pençar, aquellas... deos tem prestes... que ho amão... luguares honde... sam... moesteiros... estando... congreguaçam. O primeiro.... sen tardança. Esta cõuẽ e pertençe... não amãao ninhũa... mais... tãto... pollo seu... emcomẽdada... não sabẽ... poor tardança em...

obedeecem como se lhes a deus mandasse fazer, e esto porlo seruiço santo e uoto que prometeron ou por medo das penas do fogo do jnferno ou por amor da gloria da uida perdurauil. Dos quaaes diz o nosso senhor deus: Como me ouuyo cõ a orelha, logo sen detardança me obedeeceo. E diz ajnda mays aos meestres e doutores: Aquel que uos ouue mĩ ouue. E por esto estes taaes, logo leixando e desemparando as suas cousas e as suas proprias vòotades, muyto asinha desoccupam e tiram suas mãaos daquello que faziam, leixando-o por acabar, e cõ o pee uizinho da obediencia obedeecem e seguem per feytos e per obras a voz e o mandamẽto do seu mayor e assi como en hũu momẽto e espaço muy pequeno o sobredito mandamẽto do meestre e as obras perfeytas do discipulo en trigueza do temor de deus ambas estas cousas juntamẽte asinha som feytas e cõplidas. Aquelles que ham amor e desejo de hir aa uida perdurauil pera esto escolhem e tomã caminho e carreyra muyto streyta, como o diz nosso senhor Jhusu Christo: Streyta he a carreyra que aduz e trage o homẽ aa uida perdurauil, por que estes nõ querẽ uiuer perlo seu aluidro nẽ per seu talante, nẽ querem obedeecer aos seus desejos e deleytos e plazeres da sua carne, mas querem andar per juyzo e

... obedeçẽ... se lha deos mãdasse... ysto pollo... sancto e voto... prometerão... pennas do foguo... perdurauel. Dos quais diz nosso... deos... ouuio... sem tardãça. . obedeçeo... mestres... Aquelle .. ouue a mĩ .. ysso... tais loguo leyxando... vontades, muito .. desacupão e tirão... daquillo... fazião... obedyença obedecẽ e seguẽ por feitos... vooz e o mandamento... assy .. em hum... sobredicto mãdamẽto... mestre... perfeitas... do temor de deos... são feitas e compridas. . hão... deseyo .. hyr aa vida perdurauel... ysto... escolhẽ e tomão... carreira.. estreyta... Streita .. carreira que guia e traz o homẽ... vida perdurauel... não querẽ viuer pollo... aluidrio... seu cõtentamento. . obedeçer... deseyos e deleites e prazeres... querẽ andar per juguo e juizo e

mandamẽto alheo e uiuer e morar nos mosteyros e desejam haauer abbade sobre sy a que obedeeçã. Sen duuida nehũa estes taaes seguẽ e complem aquella sentença do senhor na qual diz: Nõ vĩj a fazer a minha vòotade mas a vòotade daquel que me envyou. Mas aquesta meesma obediencia estonce sera acceptabil e recebida ante deus e apraziuil e amauil e dolce aos homẽes, se aquello que he mandado e encomendado ao discipulo for feyto nò cò temor, nẽ tardinheyramente, nẽ negligentemente, nẽ cò murmuro, nẽ cõ responson de nò querer e sen referta, por que a obediencia que aos mayores he feyta a deus he feyta, ca el disse: Aquel que uos ouue mĩ ouue. E por tãto conuen e perteece aos disciplos obedeecer cõ bõo coraçò ledo, por que deus ama muyto o que o serue cõ plazer e alegria. Ca, se o discipulo obedeece e cò maao coraçõ e cò uòotade triste e nò tan solamẽte perla boca mas ajnda no coraço se murmurar, posto que ja compla e faça o mandado que lhe encomendarõ, peró ja lhe nõ sera recebido de deus, o qual esguarda e uee o coraçõ do murmurador e por tal feyto e obediencia nõ hauera graça nehũa nẽ galardom, mas hauera pena dos murmuradores, se se nõ emendar e satisfezer do peccado.

mãdamẽto... viuer... moesteiros e deseyão... hauer. . ssy... obedeção. Sem... nihũa... tais seguẽ e cumprẽ... [a]quella sentença... Nam vim... vontade... vòtade daquelle que me emviou... esta mesma .. então... açeytauel .. deos e apraziuel e amavel e doce... homẽs... aquillo mãdado e encomẽdado... for fey[t]o não... tardinheiramẽte nẽ negligentemente. . reposta de não .. e sẽ... feita a deos... porque elle dysse: Aquelle... vos ouue a mĩ .. tãoto cõuẽ e pertençe... disçypolos obedeçer... bõo coração... deos... prazer. . Porque se... coração e cõ vòtade... não tão soomẽte polla .. coração... cumpra.. ho .. encomẽdarão porẽ... não.. deos... vee o coração... avera... ninhũa... gualardão.., avera penna. . não emmendar e satisfizer. .

[Capitulo XII]. *Do silencio*

Façamos aquello que diz o propheta: Disse: eu guardarey as minhas carreyras, que nõ peque na minha lingua; puse guarda aa minha boca, fize-me mudo e humildey-me e caley-me de falar as boas cousas. En estas palauras nos demostra o propheta que, se algũas uezes por amor e guarda do silençio nõ deuemos de falar nẽ dizer as boas cousas, quanto mays deuemos de cessar e calarnos das maas palauras porla pena do peccado? E por esto aos discipulos perfeytos por graueza e peso, por guarda do calar poucas vezes lhes seja outorgada lecença de falar, ajnda que queyram falar de boas cousas e santas e de edificaçõ, por que scripto he: En no muyto falar nõ poderás fugir nẽ scapar de peccado. Een outro logar diz a escriptura: A morte e a uida sta nas mãaos da lingua, conuẽ a ssaber, no calar e falar das maas cousas e das boas. Ca ao meestre soo conuen e perteece falar e ensinar e ao discipulo ouuir e calar. E porẽdo, se o discipulo quiser demandar e preguntar algũas cousas, preguntе-as e demande-as ao prior cõ toda humildade e sugeyçõ de reuerença. Lygeyrices e joguetes e escarnhos e palauras ociosas e que mouam a rijso de todo en todo damnamos e antredizemos e defendemos sempre en todo

... aquillo .. guardarei... carreiras... não... lingoa; pus... fiz-me .. humildei-me... bõoas... Em .. pallauras... não... bõoas .. quãto... pallauras polla... ysto... disçipolos... peso e... seya outorguada liçença... queirão... bõoas... sanctas... edifieaçã. . he que Em o... não... em... luguar. . vida estaa... linguoa. ss. no... bõoas. Porque ao mestre... cõuẽ e pertence.. disçipulo... ouuyr... E porẽ, se o disçipolo... demãdar... com... sugeyção de reuerẽçia. Lygeirices e joguetes e escarneos e pallauas ouçiosas... movão a ryzo... dãnamos...

logar e a tal fala como esta nõ leixamos, nẽ damos logar ao disciplulo abrir sua boca.

[Capitulo xiii] *Da humildade*

Irmãaos, a santa scriptura clama e braada a nos e diz-nos: Todo aquel que se exalça sera humildado e abaixado e aquel que se humilda e se ten en pouco sera exalçado. Pois, quando esto diz a santa scriptura, demostra-nos que todo exalçamẽto he geeraçõ e maneyra de soberua. Da qual geeraçõ e maneyra de soberua nos demostra o propheta que se cauidaua e guardaua, dizendo: Senhor, o meu coraçõ nõ foi exalçado en soberua, nẽ os meus olhos nõ foron soberuos nẽ aleuantados, nen andey presumindo de min, nẽ pensando en grandes cousas nẽ en cousas marauilhosas sobre mĩ e sobre minhas forças. Mas que, senhor? Se eu nõ senty, nẽ andey humildosamente, mas exalcey a minha alma, ensoberuecẽdo e teendo-me en muyto e presumyndo de mj grandes cousas, tal galardon e consolaçõ des tu aa minha alma, senhor, qual sente e padece o menino que ajnda cria sua madre no collo, se lhe tira a teta do leyte ante do tempo. Onde, jrmãaos, se nos queremos hauer e percalçar a alteza da muy grande humildade e queremos e desejamos vĩjr

... lugnar... falla... não... luguar... disçipolo...

... sancta screptura. . brada... aquelle... aquelle... tem... em... Pois... ysto... sancta... geração... soberba... geração .. maneira de soberba .. coração não foy.. em soberba . não forão soberbos... aleuãtados nẽ... mym. . nẽ em... não .. andei humildosamẽte . exalcei... ensoberbeçendo e tendo-me em... presumindo de mĩ.. gualardão e consolação dees tu a.. minino. . sua mãy no colo. . leite... Honde... auer e alcançar... vyr...

muyto asinha aaquelle exalçamẽto da gloria celestial, aa qual perla humildade e abaixamẽto desta uida presente podemos sobir, poren per nossos bõos feytos e obras sobindo e aproueytando de ben em melhor, leuantemos cõ ellas aquela scaada que appareceo a Jacob en sonhos, porla qual lhe foron demostrados anjos, hũus que descendiam e outros que sobiam. E sen duuida nehũa nõ entendemos nos que aquel descendimẽto he outra cousa se nõ que per exalçamẽto de soberua descenderemos ao jnferno e per humildade sobiremos aa gloria do parayso. Mas essa scaada que estaua leuantada pera o ceeo he a nossa vida en este mũdo, a qual cõ o nosso coraçõ humildado e abaixado per humildade he leuãtada de nosso senhor deus pera o ceeo. Os lados, conuẽ a ssaber, os paos que estam aa destra e aa seestra dessa scaada, dizemos que som o nosso corpo e a nossa alma, nos quaaes lados deus padre exertou e pose, chamando-nos e cõuidãdo-nos perlo seu filho e perlas santas scripturas, desvayrados graaos de humildade e de disciplina e ensinança per que houuessemos de ascender e ssobir aa sua gloria.

[Capitulo xiv] *Do primeyro graao da humildade*

O primeyro graao da humildade he se o homẽ, poẽdo sempre o temor de deus ante os seus olhos, de todo en todo nũca se esqueecer delle, nembrando-se sempre de

...a quall polla... vida... porem... feitos .. aproueitando de bem em milhor .. escada... apareceo .. em .. polla:.. forão... hũs... desendiam... sobião .. sem... ninhũa não .. aquelle desendimento e sobimento... não... por... soberba... desenderemos... a gloria... escada... aleuantada .. ceo... quall com... coração... aleuãtada... deos... ss. os paaos... estão a destra e a sestra... escada... são... quais... deos... pos... pollo . pollas sanctas... ouuessemos...

. . primeiro...

... primeiro... pondo... deos... esqueçer... lembrando...

todas aquellas cousas que deus mandou e de como os que desprezam deus caem e vãa-se aas penas e tormẽtos do jnferno. E pense sempre o homẽ e reuolua no seu coraçõ a gloria e a uida perdurauil que está apparelhada e prestes pera aquelles que temem e amam deus, guardando-se en toda hora dos peecados e uicios, conuẽ a ssaber, das cuydações e da lingua e dos olhos e das maaos e dos pees e da sua propria uõotade, mas e ajnda trabalhe sempre de tirar e empuxar de ssy os maaos desejos da sua carne. E pense e cuyde o homẽ que en toda hora sempre deus o vee e esguarda dos altos ceeos e que en todo logar el vee os seus feytos e as suas obras cõ os olhos da sua diuiindade e perlos anjos en toda hora som a deus ditas e recontadas. E esto nos demostra o propheta, quando nos da a entender que deus sempre he presente ennas nossas cuydaçòoes e pensamẽtos, dizendo: Deus escoldrinha e entende os coraçòoes e as rẽes. E diz mays: O nosso senhor deus conhesce as cuydaçòoes dos homẽes. E diz ajnda: Entendiste, senhor as minhas cuydaçòoes de longe, ca o pensamento e a cuydaçõ do homẽ se confessara e sera demostrada e conhecida a ty. E pera o monge seer solicito e prouisto sobre as suas cuydaçòoes maas e peruersas, pera se guardar dellas, diga sempre esse frayre bòo e proveytoso en seu coraçõ: Estonce serey eu sen magoa e sen çugidade de peecado ante deus.

... deos... desprezão .. deos caaem e vão as pẽnas... coração... vida perduravel... estaa aparelhada. . temẽ .. deos... en toda a hora. . vicios. ss. das cuidações... linguoa... võtade e mais ainda. . deseyos .. cuide... deos. . lugar elle... feitos .. divindade e pollos... são a deos... ysto... quãdo . daa .. deos .. presẽte nas... cuidações e pẽsamentos. . deos .. corações e os rins... mais .. deos conheçeo as cuidações dos homẽs... Entendeste... cuidações de longe e que o .. cuidações... cõfesara.. previsto... cuidações... digua.. jrmãao... proveitoso... coração. Então serei .. sem maguoa e sem sugidade... deos...

se me eu guardar de toda minha maldade. E assy nos he ajnda defeso que nõ façamos a nossa propria uoontade, quãdo nos diz a escriptura: E das tuas uoontades e desejos te torna e tyra. E esto rogamos a deus na oraçom do *Pater noster*, cõuẽ a ssaber, que a sua uoontade en nos seja feyta e complida e nõ a nossa. Poys ben assy somos ben e dereytamẽte assaz ja doutrinados e ensinados que nõ façamos a nossa propria uõotade, quãdo nos cauidarmos e guardarmos daquelo que diz a santa scriptura: Som caminhos e carreyras, cõuẽ a ssaber, autos e obras que parecẽ aos homẽes boas e dereytas e a fin e o acabamento dellas tragẽ e amergẽ os homẽes ao profundo do jnferno. Outro sy quando nos agora cauidamos e guardamos daquello que he scripto e dito dos negligentes: Corrutos e auorreciuijs som feytos nas suas uoontades e maaos desejos. Mas ennos desejos da nossa carne creamos que deus assy sempre he presente, quando o propheta diz ao senhor: Senhor, ante ti he todo meu desejo. Poys por esto muito nos deuemos cauidar e guardar do maao desejo, ca a morte he posta junto da entrada da deleytaçõ e maao desejo. Onde a scriptura nos acõselha e manda, dizendo: Non te alances, nẽ te vaas apos las tuas cubijças e maaos desejos. E por ende, jrmãaos, se os olhos do nosso senhor esguardam e veẽ os bõos e maaos e se nosso senhor deus sempre esguarda e oolha

...não... vontade... vontades e deseyos . ysto roguamos a deos... oração .. ss. que... vontade.. seya... cõprida e não... bem e direytamente... não... vontade... cauidaremos e guardaremos daquillo... sancta.. São. . carreiras. ss. autos. . boõas e direitas e a fym... traz e comfunde os homẽs... ssy.. aguora .. daquillo... Corrutos são e aborreçiveis são feitos... vontades... deseyos... nos deseyos... deos... ty... deseyo .. Pois... ysto muyto nos devemos ... deseyo, porque. . deleytação... acõcelha... Não te lanções... apos tuas cobiças... E por tanto... esguardão e vem .. deos. .

do ceeo sobre os filhos dos homẽes, pera ueer se ha hy algũu que entenda e conheça ou requeira e demande deus. Outrossy se os anjos que nos som dados por guarda e por exercicio de vitoria contam e dizẽ cada dia a nosso senhor deus e criador as nossas obras e os nossos feytos, poys por esto muyto nos deuemos de guardar e cauidar, jrmããos, en toda hora, assy como diz o propheta, nem perla uentura algũa hora esguarde deus e nos veja enclinados e abaixados e derribados en mal e maaos feytos e sen proueyto e perdoando nos en este tempo desta uida, por que ele he piadoso e misericordioso e attende nos que nos tornemos e emendemos en melhor diga-nos depoys no dia do juyzo: Aquestas cousas e estes feytos fezeste tu e caley-me eu.

[Capitulo XV]. *Do segundo graao da humildade*

O segundo graao da humildade he se algũu, nõ querendo nẽ amãdo fazer a sua propria uõotade, nõ se deleyte nẽ queyra comprir os seus desejos, mas per feytos e per obras siga aquella uoz de nosso senhor Jhesu Christo que diz: Non vĩj fazer a minha uõotade mas a võotade daquel que me enviou. E diz ajnda majs a escriptura: A deleytaçõ da carne en esta uida presente ha e merece pena pera sempre e a necessidade, cõven a

...homẽs. . veer... algũ . entẽda... demãde deos... são... exerçiçyo... contão... deos.. pois... ysto . devemos... toda a hora... nẽ polla vẽtura... deos... jnclinados... sem proveito. . vyda... elle... piedoso. . e espera-nos .. emmendemos em mylhor... digua-nos depois... juizo. Estas...

... segũdo... algũ não querẽdo... võtade não deleyte... queira... feitos.. por .. sigua... voz... Não vim a fazer... vontade. . võtade daquelle... emviou. E dyz.. mais... scriptura: A deleitaçam... prezente... pẽna .. neçessydade...

ssaber, da tribulaçõ e da affliçõ que he en esta uida presente pare e geera pera todo sempre galardon e coroa.

[Capitulo xvi]. *Do terceiro graao da humildade*

O terceiro graao da humildade he quando algũu porlo amor de deus se poem e sojuga ao mayor cõ toda obediencia, seguindo Jhesu Christo, do qual diz o apostolo: Feze-se obediente ao padre ataa morte.

[Capitumo xvii]. *Do quarto graao da humildade*

O quarto graao da humildade he se o mõge, quãdo o mandã fazer algũa cousa, se el en essa sua obediencia abraçar e tomar de boa mente e cõ paciencia e cõ a consciencia calada as cousas duras e as contrayras aa sua uõotade e outras enjurias, quaaes quer que lhe forem feytas ou ditas de seu abbade e de seu mayor, e soffrendo-as nõ enfraqueça nẽ se departa nẽ fuja do mosteyro, porque diz a escriptura: Aquel que perseuerar ataa fin sera saluo. E diz mais: O teu coraçom seja confortado e forte e perseuerando soffre o senhor. E querendo-nos demostrar a santa escriptura que o bõo e fiel monge deue de padecer e soffrer ajnda as cousas contrayras perlo amor de nosso senhor deus diz en persoa daquelles que as padecem e sofrem: Perlo teu amor, senhor,

ss. da tribulação e da aflição... prezente.. gera... gualardão... ... algũ... pollo... deos .. subjugua... segũdo Jhesu Christo... Fez-se. . ate a...

... se ho. . quando... mãdão... elle em.., bõoa mẽte... cõçiençia... contrairas... vontade... emjurias quais... forẽ feitas... não .. moesteiro .. scriptura: Aquelle que perçeuerar ate a fim... coração... cõfortado... sofre .. sancta escriptura... mõge... sofrer... contrairas por amor.. deos... empessoa (ou perssoa)... padeceẽ e sofrẽ... Pollo...

grauemente somos afflitos e atormẽtados en cada hũu dia e somos taaes como as ouelhas que leuã a matar, que nõ contradizẽ nẽ respondem nehũa cousa. E estes já seguros da sperança do galardom de deus seguem-se e dizem: Mas en todas estas cousas sobrepojamos e uencemos e cõ paciencia soffremos por amor daquel senhor que nos amou. E diz mays a escriptura en outro logar: Senhor deus, tu nos prouaste e per fogo de tribulaçõoes e de enjurias nos examinaste e purgaste, assy como a prata he examinada e purgada das fezes perlo fogo, e trouuestenos a laço e a estreyteza e poseste sobre nos muytas tribulaçõoes. E pera nos demostrar que deuemos de seer e uiuer so poderio de prelado segue-se e diz: Poseste homẽes sobre as nossas cabeças. Mas aquestes que per paciencia complem o precepto e mandamento do senhor ennas cousas contrayras e ennas enjurias e tribulaçõoes e affliçõoes som sen duuida nehũa aquelles que ja en hũa face som feridos e apparam a outra aos que os ferem e som ajuda aquelles que leixam o manto aaquel que lhes toma a tunica e aquelles que uaam duas milhas cõ aquelles que os leuam per força hũa milha e que, assi como o apostolo san Paulo, soffrem os maaos e falsos jrmãaos e padecem e soportam perseguiçõoes e bendizem aquelles que os uituperam e maldizem.

... grauemẽte... aflitos... em... hũ... tais... ovelhas... levão .. não contradyzem... ninhũa cousa... Estes... esperança. . gualardão... deos seguẽ-se... sobrepujamos nos e vencemos e com... sofremos... daquelle .. dyz .. scriptura em.. luguar... deos... provaste e por foguo de tribulações e de jnjurias . purguada... pollo... estreiteza e aspereza de regra .. tribulações .. uiuer debaixo de... homẽs .. estes que por. . cũprẽ . mãdamẽto... en as .. cõtrairas e em as jnjurias e tribulações e aflições são sem... ninhũa... em... sam .. e aparão .. ferẽ e sam... leixão .. aaquelle.. vão... levão por .. assy... são... sofrẽ .. falços.. soportão perseguiçõis e bemdizẽ aquelles . vytuperão...

[Capitulo XVIII]. *Do quinto graao da humildade*

O quinto graao da humildade he se todalas maas cuydaçõoes que ueerem ao coraçom do monge e os peccados que el cometeo e fez ascondidamẽte os demostrar e descobrir a seu abbade per humildosa confisson. E desta cousa nos amoesta e aconselha a escriptura e diz: Demostra ao senhor deus o caminho e a carreyra dos teus feytos e das tuas obras e espera en el. E diz ainda mays: Confessade-uos ao senhor, ca el he bõo e piadoso e por que pera todo sempre he a sua misericordia. E o propheta diz outro ssy: Senhor, eu notifiquey e demostrey a ty o meu peccado e as minhas maldades nõ te encobry, propusi e disse en meu coraçõ: pronunciarey e demostrarey per confisson contra myn as minhas maldades ao senhor e tu, senhor, logo ante que me perla boca confessasse, perdoaste a crueza e maleza do meu coraçõ.

[Capitulo XIX]. *Do sexto graao da humildade*

O sexto graao da humildade he se o monge for contento de toda uileza e baixeza e desprezamẽto e pera todalas cousas que lhe forem encomendadas que faça se julgar por maao obreiro e nõ digno, dizendo cõ o propheta: À nehũa cousa som tornado e nõ sõo bõo pera fazer cousa nehũa como a deuo de fazer e nõ no entendy

... todallas .. cuidações que vierem ao coração do mõge... elle... escondidamẽte. . cõfição... acõçelha a scriptura... deos... carreira... elle... aynda mais:... Confeçay-uos... porque elle... notifiquei... não... emcobry . Propus... em . coração: ... proñũçiarei . confição cõtra .. loguo antes... polla... cõfesasse... malicia... coração...

... mõge... cõtente. . vylleza e baixeza e de todo desprezamẽto... todallas... forẽ encomẽdadas.. julguar... não... ninhũa... são... não são... ninhũa .. o deuo... não..

nẽ soube nẽ conhecy e soom feyto assi como besta sen entendimẽto ante ty e eu sempre soom con tego nõ me partindo de ty.

[Capitulo xx]. *Do septimo graao da humildade*

O septimo graao da humildade he se o monge se demostrar mays vil e mais pequeno e mais baixo de todos e nõ tan soomente perla sua boca o dizer mas ajnda dentro na uõotade do seu coraçõ assy o teer e creer, humildando-se e dizendo cõ o propheta: Eu soom uerme e non sõo homem; sõo doesto dos homẽes e engeytamẽto e auorrecimẽto do poboo e fuy exalçado en honra de soberua deste mundo mas agora sõo humildado e abaixado e mays pequeno de todolos meus irmãaos e cõfuso e enuergonçado de todolos meus peccados. E consolando-se en esta humildade e abaixamẽto graças a deus dando segue-se e diz cõ o propheta: Senhor, ben me he e grande ben me fezeste por que me humildaste, por tal que eu aprendesse e soubesse os teus preceptos e mandamẽtos.

[Capitulo xxi]. *Do outauo graao da humildade*

O ovtauo graao da humildade he que o monge nõ faça per seu aluidro outro modo e outra maneyra de uiuer

...conheci e sam... assy... sem... sam contiguo não ..
... mõge... mais vyll... mais baixo .. não tão soomẽte polla... võtade de seu coração... erer humildãdo. . são vermẽ e não sam homẽ... são... homẽs... engeitamẽto e aborreçimento do pouo e fui... em honrra de soberba... mũdo... aguora são... mais... todos meus... cõfuzo e emvergonhado de todos meus... cõsolando-se em... deos... segue-sse... bem... grande merçe me... mãdamẽtos...
... oytauo...
...oytauo... mõge... não... per... maneira de uiuer...

saluo aquella que a regla do mosteyro cõmũhu manda e ten ordinada ou aquella que mostram os exemplos bõos dos seus mayores.

[Capitulo xxii]. *Do nono graao da humildade*

O nono graao da humildade he se o monge gardar e reteuer a sua lingua do falar e tẽedo silencio nõ fale ataa que o preguntem, mostrando-nos e dizendo-nos a escriptura que no muyto falar nõ poderá homẽ fugir nẽ scapar de pecado E que o homem lingaz e de muyta palaura nõ sera ben enderençado nẽ ben guiado sobre a terra nas muytas palauras.

[Capitulo xxiii]. *Do decimo graao* [*da humildade*]

O decimo graao da humildade he se o monge se nõ mouer de ligeyro cõ leuidade a rijr nẽ for appronto e aprestes nen attento en seu rijso, por que scripto he: O sandeu en rijso e en scarnhos exalça e leuanta a sua uoz.

[Capitulo xxiv]. *Do undecimo graao da humildade*

O vndecimo graao da humildade he que, quando o mõge houuer de falar, fale dolcemente e graciosamente e

... regra do moesteiro .. cõmũ... tẽ... mostrão...

... humyldade .. mõge guardar... linguoa... tendo... não... ate... pregũtem... scriptura... muito. . não... èscapar... homẽ linguaras... muita pallaura não... bem enderẽçado... bem... muitas.. pallauras... grao... mõge... não... ligeiro... lyuidade a ryr nẽ... pronto e prestes nè atento... rizo... em ryzo... escarneos. . leuãta sua vooz...

... vndeçimo.

... ouuer . doçe e graciosamẽte e...

appasso e seu rijso humildosamente e cõ graueza e peso e poucas palauras e razoauijs e beu assẽetadas e nõ seja muyto braadador de uoz, ca scripto he: O sabedor en poucas palauras se demostra.

[Capitulo xxv]. *Do duodecimo graao da humildade*[1]

O duodecimo graao da humildade he que ho monge nõ tan soomente cõ o coraçõ e cõ a uõotade mas ajnda cõ o corpo nas obras de fora mostre sempre aaqueles que o virem que ha en sy humildade, conuẽ a ssaber, na obra, no oratorio, no ministerio e no seruiço, na orta, na carreyra, no agro e en qualquer logar que seuer ou andar ou steuer sempre seja cõ a cabeça jnclinada e cõ os olhos ficados en terra, hauendo e teendo-se en toda hora por reeo e culpado dos seus peccados. E pense e cuyde que ja he presentado no muy spantoso e temeroso juyzo de deus, dizendo sempre aquello que aquel publicano do euangelho cõ os olhos ficados en terra disse: Senhor, eu

... **passo e sem ryzo humildosamẽte...** pallauras e razoaveis e bem **asentadas...** não .. bradador de vooz porque... em... pallauras...
. . **mõge não tão somẽte** ... coração... vontade... aaquelles... virẽ ..
haa em ssy humildade. ss... carreira... em... luguar que se vir...
esteuer sempre estee com .. fincados... avendo e tendo-se toda
hora .. reo... E pense e cuide... espantoso .. juizo .. deos...
aquillo... aquelle... Evangelho. . fincados... dysse...

[1] Na margem esquerda da página lê-se esta observação de mão diferente da que escreveu o resto e da qual muitas palavras foram cortadas pelo encadernador: Os XII graaos da... [1] yldade se podem... arar em estos... e. s. Despreçar... do. Despreçar... moesmo. Hom... preçar nem hũu... zer-lhe de seer do... i despreçado. Drie (?)... as obras quiser... er podera assy... i em esta uida... myldoso. por que soia... çado muy muyto... jo ceeo mar. timpẽz... o LXIIII. III fim terceira parte do seu.

[1] Os pontos indicam o que a encadernação inutilizou.

peccador e maao, nõ sõo digno leuantar os meus olhos ao ceeo. E diga ajnda cõ o propheta: Encurvado sõo e abaixado e humildado sõo de cada parte. Por tanto, depoys que o monge sobir per todos estes sobreditos doze graaos da humildade, logo muyto asinha uijnra aaquella caridade de deus, a qual perfeyta lança fora todo temor, pella qual todalas cousas que primeyramente fazia e guardaua cõ temor estonce sen trabalho nenhũu e sen temor começara de guardar e fazer porlo bõo custume que houue, assy como se já o houuesse de sua natureleza propria, nõ já por temor das penas do jnferno, mas por amor de Jhesu Christo e por esse bõo custume e bõo usu que husou e por deleytaçõ e amor e desejo das virtudes. As quaaes cousas nosso senhor deus teera por ben demostrar no seu obreyro e seruidor já limpo perlo spiritu santo e purgado dos uicios e peccados.

[Capitulo xxvi] *A que tempo se ham de leuantar os monges aas horas de deus que se ham de dizer de noute*

No tempo do jnuerno, conuẽ a ssaber, des as calendas de nouẽbro ataa pascoa, segũdo boa cõsijraçon de razon e de descriçon, aas oyto horas da noute se leuantem os monges aas uigilias assi que pouco mays da mea noute

...não .. são... çeo. E digua. . Emcuruado sam e habaixado... sam. . depois .. mõge... loguo... azinha vyrá aaquela... deos... perfeita .. polla quall todallas... primeiro... então sem .. ninhũ e sem... comesará... pollo... ouue .. ouuesse .. natureza... não jaa. . pẽnas... huso... deleitação... quais... deos... bem .. obreiro e servidor... pollo .. sancto... viçios...

... hão de levãtar os mõges as... hão... noyte...

...jnverno. ss. des .. até a... bõoa cõsiração de rezão e de descrição as . noyte se leuãtem... vigilias .. assy... pouquo mais... noyte...

dormã e feyta já a sua digeston [1], conuem a ssaber, os seus corpos e os seus stamagos já pousados [2] e asseentados, aleuantem-se aas uigilias. E o spaço que fica aos frayres depoys das uigilias seja pera aquelles frayres que houuerem mester de leer ou pensar e meditar algũa cousa de salteyro ou de liçòoes. Mas dela pascoa ataa sobreditas calendas de nouembro assy temperem e tangam a hora en que se possam dizer as uigilias da noute que fique hũu muy pequeno entreuallo e spaço antre as vigilias e os laudes, en quanto os frayres possam ir aas necessarias da natura, e logo se sigam os laudes. Os quaaes se deuem de dizer, quando começar amanheecer.

[CAPITULO XXVII.] *Quantos salmos se deuem a dizer nas horas da noute*

No tempo do juverno aas uigilias, dito já primeyramente o uerso *Deus in adiutoriũ meũ intende, domine, ad adimandum me festina* e depoys *Domine, labia mea aperies* e *os meum annunciabit laudem tuam*. O qual dito per tres uezes ajuntem logo e digam o terceyro psalmo cõ

... durmã... jaa... degistão, ss. os... estomaguos... asentados .. aleuãten-se as... vygilias... espaço... aos irmãos despois... vigilias .. jrmãaos... ouuerẽ mister deller .. pẽssar e miditar... psalteiro.. lições. Mas des a.. atee as sobreditas... novẽbro... temperẽ e tanjão ha ora en que... possão... vigilias... noyte... hũ... piqueno entrevalo e spaço... vigilias e hos... os religiosos possam jr as neçessarias de natureza e loguo se syguão... quais .. deuẽ dizer... começar a amanheecer...

...psalmos... deuẽ de dizer... nas oras da noite.

...as... vigilias... primeiramẽte o verso... depois... qual... ... vezes.. loguo e diguão o terçeiro...

---

[1] Alguem corrigiu depois a sllaba *-ges-* em *-sis-*.

[2] Idem, acrescentou *re-*

Gloria patri, conuem a ssaber, *Domine, quid multiplicati sunt.* E de poys deste o nonagesimo quarto salmo que he *Venite, exultemus domino* cõ antiphãa ou certamente digam-no cantado chãamente sen antiphãa, se tal tempo for. Desy siga-se o hymno ambrosiano. Depoys sigam-se sex salmos cõ antiphãas. Os quaaes ditos e o uersete dito, dê o abbade a bẽeçon aaquel que houuer de dizer a liçõ e, depoys que se todos assẽetarem nos scannos e seedas, leam os frayres hora hũus hora outros tres liçõoes perlo liuro sobre o litaril, antre as quaaes sejam cantados tres responsos. Mas aquel que cantar o responso depoys da terceyra liçon diga *Gloria patri.* E, quando a começar a dizer o que canta, todos logo muyto asinha se aleuantem de suas seedas por honra e reuerença da santa trijndade. Nas uigilias dos nouturnos sejam leudos os liuros assi do testamento uelho como do testamento nouo e sejam ajnda leudas as exposiçõoes deles, as quaaes forõ feitas perlos santos padres catolicos e fiees e muy nomeados doutores. E, depoys destas tres liçõoes cõ seus responsos, sigam-se outros sex salmos cantados cõ alleluya. Depoys destes digam a liçõ do apostolo de cor e o uersete e a suppliçaçõ da ladainha, cõuen a ssaber, o

...*patri* .. ss. *Domine*... E depois... nonagessimo... *Venite*... antiphona... çertamente diguão... cãtado cham mẽte sen antiphona... sygua-se o hymnũ ambrosyano... Depois siguão-se seis psalmos... antiphonas. Os quais... versete... dee.. a bençam aaquelle... ouuer... lição e depois... asentarẽ nas cadeiras leam os jrmãaos... hũs... lições... pollo... leitoril... quais... seyão... aquelle... responsso depois... terçeira lição digua... cãta... loguo... asynha... aleuãtem de suas cadeiras... hõrra e reverençia da sancta... vigilias... noturnos seyão .. lidos... testamẽto velho... testamẽto... seyão ahinda lidas as exposições delles as quais forão feitas pollos sanctos... catholicos e fieis... E depois .. lições... responssos siguão... seis psalmos... diguão a lição... coor e o versete e a suplicaçam da ladaynha. ss. o

Kyrieleyson e assy sejam acabadas e affijndas as uigilias das noutes.

[Capitulo xxviii]. *Como se deuem a dizer as uigilias das noutes no tempo do estio*

Des a pascoa ataa as calendas do nouembro aas uigilias seja teuda toda a quãtidade dos salmos pella guisa e maneyra que suso já he dito, saluo que as liçõoes perlo liuro nõ sejam ditas porlas noutes que som breues e pequenas, mas por essas tres liçòoes seja dita hũa liçon do testamẽto uelho de cor. E depois dela hũu responso breue e todalas outras cousas sejam complidas perla guisa que dito he das uigilias, conuen a ssaber, que nũca aas uigilias das noutes sejam ditos menos da quantidade de doze salmos, tirados o terceyro salmo e o nonagesimo quarto, os quaaes som *Domine, quid multiplicati sunt* e *Venite, exultemus domino.*

[Captulo xxix]. *Per que maneyra se ham de dizer as uigilias no dia do domingo*

No dia do domingo mays cedo se aleuantem os monges aas uigilias que ennos outros dias. Nas quaaes

---

Kirieleison e assi sejão... ffindas as vigilias das noytes.

... deuẽ de... vigilias das noytes...

... tee .. novembro.. vigilias... tida a cantidade dos psalmos pollo modo e maneira que a çima... dicto... lições pollo... não sejão... pollas noytes... são... lições... lição... velho... coor. E depois della hũ responso breve e todalas... cõpridas polla maneira que... vygilias. ss. que... vigilias... noytes sejão .. cãtidade... psalmos, tirando os nonagessimo quarto e o terçeiro psalmos, os quais são...

... hão .. dominguo. .

... dominguo mais... se leuantem .. mõges as vigilias que en os... quaes

uigilias seja teuda a mensura e quantidade dos salmos, assi como de suso sposemos e dissemos, conuen a ssaber, o[s] sex salmos cantados e ditos e o uersete, enton asseentem-se todos nas suas seedas ordenadamēte e per ordem e leam perlo liuro quatro liçõoes cõ seus responsos perlla guisa que acima dissemos. E o que en este nouturno cantar o quarto responso diga cõ el a *Gloria patri*. A qual, quando a começar, logo todos se aleuantem cõ reuerencia. Depoys das quaaes liçõoes digam per ordem outros sex salmos cõ antiphãas assi como os primeyros e o uersete, de pos dos quaaes salmos leam cõ decabo outras quatro liçõoes cõ seus responsos perlo modo e ordem que acima dissemos. E, depoys destas quatro liçõoes sejam ajuda ditas tres canticas dos prophetas quaaes o abbade stabelecer e mandar, as quaaes canticas cõ alleluya sejam cantadas. E dito o versete e depoys que o abbade der abbeençon, sejam leudas outras quatro liçõoes do testamēto novo per aquel modo e maneyra das outras suso ditas. E depoys do quarto responso comece o abbade o hymno *Te Deum laudamus*, o qual acabado, lea o abbade a liçon do euangelho, stando todos cõ honra e cõ tremor leuantados, a qual acabada, todos respondam *Amen*. E apos esto diga logo o abbade o hymno *Te decet*

vigilias .. tida a mēsura e cantidade... psalmos assy como acima esposemos e dissemos. ss. os vi psalmos... versete então asentē-se... suas cadeiras... per hordem... pollo... lições... polla maneira... disçemos... em este noturno cãtar... digua .. elle... loguo... aleuãtem... Depois... quais lições diguão per hordem... seis psalmos... antiphonas assy... primeiros .. versete... Depois dos quaes psalmos leam outras .. lyções... respoussos pollo modo e hordem.. lições... sejão .. quaes... estabeleçer... quaes cãticas... sejão cãtadas... versete e depois... der a benção sejão lidas. . lições... aquelle... maneira... açima. . E depois... leea... lição do Evangelho estando. . honrra... leuãtados... quall... respondão Amē. . ysto digua logo... ho hyno...

laus. E dada a bẽeçon comecem-se os laudes. A qual ordem das uigilias jgualmente se tenha e guarde no dia do domingo en todo tempo assi do uerãao como do jnuerno, saluo per uentura se se leuantarem mays tarde do que sooe, o que deus nõ mande, e por esto abreuiarem algũa cousa das liçõoes ou dos responsos. Da qual cousa empero se deuem de cauidar e guardar que nõ aconteça. E, se acontecer, estonce aquel per cuja culpa e negligẽcia ueer dignamente satisfaça a deus no oratorio.

[CAPITULO XXX]. *Per que guisa se ham de dizer os laudes no dia do domingo*

No dia do domingo aos laudes digam logo primeyraramente o sexsagesimo sexto salmo, cõuẽ a ssaber, *Deus misereatur nostri* sen antiphãa chãamente. E depoys deste digam o quinquagesimo, cõuẽ a ssaber, o *Miserere mei deus* cõ alleluya. Depos o qual sejam ditos o centesimo septimo decimo salmo e o sexsagesimo segundo que som: *Confitemini domino* e *Deus, deus meus.* E depoys as bẽeçõoes e os louuores, quer dizer: *Benedicite omnia opera domini domino* e *Laudate dominum de celis.* E hũa liçon do Apocalypsi de cor e o responsete e o hymno ambrosiano e o uersete e o cantico do euangelho, cõvẽ a ssaber, o *Benedictus dominus deus Israel.* e a ladaynha e assy sejam acabados.

bẽção... hordem... vigilias... dominguo... assy do verão... leuãtarẽ mais... soẽm.. deos .. não... e por esta causa abreuiarẽ... lições... cousa porẽ se deuẽ cauidar... não... então aquelle per... negligencia vier dignamẽte .. deos...

... maneyra se hão... hos... dominguo ..

... dominguo... diguão loguo primeiramẽte ho sexagessimo... psalmo, ss. *Deus* .. antiphona chamumẽte. depois .. diguão o quinquagessimo ss. o. . alleluia... seyão. . çentessimo... psalmo. . sexagessimo... são... benções e os louuores. ss. *Benediçite*... lição do apocalipsi. . hyno.. cãtico do Evangelho. ss. *Benedictus*...

[Capitulo xxxi] *Como e em que maneyra sejam ditos os laudes nos dias priuados*

Ennos dias priuados a solennidade dos laudes assi seja feyta, conuẽ a ssaber, o sexsagesimo sexto salmo seja dito sen antiphã spaçosamente hũu pouco, assi como no dia do domingo, por tal que todos ocorram e cheguẽ ao quinquagesimo, o qual seja dito cõ antiphãã. E depois deste sejam ditos outros dous salmos, segundo he de costume, conuẽ a ssaber: Aa segunda feyra o quinto e o tricesimo quinto, scilicet, *Uerba mea* e *Dixit iniustus*. E aa terça feira o quadragesimo segundo e o quinguagesimo sexto, scilicet, *Iudica me deus* e *Miserere mei deus, miserere mei*. E aa quarta feria o sexsagesimo tercio e o sexsagesimo quarto, scilicet, *Exaudi, deus, orationem meã cum deprecor* e *Te decet hymnus deus*. E aa quinta feria o outogesimo septimo e o outogesimo nono, scilicet: *Domine deus salutis mee* e *Domine refugium*. E aa sexta feria o septuagesimo quinto e o nonagesimo primo, scilicet: *Notus in Iudea deus* e *Bonum est confiteri domino*. Mas ao sabado o centesimo quadragesimo segundo, scilicet, *Domine, exaudi orationem meam* e o cantico deuteronomij, scilicet, *Audite, celi, que loquor*, o qual seja partido en duas glorias. E en cada hũu dos outros dias seja dito hũu cantico dos prophetas, cada hũu en seu dia, assi como canta a santa egreja de Roma. Depoys desto todo sigã-se

... maneira seião... dyas privados.

Em os... solenydade... assy seya feyta. ss. o sexagessimo psalmo... sem antiphona espaçosamẽte hũ... dominguo... corrão... antiphona... seyão... psalmos... segũdo... custume. ss. a... ss. *Verba* ... ss .. ss. *deus in Sion* .. ss. (os numeros são indicados por algarismos romanos: ... lxºviº .. lº... ii fr.ª... v.º... xxxvº... iii fr.ª... xºliiº... lºviº... iiii fr.ª lxºiiiº... e o lxºiiiiº... v frª. o lxxxºxviiº e o lxxxºixº... vi fr.ª lxxºvº... xºciº... cºxliiº)... sabbado ho... ss... ss... hũ... hũ... assy . sancta... Igreja... Depois disto tudo siguão...

os louuores, scilicet. *Laudate dominum de celis;* desy hũa liçõ do apostolo rezada de cor e o responsete e o ambrosiano, quer dizer, o hymno e o versete e o cantico do euangelho e a ladainha, e assi se acabem E sempre na fim dos laudes e da vespera a oraçon dominica, cõuem a ssaber, o *pater noster*, seja dita do prior altamente en guisa que o ouçam todos e esto porlas spinhas e monimentos dos scandalos que sooẽ de nacer, por tal que todos uencidos e quebrantados porlo prometimento dessa oraçõ na qual dizem *Senhor, perdoa a nos as nossas diuida assi como nos perdoamos aos nossos deuedores,* quer dizer, perdoa-nos os nossos desfalecimentos e errores assi como nos perdoamos aos que nos erraron, ouuindo esto todos se alimpem e quitem deste peccado. Mas en todalas outras horas a postumeyra parte dessa oraçõ seja dita alta tan soomente que todos respondam *Sed libera nos a malo.*

[Capitulo XXXII.] *Como e en que maneyra se ham de dizer as uigilias nas festas dos santos*

Ennas festas dos santos de doze liçõoes e en todalas solennidades deles, assi como dissemos que se fizesse no dia do domingo, assi seja feyto e cõplido en ellas tirado

ss... *çelis* e desy... lição... hyno ambrosiano e o versete e o cãtico do Evangelho e a ladaynha e assy sse... no fim.. vespora... oração dominiea. ss. o .. altamẽte de maneira que ouçã .. ysto pollos mouimentos dos escandallos que soem .. vẽçidos .. pello prometymẽto dessa oração . *assy... deuedores...* desfaleçimẽtos... errarão ouvyndo ysto... alĩpem e tirẽ... em todas outras... postumeira... oração... tão soomẽte.. respondão... em... maneira se hão... vigilias... sanctos.
... Em as... sanctos .. lições e em todallas solenidades delles assy... fezese... dominguo assy... feito e cõprido em...

que os salmos e as antiphãas e as liçõoes que a esse dia perteecerem sejã ditos. Mas porem o modo e maneyra suso scripta do dia do domĩgo seja teuda e guardada.

[Capittlo xxxiii] *En quaaes tempos ham de dizer alleluya*

Des a santa pascoa ataa o pentecoste continuadamẽte seja dita alleluya, assi nos salmos como nos responsos, mas des o pentecoste ataa o começo da coreesma en todalas noutes cõ os sex salmos postumeyros tan soomẽte seja dita a alleluya aos nouturnos dos dias priuados. Outro sy en todolos domĩgos, afora os da coreesma, as canticas e os laudes e a prima e a terça e a sexta e a noa con alleluya sejam ditas, mas a uespera cõ antiphãa. Os responsos nõ sejam ditos cõ alleluya, saluo des a pascoa ataa o pentecoste.

[Capitulo xxxiv]. *Como se ham de dizer as horas de deus de dia*

Assi como diz o propheta: Senhor, sete uezes no dia disse e dey louuor a ty. O qual numero e conto de sete, sagrado e perfeyto, de nos assi sera complido, se enno

... psalmos e as antiphonas e as lições... pertẽçerem seyão .. porẽ... maneira açima .. dominguo... tyda...
... Em quaes... hão...
... saneta.. ate o pẽtecoste cõtinuadamẽte seia... assy.. psalmos como... pẽtecoste ate... quaresma... todallas noytes .. seys psalmos postumeiros tão .. seya dita alleluya .. noturnos .. ssy... todollos dominguos... quaresma... iii... vi... ix.. vespora... antiphona... não seyão... ate...
... deos.
... Assy... ti... cõto sagrado de sete e perfeito... assy... comprido... em o...

tẽpo e hora dos laudes e da prima e da terça e da sexta e da noa e da uespera e da còpleta pagarmos os officios da nossa seruidòoe, por que destas horas diz o propheta: Sete vezes te louuey no dia. E das uigilias de noute esse medes propheta diz: Aa meatade da noute me leuantaua a cõffessar e dar louuor a ty. Poys por esto en estes tempos demos louuores ao nosso creador sobre os juyzos da sua iustiça, conuen a ssaber, nos laudes, na prima, na terça, na sexta, na noa, na uespera e na còpleta, e de noute nos leuantemos a confessar e dar louuores a el.

[Capitulo xxxv]. *Quantos salmos se ham de dizer per essas meesmas horas de dia*

Ja dos nouturnos e dos laudes ben departimos e sposemos e declaramos a ordem dos salmos, agora uejamos das outras horas seguintes. Na hora da prima digam tres salmos cada hũu per sy cõ sua *Gloria*. E o hymno dessa meesma hora, depoys que já disserem o uerso *Deus in adiutorium meum intende*, ante que comecem os salmos. Acabados os tres salmos, digam hũa liçõ e o versete e o *Kyrieleyson* e assi sejam enuiadas. E a terça e a sexta e a noa per esta medes ordem e maneyra sejam celebradas e ditas, conuen a ssaber, o uerso *Deus in adiutorium*

... ora... III .. VI... vespora... paguaremos os oficios... seruidão... louvei... vigilias de noyte esse mesmo... A ametade da noyte... Pois... ysto... criador... juizos... ss. nos . III .. VI.. IX... vespora... noyte... cõfeçar... elle...
.. psalmos.. mesmas . de dy[a].
...noturnos.. bem... esposemos... hordem dos psalmos, aguora v[e]yamos... oras... ora. . diguão... psalmos.. hũ per ssy... mesma... depois... disserẽ o verso .. comecẽ os psalmos . E acabados os trez psalmos diguão .. lição... assy sejão emviadas... III... VI... IX .. mesma hordem e maneira sejão... ditas. ss.

meñ intende o os hymnos dessas medeses horas e tres salmos e a liçon e o versete e *Kyrieleyson* e assy sejam enuiadas e affijndas. E, se a congregaçon for grande, sejam cantadas as horas cõ antiphãas, mas, se for pequena, rezem-nas chãamente, se lhes for muyto graue de as cantar, mas a hora da uespera seja terminhada e dita cõ quatro salmos cõ suas antiphãas. De pos dos quaaes salmos digam o capitolo, desy o responso e o hymno ambrosiano e o uersete e o cantico do euãgelho e a ladaynha e a oraçon do senhor e assi sejam enviadas a deus e del recebidas. A completa seja dita e terminhada cõ tres salmos. Os quaaes salmos dereytamente chãaos sen antiphãas sejam ditos. Depois dos quaaes digam o hymno dessa meesma hora e o capitulo e o verso e o *Kyrieleyson* e a beençõ e assy sejam enuiadas.

[Capitulo xxxvi]. *Do repartimẽto dos salmos en sete uigilias*

Ordenada já e declarada a ordem e maneyra dos salmos de dia, todolos outros salmos que sobejam e ficam jgualmente sejam repartidos en sete uigilias das noutes, conuẽ a ssaber, partindo aquelles salmos que antre eles

..hynos dessas mesmas .. psalmos .. lição.. *Kyrieleison*... sejão acabadas e enviadas... cõgregação .. seyão... antiphonas .. rezẽ... chãmẽte... ora da vespora... terminada... psalmos... antifonas... depos os quais psalmos digão... hyno... Evangelho... oração... assy... sejão emviadas. . delle... cõpleta... dyta e terminada .. psalmos. Os quais psalmos direitamẽte. . sem antifona . quais diguão o hyno .. mesma... ora *Kyrieleison*... bẽção... sejão enviadas.
... psalmos ẽ.. vigilias.
... maneira... psalmos... psalmos... sobejão e ficão jgalmẽte seyão... vigilias .. noytes. ss. partindo... psalmos ..

forẽ moores, e a cada hũa noute assijnem e dem doze salmos. E esto specialmente dizemos e amoestamos que, se per uentura a algũu desprouguer aqueste repartimẽto e ordinaçõ dos salmos, ordene-os el doutra guisa, se o melhor entender, con tanto que de todo en todo essa meesma cousa seja oolhada, cõuem a ssaber, que en cada hũa domaa seja cantado todo o salteyro enteyramente, no qual som per conto cento e cincoenta salmos. E sempre no dia do domingo aas uigilias seja repetido de começo, por que seruiço de muyta priguiça e de pouca deuoçõ demonstram os monges que menos do salteyro cõ seus canticos acustumados rezam per spaço de cada hũa somana, por que nos leemos e achamos nas scripturas que os nossos santos padres en cada hũu dia muy nobremẽte o rezauam todo complido. O qual plaza a deus que nos outros, tibos e priguiçosos, acabemos per toda a somana.

[Capitulo xxxvii]. *Como e en que maneyra deuẽ os monges leer e cantar e rezar.*

Nos creemos que a presença de deus he en todo logar e que os olhos do nosso senhor deus en todo logar esguerdã e veẽ os bõos e os maaos e moormente esto

... mayores... noite asinẽ .. psalmos. E ysto especialmẽte... por vẽtura... algum desaprouuer este... ordenação dos psalmos... elle.. doutra maneyra .. mylhor... cõ... mesma... olhada... ss. que... hũa somana... psalteiro jnteiramẽte... quall são per cõto.. psalmos... dominguo ás vigilias... muita preguiça... devação demostrão os mõges... psalteiro .. cãticos.. rezão .. espaço... lemos. . escripturas... sanctos... hũ... mui... rezauão... comprido. O quall praza a deos... tibios e preguiçosos...

... maneira... mõges.

... cremos .. deos .. luguar .. deos... luguar olhão e veẽ... mayormẽte ysto...

creamos sen duuida nenhũa que he, quando nos stamos aa obra do senhor, rezando e cantãdo. E por tanto sempre sejamos nembrados daquello que diz o propheta: Seruide ao senhor en temor. E diz aynda: Cantade cordamente e sagesmente. E enna presença dos anjos cantarey a ty. Poys consijremos ben como nos conuen e perteece de estar na presença de deus e dos anjos e assi stemos a cantar e a rezar que a nossa mente e profundeza e agudeza do nosso entendimẽto concorde cõ a nossa uoz.

[Capitulo xxxviii]. *De como deuemos orar cõ muyta reuerença e humildade*

Se cõ os homẽes poderosos e grandes senhores queremos falar algũas cousas, nõ ousamos nẽ presuminos de lhes falar saluo cõ muyta humildade e reuerença, quanto mays a deus, senhor de todalas cousas, deuemos de supplicar e rogar cõ toda humildade de dentro e de fora e cõ devoçon pura e limpa. E nõ en muyta palaura mas en pureza e limpeza de coraçõ e en compũçon e pungimẽto de lagrimas sejamos certos que seremos ouuidos ante deus. E por tanto breue e pequena e pura deue de seer a oraçõ, saluo perla uẽtura se con desejo e deleytamẽto de spiraçõ da graça de deus algũu a perlongar. Pero en conuento de todo en todo a oraçõ seja breue e

sem... ninhũa... estamos... lembrados daquilo... Seruy... Cantay corda e sagesmẽte. E em a prezença. Pois cõsiremos bem.. conuẽ e pertençe... prezença. . deos .. estemos... vooz...

... deuemos dorar... reverẽçia...

... Se nos cõ os homẽs .. muita... reuerençia .. mais... deos... todallas... roguar... deuação... não em muita pallaura... coração e em compũção e punximẽto... seiamos... deos .. breue e pura deue seer a oração. . polla... cõ deseyo e deleitamẽto de inspiração de... deos algũ a prolonguar. Porẽ... cõuento... oração...

pequena e, como o prior fizer o sinal, todos se aleuantem da oraçon.

[Capitulo xxxix]. *Dos dayãaes e curadores e meestres dos da congregaçõ do mosteyro*

Se a congregaçõ for grande, sejam enligidos e escolheytos algũus desses frayres de boom testimunho e de santa conuersaçõ e de boa uida e façam-nos dayãaes e meestres e priores doutros que hajam e tenham so sua cura dez monges ou mays. Os quaaes dayãaes e meestres e priores hajam gran cuydado sobre as suas decanias e curas en todalas cousas, segundo os preceptos e mandamẽtos de deus e segundo mandamẽtos de seu abade. E taaes dayãaes sejam enligidos e escolheytos con os quaaes o abbade seguramẽnte parta seus encarregos. E nõ sejam enligidos per ordem dos graaos mas segundo o merecimẽto da sua uida e segundo a doutrina e ensinança da sua sabedoria. E, se algũu delles depoys per uentura jnflado e aleuantado per algũa soberua for achado reprehensiuil, seja castigado per hũa uez e duas e tres e, se se nõ quiser emendar, seja tirado e alançado fora dessa cura e encarrego e outro que seja digno e merecedor

alevãtem da oração.

... mestres... congreguação do moesteiro.

Sejão enlegidos e escolhidos, se a congreguação for grande, algũs . religiosos de bõo testemunho.. sancta .. cõuerçação... bõoa vyda e fação .. e priores e mestres doutros... hajão e tenhão sob... mõges. . mais. Os quais... ajão grão... decanyas... em todallas... segũdo... deos e segũdo... mãdamẽtos... tais... sejão enlegidos cõ os quais .. encarreguos. E não sejão emlegydos por hordem.. segũdo .. vida e segũdo... ensinãça... sabedorya... algũ... depois por ventura... aleuãtado... soberba .. reprehensiuel... castiguado... vez... senã... emmẽdar. . lançado... emcarreguo...

soceda e seja posto en seu logo. E estas medeses cousas stabelecemos e ordenamos do preposto e prior moor da congregaçon.

[Capitulo xl]. *Como deuem de dormir os monges*

Cada hũu monge dorma en seu leyto. Os leytos e os logares en que houuerem de dormir os monges recebannos e sejam-lhes dados, segundo o modo e qualidade da conuersaçõ e uida de cada hũu, assi como lhes o seu abbade ordenar e mandar. E, se se pode fazer, todos dormam en hũa casa, pero, se forem tantos que nõ possam todos dormir en hũu dormitorio, estonce dormã en outros logares dez e dez ou vjinte e vjinte con uelhos e anciãaos bòos que sobre elles sejam solicitos e discretos e perfeytos pera os uigiar. En essa cella e casa hu dormirem seja sempre candea acesa e arça des a noute ataa manhãa. Uestidos dormam e cintos cõ cintas ou cõ cordas pequenas e delgadas e nõ tenham os cutellos cõ sigo nas cintas, quando dormirem, nẽ per uentura en dormindo se feyram. E, per tal que os monges sempre sejam aprestes, como tangerem o signo, leuantem-se logo sen detardança e trabalhem-se cada hũus, quem mays asinha po-

em seu luguar .. estas mesmas .. estabeleçemos e hordenamos... mor da cõgreguação...

... deuẽ...

... hũ mõge durma... leitos e os luguares em... ouuerem... recebão nos e sejão... segũdo... calidade da cõuersação e vida... hũ asy.. poder... durmão em... porẽ . forẽ.. não posão... em hũ . emtão... durmão... luguares... xx e xx cõ velhos... sejão... descretos e perfeitos... vigiar. E en... onde dormẽ esteja... desda noyte até polla manhã. Vistidos durmã e çingidos con çintos... delguadas e não tenhão as facas consyguo... dormirẽ... por vẽtura em durmyndo se firão. E por tal... mõges... esteyão prestes.. tangerẽ o sino levanten-se loguo sem tardança e trabalhen-se... hũ... mais...

der, pera vĩjr aa obra de deus, pero esto con toda graueza e peso e temperança. Os frayres mays mancebos nõ tenham os leytos juntos hũus cõ os outros mas mesturados cõ os uelhos e anciãaos. E, quando se leuantarem pera a obra de deus, honestamẽte e temperadamẽte se espertem hũus os outros, por tal que nenhũu nõ se escuse per somno.

[Capitulo xli]. *Como e quando se deue poer a escomunhon e por quaaes culpas*

Se algũu frayre for achado reuel e cõtumaz e perfioso ou desobediente ou soberuoso ou murmurador ou en algũa cousa contrayro aa santa regla e desprezador dos mandamẽtos dos seus anciãaos, este tal seja amoestado de seus anciãaos en segredo segundo o precepto e mandado de nosso senhor Jhesu Christo ataa duas uezes e, se se nõ emendar, seja reprehendido publicamẽte perdante todos. E, se per esta guisa ajnda nõ se quiser corregoer e emendar e for tal que conheça e entenda que cousa he a pena da scomunhõ, escomunguem-no. Mas, se ajnda assy for maao e duro, ponham-no aa uingança corporal e seja castigado no corpo con feridas.

... vir a... deos, porẽ ysto cõ... Os irmãaos mais mãcebos não tenhão os leytos... hũs... velhos... leuantarẽ... deos honesta e tẽperadamẽte.. hũs aos. . tal que não se escusem por sono.

. . deve de poor escomunhão... quaes...

... algũ jrmãao... revel e cõtumaz... soberboso... cõtrairo... sancta regra... mãdamẽtos... segũdo... mãdamẽto... atee... vezes. . não emmẽdar... reprehẽdido publicamẽte perante... por esta maneira . se não quiser... emmẽdar... entẽda... escomunhão escomũguẽ-no .. ponhão... vingança.. castiguado... com...

[Capitulo xlii]. *Qual deue de sseer o modo da escomunhon*

Segundo que for o modo e qualidade e quantidade da culpa e do peccado assy deue de seer estendida e dada a mensura e quantidade da escomunhon ou da disciplina corporal. O qual modo e maneyra da quantidade das culpas penda e sté en juyzo e aluidro do abbade. Peró se algũu frayre for achado nas mays leues e mays lygeyras culpas, conuen a ssaber, naquellas que o abbade iulgar, segundo seu juyzo, por mays leues, este tal seja priuado e apartado do participamẽto da mesa que nõ coma cõ os outros. E esta sera a razon e causa razoauil daquel que for priuado e apartado da companhia da mesa, conuẽ a ssaber, que el na egreja nõ aleuante salmo nẽ antiphãa nẽ diga liçon, ataa que satisfaça e acabe sua penitẽcia. E, depoys que os frayres comerem, coma el soo, *verbi gratia*, que se os frayres comerem hora de sexta coma aquel frayre hora de noa e, se os frayres comerem hora de noa, coma el depoys de uespera, ataa que per satisfaçon e penitencia conuinhauil seja perdoado.

[Capitulo xliii]. *Das graues culpas*

Aquel frayre que for achado en algũu peccado de graue culpa seja sospenso e apartado da mesa e do ora-

... deue seer ho modo e maneira da escomunhã.

... Segũdo... calidade e cãtidade... deue seer.. cãtidade da escomunhão ou da desçiplina... maneira. . cãtidade... estee em juizo... Porẽ se algũ yrmãao .. mais . mais ligeiras... ss. naquellas. . julguar... juizo... mais lleues... privado .. mẽsa que não... rezão .. razoauel daquelle... companhya da mẽsa. ss. que elle na igreja não aleuãte... psalmo .. antifona... digua lição ate... penitençia .. os religiosos comerẽ .. elle soo. ss. se os mõges comerẽ a ora... aquelle irmãao a hora... mõges comerẽ a... elle depois... vespora ate .. satisfação... comuinhauel...

... Aquelle irmãao .. em algũ... mẽsa...

torio. Nehũu dos frayres nõ se achegue a el en nehũa maneyra de companhia nẽ en fala, soo seja aa obra que lhe mandarem fazer, stando e perseuerando en lutu e choro de penitẽcia, pensando en seu coraçõ e sabendo aquela muy spantosa sentença do apostolo que diz: Dado he este homem a Sathanás por quebrantamento da carne, por tal que o seu spiritu seja saluo no dia do nosso senhor Jhesu Christo. Soo coma a mensura e quantidade do comer do seu mantijmento e a hora a que houuer de comer seja en aluidro e juyzo e disericon do abbade, como el melhor entender e vir que lhe cõple. Nenhũu nõ o bẽeza, quer dizer, nõ lhe diga *benedicite*, nẽ lhe jncline, quando passar per hu el steuer, nen lhe fale nem lhe beenza o que lhe derem pera comer.

[Capitulo xliv]. *Daquelles que se ajuntam a conuersar e a falar com os escomungados sen mandado*

Se algũu frayre presumir e ousar de se achegar ao frayre escomungado per qualquer maneyra que seja ou falar con el ou lhe enuiar per outrẽ algũu mandado sen licença de seu abbade seja escomungado semelhauilmente como el.

.. Ninhũ dos irmãaos não... chegue a elle em ninhũa maneira de cõpanhia nẽ fala .. esteja a... mãdarẽ... estando... em luto... em... coração e sabẽdo aquella... espantosa sentẽça .. homẽ .. quebrantamẽto... noso.. mẽsura e cantidade... mãtimẽto e a hora que ouuer . em... juizo e descripção... elle mylhor... cumpre. Ninhũ não no benza. ss. não... digua... quãodo pasar por honde elle esteuer nẽ... nẽ... benza... derẽ...

... ajuntão... a conuersar e falar com os escomũguados sem mãdado...

... algũ irmãao... se cheguar ao irmãao escomũguado por... maneira... cõ elle... emviar... algũ mãodado sem liçença... escomũguado semelhauelmẽte... el.

[Capitulo xlv]. *Como e en que maneyra o abbade deue seer solicito e studioso sobre os frayres escomũgados*

O abbade haja cura e cuydado cõ todo studo e diligencia sobre os frayres que peccarem, ca os sãaos nõ ham mester fisico, mas os doentes e enfermos e os que se sentem mal. E porende o abbade deue de usar de todolos modos e maneyras, assi como sabedor fisico, conuen a ssaber, deue de enviar frayres anciãaos e sabedores e consoladores assi como caladamẽte e ascondidamente, os quaaes assi como segredamẽte ben como que nõ ueẽ a el da parte do abbade mas de sy medeses consolem aquelle frayre abalado e afflito e anojado e enduzam-no e mouam-no a satisfaçon de humildade e cõsolem-no, nẽ per uentura seja derribado e quebrantado per mayor tristeza, mas, assi como diz esse meesmo apostolo: Seja confirmada en el caridade e todos orem e roguem a deus por el. Con grande studo e diligẽcia deue o abade hauer cuydado e cõ toda arteyrice e engenho e sabedoria e preuidencia curar e trabalhar que nõ perca nehũa das ouelhas que lhe foron cometidas. Conheça e saba ben que recebeo cura e cuydado de almas enfermas e nõ

... em que maneira. . deue aver grão cuidado e estudo sobre os escomũguados.

... aja... cuidado com... estudo... jrmãaos .. porque os saãos não hão mister fizico... emfermos... que mal se sentem. Portãto o... deue husar .. todollos .. maneiras assy... fizico. ss.... religiosos. . e sabedores assy... caladamente e escondidamẽte... e que sejã cõsoladores os quaes assy .. sacretamẽte bem... não vẽ a elle... ssy mesmos cõsolẽ .. jrmãao . aflito... enduzão-no e movão-no a satisfação. . cõsoleno nẽ por ventura... assy... mesmo... cõfirmada em elle... orẽ e roguẽ a deos... elle. Cõ... estudo e dilygencia ... aver cuidado . . arteirice ... não... ninhũa das ovelhas .. forão cometydas... saiba bem... cuidado... emfermas e não...

[deue] de usar crualdade e aspereza de senhorio sobre as sãas e tema o ameaçamẽto do propheta perlo qual diz deus aos pastores: Aquello que nos viades grosso e bõo tomauades e aquello que era fraco e enfermo engeytauades e alançauades de nos e desemparauades. Mas siga o abbade e tome o exemplo de piedade de bõo pastor que leixou nos montes nouẽeta e noue ouelhas e foy buscar e requerer hũa ouelha que errara e perdera-se das outras, aa jnfermidade da qual tanta door e compaixon houue que teue por ben de a poer nos seus santos ombros e assy a trouue aa grey e companhia das outras.

[Capitulo xlvi]. *Daquelles que amehude forem castigados e nõ se quiserem emendar*

Se algũu frayre per muytas uezes for castigado por qualquer culpa que seja e se outro sy ja foy scomungado por ello e nõ se quiser emendar, façam en el correyçõ mays forte e mais aspera, conuẽ a ssaber, castiguem-no cõ feridas de açoutes. E, se assy nõ se correger ajnda nẽ emendar ou pella uentura, o que deus nõ mande, se aleuantar en soberua e quiser ajnda defender as suas maas obras, estonce o abbade faça aquello que faz o bõo

... de usar crueldade... os saãos... pollo... deos .. Aquilo... vos vieis groso .. tomaueis e aquilo... emfermo... engeitaueis e lãçaueis de vos e desemparaveis... sigua.. exẽplo do bõo pastor e de sua piedade que leixou nos mõtes noventa e nove ovelhas... ovelha. . outras Aa quem a jnfirmidade... dor e cõpaixão deu e ouue que... bem... poor.. sanctos... a .

... ameude forẽ castiguados e não se quiserẽ emmendar.

... algũ jrmaão ... vezes ... castiguado ... quallquer ... assy... escomũguado .. por ysso e não .. emmẽdar fação em elle correição. aspera .. ss. castiguẽno .. assi não... emmẽdar ... polla ventura .. deos não mãde... em soberba... então.. aquillo...

e sages fisico, conuẽ a ssaber, se já lhe fez e mostrou criamẽtos e castigos cõ piedade e mansidõoe, se unguentos de amoestaçõoes dolces, se meenzinhas e exemplos das santas scripturas, se depoys desto todo queymamẽto de escomunhon ou chagas e feridas de uaras. E, se uir que ja lhe nõ ual nẽ aproueyta cousa nehũa a sua jndustria e sabedoria, estonce ajunte ajuda e ennhada aquello que he melhor e mayor, *scilicet*, a sua oraçon e a de todolos outros frayres por elle, que o senhor deus, que todalas cousas pode fazer, obre e dê saude aaquel frayre enfermo. E, se per esta maneyra ajnda nõ for sãao nem se quiser emendar, enton o abade use de ferro que corte e talhe tal monge do mosteyro, lançando-o fora del, assy como diz o apostolo: Deytade o maao fora de uos. E diz ajnda mays: O maao, se se departe, departa e vaa-se, nẽ per uentura hũa ouelha enferma e çuja e chea de peccado tanga e ençugente toda a outra cõpanha.

[Capitulo xlvii]. *Se deuem seer recebidos outra uez os frayres que se sairem ou fugirem do mosteyro*

O frayre que porlo seu proprio uicio e peccado e per sua culpa se saae ou o lançam fora do mosteyro, se depoys se quiser tornar pera o mosteyro, prometa

... fizico... ss. se ja... castiguos.. piadade e mãssydão... hunguẽtos de amoestações doçes se mezinhas... sanctas escripturas.. depois de ysto... tudo queimamẽto de escomunhão ou chaguas .. varas . vir... não... aproueita... ninhũa... emtão ajũte ajnda e acreçente aquilo... milhor . ss... oração... todolos... jrmaãos... deos... todallas .. dee.. aaquelle jrmaão... maneira .. não... são nẽ... emmẽdar entã.. vse... mõge do moesteiro lãçâdo-o... delle... Deytai... vos.. mais... va-sse nẽ por vẽtura... ovelha emferma e suja.. toque e ensugente...

... deuẽ... irmãaos... sayrem ou fugirẽ do moesteiro. O irmãao... pollo... vicio... sae ou o lanção.. moesteiro... depois... moesteiro...

primeyramente toda emendaçon do peccado e uicio por lo qual se sayo e assy seja recebido no ultimo graao postumeyro de todos, por tal que per esto seja conhecida e prouada a sua humildade. E, se desy adeante outra vez se sayr, ataa tres uezes per esta guisa seja recebido. Mas seja certo que ja depoys, se ueer, que o nõ leixaram entrar nẽ o receberam no mosteyro.

[Capitulo xlviii] Dos *moços de meor ydade como os deuẽ castigar*

Toda ydade e todo entendimẽto deue hauer proprias mensuras e modos e quantidades segundo mays ou menos. E por tanto per quantas uezes os moços pequenos e os mays mancebos per ydade e aquelles que menos podem entender e conhecer camanha he a pena da escomunhon estes taaes, quando peccarem, cõ grandes jeiũus sejam afflitos e atormẽtados ou cõ açoutes agres e fortes sejam refreados e constrangidos e castigados, por tal que se corregam e emendem e recebam saude nas almas.

[Capitulo xlix]. *Do cellareyro do mosteyro de que condiçon deue seer*

O cellareyro do mosteyro seja eligido e tomado dos da congregaçon, o qual seja sabedor de sabeduria spiritual e

... primeiramente... emmẽdação... viçio polo... postumeiro... ysto .. dahy adiante... atee... maneira .. seia çerto... depois se vier .. não leixarão .. nẽ receberão no moesteiro.

... menor idade. . devẽ castiguar...

... idade. . aver... mẽsuras... cantidades segũdo mais... quãtas vezes... mais mãçebos... hidade. . podẽ entẽder... escomunhão... tais quãdo peccarẽ... jejũs seião aflitos... seião... constrãgidos... correyão e emmẽdem e recebã...

... çelareiro do moesteiro... condição deue de seer.

... O celareiro do moesteiro... elegido... cõgreguação o qual... seja... sabedoria ..

de bõos e sãaos custumes; deue de seer no falar e no obrar sobrio e mesurado e temperado, nõ seer muyto comedor e garganton, nõ soberuoso, nõ turbulento e escuro do uultu e toruado cõ ira e cõ sanha que torne os outros, nõ jnjurioso que jnjurie e doeste os outros, nõ tardinheyro e priguiçoso e deleixado, nõ degastador, mas homem que tema deus, o qual seja a toda a congregaçõ assi como padre. Haja cura e cuydado de todalas cousas. Nom faça cousa nehũa sen mandado do abbade. Aquellas cousas que lhe mandarem guardar essas guarde. Os frayres nõ contriste nẽ anoge. Se algũu frayre lhe pedir algũa cousa como nõ deue, nõ no contriste desprezando-o, mas cõ boa razon e cõ humildade se escuse del e lhe negue a cousa que pede mal e como nõ deve. Guarde a sua alma, nẽbrando-se sempre daquello que o apostolo diz, cõvẽ a ssaber: Aquel que ben ministrar gaançara pera sy bõo graao e bõo logar ante deus. Haja cura e cuydado cõ todo studo e diligẽcia dos enfermos e dos meninos e dos hospedes e dos proues, sabendo sen duuida nehũa que de todas estas cousas ha de dar conto e razõ no dia do juyzo. Todolos uasos e alfayas no mosteyro esguarde e oolhe e toda a outra sustancia, assi como se fossem uasos sagrados do altar. Nõ ponha nehũa cousa en negligencia nen stude nẽ cuyde en auareza nẽ seja degastador e maao des-

... bõos... custumes e saãos... ser... não... guarguantão não soberboos não... vulto e torvado cõ yra... não enjurioso que jure (sic)... não tardinheiro .. preguisozo. . não guastador homẽ... deos . cõgreguação assy... cuidado . todallas .. não... c[o]usa ninhũa sem... mâdado... mâdarẽ... jrmãaos não cõtriste .. anoje... algũ lhe pidir .. não. . não.. còtriste .. bòoa rezão... delle... não... lembrãdo .. daquilo.. diz. s s. Aquelle... bem. . guanhara. . ssy luguar... deos .. cuidado todo estudo e diligencia dos emfermos e dos minimos. . sem.. ninhũa... cõta e rezão . juizo. Todollos uasos... do moesteyro... olhe.. toda outra substancia assy. . vasos. Não .. ninhũa... em . nẽ estude... cuide em... deguastador nẽ maao

pendedor nẽ destruydor da sustancia do mosteyro, mas todalas cousas faça mesuradamẽte e cõ descriçõ e como lhe mandar o abbade. Ante todalas cousas que en el houver haja humildade. E, quando nõ teuer a sustancia e cousa que dê aaquel que lha pede, dê-lhe boa pallaura e boa resposta assi como he scripto: A boa palaura he sobre o muy bõo dado. Todallas aquellas cousas que lhe o abbade encomendar essas haja so sua cura. E daquellas que lhe defender nõ presuma nẽ ouse de se entermeter dellas. Dê e presente aos frayres a raçon do seu mantijmẽto que lhes he stabelecida e ordenada sen detardança e sen referta e sen outra figura nehũa por tal que se nõ scandalizem nẽ anogem, nembrando-se da palaura que disse nosso senhor Jhesu Christo, conuẽ a ssaber: Que merece aquel que scandalizar hũu dos meus mays pequenos? merece e cõuen que lhe leguem e dependurem ao collo hũa moo asinaria e que o lancem e amergam na profundeza e peego do mar. Se a congregaçõ for grande, dem-lhe parceyros que o ajudem por tal que el cõ bõo coraçõ e con boa võotade e alegre compla e faça complidamente o oflicio que lhe he cometido. Nas horas conuinhauijs e que pertecce sejam dadas aquelas cousas que se houverem de dar e peçam aquellas

... destruidor da substãcia do moesteiro... todallas.. descripçam. . mãdar. . todallas... em elle ouuer aja .. não... substãçia. . dee aaquelle... bõoa pallaura e bõoa reposta assy... escripto: A bõoa pallaura. . Todas aquellas .. encomẽdar . . aja sob. . nã . antremeter... Dee e apresente aos religiosos a reção de. . mãtimẽto.. estabeleçida .. tardança e sem . sem .. ninhũa... não escãdalizẽ . . anojem lembrãdo . . pallaura... Christo. ss... aquelle... escandalizar hũ... mais... cõuẽ... atem e dependurẽ ao pescosso... asinarya. lancẽ e cõfundão. . peeguoo .. cõgreguação... parçeiros. . elle... coração .. bõoa võtade .. cũpra .. cumpridamẽte o officio. . cõuinhaveis... pertence... sejão... ouuerẽ. . peção...

que se houverem de pedir por tal que nehũu nõ seja toruado nẽ contristado na casa de deus.

[Capitulo l]. *Das ferramentas e das outras cousas do mosteyro*

Na sustancia do mosteyro, cõvem a ssaber, nas ferramẽtas e nas uestiduras e en outras cousas quaaes quer que sejam proueja o abbade e ponha taaes frayres da uida e custumes dos quaaes elle seja bem seguro e assijne a cada hũu aquellas cousas que houuer de guardar e recolher e appanhar e ministrar, assi como el iulgar e entender que he melhor e mais proueyto, das quaaes cousas o abbade tenha hũu memorial e scripto, pera saber o que da e o que recebe, quando os frayres entram e saaẽ e socedem os officios a revezes. E, se algũu trautar as cousas do mosteyro mal e çujamẽte e cõ neglijencia, seja castigado e, se se nõ emendar, seja sometido e posto aa disciplina da regla.

[Capitulo li]. *Se deuem os monges teer ou haver algũa cousa propria*

Ante todalas cousas specialmẽte aqueste uicio e peccado de raiz seja tirado e talhado do mosteiro, que

... ouuerẽ de pidir... ninhũ não... deos...
moesteiro...
... substançia do moesteiro .. vestiduras e em .. quais... sejão... tais religiosos... vida... quais... bem .. asine .. hũ... ouuer. . apanhar... assy .. elle. . julguar... milhor... proueitoso.. quais... hũ memoreal e escripto .. daa. . quãodo os jrmaãos entrão e saem... algũ tratar... moesteiro... sujamẽte. . castiguado... não emmẽdar... a disciplina da regra...
... deuẽ ter ou auer algũua...
. . todallas... especialmẽte este vicio.., seia... moesteiro...

nehũu nõ presuma nẽ house de dar nẽ receber cousa nehũa sen lecença e sen mandado do abbade. Nen haver cousa nehũa propria e de todo en todo nehũa cousa, *scilicet*, nem liuro nẽ tauoas nẽ stilo mas nehũa cousa do todo en todo. Aos quaaes monges certamente nõ conuẽ ajnda nẽ lhes perteece hauer en seu proprio poderio os seus corpos nẽ as suas uõotades. Mas todalas cousas necessarias deuem sperar e receber do padre do mosteyro, nẽ lhes conuenha haver cousa nehũa que lhes o abbade nõ der ou leixar teer per sua lecença. E todalas cousas sejam cõmũuas e geeraaes a todos assy como he scripto e nehũu nõ presuma nẽ ouse de dizer nẽ chamar algũa cousa sua. E, se algũu for achado que se deleyta en este muy maao peccado de hauer e teer e receber proprio e de appropriar a ssy meesmo algũa cousa, dizendo que he sua, este tal seja amoestado hũa uez e duas e, se se nõ emendar, seja posto aa correeyçõ e castiguem-no.

[Capitulo lii]. *Se deuem os monges receber todos jgualmente as cousas necessarias*

Assy como he scripto nos autos dos apostolos: Era partido e dado a cada hũu perla guisa que lhe complia e fazia mester. Hu nõ dizemos que haja hy recebimẽto

... ninhũ não... ouse... ninhũa sem liçença e mãdado. . nẽ... aver... ninhũa... nynhũa cousa. ss. nẽ... estylo .. ninhũa... quais mõges çertamẽte não cõuem... pertençe aver em... vontades... todallas... deuẽ esperar... moesteiro .. cõuenha auer... ninhũa... não... ter... liçença. E todallas... sejão cõmũas e gerais... escripto e ninhũ não . deleita em... aver .. mesmo .. não emmẽdar... a correiçam...

... devem os mõges. .

.. escripto... partydo... hũ polla maneira que cõpria... mister Onde não... aja...

e stremamẽto de persoas, o que deus nõ mande, mas haja hy cõsijraçon das enfirmidades e das fraquezas. E aquel que mays pouco houuer mester dê graças a deus e nõ se contriste nẽ tome nojo por darem mays a outro que a el. E aquel que mays houuer mester humilde-se porla sua jnfirmidade e nõ se exalce nẽ ensoberueça porla misericordia que lhe fazem e assy todolos membros seram en paz. Ante todalas cousas non appareça no monge o mal e o peccado da murmuraçon por cousa nehũa que seja nẽ per palaura nehũa qualquer que possa seer dita nem per sinificaçon nehũa. E, se algũu for achado en mal e peccado de murmuro, seja castigado e posto aa mays streyta disciplina.

[Capitulo LIII]. *Dos domaayros da cozinha*

Os frayres assi se seruam hũus os outros que nehũ nõ seja scusado do officio da cozinha, salvo aquel que for enfermo ou aquel que for occupado en algũa cousa e razon de gran proueyto do mosteyro, por que por ello *scilicet* por fim [1] gaançara e hauera o monge moor mercee. Aos fracos sejam-lhes procurados e dados parceyros que os ajudem por tal que aquello que fezerem nõ o façam con tristeza, mas todos hajam solazes e companheyros,

... estremamẽto de pessoas... não mãde... aja ahy consiração das emfermidades... E aquelle... mais... ouuer mister dee... deos e não se cõtriste... darẽ mais... elle. E aquelle... mais ouuer mister... polla... e não.. emsoberbeça polla... mẽbros serão em... todallas.. não apareça... murmuração .. ninhũa... pallaura ninhũa... ser... per sinificação ninhũa... algũ... em... castiguado... mais estreyta.

... domayros...

... Os jrmãaos assy... siruão hũs aos... ninhũ não... escusado... aquelle... emfermo ou aquelle... acupado em.. rezão de grão proueito do moesteiro porque por isso guanhara e auera o mõge.. merçe.. sejão.. parçeiros.. aquilo que fizerẽ não no fação com... ajão... cõpanheiros. .

[1] Parece terem sido riscadas as palavras *scilicet por fim*.

segundo o modo e a maneyra da congregaçon e segundo o assẽetamẽto e disposiçõ do logar. Se a congregaçon for grande, o cellareyro seja scusado da cozinha e aquelles que forem occupados en mayores proueitos, assi como ja dissemos. Mas todolos outros se seruam en caridade hũus os outros. Aquel que sayr da somana ao sabado faça mũdicias e limpezas e laue os tersorios e panos cõ que os frayres alimpam as mããos e os pees. E tam bem esse que saae como aquelle que entra por domaayro lauem os pees a todos. Os uasos do seu ministerio e seruiço cõ que seruio sãaos e limpos os entregue e dê assijnadamẽte per conto ao cellareyro, o qual cellareyro as dê assijnadamẽte e per conto ao domaayro que entra pera saber aquello que da e aquello que recebe. Os domaayros ante hũa hora da refeeyçon, conuẽ a ssaber, enaquella hũa hora ante que os frayres comam sobre a sua raçon stabelecida tomẽ do pan e comam e beuam senhas uezes por tal que aa hora da refeeyçõ seruam a seus jrmããos sen murmuro e sen graue trabalho. Mas pero ennos dias solennes sostenham-se ataa depoys das missas. Os domaayros que entrarem e os que sayrem no dia do domingo no oratorio, logo como acabarem os laudes, uoluam-se jnclinãdo aos pees de todos e peçam que roguem a deus por elles. E os que sairem da so-

segũdo... maneira da cõgreguação .. o asento e desposição do luguar... cõgreguação .. grãde. . çelareyro... escusado... forẽ ocupados em... proveitos assy... todollos . siruão em .. hũs aos... Aquelle.. sair . sabbado. . jrmãaos alimpão... tambẽ .. sae... laue... vasos .. servyo... déé asinadamẽte... cõto ao çelareyro .. çelareiro... déé asinadamẽte e per cõto ao domayro. . aquilo que daa e aquilo... domairos... refeição. s. en aquella... ora... religiosos comão .. reção estabeleçida .. pão e comão e bebão cada hum sua vez... a ora da refeição siruão... sem . sem . Mas porẽ nos . solẽnes sostenhão se ate depois... domairos .. entrarẽ... sayrẽ... dominguo... loguo. . acabarẽ.. voluão .. jnclinando. . peção. . deos... sairẽ...

mana digam aqueste uerso *Benedictus es, domine deus, qui adiuuasti me e[t] cõsolatus es me.* O qual dito per tres uezes, tomem a beençon e sayã-se. Depoys destes uenha logo o que houuer d'entrar e diga *Deus, in adiutorum meum jntende, Domine, ad adiuuan dum me festina:* E aqueste esso meesmo seja repetido de todos per tres uezes. E tomada a beençon entre a seruir.

[Capitulo liv]. *Dos enfermos*

Ante todalas cousas e sobre todas deuem hauer cura e cuydado dos enfermos per tal guisa que assy os seruam como se seruissem uerdadeyramẽte a Jhesu Christo, por que el disse que ha de dizer no dia do juizo: Fuy enfermo e doente e ueestes-me uisitar. E aquello que uos fizestes a hũu destes meus muy mays pequenos a mym o fezestes. Mas e esses enfermos consijrem ben que por honra e amor de deus os seruem e nõ contristem nẽ anogem cõ sua sobegidon e engratidon os seus jrmãaos que os seruem. Pero esses seruidores deuem de soppor-tar e soffrer os seus pacientes e os achaques e engrati-dões delles cõ muyta paciencia, por que de taaes gãaçaram e haueram ante deus moor mercee e galardon soppor-tando-os. E por esto muy grande cura e cuydado haja o

diguão este versso... *ad inuisty* (sic)... *cõssolatus*... tomẽ a benção e sayão... Depois... loguo... ouuer... digua... *meũ*... *adiuvando*... E este ysso mesmo seja dito e repitido .. vezes... emtre... emfermos...

... todallas... deue auer... cuidado dos emfermos per tal maneira... siruão... seruisem verdadeiramẽte. . elle... juizo: Ffuy emfermo... viestes .. vizitar. E aquillo .. vos... hũ... mais... mĩ o fizestes. Mas esses emfermos cõsirem bẽ. . hõrra. . deos os servẽ e não cõtristẽ... anojem... sobegidão e engratidão... seruẽ. Porẽ... servidores deuẽ de soportar e sofrer os impaçientes... engratidões... cõ .. tais guanharão e averão... deos mayor merce e gualardão soportandoos .. ysto mui... cuidado aja...

abbade dos enfermos que nõ padeçam nenhũa negligencia nẽ mingua. Pera os quaaes frayres enfermos seja hũa cella assijnada e apartada sobre sy e hũu seruidor que tema e ame deus e que seja diligente e solicito seja posto en ella. Aos enfermos seja outorgado e dado o huso dos banhos cada uez que os houuerem mester, mas aos sãaos e moormente aos mancebos mays tarde lhes seja outorgado. O comer das carnes seja outorgado e dado aos enfermos de todo en todo e fracos por repayramẽto dos corpos. E depoys que forem melhorados e mays fortes todos se abstenham das carnes, assi como ham de custume e de usu. O abbade haja muy grande cura e cuydado que os enfermos nõ sejam desemparados dos cellareyros ou dos seruidores que padeçam per culpa delles algũas minguas e neglegencias, por que a el perteece oolhar e correger e castigar e emẽdar qualquer cousa en que os dissipulos desfalecerem e errarem.

[Capitulo LV]. *Dos uelhos e dos moços pequenos*

Como quer que essa natureleza humanal de ssy meesma seja mouida e jnclinada a misericordia e a piedade en estas ydades, conuẽ a ssaber, dos uelhos e dos moços pequenos, pero ajnda aalem desto a autoridade da regla oolhe e esguarde en elles. E seja sempre consijrada en

emfermos... não padeção ninhũa .. minguoa... quais jrmãaos emfermos... çela asinada... ssy e hũ... deos... em... emfermos... outorguado... ho... vez... ouuerẽ mister .. mayormẽte.. mãçebos mais... seya outorguado .. seya outorguado... emfermos e fracos de todo en todo por repairamẽto... depois... forẽ milhorados e mais... hão... custume .. vso .. aja... cuidado... emfermos não sejão... çellareiros. padeção .. minguoas e negligencias . elle pertençe... castiguar e emmẽdar... em... errarẽ...

... velhos...

... mesma... em... hydades. ss. dos velhos... piquenos. porem... alem disto... regra olhe... em... cõsiderada em...

elles a sua fraqueza e en nenhũa maneyra o appertamẽto e estreyteza da regla nõ seja teuda nẽ aguardada a elles no comer, mas seja en elles consijraçon de piedade e comam ante das horas regulares, conuẽ a ssaber, ante da sesta ou da noa.

[Capitulo lvi]. *Do domayro de leer aa mesa*

Aas mesas dos frayres, quando comerem, nũca deue desfalecer liçcn. E nehũ nõ tome o liuro subitamẽte nẽ ouse hy de leer, saluo se o mandarem, mas aquel que houuer de leer toda a domaa entre a leer ao dia do domingo. O qual domaayro, quando entrar, peça e demande a todos depoys das missas e depoys da comunhon que roguem a deus por elle que tire e arrede delle o spiritu da uãa gloria e da soberua. E seja dito de todos no oratorio per tres uezes aqueste uerso, pero começando-o elle primeyro: *Domine, labia mea aperies:* et *os meum anunciabit laudem tuam.* E assy tomada a bẽeçõ entre a leer. E muy grande silencio seja feyto e teudo aa mesa que nõ seja hy ouuida musitaçon nẽ sõo feyto cõ boca nẽ uoz de nehũu se nõ daquel soo que leer. Aquellas cousas que forem necessarias aaquelles que comerem e beberem, assy as presentem e ministrem os frayres hũus

em ninhũa maneira... apertamẽto e estreiteza da regra não... tida nẽ guardada... em... cõsiração .. comão antes... ss. antes .. ller. . mensa. .

As mensas dos religiosos quãdo comerẽ... deue de faleçer lição. E ninhũ não... house ahy... ho mãdarẽ .. aquelle... ouuer... somana... domyguo. O qual domairo quãdo . demãde... depois das myssas e depois da comunhão .. deos... tyre. . vãa... soberba... dicto. . este versso. porẽ começãodoo .. primeiro .. meũ annũtiabit... tuã. E asi .. benção . leer. (Houve aqui omissão de palavras)... forẽ... beberẽ... presentẽ e ministrẽ os jrmãaos hũs ..

aos outros en tal guisa que nehũu nõ haja mester, de pedir cousa nehũa. Pero, se algũa cousa houuerem mester, peçam-na mays per sõo de qualquer signal que per noz, nem ouse nẽ presuma nehũu de contar hy nẽ razoar cousa nehũa dessa liçon nẽ doutra, por que nõ seja dado aazo e cajon de falar. Saluo pella uentura se o prior quiser dizer algũa cousa breuemente por edificaçõ. O frayre domaayro do leer aa mesa tome mixto, ante que comece a leer, porla comunhon santa, nẽ pella uentura lhe seja gram cousa sopportar o jeiuum e lhe aconteça algũu perigoo per toruamento do estamago. E depoys coma con os domaayros e cõ os seruidores da cozinha. Os frayres nõ leam per ordem aa mesa, mas leam aquelles que possam edificar os outros que os ouuirem.

[Capitulo lvii]. *Da quantidade e mesura dos manjares*

Creemos que pera a refeeyçõ e comer de cada dia assi da hora da sexta come da noa en todolos meses auondaram dous condoytos porlas jnfermidades e propriedades desvayradas por tal que aquel que pella uentura nõ poder comer duhum coma do outro. E por esto o dizemos

... maneira .. ninhũ... aja mister... ninhũa. Porẽ. . ouuerẽ mister peção . . mais per som de quallquer sinal que per vooz . . ninhũ... cõtar ahy nẽ rezoar . ninhũa . lição... não seya. . azo e ocasião... polla ventura... breuemẽte... edificação... jrmaão... de leer a... antes .. polla comunhão sancta .. polla ventura... soportar o jejũ... algũ . periguo per toruamẽto do estamaguo. E depois... cõ os seruidores e domairos .. jrmaãos não . . hordem a... possão edeficar aos ..

... cãtidade e mensura. .

... Cremos. . refeição... assy .. como . todollos... avõdarão... cõdutos pollas emfermidades e propriadades desvairadas. . aquelle... por uẽtura não . de hũ .. isto .

que dous, condoytos auondem[1] a todolos frayres[2]. E se hy houuer fruyta ou naçõoes de legumes seja dada aa terceyra uez. Hũa liura de pan per peso auonde[3] perlo dia assi no dia de hũa refeyçon come de jantar e de cear. E, se houuerem de cear, guarde o cellareyro a terça parte dessa liura pera a dar aaquelles que houuerem de cear. E, se pella uentura houuerem algũu grande trabalho, en aluidro e poderio do abbade sera ennhader mays e acrecentar algũa cousa, se uir que comple. Tirada ante todalas cousas a ssobegidõoe e a muyta farteza, que nunca tome nẽ haja logo enno monge o muyto enchemẽto do estamago que nõ possa esmoer, por que nõ ha cousa nehũa que assi seja contrayra e enpeciuil a todo christaaom como o comer e o beuer sobejo, assy como disse nosso senhor Ihesu Christo: Ueede e aguardade-uos que nõ sejam aggrauados os uossos coraçõoes en sobegidõoe de comer e de beuer. Mas aos moços pequenos e de meor ydade nõ lhes seja aguardada essa quantidade que dam aos mayores, mas seja mays pequena que a dos mayores, guardada en todalas cousas a temperança. Todos se abstenham de todo en todo do comer das car-

... cõdutos avondẽ a todollos jrmaãos. E se ahy ouuer fruita ou naçõis... terceira vez... pão ... avonde pollo... assy... refeição... como... e çear... ouuerẽ... çelareiro... ouuerem... polla ventura ouuerẽ algũ... em aluidrio... sera ajuntar e acreçentar mais algũa se vir que cũpre... todallas... sobegidão... muita... nũca... aja luguar em o mõge ho muito enchimẽto .. estamaguo... não possa disistir... não... ninhũa... assy seia cõtraira e empeçiuel .. beber sobeio . noso . Vede e guardayvos que não sejão agrauados os vossos coraçõis em sobegidão... beber... menor hydade não .. seia guardada... cãtidade... dão... mais... todalas... tẽperança... abstenhão...

---

[1] Mão posterior explicou *bastem*.
[2] Idem, *baste*.
[3] Idem, emendou em *monges*.

nes de quatro pees, saluo aquelles que forem do todo en todo fracos e enfermos.

[Capitulo lviii]. *Da mesura e da quantidade do beber dos monges*

Cada hũu recebe e ha seu proprio dom de deus, hũus assy e outros assy desvayradamẽte. E por tanto stabelecemos e ordenamos a mesura e quantidade do mantijmẽto do comer e do beuer dos outros con algũa duuida e cõ temor. Pero oolhando e consijrando a ffraqueza dos enfermos creemos que auondara porlo dia a cada hũu hũa emina do uinho, que he hũa liura e a liura peso de doze onças. Aquelles a que deus dá dom e graça de abstinẽcia e de sopportamẽto sejam certos que haueram e receberam de deus sua propria merece e gualardon por ello. E, se a necessidade do logar ou o trabalho ou o feruor do estio e da caentura mays demandar e houuer mester, seja en aluidro do prior, consijrando en todalas cousas que nõ haja hy nẽ entre so specie de necessidade muyta farteza ou bebedice. Pero que nos leemos que o uinho de todo en todo nõ he dos monges, mas, por que agora nos nossos tempos esto nõ podemos aos monges poer en vòotade, au menos esto lhes consentamos, que nõ bebamos muyto, ataa

forẽ... emfermos.

... mẽsura... cãtidade... mõges...

... hũ .. deos... hũs. . desvairadamẽte. . estabeleçemos... mẽsura e cãtidade do mantimẽto... beber... com. . Porẽ olhando e cõsirando a fraqueza dos emfermos cremos que vondara pollo... hũ... vinho... pesa doze honças... deos daa dõ. . soportamẽto sejão. . averão e receberão de deos... merce e gualardão por ysso... neçecidade do luguar ou ho... quentura mais demãdar e ouuer mister... em aluidrio... cõsirando en todallas... não aja sob specia de neçecidade muita... Porẽ nos lemos... vinho... não... mõges... aguora... ysto não... mõges por em vontade... ao... ysto lhe cõssintamos que não... muito ate...

que nos fartemos del, mas temperadamẽte, por que o uinho faz apostatar e desviar do caminho de deus e dos seus mandamẽtos nõ tan soomẽte os simplices mas ajnda os sabedores. Mas no logar hu a necessidade del demandar que a sobre dita mensura e a quantidade do uinho nõ possa seer achada, mas muyto mays pouco ou de todo nehũa cousa aquelles que hy morarem beenzam e dem graças e louuores a deus e nõ murmurem. E esto ante todalas cousas amoestamos e dizemos, que os frayres sejam antre sy sen murmuraçon.

[Capitulo lix]. *A que horas deuem a comer os monges*

Des a santa pascoa ataa o pentecoste os frayres comã depoys de sexta e ceem aa tarde, mas des o pentecoste per todo o estio ataa meatade de septembro, se os monges nõ houuerẽ trabalhos ennos agros ou a grande caentura do estio os nõ toruar, jeiũuem a quarta e a sexta feria ataa noa. En todolos outros dias jantem depoys de sexta, a qual sexta de jantar continuem per toda a domaa, se houuerem obras e trabalhos ennos agros ou o feruor do estio for grande, e esto seja na prouidencia do abbade, o qual assy tempere e ordene todalas cousas en guisa que as almas se saluem e aquello que os frayres fezerem façam-no sen murmuro nehũ. Pero dos ydos

delle... vinho... deos e de seus mãdamẽtos não tão... aos simplezes... aos... luguar onde a neçeçidade delle . mẽsura e cantidade do vinho não... muito mais pouquo .. ninhũa... ahy morarẽ bẽzão... deos e não... ysto... todallas... jrmãos seião... ssy sem murmuração. .

... deuẽ comer...

... sancta... ate o pentecoste comão os jrmãos... depois a... ate ametade... não ouuerẽ... em os .. quẽtura... não.. jejũuem... sesta fr.ª ate a noa. En todollos... jantẽ depois de... somana se ouuerẽ... em os... ysto... hordene todallas... em maneira... aquilo.. jrmãaos fizerẽ fação no sem... ninhũ. Porẽ...

de septembro ataa o começo da coreesma sempre comam depoys de noa e na coreesma ataa pascoa comam depoys da uespera, pero essa uespera assy e a tal hora seja dita que os que comerem nõ hajam mester lume de candea, mas todalas cousas sejam feytas e acabadas cõ luz ajnda do dia. Mas e en todo tempo assi de cear come de jantar assy seja temperada a hora que todalas cousas sejam feytas cõ luz de dia.

[CAPITULO LX] *De como nehũu nõ deue falar depoys de completa*

En todo tempo os monges deuem de teer silencio mayormẽte nas horas e no tempo da noute. E porende en todo tempo assy de jeinhum como de jantar, se for tempo de jantar e cear, logo como se leuantarem da cea, asseentem-se todos en hũu logar e lea hũu as collaçoões ou as uidas dos padres santos ou certamẽte outra cousa que possa edificar aquelles que a ouvirem. E nõ leam o pentateuco, cõuem a ssaber, os cinco liuros de Moyses, nem os liuros dos Reys, porque aos entendimẽtos enfermos e fracos nõ sera proueytoso en aquella hora ouvir aquesta scriptura, mas nas outras horas sejam leudos. E, se for dia de jeiuum, dita a uespera e feyto hũu entreuallo e spaço pequeno, logo se cheguẽ todos aa liçõ das

setẽbro ate o... quaresma... comão depois da... quaresma atee a pascoa comão depois da vespora, porẽ. . vespora... seya... comerẽ não ajão de mister .. todallas.. sejão feitas... assy... como... todallas .. sejão feitas .. do...

... ninhũ não .. depois de cõpleta.

Em... mõges deuẽ de ter... noyte. E por tãto... tẽpo... jejũu... loguo... leuãtarẽ da çeea... asentence .. hũ luguar... hũ as colações... vydas... sanctos... edeficar... ouuirẽ. E não leão... ss. os çinquo... nẽ .. não... proveitoso em... ora ouuir esta escriptura... oras sejão lidos... jejũu... vespora... hũ entrevalo e espaço... loguo... lição d s.

collaçoões, assi como ja dissemos, e, leudas quatro ou cinco folhas ou quanto a hora der uagar, todos en hũu occorrendo e vijando per este spaço e detijmento da liçon. Se algũu pella uentura for occupado en algũu officio a ssi cometido e assijnado, occorra e uenha. E todos en hũu ajuntados complam e acabem as horas de deus. E, depoys que sairem da completa, nõ seja dada diadeante leçença a nehũu de falar cousa nehũa. E, se for achado algũu que brite e traspasse aquesta regla do silencio e do calar, seja posto e sometido aa mays graue uingança e castigo, saluo se sobreueer necessidade de hospedes que cheguarem ao mosteyro ou pella uentura o abbade mandar a algũu fazer algũa cousa, a qual cousa empero seja feyta cõ muy grande graueza e peso e tẽperamẽto e muyto honestamẽte.

[Capitulo lxi]. *Daquelles que aas horas de deus ou aa mesa do comer veerem e chegarem tarde*

Aa hora do officio diuino, logo como os monges ouvirem o signo, leixem todalas cousas quaesquer que teuerem nas mããos e corram e vàa-se cõ muy gram pressa, pero esto cõ graueza e temperança por tal que a ligeyrice e leuidade nõ ache materia nẽ criamento en que se gouerne.

coliaçòes assy... lidas... çinquo... vaguar... em hũ ocorrendo e vĩdo. . espaço e detimẽto de lição... algũ polla vẽtura for ocupado em algũ. . assy cometydo e assynado ocorra e venha... em hũ... cumprão e acabẽ... deos. . depois... sayrẽ da cõpleta não seia. . dahy a diante liçença a ninhũ .. ninhũa... algũ... esta regra... sometydo a... vinguança e castiguo... sobre vier... cheguarẽ ao moesteiro ou polla uentura ho... algũ... quall... porẽ scia... peso e temperança...

... as... deos... a mẽsa... vierẽ e cheguarẽ...

... devino loguo... moges ouuirẽ o ssiuo .. todallas... quais... teuerem... corrão e vaão... porẽ ysto... ligeiriçe e leuiandade não .. criamẽto.. guoverne.

E, poys que assy he, nõ seja leixada a obra de deus por cousa nehũa que seja. E, se pella uentura algũu aas uigilias das noutes veer depoys da *Gloria patri* do nonagesimo quarto salmo, o qual por esto todauia d tẽedoo queremos que seja dito apasso, nõ stê en sua ordem no choro, mas stê postumeyro e a fundo de todos ou en outro lugar, qual o abbade stabeleçer e assijnar, apartado a estes taaes negligentes per tal guisa que seja uisto desse abbade ou de todolos outros frayres, ataa que a obra de deus seja acabada e per publica satisfaçon faça peendencia. E por tanto julgamos que aquelles negligentes denem star no postumeyro logar ou appartados dos outros por tal que sejã uistos de todos e siquer por essa sua uergonça que hy padecerem se emendem e castiguẽ. porque, se ficassem fora do oratorio, seria pella uentura algũu tal que se lançaria a dormir ou certamente se assẽetaria fora da egreja occioso ou britaria o senço e entẽderia en fabulas e palauras dannosas e sen proueyto, nẽ seja dado cajon e aazo ao diaboo. mas entre dentro no coro que non perca todo e des y adeante emende-se. Mas aas horas de dia aquel que aa obra de deus occorrer e chegar depoys do uerso *Deus, in adiutorium meum intende* e depoys da *Gloria* do primeyro salmo, o qual se diz depoys do uerso

E pois .. não. . leyxada deos . ninhũa... polla ventura algũ as vigilias das noytes vier depois .. xc° IIII° psalmo... ysto todavia detendoo... seja dito passo não esté. . hordem no coro mas esté derradeiro e a baixo. . em... luguar quall... estabeleçer e asinar... tais... modo... visto... abbade ou dos outros jrmaãos todos atee... deos seya acabada e por pubrica penitençia faça satisfação... julguamos... negligẽtes denẽ... postumeiro luguar ou apartados... seião vistos... sequer... vergonha que padeçem se emmendem.. ficaçẽ.. polla ventura algũ... certamẽte se asentaria... igreja ocioso... silencio e entenderia em... pallauras danosas e sem proveito... ocasião e azo ao diabo... não... tudo e desyendiante emmẽde.. aquelle... a... deos ocorrer e cheguar depois do versso .. *adiutoriũ m. ĩtẽde* e depois. . primeiro psalmo depois do verso...

sobredito, sté pella ley que acima dissemos no postumeyro logar, nem presuma nẽ ouse de se ajuntar aa companhia dos que cantam no coro, ataa que satisfaça, saluo se lhe o abbade per seu mandado der lecença, assy emperó que o reeo e culpado satisfaça primeyro desto. Aa hora da refeeyçon e do comer aquel que nõ veer ante do uerso que todos ajuntadamẽte digam o uerso e orem e en hũu todos ensembra se acheguem aa mesa, aquel que per sua neglegẽcia ou por seu uicio e peccado e per sua culpa nõ occorrer e chegar seja por esto castigado ataa duas uezes e, se des y adeante se nõ emendar, nõ no leixem participar nẽ seer aa mesa cõmũha de todos, mas, appartado da companhia de todos, coma soo e tolham-lhe a sua raçom do uinho, ataa que satisfaça e se emende. Semelhauilmẽte padeça aquel que nõ for presente aaquel uerso que se diz, depoys que comem. E nehũu nõ presuma nẽ ouse de tomar cousa nehũa de comer nẽ de beber ante da hora nẽ depoys da hora stabelecida. E, se o prior der ou enviar algũa cousa a algũu e el a nõ quiser tomar, aaquela hora que quiser e desejar aquello que primeyramẽte nõ quis tomar ou outra cousa semelhauil de todo en todo nõ lha dem, ataa que se conheça e satisfaça e faça penitencia e emenda conuinhauil.

esté polla maneira que assyma... postumeiro luguar nẽ... a cõpanhia .. cantão... atee... salvo. . mãdado... licença... porẽ... primeiro disto. A... refeição... aquelle... não vier... verso... juntamẽte o dyguão e orem e em hũ todos juntos se acheguẽ a mẽsa aquelle... negligencia .. viçio... não ocorrer e cheguar... ysto castiguado atee .. se dahy por diante se não emmendar não no leixẽ... estar a mẽsa cõmua... apartado da cõpanhia... tolhão... reção de vinho ate .. emmẽde. Semelhauelmẽte... aquelle que não ...aaquelle verso... depois de comer. E ninhũ não... de comer nem de beber cousa ninhũa antes nẽ depois da ora estabelecida .. emviar... algũ e elle a não... aquilo que primeiramẽte não... semelhauel... não... atee... emmẽda cõvinhavel.

[CAPITULO LXII]. *Daquelles que som escomungados e appartados como ham de satisfazer e acabar sua pẽedença*

Aquel que por graues culpas for scomungado e appartado do oratorio e da mesa en aquella hora que acabarem a obra de deus no oratorio deyte se e jaça strado ante as portas do oratorio, nõ dizendo cousa nehũa, se nõ tan soomẽte cõ a cabeça posta en terra jaça derribado e jnclinado aos pees de todos os que sairem do oratorio. E aquesto faça per tanto tempo, atee que o abbade julgue e diga que ja he satisfeito. E, quando o abbade o mandar que uenha, deyte-se ante os pees desse abbade e depois aos pees de todos que orem e roguem a deus por elle. E estonce, se o abbade mandar, seja recebido no coro ou enna ordem e graao que o abbade stabelecer e ordenar. En esta maneyra sãamente que el non presuma nẽ ouse de leuantar salmo nem antiphãa nẽ dizer liçõ nẽ outra cousa nehũa no oratorio, saluo se lhe o abbade [1] encõmendar. E a todallas horas, quando complirem e acabarẽ a obra de deus, deyte-se en terra no logar hu steuer e assy satisfaça, ataa que lhe o abbade mande que cesse e quede ja desta satisfaçõ e pẽedença. Mas aquelles que por lygeyras culpas som scomungados e apartados tan soo-

... são escomũguados e apartados...
... mensa... acabarẽ... deos no oratorio deitesse e jaça prostrado ante as portas do oratorio não dizendo... ninhũa... não tão somente... em... sayrẽ... ysto... tãto... atee... digua... ho abbade... venha deitesse... orẽ... deos... E então... mãdar... em a hordem... estabelecer... Em... maneira. . elle não... nem... aleuantar psalmo nẽ antiphona... lição... ninhũa... abbade cõdecabo encomendar... todallas oras... cõprirẽ e acabarẽ .. deos deitese... luguar onde esteuer... atee... satisfação e penitencia... ligeiras... são escomũguados... tão

---

[1] Há aqui um espaço em branco donde parece foram apagadas letras.

mento da mesa satisfaçã na egreja, atee que o abbade mande. E aquesto façam sempre ataa que o abbade beenza e diga: assaz he.

[Capitulo lxiii]. *Daquelles que falecem e som enganados na egreja no que ham de dizer*

Se algũu frayre, quando pronuncia e diz salmo ou responso ou antiphãa ou liçon, erra e desfalece, se logo hy per satisfaçã se non humildar e abaixar perdante todos, seja sometido e posto a mayor pena e uingança, por que certamente nõ quis per humildade correger e emendar aquello en que peccou e desfaleceo per sua negligencia. Mas os moços pequenos por tal culpa e negligencia como esta sejam açoutados, posto que satisfaçam, se o seu mayor vir que o merecem.

[Capitulo lxiv]. *Daquelles que en algũas cousas pecam e desfalecem hu quer*

Se algũu, quando trabalha en qualquer lauor, na cozinha, no celeyro, no foruo, no ministerio e seruiço, na orta, en algũa arte ou en qualquer logar algũa cousa peccar e auessar ou quebrar qualquer que seja ou perder ou en algũa cousa sobre pojar e desfaleser hũ [1] quer que seja e nõ veer logo aa hora que deuer ante o abbade ou ante

soomẽte da mẽsa... jgreja... mâde. E ysto fação... atee .. benza e digua asaz he...

... faleceẽ e arrão na jgreja naquillo que hão...

Se algũ jrmãao... pronũcia... psalmo... antifona ou lição... loguo ahy per satisfação se não .. perante .. vinguança... certamẽte não .. emmẽdar aquillo em que pecou... piquenos... asoutados... satisfação... ho seu... ho...

... pecção e desfaleçem em qualquer parte.

Se algũ... em quall. . celeiro... ou em... luguar... pecar e avexar... ou algũa cousa sobrepujar... onde... não vier loguo a ora...

[1] Mão posterior explicou *onde*.

a congregaçõ el de sua propria võotade satisfazer e dizer sua culpa e demostrar o seu peccado, quando esto per outrem for sabudo e conhecido, seja sometido e posto a mayor emendaçon e penitẽcia. Mas peró, se for algũa cousa ascondida e encuberta de peccado da alma, demostre a tam soomente a seu abbade ou aos anciãaos spirituaes e cõfessores que sabam curar e saar as suas chagas e as alheas nõ descobrir nẽ publicar.

(Continúa).

... cõgreguação elle... võtade... ysto per outrẽ for sabido... emmẽdação e penitencia. Mas porẽ . escõdida e emcuberta . demostre a tão. . spirituaes e cõffessores que saybam... sarar... chaguas... não...

ERROS INADMISSÍVEIS NUM ADITAMENTO MODERNO FEITO À INSCRIÇÃO DO MONUMENTO A D. JOSÉ, NA PRAÇA DO COMÉRCIO, DE LISBOA

Desejo chamar a atenção da Classe para um facto, que é digno do seu exame e sôbre o qual é da sua especial competência tomar deliberação. Foi-me apontado por um distíntissimo homem de letras, meu camarada e muito presado amigo, o sr. coronel de engenharia, Roberto Correia Pinto, latinista insigne, a quem a Academia já é devedora de um bom serviço, qual foi o de haver traduzido, para a sua Comissão do Centenário de Ceuta, o curioso livro de Mateus de Pisano. Trazido o caso ao meu conhecimento, primeiro em ligeira conversa eventual, e depois, em carta solicitada, para melhor definição das suas circunstâncias, o sr. coronel Correia Pinto acompanhou a sua informação com algumas anotações interessantes; e pareceu-me, depois da sua leitura, como, de certo, igualmente será reconhecido pelos meus ilustres confrades, que o assunto reclama, a um tempo, a ponderação e a intervenção da Academia.

O caso, na sua simplicidade, é êste: À inscrição latina, em letras de bronze, cravadas no pedestal do monumento, erguido a D. José I, na Praça do Comércio, antigo Terreiro do Paço, de Lisboa, fez-se, em época posterior à da sua redacção primitiva, um aditamento, o qual tendo sido destruido em parte, por vandalismo ou pela acção do tempo, foi recomposto por mãos ignorantes, introdu-

zindo-se-lhe erros que desacreditam a cultura portuguesa e que são, para esta, uma permanente vergonha. É necessário proceder-se à sua imediata correcção, e pertence à nossa classe académica o promover que ela se faça com toda a possível diligência.

A inscrição, coeva da construção do monumento, é redigida em latim vernáculo, com elegância e pureza. Está composta em maiúsculas de bronze e em perfeitíssimo estado de conservação. Diz:

JOSEPHO. I
AUGUSTO. PIO. FELICI. PATRI. PATRIAE.
QUOD. REGIIS. JURIBUS. ADSERTIS. LEGIBUS. EMENDATIS.
COMMERCIO. PROPAGATO. MILITIA. ET. BONIS. ARTIBUS.
RESTITUTIS. / URBEM. FUNDITUS. EVERSAM. TERRAEMOTU.
ELEGANTIOREM. RESTAURAVERIT. / AUSPICE. ADMINISTRO.
EJUS. MARCHIONE. POMBALIO. ET. COLLEGIO. NEGOTIATO-
RUM. CURANTE.
S. P. Q. O.
BENEFICIORUM. MEMOR.
A. MDCCLXXV.
P.

Cada uma das linhas desta cópia reproduz uma linha do original. As dimensões do papel não nos permitiram reproduzir exactamente a sua disposição artística. Eis a tradução portuguesa da inscrição, pelo sr. Roberto Pinto:

«A (D) José I — augusto, pio, feliz Pai da Patria — porque tendo defendido as reaes prerogativas, corregido as leis — desenvolvido o Comercio, reconstituido a milicia e as boas artes — restaurou, aformoseando-a, a Cidade completamente arrasada por um terramoto = Sob os auspicios do seu ministro, o Marquez de Pombal e por administração da Junta do Commercio, o senado e povo de Lisboa, lembrado de (taes) beneficios, no ano 1775, erigiu (este monumento).

Esta é a inscrição única, que o monumento recebeu, finda a sua execução. Adverte, na sua carta, o meu

eminente informador, como apropriado reparo, a respeito dela, o seguinte, que literalmente transcrevo, como a outras passagens terei de fazer:

«Não será descabido, como lição honrosa para os antigos e proveitosa aos modernos, fazer aqui referência aos escrúpulos e cuidados que aqueles tiveram para que êsse acessório do monumento fôsse, em tudo, digno dêle.

«Para êsse efeito encarregaram três dos mais conceituados latinistas da época, de redigirem, em separado, a dedicatória. Foram êles o celebre padre António Pereira, o sabio professor Olivieri e o muito erudito Fr. Manuel do Cenáculo, ao tempo, Bispo de Beja. Foi dada preferência à dêste último; sendo êste portanto o autor da inscripção até ao P. final dela.»

Ora, por baixo desta inscrição, em caracteres, também capitais, de bronze, porêm de menores dimensões e de execução menos perfeita, lêem-se, numa só linha, de canto a canto, as seguintes indicações, nas quais se ostenta o vergonhoso latim, causa dêste libelo:

JOACHIMUS. MACHADIUS. CASTRIUS. FINNIT. ET. SCULPSIT.
BARTOLOMEUS COSTIUS. STATUAM. EQUES. TRIS. EX. AERE.
FUDIT.

Isto, na carta do meu distinto informador é, textualmente, comentado assim. Reproduzo as suas próprias palavras, pois não tenho razão nem direito de substituí-las por outras minhas:

« A quem, mesmo só medianamente conheça a língua latina, salta logo aos olhos o desconchavo, a verdadeira diabrura daquêle EQUES. TRIS.; duas palavras, com o seu respectivo intervalo e neste o ponto (.) adoptado em toda a inscrição. Ocorre, logo, que deverá ser a palavra única *equestris*, — mas não com esta forma que, gramaticalmente, só podia ser um atributo de Bartolomeu da

Costa, que não era *equestre;* mas com a forma *equestrem* referida à estátua *(statuam).*

«Mas há mais. Na indicação anterior, a referente a Joaquim Machado de Castro, que foi o escultor da obra, o que bem se traduziu por *sculpsit*, êste verbo encontra-se ligado por *et* a um outro verbo que o antecede, e que está assim escrito: *finnit* (?).

«*Finnit* com dois *nn* não é latim, que eu saiba. Mas suponhamos que se lhe elimina o *n* que tem de sobra: continua, ainda assim, a gramática a protestar em unísono com a lógica. *Finit* é uma forma verbal do presente, que não pode ligar-se a *sculpsit*, que é do pretérito: *acaba* e *esculpiu* é, em qualquer língua, um êrro gramatical e um disparate lógico; acrescendo, ainda, que ficaria invertida a ordem dos factos, pois passaria o *esculpir* para depois do *acabar*. Isto é tão corriqueiro e terra a terra, que eu próprio me pejo de o estar escrevendo.

«Mas se é, realmente, do verbo *finire* que se trata, — o que é muito para discutir, como adiante lhe direi, — a forma a empregar, e que sem dúvida o autor do remendo, com as suas fracas noções da língua latina, não deixaria de ter usado, seria *finivit;* e assim o que ali se vê hoje teria sido devido a uma confusão explicável do indouto operário que fizera as letras. De facto, como estas são todas capitais, bastava, para explicar o engano, que no modêlo escrito, dado a quem executou o trabalho, se tivesse ligado apertadamente de mais o I e o V que o segue, para que êles dessem ao lavrante das letras a aparência de um N. E assim ficaria FINNIT em vez de FINIVIT.»

Eis o que me diz o meu ilustre amigo, aliás sem ligar nenhuma fé a esta explicação final; pois não só não encontrou o fundamento de semelhante palavra ali aparecer, como até veiu a averiguar, subseqüentemente a haver escrito isto, e conforme se apressou a comunicar-mo, que

ela não existia no aditamento à dedicatória primitiva, quando fixaram êste junto à aresta inferior do rectângulo em que a mesma dedicatória assenta.

O Sr. Roberto Pinto não teve a menor dúvida em reconhecer, logo ao primeiro exame, que esta linha suplementar da inscrição do monumento, é apócrifa. Contrasta com a elegância, com a correcção e até com a perfeição material daquela.

Pareceu-lhe extranho, e bem advertidamente, aparecerem numa obra de arte daquela natureza, e postos em tal evidência, os nomes dos artistas que a executaram. Nunca foi uso antigo, nem mesmo ainda o é agora.

Lendo a «Descrição analítica» da Estátua de D. José, obra do próprio Machado de Castro, publicada vinte anos depois da conclusão do monumento, logo no discurso preliminar, êle se faz eco, com justo e mal disfarçado despeito, das palavras do inglês James Murphy; o qual num livro seu sôbre Portugal, depois de fazer o elogio daquela obra de arte, acrescenta que o nome de Machado de Castro fôra votado a total esquecimento, não havendo, entre mil portugueses um que conhecesse o nome do autor daquele primor artístico!

Não seria preciso mais para demonstrar que, pelo menos durante os primeiros vinte anos subseqùentes à erecção da estátua, em nenhuma parte do pedestal desta se encontrava inscrito, — e com tal destaque, — o nome do seu glorioso autor.

O *Arquivo Pitoresco*, no seu volume II, relativo a 1858-1859, reproduz a inscrição, mas só até ao P. final da dedicatória. Nada mais. Não alude, sequer, a vestígios que porventura existissem de qualquer outra parte da inscrição que, por deteriorada se não pudesse ler. Por aqui se vê que a inscrição primitiva se conservou, isenta de acrescentamentos, pelo menos oitenta e quatro anos.

Mais ainda. O mesmo distinto investigador, se concluiu, por um lado, que este apêndice à inscrição foi de data, relativamente recente, averiguou, também, por documentos escritos e até por testemunhos oculares, que, em data não remota, esta linha acrescentada se encontrava em parte destruída, restando-lhe apenas algumas letras destacadas, que a deixavam ininteligível. Assim lho afirmaram pessoas, que se lembram de ter visto a inscrição nesse estado. Assim o diz, igualmente o Dicionário «Portugal», no seu artigo sob o título «Lisboa» e sub-título «Estátua de D. José», publicado em 1909. É, pois, evidente tratar-se de uma desastrada reparação de estragos devidos, talvez, à acção do tempo ou, o que é mais provável e mais triste, promovidos por mãos malévolas, movidas pela cupidez do bronze de que as letras são feitas.

Quem quer que acrescentou a inscrição primitiva com as designações alusivas aos dois construtores do monumento, o estatuário e o fundidor, fê-lo, de certo, animado por um espírito de justiça, e cêrca de um século depois do monumento ter sido executado; homenagem, porêm, menos conveniente emquanto à forma, pois se procurou arremedar a inscrição fundamental e como que fazer persuadir que a parte adicionada é da mesma autoria, e uma continuação e conclusão dela. Foi imitado o mesmo tipo para os caracteres de bronze, reduzidos em escala, afim de acomodar os seus dizeres ao espaço de que restritamente se podia dispor. Mas se a intenção foi boa, não é de aplaudir o modo como foi posta em prática, embora se deva dizer que, no seu pouco latim, quem quer que por ela seja responsável, não foi autor dos erros crassíssimos que hoje a maculam. A sua forma actual é uma adulteração, que se não chega a conceber como tenha sido executada, sem a mais natural e rudimentar vigilância exercida por pessoa competente, sôbre quem efectuou a parte material do trabalho.

Depois de fixadas estas claras deduções, visívelmente incontestáveis, teve ocasião o sr. Roberto Pinto de vê-las confirmadas pelo exame de duas gravuras do monumento. A primeira, que viu, foi uma não muito perfeita, e de impressão relativamente moderna, como se depreende do traje das pessoas representadas, e em escala bastante reduzida, para que o desenhador se tivesse por desobrigado de reproduzir os caracteres da inscrição. Conservou-lhe, porêm, mais ou menos, a disposição das suas linhas e o número delas, servindo, assim, a comprovar que, no tempo em que a gravura foi feita, não havia na inscrição a extensa última linha, que presentemente ali se vê.

Esta gravura é propriedade do distinto clínico Dr. Manuel Ferreira Cardoso, ilustrado coleccionador de documentos literários e históricos, e possuidor de grande número de autógrafos de Joaquim Machado de Castro e de vários manuscritos e publicações que lhe dizem respeito. Nesta preciosa colecção, pôde, subseqùentemente, o meu ilustre informador, examinar uma outra gravura, antiga, e em maior escala, representando o monumento. Foram concludentes, e algumas delas inesperadas, as informações colhidas nesse exame.

«A estampa é em grande formato, — diz-me êle, — muito perfeita e com o sêlo inimitável *(la patine)* que só o tempo sabe pôr nas obras antigas. As figuras, que representam pessoas, passando junto do monumento, trajam á época do levantamento da estátua.

«A inscrição lá está representada, por inteiro, no seu lugar e com a disposição característica das suas linhas; mas só, como era de prever, até ao P. final da dedicatória.

«Os seus caracteres representados com o rigor da escala empregada no desenho do monumento, só com lupa e a custo se podem ler seguidamente. Mas o escru-

puloso gravador não se esqueceu de obviar a êste inconveniente, sem ter de errar o seu primoroso trabalho.

«Num rectângulo, de boas dimensões, deixado a claro ao centro e junto à margem inferior do desenho, gravou depois, em proporções claramente legíveis, a inscrição, como ela era, e ainda é hoje, suprimindo a linha final e estropeada que, presentemente, está envergonhando o monumento.

«Não há, pois, sombra de dúvida de que a primitiva inscrição era simplesmente a dedicatória, como devia ser.»

Depois de algumas considerações incidentes, cheias de interêsse, porêm não essenciais para o caso, a carta continua:

«Até aqui a abençoada estampa dera-me o que eu dela esperava; mas tinha-me, ainda, reservada uma grande e agradável surpresa.

«Imediatamente abaixo do traço, que delimita a gravura na sua parte inferior e, portanto, quási contiguamente ao limite inferior do rectângulo branco em que vem transcrita a inscrição, encontra-se escrito em miudos caracteres itálicos o seguinte:

«*Joachimus Machadius Castrius sculpsit, — Bartholomeus Costius Statuam Equestrem ex œre fudit* — A. MDCCLXXIV. *J. S. Silva delineavit et incidit.*

«O escrupuloso autor da gravura, ao assinar a sua obra, quiz render o devido preito a Machado de Castro e a Bartolomeu da Costa, como os dois principais artistas que tinham realizado a soberba obra de arte, que êle reproduzira pelo desenho e depois pela gravura *(delineavit et incidit)*.

«E assim se me deparou, fortùitamente, a mais que provável origem do aditamento à primitiva inscrição, que tenho estado discutindo.

«A pessoa que, quási um século depois de concluído

o monumento, embora com boas intenções, teve a desastrada idea de aditar-lhe à dedicatória os nomes dos dois artistas, que mais se distinguiram na execução da obra, foi naquela estampa sem dúvida, que encontrou a forma de realizar a sua idea; se não foi a própria estampa, que lha sugeriu; pois bem pode ser que um menos escrupuloso exame lhe fizesse supôr, que as referências ali feitas ao escultor e ao fundidor da estátua, fôssem continuação da dedicatória do monumento.

«Como quer, porêm, que tenha sido, ali está correctamente escrito o *Equestrem*, que a ignorância alvar do desconhecido reformador do dístico, referente aos dois artistas, transformou na asneira *Eques. Tris.*; e ali se encontra naturalissimamente ausente o não menos disparatado *finnit*, cuja misteriosa origem se nos afigura quási de impossível averiguação.»

Sôbre a data existente na inscrição primitiva, que constitui a sua penúltima linha, antes do P. *(posuit)* final, nota o meu ilustradíssimo correspondente e muito presado amigo, uma circunstância, que deixarei aqui registrada. Aquela inscrição, tal como se encontra no citado vol. II, do *Arquivo Pitoresco*, não traz a data (A. MDCCLXXV). Na meticulosa gravura, do desenhador e gravador J. S. Silva, também na inscrição, reproduzida no rectângulo, não aparece nenhuma data. Daqui se é levado a inferir que tal data não existia na inscrição redigida por Fr. Manuel do Cenáculo.

«Também esta foi adulterada, — observa o sr. Roberto Pinto, — mas, neste caso, sem inconveniente, antes com alguma vantagem.

«A alteração foi fácil de executar: arrancaram o P. e passaram-no para a linha inferior, pondo no seu lugar a indicação do ano em que o monumento foi erigido. A data, que se lê, na indicação dada pelo gravador da estampa, por baixo da linha que delimita esta inferiormente,

é a do ano em que Bartolomeu da Costa fez a fundição da estátua.

«Voltando, depois disto, a inspeccionar o local, ali notei evidentes sinais de que a cantaria foi lascada, ao ser cravado de novo, por mãos menos peritas, o tal P. final da inscrição.

«Contra esta alteração nada se dá que se pareça com a outra. Contra ela não protestaria o Bispo de Beja, como não protestam a gramática, a lógica e o simples bom senso.»

Á Academia das Sciências de Lisboa, zeladora natural dos altos interêsses intelectuais do país, não pode ser indiferente que, no mais nobre e mais concorrido cais de desembarque da capital, o primeiro objecto que se depare, a todo o estrangeiro ilustrado que nos visite seja, na face do primeiro monumento oferecido à sua vista, precisamente ao nível e ao alcance dos seus olhos, duas tolices de tão grande marca, a lançarem sôbre a nossa ilustração nacional uma boa dose de ridículo. Até aqui, foi-lhe desconhecido êste facto; mas desde o momento em que o conhece, nada a desculpa se não aplicar todos os seus bons esforços para que, sem perda de tempo, a linha suplementar da inscrição dêsse monumento, seja eliminada ou corrigida.

Eliminada ou corrigida. Com efeito, precisa e merece ser pensado e discutido o que há a fazer agora, uma vez que seja a Academia quem tenha de aconselhar a mais conveniente resolução.

Não se esqueceu o sr. Roberto Pinto de encarar essa face da questão, e para resolvê-la indica alguns alvitres, que passarei a expor:

O primeiro é o de restituir a dedicatória precisamente à sua fórma inicial, suprimindo lhe o adminículo da linha de referências acrescentada; deixando, porêm a data

MDCCLXXV, como e onde está, pois em nada prejudica a inscrição nem a desfeia.

Esta seria a solução radical, e podia adoptar-se sem que o monumento deixasse de perpetuar, tambêm, a memória dos artistas principais a cuja arte êle é devido. São êles merecedores da honrosa celebração. A invocação dos seus nomes e da parte que cada um tomou na execução da obra, passaria, então, para a face oposta àquela em que está a dedicatória; isto é para a face voltada ao norte, a da rectaguarda do monumento.

Na face da dedicatória, nada se deve inscrever, senão esta; e, sobretudo, nada que pareça fazer parte integrante dela.

Mas, para êste caso, lembra o meu ilustre correspondente uma ampliação, que é de absoluta justiça; que é um acto de reparação; o qual, tambêm em meu entender, a Academia deverá recomendar.

O nome de Eugénio dos Santos não pode ali continuar esquecido. Êste hábil engenheiro, incumbido da restauração da cidade arrasada, incluiu no programa das obras a efectuar, a de uma grandiosa estátua ao monarca reinante, não como acessório ornamental da grande praça em cujo centro ela devia ser erguida, mas como o foco central do admirável conjunto oferecido por essa praça, com as suas grandiosas edificações.

Na vastidão dos trabalhos urgentes, que teve de delinear e a que teve de acudir, Eugénio dos Santos não descurou o projecto completo da praça, nem os desenhos pormenorizados do monumento, que todavia só começou a executar-se catorze anos depois e quando, salvo engano, êle era já falecido. Mas os seus planos foram respeitados e impostos, do que Machado de Castro se queixou, pois não lhe deram mais liberdade do que a de introduzir, na execução do seu trabalho, algumas leves modificações.

É pois de elementar justiça, que o nome de Eugénio dos Santos figure a par dos outros seus dois colaboradores; de justiça, e também de desagravo, diz o sr. Roberto Pinto, para com Machado de Castro «visto como êste, em documento público, atribue defeitos ao projecto do engenheiro, declarando que só forçadamente os reproduziu na escultura» [1].

Adoptado êste alvitre, que em sua opinião é o melhor, acrescenta: «eu proporia para a nova inscrição a fazer, a seguinte redacção, — emquanto não apareça quem, com mais competência e autoridade, apresente outra melhor:

Eugenius de Sanctis finxit et delineavit.
— Joachimus Machadius Castrius sculpsit.
Bartholomeus Costius Statuam Equestrem ex ære fudit.

Se quem, em última instância, tiver de resolver o caso, opinar que fiquem os nomes dos artistas no lugar onde estão, depois de corrigido o latim adulterino incumbido de consagrá-los, seria acto de reverência para com o autor da bela inscrição primitiva, colocar por baixo do P. final, um pequeno filete ornamental de bronze, indicativo de que tudo o mais ali inscrito lhe não pertence. E ainda havia muito a ganhar, se as capitais da inscrição complementar fôssem menores do que as actualmente ali empregadas.

Honra-se esta classe académica com a posse de alguns bons latinistas; são seus membros alguns eminentes pro-

[1] A tal ponto Machado de Castro repudiou a autoria do projecto da Estátua, que requereu, obteve e publicou um certificado autêntico de que os desenhos do monumento, que lhe foram entregues para modêlo, foram obtidos por decalque rigoroso sôbre os que, no respectivo arquivo, existiam, entregues por Eugénio dos Santos. — *Nota de R. P.*

fessores da Faculdade de Letras: espero que a sua alta competência, interessando-se pelo assunto, a que só profanos poderão considerar como de ordem mínima, compense a insuficiência do confrade, que ao seu conhecimento veiu trazer esta exposição.

Fernandes Costa.

COHORTES BRACARAUGUSTANAS E LUSITANAS

Calcula-se que tivesse havido no império romano 600 a 700 cohortes, as quais nem todas necessáriamente teriam sido contemporâneas umas das outras.

Os nomes das cohortes são dadas principalmente pelas inscrições, porquanto os escritores pouco se referem a elas. A maioria das denominações dessas divisões de legião provinha dos povos onde elas foram levantadas e eram recrutadas.

O trabalho mais completo sôbre as cohortes, segundo julgo, é o que se encontra na magnífica *Paulys Real-Encyclopädie*, dirigida por Georg Wissowa e de que é autor Cichorius.

Para o estudo da estrutura das cohortes foi de precioso auxílio o achado no Egito do rol, datado do ano de 156 depois de Cristo, da *cohors I Augusta Lusitanorum*.

Como se sabe o actual território português estava na época romana dividido principalmente entre duas províncias da península hispanica: a Galiza e a Lusitânia. A primeira destas repartia-se em três conventos jurídicos, cabendo a maior parte do Além-Douro ao convento *BracarAugustano*.

Respigarei agora da citada enciclopédia só o que se

---

[1] VII. Halbband, Stuttgart, 1900, pág. 231.

refere ao convento bracaraugustano, que deu o nome a cinco cohortes.

Cohors I Bracaraugustanorum. Estava aquartelada na Dalmácia no comêço do império romano. Calcula-se que esteve depois de 99 a 134 na Mesia inferior.

Cohors I Bracaraugustanorum. Descobriram-se tejolos estampilhados com o nome desta cohorte na Dácia. Não se deve confundir com a acima mencionada a-pesar-de ter o mesmo número.

Cohors II Bracaraugustanorum. Só é mencionada uma vez na época de Trajano.

Cohors III Bracaraugustanorum. Existiu na Récia de 107 a 166.

Cohors III Bracaraugustanorum. Esteve de guarnição na Bretanha, a actual Inglaterra, no século II e não deve confundir-se com a mencionada acima.

Cohors III Brac. Encontrava-se na Palestina pelos anos 139.

Cohors III Valeria Bracarum. É mencionada como existindo na Trácia.

Cohors IIII Brac. Na Judea.

Cohors V Brac. Na Germânia e na Récia.

É curioso que ao passo que a *Galaecia* apresenta cohortes pelos três conventos que a compunham, a Lusitânia, província muito mais extensa e também dividida em três conventos, apresenta-se unida, se bem com maior número de cohortes que a província sua vizinha.

Cohors I Augusta Praetoria Lusitanorum equitata. Esteve na Judea e depois encontramo-la no ano de 156 no Egito. Um rolo de papiro dêste ano dá-nos a composição da cohorte, que contava 505 homens, a saber, 6 centuriões, 3 decuriões, 114 cavaleiros, 19 dromedarios e 363 infantes. Ainda existia no ano de 288.

Cohors I Lusitanorum. Conservou-se durante um século na Panonia.

Cohors I Lusitanorum Cyrenaica. Na Mesia.

Cohors II Lusitanorum (equitata?). No Egito.

Cohors II Lusitanorum (equitata?). Talvez na própria Lusitania.

Cohors III Lusitanorum equitata. Na Panónia e Germânia.

Cohors III Lusitanorum equitata. É indicada por uma inscrição encontrada em Portugal.

As *cohortes IIII, V, VI Lusitanorum* ainda não foram encontradas.

Cohors VII Lusitanorum (equitata). Na Numídia e depois na Récia.

Cohors Lusitanorum. As inscrições mencionam cohortes lusitanas na Sardenha e na Caria, mas sem darem o número de ordem.

Os srs. Cristóvam Aires e Leite de Vasconcelos, o primeiro no vol. 2.º da *História do Exército*, e o segundo nas *Religiões da Lusitânia* haviam-se já referido aos lusitanos e galegos incorporados no exército romano, no entanto as colheitas arqueológicas tem sido tão frutuosas desde essa data que permitiram entrar em pormenores até então ignorados e imprevistos. É de crer que desde a publicação do trabalho em que me baseei para esta notícia, os materiais tenham aumentado consideravelmente e que alguns problemas estejam já resolvidos e outros novos tenham surgido.

O espírito curioso vê por esta forma preencher com alguns elementos a história da província romana que se chamava a Lusitania, da qual nada se ocuparam os escritores da época imperial, devido à paz que reinou às na Hispânia até às invasões germânicas e árabes e às lutas da reconquista, que foram de ferocidade superior às que se desenvolveram noutros pontos do Império.

Pedro d'Azevedo.

XACUNTALÁ

Drama sânscrito de Calidaça traduzido do original
por Bernardino Gracias.
Com uma introdução por Monsenhor S. R. Dalgado

(Continuado do vol. XIII, pág. 436)

Interlúdio

(Entram o cunhado do rei, chefe da polícia e dois guardas trazendo um homem com as mãos atadas por de trás)

OS GUARDAS *(batendo-lhe)*

Ó ladrão! Dize onde é que apanhaste êste anel do rei, cuja pedra engastada tem gravado o seu nome.

O HOMEM *(com um gesto de medo)*

Tende piedade, respeitáveis senhores! Eu não sou autor de tal acto.

O PRIMEIRO

Foi então um presente dado pelo rei, julgando que eras um ilustre brâmane?

O HOMEM

Ora ouvi: eu sou pescador e moro em Xacravátara.

O SEGUNDO

Larápio! Acaso te perguntámos pela tua casta?

O CUNHADO DO REI

Súchaca! Deixa-o contar tudo; não o interrompas.

AMBOS

Como ordena o cunhado! Fala.

O HOMEM

Eu angario o sustento de minha família com rêdes, anzóis e outros meios de apanhar peixe.

O CUNHADO DO REI (*rindo-se*)

Bela profissão, na verdade!

O HOMEM

Meu senhor! Não faleis assim!

A ocupação que se herdou, embora se julgue repreensível, não se deve abandonar. O próprio brâmane, que é cruel no acto de matar uma vítima, pode ser terno de compaixão.

O CUNHADO DO REI

Adiante! Adiante!

O HOMEM

Certo dia, emquanto eu partia em postas uma carpa, vi dentro do seu ventre êste anel, que brilhava como uma gema. Em seguida, quando o expunha à venda, fui preso pelos respeitáveis senhores. Quer me solteis, quer me mateis, é essa a história da sua aquisição.

O CUNHADO DO REI

Jánuca! Sem dúvida êste vilão [1], que cheira a peixe,

---

[1] *Go-ghātī* significa literalmente «magarefe», epíteto insultante aplicado aos gatunos ou a pessoas de baixa condição.

é pescador, mas é preciso investigar como achou o anel. Vamos já ao paço real.

OS GUARDAS

Sim, meu senhor! Anda, gatuno! (*Dão todos uma volta*).

O CUNHADO DO REI

Súchaca! Guarda-o com cuidado à porta da cidade, emquanto, inteirando o amo de como o anel foi encontrado, recebo a sua ordem e volto.

AMBOS

Oxalá entreis na graça do Real Senhor!

(*Sai o cunhado*)

O PRIMEIRO

Jánuca! O facto é que o cunhado se demora!

O SEGUNDO

É preciso, na verdade, para se aproximar dos reis, aproveitar o ensejo.

O PRIMEIRO

Jánuca! As minhas mãos sentem o prurido de atar uma flor a esta vítima [1]. (*Dito isto, aponta para o homem*).

O HOMEM

Não é próprio de um homem digno ser assassino sem motivo.

---

[1] Os criminosos e as vítimas dos sacrifícios traziam flores na cabeça antes de ser executados.

O SEGUNDO (*olhando*)

Aí se vê o nosso chefe com um papel na mão; tendo recebido a ordem real dirige-se para aqui. Tu vais ser o alimento dos abutres ou verás a bôca de algum cão.

O CUNHADO DO REI (*entrando*)

Súchaca! Solta êsse pescador, pois é verdadeira a história da achada do anel.

SÚCHACA

Como ordena o cunhado!

O SEGUNDO

Êle voltou, depois de entrar na mansão de Yama[1].

(*Dito isto, desata o homem*)

O HOMEM (*fazendo vénia ao cunhado*)

Meu senhor! Então que tal é a minha profissão?

O CUNHADO DO REI

O amo manda tambêm dar-te êste presente, igual ao valor do anel.

(*Dito isto, dá dinheiro ao homem*)

O HOMEM (*rcebendo com vénia*)

Muito honrado sou por Sua Majestade!

SÚCHACA

Evidentemente, é favorecido aquele que, descendo do

[1] É o Plutão hindu, deus do inferno.

poste, onde se empalam os criminosos, é colocado sôbre o dorso do elefante.

JÁNUCA

Ó cunhado! O presente indica que o anel deve ser muito apreciado pelo rei.

O CUNHADO DO REI

Não penso que o amo considere muito a jóia pelo seu valor. Ao vê-la, o Real Senhor se recordou duma pessoa querida. Se bem que reservado de sua natureza, ficou perturbado no seu espírito.

SÚCHACA

É claro que o servistes bem!

JÁNUCA

Dize antes que foi êste marido da pescadora.

(Dito isto, olha o pescador com inveja)

O HOMEM

Respeitáveis senhores! Seja a metade dêste [dinheiro] o preço da vossa flor.

JÁNUCA

Assim é conveniente!

O CUNHADO DO REI

Ó pescador! Tu és um homem muito bom e tornaste-te agora um amigo querido. A nossa primeira amizade tem de ser atestada pelo vinho. Vamos já à loja do taberneiro.

TODOS

Pois sim!

(Dito isto, saem todos)

ACTO VI

(*Entra em scena, no seu carro aéreo, uma ninfa chamada Sanumati*)

SANUMATI

Já prestei o serviço que tem de ser feito alternadamente na piscina das ninfas. Agora, emquanto é tempo de abluções da boa gente, examinarei com os meus próprios olhos as notícias acêrca dêste rei-*rixi*. Na verdade, pelo meu parentesco com Ménaca, Xacuntalá tornou-se agora parte do meu corpo. E foi ela quem me encarregou do assunto relativo à filha. (*Olhando para todos os lados*). ¿Como é que se vê, pois, a casa do rei sem os preparativos para a celebração festiva da estação? Eu tenho o poder de adivinhar tudo por profunda meditação. Contudo, devo mostrar acatamento pela amiga. Ora, revestindo-me do véu que me torna invisível e estando a mover-me ao lado destas duas jardineiras, ficarei a averiguar. (*Dito isto, fingindo descer deixa-se estar*).

(*Entra uma rapariga olhando para a eflorescência da mangueira, e outra após ela.*)

A PRIMEIRA

Ó avermelhada e claro-verde eflorescência de mangueira, essência da vida do mês da primavera, eu te contemplo e te saúdo, sinal auspicioso da estação!

A SEGUNDA

Parabrítica! Que é o que estás a dizer em solilóquio!

A PRIMEIRA

Maducárica! Vendo os botões da mangueira, a *parabrítica* [1] fica inebriada.

A SEGUNDA (*aproximando-se, apressada, com entusiasmo*)

Como! Já chegou o mês de mel?

A PRIMEIRA

Ó Maducárica! Eis agora a tua quadra de embriaguez, amor e cânticos.

A SEGUNDA

Minha querida! Ampara-me emquanto vou pôr-me nas pontas dos pés e tirando um botão da mangueira, presto culto ao deus do Amor.

A PRIMEIRA

Se eu obtiver também a metade do fruto das tuas homenagens.

A SEGUNDA

Isso se faz mesmo sem se dizer, visto que nós ambas temos sem dúvida uma só vida embora o corpo esteja dividido em duas partes. (*Apoiando-se na amiga colhe um corimbo de mangueira*). Oh! O rebento da mangueira separado da haste torna-se odorífero, se bem que não inteiramente desabrochado.

(*Juntando as mãos*)

Ó rebento de mangueira, eu te ofereço ao
deus do Amor, que está a empunhar o arco.

---

[1] É a fêmea do cuco indiano.

Sê a mais excelente das suas cinco setas, tendo por alvo as jovens, cujos amantes estão longe!

(*Dito isto, arremessa o rebento da mangueira*)

O CAMARISTA (*entrando agastado e correndo precipitadamente a cortina*)

Não faças isso, mulher imprudente! Tendo Sua Magestade proìbido a festividade da primavera, como é que estás a colher os botões da mangueira?

AMBAS (*atemorizadas*)

Desculpe-nos, Senhor! Nós não fomos informadas da ordem.

O CAMARISTA

Então não ouvistes dizer que até as plantas vernais e os pássaros, que nelas se abrigam, obedecem à ordem do rei? Pois que

O botão de mangas, ainda que há muito brotado, não produz o seu pólen. A flor Curuvaca se bem que esteja para aparecer, continúa todavia em botão. O canto treme nas gargantas dos cucos, embora já tenha passado a estação do frio. Desconfio que o próprio Cupido, atemorizado, retrai a seta meio tirada da aljava.

AMBAS

Não há dúvida! O rei-*rixi* é de grande poder.

A PRIMEIRA

Senhor! Alguns dias passaram depois que nós ambas fomos enviadas aos pés de Sua Majestade por Mitravaçu,

cunhado do rei, e assim nos foi dado o encargo de cuidar do jardim de prazer. Por isso, por motivo de sermos estranhas, não soubemos do caso.

O CAMARISTA

Pois bem! Não procedais assim outra vez.

AMBAS

Senhor! Temos curiosidade de saber, se nos podeis dizer, porque é que Sua Majestade proìbiu a celebração da festa da primavera?

SANUMATI

Os homens na verdade, são amigos de festas. Deve ter sido por algum motivo grave.

O CAMARISTA

Porque não hei de contar o que já é do domínio público? Não chegou acaso aos vossos ouvidos o escândalo a respeito do repúdio de Xacuntalá?

AMBAS

Ouvimos da bôca do cunhado do rei o que se refere ao achado do anel.

O CAMARISTA

Pois neste caso, pouco há que dizer. Desde que, à vista do seu anel, Sua Majestade se recordou da verdade: «que Xacuntalá, outrora desposada por mim em segrêdo foi repudiada por infatuação», daí por diante o rei ficou repassado de remorsos, pois que

> Êle aborrece os prazeres e não é servido
> como dantes, todos os dias, pelos seus ministros.
> Passa as noites sem dormir, revolvendo-se até
> às bordas do leito. Quando, por civilidade, di-

rige a palavra às mulheres do harêm, erra nos seus nomes e fica por muito tempo desconcertado de vergonha.

SANUMATI

Agrada-me!

O CAMARISTA

Por causa dêste violento desarranjo mental é proìbida a festividade.

AMBAS

É justo!

NO POSCÉNIO

Venha Senhor, venha!

O CAMARISTA *(dando atenção)*

Oh! É para aqui que se dirige Sua Majestade. Ide fazer o vosso serviço.

AMBAS

Sim Senhor! *(Dito isto, saem)*.

(Entram então o rei, vestido em harmonia com o seu pesar, o bobo e a porteira)

O CAMARISTA *(olhando para o rei)*

Oh! O encanto de belezas não vulgares subsiste em todos os maus estados. Assim Sua Majestade tem um aspecto amável, pôsto que esteja desassossegado, pois

Desdenha as formas superiores de adôrno e traz um só bracelete de ouro, cingido no antebraço esquerdo; tem os beiços exangues, devido aos suspiros e os olhos muito vermelhos por falta de sono, devido à ansiedade. Mas, em virtude do próprio lustre, não se nota estar

extenuado, assim como uma grandiosa gema desgastada pelo polimento.

SANUMATI (*olhando para o rei*)

Com muita razão, de certo Xacuntalá se apoquenta por causa dêle, a despeito de desonrada pelo repúdio.

O REI (*andando vagaroso, por estar a meditar*)

Dantes, o meu coração entorpecido estava em letargo, embora estivesse a ser despertado pela minha amada, de olhos de gazela. Agora está completamente acordado pelo pesar do remorso.

SANUMATI

Tal é também a sorte da penitente.

O BOBO (*voltando-se para o lado*)

Êle está outra vez atacado de febre por amor de Xacuntalá. Não sei como há de ser curado.

O CAMARISTA (*aproximando-se*)

Viva Sua Majestade! Viva! Grande soberano! O recinto do jardim de delícias está inspeccionado. Entrai quando quiserdes nos lugares de divertimento.

O REI

Vetrávati! Vai dizer em meu nome ao ministro Ária Pixuna que, por termos estado com insónias durante muito tempo, não nos é possível tomar assento no tribunal de justiça e que êle nos submeta, escrito em um papel, qualquer assunto público que tenha sido por êle examinado.

A PORTEIRA

Como Sua Majestade ordena. (*Dito isto, sai*).

O REI

Vatáiana! Tu também não abandones o teu pôsto.

O CAMARISTA

Como Sua Majestade ordena. (*Sai em seguida*).

O BOBO

Vossa Majestade afugentou as moscas do logar. Podes agora distrair-te neste sítio do jardim de delícias, agradável pela frescura, ocasionada pela interceptação do calor do sol.

O REI

Amigo! É sempre verdadeiro o provérbio que diz o seguinte: «os infortúnios precipitam-se pelo primeiro buraco»; eis porque:

> Logo que a minha alma ficou desembaraçada das trevas que impediam a lembrança dos meus amores com a filha do eremita, uma frecha de eflorescência de mangueira, meu amigo, foi armada no arco por Cupido, para ser arremessada.

O BOBO

Espera, emquanto vou destruir com êste bordão a seta do deus do Amor (*Dito isto, pretende fazer cair o corimbo da mangueira, erguendo o bordão*).

O REI (*sorrindo-se*)

Está bem! Já vi o poder dum brâmane. Amigo! Onde

me irei sentar e deleitar a minha vista nas plantas que se assemelhem um tanto à minha amada?

O BOBO

Não é verdade que Vossa Majestade ordenou à sua fâmula particular, Chatúrica, o seguinte?: «vou passar estas horas no caramanchão de jasmineiros; traze por isso, o retrato da senhora Xacuntalá, pintado por minha própria mão sôbre uma tábuazinha de quadro.»

O REI

Tal lugar servirá de distracção ao meu espírito. Mostra-me, pois, o caminho para lá.

O BOBO

Por aqui, Real Senhor, por aqui! (*Ambos passeiam. Sanumati segue-os*).

O BOBO

Eis aqui o caramanchão de jasmineiros, provido dum banco de mármore, que sem dúvida parece saùdar-nos com a delícia dos seus dons de flores. Entre Vossa Majestade e sente-se.

(*Entram ambos e sentam-se*).

SANUMATI

Abrigado pela trepadeira, vou ver o retrato de minha amiga. Depois informá-la hei do ardente amor de seu marido. (*Em seguida, fá-lo assim e fica*).

O REI

Amigo! Recordo-me agora de tudo o que anteriormente ocorreu com Xacuntalá. Já te contara isso. Tu não

estavas a meu lado na ocasião do repúdio, nem nunca antes mencionaste o nome desta donzela. Estarias também esquecido como eu?

O BOBO

Não estava esquecido; mas, depois de me contares tudo, em conclusão declaraste-me também que isso eram palavras de gracejo e não cousa real. E eu, cuja inteligência é como uma bola de barro, assim o considerei. Mas o fado é decerto poderoso.

SANÚMATI

Assim o é na verdade.

O REI (*meditando*)

Vale-me, meu amigo!

O BOBO

Que é isso, Senhor? Certamente não é conveniente em ti tal cousa! Grandes homens nunca se tornam presa da dor; de facto, os montes não tremem por estar expostos aos ventos.

O REI

Meu companheiro! Fico muitíssimo desolado, ao lembrar-me do estado da minha amada, repelida sem motivo, pois ela

> Em conseqüência do repúdio, quando pretendia seguir daqui a sua gente e o discípulo do Mestre, a exemplo dêste, lhe disse em voz alta repetidas vezes: «fica», lançou em mim inexorável de novo um olhar cheio de torrentes de lágrimas. É isto que me atormenta como uma seta envenenada.

SANUMATI

Oh! Tal é o interêsse no objecto próprio que tomo prazer na sua angústia.

O BOBO

Senhor! A minha opinião é que a donzela foi arrebatada por alguêm que vagueava nos ares.

O REI

Quem outro ousaria tocar na mulher, de quem o marido é deus? Já ouvi dizer que Ménaca é a mãe da tua amiga. Por isso o meu coração desconfia que ela foi arrebatada pelas suas companheiras.

SANUMATI

É na verdade para se admirar o esquecimento e não a recordação.

O BOBO

Se assim é, has de com certeza encontrar a donzela com o tempo.

O REI

Como assim?

O BOBO

Sem dúvida, nenhuns pais são capazes de ver a sua filha sofrer, pela separação do marido.

O REI

Meu amigo!

Teria sido sonho, ou ilusão mágica, ou aberração mental? Ou é o fruto dos meus bons actos que passa por provações? Desfez-se certamente isto para não mais voltar e tornou-se o íngreme precipício das minhas esperanças.

O BOBO

Não digas isso. Não é acaso êste anel a prova de que pode dar-se um encontro inesperado com o que há de necessáriamente acontecer?

O REI (*olhando o anel*)

Oh! É para lamentar esta queda dum sítio para onde não é fácil de voltar.

Na verdade, ó anel, o merecimento dos teus bons actos assim como dos meus, prova-se ser muito módico pela recompensa, visto que caíste, depois de teres alcançado lugar nos seus dedos, de unhas nacaradas e encantadoras.

SANUMATI

Se fôsse parar a outra mão, seria de certo para deplorar.

O BOBO

Senhor! Por que motivo obteve o anel o contacto com a mão da donzela?

SANUMATI

A minha curiosidade também o incitaria a dizer.

O REI

Ouve: A minha amada disse-me entre lágrimas, quando eu partia para a capital; «quando é que o filho de meu sogro me dará suas notícias?»

O BOBO

E depois?

O REI

Introduzindo em seguida no seu dedo êste anel, respondi-lhe:

«Conta aqui em cada dia, uma a uma, as

letras do meu nome, até chegares ao fim; então, minha querida, um homem virá à tua presença, que te há-de conduzir até a porta do meu serralho ».

Mas eu, desalmado, não o cumpri, por vaidade.

SANUMATI

Realmente a bela combinação foi frustrada pelo destino.

O BOBO

E como é que êle esteve metido no ventre da carpa apanhada pelo pescador?

O REI

Deve ter caído na corrente do rio da mão da tua amiga, ao prestar homenagem à piscina de Xachi.

O BOBO

E natural!

SANUMATI

Daí certamente nasceu a dúvida sôbre o casamento do rei-*rixi*, receoso de injustiça, com a penitente Xacuntalá. Mas também como é que semelhante dedicação aguardava o reconhecimento?

O REI

Vou já repreender êste anel!

O BOBO (*à parte*)

Vai pelo caminho dos doidos!

O REI

Porque é que, abandonando uma mão de belos e dedicados dedos, mergulhaste na água?

Mas

É claro também que um objecto inanimado não pode apreciar bem a excelência [do possuidor]. ¿Como é que eu próprio desprezei a minha amada?

O BOBO (*à parte*)

Ai! Que tenho uma fome devoradora!

O REI

Ó abandonada sem motivo! Compadece-te com nova visita dêste homem, cujo coração está ralado de remorsos.

(*Entra a fâmula pelo violento correr da cortina trazendo um quadro na mão*)

CHATÚRICA

Eis a senhora posta em pintura. (*Dito isto apresenta o quadro*).

O BOBO

Belo, amigo! A imitação da natureza é encantadora nas suas posturas; julgo que a minha vista topa com saliências e depressões.

SANUMATI

Oh! Que mestria a do rei-*rixi*. Parece-me que a minha amiga está diante de mim.

O REI

Tudo quanto não seja belo na pintura é executado defeituosamente; a sua formosura, contudo, está algum tanto imitada pelo desenho.

SANUMATI

Isto é próprio do amor e da modéstia de quem está acabrunhado pelo remorso.

O BOBO

Ó meu senhor! Vêem-se agora três senhoras, todas formosas e belas. Qual delas é Xacuntalá?

SANUMATI

De certo que êste homem de vista curta não é apreciador de semelhante beleza.

O REI

Ora qual delas é que julgas?

O BOBO

Julgo ser aquela que é desenhada como que ligeiramente fatigada ao lado da mangueira, cujos tenros rebentos luzem pela rega; com os braços estendidos dum modo peculiar; com o rosto onde se notam gotas de suor; com tranças de cabelo donde as flores estão a cair com a fita desatada. É essa a Xacuntalá e as outras duas são suas companheiras.

O REI

Tu és sagaz. Eis aqui o sinal da minha paixão:

A suja impressão dos meus dedos transpirantes
vê-se nas bordas do quadro e nota-se esta lágrima caída do meu rosto, por ter apagado a côr.

Chatúrica! Está em meio a pintura dêste terreno sobranceiro ao jardim. Vai, pois, buscar-me já o pincel.

CHATÚRICA

Senhor Matávia! Segure o quadro emquanto não volto.

O REI

Eu mesmo pegarei nêle. (*Em seguida faz como diz*).

(*Sai a rapariga*).

O REI

Pois eu,

Tendo antes repudiado a minha amada, quando veio em pessoa, e dando-lhe amiúde muita importância, agora que está posta em pintura, tornei-me, meu amigo, sequioso da água da miragem, devido ao amor, tal como depois de ter atravessado um rio caudaloso no meu caminho.

O BOBO (*à parte*)

El-rei, depois de passar o rio, deixou-se seduzir pela miragem. (*Em voz alta*) Meu Senhor! Que resta mais a pintar aqui?

SANUMATI

Êle teria vontade de pintar todos os lugares favoritos da minha amiga!

O REI

Ouve:

É preciso delinear o rio Málini, com um casal de cisnes a pousar na sua margem de areia, e de um e outro lado os sagrados montes vizinhos do Himalaia, com alguns veados reclinados; e debaixo duma árvore, de cujos ramos pendem hábitos monacais, desejo pintar uma corça esfregando o ôlho esquerdo na haste duma negra antílope.

O BOBO (*à parte*)

Pelo que vejo, êle quereria encher o quadro com multidões de penitentes, de barbas compridas.

O REI

Meu amigo! Há ainda outro adôrno de Xacuntalá que tencionava aqui desenhar e me esqueceu.

O BOBO

Qual é êle?

SANUMATI

Alguma cousa que será peculiar à mocidade e à habitação florestal.

O REI

Não pintei, meu amigo, a flor de *xirixa*, [1]
com o seu pedúnculo metido na orelha e os
estames pendentes nas suas faces, nem desenhei
ao meio do seu peito um colar de talos de
ninfeias, brandos como os raios da lua de outono.

O BOBO

Ó meu senhor! Porque é que ela está a velar a face com os dedos da mão, belos como as pétalas do lódão vermelho, como se estivesse muito atemorizada? (*Examinando de perto e depois de ver*). Ah! Eis a malvada abelha, gatuna do néctar das flores, a qual acomete a bôca da raínha.

O REI

Pois então enxota a atrevida.

O BOBO

Vossa Majestade, que pune os maus, é que tem o poder de a impedir.

O REI

É justo! Ó hóspede favorito das plantas de flores! Porque é que tomas o incómodo de adejar por aqui?

Eis aí a abelha fêmea, tua fiel companheira,
pousada sôbre uma flor, a qual, embora sequiosa,

[1] Vid. a nota 1, pág. 2055 do vol. XI.

espera por ti e não quero absorver o néctar sòzinha.

SANUMATI

Ela é, na verdade, censurada com polidez.

O BOBO

Estes insectos, embora repelidos, são teimosos.

O REI

Ah! Tu não obedeces à minha ordem! Pois ouve então:

Se tu, ó abelha, pousares no lábio nacarino da minha amada, encantador como a florescência intacta duma planta nova, o mesmo que eu sorvi com ternura em ocasiões amorosas, far-te hei prender no interior duma ninfeia.

O BOBO

Como! Não terás medo dum castigo tão severo? (*Rindo-se, à parte*). Êle está já demente e eu com a sua companhia parece que digo também tais cousas! (*Em voz alta*). Ó meu senhor! isto é apenas uma pintura.

O REI

Quê? Pintura?

SANUMATI

Eu própria agora não dei por tal; quanto menos perceberia êle que isso é pintado?

O REI

Ó meu amigo! Porque é que praticaste êsse acto de mau gôsto?

Transformaste outra vez a minha amada em

pintura, avivando a minha memória, agora que saboreava a felicidade de a mirar, como se estivesse diante dos meus olhos, enchendo-me com ela o coração.

(*Dito isto, limpa as lágrimas*).

SANUMATI

É singular êste procedimento depois da separação, em que os antecedentes se opõem à sua atitude actual.

O REI

Meu amigo! Sinto uma dor incessante.

Torna-se baldado o encontrar-me com ela em sonho visto estar acordado e as lágrimas tambêm me não permitem vê-la em pintura.

SANUMATI

Expiaste completamente o mal do repúdio de Xacuntalá!

CHATÚRICA (*entrando*)

Seja vitorioso, Real Senhor, seja vitorioso! Eu vinha para aqui, segurando a caixa de tintas...

O REI

E depois?

CHATÚRICA

A meio do caminho, a rainha Vaçumati, acompanhada de Tarálica, arrancou-a violentamente da minha mão, dizendo: « Eu própria levá-la hei a meu marido. »

O BOBO

Felizmente tu escapaste!

CHATÚRICA

Emquanto Tarálica desembaraçava o manto da rainha preso a um ramo, puz-me a salvo.

O REI

Meu amigo! Está a chegar a rainha, que se faz orgulhosa pela grande consideração que tenho por ela. Guarda o quadro.

O BOBO

Dize que [me guarde] a mim mesmo! (*Segurando o quadro e erguendo-se*). Se Vossa Majestade se livra do veneno do serralho, manda-me chamar ao palácio denominado *Megapratichanda*. (*Dito isto sai a passo apressado*).

SANUMATI

Ainda que o seu coração passou para outrem, êle respeita as afeições anteriores; agora deve ter o afecto mais frouxo.

A PORTEIRA (*entrando com um papel na mão*)

Seja vitorioso, Vossa Majestade, seja vitorioso!

O REI

Vetrávati! Não viste acaso no caminho a rainha?

A PORTEIRA

Sim, Senhor! Mas vendo-me com o papel na mão, voltou para trás.

O REI

Cônscia do dever, evita estorvar os meus negócios.

A PORTEIRA

Real Senhor! O primeiro ministro informa que, por motivo da extensão do cálculo das verbas de receita, submete ao vosso exame apenas um caso que se deu na cidade, e que Vossa Majestade, portanto, lance uma vista sôbre o que está exposto neste papel.

O REI

Passa-me o papel. (*A porteira entrega-o*).

O REI (*lendo*)

Como é isto? «Um mercador chamado Danamitra, que comerciava no mar, pereceu em um naufrágio e o activo homem não deixa prole e toda a sua riqueza acumulada vai para o rei.» Assim escreve o ministro. É realmente deplorável a falta de filhos. Sendo bastante rico, essa ilustre personagem devia ter muitas mulheres. Investigue-se se há entre elas alguma que esteja grávida.

A PORTEIRA

Real Senhor! Diz-se que sua mulher, filha do chefe duma associação mercantil de Aiódia, acaba agora mesmo de celebrar a cerimónia do crescimento do feto ([1]).

O REI

Sem dúvida a criança que está no ventre tem direito à herança paterna. Vai dizer isto ao ministro.

A PORTEIRA

Como Vossa Majestade ordena. (*Dito isto, vai sair*).

---

[1] É uma das doze cerimónias prescritas por Manu e que se segue à da concepção.

O REI

Faça favor de voltar.

A PORTEIRA

Cá estou.

O REI

Que importa que haja dêle prole ou não.

Proclame-se que, embora os meus súbditos fiquem privados de algum parente querido, Duxianta lhes valerá em seu logar, excepto ao criminoso.

A PORTEIRA

Assim se proclamará de facto. (*Saindo e tornando a entrar*). A ordem de Vossa Majestade foi festejada, tal como uma bátega de chuva na estação própria.

O REI (*suspirando longa e profundamente*)

Oh! É assim que passam a um estranho, pela morte do homem que representa o progenitor primordial, os bens das famílias, privadas do sustentáculo, pela interrupção da progénie. Assim será também, por meu decesso, a fortuna da dinastia de Púru, tal como o campo semeado fora da estação.

A PORTEIRA

Para longe vá o mau agouro.

O REI

Ai de mim, que desprezei as venturas que se me ofereciam.

SANUMATI

Não há dúvida que repreende a si próprio, pensando intimamente na minha amiga.

O REI

Se bem que ia ter um descendente repudiei todavia a minha mulher legítima, glória da minha família, como a terra que, semeada na estação adequada, se torna apta para dar abundante fruto.

SANUMATI

A tua família continuará agora sem interrupção.

CHATÚRICA (*à sua vizinha*)

Oh! Êste caso do mercador fez desconcertar e excitar o nosso amo; vai chamar o nobre Matávia ao palácio Megapratichanda, para o confortar.

A PORTEIRA

Dizes bem. (*Dito isto, sai*).

O REI

Ai de mim! Os progenitores de Duxianta estão em sobressalto, porque

Pensando assim: «Oh! Quem há-de depois dêste na nossa família oferecer oblações preparadas conforme as escrituras?», provávelmente os meus predecessores beberão tão sómente a água das lágrimas luzentes que eu, destituído de progénie, estou a verter.

(*Dito isto, cai com delíquio*).

CHATÚRICA (*olhando assustada*)

Meu Senhor! Sossegue, sossegue!

SANUMATI

Oh! Mas que pena! Apesar de ter um candieiro, êste homem experimenta o mau efeito da escuridão por causa do anteparo. Vou já dar-lhe a felicidade; mas eu ouvi da bôca da mãe do grande Indra quando consolava Xacuntalá, que os próprios deuses ávidos do seu quinhão do sacrifício, farão de modo que o mais cedo possível o marido se reconcilie com sua legítima mulher. Convêm portanto, aguardar esta ocasião. Entretanto, vou consolar a minha querida amiga com esta notícia. (*Dito isto, desaparece dum salto*).

NO POSCÉNIO

Não me mates, não me mates!

O REI (*depois de recobrar os sentidos; prestando ouvidos*)

Oh! Parece-me que é um grito de socorro de Matávia. Olá! Quem está aí? Queira vir!

A PORTEIRA (*entrando*)

Socorrei, Senhor, ao vosso amigo, que está em perigo!

O REI

Quem é que o ataca?

A PORTEIRA

Alguêm, invisivel, que entrou e o arrebatou para a tôrre do palácio Megapratichanda.

O REI (*erguendo-se*)

É demais! Até os meus paços são assaltados por espíritos malignos; mas

Tambêm é-me impossível averiguar bem as minhas próprias faltas do descuido de cada

dia. Há aí poder para conhecer em cada caso que caminho trilhou cada um dos meus súbditos?

NO POSCÉNIO

Ó meu amigo! Acode, acode!

O REI (*caminhando apressado*)

Não tenhas medo, amigo!

NO POSCÉNIO (*repetindo o mesmo*)

Como não terei medo! Alguêm torce violentamente o meu pescoço, já inclinado para trás, como uma seta.

O REI (*lançando um olhar*)

Depressa! O meu arco!

UMA ESCRAVA (*entrando com o arco na mão*)

Real Senhor! Eis o arco armado do braçal!

(*O rei empunha o arco e as setas*).

NO POSCÉNIO

Estou sequioso do fresco sangue do teu pescoço! Vou matar-te a ti que estás a debater-te, como o tigre mata uma rez. Seja agora teu protector êsse Duxianta, que se arma do arco para dissipar o medo dos oprimidos.

O REI (*agastado*)

Como! Êle me insulta! Espera aí, monstro! Já não viverás mais! (*Montando o arco*). Vetrávati! Mostra-me o caminho da escada.

A PORTEIRA

Por aqui, Real Senhor, por aqui!

(Todos avançam apressadamente).

O REI *(olhando para todos os lados)*

Mas isto está deserto!

NO POSCÉNIO

Socorro! Socorro! Eu vejo-te e tu não me vês. Como o rato colhido pelo gato, perco a esperança de viver.

O REI

Ó tu que te orgulhas de te tornar invisível, a minha seta ver-te há. Arma a seta

Aquele que te vai matar a ti digno de morte e que poupa o brâmane, que será salvo. Pois o cisne bebe o leite e deixa a água, misturada com êle [1].

(Dito isto, arma a seta).
(Entra então Mátali, largando o bobo).

MÁTALI

Indra fez dos demónios o alvo das tuas setas. Contra êles dirige, pois, o teu arco. Sôbre uma pessoa amiga os homens bons não arremessam as terríveis setas, mas olhares ternos de benovolência.

---

[1] Crêem os hindus que o cisne tem a faculdade de separar o leite da água, quando se acham misturados. É um preconceito de origem mítica, a que os poetas indianos aludem com freqüência.

O REI (*retirando a arma*)

Ó Mátali! Bemvindo, cocheiro do grande Indra!

O BOBO (*entrando*)

Aquele que ia matar-me, como uma vítima de sacrifício, é saudado pelo rei com boas vindas!

MÁTALI (*sorrindo-se*)

Ó Longevo! Ouve a razão por que sou enviado por Indra à presença de Vossa Majestade.

O REI

Estou atento.

MÁTALI

Há uma raça de demónios, chamados Durjaias, descendentes de Calanemi.

O REI

É verdade que há. Já ouvi falar neles a Nárada[1].

MÁTALI

Pois o teu amigo Indra não pode subjugá-los
e nomeia-te para os desbaratar, à frente do
combate. Aquela escuridão nocturna, que o sol
não tem o poder de dissipar, remove-a a lua.

Assim Vossa Majestade, agora, munido de armas, sobe para o carro de Indra e marcha para a vitória.

O REI

Fico muito reconhecido por essa grande honra do generoso Indra. Mas porque é que procedeste dessa forma para com Matávia?

---

[1] É o mensageiro dos deuses, o Mercúrio da mitologia hindu.

MÁTALI

Vou também explicá-lo. Vi que Vossa Majestade estava quebrantado por agitação mental, devido a qualquer motivo. Procedi, por isso, daquele modo para despertar a ira de Vossa Majestade, pois,

O fogo atiça-se quando se remexe a lenha; a cobra de capelo, quando excitada, expande o seu capelo. Assim o homem recobra geralmente a sua coragem, quando agastado.

O REI (*ao seu vizinho*)

Meu amigo! Não se pode transgredir a ordem do senhor do céu. Informa portanto dêste caso o ministro Pixuna e dize-lhe em meu nome o seguinte:

«Ocupe exclusivamente o seu espírito em proteger os meus súbditos. Êste meu arco armado está empenhado em outro ofício».

O BOBO

Como Vossa Majestade ordena (*Dito isto, sai*).

MÁTALI

Suba Vossa Majestade para o carro.

(*O rei entra no carro*).
(*Em seguida, saem todos*).

ACTO VII

(*Entram, sentados no carro aéreo o rei e Mátali*)

O REI

Mátali! Embora eu tenha cumprido a ordem de Indra, considero-me indigno depois de tão distinta recepção.

MÁTALI (*sorrindo-se*)

Ó Longevo! Quere-me parecer que não estão satisfeitos nem um nem outro.

Vossa Majestade supõe insignificante o benefício que acabou de fazer a Indra, à vista da alta honra [agora recebida]. Êle também julga de pouco valor as conspícuas distinções [conferidas] a Vossa Mejestade, embevecido na sua proeza.

O REI

Não, Mátali! Não digas tal. A honorificência por ocasião da minha despedida foi sem dúvida além das minhas aspirações, pois

Uma grinalda de Mândara[1], manchada de sândalo amarelo, por se ter roçado no seu peito, foi atada em volta do meu pescoço, quando fui mandado sentar na metade do trono, em presença dos deuses, por Indra, que se sorria e olhava para Jaianta[2], o qual estava ao lado, almejando a mesma honra.

MÁTALI

Mas que é o que Vossa Majestade não merece do rei dos deuses? Olha:

O céu de Indra, amigo dos deuses, ficou livre da praga dos demónios por dois meios: agora, por tuas setas com os nós aplanados, e, outrora, pelas garras do homem-leão[3].

---

[1] É uma das cinco árvores do céu de Indra, as quais estão sempre em flor.

[2] Filho de Indra e de sua mulher favorita Xáchi ou Paulomi.

[3] É o quarto *avatara* ou encarnação do deus Vixnu.

O REI

A glória dessa honraria é certamente de Indra!

Quando os delegados teem bom êxito em grandes emprêsas, fica tu sabendo que é isso o resultado da graça dos seus amos. Como é que a aurora poderia dissipar as trevas se o sol a não colocasse à frente [do seu carro]?

MÁTALI

Isso é muito justo! (*Avançando um pouco*). Ó Longevo! É aqui. Olha: A sublimidade da tua fama chegou à abóbada celeste.

Estes moradores do céu desenham as tuas proezas no vestuário feito da árvore calpa [1] com as tintas que restaram dos ungüentos das beldades celestiaes, e pensam na composição de versos acomodados ao canto.

O REI

Mátali! Quando ontem subia ao empíreo, com ardor de combater os demónios, não observei a estrada do céu. Que caminho dos ventos [2] estamos agora seguindo?

MÁTALI

Êles chamam esta estrada, liberta das trevas pela segunda passada de Hari [3], a do vento

---

[1] Uma das cinco árvores celestiais, a qual ministra tudo o que se deseja.

[2] Os hindus admitem a existência de sete estradas nos céus, atribuindo-lhes a cada uma o seu vento particular.

[3] Outro nome do deus Vixnu, que no seu 5.º *avatara* tomou a forma de um anão e com duas passadas despojou o demónio Báli do domínio da terra e do céu.

Parivaha, o qual leva o rio de tríplice curso [1],
nascido no céu, e faz revolver as estrêlas [da
Ursa-maior], distribuindo os seus raios.

O REI

É por isso que, Mátali, sentem repouso os meus órgãos internos e externos. (*Olhando para as rodas do carro*) Estamos a descer para o caminho das nuvens.

MÁTALI

Como sabe isso?

O REI

Pelos cucos que voam através dos intervalos
dos raios [das rodas] e pelos cavalos que resvalam ao fuzilar dos relâmpagos, o teu carro,
os aros de cujas rodas estão molhados de orvalho, indica a nossa jornada sôbre as nuvens,
que teem os ventres prenhes de chuva.

MÁTALI

Daqui a momentos, Vossa Majestade estará em terreno do vosso domínio.

O REI (*olhando para baixo*)

Em virtude da rápida descida o mundo dos homens parece de maravilhoso aspecto; pois que

A terra como que desce do cume dos elevados montes. As árvores, pela saliência dos
seus troncos, perdem a qualidade de estarem
envolvidas por folhagem. Os rios, cujas águas
tinham desaparecido pela pequenez, tornam-se

[1] É o Ganges, rio sagrado, que se supõe nascer num dedo do pé de Vixnu e correr em três cursos: pelo céu, pela terra e pelas regiões infernais.

visíveis, em virtude da sua expansão. Olha! Parece que a terra é trazida a meu lado por alguém que a impele para cima.

MÁTALI

Bem observado! (*Olhando com muito acatamento*). Oh! É magnífica e aprazível a terra.

O REI

Mátali! Que montanha é essa que aí se vê, banhada pelo oceano oriental e ocidental e vertendo uma corrente de ouro, como um portal de nuvens à tarde?

MÁTALI

Ó Longevo! É, na verdade, o monte dos Kimpuruxas [1], chamado Hemacuta, campo de perfeita penitência. Olha:

Aquele Prajápati, que procede de Marícha,
filho de Bramá, pai dos deuses e dos demónios,
pratica aqui penitência com sua mulher.

O REI

Não devo por isso deixar passar uma oportunidade tão propícia. Desejo prosseguir, depois de prestar homenagem ao Venerável.

MÁTALI

Nobre intento!

(*Descem por mímica*).

O REI (*maravilhado*)

As rodas do carro não fazem ruído e não

---

[1] Servos de Cuvera, deus da riqueza, representados com corpo humano e cabeça de cavalo.

levantam poeira. O carro que tu guias, não se nota ter descido por não tocar na superfície da terra.

MÁTALI

Tal é a diferença entre o carro de Indra e o de Vossa Majestade.

O REI

Mátali! Em que sítio é o eremitério de Marícha?

MÁTALI (*indicando com a mão*)

É aí onde está aquele asceta, em direcção ao astro solar, imóvel como o tronco da árvore, com o corpo meio enterrado nos montículos de formiga branca, com o peito envolvido em peles de serpentes, apertando-lhe demasiado o pescoço um colar de elos de trepadeira sêca e trazendo um círculo de cabelos entrançados, que cobrem os ombros e estão cheios de ninhos de pássaros.

O REI

Eu te saúdo, homem de austera penitência!

MÁTALI (*puxando as rédeas aos cavalos do carro*)

Ó grande rei! Eis que somos chegados ao eremitério de Prajápati, que possúi a árvore de Mândara, criada por Áditi.

O REI

É um sítio muito mais delicioso que o céu. Parece que estou imerso num lago de ambrósia.

MÁTALI (*parando o carro*)

Apeie-se, ó Longevo!

O REI (*descendo*)

Mátali! Que fazes tu agora?

MÁTALI

Detive já o carro e vou também descer. (*Fazendo assim*). É por aqui, ó Longevo! (*Passeando*). Olhe para os terrenos do eremitério dos reverendos ríxis.

O REI

Miro certamente com admiração

[Os lugares] onde êstes praticam a penitência e que outros religiosos ambicionam por suas austeridades; onde é subsistência comum de vida o ar da floresta na qual se acha a árvore *calpa;* onde se praticam abluções religiosas na água amarela com o pólen de áureos lódãos; onde há meditação sôbre lousas de mármore, embutidas de gemas e onde há repressão das paixões pela presença de ninfas celestiais.

MÁTALI

Na verdade, as aspirações dos grandes aumentam sempre. (*Passeando. Para o ar*). Ó Vridaxacália! Que faz o venerável Marícha? Que dizes? «Sendo interrogado por Daexaiani acêrca do dever da mulher dedicada ao marido, está a dar-lhe explicações em companhia das mulheres dos grandes ríxis»?

O REI (*prestando atenção*)

Oh! E preciso sem dúvida esperar pelos religiosos.

MÁTALI (*olhando para o rei*)

Sente-se Vossa Majestade na raiz desta árvore de

axoca[1], emquanto vou saber da oportunidade de falar ao pai de Indra.

O REI

Como entenderes. (*Dito isto, pára*).

MÁTALI

Ó Longevo! Vou fazer [o que disse] (*Dito isto, sai*).

O REI (*indicando um preságio*)

Não espero conseguir o meu desejo. Porque é que estremeces em vão, ó meu braço? Pois a felicidade antes desprezada converte-se em dor.

NO POSCÉNIO

Não faças travessuras. Como! Já terá êle adquirido o seu estado normal?

O REI (*prestando atenção*)

Não é êste um lugar para imprudências; a quem estarão então a dissuadir? (*Olhando em direcção da voz; sorrindo-se*). Oh! Quem é êste menino, de aparência não infantil, servido por duas religiosas?

Êle puxa com fôrça, para brincar com êle, um pequeno leão, que mamou a meio a teta da mãe e cuja juba está desordenada pelos maus tratos.

(*Entra então uma criança entretida como fica dito, acompanhada de duas religiosas*).

A CRIANÇA

Abre a tua bôca, ó leão! Vou contar os teus dentes.

---

[1] Jonesia asoka.

A PRIMEIRA

Traquinas! Porque é que molestas os animais, que não diferem de nossos filhos? Olha! Vai desenvolvendo-se a tua energia; de facto, com muita propriedade te foi dado pela gente dos ríxis o nome de Sarvadámana [1].

O REI

Como! O meu coração se enternece por esta criança, como se fôra meu próprio filho! Certamente a falta de filhos me atrai [para êle].

A SEGUNDA

Esta leôa com certeza há-de investir contigo, se não largas o seu filho!

A CRIANÇA (*rindo-se*)

Oh! Sem dúvida, tenho muito medo! (*Dito isto, estende-lhe o lábio inferior*).

O REI

Parece-me que esta criança possui o gérmen de grande pujança. Está como o fogo dormente, esperando por lenha [para se atear].

A PRIMEIRA

Menino! Deixa o reizinho dos animais! Depois dar-te hei um brinquedo.

A CRIANÇA

Onde é que êle está? Dá-mo. (*Dito isto, estende a mão*).

O REI

Como! Tambêm êle traz o emblema de imperador universal, pois

A sua mão estendida para pedir a cousa cu-

[1] «Domador de tudo».

biçada, tem os dedos unidos por uma rêde, tal como um lódão, cujos interstícios se não percebem, desabrochando ao romper da aurora, com o clarão apenas aceso.

A SEGUNDA

Súvrata! Não é possível contentá-lo tão-sòmente com palavras. Vai à minha cabana, onde está um pavãozinho de louça, pintado de várias côres, que pertence a Marcandeia, filho do *rixi*. Traze-o para êle.

A PRIMEIRA

Está bem. (*Dito isto, vai-se embora*).

A CRIANÇA

Hei-de brincar tão-sòmente com êste. (*Dito isto, olha para a penitente e ri-se*).

O REI

Estou, na verdade, tocado de simpatia por êste travesso.

Ditosos os que, apesar de sujos pelo pó dos seus membros [infantis], pegam nos seus filhos, que procuram o abrigo dos seus regaços, tendo apenas visíveis os dentes pelos sorrisos angélicos tentando dizer palavras encantadoras em sílabas indistintas.

A RELIGIOSA

Ora! Êle não faz caso de mim! (*Olha para trás*). Está aí algum dos filhos de *rixi?* (*Olhando para o rei*). Nobre senhor! Queira vir soltar o pequeno leão, que está sendo atormentado, em brincadeira infantil, por êste, de cujas mãos difícil é soltar a presa.

O REI (*aproximando-se e sorrindo*)

Olá! Filho de grande *rixi!* Tal como os filhos da cobra negra que infestam o sândalo, porque é que ofendes assim, com o teu proceder, contrário às regras do eremitério, à clemência inata que se compraz até em proteger os animais?

A RELIGIOSA

Gentil senhor! Êle não é filho de *rixi.*

O REI

Bem o diz o seu procedimento, em harmonia com a sua fisionomia. Mas assim pensei em vista do lugar [onde estou].

(*Aquiescendo ao pedido, pretende pegar na criança. Áparte*).

Tal é a alegria no meu corpo por tocar neste rebênto duma família estranha. Que felicidade não causará êle ao coração daquele ditoso de quem procede!

A RELIGIOSA (*olhando para ambos*)

Maravilha! Maravilha!

O REI

Nobre dama! Que quereis dizer?

A RELIGIOSA

Estou pasmada da pronunciada parecença dêste menino com a vossa pessoa. Além disso, de se ter familiarizado convosco, que sois um estranho.

O REI (*acariciando a criança*)

Se não é êle filho de asceta, qual é a sua família?

A RELIGIOSA

A família de Púru.

O REI (*áparte*)

Como! Da mesma família que eu! É por isso que esta dama o julga parecido comigo. Mas êste costume de viver num eremitério é a última observância dos descendentes de Púru!

Aqueles que primeiro preferem, para a protecção da terra, a sua residência nos palácios, abundantes em riquezas sensuais, tem mais tarde por habitação as raízes das árvores onde é rigorosamente observado um dos votos do ascetismo.

(*Em voz alta*)

Mas êste lugar não é acessível aos homens por seus próprios recursos!

A RELIGIOSA

É como diz o nobre senhor! Em vista do parentesco com uma ninfa, sua mãe deu-o à luz neste eremitério do preceptor dos deuses.

O REI (*áparte*)

Oh! É pela segunda vez que nasce esta esperança. (*Alto*). Pois como é que se chama o rei de quem a ilustre dama é espôsa?

A RELIGIOSA

Mas quem pensará em pronunciar o nome daquele que repudiou a sua legítima mulher?

O REI (*áparte*)

Êste caso, na verdade, diz respeito a mim próprio; se pudesse, porêm, perguntar pelo nome da mãe dêste me-

nino... (*Pensando*). Mas também é inconveniente inquirir acêrca da mulher doutrem.

A RELIGIOSA (*entrando com um pavão de louça na mão*)

Sarvadámana! Olha que lindo pássaro!

A CRIANÇA (*lançando a vista*)

Onde é que está minha mãe[1]?

AMBAS

Pela semelhança do nome equivocou-se a criança, que é amiga da mãe.

A SEGUNDA

Menino! Olha a beleza desta xacunta! (Pássaro).

O REI (*áparte*)

Que! Xacuntalá é o nome de sua mãe! Mas há nomes parecidos. É bem possível que a simples menção do nome vise, como a miragem, à minha decepção.

A CRIANÇA

Minha mãe! agrada-me êste belo pavão. (*Dito isto, começa a brincar*).

A PRIMEIRA (*olhando com mágua*)

Oh! Não se vê o amuleto no seu pulso!

---

[1] Há nas palavras da religiosa um trocadilho, que a criança não compreende. Ela diz: *Xacunta-lavaniam*, « lindo passaro », pronunciando assim o nome de Xacuntalá. Daí a confusão de Sarvadámana, supondo que se tratava de sua mãe.

O REI

Basta de ansiedade! Não será êste que lhe caiu quando maltratava o leãozinho? (*Dito isto, pretende apanhá-lo*).

AMBAS

Não toqueis! Não toqueis! Êle apanhou-o! (*Dito isto, pondo as mãos no peito, acham-se uma e outra admiradas*).

O REI

Por que motivo me não deixastes tocar?

A PRIMEIRA

Ouvi, grande soberano! Esta erva chamada *aparajita* foi-lhe dada pelo venerável Maricha, por ocasião da cerimónia do nascimento. Exceptuando os pais e êle próprio, ninguêm deve apanhá-la, quando cair ao chão.

O REI

E se a apanhar?

A PRIMEIRA

Transformando-se imediatamente em cobra, morde-o.

O REI

Já presenciastes alguma vez a sua transformação?

AMBAS

Muitas vezes.

O REI (*entusiasmado; áparte*)

Como não devo, pois, alegrar-me por estar satisfeito o meu desejo!

(*Dito isto, abraça a criança*).

A SEGUNDA

Súvrata! Vem! Vamos dar conhecimento desta ocor-

rência a Xacuntalá, que está a praticar penitência. (*Dito isto, saem*).

A CRIANÇA

Larga-me! Vou já para o pé de minha mãe.

O REI

Meu filho! É comigo que irás saudar tua mãe.

A CRIANÇA

Pois meu pai é Duxianta e não tu.

O REI (*sorrindo-se*)

Também esta objecção me convence.

(*Entra então Xacuntalá, trazendo o cabelo em uma só trança* [1])

XACUNTALÁ

Quando ouvi dizer que o amuleto de Sarvadámanã se conservou no seu estado natural, na ocasião em que se devia transformar, não tinha esperança na minha boa sorte. E contudo isso é possível, segundo me disse Sanumáti.

O REI (*olhando para Xacuntalá*)

Eis Xacuntalá, a qual,

Vestida de duas peças de pano cinzento, trazendo o rosto emmagrecido pela mortificação, tendo o cabelo preso em uma trança, pura no seu procedimento, suporta o voto de longa separação de mim, que fui demasiado cruel.

---

[1] Manifestação de luto das mulheres hindus.

XACUNTALÁ (*olhando para o rei, pálido de remorso*)

Não é certamente o meu espôso! Quem será então êste homem que mancha, com o contacto do seu corpo, o meu filho, protegido pelo auspicioso amuleto?

O MENINO (*aproximando-se da mãe*)

Minha mãe! Quem é êste homem que me abraça, chamando-me filho?

O REI

Minha querida! Ainda que tenha havido crueldade da minha parte para contigo, deu-se uma mudança favorável agora que me considero reconhecido por ti.

XACUNTALÁ (*áparte*)

Meu coração! Sossega, sossega! Compadeceu-se de mim o fado, que acabou com a sua crueldade. Êle é realmente, meu marido.

O REI

Minha querida!

Felizmente tu estás, ó formosa, diante de mim,
dissipadas as trevas que desorientavam a minha
memória. Após o eclipse, Róhini [1] volta a unir-se
com a lua.

XACUNTALÁ

Seja vitorioso o meu marido! Seja vitorioso! (*Pára ao meio destas palavras, com a voz embargada pelo chôro*).

O REI

Bela mulher.

Embora a palavra «vitorioso» tenha sido
embargada pelo chôro, ganhei a vitória, agora

---

[1] É uma constelação lunar.

que vejo teu rosto desenfeitado e os lábios desbotados.

A CRIANÇA

Minha mãe! Quem é êste homem?

XACUNTALÁ

Meu filho! Consulta os teus fados.

O REI (*caindo aos pés de Xacuntalá*)

Ó linda de corpo! Apaga do teu coração o ressentimento do meu repúdio. Por algum motivo a desorientação do meu espírito era então violenta. Pois, pela maior parte, tal é o procedimento dos que são possuídos de trevas em ocasiões auspiciosas, tal como um cego que sacode uma grinalda deitada sôbre a sua cabeça, tomando-a por uma cobra.

XACUNTALÁ

Levanta-te, meu marido! Sem dúvida as minhas más acções anteriores, contrárias ao bom comportamento, haviam naqueles dias sofrido o seu castigo, visto que meu espôso, aliás de temperamento compassivo, estar mal disposto comigo. (*O rei levanta-se*). Mas como foi que meu marido se lembrou desta infeliz criatura?

Ó REI

Hei de contar-te quando acabar de arrancar o espinho que me afligia.

Ó bela! Eu ficaria um tanto livre de remorso
limpando a lágrimas, que correm das pestanas
ligeiramente arqueadas, que outrora, como uma
gota de lágrima que corria até aos teus lábios,
não observei, devido à desorientação do meu
espírito.

(*Em seguida faz como diz*).

XACUNTALÁ (*vendo o anel-sinete*)

Meu marido! Eis o anel!

O REI

Foi por achar êste anel que eu recuperei a memória.

XACUNTALÁ

Foi êle que fez o mal, já que o não alcancei na ocasião em que procurava convencer meu marido!

O REI (*entregando-lhe o anel*)

Recebe, ó trepadeira, a tua flor, em sinal da tua união com a primavera!

XACUNTALÁ

Não tenho confiança nêle. Conserve-o meu marido no seu dedo.

(*Entra então Mátali*).

MÁTALI

Graças sejam dadas a Deus. Vossa Majestade teve a felicidade de reunir-se à sua legítima espôsa e de contemplar o rosto de seu filho.

O REI

O meu desejo alcançou um doce fruto. Mátali! Não seria porventura conhecida de Indra esta ocorrência?

MÁTALI (*sorrindo-se*)

Que cousa há que seja desconhecida dos deuses! Venha Vossa Majestade. O venerável Maricha concede-te audiência.

O REI

Xacuntalá! Pega pela mão de nosso filho. Desejo ver o venerável, levando-te à frente.

XACUNTALÁ

Envergonho-me de ir à presença do Venerável com meu marido.

O REI

Mas em ocasiões festivas, cumpre observar o costume. Vem, vem!

(Todos passeiam).

(Entra Maricha, sentado. acompanhado de Áditi).

MARICHA *(olhando para o rei)*

Ó Dacxaiani!
Eis o precursor de teu filho à frente das batalhas, chamado Duxianta, senhor da terra! Graças ao seu arco, o afiado raio de Indra, que descança do seu trabalho, tornou-se apenas um ornamento.

ÁDITI

A sua aparência denota a sua dignidade.

MÁTALI

Ó Longevo! Eis que os pais dos celícolas miram Vossa Majestade com olhares que mostram afeição filial. Aproxima-te dêles.

O REI

Mátali! Estes dois
São aquele par procedente do Dacxa e de Marichi, intervalado por um grau de parentesco do Criador; o qual [par] os sábios chamam a causa da luz solar, que subsiste em doze for-

mas [1]; o qual gerou o senhor dos três mundos, o soberano do quinhão do sacrifício [2]; no qual o próprio Vixnu, superior ainda a Bramá, fez a sede do seu nascimento!

MÁTALI

É claro.

O REI (*prostrando-se*)

Duxianta, servo de Indra, adora-vos a ambos.

MARICHA

Meu filho! Vive por longos anos e defende a terra!

ÁDITI

Meu filho! Sê um herói invencível!

XACUNTALÁ

Prostro-me aos vossos pés, junto com meu filho!

MARICHA

Minha filha!

Teu marido é semelhante a Indra, teu filho é comparável a Jaianta; nenhuma outra bênção é mais digna de ti; oxalá sejas tu como Paulomi!

ÁDITI

Minha filha! Sê tu muito estimada de teu marido! Viva por longo tempo teu filho, alegria de seus pais! Sentai-vos.

(*Sentam-se todos em volta de Prajápati*).

---

[1] Alusão aos doze Aditias, que representam o sol nos doze meses do ano.

[2] É o deus Indra.

MARICHA (*olhando para cada um dêles*)

Salvè! Virtuosa Xacuntalá, seu nobre filho e Vossa Majestade! Piedade, fortuna e energia, eis a trindade aqui reunida.

O REI

Venerável! Antes mesmo de ser por vós recebido, os meus desejos estavam realizados. Dêste modo, na verdade, o vosso favor é sem precedente.

Pois

Aparece primeiro a flor e em seguida o fruto, primeiro surge a nuvem e depois a chuva; tal é o curso regular de causa e efeito. O meu êxito contudo antecedeu ao vosso favor.

MÁTALI

É assim que os criadores dos entes espalham os seus favores.

O REI

Venerável! Tendo desposado pelo rito matrimonial Gandarva essa vossa serva e, tendo-a repudiado, devido à falta de memória quando, após algum tempo, me foi trazida por seus parentes, tornei-me culpado perante o senhor Cánua, que descende de vossa raça. Em seguida, à vista do anel, fiquei sabendo que já tinha casado com sua filha. Parece-me isto um caso estranho, como se alguêm me dissesse:

«Êste não é um elefante», tendo diante dos olhos a sua figura, e se convencesse do contrário vendo as suas pégadas. De tal sorte é a transformação do meu espírito.

MARICHA

Meu filho! Não suspeites mais de ti! A tua própria desorientação não se te pode imputar. Escuta:

O REI

Estou atento.

MARICHA

Quando depois da sua descida à piscina das ninfas, Ménaca pegou em Xacuntalá, cuja desolação era patente, e a trouxe a Áditi, fiquei sabendo, em virtude da minha contemplação, que esta infeliz e fiel mulher fôra por ti repudiada em conseqùência da maldição de Durvásas, e não por outro motivo, e que essa mesma maldição desaparecera à vista do anel.

O REI (*suspirando*)

Ah! Estou livre da censura!

XACUNTALÁ (*áparte*)

Louvado seja Deus! Meu marido não me repudiou sem motivo. Não me recordo, na verdade, de ter sido amaldiçoada. É possível contudo que eu não tivesse dado pela maldição em que incorri, por trazer o coração desolado pela separação. É por isso que as minhas companheiras me recomendaram que mostrasse o anel a meu marido.

MARICHA

Minha filha! Conseguiste o teu intento. Não deves ter ressentimento para com teu honrado marido. Olha:

> Foste repudiada em virtude da maldição, sendo teu marido cruel por ter a memória ofuscada. Mas agora tens predomínio nêle que está livre das trevas. A imagem não se re-

produz na superfície dum espelho, cujo brilho é empanado pela sujidade, mas, sendo limpo, recebe-a com facilidade.

O REI

Venerável! Eis a glória da minha família! (*Dito isto, pega pela mão no filho*).

MARICHA

Pois saiba Vossa Majestade que êle será imperador universal.. Olha:

Primeiramente, tendo como herói invencível atravessado o mar num carro, cujo curso não é impedido por barrancos, conquistará a terra, que se compõe de sete continentes. Aqui êle é chamado Sarvadámana, porque doma com fôrça as feras. Mais tarde alcançará o nome de Bárata, por ser o sustentáculo do mundo.

O REI

Invocamos todas as bênçãos para êle, cujos sacramentos foram administrados por Vossa Santidade.

ÁDITI

Venerável! Informe-se também já Cánua circunstanciadamente da realização dos desejos de sua filha. Ménaca apaixonada pela filha, está aqui a meu serviço.

XACUNTALÁ (*áparte*)

A venerável expressou, na verdade, o meu desejo.

MARICHA

Em virtude do condão de penitência está certamente tudo patente diante dos olhos de Cánua.

O REI

É claro então que o religioso não estará muito agastado comigo.

MARICHA

Devemos, porêm, informá-lo da boa nova. Quem está aí?

UM DISCÍPULO (*entrando*)

Venerável! Eis-me aqui.

MARICHA

Gálava! Vai já pelo ar e comunica da minha parte ao venerável Cánua a boa nova de que Xacuntalá tem um filho, que ambos estão livres da maldição e ela foi reconhecida por Duxianta, que recuperou a memória.

O DISCÍPULO

Como ordena o Venerável! (*Dito isto sai*).

MARICHA

Meu filho, tu também, com tua mulher e filho, sobe para o carro de teu amigo Indra e parte para a tua capital.

O REI

Como ordena o Veneaável!

MARICHA

E também

Seja Indra doador de abundante chuva para os teus súbditos e tu, oferecendo sacrifícios, satisfaze os celícolas. Assim vivereis ambos o curso de centenas de idades, com recíprocos

obséquios, louváveis pelos favores [espalhados] em ambos os mundos [1].

O REI

Venerável! Esforçar-me hei quanto puder para alcançar a glória.

MARICHA

Meu filho! Que outra graça te posso conferir?

O REI

Há alguma graça maior que esta? Mas como o Venerável deseja conferir outro favor, cumpra-se o seguinte preceito de Bárata [2]:

> «Aplique-se o rei ao bem-estar dos seus súbditos. Seja Sarasvati [3] engrandecida pelos grandes escritores. Possa Xiva, que existe por si e cuja energia se difunde por toda a parte, pôr termo ao meu futuro nascimento!»

(*Dito isto, saem todos*).

Bernardino Gracias.

---

[1] Céu e Terra.

[2] É um sábio, que a tradição considera como o fundador da arte teatral, acêrca da qual escreveu um livro.

[3] Mulher de Bramá e deusa da eloqüência.

UM ALVITRE PREMATURO

Não vem fora de oportunidade lembrar que em 1809 um português propôs que os militares acusados de exercerem propotências escusadas em ocasião de guerra devessem ser julgados pelos tribunais civis.

O autor citado é Fr. Joaquim Soares que escreveu um *Compêndio histórico dos acontecimentos mais célebres, motivados pela revolução de França,* etc.

É ao tratar da capitulação de Sintra, feita em 1808 entre Ingleses e Franceses, a pág. 30, que êle diz o seguinte:

«No meio de tudo isto, pelo que se vio, a Capitulação foi vantajosa aos *Francezes;* e estes, que tinhão roubado Templos, commettido desacatos, matado gentes, e saqueado Cidades, Villas e Aldêas, que erão ladrões, sacrilegos e traidores, e que por isto devião ser entregues aos Juizes, pera lhes darem, segundo as Leis, o castigo devido a taes crimes; que sem declararem guerra, mas proclamando amizade, invadirão Portugal e o tomárão, não obstante as capitulações nascerem das guerras justas, ou injustas; e o injusto Aggressor, sucumbindo debaixo das suas ruinas, dever pagar os prejuizos que queria, ou tinha feito; não obstante tudo isto, capitulárão como guerreiros, e sahirão com as honras da guerra».

São pouco mais ou menos as acusações feitas aos im-

périos centrais pelos Estados aliados as que se contam no trecho transcrito, e que para castigo delas reclamaram e obtiveram a problemática sanção dos tribunais.

Pedro d'Azevedo.

CONVERSÃO DA MERETRIS VÂSAVADATTÂ

(Lenda buddhica)

ESTUDO LITERÁRIO

POR

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA

Quando nos séculos V e VI da era vulgar o monachismo se difundiu entre os cristãos do Egito e da Siria, um dos temas que os escritores eclesiásticos se compraziam de empregar na sua propaganda em favor da instituição, era a conversão de uma meretriz, desenvolvendo as particularidades da sua respiciência, arrependimento e penitência; e tomando por modêlo a pecadora do Evangelho (Luc. 7, 37-49), propunham como exemplos a imitar S. Maria Egipcia e S. Thais.

Com efeito o contraste entre as condições da meretris, antes da conversão e depois de convertida, era bem sensível, e portanto o exemplo muito persuasivo; e nada é mais emocionante, do que a narração feita pelos mesmos escritores eclesiásticos, em que referem que uma mulher nova e formosa, vivendo no meio do luxo e dos prazeres sensuais, rodeada e solicitada à porfia por admiradores, que dispendiam largamente para satisfazer todos os seus desejos e fantasias, e que compravam a grande pêso de ouro, não o seu amor e afeição, mas apenas a sua companhia e coabitação; ela, subitamente, por

impulso próprio, atribuido a inspiração divina, se separava de todos os que a solicitavam, mesmo dos que lhe eram caros; renunciava para sempre aos prazeres sensuais; depunha os seus adereços de grande valor e as joias de brilhantes e preciosas pedras; despia os brandos, variegados e ricos vestidos com que ostentava a sua formosura; abandonava a casa confortável e luxuosa; saía da cidade ruidosa e cheia de atractivos e diversões; e retirava-se para o despovoado, onde ia viver vida solitária, suportando as inclemencias das estações, alimentando-se de frutos silvestres e de ervas duras; cobrindo-se apenas de andrajos; dormindo sôbre a terra nua; tendo fixo um só pensamento, o arrependimento das suas passadas culpas e pecados: um só desejo, obter o perdão deles; e uma só esperança, alcançar a eterna bemaventurança. Assim os mesmos escritores eclesiásticos procuravam exemplificar o dito do divino Mestre: *gaudium erit in coelo super uno peccatore poenitentiam agente* (Luc. 15, 7 e 10), e demonstravam que era possivel a reabilitação da mulher pelo arrependimento, ainda que tivesse descido ao mais fundo abismo da degradação humana, pois *remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum* (Luc. 15, 47).

Mas já muito antes que o monachismo cristão se desenvolvesse no Egito e na Siria, os *bhiksu* [1] buddhistas se serviam do mesmo tema na propaganda da sua doutrina. No Divyâvadâna conta-se o fim trágico da meretris Vâsavadattâ [2], a sua conversão à doutrina do Buddha

---

[1] O *bhiksu* (leia-se *bikxu*) é um membro da ordem buddhica, mas de nenhum modo é sacerdote ou padre. (Silâcârâ, *The Dhammapada or Way of truth*, London, 1915, pág. 6).

[2] Vâsavadattâ, significa *dada por Vâsava*, sendo Vâsava um dos cognomes de Indra como chefe dos Vasu. (Monier Williams, *S. E. D.*, pág. 948). Compare-se com *Theodora* e *Deodata*.

Çakya Muni, e o seu renacimento entre os deva; é uma lenda edificante, que tem por fim exaltar a doutrina do Buddha, e acender o fervor dos fieis.

Esta lenda, além do seu alto valor moral e religioso, tem especial interêsse por conservar notícia de algumas particularidades da vida íntima da gente das classes ricas da Índia, em uma época já muito afastada.

O Divyâvadâna é uma colecção de lendas antigas, e faz parte dos livros sagrados dos Buddhistas do norte. Desta obra existem diversos manuscritos nas grandes bibliotecas da Europa, o mais antigo dos quais é do século XVII; e o texto foi publicado por Cowell e Neil em 1886. Mas já antes disso E. Burnouf tinha feito conhecida esta obra publicando a tradução de extensos estratos na *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien*. O Divyâvadâna consta de trinta e oito *avadâna* [1], nos quais se referem muitas das acções atribuídas ao Buddha Çakya Muni na sua existência em que atingiu o *nirvâna,* ou sendo Bodhisattva em alguma das suas existências anteriores. Os avadânas que compõem esta coleção são obra de diversos autores; estão escritas em sânscrito muito correcto, e algumas (XXII e XXXVIII) em estilo floreado muito diferente das restantes, de modo que certos trechos deles podem ser tomados como modêlo do estilo de prosa sem afectação; contudo, a pesar da sua simplicidade, a composição tem vigôr próprio devido à justeza dos princípios de moral que se inculcam, e aos sentimentos patéticos que sugere. Não é possível determinar a época em que esta colecção foi compilada, e

[1] Avadâna significa acto ou feito grande, ou glorioso; narração em que se refere um feito glorioso; assunto de uma lenda buddhica. (Monier Williams, *S. E. D.*, pág. 99; Kern, *Histoire du Buddhisme dans l'Inde*, trad. de Huet, tom. I, pág. 320).

ainda menos a data da composição de cada um dos avadânas[1]; sabe-se sómente que um dos avadânas (XXXIII) é de grande antiguidade, porque foi traduzido em chinês no III século da era vulgar.

A lenda da conversão da meretris Vâsavadattâ faz parte do XXVI avadâna, que tem por título *Pâmçupradâna* (literalmente, *dadiva de poeira*)[2]; e na edição impressa é desde pág. 352 l. 28 até pág. 356 l. 5; E. Burnouf deu a tradução da maior parte desta lenda na *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien* (pág. 146-148).

Segundo se refere na sua lenda, a meretris Vâsavadattâ vivia na cidade de Mathurâ[3], e foi convertida a

---

[1] Cf. E. Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien*, pág. 43–46.

[2] Este título é uma alusão à acção virtuosa que fez Açoka em uma existência anterior àquela em que foi rei. Quando Açoka, que era então menino, chamado Jaya, andava um dia na estrada, brincando com outro menino, chamado Vijaya, então passou ali o Buddha Çakya Muni; e Jaya, vendo as perfeições do Buddha, foi tocado de benevolência para êle; e com intenção de dar farinha ou arroz ao religioso, lançou na escudela do Buddha um punhado de poeira. Esta lenda é brevemente contada no avadâna XXVI (na edição impressa, pág. 566). (Cf E. Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien*, pág. 377, nota 1).

[3] A cidade de Mathurâ, ainda existente e conhecida pelo nome de Muttra, é situada na província de Agra, a 50 quilómetros ao norte desta cidade, na margem direita do rio Yamunâ ou Jumnâ. Segundo a tradição, foi fundada por Satrughna, é considerada em grande honra e como lugar do nascimento de Krisna, e um dos lugares santos do Buddhismo. Esta cidade é mencionada nas taboas de Ptolemeu (VII, 1, 4, 7) sob a designação de Μόδουρα ἡ τῶν Θεῶν, para a diferençar de outras cidades que tinham o mesmo nome de Mathurâ, e a coloca no reino dos *kaspeiraioi* (Kasmira, Cachmira), o qual se estendia ate ao monte Uindivi (Vindhya). A denominação conservada por Ptolemeu provêm de uma tradução aproximada do título *devaputra* (filho dos deva) adoptado pelos soberanos da dinastia dos Kusana; e o território dos *kaspeiraioi* corresponde com suficiente aproximação ao que constituia os domínios dos soberanos

Lei (à doutrina do Buddha Çakya Muni) pelo ensino do sthavira Upagupta. Êste personagem era filho de um mercador de perfumes da cidade de Mathurâ; e foi convertido à lei por Madhyântika, discípulo de Ananda, e o fez bhiksu. Na avadâna XVII do Divyâvadâna conta-se dêle: Quando o Bhagavat estava próximo de entrar no nirvâna perfeito, depois de ter convertido o naga Apálala, e a candali Sopala mulher do oleiro, falou assim ao ayusmat Ananda: Nesta cidade de Mathurâ, ó Ananda, cem anos depois que eu tenha entrado no nirvâna perfeito, haverá um mercador de perfumes chamado Gupta; êste mercador terá um filho chamado Upagupta, que será o primeiro dos interpretes da Lei, e um verdadeiro Buddha menos os sinais exteriores. Êle, cem anos depois que eu tenha entrado no nirvana perfeito, terá o lugar de Buddha [1].

Upagupta foi contemporaneo do rei Açoka da dinastia dos Mauria, cujos estados eram na India do norte tendo por capital Pataliputra [2], a Παλίβοθρα de Strabo (XV, 1, 36). O rei Açoka floreceu no terceiro século, 259 a 222

kusana. (E. Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien*, pág. 378; Yule and Burnell, *Glossary*, pág. 407, 408 e 463; Sylvain Lévy, *Journal Asiatique*, 1914, I, pág 518-519; 1915, I, pág. 91). Esta cidade foi visitada no princípio do século v pelo viajante chinez Fa-hien, que ali encontrou o Buddhismo muito florescente. (E. Burnouf, *Introduction*, pág. 99 e 102).

[1] *Divyâvadhâna*, pág. 285, l. 2 e segs. E. Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien*, pág. 377; Przyluski, *Le nordouest de l'Inde*, no *Journal Asiatique*, 1914, II, pág. 518 e 538.

[2] Pataliputra é o nome da capital de Magadha, perto da conflûência do Sona e do Ganges, e onde actualmente existe a cidade de Patua, capital do Bahar. O nome primitivo parece, segundo se conjectura, ter sido Patali-pura, cidade das bignonias *suave olens* (Silvain Levy, *Catalogue des Yaksa dans la Mahāmāyūrī*, no *Journal Asiatique*, 1915, II, pág. 58: e ainda *Journal Asiatique*, 1896, II, pág. 475, 1897, I, pág. 9, nota; Yule and Burnell, *Glossary*, pág. 520; Monier Williams, *S. E. D*, pág. 615).

A. C., abraçou o Buddhismo, do qual foi grande protector; e é o autor dos famosos editos esculpidos em pilares e rochas, que são os mais antigos monumentos existentes da escritura da India [1], nos quais Açoka refere a sua conversão à Lei, e a recomenda a todas as gentes dos seus domínios [2].

Vâsavadattâ é também o nome da heroína de uma lenda indiana, que é referida no *Kathâsaritsâgara* de Somadeva [3], e que é o assunto de um romance de Subhandu [4], e de um drama do poeta Bhâsa [5], mas que nada tem de comum com a conversão da meretris Vâsavadattâ.

---

[1] Macdonell, *A History of Sanskrit litterature*, London, 1917, pág. 15.

[2] Açoka, ou como êle se denomina nos seus editos *Piyadessi* (sanscrito *Priyadercin*), e ainda se cognomina *devanâmpriya* (amado dos deva) ocupa um lugar único na história religiosa da Ásia, e de todo o mundo, não só porque êle é célebre entre os Buddhistas de todos os países, como o maior bemfeitor da sua religião, mas também porque êle deixou, nos seus editos, documentos cuja autenticidade é indiscutível, e que são de inapreciável valor para o conhecimento da India antiga. Os editos, que o piedoso rei fez gravar sôbre rochas ou sôbre pilares de pedra, em diversos sítios do seu vasto império, contêm em grande parte a enumeração das suas grandes e boas acções, dos seus esforços para trabalhar pela salvação corporal e eterna dos seus súbditos, das suas providências com o fim de lhes proporcionar a felicidade corporal e espiritual, exortando ao mesmo tempo os membros das diferentes seitas a praticar vida virtuosa e a tolerância mútua. (Kern, *Histoire du Buddhisme dans l'Inde*, trad. de Huet, Paris, 1901, II, pág. 322-323).

[3] *Kathasaritsagara*, liv. III, cap I e II, Bombay, 1915, pág. 48 e segs.

[4] *Vâsavadattâ, a sanscrit romance*, New York, 1912; *Vâssaradattâ, a Buddhist Idyll*, by Dean Pluntre, reimpresso no *Things new and Old*, 1884.

[5] *Svapnavâsavadattâ (Vâssavadattâ no sonho)* por Bhâsa, publicado no *Trivandrum Sanskrit Series*, XV (1912 e 1917), e traduzido em francês por A. Baston, Paris, 1914; cf *Journal Asiatique*, 1919, I, pág. 493-525.

TRADUÇÃO

Em Mathurâ houve uma meretris por nome Vâsavadattâ; a sua servente, indo a Upagupta, comprou perfumes; e por Vâsavadattâ foi falado: Moça, o mercador de perfumes está cativado de ti; trazes muitos perfumes: assim disse. A moça falou: Filha de nobre senhor[1], Upagupta, o filho do mercador de perfumes, que é perfeito de belesa, e dotado de talento e de brandura, perfaz a observancia da Lei. Quando Vâsavadattâ ouviu isto, o seu pensamento se tornou afeiçoado a Upagupta; por isso a servente foi enviada por ela a Upagupta a dizer: Á tua presença desejo ir para gosar prazer comtigo. Assim isto foi anunciado a Upagupta pela servente. Upagupta falou: Não é tempo oportuno para ti, irmã, de ser vista por mim: assim disse. Vâsavadattâ era cohabitada por cinco centos de purâna[2]. Êste pensamento lhe

---

[1] Traduziu-se *ârya* por *nobre senhor*. Acêrca do título *ârya-putra* veja-se, *Sakuntalâ*, ed. Monier Williams, pág. 196, n. 4, e *Journal Asiatique*, 1892, I, pág. 488 e 497.

[2] O sistema das antigas moedas da India, a que se alude nesta lenda, e o seu pêso, é o seguinte:

Moedas de ouro:

rakti = 0gr,118
mâsa = 5 *rakti* = 0gr,590
suvarna = 16 *mâsa* = 8gr,940

Moedas de prata:

rakti = 0gr,118
mâsa = 2 *rakti* = 0gr,236
purâna = 16 *mâsa* = 3gr,776

Moedas de cobre:

rakti = 0gr,118
kârsâpana = 80 *rakti* = 9gr,440.

A relação do valor do cobre e da prata era de 1 para 140. Como um *purâna* valia 32 *rakti* de prata, equivalia portanto a

sugeria: Certamente êle não pode dar cinco centos de purâna; por isso a servente foi enviada por ela a Upagupta a dizer: Não seja para mim o ganho de um karsapana pela presença do filho de nobre senhor; sómente eu goze prazer com o filho de nobre senhor: assim foi anunciado pela servente. Upagupta falou: Não é tempo oportuno para ti, irmã, de ser vista por mim: assim disse. Entretanto outro mancebo, filho de çresthi [1], teve entrada à presença de Vâsavadattâ; e outro homem, condutor de caravana, tendo tomado cinco centos de cavalos para serem vendidos, vindo do país do norte [2], foi chegado a Mathurâ; por êle foi dito: Qual meretriz é a principal de todas? Por êle foi ouvido: Vâsavadattâ: assim disseram. Êle, tomando cinco centos de purâna e muitas dádivas, se aproximou de Vâsavadattâ. Então, quando Vâsavadattâ foi atraída pela cobiça, tendo assassinado o filho de çresthi, e tendo lançado o cadáver no monturo dos excrementos, se entregou ao prazer com o condutor da caravana. Entretanto o filho de çresthi, tendo sido tirado do monturo pelos parentes, isto foi denunciado ao rei; então foi determinado pelo rei: Vos-

---

$32 \times 140 = 4480$ rakti de cobre; e como o *karsapana* valia 80 rakti de cobre, o purâna valia $\frac{4480}{80} = 56$ karsapana, talvês 60. O karsapana era pois uma moeda de cobre de muito pequeno valor comparado a 500 purâna, que valiam 28.000 kârsâpana. (E. Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme indien*, pág. 146, 238, 597; Decourdemanche, *Notes sur les anciennes monaies de l'Inde*, no *Journal Asiatique*, 1912, I, pág. 117 a 132, especialmente pág 129).

[1] Çresthi é um mercador rico, ou grande industrial.

[2] No tempo do rei Açoka o seu império estendia-se desde Kalinga ao Gandhara; êste último país era o vestíbulo da India aberto para a Ásia central, e onde os chefes das caravanas iam comprar cavalos do Tokharestan. Sabe-se além disso que o Tokharestan tinha fama pelos seus excelentes cavalos. (*Journal Asiatique*, 1919, I, pág. 381 e 385-386; cf. *Journal Asiatique*, 1911, II, pág. 214).

sas Entidades vão, e tendo cortado as mãos e os pés, as orelhas e o nariz a Vâsavadattâ, a abandonem no crematório [1]. Por isso, tendo cortado as mãos e os pés, as orelhas e o nariz a Vâsavadattâ, foi abandonada por êles no crematório.

Entretanto foi ouvido por Upagupta que tinham cortado as mãos e os pés, as orelhas e o nariz a Vâsavadattâ; e que tinha sido abandonada no crematório: êste pensamento lhe sugeriu: Outrora a vista de mim, por causa de sensualidade, foi desejada por ela; mas agora, quando lhe foram arrancados as mãos e os pés, as orelhas e o nariz, é tempo oportuno de ser visto por ela: assim disse, e pronunciou esta estância:

Quando ela era provida dos membros do corpo, cobertos de vestidos famosos, e adornada de enfeites variegados, o que era melhor para os que desejam o livramento, e para os que tem o rosto voltado contra o renascimento, era não ser visto por ela.

Mas agora é tempo oportuno de a ver, sendo ido o seu orgulho, a sua paixão, e a sua alegria; que foi ferida com agudo cutelo, e cuja forma do corpo está reduzida ao seu natural.

Por isso Upagupta, tendo tomado o sombreiro por um pagem [2], com passo religioso e calmo, foi chegado ao

---

[1] No Jataka pali 193 (ed. Fausboll), conta-se que a um ladrão foi imposto o castigo de lhe cortarem as mãos e os pés, as orelhas e o nariz. (Cf. *Journal Asiatique*. 1915, I, pág. 211). O desgraçado, a que era imposto êste suplício, morria em breve, devido a hemorragia de sangue.

[2] [Os naturais da cidade de Bisnaga] além do page que digo que trazem com hũa espada, trazem outro com hum sombreiro de pee que lhe faz sombra, e lhe tolhe a chuva, e destes são algũs de panos de seda muy bem lavrados, de muitos pendentes de ouro, com muita pedraria e aljofar; são feitos de tal maneira que se abrem e cerram; muitos delles fazem custo trezentos e quarenta

crematório. E a servente dela, que estava perto por dedicação da sua bondade anterior, e afastava os corvos e outros animais, isto assim anunciou a Vâsavadattâ: Filha de nobre senhor, aquele, a cuja presença eu fui enviada uma e outra vez, o próprio Upagupta, é chegado; certamente êle será vindo, incitado pelo amor e sensualidade. E Vâsavadattâ, tendo ouvido isto, disse: Quando êle me vir a mim, cuja belesa é perdida, aflita pela dôr, no chão, tingida do meu sangue, como terá êle amor e sensualidade? Depois falou à servente: Ajunta as mãos e os pés, as orelhas e o nariz, que foram cortados do meu corpo. Entretanto, quando ela os tinha ajuntado e coberto com um pano, e que Upagupta tinha chegado colocando-se de pé deante de Vâsavadattâ; então Vâsavadattâ, vendo Upagupta, que estava em pé deante de si, disse: Filho de nobre senhor, quando o meu corpo era em seu estado natural, e bem disposto para o prazer da sensualidade, então uma mensageira foi enviada por mim, uma e outra vez, ao filho de nobre senhor; pelo filho de nobre

---

cruzados (*Livro de Duarte Barbosa*, 2.ª ed. da Academia, 1867, pág. 302).

E no tone del rey [de Calecut] hião seus sombreiros, que são de palha, da redondeza de quatro palmos, postos em humas canas muy altas de tres quatro braças. Estes usão por estado de sua pessoa, que mostram aly ir a pessoa del rey, assi como seu guião ou bandeira real, que outro nenhum senhor nom as pode trazer. (Gaspar Correia, *Lendas da India*, vol. 1, pág. 378).

Os antigos escritores portugueses, que se referem ao Estado da India, empregam a palavra *boi* no sentido de portador ou carregador, principalmente levando agua, o palanquim ou o sombreiro: assim: «hum naique, com seis piões e hum mocadaõ, com seis tochas, hum bóy do sombreiro, dois mainatos, seys boys dagua que todos servem ao governador.» (Simão Botelho, *Tombo do Estado da India*, pág. 57). Veja-se ainda Castanheda, *Historia*, liv. I, cap. 16; Barros, *Decada* III, liv. X, cap. 9; Couto, *Decada* VII, liv. I, cap. 12. Cf. S. R Dalgado, *Glossario Luso-asiatico*, I, pág. 132-134.

senhor foi declarado: Não é tempo oportuno para ti, irmã, de ser vista por mim: assim foi dito. Agora, quando foram cortados as mãos e os pés, as orelhas e o nariz, quando assim permaneço [imersa] no meu próprio sangue e em lodo, agora para que és vindo? E ela disse:

Quando os membros do meu corpo, tenros como o cálix do lódão, e adornado com enfeite de vestidos preciosos, foi próprio para ser visto, então tu não foste visto por mim, pouco afortunada:

Agora a que és vindo aqui ver, quando o meu corpo não é próprio para ser visto, que tem desaparecido os jogos, o prazer, a alegria, e o orgulho; que causa espanto, e que é sujo de sangue e de lodo?

Upagupta falou:

Eu, irmã, não sou chegado à tua presença incitado pela sensualidade; mas sou chegado para ver o estado natural da desgraça das paixões sensuais.

Quando tu eras coberta por incomparáveis adornos de vestidos, em leitos variegados, bem dispostos para o prazer sensual; pois que ainda eras digna de ser vista pelos que te requestavam; comtudo aqui (neste mundo) não verás, como isso há de ser.

Mas a tua beleza que deve ser vista é esta, que está em seu estado natural, desligada de arranjos; são ignorantes e são censuráveis aqueles, que se deleitam neste cadáver original.

No corpo, a que cobre a pele, que contêm o sangue, a que involve o couro, e a que forra compacta carne, e que esconde milhares de veias de todos os lados, o que é então de que se regosijará?

E ainda, (disse) irmã:

O estulto vendo as belezas, que exteriormente são graciosas, é contente; o tranqùilo, conhecendo as corruções interiores, empalidece.

Porque as impurezas (são) extraídas do cadáver remo-

vido, os sabedores (procuram) a supressão da paixão, e os apaixonados, o que tem nome de belo.

Pois aqui (neste mundo):

O mau cheiro é impedido por vários cheiros isentos de impureza; a corrução exterior é guardada por diversos adornos, vestidos, etc.

O suor, o humor, o pó, e outras cousas, ainda que são impuras, as remove pela água; êste (acto) vicioso, pelo qual êste crâneo é impuro, é seguido pelos luxuriosos.

Mas aqueles que ouvem as palavras eloqùentes do sábio, e também fazem (o que elas dizem); porque as paixões, que geram a fadiga, o cuidado e a dôr, são censuradas sempre pelos prudentes.

Aqueles, cujo espírito é livre do sinal da paixão, tendo renunciado aos prazeres, são partidos para a selva tranqùila, vão alêm do grande oceano da existência, que liga ao inclinado caminho.

Vâsavadattâ, tendo ouvido (isto), aterrada com o renascimento, e cujo coração era dobrado pela lembrança das virtudes do Buddha, falou: Isso tudo é assim, como dizes, sábio; a palavra do Buddha, acessível a ti, que és virtuoso, seja ouvida por mim.

Por isso, fazendo como na história anterior, as verdades foram manifestadas por Upagupta a Vâsavadattâ; e Upagupta, tendo-se aproximado (para ver) o estado natural do corpo de Vâsavadattâ, chegou à aversão da região dos desejos; pela sua instrução da Lei, com a compreensão da verdade, o fruto futuro e o fruto da entrada da torrente *(çrotâpatti)* foi alcançado por Vâsavadattâ; depois Vâsavadattâ tendo visto a verdade, sustendo a paixão, falou a Upagupta:

Coberta pela tua autoridade, o caminho da destruição é muito terrível, e ligado a muitos males; a ida do *svarga* por virtude própria, e o caminho do *nirvâna* seja alcançado por mim.

E ainda falou: Eu mesmo vou por protecção ao Bhagavat, Tathâgata, Arhat, que atingiu a suprema sabedoria, e à Lei, e à Comunidade dos *bhiksu*.

E assim (falou): Eu mesma vou por protecção ao guia, alvo e imaculado, lodão do novo mestre; a êle que está ligado aos entes inteligentes, imortais, vitorioso, e sem paixão, e à Comunidade: assim disse.

Por isso Upagupta, tendo visto Vâsavadattâ, em breve começou com a conversação da Lei; e quando Upagupta começou, Vâsavadattâ foi ida no seu tempo (faleceu); e foi alcançada (de existência) nos deva; e pelos devata isto foi logo sabido em Mathurâ: Quando Vâsavadattâ ouviu a instrução da Lei pela presença de Upagupta, e viu as nobres verdades, foi alcançada (de existência) nos deva: assim (foi dito). E, tendo ouvido, foi feita honra ao corpo de Vâsavadattâ pela multidão da gente, que morava em Mathurâ.

UM ADMIRADOR DE BOCAGE E DO P.E JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Para efeito de organizar uma espécie de recenseamento das famílias e indivíduos de origem francesa residentes em Portugal no século XVIII ou com mais precisão de 1701 a 1808, data do termo da primeira invasão napoleónica entre nós, coligi grande número de nomes. O referido recenseamento faz parte de um programa que tem por fim estudar a influência francesa em Portugal debaixo de todos os aspectos durante aquele século. Fàcilmente se concebe que isso não passa de tentativa atenta não só à vastidão do campo a explorar, mas também à dispersão de quem percorre outros domínios.

Dêste plano o único capítulo em execução é o que se refere às pesquizas sôbre os franceses domiciliados em Portugal e seus descendentes.

Entre estes o mais notável é por certo o poeta Bocage neto materno de um oficial francês foragido e que morreu cá deixando um nome que se notabilizou. É inútil insistir mais sôbre o poeta, já amplamente estudado pelo sr. Teófilo Braga, mas sôbre o qual ainda se não esgotou o assunto.

Entre os meus apontamentos encontram-se dois relativos a um Diogo José Blancheville, pelos quais se comemoram dois pontos curiosos da vida de Bocage e do P.e José Agostinho de Macedo. Um é a referência que o

poeta fez num dos seus últimos sonetos aos seus protectores entre os quaes se conta:

«. . . . Blancheville, oh raro
Moral thesouro que possue Elmano» [1].

O outro é, a mensão de Blancheville como editor do *Epicédio à morte de Bocage* por êle mandado imprimir em 1806 na Impressão Regia e de que é autor o prégador régio.

Mas nada disto nos diz quem era Blancheville. O achado, porêm, do testamento, dá-nos subsídios importantes e por êle sabemos que era cavaleiro da Ordem de Cristo e oficial maior graduado do Real Erario da repartição das Províncias e Ilhas. Era natural da freguesia da Ajuda e filho de José Beaudain e de Maria Blancheville e morava à data do testamento, 25 do mês de Dezembro fim do ano de 1806. estilo antigo, como o tabelião pormenoriza, na Calçada do Combro. Como o testamento foi entregue em 13 de Janeiro de 1807 na freguesia das Mercês, fica-se sabendo a data da morte de Blancheville.

Entre as verbas do testamento encontram-se duas, a primeira, que o torna digno de respeito e de ser arquivada pelos biógrafos de Bocage, é a seguinte:

«Deixo mais a D. Maria Francisca de Bocage, Irmaã de Manuel Maria de Bocage a quantia de 96$000 réis por hua so vez».

A outra verba é a seguinte:

«Deixo mais ao Rev.do Senhor Jozé Agostinho de Macedo em lembrança da amizade que lhe tenho e por ser tão benemérito a quantia de 96$000 reis por hua so vez».

---

[1] T. Braga. *Bocage*, p. 470.

Ratton nas *Recordações*, p. 187, Luz Soriano na *Hist. da Guerra civil*, I, p. 273, Gomes de Brito na *Revista de Educação e Ensino*, 1892, p. 345 e Lúcio de Azevedo, no *Marquez de Pombal e sua época*, p. 419, dam-no como guarda-roupa do marquês de Pombal, a quem abandonou no desterro depois da morte de El-Rei D. José.

As notas, aqui reunidas, fazem com que Blancheville saia da série de centenares de patrícios que até agora consegui desenterrar de toda a espécie imaginária de fontes que sigo consultando, afim de enriquecer a galeria de franceses que em Portugal umas vezes trabalhando outras intrigando têm por milhares de laços ligado Portugal insensìvelmente à França, a tal ponto que quási toda a vida intelectual portuguesa está embebida de ideais franceses.

Segue-se agora o testamento.

Pedro d'Azevedo.

Em nome da Santissima Trindade Padre Filho e Espirito Santo Tres Pessoas Distintas e hum so Deos verdadeiro em quem eu Diogo Jozé Blanchiville verdadeiramente creio e em tudo que crê e ensina a Santa Madre Igreja Catholica Romana porque nesta Fé protesto servir e morrer e porque estou gravemente enfermo de molestia suspeita que me acometeu, por isso antes que me sobrevenha a morte e estou em meu prefeito juizo com os conhecimentos intelectuaes determino fazer este meu Testamento pela forma seguinte:

Primeiramente encomendo minha Alma a Christo Senhor Nosso que a creou e remio com o seu preciozissimo sangue na arvore da Vera Cruz; peço logo á Virgem Nossa Senhora Anjo da minha guarda Santo do meu nome e a todos os mais santos da Corte do Ceo sejão meus Intercessores diante da Magestade Divina para que quando minha Alma deste mundo partir vá gozar da Bemaventurança eterna para que foi creada. Declaro que sou natural e baptizado na Freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda filho do Senhor Joze Beaudain e sua Mulher a Senhora Maria Blanchiville ja defuntos e que me conservo no estado de solteiro, e não tenho Herdeiros

alguns necessarios que de Direito devão herdar meus Bens e acções como tal me he livre dispor e o faço pela maneira seguinte:

Falescendo da vida prezente meu corpo será sepultado na minha Parochia e se dará de offerta ao meu Reverendo Parocho 28$800 reis por hua só vez. — No dia do dito meu falecimento ou nos seguintes se dirão pela minha Alma cem Missas de corpo prezente de esmola de 240 reis cada hua por hua so vez. Item pelo tempo adiante se dirão mais outras cem Missas pelas Almas dos ditos meus Pays da dita esmola de 240 reis cada hũa, outras cem de esmola de 200 reis cada hua pelas Almas do Purgatorio e tambem por hua só vez. Deixo a Joana Maria Minha Comadre a quantia de 48$000 reis por hua so vez. Deixo mais a D. Maria Francisca de Bocage Irmãa de Manuel Maria de Bocage: a quantia de 96$000 reis por hua so vez. Deixo mais a Jozé Thomas Travassos e seu irmão Antonio Francisco Travaços, sobrinho de Frei Filipe de S. Tiago Travassos a quantia de 24$000 reis a cada hum delles, e por hua so vez. Deixo mais ao Reverendo Senhor Jozé Agostinho de Macedo em lembrança da amizade que lhe tenho, e por ser tão benemerito a quantia de 96$000 reis por hua so vez. — Deixo mais a Joze Manoel de Castilho a quantia de 192$000 reis para aplicar na educação de seus Filhos e por hua so vez. Deixo mais a minha criada Joana Maria a quantia de 96$000 reis e mais 38$400 reis de ordenado de dois annos depois do tempo da minha morte, como se os vencesse a razão 19$200 reis por anno. e isto por huma so vez, e mais lhe deixo toda a mobilia, peças de prata, relogio, habitos roupa e tudo que se achar desta natureza que me pertence, o que assim faço em remuneração de zello e fidelidade e bom serviço que fez a minha casa. Deixo mais a Maria Theresa pelo trabalho que tem tido de me tratar de algumas pequenas molestias a quantia de 48$000 reis por hũa so vez. — Deixo mais a Francisco Fernandes meu criado a quantia de 38$400 reis. Ordeno que depois da minha morte se distribua a quanta de 3:200$000 reis em esmolas cada huma da quantia de 2$400 reis por pessoas pobres viuvas e donzelas do distrito da minha Parochial Igreja de N. Senhora das Mercês, e isto por hũa so vez. Do remanescente da minha herança Instituo por meu unico Herdeiro e nomeado Testamenteiro ao meu bom amigo o Senhor Manoel Pereira Valle e na sua falta a seu companheiro João Antonio Vieira à elleição dos quaes ficará toda a mais disposição necessaria para o meu Enterro e Funeral e para o pagamento e cumprimento dos ditos legados lhe concedo o tempo de quatro annos pelos inconvenientes que podem ocorrer sem que sejão obrigados a prestar contas algumas em juizo

competente para a conta deste meu Testamento porque será bastante recibos reconhecidos e hua Atestação do meu Herdeiro e Testamenteiro por este jurada, e reconhecida verdadeira em que declare ter cumprido independente de mais acto judicial ou extra--judicial. E nesta forma tenho concluido este meu Testamento que quero se cumpra como nele se contem por ser esta a minha ultima vontade para o que roguei a Thomas Alves de Sousa Pinto que este por mim fizesse e como testemunha comigo assignasse o que eu sobredito escrevi a seu rogo, e depois lho ly todo que me disse estava como determinara. Lisboa 25 de Dezembro de 1806. A rogo e como testemunha — *Thomas Alves de Sousa Pinto* — *Diogo Jozé Blanchivill.*

Aprovação.

Saibão quantos este Instrumento de aprovação virem que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1807 aos 25 dias do mez de Dezembro fim do ano de 1806 na cidade de Lisboa em a Calçada do Combro Freguesia de Nossa Senhora das Mercês e cazas de morada de Diogo Joze Blanchivill cavaleiro Profeço na Ordem de Christo Official Mayor Graduado do Real Erario da Repartição das Provincias do Reyno e Ilhas estando elle ali prezente doente de cama por molestia que Deus foi servido dar-lhe, mas em seu perfeito juizo, e entendimento ao parecer de mim Tabellião e testemunhas ao diante nomeadas perante as quaes logo de suas mãos ás minhas me entregou este Testamento dizendo me era seu, e queria lhe aprovasse para o que fazendo-lhe as preguntas da ley responde — Que sim era este o seu proprio Testamento a seu rogo escrito por Thomas Alves de Souza Pinto caixeiro, e morador no Largo do Calhariz da dita Freguesia que depois lho lera todo, e achando o como lhe determinara o assignara elle Testador de seu proprio punho, e signal, como tal aprovava, e ratificava por ser bom e verdadeiro Testamento cedula codicilo qual mais valido seja, revogava outros antes feitos, e somente quer este se cumpra, como sua unica e ultima vontade a que forão testemunhas prezentes chamadas e rogadas por parte delle Testador o dito Thomas Alves de Sousa Pinto, Manoel de Magalhães Ribeiro mestre barbeiro morador na rua da Atalaya Freguesia de Nossa Senhora da Encarnação, Bernardo José Brandão, Official de Barbeiro morador na rua dos Calafates da dita Freguezia, Antonio Pedro de Barros, mestre marcineiro e morador na dita Calçada do Combro, Freguezia de Santa Catharina e João Antonio da Silva Cyrurgião assistente e morador na travessa do Guarda-Mor da mesma Freguesia, que

neste Instrumento assignarão com elle Testador a quem conhecemos ser o proprio aqui contheudo. E eu o Tabelião Izidoro Manuel de Passos Botelho e Alvim o escrevi e depois o ly e assignei em publico. — Logar do sinal publico — Em testemunho da verdade. *Izidoro Manoel de Ramos Botelho e Alvim — Diogo Jozé Blancheville — Thomaz Alves de Sousa Pinto — Manoel de Mugalhães Ribeiro — Bernardo Jozé Brandão — Antonio Pedro de Barros — João Antonio da Silva.*

Abertura:

Joaquim Pedro de Mattos coadjutor da Parochial Igreja de Nossa Senhora das Mercês desta cidade certefico, que este Testamento do senhor Diogo Joze Blancheville me foi entregue fechado e lacrado com nove pingos de Lacre encarnado e cozido com linhas brancas o qual abri, e o achei escripto em quatro laudas e meia de papel em que entra a aprovaçam do Tabelião Izidoro Manoel de Passos o qual achei sem borrão nem entrelinha, nem coiza que duvida faça o que juro in verbo sacerdotis. Nossa Senhora das Mercês de Lisboa 13 de Janeiro de 1807 — O coadjutor Joaquim Pedro de Mattos. — Declaro que este Testamento me foi aprezentado depois do falescimento de Diogo Joze Blanchiville o qual se achava Lacrado com cinco pingos de Lacre encarnado por banda, e cinco pontos de Linha branca o que juro in verbo sacerdotis. Nossa Senhora das Mercês 13 de Janeiro de 1807. — O coadjutor Joaquim Pinto de Mattos — Não contem mais o dito Testamento sua aprovaçam e abertura que aqui registei do proprio a que me reporto no qual não achei borrão emenda entrelinha ou coiza que duvida faça sendo o seu subscrito feito, e assinado pelo mesmo Tabelião, que lavrou o Instrumento de sua aprovaçam e me foi prezentado por Manoel Pereira Valle a quem o tornei a entregar, e assignou comigo de como o recebeu Lisboa 15 de Mayo de 1807. *Joaquim Ignacio da Rocha Pereira e Magalhães* Escrivam do Registo geral dos Testamentos desta cidade e seu Termo por S. A. R. O Principe Regente N. S. que Deus guarde o escrevi, concertei e assignei.

(Torre do Tombo, *Testamentos*, liv. 358, fl. 88).

VIAGEM NOS MARES DA ÍNDIA NO SÈCULO V

ESTUDO LITERÁRIO E HISTÓRICO

POR

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA

A comunicação dos habitantes dos países da Ásia ocidental, do nordeste de África, e da Europa, com os da Índia era feita desde tempos muito antigos ou por via de terra através da Arábia e da Pérsia, ou por via marítima pelo Mar Eritreu (Mar Roxo, ou Mar Vermelho).

No século XV porém os Portugueses fizeram o descobrimento do caminho marítimo da Índia por via da navegação do Oceano Atlântico. O infante D. Henrique, que era muito dado ao estudo das letras, sobretudo da cosmografia, empreendeu descobrir a navegação destas partes ocidentais para a Índia oriental, a qual sabia por certo que já fora achada em tempo antigo [1]. Com efeito pelas notícias conservadas nas obras dos escritores gregos e romanos, sobretudo Herodoto, Strabo, Plínio o antigo, e Pompónio Mela, sabia-se que diversos navegadores tinham chegado ao mar da Índia, navegando ao

[1] Gomes Eannes de Zurara, *Crónica do descobrimento e conquista de Guiné*, cap. XVI; Damião de Goes, *Crónica do Príncipe D. João*, cap. VII; Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, prólogo.

longo da costa da Líbia, quer oriental quer ocidental; nas mesmas obras refere-se, que no tempo de Necos [1], rei do Egito, alguns marinheiros fenícios, partindo do Egito pelo Mar Eritreu, navegaram tanto pelo mar do sul, que chegaram ao Oceano Atlântico, e entrando pelo estreito das colunas de Hércules no Mar Mediterrâneo voltaram ao Egito, donde haviam partido: e que inversamente depois da guerra de Tróia, Menelau, partindo do Mar Mediterrâneo, e saindo pelo estreito das Colunas de Hércules para o Oceano Atlântico, navegara tanto por êste mar, que, passando pelo Mar da Índia, chegara ao Mar Eritreu. O infante D. Henrique, desejoso de descobrir a navegação para a Índia, e convencido por estas e outras notícias, de que se alcançaria por via do Oceano Atlântico, mandou pelos anos de 1418, alguns navios a descobrir a costa ocidental de África para o sul do Cabo de Nam (30° 20′ L. N.) [2], que era o estremo, a que tinha chegado a navegação no seu tempo [3]. Os navegadores, que o infante D. Henrique mandou depois quási ano a ano, até ao do seu falecimento em 1460, descobriram e reconheceram a costa ocidental de África, desde o Cabo do Nam até à Aguada da Serra Lioa (8° 0′ L. N.).

Estas viagens e descobrimentos foram continuadas no reinado de D. Afonso V, de D. João II e de D. Manuel, de modo que os navegadores portugueses correram não só toda a costa ocidental de África, mas também dobrando o cabo, que depois foi chamado de Boa Esperança (34° 30′ L. S.), extremo sul do continente de Africa, entraram

---

[1] Herodoto, IV, 42.

[2] Gomes Eannes de Zurara, *Crónica do descobrimento e conquista de Guiné*, cap. VII e VIII; Damião de Goes, *Crónica do Príncipe D. João*, cap. VII; Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, liv. I, cap. 22.°.

[3] As latitudes são tomadas da obra de Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, liv. I, cap. 7.°

assim nos mares da Índia. Enfim, em 1498, Vasco da Gama, partindo de Lisboa, e seguindo ao longo da costa ocidental e depois da oriental de África, aportou a Melinde (3º 0′ L. S.); e dali atravessando o golfo do Mar da Índia, surgiu perto de Calecut (11º 20′ L. N.).

Êste caminho marítimo pela navegação do Oceano Atlântico, reconhecido depois de passados tantos trabalhos, seria sem conseqüência para o progresso da civilização, se não fôsse seguido de outras viagens; mas os reis de Portugal perseveraram na empreza começada, e enviaram depois cada ano à Índia uma frota, de modo que por meio de viagens periódicas e regulares tornaram possível e asseguraram as comunicações dos habitantes dos países do ocidente da Europa com os naturais da Índia e das ilhas próximas.

Afim de estabelecer o confronto com os progressos da navegação marítima dos povos do ocidente no fim do século XV, seria bem interessante traçar um quadro, em que fôsse debuxado o estado de adiantamento da navegação marítima dos Hindus (naturais da Índia) no tempo em que os Portugueses ali chegaram pela primeira vez; por êle reconhecer-se ia, que os seus mestres de navegação possuiam conhecimentos bem completos da arte de navegar para exercer com sucesso a sua profissão; e que eram hábeis não só para conduzir os navios ao longo da costa do mar à vista de terra, mas também para dirigir a derrota dos navios pelo mar alto perdendo de vista a linha da costa, e ir surgir no ponto a que se propunham chegar [1]. Mas o fim dêste estudo é muito mais li-

---

[1] Acêrca da navegação marítima dos Hindus veja-se a notável e muito documentada obra: *Indian Shiping, a history of the sea-borne trade and maritime activity of the Indians from the earliest times*, by Radhakumud Mookerji, London, 1912, e Gabriel Ferrand, *Le Kouen-Louen et les anciennes navigations interocéaniques dans les mers du Sud*, Paris, 1919 *(Extrait du Journal Asiatique)*.

mitado; nele apenas se porá em manifesta evidência que a navegação marítima atingiu entre os Hindus um gráu de notável adiantamento em séculos muito anteriores, isto é, no século V.

Não é necessário encarecer o grande valor que para a história da civilização tem todos os monumentos, literários e iconográficos, relativos à navegação marítima em épocas antigas; por que ela foi, e ainda é actualmente, um dos agentes mais eficazes para a sua propagação, favorecendo o estabelecimento de relações entre povos, que a distância e a interposição dos mares dificulta.

É um documento literário, relativo à navegação marítima dos Hindus, o objecto dêste estudo; êste documento é o Jâtaka de Supâraga, XIV da Jâtaka-mâlâ, composto em sanscrito por Arya Sûra, escritor que floresceu no século V.

Jâtaka-mâlâ. — A Jâtaka-mâlâ é uma obra composta em sanscrito, e pertence ao canon dos livros sagrados dos Budhistas do norte. Esta obra é uma colecção de narrações de sucessos, nos quais o heroi é geralmente o Bodhisattva, isto é, o Buddha, em uma das suas existências anteriores àquela, em que alcançou a completa sabedoria *(sambodhi)*, e entrou no nirvana perfeito *(parinirvâna)*. Em cada uma destas narrações é glorificado o Bodhisattva por alguma das perfeições que possuiu na virtude *(paramita)* em um dos três gráus, em que as mesmas perfeições podem ser praticadas. Esta classe de narrações é peculiar do Budhismo; pois ainda que a idea, que cada homem tem passado por muitas existências antes da sua existência actual, e que há de passar por muitas outras depois da sua morte, é conforme à teoria dos Brahmanes, e dêstes foi tomada pelos Budhistas; comtudo o emprêgo das mesmas narrações para o

ensino dos grandes princípios de moral é obra do Buddha e dos seus discípulos.

O nome Jâtaka-mâlâ significa literalmente *Grinalda de nascimento;* a palavra *jâtaka* (de *jan*, nascer) significa nascimento, e por extensão designa a narração de sucessos de anterior nascimento ou existência; a palavra *mâlâ* significa grinalda ou corôa, e designa uma colecção selecta ou escolhida de narrações.

A Jâtaka-mâlâ é também conhecida pelo nome de *Bodhisattrâvadânamâlâ*, que significa literalmente *Grinalda de feitos heroicos do Bodhisattva.*

A Jâtaka-mâlâ consta de trinta e quatro narrações de sucessos heroicos, às quais anda junta uma outra que é considerada apócrifa.

Êle é uma obra clássica da literatura sanscrita buddhica; o texto foi publicado por H. Kern [1], e a sua tradução em inglês por J. S. Speyer [2].

Indole da Jâtaka-mâlâ. — Ainda que esta obra tem o título de Jâtaka-mâlâ, isto é, Grinalda (de narrações) de nascimento, ela é realmente uma colecção de homilias. Cada Jâtaka começa pelo enunciado de uma sentença de moral ou preceito de religião, que é ilustrada pela narração. A forma da narração tem o caracter de um discurso religioso, destinado a exaltar a glória do Buddha, a confirmar a sua doutrina, e a incitar o zêlo dos fieis a seguir os seus preceitos, ilustrando tudo com um exemplo apropriado; por isso a Jâtaka-mâlâ é, com razão, considerada como uma colecção selecta de sermões, que se distinguem

---

[1] *The Jâtakamâlâ, stories of Buddha's former incarnations*, ed. by Dr. Hendrik Kern, Cambridge (Massachusets), 1891 e 1914, (*Harvard Oriental series,* vol. I.

[2] *The Jâtakamâlâ, or Garland of Birth-stories*, by Arya Sura, translated from the sanskrit by J. S. Speyer; London, 1895. (*The Sacred Books of the Buddhists,* vol. I).

pela sua sublime concepção e pela sua bela elaboração. Ela é um florilégio de narrações, e a mais perfeita composição literária dêste género; é emfim um documento de primeira ordem para o estudo da antiga homilética buddhica, e por isso com razão colocado entre os Livros sagrados dos Buddhistas do norte.

Forma literária. — Cada Jâtaka é composto, na sua maïor parte, em prosa, tendo de permeio porções em verso; e tudo é escrito no mais puro sanscrito.

A parte em prosa é composta com arte, e florida segundo os métodos e regras da retórica sanscrita. A parte em verso é composta em grande variedade de metros, desenvolvida com perícia, alguns dos quais raras vezes se encontram, e outros são diversas vezes adornados com as qualidades adicionais de rimas difíceis e requintadas. Assim esta obra distingue-se não menos pela superioridade do seu estilo, do que pela elevação dos seus pensamentos e conceitos. O seu autor foi certamente um poeta ricamente dotado pela natureza, cujo talento deve ter-se desenvolvido por extensos estudos literários. Acima de tudo admira-se a sua moderação. Afastando se do uso seguido por tantos outros mestres indianos na arte da composição literária, êle não se permite o costume de embelezar os seus escritos com o luxuriante aparelho da retórica *(alamkara)* sanscrita além do que é necessário para o seu fim. As suas floreadas descrições, os seus longos e bem elaborados discursos, a sua maneira elegante da narração, estão sempre em harmonia com o tema ou a natureza do assunto. Do mesmo modo na escolha dos metros êle foi guiado por motivos de estilística, em conformidade com o tom e o sentimento requerido em dado ponto da narração.

Origem das lendas. — O autor da Jâtaka mâlâ tomou do tesouro dos contos denominados *Jâtaka*, as suas trinta e quatro lendas santas, e quási todos tem sido identi-

ficadas com as correspondentes em outras colecções dos Buddhistas, tanto do norte como do sul. O próprio autor, nas estâncias que servem de prólogo à obra, declara a sua estrita conformidade com as escrituras e tradição; e posto que êle fez muito para as adornar, e embelezar a forma externa dos seus contos, deve acreditar-se que êle não mudou o seu desenho, nem as suas feições essenciais, mas que tem narrado os factos conforme vieram ao seu conhecimento por escrituras anteriores ou pela tradição oral; e quando a sua narração difere daquela que foi conservada em outros escritos existentes, deve inferir-se que êle seguiu alguma versão diferente. Algumas vezes omite particularidades de menor importância, ou para reduzir a extensão da narração, ou por motivos de moral. Frequentes vezes também não dá os nomes próprios de alguns personagens dos contos, sôbre tudo daqueles cujas acções não eram merecedoras de louvor, antes de censura.

O autor colocou em primeiro lugar o Jâtaka da *tigre esfaimada* por consideração e memória do seu piedoso mestre, que tinha celebrado êste Jâtaka. Reconhece-se ainda que o autor, na composição desta obra, seguiu o tesouro das lendas, por um número considerável das suas estâncias. Em geral a parte métrica da Jâtaka-mâlâ é de quatro espécies: a primeira consta de estâncias laudatórias, mostrando e louvando as virtudes do heroi, estas encontram-se geralmente na primeira parte ou preâmbulo da lenda: a segunda espécie, são estâncias descritivas, que contém pinturas de paisagens, ou descrição de fenómenos naturais: a terceira, são discursos religiosos, al gumas vezes de considerável extensão, que se diz terem sido pronunciados pelo Bodhisattva; estes versos tem seu lugar as mais das vezes no fim: a quarta, consiste em estâncias, que se referam aos factos narrados na lenda; são estes principalmente que tem seus correspondentes nos *gâthas* dos Jâtaka pali. É incontestável que em

grande número de casos, a autor trabalhou sôbre um fundo de *gâthas*, egual ou semelhante ao daquelas, que são contidas nos livros do canon sagrado dos Buddhistas do sul. Algumas vezes a afinidade é tão frisante, que o texto de uma versão auxilia a interpretação e a reconstituição crítica da outra.

Autor. — A Játaka-mâlâ foi composto por Aryâ Sûra, conforme a indicação dada no comêço de todos os manuscritos conhecidos desta obra. Esta indicação é confirmada pela tradição chineza: na tradução chineza da Jâtaka-mâlâ, feita entre ao anos de 960 e 1127 J. C., diz se que o autor desta obra foi Aryâ Sûra (Bunyu Nanjio, *Catálogo*, n.º 1312). Segundo a tradição tibetana, Aryâ Sûra era um mestre famoso, e foi o autor do Jâtaka-mâlâ. Târanâtha[1], autor da história do Budhismo no Tibet, identifica Aryâ Sûra com Açvagosa, e ajunta muitos outros nomes, pelos quais o mesmo autor era conhecido. Mas não é crível, que duas obras, o Buddhacarita e a Jâtaka-mâlâ, tão diferentes no fundo e na forma, sejam obras do mesmo autor.

O Dr. Oldenberg observou que o termo da época, a que se pode referir a vida de Aryâ Sûra, é o fim do século VII. Com efeito I-tsing, viajante chinês, que visitou a Índia nos anos 671-695, menciona nas suas memórias a Jâtaka-mâlâ, ou Grinalda de historias de nascimento. Um sutra acêrca dos frutos do *karma*, contido no Tripitaka chinês (Bunyu Nanjio, *Catálogo* n.º 1349), é atribuido a Aryâ Sûra; e como êste sutra foi traduzido em chinês antes de 434 de J. C., Aryâ Sûra deve ter vivido antes daquele ano. Esta conclusão é confirmada pela pureza e elegância da linguagem da Jâtaka-mâlâ, cuja composição certamente pertence a um período de alto

---

[1] *Târanâtha's Geschichte des Buddhismus in Indien*, trad. A Schifner, Saint-Petersbourg, 1869.

modêlo do gôsto literário e de um florescente estado da literatura sanscrita.

Târanâtha, autor da história do Budhismo no Tibet, conservou uma tradição, que mostra a grande estima, em que a Jâtaka-mâlâ era tida entre os seguidores da lei do Buddha. «Aryâ Sûra, tendo meditado sobre o donativo que o Boddhisattva fez do seu próprio corpo a uma tigre esfaimada, resolveu fazer o mesmo, o que não foi sem dificuldade. Uma vez, êle, como na lenda, viu uma tigre seguida por seu filho, perto de morrer de fome; primeiramente êle não pôde resolver-se a fazer o sacrifício do seu próprio corpo; mas depois, evocando uma fé mais intensa no Buddha, e tendo escrito com seu próprio sangue uma suplica de setenta çlokas, ele em primeiro lugar deu á tigre o seu sangue a beber; e quando o seu corpo era exausto de fôrças, offereceu-se êle próprio.» Esta tradição mostra a arrebatadora emoção causada pela eloqüência estimulante do prégador do Mahyana sôbre o espírito dos seus correligionários; e que aquele que compunha tais discursos, devia ser capaz de efectuar por si mesmo as extraordinárias acções do Bodhisattva. E com efeito, alguma parte do entusiasmo religioso dos antigos apóstolos, que levou o Sadharma à China e ao Tibet, atravessa a obra de Aryâ Sûra; e não é difícil compreender que na memória da posteridade, êle havia de ser representado como um santo, que professou a moral da sua religião, não por causa de disputar, como a maior parte dos homens, mas para assim viver.

Assunto do Jâtaka de Supâraga, e merecimento literário e histórico. — O Jâtaka de Supâraga é a narração da viagem marítima de uma companha de mercadores, Banianes, desde Barukhaccha (Baroche), no golfo de Cambaia, até à extremidade oriental do mundo então conhecido, provávelmente as ilhas de Sumatra e de Java, em um navio cujo piloto, de nome Supâraga, era o Bodhi-

sattva, em uma das suas anteriores existências. Esta viagem, conforme é referida no mesmo Jâtaka, é certamente um artifício literário para o fim homilético que o seu autor tinha em vista; mas o autor consignou nele muitas e interessantes notícias acêrca da navegação marítima dos Hindus, conforme era feita no seu tempo; o Jâtaka de Supâraga é, por assim dizer, o tipo da narração de viagem marítima conforme era contada pelos chefes das companhas de mercadores e pelos mestres da navegação; o quadro debuxado é pois verdadeiro, sómente são fictícios os personagens. Por esta razão o Jâtaka de Supâraga, além do seu alto valor moral e religioso, é um monumento literário de grande importância para a história da navegação dos Hindus em época já afastada.

Redacção pali. — O Jâtaka de Supâraga tem correspondente no Jâtaka pali n.º 463 (ed. Fausböll, tomo IV, p. 137-143: trad. inglêsa de Cowell, tomo IV). A redacção pali segue muito de perto a redacção sanscrita, e acrescenta diversas particularidades, algumas das quais merecem consideração, e serão indicadas em notas da tradução. A mais interessante é a que se refere à duração de viagem de Barukhaccha até Vadabâmukha, que foi de quatro meses; no regresso esta longa viagem foi efectuada em uma só noite por efeito do mérito religioso do piloto, que era o Bodhisattva.

Navio.— Acêrca dos navios indianos usados nos séculos VI e VII da era vulgar há notícias bastantes precisas em monumentos literários e iconográficos.

No distrito de Kudu, na ilha de Java, existe um monumento arquitectónico, conhecido pelo nome de Boru Budur, que é um dos mais notáveis do mundo. Êste monumento está construido sôbre o cume de um monte, que aparentemente forma o coração da construção. A base tem a forma de um quadrado de 124^{m} de lado. Em

elevação tem a disposição de uma pirâmide; incluindo o embasamento eleva-se sôbre seis planos sucessivamente menores, e sôbre os quatro primeiros formam-se corredores; as quatro faces das porções da construção compreendidas entre dois planos consecutivos são adornados com paineis trabalhados em baixo-relêvo. Acima do quarto corredor a construção tem a secção circular, e é disposta em três andares, limitados por pequenos *dagoba*, em número de 72; e todo o monumento é coroado por um grande *dagoba*. Os 72 *dagoba* são ôcos, construidos com disposição semelhante a uma gelosia, e cada um contém, ou conteve, a imagem do Buddha na atitude usual, feita de pedra. Nos corredores há nichos, cêrca de 400, em cada um dos quais estava também uma imagem do Buddha. Êste monumento certamente foi consagrado à memoria do Buddha Çakya Muni pelos Hindus, que colonizaram a ilha de Java no VI e VII séculos. Não é conhecida a história dêste maravilhoso monumento; mas a sua construção não é posterior ao comêço do VII século. Tem sido propostas diversas interpretações do nome Boro Budur; a mais provável é segundo o parecer dos mais eminentes orientalistas, que o mesmo nome significa *milhares de Buddhas*.

Nos paineis das faces dos quatro primeiros andares são representados diversos episódios da vida do Buddha Çakya Muni, scenas representativas da narração feita em alguns Jâtaka, tanto daquele Buddha, como dos Buddhas anteriores, ou melhor, das acções do Budhisattva na sua existência em que alcançou a completa sabedoria, como nas suas existências anteriores. Em outros paineis são representados navios navegando no mar, que se supõe serem episódios alusivos às viagens dos Hindus para a ilha de Java no tempo da sua colonização. Estes navios não são do tipo dos navios chineses; e indubitávelmente são do tipo dos navios indianos que no século VI freqüen-

tavam os portos da ilha de Java, provávelmente do sul da Índia, ou de Ceilão. Os navios representados nos paineis são de dois tipos. O maior, e o mais importante, é um navio de dois mastros, e um gurupês (mastro da proa), e um balanceiro de bombordo. As velas são duas; e nos extremos dos mastros vêem-se flâmulas para indicar a direcção da vento. O balanceiro é constituido por um estrado, formado por quatro grossas tábuas de madeira, colocadas paralelamente entre si ao baixo, e formando grade; três suportes mantém o balanceiro a certa distância do costado do navio; quando o vento actuando nas velas tendia a inclinar o navio para estibordo, um ou mais homens da tripulação colocavam-se na extremidade do balanceiro para fazer contrapêso. Á popa era colocada a bússola, por meio da qual o piloto dirigia a derrota do navio; ali também era estabelecido o timão, que o piloto fazia manobrar para mudar a direcção da marcha do navio [1].

No Jâtaka de Supâraga o navio é designado por três nomes: *nau* (nau, navio), *vahana* (navio de transporte, de carga), *vahanaka* (pequeno navio de transporte). Os mastros eram feitos de grossos bambús; as velas, *citâni*, eram de tecido de linho cânhamo.

A tripulação compunha-se do *nausârathi* (piloto), que dirigia a derrota do navio e a manobra das velas; dos marinheiros para fazer a manobra das velas, e dos remadores para fazer navegar o navio, quando havia falta de vento (calmaria), e nas enseadas, e nos portos.

Navegação. — É sabido que no século v da era vulgar

---

[1] Veja-se a estampa do rosto de *Indian Shiping, a history of the Sea-born trade and maritime activity of the Indians from the earliest times*, by Radhakumud Mookerji, London, 1912; Gabriel Ferrand, *Le Kouen-Louen, et les anciennes navigations interocéaniques dans les mers du Sud*, Paris, 1919, pág. 152.

os naturais tanto do sul da Índia como da ilha de Ceilão faziam longínquas navegações; e que percorriam os postos, abras e baías, para o oriente até Sumatra e Java, e para o ocidente até à ilha de Madagascar[1]. Esta navegação não era feita sómente ao longo e à vista das costas, mas os navios penetravam no mar alto perdendo de vista a linha de costa de todos os lados (*samantatos*)[2].

O piloto, ou mestre de navegação tinha noções da arte de navegar bastante extensas e completas para exercer com sucesso a sua profissão. No Jâtaka de Supâraga diz-se que êste conhecia o movimento das constelações; sabia a divisão e distribuição dos quadrantes; distinguia os sinais constantes, acidentais e sobrenaturais (dos fenómenos meteorológicos); sabia o tempo próprio e impróprio da navegação (as monções); reconhecia a região em que navegava, se era próxima ou afastada da costa, pela natureza do fundo do mar, pela côr da água, e pelas plantas, peixes e aves.

Na derrota do navio o piloto orientava-se pelo sol, pela estrêla polar *naksatra-nemi*, e pela bússola. Êste aparelho, denominado *macchayantra*, engenho do peixe, consistia em uma ligeira lâmina de ferro, da forma de peixe, magnetizada pela fricção com o magnete natural, e colocada dentro de um pequeno vaso contendo óleo; a lâmina, posta a flutuar por meio de uma pequena peça de madeira sôbre o óleo, orientava-se na direcção do norte-sul magnético[3].

Os antigos Hindus dividiam a extensão do tempo desde o nascer do sol de um dia até ao do dia seguinte, em 60 partes, cada uma delas denominada *ghaṭa* ou *ghaṭaka*,

---

[1] Gabriel Ferrand, *Le Kouen-Louen et les anciennes navigations interocéaniques dans les mers du Sud*, Paris, 1918.

[2] *Jâtaka-mâlâ*, pág. 89, l. 8.

[3] Radhakumud Mookerji, *Indian Shiping*, pág. 47-48, nota 1.

e por isso equivalente a 24 minutos da divisão do tempo dos ocidentais. O tempo era medido com o relógio de água, o qual consistia em um vaso de louça, ou pote, com um pequeno orifício, que se colocava flutuando em uma tina de água; a posição e grandeza do orifício era regulada de modo que o vaso, para o qual entrava a água pelo pequeno orifício, se afundava no fim de um *ghaṭa*, isto é, de 24 minutos [1]. O número de ordem dos *ghaṭa* era indicado pelo som produzido por um prato metálico, de ferro fundido ou de liga metálica, um *tantan*, batido por uma maceta. O vaso, e também o prato metálico, tinham o nome de *ghaṭi* (pote), e de *ghatiantra*, engenho do pote, em hindustani *ghaṛi* [2].

No alto mar o navio era movido pela pressão do vento sôbre as velas, e dentro das enseadas e dos portos à fôrça dos remos. Na manobra do navio, tanto das velas como dos remos, empregavam homens corajosos, destros, e práticos nos trabalhos do mar.

Sempre que era possível arribavam a alguma enseada ou pôrto, não só para se acolherem das tempestades, mas também para tomar água, lenha e refrescos, e dar algum descanso à marinhagem para prosseguir depois a navegação.

---

[1] Auendo em Ceylão algũa diuersidade na extensão dos dias e noytes, e contando 30 horas de dia e 30 de noite, não podem as horas de deyxar de ser artificiais, em quási todos os dias do anno, e os relogios babilonicos. Usão comũmente destes. Em hum vaso de agua, grande e largo, lanção outro de cobre mais pequeno, com hum sutil orificio no meyo, pelo qual vay recolhendo em sy a agua do vaso mayor; e cheyo se vay ao fundo; e assim dizem ser comprido hum pé, que he hũa hora. Tambem dividem o dia natural em 24 partes, o dia em 12, a noyte em outras tantas, e do mesmo modo desiguais. (Fernão de Queirós, *Conquista temporal e espiritual de Ceylão*, Colombo, 1915, pág. 82-83).

[2] *Monier Wiliams, S. E. D.*, p. 375; Yule and Burnell, *Glossary*, p. 285.

Viagem. — A companhia de mercadores embarcou no navio no porto *(pátana)* de Bharukaccha com destino a Suvarnabhumi. Navegando ao longo da costa em direcção ao sul, entraram no porto de Supâraga para tomar um piloto sabedor da navegação do alto mar, e conhecedor da derrota a seguir para o oriente. Tendo conseguido por meio de rogos, que o celebrado piloto Supâraga embarcasse no navio, prosseguiu navegando ao longo da costa, e depois de dobrar o cabo do extremo sul da península, seguiu na direcção de nordeste, e afastando-se da costa penetrou no alto mar, perdendo de vista a linha da costa de todos os lados. Uma tarde ao pôr do sol, o navio foi assaltado por uma terrível tempestade, um *tufão*[1], em sanscrito *nirghâta*, freqüente nos mares da Índia[2]. Êste fenómeno é anunciado alguns dias antes; quando o sol atinge a sua maior altura sôbre o horizonte, observa-se em volta do disco do sol uma densa névoa formando corôa, com as cores do arco íris muito desvanecidas, é o halo, a que os naturais da Índia dão o nome de ôlho de boi *(gauvaçaka)*[3]. O navio, ainda que violentamente açoutado pelo vento, e arrastado pela impetuosa corrente das ondas, pôde resistir; e pelo destro govêrno do experimentado piloto, saiu da região em que o tufão exercia a sua acção. O navio, impelido pelo vento sudeste, alcançou aproximar-se da costa, passou por diversas enseadas, e chegou a Badavâmukha, extremo do mundo então conhecido.

O navio transportava provávelmente roupas finas de

---

[1] Acêrca da origem da palavra *tufão*, em arábico *tufãn*, em persiano *tufãn*, em malaio *tufan*, em chinês *ta-fung* (grande vento), veja-se: S. Rodolfo Dalgado, *Influência do vocabulário português nas línguas asiáticas*, Coimbra, 1913, pág. 156 e 157; *Glossário Luso-Asáitico*, Coimbra, 1921, II, pág. 389-390.

[2] *Nirghâta*, *Divyâvadâna*, pág. 94, l 17.

[3] Couto, Década V, liv. VIII, cap. XII.

Bharukaccha, muito afamadas, e outros produtos naturais da Índia; no regresso, como o navio tinha sido aliviado de uma parte da sua carga, o piloto fez encher o fundo (o porão) do navio com areia, saibro e pedras, para formar lastro, e dar maior estabilidade ao navio: a areia e saibro eram o ouro, e as pedras as pedras preciosas, de que abundavam as costas dos mares por êles percorridos, provávelmente de Sumatra e Java, e pelas quais os mercadores permutaram as suas mercadorias.

Em tempos mais recentes a viagem dos Banianes, mercadores, de Guzerate a Java era muito lucrativa; e entre êles corria um dito que foi recolhido no Ras Mâla assim[1]:

> Há um dito em Guzerate:
> Quem vai para Java
> nunca mais volta;
> e se por acaso volta,
> então traz dinheiro suficiente
> para se sustentar em duas gerações.

Bharukaccha

A cidade de Bharukaccha era situada na margem direita do rio Narmada, um pouco a montante da sua foz no golfo de Cambaia. O nome Bharukaccha significa paúl (pântano ou atoleiro) de Bharu. Em sanscrito *bharu* significa senhor, mestre, marido; mas supõe-se que *bharu* é uma forma prácrita por Bhiru. Segundo uma tradição

---

[1] Cf. Yule und Burnell, *Glossary*, p. 418; *Ras Mala, or Hindoo Anals of the Province of Gouzerat*, by Kinloch Forbes, 1856, II, p. 82:

> It is a saying in Goozerat,
> who goes to Java,
> never returns;
> if by chance he returns.
> then for two generations to live upon
> money enough he brings back.

buddhica, conservado no Rudrayanâvadâna [1], a cidade de Bharukaccha foi fundada por Bhiru, ministro do rei de Rauraka, que, quando esta cidade foi destruida por uma chuva de poeira, em castigo dos nefandos pecados dos seus habitantes, embarcou em um navio, que encheu de objectos preciosos, e fugiu, escapando assim a tempo [2]. O distrito de Bharukaccha era uma parte importante do imperio de Chandragupta da dinastia dos Maurya. A cidade teve grande importância comercial em razão do seu pôrto ser escala da navegação da Índia para o ocidente. Ela foi conhecida dos geógrafos gregos sob o nome de Βαρύγαζα, e é mencionada na Geografia de Ptolemeu (liv. VII, cap. I), na Geografia de Strabo (liv. XV, cap. 72), e no Periplo do Mar Eritreu (§ 43-47). Ela foi também conhecida dos escritores árabes sob o nome de *Baroh* (Edrisi, I, 179; Zinadin, cap. IV [3]). Do nome arábico provém o nome Baroche, pela qual é designada pelos escritores portugueses, Barros, Couto, Castanheda e Gaspar Correia.

No século XVI a cidade de Baroche fazia parte do Guzerate, que pertencia ao reino de Cambaia; era defendida por um muro, no qual havia uma porta para terra e três para o rio. No verão de 1547, D. Jorge de Meneses, andando em um navio a fazer cruzeiro no golfo de Cambaia por ordem de D. João de Castro, Governador e Visorei do Estado da Índia Portuguesa, subiu o rio Narmada, entrou de súbito na cidade de Baroche, e a saqueou e incendiou, regressando em salvo com os seus ao navio. D. Jorge de Meneses, em memoria dêste ardido feito,

---

1 *Divyâvadâna*, ed Cowell and Neil. Cambridge, 1886, pág. 576.

2 Sylvain Lévi, *Le Catalogue des Yaksa dans le Mahâmayuri*, no *Journal Asiatique*, 1915, I, p. 64-65 e 75-77.

3 Yule, *Cathay*, I, p. 87, n. 1; David Lopes, *História dos Portugueses no Malabar*, pág. 54, e trad. pág. 56.

tomou o apelido do Baroche que depois sempre usou [1]. E [Luiz de Brito com três navios armados] chegando ao rio de Baroche, que é de água dôce com uma corrente mui grande, se deteve dois dias, até chegar à fortaleza, que está ao longo da água, e se vai estendendo por uma ladeira não muito íngreme, feita quási em quadrado, mais comprida algum tanto que larga, tendo por todas as bandas seus baluartes, e ao longo da água cinco, e uma porta em cada lanço do muro. Não tinha peças grossas de artilharia, senão alguma miuda e outra similhante, mas desta muita cópia [2]. Nas cartas marítimas modernas a cidade de Baroche é designada pelo nome de Broach, e está situada em 21° 42′ N, e 72°59′. E. G. [3].

Supâraga

O nome desta cidade deve ter sido em pracrito Sûpâraka, Suppâraka ou Sûpâraga, em pali Suppâraka, e em sanscrito Çurpâraka [4]. Esta cidade é mencionada no Mahâbhârata sob o nome de Surpâraka, como um lugar santo; e diz-se que foi a capital do Konkan entre 500 A. C. e 1300 J. C. A cidade era situada a poucas milhas ao norte de Bombaim, em 18° 25′ N., e 72° 41′ E. G. Segundo as tradições buddhicas, o Bodhisattva era um piloto muito destro na sua profissão, e habitava na cidade de

[1] Couto, Dec. VI, liv. IV, cap. VIII; Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, lenda de D. João de Castro, cap. 79 (vol. IV, p. 606-609).

[2] *Decada 13 da Historia da India*, composta por António Bocarro, Lisboa, 1876, cap. lxxi, pág. 311.

[3] Cf. Yule and Burnell, *Glossary*, pág. 88 s v. Broachi; *Der Periplus des Erythraïschen Meers*, ed. Fabricius, § 43-47; trad. de Schoff, pág. 180; Sylvain Lévi, *Pour l'histoire du Râmâyana*, no *Journal Asiatique*, 1918, I, pág. 86.

[4] Kern, *Jâtaka-mâlâ*, pág. 246, nota.

Sûpâraga. A cidade é mencionada na lenda de Purna[1]. A cidade era muito grande e populosa; o seu muro de cêrca tinha dezoito portas; e a montante da cidade juntavam-se dois rios, que na estação das chuvas inundavam a cidade[2].

A cidade de Supára é ainda mencionada em uma história do Kathakoça, segundo a qual um arquitecto muito notável, chamado Suradiva[3], residia na mesma cidade.

Esta cidade foi conhecida dos geógrafos gregos, e é identificada com Σιππάρα mencionada por Ptolemeu (*Geographia*, liv. VII, cap. I, § 6), e com Σουππάρα mencionada no *Periplo do mar Eritreu* (§ 52)[4]. Cosmas Indicopleustes na *Topografia christã* menciona uma cidade de nome Σιβώρ, que Yule identifica com Supâraga[5].

A mesma cidade é mencionada por Edrisi sob o nome de Sûbâra; e diz que é distante do mar um quarto de milha[6].

A cidade de Supâraga, bem decaída da sua antiga grandeza, foi conhecida dos Portugueses no século XVI, pelo nome de Çupara[7]. Actualmente é designada nas cartas marítimas pelo nome de Sopra.

---

[1] *Divyâvadâna*, pág. 24, 42, etc.

[2] *Divyâvadâna*, pág. 45; E. Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme Indien*, pág. 261 e 269.

[3] *Katakoça*, trad. de Tawney, p. 148-160.

[4] Burnouf, *Introduction à l'histoire du Buddhisme Indien*, p. 235, n. 2; *Der Periplus des Erythraïschen Meers*, ed. Fabricius, § 52 e nota; *The Periplus of the Erythrean sea*, trad. Schoff, p. 197; S. Lévi, *Pour l'histoire du Râmâyana*, no *Journal Asiatique*, 1918, I, p. 86.

[5] *The Christian topography of Cosmas Indicopleustes*, ed. Winstedt, Cambridge, 1909, p. 322, l. 27; Yule, *Cathay*, I, p. clxxxviii e 227.

[6] Yule and Burnell, *Glossary*, p 662-663, s. v. Suppára.

[7] Simão Botelho, *Tombo do Estado da Índia*, concluido em 21 de Outubro de 1554, nos *Subsidios*, p. 144 e 145.

Suvarnabhumi

Os dois termos *suvarṇabhumi* (terra do ouro) e *suvarṇadvipa* (ilha do ouro) encontram se freqüentes vezes nos livros escritos em sanscrito [1].

Dos geógrafos gregos e romanos foi o autor do *Periplo do Mar Eritreu* aquele que mais precisamente indicou a situação dos dois lugares *Suvarṇabhumi* e *Suvarṇadvipa*: no § 63 se diz [2]:

Depois disso, navegando para o oriente, e tendo o oceano à direita, pois navegando para a esquerda [são] as restantes regiões da Índia do lado exterior, encontra-se a província do Ganges [3], e junto dela a extrema terra continental do oriente, chamada Chryse [χρυσῆ (χώρα), *Suvarnabhumi*]. O mesmo rio, chamado Ganges é o maior dos rios da região da Índia, e tem o mesmo crescimento e decrescimento que o Nilo; junto do qual (do rio Ganges) há um empório (porto de mar) [4] do mesmo nome do rio Ganges, para o qual é trazido o malabathron [5], e o

---

[1] *Suvarnabhumi*, no *Jâtaka-mâlâ*, pág. 88, l. 15.

Suvarnadvipa, no *Katakoça*, trad. Tawney, pág. 29; no *Kathâsaritsâgara* (cf. G. Ferrand, *Le Kouen-louen*, pág. 263, n. 3).

[2] *Der Periplus des Erythräischen Meeres*, ed. Fabricius, Leipzig, 1883, p. 108 e 109; *The Periplus of Erythrean sea*, transl. by W. H. Schoff, London, 1912, p. 47-48.

[3] A *Provincia do Ganges* deve ser Bengala (Schoff, *The Periplus*, p. 255).

[4] A *cidade do Ganges* é provávelmente *Tâmralipti*, a moderna Tamluk (22° 18′ N. 87° 56′ E. G.).

[5] Sôbre o *malabatro*, veja-se Garcia da Orta, *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, ed. Conde de Ficalho, Lisboa, 1891, tomo I, p. 343-352; *Le Malabathron* por Berthold Laufer, no *Journal Asiatique*, 1918, II, p. 5-49.

nardo Gangético[1], e o pinicion[2], e cassas excelentes, denominadas gangéticas[3]. Diz-se que há minas de ouro[4], junto dos mesmos lugares, e moedas de ouro chamadas *keltis*[5]. Em frente (da foz) do mesmo rio há uma ilha do mar oceano, que é a última região do mundo habitada para o lado do oriente, sôbre a qual se levanta o sol, chamada Chryse[6] [Χρυσῆ (νῆσος), *Suvarṇadvipa*], a qual tem a tartaruga que é a melhor do que a de todos os lugares (situados junto) do mar) Erytreu.

Suvarnabhumi é identificado com a costa oriental do golfo de Bengala[7], e ainda com o Pegu[8]; e Diogo do Couto

---

[1] O *nardo gangetico* é identificado com o *espiquenarde:* Schoff, *The Periplus,* p. 256; Garcia da Orta, *Coloquios,* II, p. 291-298.

[2] Por *pinicion* designa-se a pérola do Ganges, que é de inferior qualidade, pequena, irregular e avermelhada. (Schoff, *The Periplus,* p. 256).

[3] *Cassas gangéticas* são os finíssimos tecidos de algodão do distrito de Dacca (Schoff, *The Periplus,* p. 256-258).

[4] Estas minas são provávelmente as minas de ouro de Chota Nagpur, situadas a 75 a 150 milhas a oeste da foz do Ganges. (Schoff, *The Periplus,* p. 258-259).

[5] O nome *keltis* foi identificada por Benfey com a palavra sanscrita *kalita,* numerado; mas Elliot cita uma moeda da Índia do sul chamada *kali,* e Vincent menciona uma moeda de Bengala chamada *kallais;* emfim Wilford prefere considerar aquele nome como designando o ouro refinado, chamado *canden* (Schoff, *The Periplus,* pág. 259).

[6] Ptolemeu (*Geographia,* liv. VII, cap. 1) chama a esta ilha Χερσονησος, península; a Ptolemeu seguiram Plínio, *Hist. nat.,* VI, 23, § 80; Pomponio Mela, III, 7, § 70. Schoff (*The Periplus,* pág. 259-261), é de parecer que a Ilha de Chryse designa a península de Malaca; porque numerosas minas de ouro foram descobertas desde tempos muito antigos no distrito malaio de Pahang, ao norte de Malaca.

[7] S. Lévi *Pour l'histoire du Râmâyana,* no *J. Asiatique,* 1919, I, pág. 86).

[8] Yule, *Cathay* I, pág. 183, n. 2; Fabricius, *Der Periplus des Erythraïschen Meers,* pág. 163; Schoff, *The Periplus of the Erythrean sea,* pág. 255.

(Dec. v, liv. IX, cap. v) menciona entre os portos do Pegu, o porto de Subunabo, que é evidentemente uma denominação derivada de Suvarnabhumi.

Suvarnadvipa é identificado com as ilhas de Sumatra e Java [1]. Albiruni, que escreveu em árabe, mas que sabia sanscrito, traduziu *Suvarnadvipa* por *jazir al zahab*, ilha do ouro; e na lingua malaia é denominada *Pular emās*, que tem a mesma significação.

Mares do Oriente

Depois que o navio saiu fora do círculo da acção do tufão, percorreu cinco mares *(samudra)*, cujos nomes são dados adiante. Os nomes dêstes mares são compostos de dois termos; um é a designação genérica *malin*, que significa pròpriamente grinalda, festão, e que supomos designar enseada, pela semelhança que a linha curva de costa da enseada tem com a grinalda ou festão; o outro termo é um qualificativo, característico de cada um dos mares, ou antes de cada enseada.

1. *Khura-malin*, enseada de unha de cavalo, porque nesta enseada foram vistos peixes, que pareciam homens vestidos de armadura de prata, e cujos narizes tinham a forma da unha de cavalo.

2. *Dadhi-malin*, enseada de sôro de leite, isto é, cuja água era turva de côr leitosa. Esta coloração da água era provàvelmente devida à circunstância de ser de vasa o fundo da enseada, e de correrem com grande velocidade as águas na vasante da maré. D. João de Castro observou igual coloração da água em uma enseada, situada entre a barra de Baçaim e o rio de Madrafabá, a 3 de Fevereiro de 1539 [2].

---

[1] Yule, *Cathay*, II, pág. 151 n. 1.
[2] *Roteiro de Gôa a Diu*, pág. 191-192.

4. *Agni-malin*, enseada do fogo, porque provávelmente existia um vulcão em actividade nas montanhas sobranceiras à ènseada, ou que dela se avistavam. Diogo do Couto (Dec. IV, liv. III, cap. I) descrevendo a ilha de Java, diz que nesta ilha há serras altíssimas, e algumas delas lançam fogo pelos cumes, como a ilha de Ternate.

4. *Kuçâ-malin*, enseada de kuça maduro (ou murcho), porque as suas águas eram avermelhadas. Esta coloração das águas pode ser devida à existência de grandes barreiras na linha da costa da enseada, cujo barro era arrastado pelas águas na vasante da maré, tornando-se barrenta [1]; ou porque o fundo da enseada era coberto de plantas marinhas avermèlhadas. D. João de Castro observou grandes manchas vermelhas na enseada atrás mencionada (n.º 2), a 5 de Fevereiro de 1539 [2].

5. *Nala-malin*, enseada de (canas de) bambús, porque na linha de costa da enseada havía extensos bambuais.

Vadabâ-mukha

A região mais afastada, a que o navio foi levado pelas correntes do mar e pelo vento, é designada pelo nome Vadabâ-mukha, que significa literalmente *Boca de egua* [3]. Segundo as tradições buddhistas o Vadabâ-mukha é o lugar onde existe o fogo submarino [4], ou antes a entrada para as regiões inferiores situadas debaixo do mar, onde é o fogo submarino no polo do sul [5]. Pelas indicações

---

[1] Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas. (Pero Lopes de Sousa, *Diário da navegação da armada que foi à terra do Brazil em 1530,* Lisboa, 1839, pág. 12, dia 3 de fevereiro de 1530).

[2] *Roteiro de Gôa a Diu,* pág. 196.

[3] Compare-se com a denominação de *Boca do asno* próximo de S. Julião na foz do Tejo, e *Boca do Inferno* na baía de Cascais.

[4] *Jâtaka-mâlâ*, trad. Speyer, pág. 131, n. 1.

[5] Monier Williams, *S. E. D.,* pág. 915 e 152.

dadas no Jâtaka de Supâraga, parece que o Vadabâ-mukha seria a entrada, aberta na escarpa da costa do mar, para uma vasta gruta subterrânea, para onde as águas do mar entravam, e onde a rebentação das vagas fazia grande estrondo, que repercutida nos paredes da gruta produzia a sensação de sucessivos trovões. O nome de Vadabâ-mukha ter-lhe-ia sido dado pelos marinheiros em razão da semelhança, que o contôrno da entrada da gruta, visto do mar, apresentava com a boca escancarada de uma égua colossal. Esta disposição encontra-se certamente em muitos sítios da costa do mar, e por isso êste caracter é insuficiente para determinar a situação da região mais afastada a que chegou o navio; todavia pode aceitar-se que o Jâtaka de Supâraga se refere à mesma região, a que se alude em uma notável passagem do Râmâyana. Com efeito no Râmâyana, liv. IV, canto 40, Sugriva, rei dos Simios, descreve a Vinata, capitão da hoste que enviava a procurar Sitâ, esposa de Râma, e o seu raptador Râvana, o itinerário que havia de seguir para o oriente desde o centro da Índia até à extremidade do mundo então conhecido. Neste itinerário, depois de nomear successivamente, montes, rios, enseadas e baías dos mares, e de descrever os seus caracteres, menciona a ilha de Java (*Javadvipa*, çloka 30 ed. Bombaim, çloka 33 ed. Gorresio)[1], e ainda mais ao oriente o Vadabâ-mukha pelos seguintes termos:

Recensão de Bombaim (Bombay 1909):

47, *b*. Tendo passado o mar de leite, então vereis, ó Símios;

48. *a*. o mar de água [doce], o Sagara veloz que remove o temor de todos os entes;

---

[1] Cf. Sylvain Lévi, *Pour l'histoire du Râmâyana*, no *Journal Asiatique*, 1918, I, pág. 80 e segs.

b. ali o grande mar, cuja energia é produzida pela raiva, feito como boca de cavalo;

49. *a*. a grande corrente, maravilha dêle (é) do móvel e do imóvel;

b. ali o estrondo dos entes que bradam, cuja habitação é o Sagara, é ouvido, e o Vadabâ-mukha foi visto dos muito aflitos.

Recensão Gaudana (ed. Gorresio, Paris, 1848):

48, *b*. Então, ó Símios, tendo passado o mar de leite, vereis;

49, *a*. o excelente oceano do mar de manteiga, que seduz o coração de todos os entes;

b. ali o (marido da) Hari (Visnu), cuja energia (foi) produzida pela sua raiva, tendo feito o haya-mukha (guela de cavalo);

50, *a*. como o Vadabā-mukha (boca de égua) bebe constantemente a água tornada verde;

b. ali o estrondo dos entes que bradam, cujas habitações são as ondas;

51. *a*. é ouvido, e dos excessivamente aflitos, que entram pelo Vadabâ-mukha (boca de égua).

Comtudo é possível, que no Jâtaka de Supâraga pelo nome de Vadabâ-mukha se designe um dos muitos estreitos que há entre as numerosas ilhas, situadas a pequena distância umas das outras, ao oriente de Java, expressão que seria semelhante à de Boqueirão da Sunda, pela qual Diogo do Couto (Dec. IV, liv. III, cap. I) designa o estreito de Sunda entre as ilhas de Sumatra e de Java.

TRADUÇÃO

Jâtaka de Sûpâraga

Ainda o falar verdade com fundamento da Lei, remove a calamidade; quanto mais que êste fruto, assim dizem, deve ser havido pelo seguidor da Lei. Isto é assim ouvido muitas vezes.

Diz-se que o grande Ente, sendo (em existência de) Boddhisattva, foi condutor de navio (piloto), cuja determinação era muito hábil; pois esta é a essência (inerente natureza) dos Boddhisattva, que certamente por sua natural inteligência, qualquer superioridade do çastra (das sciências) que desejam conhecer, ou espécie de arte, nisso são os mais eminentes sabedores do mundo. Assim o Magnânimo, cuja mente não era perturbada na distribuição da direcção (dos quadrantes) por saber o movimento da luz (dos astros); que conhecia bem os sinais constantes, acidentais, e sobrenaturais; era hábil conhecedor do curso do tempo próprio e impróprio (da navegação); pelos sinais dos peixes, da côr da água, da natureza do fundo, das aves, das rochas, etc. a região do mar era (dele) bem conhecida; tinha boa memória; a sua indolência e sono eram vencidos; era sofredor da fadiga, do frio, do calor, da chuva, etc.; cuidadoso e resoluto; pela sua destreza de levar e trazer (navios) à região desejada, era procurado dos mercadores. E por sua viagem ser bem sucedida: Supâraga, assim (diziam), assim foi por nome; e a cidade (pôrto de mar), habitada por êle, também foi chamada Supâraga, a qual neste tempo é conhecida por Sûpàraga. E êle, por consideração da sua feli-

cidade, ainda na velhice era constrangido a embarcar em navio, precedendo a honra do pedido pelos companheiros de viagem, desejosos do bom sucesso da viagem. Então alguns mercadores, [que faziam o comércio] de Suvarnabhumi; vindos de Bharukaccha, desejosos do bom sucesso da viagem, tendo chegado à cidade de Supâraga, pediram ao grande Ente para embarcar no (seu) navio. Ele lhes falou :

1. Sendo eu velho, ignorante, tendo a vista diminuida,
   sendo tornada fraca a memória pela ocorrência de fadigas,
   até na acção do próprio corpo sendo afundada a energia,
   que auxílio será esperado de mim?

Os mercadores falaram: É sabida de nós esta condição do vosso corpo. E ainda que vós tendes inabilidade para o trabalho, também nós pela distribuição do serviço não desejamos dar trabalho a vós.

Porque é então?

2. Mas êste navio será tornado auspicioso pelo pó
   honrado com o refúgio do lodão dos teus pés;
   E ainda que neste oceano pela grande Durga seja atacado;
   é em bem: assim dizendo, somos vindos a Tua Entidade.

Então o Magnânimo, por compaixão dêles, ainda que o seu corpo era enfraquecido pela velhice, embarcou no (seu) navio. E por êste embarque todos os mercadores, cuja mente era contente, foram assim (dizendo): Seguramente nós temos excelente sucesso de viagem. E quando eles no decurso da sua viagem penetraram (no mar alto), que é percorrido de cardumes de peixes diversos, que resoa com o estrondo da água não imóvel, cujas ondas são agitadas pela variação da fôrça do vento, cuja superfície é variegada por festões de flores das linhas de espuma, que é a habitação das serpentes da hoste dos

Asura, o Pātāla em que é difícil entrar, a água imensurável, o grande Oceano:

3. Então desapareciam sôbre o mar profundo,
(que era) muito anilado como montão de safiras,
(como se) a atmosfera fôsse fundida pelo calor dos raios do sol.
e cuja linha da costa era invisível de todos os lados.

Sendo êles chegados ali, quando ao tempo da tarde no sol a fôrça do círculo dos seus raios era tornada branda, um grande (fenómeno) portentoso, excessivamente terrível, foi à sua vista.

4. Em um instante o mar tornou-se temeroso;
toda a água foi privada do silencio;
um estrondo terrível (foi produzido) pela agitação do vento impetuoso;
a espuma (era) dispersada pelas ondas, que se despedaçavam,

5. Por grandes montes de água, sacudidos do vento prodigioso,
por terríveis correntes da água que rolavam,
o mar tornou-se de aparencia formidável,
como a terra firme abalada no tempo do fim do Yuga.

6. Nuvens azuladas, como serpentes de muitas cabeças,
com relampagos (semelhando) linguas móveis scintilando como trepadeiras,
encobriram o caminho do Aditya,
seguindo-se o estrondo do temeroso trovão.

7. O sol, cuja rede de raios foi coberta por nuvens e nuvens,
desceu pelo seu curso para a sua morada;
no fim do dia a escuridão, avançando de todos os lados livremente,
veiu, como tornando-se densa.

8. No grande oceano, levantado como com raiva,
no circulo das ondas coberto (como) com xaras de chuveiros,
a nau, como aterrada, tremeu excessivamente,
e desanimaram os corações dos (companheiros de viagem).

9. Uns foram em aflição com o terror, (outros) em silencio com o desânimo;
os corajosos (foram) tomados de confusão para o trabalho;
outros (entregavam-se) totalmente às preces dos seus devatâ;
manifestaram as qualidades próprias da sua diferente condição.

Então os mercadores viajantes, porque a nau girava ao redor obedecendo ao choque das ondas agitadas pela fôrça do vento, como por muitos dias não viram a costa de nenhum lado, nem os desejados sinais do mar, mas tendo aumentado o desânimo, pelos estranhos sinais do mar, chegaram ao temor, ao abatimente e à perturbação. Então Supâraga, o Boddhisattva, confortando-os falou: Não é para admirar certamente a comoção (produzida) pela agitação sobrenatural, dos que são imersos (navegam) pelo meio do grande mar; por isso não é conveniente a V. Ent.[des] seguir o desânimo aqui. Porque é?

10. O desânimo não é maneira de resistir à calamidade;
por isso é conveniente dominar a aflição;
mas os que são capazes de fazer o seu serviço com firmeza,
passam pelas dificuldades sem dificuldade.

11. Por isso, tendo removido o desânimo e a aflição,
distribui (entre vós) os lugares do serviço para o trabalho;
pois a energia do (homem) prudente, brilhando de firmeza,
é a mão extrema que toma todo o bom sucesso.

Assim por isso V. Ent.[des] sejam aplicados aos seus misteres: assim disse. E os mercadores viajantes, cujo espirito foi confortado pelo Magnânimo, cujas mentes eram desejosas da vista da costa, olhando sôbre o mar, viram (entes) que tinham a figura de homens, como revestidos de armadura de prata, emergindo (à superfície da água), e submergindo-se; e todos simultâneamente, tendo observado a figura e os sinais deles, admirados,

informaram a Supâraga: Certamente aqui no grande mar estes sinais não foram vistos antes; êles na verdade (são):

12. Guerreiros dos Diti, como vestidos de armadura de prata;
cujos aspectos são horrendos, cujos narizes monstruosos são semelhantes à unha de cavalo;
os quais com emersão, com submersão, com saltos, com ligação,
atingem a (superfície da) água agitada como brincando.

Supâraga falou: Estes (entes) não são homens, nem (entes) sobrehumanos; na verdade êles são peixes: por isso não deve ter-se medo dêles. Mas porque (é)?

13. Nós somos afastados ainda muito longe das duas cidades (portos de mar);
este mar é o Khura-mâlin; por isso esforçai-vos de voltar para trás.

Como o navio era conduzido pela corrente impetuosa, e levado à fôrça pela multidão das ondas, e impelido pelo vento pela parte posterior (pela pôpa), os mercadores viajantes não poderam voltá-lo. Então êles, que eram levados pela fôrça (do vento), tendo olhado pelo mar adiante, branco dos montões de espuma, anilado, brilhando como sendo de prata, admirados, falaram a Supáraga:

14. Que grande oceano é êste, que pelas águas que são como imersas na sua espuma,
é como revestido de um manto claro,
que conduz os raios da lua como correndo
de todos os lados, avança como rindo?

Supâraga falou: Ah! êles tem navegado muito longe.

15. Êste mar é o Dadhi-mâlin, chamado assim oceano de leite;
por isso é conveniente não ir para diante, se for possivel voltar para trás.

Os mercadores falaram: Na verdade não é possível parar o navio, muito menos fazê-lo voltar para trás, sendo o navio sob o impulso (da corrente) muito veloz, e sendo o vento do lado oposto: assim (disseram). Então, tendo passado também êste mar, tendo olhado pelo mar adiante, cujas vagas trémulas imitavam o brilho do ouro, cujas ondas eram avermelhadas como clarão de círculo de fogo, os mercadores, com espanto e curiosidade, preguntaram a Supâraga:

16. Com as aniladas ondas, que se levantam,
feitas montes de carvões, como sinal do (sol) oriental,
que brilha, como clarão de um grande incêndio
que grande oceano é êste, e por isso qual é o seu nome?

Supâraga falou:

17. Êste mar, que é visível, é o celebrado Agni-mâlin;
assim na verdade seria muito prudente se por isso, voltassemos para trás.

Assim o Magnânimo, pela sua qualidade de ver ao longe (previdência), dizia sómente o nome dêste oceano (senhor dos rios), mas não (dizia) a causa da coloração da água. Então os mercadores viajantes, tendo passado também êste mar, vendo um mar, cujas ondas luziam com o brilho da safira e do topázio, e cuja água (tinha) côr semelhante à da mouta de kuça maduro, instigados de curiosidade, preguntaram a Supâraga:

18. Que oceano é este agora, que é visível,
cuja água é da côr da fôlha de kuça maduro,
cujas ondas, sacudidas pelo vento veloz, se quebram
com claras porções de espuma, como com flores?

Supâraga falou: Oh! chefe da companha, esfôrço seja

feito para voltar para trás; porque certamentê não é conveniente ir mais adiante.

19. Èste mar é o Kuça-mâlin; como o elefante (leva) o gancho (aguilhão),
as suas ondas insuperáveis, levando à fôrça o (navio), levam a nossa alegria.

Então os mercadores, sendo incapazes de voltar o navio ainda com esfôrço extremo, tendo passado também êste mar, olhando pelo mar adiante, cujas ondas eram amareladas à semelhança do brilho do vaidûrya e do vamsarâga, preguntaram a Supâraga:

20. Este mar, por suas águas, que tem o brilho esverdeado da esmeralda,
possue beleza como um fresco prado,
cuja decoração é espuma brilhante como lodão vermelho;
que mar é êste, que é visível (agora)?

Então o Magnânimo, cujo coração foi consumido pela iminência da calamidade da companha dos mercadores respirando profunda e ardentemente, falou em (voz) baixa:

21. (V. Ent.des) são chegados muito longe;
por isso é difícil voltar para trás;
êste oceano é o Nala-mâlin,
(é) como a extremidade do mundo.

Os mercadores, tendo ouvido isto, o seu espírito foi obstruido pelo desânimo; a fôrça dos seus membros foi decaída, afligiram-se como se ali fôsse o termo da duração da sua respiração (vida). E tendo passado também êste mar, ao tempo da tarde, quando no sol o círculo dos seus raios foi extinto, como tendo desejo de entrar no oceano, ouviram um estrondo do mar, que quebrou as orelhas e os corações, estrondo tão formidável como do oceano encapelado, e como dos trovões encontrados, e

como o estalar de mouta de bambús cercada de fôgo. E eles, tendo ouvido isto, subjugados pelo terror, cuja mente era agitada, assim levantando-se súbitamente, olhando para todos os lados, viram uma torrente de água muito grande, caindo como em um precipício e como em um abismo. E êles, tendo visto (isto), perturbados por extremo temor e desânimo, aproximando-se do Supâraga, falaram:

22. Este temeroso estrondo, ainda que é ouvido de longe,
como quebrantador das nossas orelhas,
como que agitador das nossas mentes,
como do Oceano enraivecido,
como se toda esta águá incessantemente
caisse em tremendo abismo;
que mar é êste, e por isso que pensa T. Ent.de
que seja feito agora?

Então o Magnânimo, inquieto. Ai, ai! assim tendo falado, e olhando para o mar, falou:

23. [V. Eut.des] são chegados àquele perigoso lugar,
do qual, sendo atingido, não voltam;
(ele) é uma boca, como boca da morte;
este (é) o Vadabâ-mukha.

Os mercadores, tendo ouvido isto: Nós somos chegados ao Vadabâ-mukha; assim disseram; tendo perdido a esperança da vida, o seu espírito se tornou assustado por temor da morte.

24. Então uns, bradaram em alta voz, lamentaram-se, clamaram;
outros perplexos pelo terror, não poderam fazer nada.

25. Outros inclinaram-se (adorando) o senhor dos deva
com o espírito abatido pela tristeza;
e outros tomaram refugio nos Aditya, e em Rudra,
e nos Marut, e Vasu, assim como em Sâgara.

26. E outros recitaram em voz baixa varias orações,
mas inclinaram-se ás devi segundo o rito;
alguns, aproximando-se de Supâraga,
contorcendo-se de diferentes modos, se lamentaram
com tristeza.

27. Tu, que sempre suportaste o terror dos desgraçados,
que possues a virtude da compaixão pelos outros,
é chegado o tempo de empregar
a superioridade do teu poder.

28. Tu, ó firme de espírito, inclina-te a socorrer-nos,
a nós aflitos, desprotegidos, que tomamos refúgio em ti;
pois êste (mar) agitado, em sua cólera, deseja fazer de nós
como pedaço (a tragar) pelo Vadabâ-mukha.

29. Não (é) proprio de ti abandonar esta gente,
que está perecendo no meio da corrente das ondas;
o grande mar não ultrapassa a tua ordem;
por isso (faze) que seja parada esta sua agitação.

Então o Magnânimo, por sua grande compaixão, e ainda por ser implorado o seu coração, reanimando os mercadores falou: Há ainda aqui, apresenta-se a nós uma certa maneira de recurso (de salvação); esta indicarei agora; por isso V. Ent.des sejam corajosos por um momento: assim (disse). Então os mercadores disseram: Há ainda aqui uma certa maneira de recurso (de salvação): assim disseram; reanimada a sua coragem pela esperança, colocando nele a sua atenção, foram silenciosos. Então Supâraga, o Boddhisattva, tendo lançado o manto sôbre um ombro, tendo posto sôbre o (convés do) navio a rótula do joelho direito, e inclinando-se de todo o seu ser fazendo reverência aos Tathâgata, falou aos mercadores viajantes: Ouçam agora, V. Ent.des, mercadores viajantes, e os diversos deva, que tem a sua habitação no mar e no ar:

30. Desde que (eu) me lembro de mim mesmo,
desde que fui chegado a (ter) entendimento,
não me recordo de ter pensado
em ofender por mim algum ser vivo.

31 Por esta afirmação da verdade,
e pela fôrça do meu mérito religioso,
o navio, sem chegar a Vadabâ-mukha,
volte para trás em salvo!

Então, pela fôrça da autoridade da verdade, e pelo esplendor do mérito religioso do Magnânimo, o vento com a corrente das ondas, virando de direcção, fizeram voltar para trás o navio. E os mercadores, cujos espíritos foram tomados de intensa alegria e de extrema admiração, vendo o navio voltado: Voltou-se o navio; assim disseram, e ofereceram a Supâraga a sua veneração precedida das cortezias. Então o Magnânimo falou aos mercadores: V. Ent.[des] sejam quietos; içem depressa as velas: assim (disse). E aqueles, que haviam de fazer esta (manobra), sendo designados por êle, pelo poder da fôrça produzida pela (sua) intensa alegria, assim o fizeram.

32. Então com o murmúrio e riso da gente contente,
e com as agradáveis azas das brancas velas abertas,
o navio brilhou, indo pelo oceano,
como garça real no ar, idas as nuvens.

Mas quando o navio, sendo favoráveis as ondas e o vento, foi virado, e avançava como por sua própria vontade, com a aparência de carro celeste, quando a vermelhidão do crepúsculo não era tornada muito escura, quando a extensão das trevas se estendia ao longe, quando os pontos cardiais eram adornados com as constelações visiveis, quando havia algum resto de clarão no caminho do sol, Supâraga falou aos mercadores: Ó chefe da companha, nos mares, que já foram vistos, começando por Nala-mâlin, fazei tirar do fundo para o navio areia e saibro, quanta poder conter; assim êste vaso de viagem (navio), quando for assaltado pelo tufão, não dará à costa; e a areia e saibro, sendo consideradas auspiciosas, certa-

mente serão para vós de proveito e ganho: assim (disse). Então os mercadores viajantes, quando os sitios próprios foram indicados pelos devatâ, pela sua alta estima e afeição por Supâraga, tendo tirado do fundo (do mar) na suposição de areia e saibro, carregaram o navio de pedras preciosas, como vaidûrya e outras; e em uma noite (de viagem) o navio chegou a Barukaccha.

33. Então ao amanhecer, tendo o navio cheio
de prata, safiras, vaidûrya e ouro,
eles, chegados ao limite da costa do seu país,
excitados de alegria, o louvaram muito pelo favor.

Assim o falar verdade com fundamento da Lei, também remove a calamidade; quanto mais que êste fruto, assim dizem, deve ser havido pelo seguidor da Lei. Também assim falando acêrca da natureza do auxílio de um amigo virtuoso: Os que recorrem a um amigo virtuoso, alcançam a felicidade; assim (é dito).

SUBSÍDIOS PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA E ANOTADA DA «EUFROSINA»

I. ERROS TIPOGRÁFICOS DA EDIÇÃO DE 1561, QUE AINDA NÃO FORAM CORRIGIDOS

Apesar das emendas feitas por Francisco Rodrigues Lobo na edição que publicou em 1616, subsistem ainda bastantes erros no texto de 1561.

Farei uma resenha dos principais, reportando-me à edição de 1918, por meio da qual é fácil encontrar os respectivos passos na de 1561.

1) P. 5, l. 9. «Quàdo ho demo naceo, ja eu entam engatinhava; mas como me inda bem lẽbra, quando se elle, de cõserva cõ os Tyranos, quis semelhar ao alto Jupiter, que cõ os rayos do coxo Vulcano os soverteo no cẽtro da Ethna».

Titanos e não *Tiranos* é que se deve ler, como o contexto o mostra. *Titanos* está aqui por *gigantes*, o que não é raro na literatura clássica [1]. Emquanto à forma *titanos*, a par de *titães*, também no latim há *titanes* e *titani*.

Em resumo: a *Eufrosina* emprega a palavra do mesmo tema e com a mesma significação que ela tem, por exemplo, neste passo do *Persa* de Plauto:

Quid ergo faciam? deisne advorser quasi Titani? cum eis belligerem? (I, 1, 26).

---

[1] Cf. *Roscher, Ausführliches Lexicon der griech. u. röm. Mythologie*, I, 2.ª p., 1642.

E se qualquer dúvida pudesse ainda subsistir, tirá-la hia êste passo do *Memorial das proezas da segunda Tavola redonda*, obra, como se sabe, do mesmo autor da *Eufrosina:* «Parecia... ho campo em que Jupiter com seus rayos desbaratou os Titanos» (p. 353, ed. de 1867).

Direi de passagem que Ferreira de Vasconcelos escreveu *da Ethna*, e não *do Ethna*, como Rodrigues Lobo emendou. Basta citar êste lugar da p. 114, l. 10: «A dor... abafame e acanhame os spiritos de maneira que me parece trazer sobre elles a ilha Ethna» [1].

2) P. 6, l. 21. «Temime ser Forviam cõ Anibal». *Formiam* — escreveu sem dúvida o autor. É o filosofo da anedota referida por Camões nos *Lusíadas*, x, 153.

> De Phormião, philosopho elegante,
> Vereis como Anibal escarnecia,
> Quando das artes bellicas deante
> Delle com larga voz trataua & lia. [2]

R. Lobo emendou desta maneira: «Temime, porem sou Forbiam com Anibal». Isto é: conservou o êrro que estava e acrescentou outro peior, fazendo dizer ao autor uma cousa inteiramente diferente, se não contrária, do que êle queria.

3) P. 7, l. 4. «Eu sou dos que requerem Aretusa e comedia no mais maçorral estilo. Eyvos de falar mera lingoagẽ,... que eu tenho em muito a Portuguesa, cuja gravidade, graça laconia e autorizada pronunciaçam nada deve aa latina, que Vala eçalça mais que seu imperio».

---

[1] *O monte Ethna*, corrigiu também aqui R. Lobo. Cf. *Ulysippo*, a. III, sc. 6.ª «Inflama os peitos de ardor mais contino, que o das ilhas Vulcanas e o monte Etna». É provável que também aqui fôsse modificado o texto primitivo. Cf. no *Mem.* cit., p. 352: «da montanha Ethna».

[2] Nestes quatro versos resume o nosso épico o que Cícero conta mais largamente no *De Oratore*, II, 18.

¿A que propósito vem aqui *Aretusa*, a fonte e ninfa de que se ocupam os mitógrafos e a que os poetas aludem freqüentemente?[1] ¿E como é que o autor pode afirmar que é dos que requerem comédia no mais maçorral, isto é, no mais rude estilo, quando logo a seguir promete precisamente o contrário?

Estamos sem dúvida em presença de uma diabrura tipográfica. Permita-se-me propor a seguinte correcção: «Eu sou dos que requerem *a fiuza*, isto é, confiadamente, *em* comédia *no* (= não) mais maçorral estilo».

Assim já se intende o que o autor quer dizer e há perfeita coerência entre estas palavras e as que se lhe seguem. *A fiuza* é expressão que se encontra em mais de um passo da *Eufrosina*. «A fiuza de parentes, nã deixes de guardar que merendes» (p. 44, l. 4); «a fiuza do conde, nã mates o homem» (p. 77, l. 26). Emquanto ao *no mais*, cf. por ex., p. 142, l. 33. Vala, isto é, Lourenço Valla, o afamado humanista do renascimento, o autor da *Elegantia latinae linguae*, foi transformado por F. R. Lobo em dois modestos pronomes: *vo la*, ficando sem sentido a frase *que vo la exalça*[2].

4) P. 7, l. 30. «Vinde cá:... que quer dizer Fernãdo rezã demanda Martĩz?... Direys vos: Fernando per rezam demanda Martĩz que se chame Fernam martĩz. Inda ahi ha mais que fazer que nas bragas de hũ frade. Antes eu diria: Fernã martĩz demanda rezam. Vedes como vẽ a plumo?»

---

[1] Cf. *Lusíadas*, IV, 72:

> E assi a agoa, com impito alterada,
> Parecia que doutra parte vinha,
> Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
> Vai buscar os abraços de Arethusa.

[2] V. a observação do Sr. Aubrey F. G. Bell a p. XVI da introdução à *Eufrosina*, edição de 1918, onde êste disparate é corrigido.

Entre *demanda Martīz* e *que se chame* deve faltar a disjuntiva *ou*, isto é, são três e não apenas duas as interpretações da arrevezada construção. E só assim se compreendem bem as palavras *inda ahi ha mais que fazer* etc.

Rodrigues Lobo não se limitou a eliminar a referência às *bragas do frade* [1], mas substituiu o *ahi ha* por *vejase a*, escusadamente e antes com prejuízo do texto.

5) P. 9, l. 25. «A primeira monarchia começou nos Asirios orientaes. A segunda nos Persas. Deshi passouse de Asia a Europa nos Lacedemonios, a terceyra, e quarta nos Romanos». É óbvio que em vez de *Lacedemónios* se deve lêr *Macedónios*. É a monarquia de Alexandre Magno.

6) P. 9, l. 30. «Na ley de natura chamouse o nome de Deos Soday, que he de tres letras, na da Scriptura Tetagramatõ, em cujo logo dizem os Hebreos Adonay, de quatro letras. Agora na de graça diz se Panagramatõ, de cinco» [2].

Saday, Tètragramatõ [3], *Pentagramatõ* — é como naturalmente estaria escrito no original [4].

---

[1] Se é que esta eliminação não é da autoria do revedor da Inquisição, Fr. Diogo Ferreira, que também fez suas emendas, como consta da respectiva licença.

[2] O trecho não foi reproduzido nas edições de 1616 e 1786.

[3] A edição de 1918 faz a emenda.

[4] As tres letras de *Saday* são as consoantes hebraicas representadas pelo *S*, *d* e *y*, não entrando em linha de conta a circunstância de que o *d* tem o sinal da duplicação. pois neste caso já não seriam três, mas quatro aquelas letras. Segundo a tradição sacerdotal dos hebreus, era êste o nome da divindade no tempo dos patriarcas. V. *Dictionnary of the Bible* de Hastings (Edimburgo, 1899), II, 199.

O Tetragrammaton indica o nome de Iahveh, formado de quatro consoantes. Os hebreus não proferem êste nome, mas em vez dele dizem *Adonai*. E foram as vogais desta palavra que deram origem à pronúncia *Jehovah*. O Pentagrammaton é formado, creio eu, pelas consoantes hebraicas da palavra *Emmanuel*, contadas *grosso modo*, como em Saday.

7) P. 18, l. 28. «Os Cryticos cõ as Eumenides & Gorgonas nam dã os tormentos que a openiam de meus desejos causa». *Trágicos* e não *críticos* se lia decerto no manuscrito do autor. Basta recordar as duas tragédias de Ésquilo — *As Coéforas* e *As Euménides*.

E na tragédia que se perdeu — *As Fórcidas* (isto é, as filhas de Forcis, as Górgonas, Medusa e as duas irmãs), o mesmo tragediógrafo tinha apresentado Perseu, o matador de Medusa, cómo perseguido pelas irmãs desta [1].

É por isso que nas *Coéforas*, o matricida Orestes, ao ver as Erínias (Furias, Euménides), as compara, aterrado, com as Górgonas (v. 1049). É por isso também que nas *Euménides*, a Pítia, ao dar com os olhos nestas, se lembra logo das filhas de Forcis (v. 48).

8) P. 32, l. 31. «Mais val a quem Deos ajuda, que quem muito madruga. E se volla ella tem prometida, nam ha tantos no mundo que vola tirem». *Ella* já foi emendado para *elle* (Deus) na edição de 1786; ficou, porém, ainda *tantos* em vez de *santos*. Cf. p. 117, l. 20, e p. 240, l. 20: «Quando Deos nam quer, santos nam rogam».

9) P. 34, l. 9. «Leixaime fazer que eu vos porei de lodo». Suponho que se deve ler: fora do lodo. Cf. p. 36, l. 26: «Guardevos deos... de lodos em caminho» e *Ulisyppo*, acto II, sc. 7.ª: «Andai comigo, que eu vos tirarei o pé do lodo».

10) P. 35, l. 14. «Estoutros pintãos Napoleses [2]... nam tem os pecadores nẽ penamilhamor por hu correr; tudo he por ca foy, por acola entrou». ¿Que é *penamilha*, com ou sem o *mor*? Não é nada. O autor, segundo me

---

[1] V. Pauly-Wissowa-Kroll, *Real-Lexikon*, etc., XIV, 1642.

[2] São os rapazes que recorrem aos serviços de Filtra, sem terem dinheiro para lhos pagarem.

parece, deve ter escrito: *pes nem trilha mor* (ou *melhor?*). A palavra *trilha* aparece mais de uma vez na *Eufrosina*. V. p. 62, l. 30 *(seguille a trilha)*, p. 87, l. 30; p. 266, l. 32.

11) P. 57, l. 8. «Nora rogada e panela repousada nam a come toda a barba» — diz Filtra, encarecendo o serviço que acaba de prestar a Cariófilo. *Noiva* ou *nova*, e não *nora*, suponho que é a lição exacta. Pouco adiante, p. 61, observa o mesmo Cariófilo: «Eu porem serei noivo esta noite, apesar de gallegos».

12) P. 106, l. 13. Na carta escrita da Índia, diz o irmão de Sílvia de Sousa: «Acodinos (= *acodiunos*) juncto da Barra Fermosa vento fresco, que nos assoprou em nossa rota batida te a terra dos Rumos, e aqui nos escaceou e comtudo pos nos no Cabo das Correntes». Na edição de 1785 *Rumos* foi emendado para *Rumes*. Mas *Fumos* é que deve ser [1]. Já em um mapa de 1502 figura a *Terra dos Fumos*, ao norte do Natal [2].

13) P. 115, l. 28. «Nam sei que diga nẽ que diga». Rodrigues Lobo emendou: *nem que digo*. Parece-me não haver dúvida que deve ser: «Nam sei que diga, nem que nam diga». Cf. p. 150, l. 27: «Eu nam sey que diabo elle ouve, nem que nam». A emenda *não sei que digo* significaria muito mais do que a hesitação em que se achava Zelótipo; seria uma confissão de inépcia ou desnorteamento.

14) P. 158, l. 31. «A quem doe o dente vai a dentusa».

---

[1] V., por ex., Frei João dos Santos, *Etiopia Oriental*, edição de 1891, t. I, p. 159.

[2] Publicado por E. Ravenstein, na tradução inglesa do «Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama» *(A journal of the first voyage of Vasco da Gama, Hackluyt Society)*. Em nota à p. 17, correspondente à p. 19 da 2.ª edição do *Roteiro*, diz êle: «Hence called «Terra dos Fumos», or, more correctly, «Alfumos», the land of the petty chiefs».

Naturalmente o autor escreveu *doe a dentuça*. É assim que o ditado corre e se encontra registado, por ex., na *Prosódia* do P.e B. Pereira e no *Dicionário* de Morais.

15) P. 164, l. 1. «Podeis escaramuçar polas vegas [1] de Granada... tee chegar a poer o conto da lança em . P. [2]» Deve ser em . R., isto é, em reste. «Pôr a lança em reste ou no reste» é uma expressão muito usada nos livros que se ocupam dos combates reais ou fictícios dos cavaleiros da idade média.

16) P. 167, l. 5. «Escreveilhe... conselhandolhe que... nam tome conuersações odiosas». Suponho que o autor escreveu: *conuersações ociosas*. Cf., por ex., p. 160, l. 19: «Como quem vive de ouciosidade, que he a isca deste fogo».

17) P. 168-169. «(O amor) he um rapaz muy tredo e, tirado de rapazes que o estomentam, e nam lhe esperam a tiro como alveloa, a todo o outro esprito affeiçoado faz mil perrarias». *Esperam o tiro*, e não *a tiro*, deve ter escrito o autor da *Eufrosina*.

18) P. 182, l. 11. «A ordem (das obras de Deos) he nam na ter conforme a nosso juizo, porque soo assi se entende; ninguem he seu conselheiro». Não pode haver dúvida que, em vez do advérbio *assi*, se deve ler: *a si*.

---

[1] R. Lobo emenda: *pola Vega*. Nos chamados romances fronteiriços encontra-se efectivamente o singular. Basta citar o princípio do *Romance del Maestre*: «Por la vega de Granada — un caballero passea». Menéndez y Pelayo, *Antologia*, VIII, 172. Mas não me parece que se trate de um êrro de imprensa.

[2] V., por ex., êste passo do *Palmeirim de Inglaterra*: «E depois de (os juízes do campo) lhe partirem o sol,... (o cavaleiro negro e Albayzar) ao som dũa trombeta, co as lanças no reste, cubertos dos escudos, remeteram com tamanho impeto» etc. (T. II, c. 89). O nosso *reste* ou *riste* corresponde ao *areste* do francês medieval, de que provém o moderno *arrêt*, que é assim definido no Dicionário de Hatzfeld—Darmsteter—Thomas: «Pièce du harnais sur laquelle on appuyait la hampe».

19) P. 183, l. 14. Sílvia de Sousa, recusando-se a receber uma carta que Zelótipo lhe quer dar para Eufrosina, exclama: «Oo triste de mĩ! Se Eufrosina a vio, em que fadigas me meteis! Eu a ei de ir logo queimar».

Vir e não *viu* é que deve ser, segundo o contexto.

20) P. 183, l. 22. «Fico aqui qual Archeminedes em Cezilia [1], aa [2] sombra que sou eu de mĩ». *Archeminedes* creio eu que não é êrro de imprensa, mas o nome propositadamente estropiado de Arquimedes. Com efeito Jorge Ferreira trata os nomes próprios com bastante liberdade. A êste, por ex., alongou-o, mas o de Hipócrates redu-lo a Hipocras (p. 20, l. 14) [3]. É que naturalmente se não julgava com menos direito do que os poetas a servir-se das licenças a estes reconhecidas pelos tratadistas [4].

21) P. 187, l. 1. «Como la dizem: quem boca beija, boca nam deseja». Na primeira parte do provérbio falta decerto a negativa: quem boca nam beija etc.

---

[1] Alusão ao conhecido caso referido por Plutarco na *Vida de Marcelo*. Quando Siracusa foi tomada, Arquimedes tão absorvido estava com um problema que nem deu pela entrada da cidade e foi nessa ocasião morto por um soldado romano, que o queria levar à presença de Marcelo.

[2] Os dois *aa* equivalem a um só.

[3] Na *Celestina* ainda é maior a redução dêste nome. «O si viniéssedes agora, Crato é Galieno, médicos, ¿sentiríades mi mal?» (A. I, sc. 1.ª). Hipócrates e Galeno são os dois médicos a que se refere o apaixonado Calisto. ¿De passagem ocorre perguntar se Fernando de Rojas não teria escrito *viviéssedes*, em vez do *viniéssedes* do texto corrente?

[4] Assim, por ex., na *Arte de poesia castelhana* de Juan del Encina podia êle ter lido e naturalmente leu: «Tiene el poeta y trobador licencia para acortar y sincopar qualquier parte ó dicion... Puede assi mismo corromper y estender el vocabulo». A *Arte* de Encina encontra-se no princípio do seu *Cancioneiro*, cuja primeira edição é de 1496. Reprodu-la Menéndez y Pelayo na *Antologia* cit., t. V, p. 30 e segg.

22) P. 192, l. 29. «Bom jam vaz lhe seria elle esse». O contexto mostra que se deve ler: *me* e não *lhe*.

23) P. 193, l. 4. «Tendes um receacho palenciano que me mata». Na *Aulegrafia* lê-se *palanciano* (fl. 48). *Alegria palanciana* diz também o Arcipreste de Hita, no episódio de *D. Melón de la Huerta y Doña Endrina*, um dos antepassados da *Eufrosina* [1]. Mas no *Cancioneiro Geral* de Resende: *palenciano* (t. I, p. 352; t. V, p. 397), i. é, *palaciano*.

24) P. 194, l. 17. «Nam ha mor estado que o preço da propria pessoa, e cabrões que a poseram em ter dinheiro... veolhe de terem baixos os spiritos». Deve ser, parece-me, *o poseram*, referindo-se *o* ao *preço*.

25) P. 216, l. 8 «Olha, mana, que em toda maneira não faça hi al». Deve ser *faças*, pois o sujeito é o mesmo de *olha*.

26) P. 235, l. 22. «Ca nos entendemos; vos navegais per um rumes povo». Deve ser: *rumo povo*. Cf. p. 237, l. 31: «Eu nam me comunico com gente povo» [2]. *Povo* está nos dois casos empregado como adjectivo.

27) P. 252, l. 2. «Sabeis que (Zelotipo) ter magoas que chorar». *Ter* é erro de imprensa, por *tem*, como se vê pelo contexto.

28) P. 266, l. 3. «Consultemos isto bem, que as cousas bem cuidadas, se nam socedem, nam parecem». Deve ler-se: *nam perecem*. É uma das sentenças de Publílio Siro: «Bene cogitata si excident, non occident» [3]. Na *Aulegrafia* vem o mesmo pensamento expresso por esta forma: «Cuidayo bem, que as cousas cuydadas, se embicam, não cahem» (fl. 112).

29) P. 268, l. 22. «Se me soubesseis sentir, achareis

[1] V. M. y Pelayo, *Antologia* cit., t. 3, p. LXXXIV.
Rodrigues Lobo escreve *Palenciano*, como se derivasse de Palência.

[2] *Huns rumes povo* corrigiu R. Lobo.

[3] *Publili Syri Sententiae recensuit* A. Spengel (Berolini 1874), p. 27.

mil antreseios neste casco». A correspondência dos tempos mostra que se deve ler: *acharieis.*

30) P. 275, l. 1. «Esqueceuse o doutor das cautelas da sua sciencia, porque lhas nam dam senam pera o mal». Parece-me que se deve ler *dá,* sendo *sciência* o sujeito. A desinência do plural foi naturalmente motivada pela palavra que precede e pela que se segue.

31) P. 293, l. 9. «Os virtuosos apuramse nas miserias e desaventuras e com a experiencia dos trabalhos fazem-se sabedores, conhecendo a facilidade humana». *Fragilidade* e não *facilidade* creio que escreveu o autor. O êrro tipográfico é fácil de explicar.

32) P. 294, l. 32. «Como nos visitam com qualquer conhecença da vida, logo o carro he entornado, e já Deos he escasso ou esquecido». ¿Não deverá ler-se *caldo,* em vez de *carro?* Cf. p. 297, l. 5: «Silvia de Sousa... remexeo todos estes caldos».

33) P. 297, l. 34. «Isso fez Eufrosina? [1] Estou encantado! Certamente já em ninguem crerei?» *Encantado* ou *espantado?* Creio que no manuscrito se leria o segundo particípio.

34) P. 300, l. 22. «Sois ja na idade que vedes, e visto quam perto estais, ao que parece, de dar vossa residencia, mais vos cumpre estar bem com Deos» etc. Tudo me leva a supor que em *dar* falta a sílaba *mu* no princípio. *Mudar* vossa residência — é o que pede o contexto.

35) P. 302, l. 7. «Ja isso acaeceo a vossa filha como a outras muitas, que nam foi ella a primeira: que lhe aveis de fazer, se nam curalo com todo o siso?» Em vez de fazer pausa em *primeira,* parece-me que deve ler-se: *Ja que,* ficando esta oração subordinada à interrogativa: *que lhe aveis de fazer.*

Dr. José Maria Rodrigues.

---

[1] Tinha-se casado clandestinamente, sem licença do pai.

ANOTAÇÕES AOS «OBITUÁRIOS DA CASA DE SÃO ROQUE»

Despertam trabalhos dêste género as anotações dos estudiosos. Do ilustre investigador sr. João Guilherme Carlos Henriques recebi algumas das seguintes notas, que muito agradeço, e oferecendo-as ao *Boletim da 2.ª Classe*, devidamente as explico e amplio, quanto me é possível.

I

Refere-se a primeira nota ao assento N.º 53, da pág. 13, relativo a D. Maria de Goes. Diz o comentador obsequioso:

«Afigura-se-me que esta senhora é a filha bastarda de Damião de Goes, que conforme êle depôs em 20 de maio de 1572, era quem tinha cuidado de sua casa nos Paços do Castello. Esta filha foi matriculada confreira da Real Casa do Espirito Santo de Alemquer em 1549, e admitindo que tivesse então 15 anos, isto é, que tivesse nascido em 1534, quando o pai tinha 32 anos, teria 74 em 1608 (data da sua morte no assento citado) o que não torna inverosímil a minha idéa.

«Houve outra Maria de Goes, prima direita daquela, pois era filha de Fruitos de Goes, irmão de Damião. Não me parece que o assento de São Roque diga respeito a ela, porque foi freira da Ordem de Santa Clara».

Até aqui o distinto e erudito investigador *Goesiano*, o sr. Henriques. Advertirei que não anotei os assentos dos

Obituarios porque isso me levaria muito longe, demorando e entravando aquela publicação documental. Deixei a estudiosos professos o encargo de apropriar e comentar os textos copiados e publicados. Chamado porém a êsse campo aproveitarei o ensejo de fornecer os parcos elementos de que disponho para aditar estes comentários. Sôbre D. Maria de Goes — (¿ será a mesma do assento 53?) há no *Arquivo da Misericordia* a seguinte nota. Em um documento, que se vê ser uma relação de minutas de escrituras pertencentes à Misericórdia, existentes no cartório do tabelião Joaquim Vieira Henriques, morador ao pé da Balança do Senado, ao Campo do Corral, feita no ano de 1657, lê-se a indicação: — «No L.º que foi do tab.am Simão Antunes, (sob N.º 5 da d.a nota) — uma escritura de venda. Maria de Gois. A'miz.a — Ano 1604». (Maço 1.º de *Varios Papeis Antigos* N.º 22).

Como todos os subsídios Goesianos teem interêsse ajuntarei aqui dois. No mesmo *Arquivo,* numa Carta de doação de terras nas Lezirias, ha menção, nas confrontações do Corredouro na Lesiria da Azambuja, na Porta de Fundo, — de partir com outro Corredouro *de Fruitos de Goes.* Isto em 3 de Setembro de 1548, sendo Contador das Lesirias e Paúes, Aires do Quintal.

(Maço 1.º de *Diplomas,* N.º 58).

Êste Fruitos de Goes, irmão de Damião, possuia também em Lisboa, umas *Casas ao Ressio, «defronte dos arcos do ospital, junto a Valverde».* Isto em 18 de Setembro de 1550, e por seu falecimento ficaram a sua filha Luiza de Goes. Consta tudo do *Tombo Velho,* fl. 41 v.º do *Arquivo Municipal.*

II

Acêrca do assento N.º 140 lembrarei que o P.e Luís Pinheiro ali referido é nada menos quo o autor da fa-

mosa — *Relacion del sucesso que tuvo nuestra Santa Fé en los Reynos del Japon desde el año 612 hasta el de 615 imperando Cubosama.* — Madrid, *viuda de Alonso Martin de Balboa* — 1617 — traduzida em francês, em Paris 1618, in 8.º etc. — Vidé *Bibliotheca Lusitana*, vol. III, pág. 128.

III

Acêrca do assento N.º 147, pág. 32, observa o sr. Carlos Henriques — «Qual seria a verdadeira ortografia do nome do Padre Inglês João Quinsintão. Pela semelhança do som lembro-me que seria Kensington, nome de um dos bairros de Londres. Há tambem o apelido de Cressington.

IV

Segundo obsequiosa informação de um erudito sacerdote irlandês, o rev.º Mac Iverny, que visitou o *Arquivo da Misericordia* em Janeiro de 1920, inquirindo elementos acêrca das relíquias de S. Roque, e mostrando-se conhecedor das nossas cousas e arquivos, aquêle arcebispo de Hibernia está identificado, sendo o *archbishop Skerret*, de *Tuam*, que os biógrafos nos declaram falecido em Lisboa em Fevereiro ou Março de 1583.

V

«Beatriz ou Brites Brandoa, mencionada na nota da pág. 38, diz o sr. Henriques, deve ser a senhora daquele nome, esposa de Antonio de Carvalho e Sousa, falecido em 1588. Possuiu uma boa quinta na freguezia de Nossa Senhora d'Assumpção dos Cadafaes, no concelho de Alemquer, e adquiriu um jazigo na Via Sacra da minha igreja do ex-convento da Carnota, no dito concelho. No seu testamento deixou aos frades daquela Casa Monás-

tica, meia arroba de vaca cada semana e um cântaro de azeite, cada ano, ficando o pagamento a cargo da Misericórdia de Lisboa, que segundo declara fr. Martinho do Amor de Deos, na sua *Chronica da Ordem dos Capuchos* cumpria fielmente o encargo no principio do século XVIII. Por fim ela foi enterrada no jazigo do marido, na igreja velha (ultimamente Casa do Despacho) da mesma freguezia de Cadafaes, conforme o epitafio».

«Na mesma igreja havia ainda ha poucos anos, um Calix de prata que tinha, em redor do pé, a legenda:

Da Misericordia de Lisboa para a Capella dos Cadafaes de D. Brites Brandoa e seu irmão. Anno de 1648.

«O padre Diogo Brandão (N.º 173 a pág. 38) seria filho ou neto déla?

«Sobre isto hei de vêr o codice Mss. N.º 723 a pag. 10, da Biblioteca Nacional».

Acrescentarei: da sepultura nos Cadafaes de Brites Brandoa com António de Carvalho e Sousa, seu marido, campa em cujo letreiro se declara isto tudo, dá ligeira notícia Pinho Leal, vol. II, pag. 28, col. 2.ª Dos ali sepultados fala singela e rápidamente a *Historia Genealogica,* tomo XII, parte I, pag. 485.

António de Carvalho (segundo Pinho Leal neto de Vasco de Carvalho, fundador em 1550 da igreja, e nela sepultado com sua mulher D. Isabel de Sousa e seu filho Nicolau), foi, diz a *Historia Genealogica*, Comendador de Mozarefe na Ordem de Christo e casado com D. Brites Brandoa. Não possue o *Arquivo da Misericordia* o testamento desta senhora; mas no *Livro* do Conde de Val de Reis, a fl. 39 e 39 v.º do tomo I, lê-se a seguinte memória:

D. Brites Brandoa:

«Deixou á Misericordia 452$152 rs. de renda em pa-

drões, foros, courelas, terra de Valada e casas ao Pelourinho Velho e Cordoaria. — com encargos de uma capela em S. Francisco de Alemquer (40$000 rs.). Ao convento da Carnota $1/2$ arroba de vaca cada semana, paga a 30 rs. preço da terra, 24$960 rs.; hum cantaro de azeite pelo preço de meyo (1.800). Para a fabrica da capela 8$000 rs. e alem disso a Administração e cobrança».

No mesmo livro, a fl. 25 v.º se regista que Antonio de Carvalho e Sousa deixou também à Misericórdia 179$000 rs. de juros para uma capela em S. Francisco de Alemquer.

Entre outros bens de D. Brites que a Misericórdia administrou havia um Casal, chamado das Esporas Douradas, termo de Cascais, o qual foi aforado em parcelas e cuja medição, em 1629, consta de um documento do *Arquivo* (*Certidões*, maço 3.º, N.º 11) assim como vários dos seus aforamentos parcelares (*Escrituras*, maço 4.º, N.º 18).

Das casas ao Pelourinho Velho achei também um Alvará de D. Afonso VI, de 24 de Maio de 1670, do teor seguinte:

Eu elrey faço saber aos q̃ este Alvará virem q̃ avendo respeito ao q̃ pella petição atraz escrita me emviarão dizer o Provedor e Irmãos da Mizericordia desta cid. e visto o q̃ alegão acerca da sobrogação q̃ pedem p.ª, em logar das tendas do Pelourinho Velho, que D. Brites Brandoa deixou obrigadas ao encargo da missa cotidiana e mais encargos pios e despesas, em seu testamento, pera os suplicantes haverem de cumprir, comprarem outra propriedade de igual rendimento para a d.ª obrigação, e vista a Informação que ouve do Provedor dos orfãos e captivos, da qual constou ser em proveito da mesma capela ficar com renda sempre certa em hũa propriedade de mayor valor e rendimento, a esta obrigação do vinculo hei por bem e me praz de lhe dar licença q̃

possão vender as d.as tendas do Pellonrinho Velho, sem embargo da prohibição em q̃ a dita defunta deixou que se não podessem vender, para com o procedido da venda dellas poderem remir os baixos das casas da Ribeira q̃ estão nas costas da capella mor da d.a Casa da Misericordia, cujos altos eles tem comprados, como na dita petição fazem menção, ficando os d.es baixos unidos e vinculados á dita capela e mais encargos della, asi como serão as d.as rendas, que ficarão livres da dita obrigação. E mando aos desembargadores e mais Ministros, oficiaes e pessoas a que pertencer q̃ cumprão este Alvará inteiramente como se nelle contem, o qual se tresladará nas Escrituras q̃ se fizerem dessa venda e subrorogação p.a a todo o tempo constar como hũa e outra cousa se fez por meu mandado e valerá posto que seu efeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação Livro II tit. 40 em contrario, e pagarão o novo direito se o deverem na forma de m.as ordens. Antonio de Moraes o fez, em Lisboa, a 24 de mayo de 1670 annos. Pedro Sanches Farinha o fez escrever. Raynha»[1].

De Brandôas há mais no *Arquivo* as seguintes notícias em documentos:

Antonia Brandoa — 1655 — Doação a Manuel Leitão de Andrade de um serrado em Proença a Nova. — *Escrituras*. IV, N.º 73.

Isabel Brandoa — 1567 — Mulher de Fernão Álvares de Almeida. Institue uma capela em S. Miguel de Alfama, com legado à Misericórdia. Testamento e Instituïção de morgado. (*Acções*, II, N.º 4).

---

[1] Liv. 1.º de *Decretos* etc., fl. 114. (*Arquivo da Misericordia*).

Margarida Brandoa — 1635—Viuva de Manuel Bocarro Venda de Casas ao Borratem. (*Testamentos*, Liv. 4.º, N.º 2).

VI

Estranha o sr. Carlos Henriques que eu em nota ao N.º 254 não désse o epitáfio de sir Francis Tregian, que está na igreja de São Roque. Esqueceu-se o obsequioso anotador que eu já o tinha publicado no meu livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, pág. 251 e que na comunicação — *A Egreja e Casa de S. Roque* (1910, *Boletim da 2.ª Classe*, vol. III, N.º 6) de novo me referi a esta sepultura e nela cito a memória em latim de fr. Francisco Plunquet, folheto de 56 pág. e 14 in., dedicado a D. João IV e impresso na oficina Craesbeckiana, 1655, obra á qual o sr. Henriques alude na anotação seguinte:

«A historia deste cavalheiro inglês é curiosa e consta de uma Memoria em latim, impressa pouco depois do seu falecimento. Tendo sido visto na Côrte pela rainha Elisabeth, inspirou-lhe louca paixão, mas encontrando nêle fria indiferença, o amôr da rainha transformou-se em odio e fez com que o perseguisse com feroz ressentimento. A constancia dêle na religião de seus antepassados forneceu-lhe o pretexto, e o fidalgo inglês, depois de 28 anos de prisão conseguiu fugir para o continente e faleceu em Lisboa, com reputação de santidade». Traduzido de *A Guide to Lisbon and its environs*, by Joaquim Antonio de Macedo — London and Lisbon, 1874, a pág. 128.»

Ácêrca de sir Francis Tregian há igualmente notícia, acrescentarei eu à interessante nota do sr. Henriques, no códice Mss. N.º 145 da *Biblioteca Nacional de Lisboa*. Além disso, segundo informações do erudito e já citado

rev.º Mac Iverny, a bibliografia relativa a êste e outros mártires irlandêses é copiosíssima.

Finalmente acrescentarei ainda ao que, a pág. X disse ali, nos *Obituários* àcêrca do *Adro* e sua demolição projectada, em 1839, que a Câmara Municipal publicou avisos para a remoção das ossadas. Vidé *Diário do Govêrno*, n.º 79 de 4 de Abril de 1839.

Victor Ribeiro.

TRÊS OBRAS LITERÁRIAS ALEMÃS SÔBRE CAMÕES

(Com um estudo sôbre o romantismo alemão e o poeta Luís Tieck)

Wer Förderliches nicht vermag zu sagen,
Tut klüger, schweigt er völlig.

(Grillparzer — *Des Meeres und der Liebe Wellen*. I Aufzug).

INTRODUÇÃO

As literaturas da península e a sciência germânica. — Indicação de alguns dos principais críticos alemães e austríacos que teem estudado a literatura espanhola. — O romantismo alemão e a história comparativa das línguas e literatura. — Trabalho surpreendente dos românticos alemães e de alto valor de erudição, tradução e comentário. — As novas aspirações do tempo, já expressas em Lessing, Klopstock, Hamann e Lavater. — O critério histórico, substituído por Herder à teoria abstrata e imutável. — O génio receptivo de Herder e o génio produtivo de Goethe. — Novos horizontes abertos ao espírito humano com a filosofia kantiana. — Como Schiller chegou ao seu ideal de humanidade, à concepção do estado estético. — As *Cartas filosóficas* e a *Teosofia de Júlio*, onde Schiller define o seu ideal de amor (Weltliebe), como princípio cósmico. — A filosofia de Fichte na sua situação intermédia entre as ideas do século XVIII e as da geração seguinte. — A volubilidade de tendências mais ou menos característica dos românticos, exemplificada em Tieck. — O evangelho da arte, expresso nas *Herzensergiessungen eines kunstliebenden Klosterbruders*. — Os irmãos Schlegel e o movimento romântico. — O estudo de Guilherme Schlegel sôbre a *Divina Comédia* de Dante. — Os estudos do mesmo crítico sôbre Hermann e Dorothea de Goethe e a tradução de Voss da Odyssea. — Os seus trabalhos sôbre literatura espanhola. — Os

Blumensträusse italiänischer, spanischer und portugiesischer Poesie. — O idealismo helénico de Hölderlin, Schleiermacher e Schelling. — Fecundidade do romantismo nos domínios da filologia, crítica literária, história e filosofia. — Interêsse que aos românticos mereceram as literaturas estrangeiras, bem manifesta em Tieck, autor da *Morte do poeta*, em que se ocupa da vida e do trágico fim do grande épico português.

*

A leitura de dois trabalhos de membros ilustres desta casa[1], *Respigos camoneanos* do sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, e de *Camões. Exemplar e Modêlo de Modernas Sonetistas Inglesas — Elizabeth Browning e Catarina de Ataíde*, do sr. General Fernandes Costa, em que os seus autores revelam como sempre a segurança dos seus conhecimentos, bebidos nas fontes mais puras e a erudição característica da sua vasta produção literária, verdadeira glória da patria portuguesa, sugeriu-me a idea da composição do presente estudo, em que analiso três obras literárias alemãs que se ocupam de Camões: *Der Tod des Dichters*, de Luiz Tieck; *Camoens — Carakterbild in einem Aufzuge*, de Frederico Halm, ambas estas citadas pelo Visconde de Juromenha[2], e das quais a última me foi cedida generosamente pelo meu ilustre consócio sr. Lúcio de Azevedo que para êle chamou a minha atenção, e o romance em verso — *Camoens, Ein Dichterleben* — de Rudolfo Bunge que se inspira sobretudo da lírica camoneana, traduzida por Guilherme Storck (Sämtliche Canzonen des Luiz de Camoens, übersetzt von Wilhelm Storck Paderborn. 1874).

A literatura portuguesa muito deve aos alemães que

---

[1] Academia das Sciências de Lisboa.

[2] *Obras de Luís de Camões*, pelo Visconde de Juromenha. Imprensa Nacional, 1860, pág. 296-297.

bem melhor a conhecem e apreciam em geral que franceses e ingleses; o seu pantilismo literário, para me servir da frase do crítico hespanhol Juan Valera, tanto os incita ao estudo das literaturas europeas, como à investigação dos primeiros tentames literários de Angola, podendo dizer-se de modo geral que mal existe na história figura, acontecimento ou obra de destaque que não haja pelos alemães sido estudada, comentada e traduzida. Também os nossos visinhos espanhois, cuja civilização notável para vergonha nossa quási desconhecemos, muito teem a agradecer à sciência germânica que tem revelado à Europa a sua riquíssima literatura. Entre outros, Lessing, Frederico Schlegel, Tieck, Schack, Herder, Fichte e até o próprio Hegel celebram e dão a conhecer os monumentos mais notáveis da literatura espanhola. Na Áustria, na mesma tarefa se empenharam Grillparzer, Roberto Hamerling, Frankl e o barão José Cristiano de Zedlitz, etc.

*

Conviria talvez, antes de apresentar os principais dados biográficos do autor da primeira das obras que estudo, caracterizar com certo desenvolvimento a época e o meio literário de que foi um dos mais ilustres representantes; como do assunto porém me ocupei largamente no 2.º volume do meu trabalho — *O Fausto de Goethe no seu duplo significado filosófico e literário* (pág. 297-338) para êle remeto os leitores, a quem porventura possa interessar o conhecimento dêsse período fecundíssimo da literatura alemã que na sua aspiração de conciliar o objecto e o sujeito, a natureza e o espírito, cultivou todos os ramos do saber humano, estabelecendo a aliança da filosofia, da religião e da arte, estudando as tradições literárias medievais, não só do seu país, mas das nações estrangeiras,

como a Espanha, a Itália e a Inglaterra, os contos e canções populares de todos os povos, criando a história comparativa das literaturas e das línguas, realizando emfim um trabalho surpreendente e de alto valor de erudição, tradução e comentário.

Não pretendo significar que o movimento literário romântico não deva muito à escola antecedente. Se os românticos tiveram a consciência que todo o trabalho de crítica e arte era não apenas um símples passatempo, mas a condição necessária do desenvolvimento e progresso pátrios, é fora de dúvida que a dignidade da poesia foi assegurada por Klopstock, a quem Herder nos seus *Fragmentos sôbre literatura,* classificou do maior poeta sentimental alemão (unser grösster Dichter an Empfindung), o cantor da natureza, da religião e da pátria, o inspirador do período do Sturm-und Drang, uma das autoridades invocadas pelo romantismo que agitou um mundo imenso de ideas verdadeiras e falsas, mas sempre novas e fecundas, fornecendo materiais de inestimável riqueza, para as gerações futuras explorarem com proveito.

Também antes dos românticos, já Lessing, com a prodigiosa universalidade do seu espírito, imprimira à literatura alemã um carácter superior, baseando-a principalmente na crítica e orientando a poesia no sentido que lhe foi acentuado pelos seus sucessores, como um mixto de arte pura, erudição literária e reflexão filosófica.

Até mesmo Wieland, sem se elevar às alturas de Klopstock ou Lessing, contribuiu eficazmente para alargar o âmbito da poesia e convertê-la em órgão dos mais altos interêsses da cultura. Já nas produções dêstes grandes escritores surgia com grande esplendor o novo espírito que havia de produzir os seus frutos no período seguinte.

A obediência às regras, os limites acanhados do racio-

nalismo, a imitação da literatura francesa, a estreita moralidade burguesa que no fundo encobre muitas vezes os maiores vícios, não podiam agradar a uma época, possuída antes de tudo da aspiração de criar obra nacional e da pretensão por vezes exagerada de originalidade. *A Aufklärung*, aplicando a todas as sciências e artes a mesma medida da fria razão, incapaz de compreender a essência do sentimento poético, desconhecedora dos domínios da fé, árida e estéril pelo amor da regra e pela preocupação da forma, havia de chocar certamente a mocidade de então que exigia o reconhecimento dos direitos do homem completo, como poder criador na plenitude do seu ser, no pleno desenvolvimento de todas as suas fôrças. Êste ideal confuso, aliado com o espírito pietista que dia a dia se intensificava, encontrou expressão nas vozes proféticas de um Hamann ou de um Lavater; em Herder efectivou-se num vasto trabalho de erudição e de crítica.

O seu espírito curioso e penetrante, substituindo à teoria abstracta e imutável o critério histórico, largo, imparcial e fecundo, mostrando que a poesia é a forma primitiva da religião, da filosofia e da história, comparando as origens das diferentes literaturas, recolhendo as tradições poéticas, reconstituia com fidelidade a *figura moral* do homem, oculto pela civilização.

O estudo do homem vivo, como produto da natureza criadora, segundo as circunstâncias do tempo e do lugar, a demonstração de que cada ser tem em si a lei da existência e as condições de felicidade, foi o tema dos trabalhos de Herder que em todas as manifestações da alma humana, em todas as suas formas e variedades, no costume e na religião, na língua e na poesia dos povos e dos indivíduos, das nações e dos tempos, procura aprender o puro humano, (*das menschliche*) indicando como fim da educação o desenvolvimento do eu, do particular,

das fôrças próprias da individualidade, mas simplesmente para que o *individual* não desapareça como um fenómeno fortuito, mas pelos seus efeitos se eternize na *unidade superior* que deve servir no povo a que pertence, na humanidade, enfim em toda a natureza.

A esta idea grandiosa deu o polígrafo expressão na bela poesia filosófica *Ich und Das Selbst.*

> Das ich erstirbt, damit das Ganze sei..
> Verschlungen in ein weites Labyrinth
> Der Strebenden, sei unser Geist ein Ton
> Im Chorgesang der Schöpfung, unser Herz
> Ein lebend Rad im Werke der Natur.
> ....
> Wenn einst mein Genius die Fackel senkt,
> So bitt ich ihn vielleicht um manches, nur
> Nicht um mein Ich...
> Den Göttern weih' ich mich, wie Decius,
> Mit tiefem Dank und unermesslichem
> Vertrauen auf die reich belohnende,
> Vielkeimende, verjüngende Natur.
> Ich hab ihr wahrlich etwas Kleineres
> Zu geben nicht, als was sie selbst mir gab
> Und ich von ihr erwarb, mein armes Ich.

A par do génio receptivo de um Herder, aparece neste período genial o génio produtivo de um Goethe. No seu Götz, Werther e Fausto, numa série de sentidas poesias, traduz com eloqüência dominadora as reivindicações do século, os grandes problemas que preocupavam não só os contemporâneos, mas de modo geral o espírito humano. O amante da natureza que dela faz confidente, recebe o seu influxo benéfico; a sua alma perturbada aceita o domínio da sua lei eterna e serena. Reflectindo sôbre o segrêdo das creações da natureza, compreendendo a sua grandeza calma e fecunda, a sua sciência pura que convida à prática do bem e à renúncia

das frivolidades e interêsses mesquinhos, Goethe produz obras mais completas, humanamente (para empregar uma expressão predilecta do tempo) mais belas.

Á agitação juvenil sucede a tranqüilidade da idade viril. O espírito que perpassa no Werther e no Götz não é o mesmo da Ifigenia e Tasso. O poeta despreza o traço individual, o pormenor nítido e expressivo, eleva e generaliza os assuntos. É o estudo da antiguidade clássica que o orienta nêste sentido. Pelo tom da linguagem, ponderação dos caracteres, proporções de conjunto, pelo estilo, as suas novas obras teem o cunho grego; a forma grega era a seu ver a única que o passado nos legou. Desde Winckelmann que o mundo artístico grego era conhecido: o convívio com a cultura e a poesia grega tornou-se cada vez mais íntimo; a aliança do homem com a natureza eterna via-se realizada em Homero e Sófocles. Sob o ceu de Itália atingia a sua pujança; Voss com a tradução da Odyssea mostrava a capacidade do espírito humano em apropriar com fidelidade artística as formas da poesia estrangeira. O conhecimento da civilização greco-romana exerceu na literatura alemã uma acção altamente fecunda; afastou-a dos interêsses exclusivamente nacionais muito restritos; moderou o desregramento da paixão os excessos imaginativos, orientou as aspirações vagas e indefinidas da mocidade, cujo ideal se pode resumir na divisa de Herder gravada no seu túmulo: *Licht, Liebe, Leben.* A filosofia kantiana, se por um lado abatia e temperava as pretensões da razão humana, por outro estabelecendo a lei moral que se impõe sob a forma de uma ordem absoluta, de um *imperativo categórico,* abria novos horizontes aos espíritos, elevando-os acima da natureza e do finito. Aparece então como intérprete de Kant, Schiller que vivifica as tendências morais do filósofo com o seu génio poético, fazendo consistir a verdadeira poesia na aliança da realidade e do ideal, o que

evitaria que caísse em qualquer dos dois extremos, no idealismo ôco ou no realismo vulgar. É claro que Schiller só pouco a pouco é que chegou a êsse ideal de humanidade, à concepção do *Estado estético* que preconiza em *Ueber die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen*. A princípio, exalta a fôrça humana, puramente individual. É o caso de Carlos Moore que liberto de toda a acção social não admite impedimentos à livre expansão da sua personalidade, mas como esta só dura durante a existência, exclama cheio de comoção, ao aproximar-se o seu fim: «So stirbt ein Held! Anbetungswurdig». Não é posta a questão se esta fôrça impetuosa é profícua ou nociva, se cria a vida ou origina a morte: só ligeiramente se alude a que alguns homens de igual natureza fariam aluir a constituïção do mundo moral moderno. No *Fiesko*, persiste o poeta na admiração do humano individual. A obra intitula-se mesmo «uma comedia que deve representar a fôrça de que somos capazes»; o herói é caracterizado «como o tirano genial que sabe aproveitar os homens e sujeitá-los a si, como o espirito criador que do caos produz o mundo, como um deus que apresenta perante olhos admirados uma obra completa e assiste impávido ao funcionamento da grande máquina». Na *Kabale u. Liebe*, já Schiller se eleva ao genial humano (menschlich erhaben). Nesta verdadeira tragédia de amor não se trata já da fôrça humana individual, mas do poder da dedicação e do espírito de sacrifício; não se trata da grandeza pessoal egoista, mas da altruista que tudo cede em favor do ser amado. É porém, no *Don Carlos* que Schiller dá expressão à sublimidade do amor, não do amor exclusivo a um indivíduo, mas a toda a humanidade. O marquês de Posa é um deslocado no seu meio, está acima do seu tempo, é *«ein Bürger derer welche kommen werden»;* morre ao serviço de uma idea superior, pela liberdade e felicidade dos povos, o que

não exclui a dedicação pessoal e individual, como o atestam os seus extremos por *Don Carlos:*

> Der Freundschaft arme Flamme,
> Füllt eines Posa Herz nicht aus. Das schlug
> Der ganzen Menschheit. Seine Neigung
> War die Welt mit allen kommenden Geschlechtern.

Nas *Cartas filosóficas* e na *Teosofia de Julio*, define Schiller o seu ideal de amor e desinterêsse, do amor (Weltliebe) como lei da natureza e princípio cósmico, em virtude do qual tudo o que existe se forma e desenvolve. Pela cultura e educação, o indivíduo pode apreender da natureza tudo o que êle tem de belo, excelente e grandioso, aproximando se assim da divindade. «Toda a criação, diz Schiller, perpassa pela personalidade do homem genial que tem a consciência da unidade, no meio dos fenomenos mais complexos».

Por muito prometedor que fôsse êste período, só aos românticos foi dado aproveitar os motivos ideais já existentes, apropriar a nobre cultura, como fôra preconizada por alguns espíritos superiores, divulgando-a pela nação inteira, desenvolvendo-a em múltiplos sentidos, transportando o espírito da poesia à sciência, à vida, ao costume, numa palavra, elevando o nível intelectual e moral do homem. É também um filósofo, Fichte, que fazendo do pensamento criador o princípio de toda a realidade, colocando o *eu* humano no centro do mundo, deu uma forma ideal às aspirações de uma sociedade, dominada pelo desejo profundo de renovação. Na filosofia de Fichte, que ocupa uma situação intermédia entre as ideas do século XVIII e as da geração seguinte, encontravam os românticos o estímulo para a sua actividade, a confiança na sua capacidade individual, a consciência da unidade dos seus esforços, a convicção de que lhes competia a

elevada missão de realizar uma revolução literária, como na verdade se deu.

Na poesia surgem os primeiros alvores desta nova era que consegue irromper a atmosfera hostil da *Aufklärung*. Tieck, o grande glorificador de Goethe e Shakespeare, idealista dos mais arrojados, poeta do horrível e do sombrio, escreve ainda no gosto da *Aufklärung* para a colecção *Straussfedern*, editada por Nicolaï, novelas de baixa moral utilitária, como *Das Schicksal, Die männliche Mutter, Die Rechtsgelehrten;* no entanto, é dos primeiros que se elevam aos domínios do subjectivo puro, ao mundo da lenda, da imaginação, dos sonhos e pressentimento, dos milagres e das fadas, o que o não impede de voltar a ser solicitado pela multiplicidade da existência objectiva; na consciência da sua liberdade sente-se atraído pelo necessário e limitado, até mesmo pelo superficial e ilusório. A volubilidade de tendências mais ou menos característica de todos os românticos, foi censurada por um amigo de Tieck, Bernhardi na história satírica, *Sechs Stunden aus Finks Leben*, em que Fink que outro não é senão o próprio Tieck, por prudência e cortesia, se sujeita a ouvir ao conselheiro Bunian, de quem espera a sua nomeação, como professor de estética, largas tiradas sôbre as tendências imorais do *Werther* e afirma com eloqüência sofística a vantagem para o poeta do seu convívio social, no que é contraditado por Hartmann que o acampanhou ao palacio do ministro.

Wackenroder nas *Herzenssergiessungen eines kunsliebenden Klosterbruders* e *Phantasien über die Kunst* glorífica a arte, o sentimento do belo e do bom, como o dom mais precioso que o céu nos concedeu, exalta a capacidade de amar e honrar, proclama a liberdade de inspiração, protesta contra o dogmatismo de opiniões, afirmando que a intolerância do sentimento é ainda mais insuportável que a intolerância da razão, que a superstição

é preferível à doutrina sistemática, compara-se a um «nadador ousado que afasta os pensamentos, como ondas que o perturbam na sua marcha, para penetrar no íntimo santuario da arte, para que desde a infância se sente atraído». O evangelho da arte ainda não tinha sido proclamado dêste modo, nem por Hamann e Lessing, nem por Herder e Heinse. Winckelmann é o admirador estudioso da antiguidade, Wackenroder professa o culto exaltado da idade média, preconiza a aliança da arte e da poesia, venera os homens dos tempos passados por onde aprendeu a conhecer a vida, confessando êle próprio agradecer os seus profundos sentimentos religiosos a uma imagem do mártir S. Sebastião. O misticismo de Wackenroder é principalmente poético: Deus revela-se por duas línguas, a natureza e a arte. Dentre as artes a que considera superior, a que mais o impressiona é a música, sobretudo a música instrumental, pois só ela é capaz de o libertar das misérias terrenas, de lhe descobrir os domínios impenetráveis do sentimento, de o transportar ao país da fé (Das Land des Glaubens).

A crítica e a teoria desenvolvem-se com os dois Schlegel. Guilherme que foi um poeta de mérito, notabiliza-se principalmente como crítico e tradutor. No estudo da *Divina Comédia*, de Dante, dá indicações preciosas sôbre o método critico: para conhecer a obra, é preciso estudar o autor, para conhecer o autor é preciso estudar a época; pouco importa estabelecer um sistema de regras morais ou estéticas que serão sempre convencionais; o que se torna necessário é penetrar na contextura íntima do génio e estudar a sua génese. Os seus artigos, publicados na *Gazeta literária* de Iena e nas *Horas* ainda hoje são apreciados e alguns dêles altamente valiosos, como os estudos sôbre o Hermann e Dorothea, de Goethe e sôbre a tradução de Homero, de Voss. Imortalizado pela tradução de Shakespeare, não se limita ao conhecimento da

literatura inglesa, propõe-se traduzir as obras do teatro espanhol, sôbre que publicou um estudo que apareceu na revista *Europa*[1] de seu irmão; a par de algumas peças de Calderon, tencionava traduzir comedias de Cervantes, Lope, Moreto, etc., tendo publicado em 1803 um primeiro volume — *Spanisches Theater* — que contém três traduções de Calderon, a que se seguiu em 1809 segundo volume com mais duas peças; publica ainda uma escolha de poesias e fragmentos, extraído do italiano, espanhol e português — *Blumensträusse italiänischer, spanischer und portugiesischer Poesie;* nos seus cursos de Berlim e nos seus ensaios, os autores que mais aprofunda, são Dante, Petrarca, Calderon e Cervantes. Como em Guilherme a poesia e a crítica se aliam, assim em Frederico se liga o espírito filosófico com o histórico. O passado, a antiguidade grega e o presente da poesia são para êle objecto de construção filosófica. A vivacidade do seu espírito doutrinário e irreverente leva-o a romper com Schiller e dêsse modo a crítica romântica, encontrando-se com a poesia de Tieck, forma escola independente que é representada pelo *Atheneu* e se estabelece em bases seguras com a adesão de Schleiermacher, Bernhardi e Hardenberg. Simultâneamente, fora desta orientação de partido, desenvolve-se com Hölderlin um sentimento de beleza doentio, o helenismo idealista, mas o romantismo pouco prejudicado foi, pois para o seu seio entrou Novalis, o tipo mais completo do ser romântico que pela profundeza filosófica se aproxima de Frederico Schlegel e pelo delicado espírito poético de Tieck. Iena torna-se o centro da escola que dia a dia cresce em influência e em interêsse. Com Scheiermacher a nova poesia entra em relações mais íntimas com a religião e assim se cria mais um órgão para

---

[1] *Europa I*, 2. Pág. 72 e segg. Ueber das spanische Theater.

a compreensão da poesia medieval. Emquanto Schleiermacher trabalha para a formação do ideal ético, de harmonia com a orientação filosófica, histórica e poética do tempo, Schelling, seguindo o caminho do seu mestre, Fichte, a quem substituíu na cátedra universitária, dá expressão à concepção de Goethe, expressa no admirável monólogo do Fausto -- Wald und Höhle:

> Erhabner Geist du gabst mir, gabst mir Alles,
> Warum ich bat...
> Gabst mir die herrliche Natur zum Königreich,
> Kraft, sie zu fühlen, zu geniessen.

Todo o monólogo desenvolve uma idea fundamental da filosofia da natureza e do idealismo transcendental de Schelling: a unidade do consciente e do inconsciente no mundo do objectivo, da natureza.

> .... Nicht
> Kalt staunenden Besuch erlaubst du nur,
> Vergönnest mir, in ihre tiefe Brust
> Wie in den Busen eines Freunds, zu schauen.
> Du führst die Reihen der Lebendigen
> Vor mir vorbei und lehrst mich meine Brüder
> Im stillen Busch, in Luft und Wasser kennen.

A seguir apresenta o mundo da subjectividade, do espírito e da liberdade, independente da natureza e do destino

> Und wenn der Sturm im Walde braust und knarrt,
> Die Riesenfichte stürzend, Nachbaräste
> Und Nachbarstämme quetschend niederstreift
> Und ihren Fall dumpf hohl der Hügel, donnert,
> Dann führst du mich zur sicheren Höhle, zeigst
> Mich dann mir selbst, und meiner eignen Brust
> Geheime tiefe Wunder öffnen sich.

Por fim, o mundo do espírito torna-se objectivo, uma segunda natureza na vida da história:

> Und steigt vor meinem Blick der reine Mond
> Besänftigend herüber, schweben mir
> Von Felsenwänden, aus dem feuchten Busch
> Der Vorwelt silberne Gestalten auf
> Und lindern der Betrachtung strenge Lust.

A poesia e mais ainda a reflexão sôbre a poesia ganha novas formas e motivos. Frederico Schlegel dava expressão ás tendências da escola num programa doutrinário que interessava a compreensão e desenvolvimento do espírito poético. A direcção do movimento que a princípio teve, passou para o irmão. O incansável crítico, o erudito historiador, o correcto poeta e tradutor, o mestre da técnica, o pontual e infatigável dirigente reünia todos os predicados para satisfazer os interêsses espirituais da escola. Conquanto não pudesse descer às profundezas da vida ético-religiosa, por todos os meios, pela polémica e propaganda, Guilherme Schlegel soube desenvolver o espírito romântico acima dos limites acanhados de partido. As suas prelecções em Berlim marcam o ponto em que a escola alarga a sua esfera de acção. Com a dissolução do primeiro agrupamento romântico em Iena, pelo afastamento dos seus membros, o romantismo decaiu; no entanto começaram a surgir novos talentos que embora sem a grandeza dos primeiros, sustentam com brilho mais ou menos fielmente as tradições da escola, como Brentano, Achin v. Arnim, La Motte Fouqué, Zacharias Werner, Hoffmann, Immerman, etc. [1].

---

[1] Em 1802, Frederico Schlegel deixou Berlim para se dirigir a Paris; no mesmo ano Tieck foi estabelecer-se nas proximidades de Francfort a/o. No ano seguinte, Guilherme começou as suas viagens com M.me de Staël. Em 1804, Schleiermacher foi chamado à Univer-

Pelo exposto, se vê quanto a época romântica foi fecunda em obras de toda a natureza, principalmente nos domínios da filologia, crítica literária e histórica, filosofia etc. As literaturas estrangeiras sobretudo, despertaram o interêsse dos românticos, para os quais valia como máxima o princípio de Herder também proclamado por Wackenroder «dass man sich möglichst in alle fremde Seele hineinfühlen und durch ihr Gemüt hindurch ihre Werke empfinden solle». Entre os românticos ocupa um lugar de destaque Tieck, cujos dados biográficos passamos a indicar e que merece especialmente a nossa atenção como autor do romance *A Morte do Poeta*, em que se ocupa da vida e do trágico fim do grande épico Camões que forma por assim dizer *pendant* a outra novela *A Vida do Poeta*, cujo heroi é Marlowe que Tieck conhecia admiravelmente, como de resto toda a literatura inglesa da época de Izabel que estuda nos valiosos trabalhos *Altenglisches Theater* (1811) e *Shakespeares Vorschule.* (1823).

CAPÍTULO I

Luiz Tieck. — Indicação dos seus principais dados biográficos. — Análise sumária das suas obras capitais. — A biografia do poeta, publicada por Rudolfo Köpke. — Precocidade de aptidões que Tieck revelava. — Interêsse que lhe mereceram desde cedo as obras shakespearianas, o Götz, o Werther de Goethe, os Räuber de Schiller, Don Quixote de Cervantes. — Algumas das suas primeiras produções. — A pequena peça em tres actos *Allamodin.* — Em que a individualidade de Schiller se diferença da de Tieck. — Admiração que o jovem talento despertou entre os seus professores, Bernhardi, Seidel e Rambach. — Os roman-

---

sidade de Halle onde ensinou até ao momento da invasão francesa. Novalis morreu em Março de 1801. É neste curto período, de 1796 a 1803, que a escola se constitui e afirma os seus princípios.

ces de salteadores, inspirados dos Räuber. — Tieck colaborador das historias rocambolescas, de Rambach. — A obra *Almansur*, em que dá expressão à necessidade que o seu espírito sente de paz idílica. — A história muito mais extensa, Abdallah, em que proclama a filosofia do egoismo e do gozo dos sentidos. — A tragedia fatalista *Karl v. Berneck*. — O pequeno conto Alberto e Ema. — A peça *Der Abschied*. — O romance — *A história de Guilherme Lovell*, em que se revela observador psicológico de valia. — Apreciação pormenorizada da obra. — Relações de íntima amizade de Tieck com Wackenroder. — Influência benéfica dêste convívio. — A tradução da *Tempestade* de Shakespeare. — Um estudo sôbre o maravilhoso shahespeariano. — A pequena história — *Die Versöhnung*. — Tieck, autor de novelas de baixa moral utilitária no gôsto da *Aufklärung*. — Pouco tempo que persiste nesta orientação perniciosa. — Aprêço que dá aos livros de folk-lore. — A história de amor da bela Magalona e do conde Pedro da Provença — *O louro Egberto*, precursor de uma série de contos da mesma feição. — Exposição do assunto de vários outros contos. — O conto dramático — *Der gestiefelte Kater*. — O príncipe Zerbino. — O romance — *Franz Sternbalds Wanderungen, eine altdeutsche Geschichte*. — Tieck, apreciado pelos irmãos Schlegel. — A tradução da comédia de Ben Jonson, *Epicena*. — Os *Briefe über W. Shakespeare*. — O poema dramático *A Genoveva*. — Os valiosos trabalhos *Altenglisckes Theater e Shakespeares Vorschule*. — A história do teatro alemão nas *Bemerkungen, Einfälle und Grillen über das deutsche Theater*. — O romance histórico Vitória Accorombona.

Poucos escritores nos fornecem tantos elementos para o conhecimento da sua vida, como Luiz Tieck. Além das obras do poeta, possuimos as suas numerosas indicações literário-biográficas com que acompanhou a coleccionação dos seus escritos, empreendida em 1828 e 1829 e que pela riqueza e interêsse se podem comparar às de Goethe na *Dichtung und Wahrheit*. Das conversas de Tieck, assim como de um rico manancial de cartas organizou em 1855 Rudolfo Köpke a obra em dois volumes — *Erinnerungen aus dem Leben des Dichters*. Em 1864 publicou Carlos Holtei quatro volumes de cartas

dirigidas a Tieck e que interessam sobremaneira ao conhecimento do período romântico.

A atmosfera em que a mocidade de Tieck se desenvolveu não foi das mais favoráveis. No entanto, embora de origem humilde, pois era filho de um cordoeiro, êle e os irmãos desde cedo mostraram aptidões não vulgares. Sofia colaborou com o irmão na organização das novelas — *Penas de Avestruz*, traduzidas em parte do francês e em que se zombava das excentricidades da moda; deixou algumas produções poéticas e escreveu contos fantásticos apreciáveis pela forma, conquanto pelo assunto de pouco valor sejam. Frederico, o mais novo dos irmãos, ocupa um lugar de destaque entre os modernos restauradores arquitectónicos. Tieck revelou logo uma imaginação exaltada que o meio familiar não conseguiu moderar e dotes tão precoces que causava a admiração geral. Aos quatro anos começava a ler; aos nove entrou no ginásio de Frederico Werder. Na escola que tinha como director Gedike, dominava o espírito acanhado e simplista da *Aufklärung*. A poesia, como era natural, em pouca conta se tinha numa sociedade atreita só a interêsses particularistas e restritos, incapaz de compreender os encantos da fé, de se elevar às regiões do ideal. O ano do nascimento de Tieck (1773) coincide com as primeiras tentativas de reacção contra o racionalismo dominante que se manifesta tão fortemente no *Götz* e no *Werther* e nos primeiros dramas de Schiller. Mas, se por um lado a grande massa da nação era indiferente aos encantos poéticos, por outro admirava as mais extravagantes produções, últimos écos da literatura do *Sturm-und Drang*. O pai possuía uma biblioteca regular e já em criança Tieck conhecia o *Götz*; um companheiro de escola emprestou-lhe o *Hamlet*, na tradução de Eschenburg que lê com avidez, devorando com o mesmo entusiasmo toda a série de volumes shakespearianos; quási ao mesmo tempo chega-lhe às mãos

Don Quixote, na tradução de Bertuch, interessando-o igualmente as comédias do dinamarquês Holberg. A leitura do *Werther* e dos *Raüber* de Schiller impressionou-o de tal modo que confessa que «as suas obras predilectas, comparadas com estas, lhe parecem fracas e menos verdadeiras». A sua curiosidade incessante leva-o ao conhecimento dos autores mais variados, fazendo-lhe criar disposições complexas, indefinidas e até contraditórias. Um único género literário conseguia em parte fugir ao prosaismo da época de Frederico, o grande, o teatro. Como era natural, Tieck, sempre ávido de emoções, assistia com freqüência às récitas de então e basta ler a sua correspondência com Wackenroder, para se verificar o entusiasmo que na mocidade despertava a poesia dramática. O gôsto do teatro ainda se lhe desenvolveu mais, pelo convívio com Reichhardt, cuja casa, onde se reüniam os primeiros artistas, cantores, músicos, actores, freqüentava assìduamente. Neste meio selecto, em que se adorava Goethe, encontrou Tieck um dos primeiros e mais devotados admiradores do grande génio, Mörike que preleccionava sôbre antiguidades e história de arte e que ouvia Wackenroder com o maior interêsse.

Num teatro de amadores, que Reichhardt dirigia, foi aproveitado o notável talento mímico de Tieck que representava os papéis mais brilhantes e importantes.

Esta sociedade não se manteve muito tempo. Reichhardt, acusado de jacobinismo, em 1792 retirou-se para a sua casa de campo em Giebichstein; sua cunhada Amália Alberti, voltou para Hamburgo, para casa dos parentes. A necessidade de convívio, própria do seu carácter comunicativo e afectuoso, leva-o a procurar novos amigos.

A par do talento mímico, os seus dotes poéticos manifestaram-se cedo e ainda bastante novo traduzira para

seu uso particular a *Odyssea* em hexâmetros imperfeitos. Nos trabalhos escolares, dá largas à imaginação, compondo narrativas originais; tornou-se um auxiliar dos condiscípulos mais atrazados.

A leitura da *Historia da Bastilha* de Linguet, inspirou-o para um pequeno drama patético e rétórico; à *Tempestade*, de Shakespeare, deve a idea de conto dramático — *Das Reh* —. No mesmo ano, vêem a luz da publicidade uma comédia pastoril — *Das Lamm* —, o drama num acto — *Niobe* — e a peça em dois actos — *Der Gefangene*. Estas primeiras tentativas literárias e de que nos restam apenas alguns versos, inseridos por Köpke, nas *Nachgelassene Schriften*, interessam, no entánto, para o estudo do desenvolvimento poético do autor. Tieck atribui certo valor a alguns dos seus primeiros exercícios dramáticos, àqueles que intitulou *Die Sommernacht*, escritos aos dezasseis anos e que representam a primeira homenagem prestada a Shakespeare, cujo estudo o preocupou toda a vida.

Na pequena peça em três actos — *Allamodin* — notam-se as correntes opostas, por que o espírito do poeta era solicitado.

Um dos professores de Tieck chamou-lhe a atenção para a história publicada num jornal, do chefe indígena de Manilla que caíra nas mãos dos jesuítas espanhóis. No pequeno drama descreve nas cores mais sombrias e em largas tiradas sôbre a liberdade do pensamento e o orgulho eclesiástico, a baixeza, a religiosidade falsa, a ganância sem escrúpulos, a crueldade do padre Sebastião, ao mesmo tempo que apresenta o herói como modêlo de inocência e virtude, grandeza de ânimo e magnanimidade e o seu estado no mar do Sul como um «paraíso em que se pode ser homem entre homens livres e viver no seio da natureza protectora». A influência de Rousseau e de Schiller, a par de certos motivos da *Aufklärung* é bem sensível, como de resto nas produções do *Sturm und*

Drang de 1770-80 [1]. No entanto, é êrro supôr que a individualidade do autor dos *Raüber* se pode comparar à de Tieck. No primeiro predomina a paixão exaltada, no segundo a imaginação creadora. Não é como em Schiller na energia e vivacidade da acção, na elaboração dos caracteres que se revela o poeta; é no brilho, na delicadeza de emoção, na atmosfera fantástica. Toda a peça é um idílio lírico; o violento aparece apenas como episódio, o assunto não motivado, resume-se a frases dialogadas sem grande nexo com a história principal. Poderiam atribuir-se estes defeitos à pouca idade do autor, mas o que é certo é que as suas qualidades dramáticas foram sempre inferiores, como sucedeu em geral com os românticos, exceptuando-se só Kleist, cuja obra é principalmente baseada no sentimento, donde o sonhador, o visionário, o demoníaco, o místico da sua arte que se compraz em descrever não o lado brilhante da vida, mas o sombrio, os estados psíquicos entre o consciente e o inconsciente, o sonho e a realidade e cujos heróis trágicos nos lembram os heróis shakespearianos.

O talento de Tieck despertou as simpatias dos professores, sobretudo dos mais novos que como êle se encontravam também hesitantes entre o espirito de Berlim e a nova revolução de ideas, anunciada pelo génio de Goethe e Schiller e pela filosofia kantiana. Entre todos, o mais afamado era Augusto Fernando Bernhardi que em Halle tinha sido discípulo entusiasta de Fr. Aug. Wolf, admirador de Goethe, predisposto ao sarcasmo, à paródia e à mistificação, dialéctico de valia, também literato que oscilava entre preocupações estéticas e filológicas e que se sentiu desde logo atraído pelo joven Tieck, com quem

---

[1] A obra é uma injusta diatribe jacobina contra a benemérita Companhia de Jesus, cuja acção civilizadora só pode ser negada por judeus desnacionalizados ou obcecados maçons amorais.

estabelece uma intimidade duradoura, o que não é de estranhar, pois Bernhardi era apenas mais velho quatro anos.

Com o professor Seidel, aprendeu o poeta a língua inglesa e a seu pedido traduziu *A vida de Cicero*, de Middleton. Rambach, o professor de alemão, despertou no aluno o gôsto das belas letras, pensando logo em aproveitá-lo para colaborador das suas emprêsas literárias. Estava então em voga um mixto do pragmatismo da *Aufklärung*, com uma sensibilidade e paixão doentias.

O *Götz* de Goethe, os *Raüber* de Schiller inspiraram uma longa série de romances de cavaleiros e salteadores, de assassinos e aventureiros. Rambach cultivou êste género, competindo com Spiess e Cramer, Vulpius, Schenkert e Veit Weber e como apesar da sua boa vontade não podia satisfazer os pedidos incessantes dos editores, empregou Tieck na cópia das suas histórias rocambolescas e por fim na sua composição. É assim que Tieck conclui uma das histórias — os feitos heróicos do famoso salteador, o bávaro Hiesel. Em 1792, publicou Rambach novo trabalho — *A máscara de ferro*, uma história escocesa. Para êste romance lúgubre e tétrico que nos transporta às scenas de Ossian escreveu o seu jovem amigo duas poesias em que na pintura da agonia do herói, do famoso Rynaldo, corroído pelo remorso, qual outro Franz Moor, consegue exceder o mestre, revelando-se um psicólogo notável, familiarizado com Shakespeare.

Em Tieck a doença da época, a hipocondria, era profundamente acentuada. O seu feitio afectivo impunha-lhe o convívio de amigos que nem sempre encontrava, o que lhe causava íntimo desgôsto. Mais de uma vez fala «de aqueles estados de alma, de aquelas sombras que lhe entorpecem o ânimo». O problema da vida também o preocupava, mas a influência nefasta do racionalismo lançou o num scepticismo desolador. Amor, beleza, vida

todo o ideal lhe parecia engano que só tinha em vista ocultar-lhe a negra existência, sem qualquer finalidade. A esta disposição agradece o poeta o capítulo final da *máscara de ferro* e uma série de poesias que apareceram entre 1790 e 1796. Ao mesmo género pertence o *Almansur,* composto ainda quando estudante do ginásio (1790), no qual dá expressão à necessidade que o seu espírito agitado sente de paz idílica. A um desgraçado, a quem a amada paga uma dedicação sem limites com a maior das ingratidões, e que no auge do desespêro reflecte sôbre o fim da vida humana e da criação, é dado o conselho de gozar e viver sem reflectir, o que pouco lhe aproveita, procurando lenitivo no isolamento e contacto com a natureza. Pressente-se a influência de Rousseau e do Werther, assim como os arrebatamentos de imaginação do autor que se comprazia nestas ficções de feição oriental. Assim o velho Abdallah nas advertências que faz ao infeliz Almansur emprega alegorias complicadas; o sinistro inimigo da humanidade, Nadir, numa das suas peregrinações através do deserto, chega a um palácio, em que tudo aparece em ponto mesquinho, isto é, vê-se uma multidão de homens que representam toda a espécie de infelicidade e loucura e uma série de quadros que simbolizam a duplicidade da natureza humana, o seu lado sério e cómico.

Na narrativa muito mais extensa, *Abdallah,* cujo primeiro capítulo foi escrito na escola, mas só concluída em 1792, usa a mesma linguagem rica de imagens e com o mesmo cunho oriental que denuncia a leitura das *Mil e uma noites* e das descrições de viagens de Olearius e Mandelsloh. Os *Raüber* de Schiller também deram elemento para a sua composição e no dizer do biógrafo de Tieck reconhece-se a influência da peça de Schiller pela ousadia da dúvida e exuberância da imaginação. A filosofia que proclama é a de que o egoismo e o gôzo dos sentidos são o real, o bem e o mal confundem-se, a von-

tado livre é uma ilusão louca, a vida não tem finalidade; todo o mundo é uma cadeia de fôrças mecânicas.

O assunto é tão lúgubre, os crimes acumulam-se de tal modo que temos a impressão de nos encontrar entre doidos ou num mundo fantástico. Omar, para conseguir o perdão do inferno por indicação de um espírito infernal propõe-se conseguir que um filho assassine o próprio pai. Sob a figura de educador e amigo, consegue insinuar-se no espírito do jovem Abdallah que sabe corromper pela filosofia fatalista e epicurista, envolvendo-o numa questão amorosa com a filha do sultão.

O plano maquiavélico surte o efeito esperado: Abdallah sacrifica o pai. Celebram-se a seguir as bodas, mas os remorsos do crime martirizam-no continuamente. As visões de espectros hediondos contrastam com a magnificência das cerimónias nupciais e através de três capítulos deslisam perante nós as scenas infernais mais macabras.

Na tragédia — *Karl von Berneck* — a idea dominante é a do destino implacável que aparece sob a forma de um espectro vingativo, de um antepassado que tem de expiar um fratricídio, em peregrinação por êste mundo, até que um dos membros da família, von Berneck, assassine o irmão, sem ser seu inimigo. O velho Walther de Berneck depois de longa ausência, ao regressar ao castelo, é assassinado pelo amante da mulher. O filho, Carlos, de feitio melancólico como o pai, concentrado, hiponcondríaco, vinga a sua morte, trespassando com a velha espada de família, a adúltera e o amante. O desespêro demoníaco, de que está possuido, parece aplacar-se com a simpatia que lhe inspira Fräulein Adelaide, também requestada pelo irmão Reinato. O ciúme incita êste a pôr fora de combate o competidor, mas ao ver o irmão adormecido, os seus ódios sanguinários convertem-se na amizade mais estremosa e num rasgo de generosidade cede-lhe a namorada. A fatalidade porém, não desarma. No momento em

que os noivos, Carlos e Adelaide dão a mão, interpõe-se entre êles o espírito da mãe assassinada. Carlos tem de expiar o crime. A profecia realiza-se; ao abraçar o irmão, êste não pode resistir à tentação de lhe cravar um punhal no seio.

A primeira idea de Tieck, segundo confessa, foi representar o papel benéfico do amor, como expiador da culpa, mas não o fez, criando uma tragédia fatalista, sem valor dramático, sem ideal ético. O crítico da obra no *Atheneu*, A. G. Schlegel, fez sobressair a ligeireza do assunto que degenera na superficialidade. O próprio autor reconhece ter sacrificado o *psíquico* ao *fantástico*. Esta compreensão do destino foi análoga ao das peças de Moritz, muitos anos antes e às de Müllner, Houwald e Grillparzer.

Não foi mais feliz no pequeno conto — *Adalberto e Ema* — que afora algumas observações psicológicas bem feitas, pouco valor tem. Tieck falhara na reconstituição histórica e por indicação do amigo Bernhardi escreveu uma peça, *A despedida* (Der Abschied) cujo assunto é o seguinte: uma menina que se julga esquecida e abandonada pelo namorado casa com outro homem. Esta união promete as maiores felicidades, mas da memória da noiva não se extingue, como espinho doloroso, a lembrança do seu primeiro amor, atrevendo-se a colocar na parede do quarto o retrato do namorado que faz passar por seu irmão. Um dia o amado volta, procura-a para lhe apresentar as despedidas, mas em ambos reaparece com mais violência a paixão de outros tempos. O marido descobre o que se passa, surpreendido também pela semelhança das feições do retrato com as do estranho. Acicatado pelo ciúme, assassina a esposa e o imprudente galanteador. Sem dúvida, a pequena tragédia é muito superior às antecedentes; consegue pintar com verdade os arrebatamentos dos dois apaixonados. A intriga é condicionada demais pela fraqueza doentia das personagens, pelo seu sangue

e temperamento, mas é simples e humanamente compreensível. A atmosfera é pesada e sombria e a solução trágica fatalista. Á faca com que o esposo no princípio da tragédia cortara uma maçã com a sua Luísa, estavam ligados pressságios horríveis que acabaram por se realizar. A obra, que deu nome ao autor, não foi nenhuma das que acabamos de indicar, mas o romance — *A historia de William Lovell,* publicado em 1795 e 1796, onde segundo bem observa Fr. Schlegel, representa um carácter profundamente verdadeiro, revelando que compreende bem os segredos do coração humano. Põe de parte o tema oriental e medieval cavaleiresco; a história passa-se na actualidade. Embora não se possa negar a influência inglesa, tendo sido Richardson o primeiro que cultivou êste género literário, a fonte principal de *William Lovell* é o romance de Rétif de la Bretonne — *Le Paysan Perverti,* em que o autor estigmatiza a corrupção da sociedade de Luís XV. O polígrafo francês dá-nos a história de um rapaz do campo que para infelicidade sua vai para a cidade, onde vítima da inexperiência, do seu temperamento apaixonado e excitável, desce às maiores abjecções do crime e do vício. O romance tem um fim moralizador: advertir os inexperientes dos perigos da vida citadina. Não é a feição moralizadora, nem a descrição minuciosa das scenas de lubricidade que despertaram interêsse ao escritor alemão, atraía-o a dialéctica da paixão, o processo íntimo da corrupção progressiva, a sofística teórica e prática do vício.

A forma escolhida por Bretonne — revelar-nos a psicologia das personagens em carta — pareceu-lhe a mais apropriada. Pediu-lhe também o pensamento fundamental — a corrupção de uma alma excitável por um intrigante demoníaco, como obra de uma sedução levada a efeito metòdicamente — aproveitando também alguns traços para a caracterização das principais figuras. Lovell é uma

natureza entusiástica, apaixonada, de sensibilidade delicada que ao alvorecer da juventude troca com uma rapariga protestos de puro amor. De harmonia com a orientação acanhada do pai, o rapaz deve curar a hipocondria em viagens que lhe proporcionem o conhecimento dos homens. William vai viajar. Em Paris, o jovem idealista que evita os homens e o mundo, deixa-se enredar pelos encantos de uma coquete vulgar, do que se arrepende em breve amargamente. A inconstância e a superficialidade que nêle se manifestam sob a forma de saüdade, aspiração indefinida, parecem constituir as duas qualidades essenciais da sua maneira de ver. O seu entusiasmo é uma forma de sensualidade, a sua filosofia é egoista, epicurista.

«Eu, confessa William, sou a única lei em toda a natureza; estava perante o mundo e os seus gozos como na frente de um livro fechado que não me atrevia a sondar; agora abro-o ousadamente para o folhear e descobrir as minhas alegrias». Excitado por lúbricos desejos, procura a sociedade das heteras romanas, encontrando um prazer indizível na sedução da inocência, sem se preocupar com os meios, disposto a sacrificar a felicidade de um lar, ou a própria existência, de quem se lhe oponha; para todos os seus crimes encontra desculpas sofísticas. Saciado da vida, o seu carácter excêntrico toma uma última forma: acredita no sobrenatural, nos sortilégios mágicos e deixa-se dominar em absoluto por um velho diabólico, Andrea. A realidade parece-lhe sem significado, o mundo uma sombra vã. A sua filosofia niilista permite-lhe os crimes mais hediondos. Faz-se mendigo, entrando por fim para uma quadrilha de salteadores. Na sua nova situação, encontramo-lo em luta entre o desprêzo da vida e o receio da morte, procurando sugestionar-se, a ponto de converter em gôzo os martírios da consciência. A sua ância de viver agora, para compensar os prejuízos feitos

à humanidade, pelo tratamento de flores e arvoredo, só nos inspira ridículo e nôjo. A história podia recomeçar indefinidamente, se Lovell para infelicidade sua e sorte do leitor não encontrasse um vingador que lhe põe termo à existência com uma bala justiceira. O enrêdo é complicado, enfadonho, mal ordenado; o que nos interessa em Lovell não é o seu carácter, mas as suas reflexões, angústias de alma, desesperos e dúvidas.

Tieck, pela bôca de Lovell, revela-nos as preocupações que o atormentam: daí um cunho de sinceridade e verdade que atenua um pouco a impressão desgraçada que nos deixa a intriga, classificada justamente por Fr. Schlegel de «eine ziemliche gemeine und missglückte Maschinere». O autor da obra em comentário composto trinta anos mais tarde atribui-lhe um significado elevado: descobrir a perversidade, a mentira sob qualquer forma que seja.

Köpke, baseado no texto, acha que no romance estão estudadas com profundeza e génio as conseqüências do excessivo amor próprio, dos entusiasmos fáceis, da falsa virtude, da heroicidade malbaratada, etc.

No entanto, a análise dos caracteres não nos pode levar a supôr que Tieck tivesse em vista estigmatizar o vício. A figura mais importante, depois de Lovell, Balder, é um melancólico que cai no desespêro da loucura, como Lovell no desespêro do crime. A moral de Lord Burton, pai do seu amigo, é do mesmo estofo. Egoista, sem escrúpulos, desprezando a sociedade, só manifesta sentimentos odientos; tudo o que é superior, inspira-lhe rancor e troça; é um scéptico sem fé que se não tivesse nervos tão fracos e inteligência tão acanhada seria um demónio consumado.

Desta galeria de degenerados, só está excluído o velho criado da casa, mas a sua religiosidade não é representada de modo que nos seja mais simpática que o scepticismo apaixonado do amo, e o joven Burton, cuja bondade é em extremo ridícula, pois escapando por um triz de ser

envenenado por Lovell, não o odeia nem despreza e ainda pensa em elevar-lhe um monumento num lugar sombrio do jardim, depois de lhe ter seduzido a irmã!!! Tieck aproxima-se um pouco dos *realistas conseqüentes* pela maneira como encara os monstros, em cujo estudo se compraz. «Indivíduos da categoria de Lovell, exclama êle, não são criminosos, mas doidos e infelizes, vítimas do meio e educação; ¿por que casualidade, pergunta o romancista, não sou eu muito mau, quem me pode certificar de que não sou tão bom, como julgo?».

A fraqueza principal da obra está em que o autor representa com patos, vigor e mesmo eloqüência, as figuras sinistras, ao passo que para os bons e felizes só sabe escolher as côres mais fracas. O seu biógrafo vê o tema fundamental da obra nas doutrinas expendidas por Mortimer, o primeiro companheiro de viagem de Lovell: «Só pode ser feliz aquele que não exige da vida muito e sabe delimitar as aspirações e exigências. O orgulhoso e ousado nunca são afortunados». Por isso apregoa a filosofia da resignação, mas não é a resignação optimista, à maneira de Goethe; é a resignação pessimista do hipocondríaco que consome a actividade inùtilmente. Tieck pretende representar no romance o princípio de que o genial se alia sempre com o ilusório e o aparente, o verdadeiro e o bom com o fraco e acanhado.

Já no outono de 1792, trocara Tieck a Universidade de Halle por Göttingen, atraído sobretudo pela rica biblioteca, onde encontrava materiais valiosíssimos para os estudos a que então se entregara sôbre Shakespeare e a literatura inglesa. Dentre os contemporâneos de Shakespeare admirava principalmente Ben Jonson, pela veia satírica e polemista, pela verdade crua com que punha a nú os vícios do meio literário a social de então e assim adaptou à scena alemã a peça *The Fox*, modernizando-a com o título «*Ein Schurke über den andern oder die Fu-*

chsprelle». Na mesma data estuda com entusiasmo o espanhol e consegue ler o *Don Quixote* no original. No semestre de verão de 1793, foi freqüentar a Universidade de Göttingen, Guilherme Henrique Wackenroder que desde os bancos do ginásio estreitara com Tieck uma amizade que se manteve sempre inalterável. Quando êste em Halle se sente dominado por pensamentos tristes, preocupações sinistras, Wackenroder emprega toda a sua eloqüência para lhe desensombrar o espírito e animá-lo a gozar a vida e a confiar em si, exaltando-lhe os dotes poéticos, mostrando-se orgulhoso de ter como amigo o seu Luís, verdadeiro poeta, cujas produções acolhe com o maior entusiasmo e que com toda a sua modéstia se julga com autoridade para apreciar, pois possui excelente ouvido musical que lhe permite formular um juízo seguro sôbre o ritmo e harmonia do verso.

A jurisprudência que estuda só para comprazer com a vontade do pai, não lhe proporciona o mínimo interêsse e aspira a libertar a memória da complicada terminologia de definições e distinções jurídicas; «o jurisconsulto só aplica a fria razão, quando quere ser íntegro, ao passo que o homem de génio, criando, aproxima-se da divindade». Por isso entoa um hino «à arte que nos liberta das ligações terrenas e nos torna dignos do céu». Pela influência do amigo, também as preocupações artísticas de Tieck se tornam mais absorventes e assim na companhia de Wackenroder, visita a catedral de Bamberg, a galeria de quadros do castelo de Pommersfelden, Norimberga, a célebre cidade que uma atmosfera de arte envolve, a pátria de Hans Sachs, Adam Kraft, Peter Fischer, Alberto Dürer e Wilibald Pirkheimer. A sua visita a Bayreuth, às florestas de Fichtelgebirg, às ruinas dos castelos cavaleirescos, entre os quais o de Berneck, proporcionou-lhe uma série de impressões que cêdo ou tarde deviam ser valorizadas poèticamente.

Regressando a Göttingen, Tieck entrega-se novamente aos estudos literários predilectos, pensando numa extensa obra sôbre Shakespeare, a sua época e contemporâneos. É dêsse período a tradução da *Tempestade* e um estudo sôbre o maravilhoso shakespeariano, em que considera como a maior das aptidões dramáticas de Shakespeare dar ao espectador a ilusão da verdade pelas ficções mais ousadas, pelo maravilhoso, por representações do domínio dos espíritos e em outra memória sustenta que o grande dramaturgo inglês como artista genial consegue apreender o individual da natureza, convertendo-o em ideal e aliar a ilusão (Die Täuschung) ao natural. Depois de visitar Hamburgo, onde se encontra com Schröder e Klopstock, volta à cidade natal sem uma profissão, mas com largos conhecimentos sôbre arte e natureza, os poetas modernos e dramaturgos da época de Isabel. Em Berlim, onde passa o verão em companhia da irmã que com êle tinha grandes afinidades literárias, no círculo de amigos com seu irmão Frederico, o arquitecto: o dedicado Wackenroder, Bernhardi, o joven médico Bing e outros, emprega o tempo em debates estético-literários, no gôzo da sua liberdade de escritor, entregue à composição do *Lovell* e só preocupado com assuntos poéticos e artísticos. Rambach publicava desde 1795, de colaboração com F. L. W. Meyer, uma revista mensal, intitulada — *Berlinisches Archiv der Zeit und ihres Geschmacks* — que a par de artigos políticos inseria artigos sôbre teatro, música, últimas modas e composições poéticas e narrativas de toda a natureza. O jornal caracterizava-se pela moderação de crítica, evitando desagradar ao público medíocre de então. Por intermédio de Bernhardi, colaborou Tieck na revista com uma pequena história sensaborona, de espíritos e cavaleiros — *Die Versöhnung* — que apareceu como trabalho de Bernhardi, sucedendo o mesmo a uma crítica frívola do *Almanaque das Musas* e *Vade-mecuns* para o

ano de 1795 que segundo o próprio Tieck fôra feita ligeiramente sôbre o joelho e destituída por completo de qualquer orientação scientífica.

Libertando-se da acção de Rambach, pôs-se ao serviço do velho Nicolaï que tendo estado na sua juventude ao lado de Mendelsohn e de Lessing, sempre na vanguarda das lutas espirituais do tempo e nas suas cartas literárias dado à crítica uma feição simultâneamente menos monótona e mais scientífica, acabara por se tornar um segundo Gottsched, o inimigo declarado da *nova poesia* de Goethe e do movimento kantiano, o Golias dos *filisteus*, encerrando-se nos limites acanhados da falsa filosofia racionalista. Por Ebert e Eschenburg, entrou Tieck em relações com o famoso livreiro que julgando-se o herdeiro e possuidor do espírito do seu grande amigo, Lessing, gozava de influência real nos meios literários de Berlim. O grande admirador de Shakespeare e Cervantes, a quem tanto entusiasmavam as produções de Goethe e Schiller, e que com Wackenroder venerava a arte medieval, Hans Sachs e Alberto Dürer, degrada-se a escrever para a colecção *Penas de avestruz*, novelas de baixa moral utilitária, explicando a superstição por processos naturalistas, psicológicos, troçando da obscura edade média, do gôsto dos romances cavaleirescos, das histórias fantásticas e terríveis, deixando de ser poeta para ser satírico (!!!). A vida com as suas contradições e injustiças já não lhe provoca dôres, mas zombarias, o sentimento cede o passo à razão, o culto da natureza passa a segundo plano, a crítica torna-se mais importante que as cousas em si e a graça espirituosa de mais valia que a crítica. A mesma feição das histórias das *Straussfedern* tem o pequeno romance, — *Peter Lebcrecht,* uma história sem aventuras, em que êste, contando a sua biografia, assegura que se não encontram ali nem gigantes, nem anões, nem espectros, nem bruxas, assassínios ou mortes. O espírito dominante da

obra é o da graça moderada e da sátira ligeira. Não tardou que Tieck se afastasse da Aufklärung e até mesmo nalgumas novelas da colecção editada por Nicolaï, de quando em quando, revela-se o gôsto do fantástico. Assim no conto banal de Abrahão Tonelli, êste que é oficial de alfaiate, por artes mágicas, chega a ser imperador. Em outra, *Die Freunde* que pela conclusão nada tem de romântico, desculpa-se perante o público de ter introduzido «as fadas que nos despertam aqueles desejos que nós próprios não conhecemos, aquelas exigências exageradas, aspirações e bens sobrehumanos que nos levam a desprezar a bela terra com os seus magníficos dons». «Não se pode, continua Tieck na introdução, acreditar sempre no que é crível; recorre se muitas vezes ao *milagre* para nos deliciarmos ìntimamente; então vem e voltam no espírito lembranças do passado, pressentimentos extraordinários, criamos mundos fantásticos que nascem e desaparecem para nosso entretimento. Em todas estas ficções não há grande conexão; como surgem, assim se evolam, depois de nos possuírem por completo». Condena os romances da moda, abortos de uma imaginação ôca, não pelo fantástico e aventureiro, mas sim pelo empolado, desarrazoado e inverosímil ridículo. Ao mesmo tempo chama a atenção dos novelistas para os livros de folk-lore, de inesgotável poesia, pèssimamente impressos e que são vendidos nas ruas por velhas mulheres, como a história do duque Ernesto, de Santa Genoveva, da bela Magalona, e promete para breve narrativas análogas com o titulo de *Contos populares*. Principalmente na *Liebesgeschichte der schönen Magelone und des Grafen Peter von Provence*, nota-se a influência do temperamento delicado e artístico de Wackenroder. No prefácio da história do fiel cavaleiro que depois de muitas aventuras por terra e mar torna a encontrar como enfermeira dedicada a sua amada a filha do rei de Nápoles, de quem se separara

havia muito, anuncia ser seu intento «fazer brilhar a velha narrativa com luz nova», isto é, tende para o sentimentalismo moderno. Transporta a scena do encontro dos dois amantes do hospital para uma cabana de pastor; o tom ingénuo, épico, dá lugar ao lírico e idílico; o objectivo é prejudicado pelas expansões subjectivas que se sucedem em versos e canções, o que dá ao conto um colorido especial. Toda a obra tem um cunho ultra-delicado; Tieck satisfaz-se em nos contar sonhos que acompanha de melodias, fundamentalmente musicais, indeterminadas sem significado, fora do texto. Quadros variegados da natureza constituem o meio, em que a acção se desenvolve. A par desta poesia de sonho, escreve contos em que sob o véu ligeiro da fantasia, o trágico transparece. É o caso de *Der blonde Ekbert*, precursor de uma série de contos da mesma feição. O poeta aqui não parafrasea narrativas anteriores, evoca as lembranças da juventude, contos que ouvira a sua mãe. O assunto é o seguinte: Retirado do convívio do mundo, vive no castelo de Harz o cavaleiro Egberto com sua mulher Berta que nunca concebera. O seu único convívio reduz-se ao de um parente Walther que passando a noite em casa de Egberto, ouve da bôca de Berta, a pedido do marido, a história da sua juventude. A dama começa por referir a sua origem humilde. Filha de uns pobres pastores, para fugir aos maus tratos do pai, vagueia pelas montanhas desertas. Um dia encontra uma velha que a convida a segui-la. Chegam a uma cabana onde ela vive na companhia de um cãozito e de um pássaro que todo o dia entoa a mesma canção, exaltando a solidão da floresta. Aprende o govêrno da casa e deleita-se também com a vida que leva. Passados anos, a bruxa descobre-lhe que a avezinha todos os dias põe um ôvo, dentro do qual se encontra uma pérola ou pedra preciosa. A Berta pertence o cuidado de guardar os ovos durante a ausência da velha que se prolonga semanas e meses.

Apesar de inexperiente, a sua imaginação idealiza as belezas do mundo, aspirando à mão de um dos mais belos e excelentes cavaleiros. Projecta fugir de casa e só agora compreende a ameaça da velha de que se não andasse com juízo, grave castigo, embora tardio, a esperava. Põe em prática os seus propósitos fatídicos: prende o cão e com o pássaro e as pedras preciosas, de que vende várias na aldeia, deixa a cabana, instalando-se numa aprazível cidade. Os remorsos da ingratidão e o receio de encontrar a velha na floresta, atormentam-na contínuamente, o que a não impede uma noite de estrangular o passarito, por êste se atrever a aludir no seu canto, embora de modo indirecto, ao seu procedimento indigno. Berta não sabe contar a história pormenorizadamente. Assim não lhe ocorre o nome do cão que com grande surpreza sua, é referido por Walther. Egberto, indignado por ver que o amigo conhecia o segrêdo da mulher, mata-o a tiro na floresta. Desde êsse dia, Berta definha-se de desgostos, morrendo pouco depois. Passado algum tempo, afeiçoando-se a Hugo, jovem cavaleiro, não resiste à tentação de lhe descobrir o segrêdo, mas em breve a desconfiança substituiu-se à amizade. Observando atentamente as feições de Hugo, com grande terror nota que são as mesmas de Walther. Confuso, quási louco, vagueia a cavalo sem destino pelo bosque e encontra um camponês que é também a figura de Walther em pessoa. Continua a viagem a pé e chega ao lugar da cabana, ouvindo o latido do cão e o canto da ave. A tossir, aproxima-se dêle a velha que se lhe dirige nestes termos: «Vê, o crime é sempre castigado, o teu amigo Walther, o teu Hugo, era eu própria. E Berta, continua, era a tua irmã, filha de teu pai que a mandou criar em casa do pastor». «Egberto, conclui o conto, caiu estarrecido por terra, a ouvir a velha falar, o cão latir e a ave repetir a sua canção».

O defeito de quási todos êstes contos que não são de

feição popular, está na determinação muito precisa do seu sentido, no seu significado forçado muito especial, o que os torna pouco expontâneos. Não obstante, a verdade psicológica do Leit-motiv do louro Egberto — a revelação de um segrêdo a um amigo intimo arrasta muitas vezes consigo a perda da amizade — o artifício do conto é manifesto. A luta que se estabelece na alma da rapariga entre as delícias da solidão e a aspiração irresistível para o mundo desconhecido, a consciência que Egberto tem do seu destino terrível, o sentimento aniquilador do seu isolamento completo, ao ver que só encontrou enganos e encantamentos que quási o levam à loucura, tudo isso são motivos da arte mais refinada, bem pouco apropriada a narrativas dêste género.

Muitos dos contos de Tieck pelo enrêdo, quási que representam uma passagem para a comédia satírica, é o caso dos *Schildbürger* e *Blaubart*. O primeiro pelo título *Denkwürdige Geschichtschronik der Schildbürger in zwanzig lesenswerten Kapiteln* podia fazer supor que estava escrito no tom pragmatista e satírico do *Peter Leberecht* e das *Straussfedern*, quando pelo contrário se aproxima dos velhos livros populares, do romance nacional humorístico, atacando Nicolaï e os seus sequazes, principalmente a sua preocupação pedantesca de moralidade e utilidade, a intolerância, mascarada de tolerante que toma toda a manifestação religiosa por superstição, a monomania do *espírito progressivo*, as enfadonhas descrições de viagens, as práticas educativas de Basedow e Salzmann, etc.

O segundo — *Ritter Blaubart, ein Ammenmärchen in vier Akten* — é a história dramatizada do cavaleiro Barba azul, como é contada por Perrault nos *Contos de ma mère l'Oye*. O poeta com esta composição satírica, procura empolgar o público por figuras fantásticas (Traumgestalten), mas a representação dramática de um conto só

pode ser levada a efeito pela decoração externa, variegada e sobretudo pela música que nos embriaga os sentidos, adormece a razão, transportando-nos aos encantos de um mundo ultra-sensível. Tieck, na sua memória sôbre o maravilhoso shakespeariano, mostrara o uso que da música fizera Shakespeare na *Tempestade* e no *Midsummer-night's dream*. O conto dramatizado tem uma tendência natural para a ópera e assim, a conselho de Reichhardt compôs uma opereta dêste género — *Das Ungeheuer und der verzauberte Wald* —. No Cavaleiro Barba-roxa, o poeta tem a preocupação de tratar o assunto tam dramàticamente como uma fábula histórica, ou novelística, procurando conciliar cousas antagónicas: o drama e o conto. A dramatização exige que o fantástico seja sempre condicionado pelas relações de causalidade que no conto se dispensam; a dramatização pressupõe um organismo artístico complicado que falta no conto; além disso dá perspectiva e corporiza aquilo que como conto é um esbôço, uma sombra, uma coisa sem dimensões corpóreas — a *dissolving view*.

No drama exige-se motivação psicológica, observância das leis éticas, ao passo que o conto dramático não pode deixar de ser uma paródia de forma dramática. Tieck nêstes termos compreendeu com razão que não se pode prescindir em composições dramáticas desta feição, dos recursos cómicos e assim não faltam no conto personagens burlescas. O carácter de farça porém não se mantem em toda a obra e principalmente no último acto há passos impressionantes, de um trágico admirável que se devem considerar com razão como das melhores produções de Tieck. Mas sem dúvida o seu lugar é descabido, podendo afirmar-se que arte tão superior é mal empregada e mesmo destoa da natureza do assunto. As comédias satíricas de Tieck sofrem todas de excesso de ironia que muito as prejudica; a sua sofística poética compraz-se em escal-

pelizar tudo, mas principalmente os inimigos da graça, da poesia, da imaginação creadora.

Entre as composições dêste género que lhe não foram inspiradas por Aristófanes, mas por Shakespeare, Holberg e pelas *Fiabe* de Carlos Goyzi e ainda pelas farças de Goethe — *Jahrmarkt zu Plundersweilen e Pater Brey* — devemos destacar *Der gestiefelte Kater, in drei Akten mit Zwischenspielen, einem Prologe und Epiloge* e *Prinz Zerbino, oder die Reise nach dem guten Geschmack, gewissermassen eine Fortsetzung des gestiefelten Katers.* A primeira, sem dúvida, a mais original e engraçada, é uma paródia ao público que só aprecia a arte inferior e banal de Iffland e Kotzebue.

Ainda antes de o espectáculo começar, já na plateia os críticos e apreciadores de arte, protestam contra a representação de um conto para crianças, exigindo histórias de família, com moralidade, cunho alemão, scenas empolgantes. O poeta procura tranqüilizá-los, mas em vão. Entre os ouvintes, os mais indignados são Bötteher, autor de um livro sôbre Iffland e que então era muito popular, Fischer, Müller, Schlosser, Wiesener.

Depois de muitas peripécias, lá consegue fazer representar a peça, em que criva de dardos acerados a *Aufklarüng* e a burguesia, os dramas sentimentais, a magnificência decorativa. A comédia que se não pode comparar às de Aristófanes, pois essas tẽem um carácter universal e só nacional, pela crítica dos estados sociais e da vida pública da época, é o que podia ser no Berlim de 1797, uma inocente comédia literária, apreciável para os conhecedores do assunto, mas para os leigos uma produção indigesta, sem sabor, nem graça. No *Príncipe Zerbino* caustica cruelmente a cultura do ilumismo, cujo símbolo é Skaramuz, o representante da *Aufklärung,* da prosa, do critério rotineiro utilitário, e que consegue subir ao trono de Apolo destronado. Ao pé do Parnaso, é instalada

uma cervejaria e uma padaria; ali tem a sua ração *Pegasus* que aparece na figura de um burro, onde Skaramuz cavalga com uma pequena memória sôbre a utilidade dos quadros de família. Por fim, esta sociedade às avessas (verkehrte Welt) é aniqüilada por uma conspiração vitoriosa de Apolo. O poeta, a par do seu desdem aos críticos banais, aos eruditos acanhados, autores de romances da moda e de dramas de família, filantropos sentimentais, mostra as tendências positivas da nova escola romântica, pela sua veneração a Goethe que figura no *Jardim da Poesia* na companhia de Shakespeare, Cervantes e Dante, como um dos quatro santos (heilige vier) e pela atmosfera poética que cerca esta sua produção. Tieck destinara a peça ao último volume das *Straussfedem,* mas Frederico Nicolaï devolveu-a e com razão ao autor, pois a aliança dos dois, artificial, tinha de ser por conseqüência pouco duradoira. Não foram melhores as relações com o filho de Nicolaï que tendo a mesma actividade do pai, não possuia o seu bom senso e respeitabilidade.

A leitura do conto *Ritter Blaubart* sugeriu a Elisa von der Recke a idea de que seria interessante, se o poeta mostrasse por que artes e fraquezas cada uma das sete mulheres da Barba-azul se deixava atrair e sacrificar à crueldade do sedutor. Nicolaï (filho), propôs a Tieck tratar o assunto, escrevendo êste *Die sieben Weiber des Blaubart,* em que não obedece a quaisquer princípios de ordem literária e sem dó nem piedade cobre de ridículo a sociedade de Berlim, zombando cruelmente do seu espírito utilitário e acanhado e propondo-se corrigí-la. Desesperado com a orientação do poeta, o editor lembrou-se de uma vingança original. Faz uma edição incompleta das obras de Tieck, sem autorização do autor e atribui-lhe várias traduções que não lhe pertenciam. Elogiava-o em termos bombásticos, exaltava-o acima de La Fontaine, de Goethe e Schiller e dos irmãos Schlegel, só com o

intuito de o troçar, amesquinhando-o com a comparação. Tieck promoveu-lhe um processo que foi decidido a favor do queixoso.

Na mesma data, em que Tieck quebrava de vez os laços que o prendiam à *Aufklarüng*, apareceu uma obra, em que a poesia se mostra pela primeira vez como produto de uma convicção íntima e não como passatempo de uma imaginação exaltada, doentia, ou infantil. Refiro-me às *Herzensergiessungen* de Wackenroder, a que já aludi, em que Tieck também colaborou, possuído da mesma admiração à edade média, à velha pintura alemã. O séptico de outros tempos, o satírico irreverente converte-se em crente reverente e com o seu extraordinário talento de imitação e maleabilidade de espírito, é capaz de escrever num estilo que à primeira vista se não distingue do de Wackenroder. A mesma unidade de vistas se nota nas *Plantasien über die Kunst, für Freunde der Kunst,* de que quási metade é obra de Tieck, e que êle encheu de muitas poesias líricas, notáveis pela sinceridade de emoção e tom entusiástico. O seu romance, *Franz Sternbalds Wanderungen, eine altdeutsche Geschichte,* impresso em 1798, revela a acção directa de Wackenroder. O herói da história é um discípulo de Alberto Dürer que percorre os Paízes Baixos e a Itália, na aspiração incessante de encontrar realizado o seu ideal artístico e que por fim recebe com a mão de uma donzela que adora, a recompensa dos seus trabalhos. O autor transporta-nos à sociedade do século XVI que reconstitui com a maior fidelidade histórica. A descrição da famosa Norimberga, da vida artística e particular de Dürer, de Lucas de Leyden, o representante da pintura neerlandesa, cuja casa o mestre alemão visita, é extraordinàriamente interessante, mas o resto da obra é prejudicado, pelas grandes dissertações sôbre arte, pormenorizadas narrativas de scenas lúbricas, citações de vários autores, aventuras amorosas, etc.;

torna-se enfadonho e confuso. Na segunda parte, transparece a influência de *Guilherme Meister* de Goethe. Como é sabido, o romance de Goethe foi o modelo que todos os autores se propunham imitar e assim Jean Paul escreveu o seu *Titan*, Carolina Wolzogen a *Agnes von Lilien*; Dorothea Veit o *Florentin*; Fr. Schlegel a *Lucinda*; Hardenberg o *Henrique de Ofterdingen* e Tieck o *Sternbald*, onde imita o grande mestre nas referências à sua vida juvenil, nas descrições de viagens e representações dramáticas, convívio com actores, etc. e no próprio assunto fundamental: a história de um artista que consegue elevar-se da esfera nociva da sua primeira educação, a um meio social elevado e culto. Apesar de defeitos, o Sternbald marca um progresso inegável sôbre as produções anteriores. Tieck modera os acessos da sua imaginação exaltada e inspira-se do mundo real, da vida humana que idealiza nas suas múltiplas manifestações; o demoníaco e o cruel desaparecem, para dar lugar ao amor, à saudade, ao prazer da vida.

Os contos populares e o Sternbald atraíram a atenção dos irmãos Schlegel. Augusto Guilherme dedicou aos primeiros um artigo entusiástico no *Jornal literário de Iena* e Frederico exaltou o segundo como a obra prima do autor. Em breve, se estabeleceu entre êles uma amizade íntima que aumentou com a estada de Tieck em Iena, de 1799 ao verão de 1800, onde conviveu também com Novalis e Schleiermacher que o proclamaram o primeiro poeta da escola romântica. É dessa época a tradução da comédia de Ben Jonson, *Epicena, ou a mulher silenciosa* e os *Briefe über W. Shakespeare*, por cuja publicação tanto se interessou Guilherme Schlegel. Também compôs no tom satírico das suas primeiras produções o *Fastnachtspiel — Der neue Hercules am Scheidewege, eine Parodie* — e a visão — *Das jüngste Gericht* — onde escarnece a *Aufklärung* e a literatura de baixo estôfo. O

primeiro fruto do convívio com os Schlegel parece serem os sonetos que publicou em 1800 no *Poetischer Journal* que há pouco havia aparecido. Muito mais importante que os panegíricos sonetos dirigidos aos amigos, é a tragédia *Vida e Morte de Santa Genoveva*, em que o poeta influenciado por Schleiermacher e Hardenberg, faz a glorificação artística da religião. Se no *Sternbald* segundo a orientação de Wackenroder venerava a arte com devoção e piedade, a ponto de Goethe irònicamente classificar de *Sternbaldisieren* a orientação que considera a religiosidade o verdadeiro fundamento da arte, procurava agora estabelecer, sob a acção do misticismo antigo e moderno, como aparecia nas *Reben über die Religion* e em Jacob Böhme, a aliança da religião, devoção e piedade. Era mais no dizer de Solger, a aspiração da religiosidade do que a crença em si que o possuía, ao compôr a *Genoveva*, como se reconhece pela exuberância da pintura, pelo cunho artificial da composição, de que não era também estranha a influência dos dramas religiosos da poesia espanhola. A despeito da incomparável beleza de alguns passos, a obra como drama é de fraco valor; é antes um poema dramático, a rima e o ritmo prejudicam o desenvolvimento da acção e a pintura dos caracteres. Animado pelo êxito da *Genoveva*, escreve a grande peça em dez actos *Imperador Octaviano*, em que imitando Calderon, introduz inúmeras composições líricas em todas as formas imaginárias, desde o verso de Hans Sachs até ao soneto e ao terceto.

Um ataque de reumatismo que já em Iena se manifestara, martirizou o poeta durante muitos anos, prejudicando-o na sua actividade creadora, sendo dessa data o conto *Der Runenberg*, em que transparece uma profunda melancolia. A visita ao amigo Burgsdorff em Ziebingen e em cuja companhia percorre a Média Alemanha, foi-lhe muito benéfica. Volta-lhe o amor ao trabalho de outros

tempos e assim publicou em 1803 os *Minnelieder aus dem schwäbischen Zeitalter;* em 1812 o *Frauendienst de Ulrich* v. Lichtenstein e os valiosos trabalhos *Altenglisches Theater* (1811) e *Shakhespeares Vorschule* (1823). Viaja por Munich, pela Itália, Dresda e Viena, sempre atarefado com as suas investigações. São dêsse tempo os *Reisegedichte eines Kranken.* Ainda em 1810, a sua actividade poética se manifesta, escrevendo a poesia introdutória ao *Phantasus,* em que reúne as melhores poesias com algumas narrativas interessantes, como Der Liebeszauber, die Elfen, der Pokal e duas comédias—*Leben und Thaten des kleinen Thomas genannt Däumchen e Fortunat.* Em 1817, aparece o *Deutsches Theater*, uma colecção de comédias alemãs, dos séculos XVI e XVII. Estabelecendo-se em Dresda, atrai a atenção do público letrado pelas suas prelecções sôbre literatura dramática e pelas suas críticas de teatro que apareceram em 1823 e 1824 no *Jornal da noite.* Na introdução às obras de Schröder (1831), faz a história do teatro alemão, cuja decadência estuda nas *Bemerkungen, Einfälle und Grillen über das deutsche Theater;* as suas críticas aos dramas de família de Iffland e Kotzebue, às tragédias fatalistas, às peças rétóricas e declamatórias, com vários artigos em honra de Shakespeare e Kleist, estão reünidas nos *Dramaturgische Blätter* que com as suas *Kritische Schriften* são o melhor documento da sua capacidade crítica e fino gôsto. Muito beneficiou a scena alemã com as críticas de Tieck, cujo talento comunicativo chamava a sua casa todos os amigos de arte que sugestionava com a sua erudição e exposição brilhante, a que Goethe alude entusiasmado nas *Conversas com Eckermann,* a propósito da declamação de Clavigo.

As primeiras novelas de Tieck, como referimos, foram escritas no gôsto da *Aufklärung.* Em várias outras, condena igualmente os excessos do romantismo. Em *Die Gemälde* (1821) satiriza o apreço exagerado da arte cristã

medieval, na *Verlobung* (1822) o fanatismo católico; *Die Reisenden* (1823), assim como *Der Geheimnisvolle* e *Die Gesellschaft auf dem Lande* (1825) põem a nu muitas mentiras sociais. Muito curiosas são as *Musikalische Leiden und Freuden*, onde resume as suas observações sôbre as excentricidades dos artistas. Os romances históricos de Walter Scott despertaram-lhe o interêsse por êste género literário que cultiva com grande êxito. Assim, a novela infelizmente incompleta, *Aufruhr in den Cevennen*, prometia ser uma obra prima, como se podem considerar pela pintura dos caracteres, conhecimento da psicologia das multidões, as novelas históricas — *Der wiederkehrende griechische Kaiser* (1830); *eine Demetriusgeschichte aus der Zeit der Kreuzzüge; Hexensabath* (1831) e *Vittoria Accorombona* (2 vol.), onde estuda a vida da poetiza italiana, evocando com a maior fidelidade os acontecimentos e o espírito do tempo. Com a *Vittoria Accorombona* termina em 1840 a sua actividade poética.

O romance forma por assim dizer uma *contrepartie* às duas novelas *Dichterleben* sôbre a sociedade dramática da época de Izabel e em especial Marlowe, Greene e Shakespeare e *Der Tod des Dichters* sôbre Camões que adiante analisamos e que se distinguem pela objectividade e maior serenidade épica. Até aos últimos momentos da sua existência que se extingue em 28 de Abril de 1852, mostrou a mesma vivacidade de inteligência o mesmo interêsse aos assuntos literários.

Eis em traços gerais a biografia do grande polígrafo, cuja produtividade extraordinária nos obrigou a maior desenvolvimento do que desejáramos, sem que mesmo assim pudéssemos apreciar com minúcia. as múltiplas faces do seu talento extraordinário.

CAPÍTULO II

O romance de Tieck. — A morte do Poeta. — Exposição pormenorizada do assunto. — Conhecimento que o autor mostra da história de Portugal e da biografia de Camões. — Culto entusiástico que o célebre polígrafo professava ao grande épico português e de que compartilhavam as figuras representativas do romantismo alemão. — Apreciação exacta que faz dos *Lusíadas* e que mostra a sua grande erudição e arguto espírito crítico. — Pontos principais, em que Tieck se afasta da verdade histórica.

No romance — *Der Tod des Dichters* — que se inicia com a partida da comitiva de D. Sebastião para a jornada da África entre auspícios favoráveis e o entusiasmo da nobreza e que termina com o insucesso de Alcácer-Kibir, apresenta-nos o autor, agindo num meio real, a par de Camões, D. Sebastião, D. António e outros, um certo número de personagens e factos que embora estranhos à verdade histórica, não deixam de ser interessantes, pois evocam os costumes portugueses de outros tempos, toda a animação dos grandes ajuntamentos populares, ao mesmo tempo que sintetisam o culto de admiração que a Alemanha prestou sempre desde o romantismo ao nosso grande épico [1]. O assunto é o seguinte:

D. Catarina de Otaz que concebera uma filha, fruto

[1] Camões era um dos poetas mais admirados dos românticos não só pelo seu valor, mas também porque a sua vida desgraçada não podia deixar de comover uma época em que predominava quási exclusivamente a sensibilidade. Já Feuchtersleben procurando orientar a geração do tempo noutro sentido, libertando-a da hipocondria que a seu ver era uma das formas do egoismo, como a melancolia também simultâneamente preguiça do espírito e vaidade, na *Diaetetik der Seele* a arte de conduzir a vida, confirma o que acabo de expor sôbre a simpatia que inspirava aos poetas, o cantor dos *Lusíadas*: «Um jovem sem experiência, nem estudo, lança-se por vaidade ou snobismo na carreira literária, mas depressa e com amargura, percebe o que o seu papel tem de vácuo artificial e ei-lo

dos primeiros amores com o imortal autor dos *Lusíadas*, e a conservara, sufocando as expansões de ternura próprias de mãe estremosa, durante tanto tempo afastada do seu convívio amoroso, pôde finalmente, sob o pretexto de um parentesco remoto, trazer o ente querido para a sua companhia. No espírito do nobre D. Rodrigo, com quem mais tarde se casara por imposição do pai, não houve a mínima desconfiança da falta que a esposa idolatrada mas infeliz, lhe ocultara aos olhos de marido amantíssimo, mas um tanto rude.

A formosa criança vira pela vez primeira a luz do mundo numa modesta casinha da Serra da Estrêla, para onde D. Catarina a ocultas se retirara, sob um nome falso, deixando a consumir-se de saudades

> Ein junger Mann, von Adel zwar, aber nicht
> den grössten Familien verwandt, der kurzlich
> von der Universität zurückgekommen.

Entretanto, a ambição paternal fazia apressar os preparativos do enlace da fidalga com D. Rodrigo, findos os quais D. Catarina regressara a Lisboa, disposta a sacrificar os direitos do amor, à obediência ao velho que ante a indiferença e relutância da filha em contrair tal casamento se definhava de dia para dia. A primeira notícia que recebe ao chegar à capital, é a do destêrro de Camões, em virtude da agressão feita ao rival D. Rodrigo.

Casam-se e é então que a mãe por tanto tempo sacrificada, vê brilhar nas trevas da sua alma, uma scentelha de alegria com a vinda da criança para seu lado. Esta

---

incomodando-nos com a fraseologia melancólica que já há muito afogou o mundo. Camões e Byron tornaram-se os seus companheiros de infortúnio. Depois, quando solicitado pelas exigências da vida mostra-se desanimado sem fôrça, nem resistência; a sua miséria de imaginária que era, tornou-se real».

ventura mitiga-lhe em parte o desgôsto causado pela morte inesperada do pai.

D. Rodrigo resolve-se a abandonar a cidade; vão para a Serra da Estrêla, onde a sua protegida, a quem a idade realçava os naturais encantos, é desposada por um soldado. O marido de D. Catarina que também se afeiçoara à pobre donzela, dota-a por ocasião dos esponsais, assegurando-lhe o futuro e dando assim provas de um carácter generoso.

Os noivos partem para Coimbra, sede do regimento a que o soldado pertencia e nessa cidade vem a nascer Maria, a quem ainda em verdes anos a morte arrebata os pais. Catarina chama-a para o seu lar; Rodrigo toma-lhe amizade, infelizmente de pouca duração, pelo seu falecimento prematuro.

É esta a criança que no princípio do romance de Tieck vemos aproximar-se repetidas vezes da janela, atraindo ao mesmo tempo a atenção da avòzinha para aquele homem cego de um ôlho que constantemente se detinha junto do gradeamento, como se não se fatigasse de contemplar as flores do jardim.

Uma intuïção infantil diz-lhe ser êle um bom:

«sieht so gut aus».

Simpatiza com o desgraçado e até o negro que o acompanha e às vezes lhe vem falar, parece «tão fiel e dedicado como o cãozinho que brincava lá na Serra». A fidalga inquieta-se com a insistência daqueles reparos que achava importunos; desconfia; receia tratar-se de algum malfeitor e apesar dos esforços da neta para a tranqüilizar, o seu espírito atribulado por tantas decepções, por tantos desenganos, só vendo motivos de desassocêgo nos actos de pessoas estranhas, assusta-se, sem encontrar explicação para as visitas do desconhecido.

A chegada do marquês de Castro e do jovem conde Fernando, afasta-lhe da mente os maus presságios, distraindo-a com a apreciação do acontecimento que a todos preocupava — a partida projectada de D. Sebastião para a África.

Emquanto isto se passa em casa de D. Catarina, numa hospedaria dos arrabaldes, onde se costumavam reünir indivíduos de diversos misteres, dava-se um facto que ainda mais veio firmar a convicção da fidalga acêrca do destino de Camões. Eram convivas habituais da locanda, Henrique, a quem não desagradava chamarem-lhe artista, Matias que escolhera o estado eclesiástico, mas ainda não conseguira um lugar de capelão, Ernesto e Duarte fervorosos admiradores de D. Luís que umas vezes por outras lhes lia e interpretava a obra de Ariosto.

D. Luís, apesar de respeitado pelos ouvintes, não deixava de ser invejado por Matias, creatura pouco modesta que não via naquele que o afrontava com a grandeza e brilho do espírito, mais do que um leigo, um soldado incapaz de ser comparado a um verdadeiro erudito, ideas estas em que não comungavam os restantes. Na pequena assembleia, não raramente surgiam discussões acêrca de assuntos literários. Tratava-se então de apreciar e criticar algumas epopeias, a que os *Lusíadas* se sobrepunham pelo ardor patriótico; censurava-se o rei por ter deixado Camões finar-se à míngua num hospital, quando entrou Domingos, velho criado de D. Catarina, na companhia de dois oficiais que com a sua presença tiram o poeta do embaraço em que o espírito justiceiro dos amigos o colocara. É aí que Domingos colhe a informação sôbre a morte de Camões que vai comunicar à fidalga, logo após a retirada dos nobres cavaleiros, o marquês de Castro e o conde Fernando. Como os capitães estrangeiros desejassem saber, onde se encontrava Stukeley, que nos é apresentado como general dos torços italianos e alemão,

dois dos presentes, Ernesto e Camões, prontificam-se a acompanhá-los, abandonando juntos o retiro.

Na estrada, vem-lhes ao encontro um mendigo que os oficiais olham com desdém e como D. Luís lhe entregasse uma pequena moeda, o italiano observou delicadamente que a sua qualidade de burguês que leva uma vida sossegada, bem se patenteou no acto acabado de praticar. O poeta diz-lhe que também já foi militar, tendo combatido na África e na Índia. Esta circunstância leva os oficiais a cumprimentarem-no, satisfeitos de naquele indivíduo tão reservado, encontrarem um camarada já encanecido pelos anos. Contudo, D. Luís não os acompanhou por muito tempo. O modo por que estes aventureiros se referiam à religião, desgostou-o e por isso despede-se e afasta-se bruscamente, deixando os estrangeiros perplexos ante o seu procedimento, o que os levou a indagar de Ernesto qual a identidade daquele que «mit einemmale wieder eine Miene annimmt als wenn er ein Graf oder Herzog wäre».

Êste não os pôde informar com exactidão; sabe no entanto que é um letrado e que talvez pertença a qualquer família ilustre. Chegados ao ponto em que se deveriam separar, tomando Ernesto por um atalho, ambos os oficiais continuam a sua marcha, até que o alemão se resolve a interromper o silêncio:

«Que homens tão enfadonhos os portugueses, tão cerimoniosos, discretos e susceptíveis que nos obrigam a ser ainda mais delicados para com êles» !!!

«A nós, italianos, respondeu o outro também não agradam; mas vós os alemães do mesmo modo não estais satisfeitos connosco; fazemos como dizeis, a cada passo tantas cerimónias e somos pródigos em cumprimentos. Contudo, pareceis-me um povo admirável. Sois lhanos, francos e afectuosos, como confessais, mas de súbito tornais-vos retraídos; agora conversais no tom mais amigável,

logo ao primeiro encontro contais os segredos e bebendo juntos entre beijos e abraços, muitas vezes até com lágrimas, jurais manter uma amizade perdurável na presença do perigo, sem nada recear, com sacrifício do próprio corpo, sangue, vida e até da alma».

«Assim deve ser, camarada, retruca o alemão; é com estas qualidades que ultrapassamos todos os outros povos».

A conversa prolonga-se neste pé, mas entrando o italiano a tratar com azedume a Alemanha, deixam-se arrastar a um desfôrço que nenhuma outra conseqüência teve senão a de estreitar a amizade perturbada pela inconsideração do oficial italiano.

Feitas as pazes, prosseguem em busca da taberna, em que esperavam encontrar Stukeley e que já não ficava longe. No local freqüentado por classes mais modestas, dançava-se, tocava-se e bebia-se. Ermindo, um caldeireiro, vendo os presentes tão satisfeitos, lembra-se de pôr termo a tais folguedos, invocando o terror que lhe causara, o ter o sino de Vilela, pequena povoação perto de Saragoça, começado a tocar por si mesmo, desde a ocasião em que surgira a idea da aventura que o jovem monarca tencionava levar a cabo.

A narrativa, confirmada por um arrieiro que se encontrava presente, veio assustar aquelas criaturas simples, transformando a alegria em tristeza que o temor religioso enchia de apreensões sombrias e para a qual procuravam lenitivo na oração murmurada em profundo recolhimento espiritual.

A aparição inesperada da figura grotesca de António que habitualmente percorria essa área no intuito de angariar os meios com que sustentava o amo, veio arrebatá-los à prostração em que se achavam. Os folguedos retomam gradualmente o entusiasmo anterior e o negro contribui e esforça-se por que o regozijo se torne ainda

mais intenso, na espectativa de colheita avultada. Um delírio de prazer: o taberneiro empunha a guitarra e a mulher acompanha com a sua voz forte numa antiga romanza, o que absorve a atenção da despreocupada assembleia a tal ponto que quási lhe passara despercebida a súbita presença do vulto imponente de Thomas Stukeley.

Surpreendidos, todos se calam, mas o general pede-lhes que continuem a divertir-se. Esperando, recreia-se também até à vinda dos seus subordinados, e apenas êles chegam, manda distribuir vinhos pelos convivas, apressando-se a sair. António detem-no e só o deixa afastar-se após a satisfação das suas exigências.

Cai a noite calma e estrelada, em que o orvalho refresca as plantas e a relva que atapeta o chão. D. Luís passeia mergulhado em pensamentos poéticos, a cujas fantasias a beleza da cidade com as pequenas luzes espelhando-se no rio, o saltar de um peixe, interrompendo o silêncio da noite, o ruído do vento a murmurar entre as fôlhas do arvoredo, arrastavam o seu espírito.

Divisa na escuridão uma sombra indistinta que se aproxima cautelosamente; ao reconhecê-la, pregunta-lhe: «Já vieste, António? Não te esperava tão cêdo!» «Abençoado dia! exclama o negro, recebi hoje mais do que é costume em meses inteiros; vede senhor querido amo, além de quatro boas e pesadas moedas de ouro trago ainda aqui cobre e prata».

A fidelidade e o desinterêsse do escravo comoveu o poeta; a quantia recebida empregá-la há na compra de algumas peças de vestuário, de modo que para o futuro não levante desconfianças pelo seu trajo já um tanto cossado.

O negro, entretanto, preocupa-se com a disposição do que trouxera da taberna, graças à generosidade do chefe inglês. Sôbre uma pequena toalha coloca dois copos, a

garrafa com vinho, os talheres, o peixe, emfim um jantar completo.

Sentam-se ambos e no decorrer da refeição o pobre escravo não encontra palavras com que possa exaltar o amo; esquece por completo os grandes serviços que lhe presta, não os reputando suficientes para a solução da enorme dívida de gratidão que contraíra, ao ser comprado pelo poeta em Ormuz e assim ter escapado a uma morte certa.

D. Luís, junto do seu único amigo, esquece os sofrimentos, a ingratidão, o abandôno, a que os compatriotas o votaram e se dêles fala é num tom em que a amargura apenas se sobrepõe à alegria íntima que lhe refresca a alma, sufocada pelo desânimo, mas hoje, sob o influxo do ambiente suave que o rodeia e da dedicação ilimitada do escravo, parece entrever no horizonte da vida a aproximação de uma ventura ainda tão longínqua que mal a distingue.

É assim que guiado pelo pressentimento, toma o caminho em direcção ao palácio de D. Catarina. Uma irresistível fôrça oculta obriga o desventurado a impelir o pesado portão do jardim, onde entra a furto, aspirado a largos pulmões o ar que as flores perfumam e ouvindo encantado o dôce murmúrio da cascata. Mas eis que um leve ruído o chama à realidade; assustado afasta-se com toda a cautela, para que a areia não ranja sob a pressão dos pés, conseguindo regressar à estrada.

No capítulo seguinte, mostra-nos Tieck o entusiasmo que reinava entre a nobreza, nas vésperas da partida para a jornada de África. D. António, o prior do Crato, dirige-se a casa de Fernando e incita-o a tomar parte na expedição, mas êste lamenta ter de abandonar a esperança que por longo tempo nutrira de acompanhar os cavaleiros, uns amigos que de certo voltarião cobertos de glória. E replicava que a idade avançada do tio, o mar-

quês de Castro, de cujos bens era administrador, assim como dos de D. Catarina, a quem auxiliava depois da morte prematura de D. Rodrigo, não permitia que os abandonasse, sob pena de cometer uma ingratidão sem nome.

O prior não insiste, cede às razões expostas e bem humorado acrescenta dirigindo-se aos dois cavaleiros que o seguiam: «Assim tenho de me contentar com o ardor bélico dêstes estouvados que anceiam tanto por um combate como por um baile».

Os jovens guerreiros riem-se mas D. António atalha-os: «Embora esteja convencido da vitória, não será tão rápido como julgais, meus caros senhores, o termo desta luta. A Berberia levantar-se há em pêso para apoiar o usurpador e resistir ao imperador destronado que procurou o nosso auxílio».

O príncipe dispõe-se a sair, mas Fernando ainda o retém uns momentos, para respeitosamente lhe chamar a atenção para o proveito que adviria com a sua permanência no reino, em vez de embarcar para África. Poderia por fatalidade o rei sucumbir na empresa e então necessária se tornava a presença de D. António para defender os seus direitos à coroa, contestados principalmente pelos partidários do monarca espanhol.

D. António confia na coragem e boa estrêla de D. Sebastião, em que vê o digno continuador dos feitos de D. Duarte, D. João, D. Afonso e D. Manuel. «A própria Espanha bem o sabe, afirma êle, e tanto que Felipe por inveja tem empregado os maiores esforços para dissuadir o rei português dos seus alevantados propósitos». Por fim retira-se e na rua encontra Stukeley que o acompanha ao paço para assentarem de acôrdo com o soberano o dia do embarque.

Fernando permanece no gabinete, onde dá largas às suas fantasias, entre as quais toma vulto o pressentimento

do mau êxito da expedição. Pensa em D. Catarina e no velho marquês; constata que cada vez mais os venera, reconhece que afastando-se dos seus estúrdios companheiros e dedicando-se com maior afinco a êsses dois parentes, vai começar vida nova. Começa a desenvolver-se lhe o gôsto da solidão, do sossêgo. Em busca da verdade e do conhecimento, da correspondência entre o mundo e os homens, quere consagrar-se ao estudo da natureza. Os livros parecem agora falar-lhe outra língua e os lábios dos homens exprimir-lhe ideas que anteriormente deixara passar sem reparo.

Deixa-se absorver pela leitura dos escritos salvos do incêndio que devorara o palácio de D. Catarina; completamente alheio às excitações da multidão, é despertado pelo rumor cada vez mais intenso da turba que se aproxima. Quando chega à janela para se inteirar da causa daquele barulho, distingue em baixo, na calçada, um cavaleiro ferido, amparado por um criado da casa.

A razão do tumulto expõe-na um criado velho de Fernando: a crença nos maus presságios do sino de Vilela e nas profecias de Melchior, frade da ordem dos Capuchinhos, tido como santo, apavora o povo que em tropel se dirige ao palácio real, com o fim de evitar a partida da expedição.

Compareceram no local os dois oficiais estrangeiros, já conhecidos, que se sentiram amesquinhados ante as estúpidas pretensões do populacho. Interveio logo o alemão, mas como não fôsse compreendido, pouco tardou a que passassem a vias de facto. O companheiro, o capitão italiano, tentou serenar os ânimos, mas também depressa se envolveu no conflito, sendo ferido, a ponto de perder os sentidos. As conseqüências seriam mais funestas ainda, explica o criado, se não fôsse um indivíduo desconhecido que conseguiu inutilizar o principal dos agressores.

Êste indivíduo que ninguém pôde reconhecer, era nem mais nem menos do que D. Luís, cuja valentia tanto assombro causou aos presentes. Fernando recolhe o ferido, de cuja saúde Stukeley procura informar-se, a miúdo, agradecendo ao jovem fidalgo o acolhimento e carinho que lhe proporcionara.

A paz habitual do lar de D. Catarina é abalada pela chegada do Marquês de Castro e do Conde Fernando que conseguem convencer a respeitável senhora a abandonar por algum tempo a solidão, a que voluntàriamente se entregara, e a vir assistir ao embarque de D. Sebastião e da sua comitiva. D. Catarina anuiu um tanto contrariada pela perspectiva de novamente voltar a defrontar-se com os parentes do falecido esposo que não perdiam ocasião de a molestar.

Após a saída dos fidalgos, Domingos anuncia-lhe o regresso de Cristóforo (Cristóvão), o primo que há quarenta anos se encontrara na Índia, de onde voltara pobre e doente. Repelido pelos parentes mais próximos, conseguira da fidalga um cantinho em sua casa, onde em sossêgo poderia esperar a morte.

O viajante não se faria esperar e a sua loquacidade e bom humor constituíriam um entretenimento para D. Catarina que já adivinhava a amizade que a iria prender a êsse velho, a quem a fortuna não favorecera. Não se enganara a condessa na opinião que formara do primo que apenas a vê, abre a alma em expansões de amizade sincera; contudo breve foi a sua alegria; ao desembarcar recebera a notícia de que Camões, o amigo e companheiro de aventuras, era falecido havia dois anos. Ao ouvir as referências ao poeta, mostra grande interêsse em conhecer as relações que Cristóvão com êle mantivera, afastando-se imediatamente, para ocultar a sua grande dor.

Chega finalmente o dia do embarque do monarca e dos seus cavaleiros. A condessa troca a solidão que tanto

prezara, pela vida movimentada da cidade, assistindo das janelas do palácio quási reconstituído, à despedida da lusida comitiva. Resolveu suportar com resignação quaisquer exteriorizações menos amigáveis por parte dos parentes de D. Rodrigo, com quem desde viúva pouco convivera.

Tieck descreve os preparativos do embarque, a missa, a que o jovem rei assistira, insiste nas correntes de opinião tão contrárias entre o povo quanto ao êxito da expedição, refere-se ao filho do Duque de Bragança, apenas com oito anos de idade, teimar em acompanhar os cavaleiros, como que a comprovar que o entusiasmo da guerra era geral entre a nobreza.

No número dos convidados, na sua qualidade de irmão e sobrinhos do falecido D. Rodrigo, encontravam-se no palácio de D. Catarina, D. Estêvão (Stephano) e seus dois filhos que em tudo viam maus agouros e continuamente prediziam um triste fim àquela aventura.

A fidalga, a princípio, ouvia-os em silêncio, mas o amor à causa religiosa, cujo paladino via no monarca, à pátria que à gloriosa história poderia juntar outro feito, arrancou-a da quietação, em que propositadamente se conservara, para verberar o procedimento dos parentes, cujas simpatias se inclinavam para o domínio espanhol.

O súbito aparecimento de D. António, o prior do Crato, que ali viera expressamente apresentar as despedidas a D. Catarina e ao Marquês de Castro, interrompe a discussão. As suas palavras, cheias de calor, de fé num regresso glorioso, veem fortalecer as esperanças da nobre dama, cuja abnegação e ânimo varonil Tieck procura sempre destacar.

Apenas o infante se afasta, a polémica, a que pusera tréguas, surge mais acalorada, a ponto de D. Catarina a abandonar, pois tinha o mais completo desprêzo àqueles que desconfiava não consagrarem à pátria, o verdadeiro amor, de que tanto carecia.

O oficial alemão, por sua vez, vem despedir-se de Fernando e ao mesmo tempo recomendar o amigo que se sacrificara em sua defesa e cujo estado melindroso não lhe permitia erguer-se do leito. No entanto, D. Estêvão, vendo-se a sós com a fidalga, aproveita esta oportunidade para a atormentar de novo. Fala-lhe da necessidade de um testamento em que os seus bens passem para os sobrinhos, de modo que possam perpetuar a opulência da casa do esposo falecido; insinua-lhe até a conveniência de ainda em vida lhe fazer entrega do magnífico palácio, quási restaurado. O Marquês de Castro intervém, censurando a conduta do cunhado de D. Catarina, com a qual imediatamente se retira, seguido de Fernando e da irrequieta Maria.

Decorrido êste dia, com os desagradáveis sucessos que a fidalga pressentira, o Marquês e Fernando deixaram Lisboa por algumas semanas, para na província regularizarem os muitos negócios, respeitantes aos haveres de D. Catarina que por melindrosos solicitavam a presença do experimentado ancião e a actividade do conde.

Durante a sua ausência, a condessa dispõe-se a escutar D. Cristóvão, retido em casa pela gota, acêrca das suas múltiplas aventuras e do vínculo de amizade que o prendia a Camões, a quem na sua apaixonada veneração, chamava «o primeiro poeta do mundo». Começara, segundo conta, a vida como soldado, mas em breve a doença que não mais o larga, força-o a abandonar a profissão. Procurou outras ocupações, mas pela sua honestidade não lograra adquirir as honrarias e abastança, de que outros se pavoneavam.

Passa então a descrever os atropelos, os crimes e a falta de carácter dos aventureiros que se dirigiam à Índia e à África, sem outro fim que não fôsse o de enriquecer. «Assim, continua Cristóvão, é a riqueza a medida, por que lá se aferem a virtude e a felicidade. Ai daquele

que se não deixa embriagar pela sêde do ouro! Nunca passará de um tolo, porque já se perdeu por completo a noção de dignidade».

«Mas, prossegue o velho, parecerá que quero aludir às minhas próprias virtudes... Não, eu penso nele, no meu desventurado amigo, em Luís de Camões, o génio de todos esquecido e abandonado. Os nossos vindouros reconhecerão um dia o valor do homem que esta época insensata repeliu. Encontrei-o em Goa, na fôrça da idade, afastado da pátria que tanto amara.

«Sob a sua influência benéfica, transformei-me por completo. De aquele abatimento moral, de que não pudera libertar-me, surgiram novas vontades, energias, só explicáveis por milagre. Contou-me que já havia sido desterrado para Santarém e que abraçara a vida militar, na esperança de se destacar, ao serviço da pátria, do vulgo que a preguiça amesquinhara. Lutou em Marrocos, expôs muitas vezes a vida, brincou com a morte. Vencedor, volta a Lisboa, esperando o reconhecimento do seu valor, mas só encontrou ingratidão e vilanias. Completamente aniqüilado, desiludido da vida, vai procurar nos trabalhos exaustivos da Índia, a glória militar ou a morte heróica. A confiança em si, os princípios de moral que professava, uma ardente paixão religiosa, o orgulho, o espírito justiceiro que não lhe permitiam tecer louvaminhas aos grandes, de que muitas vezes dependia, concorreram para a sua infelicidade».

A exposição de D. Cristóvão deixa-nos uma impressão bem triste daquelas longínquas paragens e dos seus habitantes, parecendo confirmar a verdade do adágio: «A Índia é mãe carinhosa para os vilões e madrasta para os honrados».

«Nêsse extremo da acção portuguesa os sentimentos afectivos parecem não existir, diz o viajante, e desgraçado de aquele que ainda os conserva! Camões, sempre generoso

e pronto ao sacrifício, por tudo que reputasse digno de tal, deveria fatalmente ser pouco favorecido da fortuna.

«A acquisição de António foi para o poeta a origem dum grande desgôsto. D. Alonso, mercador de grandes recursos, vendera-o a Camões que apesar de pobre, nunca descera a aceitar o produto do trabalho pessoal do escravo, consentindo até que acumulasse em seu proveito essas modestas quantias.

«Jau, acostumado à avareza do antigo amo, proclamava por toda a parte a generosidade do novo senhor. Não tardou que procedimento tão magnânimo fôsse conhecido de todos que, louvando-o, começaram a mostrar certa animosidade contra D. Alonso. Êste, ferido no seu orgulho, reclama o negro, pretextando que a venda não poderia ser considerada válida, em vista da omissão de certas formalidades, exigidas por lei, mas caídas em desuso. Recorre ao magistrado, de quem era sobrinho, conseguindo que êle lhe deferisse as ilegítimas pretensões.

«Camões tenta salvar o escravo, prontificando-se a entrar num acôrdo. Sacrificar-se há; da magra bolsa dispende o que seja necessário, para que se revalide a transacção, mas os seus esforços foram inúteis, porque o impúdico negociante exigia voltar à posse do infeliz, para, conforme confessa, o maltratar, castigar e por fim pôr-lhe termo à existência.

«O poeta não pode reprimir a indignação, não compreende que haja peito humano que aninhe tais requintes de malvadês. Protesta e verdades duras ditadas pelo coração não as cala, com o que provoca a animosidade do juiz parcial e a cólera do antagonista. Mandam-no encerrar algemado numa prisão, à espera da morte, a que certamente o tribunal o condenaria, se não se resolvesse a entregar o escravo.

«Contudo o pleito indignou os habitantes e tanto o

juiz como o sobrinho sentindo o mau caminho que trilhavam, foram obrigados a condescender, decidindo-se a custo D. Afonso a receber a quantia anteriormente estipulada por Camões e cujo dispêndio exauriu as suas economias.

«Aconteceu, porém, continuou D. Cristóvão, que me ofereceram uma situação mais vantajosa em Ormuz. Aceitei imediatamente, tanto mais que o meu amigo me poderia acompanhar. Aí tivemos de lutar contra os piratas e o poeta nesses encontros, nem sempre propícios às nossas armas, deveu a vida ao escravo fiel que assim começava a solver a dívida de gratidão que contraíra.

«Mantivemo-nos em Ormuz até ao termo da guerra. O tempo disponível empregava-o Camões na composição dos *Lusíadas*, há muito começados, até que tendo a infeliz idea de criticar os costumes e as tendências do meio, levantou gerais clamores, principalmente dos que se julgavam visados e que daí em diante, só esperavam ocasião propícia para o castigar pela sua ousadia e boa intenção. A-pesar-de tudo, vivia despreocupado. Relacionou-se com uma jovem formosa e rica, mas sem idea de se casar, pois confessou-me o amor que consagrava a uma fidalga de Lisboa que mais tarde só na Índia soubera haver morrido. Considerar-se ia um perjuro, dizia êle e tomaria como desprezível infidelidade o esquecimento dos momentos felizes que a seu lado passara».

A fidalga mal tem tempo de escutar as últimas palavras. Levanta-se de súbito atraída pela gritaria da neta no jardim e emquanto se conservava à janela, pareceu a Cristóvão que limpava as lágrimas que lhe marejavam os olhos.

«Mas, prosseguiu o ancião, chegou o momento em que os meus serviços teriam recompensa; fui nomeado governador de Macau; separar-me iam do poeta, se não fôsse a vingança daqueles que lhe não podiam perdoar

o arrôjo de os acusar, embora de maneira indirecta. Camões foi desterrado para as mesmas paragens, em que eu devia estacionar como funcionário.

«Viajámos juntos e algum tempo após a chegada ao extremo limite da Índia oriental, seguimos para as Molucas, de onde regressámos a Macau. Tomando posse do cargo, nomeei o meu amigo para um lugar modesto que embora pouco rendesse, lhe daria o suficiente, dados os seus hábitos simples.

«Alguns anos mais tarde, veio novo vice-rei; mais benévolo que o antecedente, levantou o destêrro do poeta e confiando-me nova missão, regressei a Goa com o companheiro de tantos anos. Até na viajem fomos perseguidos pela adversidade. O navio naufragou e Camões a custo salvou os *Lusíadas*. Na terra que alcançámos a nado, vivemos de esmolas e sem o auxílio de António estaríamos perdidos.

«Aportamos finalmente a Goa, onde fomos bem recebidos e logo informados do casamento com D. Alonso da donzela que Camões entretivera com seus galanteios. O vingativo mercador, talvez espicaçado pelo ciúme, em vista do ocorrido com a esposa, não descansou, enquanto o não fez encarcerar, como culpado de irregularidades, durante o exercício do cargo de Provedor-mor dos Defuntos e Ausentes que em Macau lhe confiara.

«A acusação ruiu por terra, quando da colónia veio o desmentido a calúnia tão baixa e o meu amigo foi pôsto em liberdade. Porém D. Alonso não desistiu dos seus malvados intentos, comprou aos credores de Camões as dívidas que o pobre contraíra por ocasião do naufrágio, e conseguiu novamente mandá-lo prender.

«Empenhando parte dos ordenados e servindo-me do crédito que gozava entre os meus conhecidos, juntei a quantia exigida e libertei o poeta, provendo também ao seu embarque para a metrópole.

«Vendo-o partir, sempre esperei que em Portugal encontrasse um protector, digno admirador do seu grande talento, mas muito me surpreendeu quando na sua primeira carta me inteirava da infelicidade que não cessara de o perseguir. A peste dizimava os habitantes da capital e de todo o reino. Os jesuítas estavam de posse de D. Sebastião ainda criança e na côrte fanatizada não conseguira auxílio de qualquer ordem, porque ninguém se interessava pela arte, numa época em que todos eram dominados pela teologia; contudo sempre o monarca lhe concedeu uma pensão que se poderia tomar como irrisória, se não viesse de quem veio. Estas notícias desanimaram-me; tornei-me incrédulo e na resposta que lhe enviei, certamente transpareceu toda a amargura que me oprimia, porque na segunda carta se esforçava por me tranqüilizar com a perspectiva da próxima publicação dos *Lusíadas*, a cuja influência confiava a ressurreição do sentimento nacional e por tanto do entusiasmo, do ardor necessários para a prossecução dos valorosos empreendimentos, iniciados pelas gerações anteriores.

«Dois anos após a nossa separação, enviou me um exemplar impresso da epopeia que por sinal era da segunda edição. Mais tarde ainda me comunicou que tencionava retirar-se para a Serra, para os lados de Coimbra e aí com o pouco que possuia, só, esquecido do mundo, terminar os seus dias».

Aos ouvidos da fidalga e do primo, chega um rumor confuso, em que a voz do velho Domingos mal se destaca. A dama levanta-se, abre a janela e dirigindo a vista para o lugar, de onde partia o alegre ruído, chama a neta. A interessante menina, num abrir e fechar de olhos, aparece junto da avòzinha. Excitada pela satisfação que bem se lhe patenteia no olhar, expõe com clareza e bom senso o que ouvira do seu amigo, aquele homem que se não cançava de admirar as flores do jardim, sôbre a vitória

alcançada em África pelas hostes de D. Sebastião e ao mesmo tempo cheia de vida e eloqüência descreve e entusiasmo de D. Luís, ao narrar-lhe o acontecimento, a suave mas enérgica expressão e o gesto nobre que deixara a criança encantada.

O Marquês de Castro, que não tarda a aparecer, escudado na longa experiência da vida, não vê nesse triunfo motivo para a exagerada alegria que o povo, mal humorado à partida da expedição, se compraz agora em festejar de maneira intempestiva e desordenada. Nesse dia não se encontrava bem disposto; já pela manhã D. Alonso o viera visitar e exigir a satisfação de um compromisso antigo, havia mais de trinta anos, mas já solvido, conquanto os recibos de quitação se tivessem perdido.

Êste D. Alonso é o mesmo que em Goa perseguia Camões. O seu procedimento na Índia e presentemente em relação ao marquês fornece-nos elementos para ajuízar do seu carácter.

Também outro motivo contribuiu para aborrecer o fidalgo. Na rua fôra abordado por um escravo que depois de receber a esmola o continuou a importunar, até que êle furioso lhe castigou a impertinência. O olhar triste, mas não servil do negro, após os maus tratos recebidos, não mais se lhe desvaneceu da mente e por isso lastimava o extremo a que se deixara arrastar, procurando no remorso um meio de reparar a sua falta.

De regresso à residência, encontramos Fernando em companhia do oficial florentino. A conversa recai sôbre assuntos literários em quo o hóspede expõe os seus vastos conhecimentos. Elogia nos *Lusíadas* a mistura do maravilhoso pagão com o cristão, cujo significado interpreta superiormente, compara o épico português a Dante, mas dá preferência à nossa epopeia que classifica de incomparável monumento nacional; não há *Nationaldenkmal das sich diesem vergleichen durfte*. Estranha a apatia com

que o público recebeu a obra admirável, pois é necessário que perdesse por completo o amor pátrio, para não se comover com páginas repassadas de tão acendrado patriotismo, que a decadência seja completa, para não encontrar nelas estímulo para os grandes feitos. Admira no poema a aliança da imaginação e realidade, alegria e verdade, pessoas e pensamentos. Entusiasma-o sobretudo a descrição da ilha dos amores, superior a todas as suas produções. Glória, honra, sentimentos heróicos não são seres terrenos, palpáveis, mas espíritos invisíveis que constituem no entanto para o poeta e para o homem superior, o que há de mais belo e dignificante, são deusas por cujo favor luta, sofre e morre. Considera um favor do destino ter tido ocasião de apreciar essa produção abrasada de fogo celestial, de genuína poesia. Os *Lusíadas* são uma segunda *Divina Comédia*, em que a pátria com os seus filhos mais valorosos é exaltada. A narrativa de outros tempos não impede que Vasco da Gama a reproduza aos seus índios, ainda que a não compreendam por completo. Êle estranjeiro ouviu-a da boca do poeta. ¡Como é bela a profecia dos feitos de Pacheco e Albuquerque! Observando o âmbito relativamente pequeno da obra, os seus dez cantos que conteem a história do passado e do futuro, a marcha do presente, a acção dos deuses e das fôrças da natureza, cada vez mais a julga uma maravilha, em que ainda fica espaço para episódios, como a comovedora tragédia de amor de Inês de Castro. O poeta transporta-nos ao Olimpo, à mansão dos deuses. Termina por pôr em paralelo a *Jerusalem Libertada* de Torcato Tasso e os *Lusíadas*, para fazer sobressair a superioridade dêstes. No poema de Tasso que versa sôbre a conquista de Jerusalém por Godofredo de Bouillon e os seus heróis, são representadas as fôrças celestes em luta com as do inferno, o que lhe tira a serenidade heróica que tanto aprecia na epopeia portuguesa. Além disso, o

assunto dos *Lusíadas* é mais vivo e interessante, dominado sempre pela idea de pátria, emquanto na obra de Tasso trata-se de um país longínquo, de uma região extranha. O poema português como obra de arte, em que se glorifica a luz mais bela como o bom e o divino, não é inferior às produções de Rafael e Buonarrati, de Ticiano, António Aleggri, à grande cúpula da catedral de Parma. Camões, pela doçura do verso e da linguagem, excedeu Dante Lucano, Statius, Boccacio Trissino e Ercilla.

Fernando exulta ao ouvir elogiar o compatriota a um estrangeiro, cujas opiniões por sensatas e autorizadas acatava e pergunta-lhe se Bernardo Tasso, o pai de Torcato, foi aquele que aproveitou o Amadis para os cem cantos do seu poema. O capitão responde afirmativamente e faz considerações várias sôbre a vida de Torcato na côrte de Ferrara, achando-o muito mudado, excitável, teimoso e melancólico.

A interessante conversa foi interrompida pela chegada do escultor Henrique que se desculpa de não ter dado pronta a obra que prometera à senhora condessa e ao senhor marquês — a decoração de uma sala — por falta de operários que a trôco de somas importantes dadas pelo regente, se propõem passar à África e de passagem alude a um Luís, cuja condição e apelidos de família ignora, mas que admira pela sua erudição sôbre os mais variados assuntos, arte, sciência, política e religião. Tratava-se, como veremos, de Luís de Camões.

¡ Assim o acaso veio lançar Fernando no encalço do poeta que todos julgavam morto!

As repetidas provas desinteressadas que o Marquês de Castro viera de há muito, dando à fidalga, levam-na a confiar-lhe o passado. Conta-lhe os seus amores com Camões, narra os acontecimentos mais importantes da sua vida, o motivo por que casara, a ambição paterna, os subterfúgios de que lançara mão, para ocultar aos olhos

do marido as relações que a prendiam à mãe de Maria, cuja existência é a única prova da falta cometida. Vê-se abandonada pela maioria dos parentes, confia só no marquês e em Fernando que reputa os únicos capazes de protegerem a neta; o ancião com sua experiência e amparo, Fernando, desposando-a pelo amor.

No entanto, a população da capital após as manifestações de regosijo pela vitória que supunha o início de uma série de aventuras gloriosas, encontra-se dominado pelo terror causado pela aparição de um cometa, tido como mau prenúncio. Cada um, segundo as inclinações próprias, interpretava o fenómeno de modo diverso; contudo, a opinião mais aceita era a que nele via a predição de próximo e doloroso desastre para a nacionalidade.

Pelas ruas, à noite a aglomeração de curiosos crescia a cada instante; entre as opiniões dos menos assustados, ouvia-se de quando em quando o soluçar daqueles em que a superstição maior domínio exercia.

Entre a multidão, estava uma criatura, de todos desprezada e escarnecida. Era o jau António. Sempre à espreita das ocasiões e dos lugares mais propícios aos seus fins, seria de estranhar que não aproveitasse a oportunidade, procurando tirar partido do fenómeno por meio de contrastes extravagantes e discursos sem nexo, a que uns por curiosidade e outros por desfastio, não deixavam de prestar ouvidos e chegaram até a apertá-lo num círculo que se ia estreitando, à medida que o pobre mas esperto negro desenvolvia toda a sua arte de mendigo. Justamente, numa dessas ocasiões, vemos o marquês aproximar-se do agrupamento, sem saber do que se tratava. Ao reconhecer o infeliz, o generoso fidalgo chama-o e como paga do mal feito, entrega-lhe algumas moedas de ouro. António prosta-se reconhecido, sem encontrar palavras com que exprimir a sua gratidão. Manda-o levantar e promete interessar-se por êle; procura saber

a sua condição, modo de vida, a razão e fim para que mendiga. O fiel escravo não sabe mentir, confessa que as esmolas são para o senhor.

Á simpatia juntam-se agora a admiração e a curiosidade. O fidalgo quere conhecer o possuïdor de tal servo, promete-lhe mais ouro, tenta convencê-lo, mas tudo em vão. Jau não traïrá o segrêdo daquele, a quem deve a vida. Contudo, o marquês convida-o a fazer-lhe companhia até ao palácio, para aí o mostrar à criadagem e ordenar que, quando o negro apareça, não o deixem sem esmola; pensa em fazê-lo seguir por um dos criados e assim indagar o que o negro não confessara.

Fernando, por sua vez, também atraído pelo movimento desusado que ia pelas ruas, sai de casa. Encontra o escultor que há poucos dias lhe falara de um D. Luís, tido como homem culto e sensato pelos freqüentadores do retiro, onde às vezes traduzia e comentava o poema de Ariosto.

O artista indica-lhe o poeta e Fernando consegue obter dêle, embora a custo, a promessa de uma visita ao palácio, onde no dia aprazado, o encontramos à mesa do conde, em familiar convívio.

No decorrer da refeição, o poeta mostra a sua erudição sôbre as questões mais complexas, apresentando-se sempre como defensor do povo, contra as prepotências dos nobres e do rei. Casualmente interrogado sôbre os *Lusíadas,* declara desconhecer a obra. O oficial italiano que desde que melhorara, costumava acompanhar sempre Fernando à mesa, não pôde deixar de estranhar que homem tão ilustre ignorasse o conteúdo do poema genial que todo o português deve saber de cór. A aparição inesperada do oficial alemão enche de surpresa e alegria o capitão florentino, seu companheiro de armas. Fernando pressente uma grande catástrofe que o recem-chegado confirma com a descrição minuciosa da batalha de Alcácer-Kibir.

O conde, profundamente desalentado, recomenda a máxima discreção a tal respeito e sem perda de tempo vai levar a nova ao Marquês de Castro. A despeito de todas as precauções, a notícia já se havia propalado pela cidade; nas ruas a multidão excitada clamava vingança, lamentando a perda de tantas vidas numa emprêsa, cujo êxito, apesar dos maus augúrios, das opiniões desanimadoras de alguns, ainda era tido como provável pelo povo, costumado às vitórias sucessivas que haviam engrandecido a pátria.

D. Alonso que se apresentara no palácio da regência até ali confiada ao Marquês de Castro, para se reembolsar dos fundos emprestados para os preparativos da expedição à África, ao sair despeitado por só lhos quererem satisfazer depois da confirmação do desastre, aproveita a disposição do público para os incitar contra os portadores extra-oficiais da infausta nova. O oficial alemão que casualmente por ali passava, foi apontado às fúrias da ralé. O populacho, sôfrego por um desfôrço, esperando só em quem o exercer, arremete com D. Alonso à frente, praguejando contra o inocente estrangeiro. Êste defendendo-se do golpe que o denunciante lhe despedira, crava-lhe o punhal no peito, dando-lhe morte quási instantânea e na confusão consegue fugir com o conde e o florentino que no princípio da peleja se lhe viera juntar.

No capítulo seguinte, sabemos do cativeiro e subseqüente libertação do prior do Crato, da morte do Rei e do desembarque do seu cadáver em Lisboa[1]. A conster-

---

[1] Como é sabido, no campo de batalha encontrou-se um cadáver que se afirmou ser o de D. Sebastião e que em 1582 chegou a Lisboa enviado pelo Xerife, sendo sepultado nos Jerónimos como os restos mortais do infortunado monarca, mas tão desfigurado estava que poucos o tomaram como tal. Cf. a tal respeito o seguinte passo da

nação foi tão grande que o povo, à falta de outra esperança, ainda duvidou que aquele corpo mutilado fôsse o do desventurado monarca, suspeitando que tivesse escapado para um dia em ocasião própria aparecer a salvar o país da desgraça, a que o arrastara o seu ardor bélico. Esta crença, esta esperança num herói e salvador que se oculta para reaparecer cheio de fôrça, explica Tieck, surge em todos os séculos, em que uma desgraça geral confunde os povos, abala uma nacionalidade nos seus fundamentos mais íntimos.

A subida ao trono do Cardeal D. Henrique, os atritos com D. António, o prior do Crato, a fraqueza e falta de decisão do monarca. a perspectiva da guerra com Castela. o desânimo de aqueles que após a catástrofe previam a sujeição ao jugo estranho foram acontecimentos que enervaram, agitaram a capital. O velho marquês, retirado da vida pública, Fernando e D. Catarina, que não podiam disfarçar o desgôsto, na previsão do mau caminho por que a nacionalidade ia enveredando, procuram lenitivo para as suas máguas, estreitando os laços de amizade já anteriormente bem fortes.

Assim, um dia em que D. Luís visitara Fernando, vemo-lo, a convite do fidalgo dirigir-se à residência de

---

tragédia de Jorge Chapman-Charles, *Duke of Byron Act II sc. II. The Mermaid Series*, pág. 346:

. . . .
Truth is a golden ball, cast in our way,
To make us stript by falsehood: and as Spain
When the hot scuffles of barbarian arms
Smothered the life of Don Sebastian,
To gild the baden rumour of his death
Gave for a slaughter'd body, held for his,
A hundred thousand crowns; caused all the state
Of superstitious Portugal to mourn
And celebrate his solemn funerals;
The Moors to conquest thankful feasts prefer,
And all made with the carcass of a Switzer.

D. Catarina, onde a pedido do conde, trataria de decifrar uns velhos manuscritos, cuja leitura era difícil se não impossível.

Camões, surpreendido, vê que o conduzem ao lugar, onde já por várias vezes falara à inteligente Maria. Manifestando a sua estranheza a Fernando, êste por sua vez descobre que era ao seu companheiro que a menina sempre com grande entusiasmo se referia. Dentro do jardim o conde entrega-lhe o volume dos manuscritos, para que o poeta durante a sua curta ausência diligenciasse interpretar o conteúdo. Abre vagarosamente o embrulho que continha esboços de poesias mas, ergue-se sùbitamente do banco, solta uma exclamação e cai pesadamente sem sentidos.

No palácio esforçam-se todos por serenar o ânimo de D. Catarina, para quem a derrota de África fôra um terrível golpe no seu coração de patriota. Fernando, depois de cumprimentar o marquês e a fidalga, dirige-se a Maria e convida-a a acompanhá-lo à presença do homem de que tanto falava e com quem tanto se entretinha, mas nesse momento aparece na sala, alarmado, o velho Domingos, anunciando que no jardim havia um cadáver. Precipitam-se todos para o local indicado e num ápice rodeiam o infeliz que volta a si; admirado de se ver no meio de tanta gente, esboça um sorriso doloroso e com voz penetrante que aterroriza os presentes, indica os manuscritos, como a causa do seu sofrimento, emquanto chora lágrimas saüdosas dos tempos passados. As fôrças vão-no abandonando, mas ainda com o olhar fixo no conde já moribundo, consegue exclamar: «¿ De que me serve continuar a mentir? Estas fôlhas velhas e mudas conteem palavras da minha juventude. Eu sou o pobre e desventurado Camões». Ouviu-se um grito de Catarina que caiu desmaiada nos braços do tio. Atraído pelo nome do amigo que distingue ao longe, aparece Cristóvão e

ajoelhando-se aos pés do poeta, soluça: ¡Luís, meu Luís! O marquês então, apresentando Catarina, que recobrara os sentidos, fala lhe: «¡Luís de Camões, grande e desventurado homem, reconhece a tua amiga, a tua esposa Catarina de Otaz e fica sabendo que aquela amorável criança é tua neta, filha da tua filha!». Por fim, em termos entusiásticos, rende-lhe as suas homenagens: «¡Perdemos o rei, a liberdade e no dia em que o altivo espanhol pisar a nossa pátria, no teu poema iremos procurar confôrto para as nossas desditas, energia para novas emprêsas. O teu livro representa a nacionalidade; dêle rescendem ânimo e patriotismo, coragem e amor; nêle se encontram sempre frutos e beleza. Não morres Luís; todos os vindouros aprenderão de ti e o mais digno é o que melhor te compreender!».

Os amantes por tanto tempo separados abraçam-se e mal podem exprimir o que lhes vai na alma; tal a comoção que os sufoca.

Os poucos momentos de vida que lhe restam pela ventura que trouxeram, compensam o largo período de infelicidade e ingratidão que suportou de ânimo forte e inabalável. Acaba cercado pelos entes queridos e o poema que legou à posteridade fez eco nos corações portugueses que com a espada lhe acrescentaram mais uma estrofe na gloriosa manhã de 1 de Dezembro de 1640. Assim se realizou a profecia do marquês de Castro.

Depois da morte do velho rei Henrique, os exércitos espanhóis sob o comando do duque de Alba, derrotaram as fôrças portuguesas de D. António. Fernando casou-se com Maria. A família, partidária do prior do Crato, a quem prestou grande auxílio, foi perdoada pelo rei Filipe, mas retirou-se para sempre do convívio do mundo. Os males da pátria assim o exigiam.

*

Eis nas suas linhas gerais o assunto de uma das melhores novelas de Tieck, em que êste corifeu do romantismo mostra a sua espantosa erudição e arguto espírito crítico [1]. As principais literaturas estrangeiras eram-lhe familiares e embora outro merecimento não tenha *Der Tod des Dichters* que no entanto é apreciável pela linguagem cuidada, pelo encanto de certas descrições evocação da sociedade portuguesa do século XVI, impõe-se como monumento de glória elevado à memória do grande épico português que a letrada Alemanha sempre considerou um dos primeiros poetas das literaturas modernas. Até à narrativa de Cristóvão limita-se o autor a fazer a biografia do poeta, a descrever os lugares por que passara, o meio cosmopolita da capital, os acontecimentos e a reacção por êles provocada nas camadas populares. Daí em deante, é que o romance se vai desenvolvendo com a seqüência dos factos anteriormente expostos, cujo efeito foi a perda da nacionalidade. A crítica aos costumes, às tendências exageradamente religiosas, à ausência de escrúpulos, filha da ganância, do amor do luxo que dominara os elementos, cuja honestidade teria evitado a derrocada do grande império, forma um conjunto harmonioso

---

[1] Emquanto Tieck e em geral os românticos alemães compreendem o alto significado não só literário, mas social do grande poema de Camões, o romântico inglês Southey que esteve em Portugal e que conhecia a nossa língua, apesar do interêsse que sempre lhe despertou a literatura peninsular, não desdenha dizendo nas *Suas Cartas escritas durante uma breve residencia em Espanha e Portugal, com algumas informações sobre a poesia espanhola e a portuguesa*, Bristol (1797), pág. 482: «I will venture to assert that there is more genius in one of our old metrical Romances that can be found in all the Epic Poems of Portugal, not excepting Camoens».

e dificilmente separável da exposição encomiástica das virtudes ainda disseminadas, apesar de raras, pelo vasto campo que a ambição e a falta do tino político e administrativo tornara próprio, pelo menos transitòriamente, à implantação do domínio estranho.

A obra de Tieck, apesar de grandes divagações, como era seu costume, não é prejudicada na sua unidade: o contraste entre a imoralidade, cujo âmbito se alargara numa progressão desanimadora e constante, entre a indiferença pela causa comum da nacionalidade e os sacrifícios, as amarguras que alguns homens de armas obscuros mas de tempera sã, suportaram nas longínquas paragens da África e da Índia, entre uma sociedade corrupta e as virtudes de grandes homens, como Camões, o marquês de Castro e o conde Fernando, constitui o fundo comum que mantém o nexo entre as diferentes partes do vasto romance.

Não foi sempre respeitada a verdade histórica, pòrque se o fizesse, talvez o romance perdesse na expontâneidade e na distinção dos caracteres e além disso seria impossível que o autor em 1833 tivesse conseguido resolver dúvidas que os biógrafos modernos ainda não esclareceram. Tieck toma ainda Lisboa, como a terra da naturalidade do poeta. Esta opinião foi a de Manuel Correia nos seus *Lusíadas comentados;* de Faria e Sousa, Severim de Faria, D. Francisco Alexandre Lobo, José Maria da Costa e Silva [1].

Alude ao destêrro de Camões, pela agressão a D. Rodrigo, noivo de Catarina de Otaz, quando o único destêrro conhecido por causas semelhantes foi aquele que o poeta sofreu após a agressão a Gonçalo Borges no dia

[1] Cf. Storck, *Vida e obras de Luís de Camões.* Versão anotada por D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos, pág. 109-114.

16 de Junho de 1552, ao desfilar a procissão de Corpus-Cristi [1].

A história de Jau que no romance alemão ocupa grande âmbito, foi invenção de Faria e Sousa, como o demonstrou cabalmente Storck [2]. Mesmo assim a altera, fixando o lugar da compra do escravo em Ormuz, em vez de Macau e em outro passo afirma que a acquisição se efectuou no mercado de Goa.

Apresenta Stukeley, como comandante dos terços italianos e alemães, quando constituíam dois terços autónomos; dos primeiros é que era comandante Tomás Sternuile [3].

Os motivos, por que Camões foi perseguido em Goa não são os indicados por Cristóvão; foi perseguido por dívidas por Miguel Rodrigues Coutinho. É provável que a idea de Tieck fazer o perseguidor de Camões, parente do magistrado supremo do país lhe adviesse da circunstância da identidade de apelido de Miguel Coutinho e do vice-rei D. Francisco Coutinho, 2.º conde do Redondo. O apresentar Tieck o marquês de Castro como regente e as suas opiniões sensatas a respeito da jornada de África parecem indicar que esta individualidade fictícia, assenta sôbre a personalidade de D. Alvaro de Castro, embora a sua vida não fôsse além de 1577. «O verdadeiro ministro agora, o homem influente, passou a ser D. Álvaro de Castro. A sua reconhecida inteligência e a autoridade do seu nome talvez houvessem desviado El-Rei do rumo fatal que seguiu, se não viesse arrebatá-lo a morte em 1577 pouco tempo depois de subir ao poder» [4].

---

[1] Storck, *Vida e obras de Luís de Camões*, pág. 422.

[2] *Ibidem*, págs. 586, 588, 593, 637 e 652.

[3] Vid. Dr. Gustavo Ramos, *Sôbre três tragédias inglesas com motivos portugueses*, pág. 114-120.

[4] Vid. Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. VI, pág. 214.

Quanto às personagens, a não ser António que pela linguagem às vezes parece mais um letrado que um escravo, e Maria, cuja precocidade é demasiada para uma criança de doze anos, as restantes são bem traçadas. Assim o orgulhoso, inspirado e infeliz Camões, o marquês de uma bondade e dedicação extremas, a quem a prática da vida impõe sempre uma dúvida na apreciação das pessoas e dos factos, Fernando com o seu espírito esclarecido, alegre, tolerante, alimentando esperanças de um futuro cheio de venturas, o tipo ideal do adolescente.

D. Catarina encarna o sacrifício, a fidelidade espiritual a um amor de que apenas colhera os primeiros frutos; possui em alto grau tanto o sentimento patriótico como o religioso, aos quais o autor se compraz dar especial relêvo.

Alonso é a antítese de Cristóvão. Êste luta na Índia pela honra da pátria, ama Camões porque o admira; regressando a Portugal, pobre, encontra a generosidade da condessa que o acarinha. É o prémio da sua honestidade. O usurário na Ásia só procura enriquecer, detesta Camões, porque o não compreende. Morrendo em Portugal às mãos de um oficial estrangeiro, recebe o justo castigo da maldade que o arrastou à prática de verdadeiros crimes.

Neste estudo interessante da época, com os seus homens e as suas influências, tanto políticas como religiosas, destaca-se o preito entusiástico, rendido a Luís de Camões, que de resto era igualmente admirado pelas grandes figuras representativas da escola romântica [1].

---

[1] Frederico Schlegel coloca Camões como poeta épico, acima de Ercilla e Ariosto: «A poesia épica deve aliar a grandeza à verdade histórica, e ao mesmo tempo a imaginação exerce-se livremente no maravilhoso que pode ser mítico e poético e basear-se também no fundo histórico. O Cid é sob êsse ponto de vista a única grande epopeia nacional, de que se orgulham os espanhóis. Muito mais

Tieck comete a inconseqüência de pôr na bôca de uma das personagens do romance, um oficial alemão que

feliz do que Ercilla é o poeta português Camões. Assim como aos espanhóis couberam as plagas americanas, assim os portugueses possuíram a rica Índia que para o poeta era um tema de inspiração muito mais fecundo. Percebe-se nele que foi simultâneamente guerreiro e navegador, aventureiro que percorreu o mundo. Apoia-se na verdade histórica, o que dá ao assunto outra elevação; principia o seu canto heróico, exaltando os feitos que excederam os que Ariosto contou do lendário Ruggiero. O poema de Camões revela principalmente no comêço a influência de Vergílio que então era seguido como modêlo na poesia épica, mas qual ousado navegante que depressa deixa a costa e se aventura ao mar largo, Camões esquece o guia no decorrer da sua obra, onde com o Gama arrosta perigos e porcelas, até alcançar a meta desejada, trilhando vitorioso a terra que demandava. Assim como no meio das ondas e fadigas, perfumes inebriantes alentam o navegante, anunciando-lhe que a Índia está próxima, também êste poema concebido debaixo do céu indiano, exala aroma que embriaga; envolve-o o brilho do sol mais remoto. Ainda que simples na linguagem, mas grave no assunto e no plano, excede bem pela côr e plenitude de imaginação Ariosto, a quem se atreveu a disputar a coroa de glória. Não é só o Gama com a descoberta da Índia que Camões conta, não apenas a magnificência de aquelas regiões e os feitos heróicos dos portugueses, mas tudo que de cavaleiresco, belo, comovedor e amável se encontra na história do seu país, sabe entretecer no poema, sem lhe prejudicar a unidade. Abrange toda a poesia do seu povo: entre todos os poemas do mundo antigo e moderno, não há nenhum tão acentuadamente nacional; nunca desde Homero houve poeta tão honrado e amado pelos compatriotas como Camões; todo o sentimento da sua pátria que logo depois dêle se afundou na decadência, encontrou expressão neste poeta genial (diesen einen Dichter) que vale com razão por uma literatura. Onde se apresenta mais dignamente como cantor da sua nação é no comêço e no fim do poema: aí se dirige com amor e entusiasmo ao jovem rei D. Sebastião que arrastou consigo na sua desgraça o florescente reino e como cumpria a um ancião inspirado que durante tanto tempo manejou a espada, faz ao seu soberano exortações e graves advertências». (Vid. *Geschichte der alten und neuen Literatur*, II Teil. IX Vorlesung. S[ten] 66-67. Wien. Verlag bei I. Klang 1847.

Com o romantismo os poetas septentrionais perderam muito do

tomou parte na batalha de Alcácer, a afirmação de que Camões o maior poeta de todo o mundo é, exceptuando

---

seu apreço; só se apreciavam as paisagens ridentes do sul e as produções espanholas ou italianas. Cervantes, interpretado com profundeza pelos irmãos Schlegel, por Tieck e Schelling para quem o *Don Quichotte* e o Guilherme Mester de Goethe são os dois únicos romances dignos dêste nome, abriu o caminho ao culto romântico por Camões, Calderon e Boccacio. (Cf. Cervantes et le romantisme allemand por J. J. Bertrand-Libr. Felix Alcan). Em Cervantes vêem a expressão da mentalidade espanhola com o seu cavalheirismo, amor pátrio exaltado, nacionalismo característico. O filósofo Fichte lamentava que a sua época não fôsse a de Eschylo e Cervantes que o escritor e o filósofo não pudessem confirmar as suas palavras por actos enérgicos, pegar em armas e combater (*ob. cit.*, pág. 398). Guilherme Schlegel nas suas *Prelecções sôbre arte dramática e literatura* exalta, no dizer de M.me de Stäel, esta nação cavalheiresca, cujos poetas eram guerreiros e os guerreiros poetas: «Os poetas espanhois não eram simplesmente cortezãos ou homens de estudo, como na maior parte dos outros paizes da Europa. Muitos deles seguiram a carreira das armas... Garcilaso, Camões, Don Alonso de Ercilla... Cervantes comprou a honra de ter combatido como simples soldado, sob o comando do grande general João de Austria, na batalha de Lepanto, pela perda de um braço e longo captiveiro em Argel. *Ibidem*, pág. cit.).

Fr. Schlegel, diferençando a arte romântica da poesia antiga, cita Camões: «Em Ariosto, Camões, Tasso, Cervantes, Calderon, o espirito e a vida da cavalaria e da idade média eram muito poderosos e muito activos para que Aristoteles e a escola dos antigos tivessem podido servir-lhes de modêlo e de regra e prejudicá-los de qualquer modo. (*Ib.*, pág. 406). Cervantes é para Tieck uma das encarnações do espirito poético, o brilhante companheiro de Godofredo de Strasburgo, de Ariosto, Tasso, Camões, Calderon, Shakespeare e Goethe.

«Oberon, tendo deixado há muito a Alemanha errou através da Itália, Inglaterra e Espanha onde saudou acima de todos Cervantes, Camões, Lope e Calderon» (Gesammelte Novellen: Das alte Buch).

Fichte interessou-se também muito pelas literaturas meridionais. A conselho do seu amigo biografo e antigo professor, Zeune, do ginásio Zum Grauen Kloster estudou o italiano e o espanhol. É dessa

o seu catecismo e um certo sapateiro da sua terra o objecto da sua mais profunda veneração, e de que já na escola aprendera a apreciar a excelência da sua obra, a que chama *Die Kamönen*, talvez pela semelhança do nome com o das musas, chamadas Camoenas, pela doçura do seu canto.

CAPÍTULO III

O drama no segundo quartel do século xix — As peças declamatórias, de estilo exuberante, mas sem grande fundo. — Frederico Halm, um dos dramaturgos mais notáveis da época. — O drama — *A morte de Camões*. — Indicação do assunto e sua apreciação. A crença na Alemanha de que o poeta se finara de miséria.

O drama no segundo quartel do século XIX estava na Alemanha, sob a influência directa da tragédia histórica de Schiller. Dela se inspiraram para os seus dramas heróicos os três dramaturgos de revolução: Grabbe (*Herzog Theodor zu Gothland; Friedrich Barbarrossa; Heinrich VI; Napoleon o. die Hundert Tage, Hannibal*; Büchner *(Danton's Tod)* Griepenkerl *(Robespierre u. Die Girondisten)*. Como o drama clássico utilizara o jâmbico de cinco pés, assim os seus imitadores entendiam que a verdadeira tragédia, pelo menos a histórica, devia empregar o mesmo verso. Os escritores da nova escola, apesar do cuidado que lhes merecia a forma correcta e da sua cultura académica, não conseguiram produzir obras de

---

data a tradução dos sonetos de Cervantes e de um passo dos *Lusíadas*, (Canto III est. 118). Nachlass. S. Werke VIII pág. 172. Os românticos viam em Camões como em Cervantes duramente tratados pela prosa da ofida o símbolo da poesia e por isso o poema da sua existêneia atribulada, como a sua genial produção literária lhes foram igualmente fecundos.

valia, em geral trabalhos declamatórios, de linguagem cuidada, mas sem grande fundo.

Dentre os dramaturgos dessa época destaca-se o barão Eligio Francisco José de Münch-Bellinghausen, mais conhecido pelo pseudónimo de Frederico Halm. De família muito antiga, cuja nobreza remontava a 1580, nasceu em Cracóvia a 22 de Abril de 1806. Em Viena cursou direito e muito novo ainda com vinte anos, entrou para o serviço de estado, para a biblioteca da côrte. Em 1840 foi nomeado conselheiro do govêrno (Regierungsrat); em 1847 admitido como sócio efectivo na Academia das Sciências de Viena que acabara de ser criada, tendo nessa qualidade apresentado o trabalho *Ueber die älteren Sammlungen spanischer Dramen;* em 1861 membro da câmara dos senhores, com Anastasius Grün e Grillparzer. Veio a falecer a 22 de Maio de 1871, no lugar de intendente geral do teatro imperial de Viena e perfeito da *Hofbibliotek.* Iniciou a sua carreira dramática com a peça *Griseldis,* (1834) inspirada de um conto de Chaucer, alcançando grande êxito, apesar do assunto não se prestar: o martírio indigno de uma nobre mulher, como caprichoso divertimento numa aposta. Maior renome obteve com o *Filho das selvas,* cujo Leit-motiv é a reconciliação de dois mundos: o grego e o bárbaro pelo amor. Em muitos passos é por vezes cómico, artificial, amaneirado; assim o herói do drama, Ingomar, é um tipo inconseqüente, inverosímil, no género da dôce Gurli dos *Indianer in England,* de Kotzebue que alia a crueldade guerreira, à sensibilidade mais delicada. No *Gladiador de Ravena* há alguns tipos bem estudados, como Caligula, personificação do delírio imperial; o heroi Thumelikus também por vezes nos arrebata, mas a impressão geral é prejudicada com a linguagem empolada da heroína que para salvar Arminius, o filho prisioneiro, da vergonha de aparecer na arena como gladiador, o mata durante o

sono. Entre muitos outros dramas sem importância, alguns dos quais imitados de Lope de Vega e Tirso de Molina, merece referência o *Wildfner* (1864) que é a história não desprovida de interêsse, apesar de um tanto escabrosa, de uma donzela educada como rapaz, sempre em trajos masculinos e que só pelo amor chega à consciência do seu sexo. É êle também o autor do drama num acto — *Der Tod des Camoens*, que passamos a examinar e que foi representado pela primeira vez no *Hofburgtheater* em 30 de Março de 1837, obtendo até 14 de Outubro de 1852 oito representações. Também em outros teatros alemães foi levado à scena; em Berlim de 1842 a 1872 conseguiu vinte representações; em Dresda representou-se pela primeira vez, a 9 de Agosto de 1843.

*

No drama — *A morte de Camões* — aparece-nos o poeta alquebrado, exausto e sem meios, recolhido à caridade dum hospital de Lisboa, onde resignado aguarda aquele «longo sono que a tudo põe termo», num pequeno quarto, onde a luz do dia mal penetra, e em que, ainda nalguns momentos de esperança as musas do Tejo e do Mondego que invocara no seu «rudo canto» o vem distrair das doloridas preocupações, a que a sorte adversa o não podia eximir. Fruto dêsses devaneios é a coluna de manuscritos que se ergue poeirenta sôbre a modesta mesa de trabalho. São como que os resquícios da alma do grande génio que sem um amigo, sem um braço generoso que o ampare no derradeiro desfalecimento, se consome no abandôno.

Num pobre catre, ao fundo do quarto, passa Camões pelo sono, de que em breve acorda, para que D. José Quebedo Castel-Branco, rico mercador, o possa impunemente molestar, lembrando-lhe ressentimentos passados,

estabelecendo paralelos entre a situação daquele que busca o ideal e a do homem prático que dêste mundo só quere o bem estar. Quebedo é introduzido por um guarda do hospital que ao aproximar-se de Camões lho indica:

— Luís de Camões, número cinco.

O visitante, cansado por subir muitos lances de escadas, descobre-se, mas duvida ainda que o indivíduo indicado seja quem procura. O guarda, patenteando-lhe o registro dos hospitalizados, acaba por convencê-lo. Tem os livros em ordem, não há possibilidade de enganos. É escrupuloso nos seus deveres, como deve ser todo o bom funcionário. Mas o mercador, surpreso com a indiferenca do guarda, ao falar de Camões, ainda lhe pergunta; «Ihr also, kennt den Mann nicht näher? Nicht dem Namen, dem Rufe nach?

Responde o guarda:

> Hier giebt's nur Nummern, Herr!
> Hier gilt kein Ruf, kein Ansehn der Person!
> Don Luiz von Camoens, Nummer fünf
> Und weiter nichts...

¿Que importa ao guarda saber quem era Camões?

¿E se lhe dissessem, que a sua obra viveria entre a admiração dos séculos vindouros?

Nada disto estava na esfera das suas atribuïções, já muito sabia êle, pelo que pôde dizer a Quebedo:

> Sonst werden hier Verrückte aufbewahrt;
> Doch jener sehnte sich so sehr nach Ruhe
> Und Einsamkeit, die Stube stand just leer
> Und weil er's wünschte, brachten wir ihn her!

Como se fôsse aquele, na opinião do mercador, o lugar apropriado aos poetas, louva a medida tomada e lastima que tal exemplo não seja seguido.

> Ich wollt, sie stecken all im Narrenhaus
> Die Versedreher!...

O abastado negociante não podia pensar de outro modo. Não foi a viver do espírito nem pelo espírito que conseguiu acumular os belos capitais, com que vem afrontar o poeta. Concorda que a sua profissão não é tão nobre, mas é mais produtiva. Emquanto Camões procurou a fama, buscando rimas, medindo versos, o expedito «Kramer» empenhou-se na acquisição de metal sonante, cortejando a filha do ex-patrão e medindo canadas de vinho. Quebedo até talvez descobrisse certa analogia entre o poeta e o mercador. Àquele cinge-lhe a fronte a corôa de louros, a êste enfeita lhe a porta.

Camões, embora coberto de louros, está na miséria; Quebedo vivendo tranquilamente é proprietário de três estabelecimentos e quatro galeões carregados por sua conta percorrem o mar em todas as direcções. Tudo isto passa pela mente do visitante, mas eis que o poeta acorda.

«Silêncio! Silêncio!, murmura Quebedo, sufocarei a alegria íntima que me proporciona a miséria, em que o vejo prostrado. É neste estado que êle há-de servir aos meus desígnios.

«Perez, meu filho! O meu orgulho e esperança! Já em sonhos te via aumentar o património e presentemente desdenhas o nobre ouro, para viveres embalado nos braços da Arte e da Poesia. ¡ É por ti que me aventuro a defrontar o companheiro de infância que me escarnecia, que me rebaixava aos próprios olhos, com o seu orgulho, com o seu espírito impulsivo e intoleràvelmente superior!»

Camões olha em volta, indiferente, resignado. Parece ter-se-lhe desvanecido da mente a lembrança longínqua de antigos triunfos, de velhas aspirações; já nada quere dêste mundo, já nada espera. Passeia a vista incerta pelas paredes nuas e admira-se ao deparar com um vulto, um homem sentado no quarto. Não pode crer que haja alguém compadecido, pronto a assistir-lhe aos últimos momentos.

«De certo que vos enganastes, amigo!» exclama o desventurado.

«Não, senhor! Procurei-vos e encontro-vos».

O poeta ergue-se e entre o assombro e a surpresa não sabe como justificar tão inesperada visita.

« ¿Procurará um soneto para alguma boda, alguma serenata? Sôbre a mesa poderá o intruso, escolher à vontade e a preços convidativos,

Das Stück zu zwei Realen!

Suprema ironia ¡Aproveitai a ocasião, especuladores da desventura, porque esta é uma liquidação forçada! A alma que inspirou o grande cantor, já não pode tolerar as regiões onde florescem o despeito, a ingratidão e mil sentimentos mesquinhos: Vede-a! Abre as àsas, está prestes a erguer o vôo para o infinito em cata da última pousada, tépida e acariciadora, porque aí não existe a justiça, como os homens a entendem, mas o juízo incorruptível de Deus.

Mercai êsses farrapos de papel e vendei-os com lucro, não desprezeis o ganho, porque êle é certo. ¡Infelizmente Quebedo, não aprecia essas coisas, senão que belo negócio! O silêncio de D. José interpreta-o Camões, julgando que a tão grande senhor só versos a propósito poderiam servir. Mas pela vez primeira lhe faltam a inspiração e as ideas, emquanto as fôrças lhe fogem...

«Estou exausto
Mal me posso tornar a erguer do leito».

Mas Quebedo não pretende versos, quere sob a aparência dum sentimento impregnado da afeição nascida das reminiscências do passado, levar Camões a satisfazer-lhe os desejos, a um tempo tolos e egoistas.

Invoca as recordações de infância, lembra-lhe o tempo

em que foram companheiros no pequeno colégio de Calvas e por fim vendo que o poeta de modo algum se recorda, dá-se a conhecer:

> «Sou José Quebedo de Castelo Branco
> Filho de Mariquitas, vossa madrinha».

No espírito do poeta. aparece de súbito a imagem juvenil do antigo colegial e lembranças de todo o género lhe ocorrem. Recordar-se-ia talvez do carácter mesquinho, da inteligência falha e do porte ridículo de Quebedo. Assim depois de breve silêncio, quási desdenhosamente, replica:

> ¿Sois então José Quebedo?

Ao mercador não passa despercebido o tom depreciativo da pergunta, sai fora da conduta que lhe convém observar e vai provávelmente perder-se em invectivas, quando o seu interlocutor em voz severa, mas amigável, o interrompe:

> ¿Dizei, que buscais aqui, José Quebedo?

Quebedo reflecte. Retrai-se para voltar à atitude hipócrita, que por momentos abandonara, mas não deixa de molestá-lo:

> Du siehst recht übel aus, recht abgezehrt;
> Dagegen ich, ich habe zugenommen!
> So geht die Welt! Wer steht, der sehe zu,
> Dass er nicht falle! Glück ist rund!

e então, afoitamente com mágua fingida, lamenta a situação de Camões:

> Envelheces-te, tens a cabeça branca,
> Perdeste um dos olhos...

«José Quebedo, ¿porque reparais nas rugas da fronte, me contais os cabelos da cabeça?» diz o poeta.

D. José, ouvindo estas palavras cheias de energia e ressentimento, suspende os seus reparos, mas não é homem que desanime.

O desânimo é estado de alma que todo o negociante rico desconhece. Não é abandonando por um simples revez da fortuna o plano largo e minuciosamente estudado que se chega a amontoar ouro; pelo contrário, cada dificuldade que surja, é considerada novo estímulo. Assim no decorrer da vida, o hábito faz com que encare os maus êxitos com a mesma impassibilidade que revela, ao promover a ruína de um colega menos feliz e quási sempre mais honesto. Quebedo não faz excepção à regra; a sua divisa é: «Was einmal fehlging, glückt ein andermal.» Está costumado a vencer todos os obstáculos, portanto não se deterá agora, ante um estôrvo de ordem moral.

Vendo Camões opresso pelo infortúnio e enfraquecido pela doença, incapaz de um desforço, vai cumprir o programa à risca. Há de cobrar com usura o valor das zombarias e remoques que até ali tivera de deixar impunes. Sob a máscara da amizade, vibra-lhe o último golpe. Fere-o no seu orgulho.

> Du bist jetzt nicht das schlanke Bürschchen mehr,
> Der Damen Liebling und der grossen Stolz.
> Nicht der Camoens mehr, der du gewesen.

O estado de apatia, mais ou menos acentuado em que o poeta se encontrava, rompe-se, como sob a acção de um estimulante poderoso. Sim! Já ali não estava o mancebo irrequieto e altaneiro, sempre pronto a responder com o gume da espada a qualquer afronta, mas se as fôrças lhe faltavam, sobejava-lhe o ânimo.

> «Não foste chamado para meu protector,
> Nem o julgar-me compete a um Quebedo.

O mercador enganara-se; quisera medir a longa prática adquirida num meio que reputava de incontestada sagacidade, com a subtileza inata do poeta. Pensou que Camões mal teria a energia precisa para repudiar a afronta joeirada pelo crivo duma falsa afeição, confiou no desalento que parecia possuí-lo e firmou-se na desigualdade, filha dos acasos da fortuna. A repulsa e o sarcasmo desconcertaram Quebedo que reconheceu em que frágeis alicerces assentara a sua pretensa superioridade.

A cobardia e o egoismo patenteiam-se, desnudam-se, aflorando num sussuro, quási imperceptível aos lábios que a cólera descorara:

> San Iago, Thor! Wenn nicht mein Perez wäre
> Ich bräche deinen Stolz!

Contudo consegue dominar-se. Fôra vencido nesta primeira tentativa; o poeta chamara-o bruscamente à realidade, lembrando-lhe de maneira indirecta que não passava dum merceiro. Compreendeu que devia mudar de táctica; receando comprometer o êxito do plano, volta a escudar-se com a fingida amizade. Aviva no interlocutor a imagem da casa paterna, do lugar onde se faziam os bailes campestres e os jogos infantis, dos perigos a que imprudentemente se expunham. Camões escuta-o com agrado; a desconfiança e o ressentimento são gradualmente substituidos pelo entusiasmo.

> O schöne, frische, freudenvolle Zeit!

exclama, ao lembrar-se duma pequena façanha praticada no rio e que deixara os companheiros pasmados do inaudito arrôjo. A reminiscência do tempo descuidado da mocidade comove-o, estende-lhe a mão. Serão amigos para o futuro e se uma leve sombra de desconfiança ainda

ofusca o prazer que o arrebata, de pressa se esvai, para dar lugar a uma ardente expansão sentimental, em que a saudade se confunde com o reconhecimento:

> Komm her! Du hast ja einst
> Mit mir gespielt, hast dich mit mir gefreut,
> Und jetzt, am trüben Abend meines Lebens,
> Führst strahlend du den Morgen wieder mir
> Herauf — Ich bin so ganz allein! Wärst du
> Mein Todfeind auch . . .
>
> *(cheio de comoção)*
>
> ich müsste jetzt dich küssen!

Quebedo pela primeira vez na vida se deixa dominar por um sentimento generoso; abraça o poeta e dos olhos ressequidos, qual fonte que a labuta quotidiana esgotara, despido de qualquer afectividade, revela agora outro aspecto da sua alma. A ganância, o egoismo da profissão, não conseguiram neutralizar-lhe de todo algumas boas tendências. A natureza não o dotou com as qualidades próprias do homem que se eleva acima da mediania, não o privou, porém, em absoluto da bondade e como resposta áquela explosão de ternura, com que o poeta terminara o seu apêlo, entra lealmente ao que parece, a confiar lhe as fases ora acidentadas, ora serenas da vida que trilhou, após a saída de Calvas, terra da sua naturalidade.

São dois amigos que a gratidão dum e o arrependimento do outro fazem aproximar, que mùtuamente expõem as máguas, buscando alívio na confidência. Quebedo ficara órfão de pai e fôra para a Figueira, «onde ao divertimento se substituíra o trabalho».

Camões partira para Coimbra. Estudou, mas em breve se sentiu atraído pela poesia. O ambiente das aulas tornou-se-lhe exíguo e veiu para Lisboa, onde a magnificência da côrte o estasiava. As preocupações de D. José

tinham outro caráter. Admitido como empregado numa mercearia, cujo proprietário não era de todo ignorante:

..... der konnte rechnen!

também experimentara os transportes, não dum ideal alevantado, como acontecera ao companheiro, mas da abundância e riqueza armazenada na loja e do movimento febril da Bolsa.

Sobressai neste diálogo o contraste entre o ideal evocado e os sonhos do poeta que à posteridade legaria um nome glorioso e a inclinação grosseira de D. José. A atracção irresistível duma vida errante impele o estudante imberbe para os grandes meios. Em Lisboa, seus olhos costumados à modestia coimbrã, deslumbram-se ante o resplendor da côrte, onde o fausto e a grandeza dos tempos do rei Venturoso tinham deixado um rastro ainda refulgente, embora prestes a desvanecer-se. A sinceridade de Camões faz com que Quebedo esqueça antigas inimizades e abandone a idea da desforra premeditada. É com prazer que lhe faz a confissão da vida atribulada de homem de negócios. Ao recordar o passado, Camões perde-se em devaneios amorosos e quando se refere à dama que conheceu em Lisboa, a saudade de namorado infeliz arranca-lhe gemidos dolorosos.

Da sah ich sie......
....
O sie war schön! So blüht die junge Rose,
Vom Hauch der Luft verletzt, vom Kuss des Lichtes,
Und schämt sich ihrer Glut und glüht nur schöner;
Und was die Rose birgt in ihrem Schosse,
Das barg auch sie, die schön're Rose,
Denn ihre Seele war ein Tropfen Tau.

E amaram-se. Transportaram-se a um mundo supra sensível. A terra não pode acoutar amor tão puro, tão

impregnado de idealismo e assim a realidade põe termo aos poucos e fugazes dias de ventura. Ela é encerrada num convento e o amante apaixonado parte em busca da morte. Bate-se em Ceuta, onde perde a luz de um dos olhos.

Durante a narrativa parece um iluminado; ao evocar o desenlace fatal da sua paixão, transfigura-se; o aspecto torna-se lhe sombrio, as palavras parecem soar de um túmulo. A imagem da mulher que não chegara a possuir, acompanha e persegue o expatriado através de terras e mares, quási divinizada pela saüdade.

Quebedo interrompe-o. Também na juventude sentiu os encantos do amor, tendo a felicidade de desposar uma rapariga bonita e rica. Ao ouvir os amargos queixumes do poeta, quanto ao desgraçado fim dos seus amores, mais uma vez mostra o egoismo do seu carácter:

> Mir fiel kein bessres Los. Die Teure starb,
> Und spät nur konnte, denn ich schwamm in Thränen
> Mit ihrem Tod ihr Nachlass mich versöhnen.

A herança recebida atenuou-lhe a mágua, emquanto Camões encontrou alívio nos primeiros versos que escrevera:

> . . . .
> Mein Geist erhoben, von des Liedes Schwingen,
> Fand Trost bei Gott, ich sang und ich vergass!

Mas êsse lenitivo não é suficiente para se animar a voltar à pátria que tanto amou:

> Ich mied das Land, das ihre Reste barg,
> Das Land das mich verkannt, das mich vergessen,
> Und Indiens ferne Küste sucht'ich auf.

«Foi lá, diz êle, naquela zona de perpétua primavera, que brotou dos meus lábios o canto da fama que ilumi-

nava Portugal, ressoando pela vastidão dos oceanos, até alcançar as margens do Tejo». «Und trug dir's viel»? interroga Quebedo, achando que o fruto de tanto trabalho seria objecto de copiosos resultados pecuniários.

Verfolgung trug mir's tausendfällt'gen Hass!

responde-lhe com amargura o poeta.

Os contemporâneos viam-se como que rebaixados ante a grandeza dos antepassados, não toleravam que tão grandes virtudes se celebrassem, pois dêsse modo os defeitos e os êrros da época eram postos em confronto. Esta gratidão cava um abismo terrível entre o poeta e os seus compatriotas; pouco afeito a queixumes piegas, exalta-se, quando lhe vem à lembrança o desprêzo, a que o votaram os descendentes daqueles, cuja memória havia perpetuado.

O mercador tenta acalmá-lo:

Ei, fasse dich! Vergangnes ist vergessen!
Wer spekuliert nicht falsch? Wir irren alle!

Camões modera-se e com voz trémula, não já de ressentimento mas de pesar, narra a catástrofe que deitou por terra as suas esperanças de salvação nacional: «O sol de ventura também se ergueu em fulgurante e clara manhã. D. Sebastião subiu ao trono dos seus antepassados; o olhar de águia do jóvem herói consegue penetrar no meu cárcere escuro como a noite. Com um gesto, deu-me novamente a luz e a vida; a corrente que me algemava, desprendeu-se. Uma primavera prometedora e viçosa mais uma vez me refrescou o peito exausto. O soberano caíu vítima do próprio arrôjo. ¡ Então veio a hora fatal de Alcácer! ¡ Dia infeliz em que entregas-te nas mãos de Felipe a terra órfã, o teu Portugal! ¿ Dia infeliz, para que te hei de sobreviver?».

Assim chora o poeta a perda da liberdade da pátria estremecida. Ante o grande infortúnio, torna-se descrente; só vê desenganos no horizonte da vida.

«O astro que me iluminava a fé, desceu no ocaso; crepúsculos sombrios cercam-me de tenebrosos pensamentos. Outrora cheio de honras e louvores; hoje esquecido. Outrora rico, hoje pobre; o valor recompensado com a penúria».

Mas não, é um pouco injusto; ainda pôde encontrar a quem deva fazer uma referência impregnada de saüdade e reconhecimento:

«Restou-me um único amigo. Foi um escravo; o desespêro levou-me a maltratá-lo. Cão negro lhe chamava, mas quando a torrente da felicidade de mim se apartou, o jornal do negro foi o meu único amparo.

«Quando uma doença grave me prostrava, nêle sempre encontrei um enfermeiro dedicado. As suas palavras repassadas de ternura davam-me alento. Mendigava para me sustentar e já as fôrças começavam a abandoná-lo; levou a abnegação tão longe que morreu por amor de mim. ¡Repousa em paz, tu, ó último que neste mundo amou Camões! A felicidade é egoista e a vida cousa vã; só é ditoso aquele que descansa no túmulo».

Quebedo aproveita esta disposição do poeta para mudar de assunto e expôr-lhe finalmente o motivo da sua visita. Lamenta as vicissitudes que atribularam a carreira do amigo; congratula-se por não ter tido a fraqueza de procurar a glória. Nunca pensou em coroas de louros, mas só em lucros.

Camões faz-lhe ver que há coisas que se não podem medir, nem pesar, dada a sua natural subtileza e quanto a louros, aconselha o a preocupar-se com as fôlhas, deixando intactas as coroas. O mercador sente a alusão, mas não se desconcerta. Redobra de ternura e acaba por insistir que saia do hospital e o acompanhe a casa,

onde será tratado com o maior desvelo, mas o poeta recusa

Wozu dein Haus betreten, dir zur Last,
Mir nicht zur Freude, denn mich freut nichts mehr!

Até aqui repudiado, não descobre os motivos da generosa oferta, não suspeita os pensamentos egoistas que encobre. O mercador pretende justificar o convite:

«O teu conselho, a tua situação ser-me hão úteis».

Camões mostra-se surpreendido.

«¿A minha situação? ¿Aconselhar-te? ¿Ser-te útil?
¿O sonhador que ainda não foi útil a ninguém?
¿Eu que para mim próprio fui um mau conselheiro?».

¿Não tinha Quebedo ainda há pouco criticado a falta de senso prático, com que Camões abandonara o mundo, deixando-se arrastar aos domínios da fantasia, para após tanto esfôrço e abnegação cair nos braços da miséria? Camões interpreta a justificação apresentada, como pretexto para encobrir uma esmola, a título de retribuïção de serviços que nunca poderá prestar. No rosto do infeliz pinta-se-lhe a comoção, porque não sabe o papel que lhe cabe, caso venha a aceder às instâncias de D. José, a quem perturba a visão trágica do filho que

«lebt und webt in Kunst und Poesie».

Já insistentemente tem querido levar Peres, o filho estremecido, ao bom caminho, porém êle

Hört Rat und Warnung nicht, sein Hoffen sieht
Im Dienst der Musen nur den Himmel offen!

Em tais condições, crê que a loucura se tivesse apos-

sado do mancebo. Como homem enérgico que é, sempre pronto a reagir contra os obstáculos de qualquer género, dispõe-se agora a jogar a última cartada. É preciso inteirar Camões do que se trata:

> Wenn er sähe, wie man dir gelohnt;
> Ja, wenn er dich das Vorbild, seines Strebens,
> Wenn er in Hospital Camoens sähe,
> Vielleicht......

A falta de tacto, de delicadeza, a completa ausência de escrúpulos, com que profere tais palavras, causam ao poeta tanto espanto como amargura. Nem já o ofendem, tal o seu estado de abatimento.

A simpatia que lhe inspira o jóvem que procura desprender-se do utilitarismo grosseiro, para ascender às regiões da poesia e também a compaixão daquele que embalado pelos mesmos sonhos certamente naufragará no mar revolto dos desenganos, não o deixam negar a aquiescência aos desejos e último esfôrço que o pai desvelado, mas egoista, vai tentar:

> Er soll mich sehen! Send'ihn her!
> Er soll genesen von dem bösen Wahn!
> Ich, Thor, der nutzlos oft sein Leben schalt
> Jetzt fass'ich's recht, zum Schreckbild sollt's dienen!

Quebedo, imperturbável, ante a profunda mágua com que Camões promete cooperar nessa obra de regeneração, exultando insiste novamente no pedido:

> Du willst ihn warnen, retten den Verirrten?

Camões estóico, como um verdadeiro herói, sufoca a indignação; quere salvar Peres, desviá-lo do caminho tortuoso e ingrato que pretende trilhar:

> Ich will es; send'ihn her!

O mercador mal arranca esta promessa, corre em busca do filho e ao apartar-se de Camões, balbucia palavras de agradecimento. A tristeza apodera-se do poeta. Esgotado e pressentindo a aproximação do último momento, a lembrança de Catarina e António, entes que em breve irá encontrar, acode-lhe ao espírito; lastima o seu abandôno, cubiça a ventura daqueles que ao expirar teem para lhes fechar as pálpebras a mão delicada da esposa querida e as lágrimas saüdosas dos filhos, a perpetuarem-lhes a memória. Arrepende-se de não ter seguido outra orientação que lhe permitisse acabar cercado de carinhos, após tantos perigos e ventura.

À busca de fortuna que sempre lhe fugira, perde os haveres no naufrágio; só lhe restam os *Lusíadas* que conserva ainda sôbre a velha mesa. Dirigindo a vista para o manuscrito poeirento, acaricia-o e cheio de comoção fala-lhe como a amigo, a quem tudo se pode confiar:

Unsel'ges Lied das meinem Geist entspross,
Unsel'ger Kranz der meine Stirn umschloss!
Für euch, Trotz bietend feindlichem Geschick,
Entsagte ich des Lebens stillen Freuden,
Und euretwillen mit gebrochnem Blick
Erkenn'ich erst: Es giebt kein wahres Glück,

(afastando de si o manuscrito)

Als mit der Wirklichkeit sich froh bescheiden,
Als nicht beneidet sein, und nicht beneiden!
. . . .

As últimas palavras exprime-as a custo, foi demasiado o esfôrço, a comoção viva de mais; o cansaço e o desânimo oprimem-lhe o peito:

Was war mein Leben? Irrsin! Raserei!
Der eitle Wahn der täuschend mich bestochen,
Schwand hin wie Rauch und er hat wahr gesprochen,
Die Frucht verträumten Lebens ist nur Traum!

Camões já se não pode manter de pé, está prestes a dar a alma ao Creador, quando aparece Peres, que desdenha a felicidade proporcionada pelo ouro, para buscar a que arrastou o poeta a um hospital.

Ao deparar com êle, apesar de nunca o ter visto, entusiasmado, transportado pelo pressentimento de encontrar quem o venera como um Deus, não tem o ar petulante do pai e o modo como se lhe dirige, mostra um único sentimento — a bondade.

O jóvem deixa transparecer logo a simpatia que lhe inspira o grande génio, saúda-o e expõe o fim da visita:

Mein Vater sendet mich Euch heimzuführen,
Wo Liebe Euch ein wurdig Obdach beut.

E como não obtivesse resposta, insiste:

Komm'ich zu früh?

Estava Peres na convicção de que o pai mandando-o ali, só tinha em vista acompanhar o infeliz a casa, onde todos os confortos lhe seriam proporcionados. Rejubila com a perspectiva de em breve ter ao lado o mestre pronto a guiá-lo nos primeiros passos, a que a inteligência e a vocação o hão-de impelir. Um sentimento de profundo respeito, uma atracção inexplicável, aproximam-no de Camões. Já no inexperiente pululam mil projectos, em que a glória se confunde com demonstrações de amizade. A sua imaginação satisfeita com o presente não abrange as sombras que no horizonte do futuro lhe poderão empanar o sol da fortuna. No seu arrebatamento, julga que não há fôrça capaz de os separar, mas o poeta chama-o à realidade:

Um eine Stunde später
Kamst du zu spät! Tritt näher! Blick mich an!
Der Todesengel steht an meiner Seite,
Und meine Zeit ist um!

A aventura sonhada cai por terra; o sonho transforma-se em realidade. Parece-lhe impossível que um génio como Camões, também esteja sujeito à lei da morte e alucinado repete:

Ihr sterben! Nimmermehr! Camoens sterben?!

O poeta já não tem ilusões e quanto antes vai desempenhar-se da missão, de que se responsabilizara perante Quebedo:

«Queres entrar para o serviço das musas... pensa, reflecte sôbre o que escolhes, porque jogas a vida. És jóvem e a tua alma ainda estranha ao mundo, sente-se arrastada pela saüdade para as regiões celestes, amas a poesia, porque ela, como a tua alma, tem a origem no céu».

A sinceridade com que tenta pôr um dique aos impulsos juvenis, às aspirações elevadas de Peres, mal se coaduna com o seu carácter de visionário. No entanto, os desgostos, os dissabores de toda a ordem que sofreu, influíram-lhe no ânimo, fazendo-o como que abjurar, tornando-o como que inimigo dos sentimentos que justamente o arrastaram de um lado para a glória, do outro para o infortúnio.

«Não te enganes, continua Camões, a arte do actor, do orador pode aprender-se, mas a do poeta só a natureza a pode dar; a grandeza do génio tem a sua origem no berço. Tudo o que nos conduz para o céu, só de lá pode vir».

A maneira como o mestre se exprime, ainda o exalta mais. A linguagem inspirada, a ternura, a frase eloqüente, inflamam o espírito juvenil predisposto a arrebatamentos poéticos. Além disso, a leitura dos *Lusíadas* prendeu-o indissolùvelmente ao grande cantor das glórias pátrias e todo o seu desejo é transportar-se às culminâncias da

fama. Não há palavras que o acalmem, ingratidão, escárneo ou desprêzo que tenham fôrça para o fazer torcer cáminho.

Camões, agindo de boa fé, esgotados os últimos recursos, não tergiversa em expôr-se a si próprio como a imagem da desventura do ente que todos repudiam:

> Mich blicke, mich,
> Den Sänger der Lusiade blicke an!
> Im Haus des Elends sieh mein Leben schwinden;
> Der Armut Raub, verfolgt von Spott und Hohn.
> So lohnt die Welt Begeistern und Entzünden!
> Flieh meine Pfad, fliehe Dichterlohn.

Peres mantém-se firme, não aceita o conselho, despreza o perigo:

> Ihn fliehen? Nein! Wenn Armut, Spott und Hohn
> Verdienst belohnen, dann wird Elend Schmuck.

Ante tão viva demonstração de entusiasmo, nada há mais a tentar. Camões compreende que tem a tratar com uma vontade inabalável, com a paixão da arte que tudo lhe sacrificará. Sente-se atraído, enlevado sob o influxo de aquele espírito irmão e já começa a faltar-lhe a coragem para prosseguir na missão que a si tomara. Vai falar-lhe e agora com toda a verdade. Aproveitará as fôrças que lhe restam, para o incitar ao esfôrço, à luta contra os sentimentos egoistas que avassalam o espírito. Peres lê-lhe na face lívida o breve termo da existência atribulada e esquecida e no auge da angústia proporciona-lhe um lenitivo inegualável com as palavras seguintes:

> Du lebst nach dir, denn deine Lieder bleiben!
> Auf deinen Namen ruht Unsterblichkeit.

Também um pressentimento íntimo segreda ao poeta esta esperança; o seu interlocutor conseguiu infiltrar-lhe

no corpo combalido pela miséria, pelo sofrimento e pela doença, uma súbita energia, fortificada pela fé inabalável no despontar da leda madrugada de Ressurreição de Portugal, opresso pelo jugo de Castela:

«O meu olhar de visionário mergulha no longínquo, conta as gotas das suas ondas irrequietas e paira sôbre o destino vindoiro. ¡O céu abre-se! ¡Os anjos descem! De novo resplandece a tua fronte, Catarina; um sol brilhante após tão longas trevas vai cingir-me de coroas. Já vejo tremular no horizonte o pendão português. Ergue-se o libertador. ¡Glória à minha pátria! Êle aniqüilará a orgulhosa opressão castelhana, restaurando o poder hereditário da soberania nacional.

«Embora envolta por uma noite sem estrêlas, há de chegar a hora do despertar, inflamando com novas energias o coração de teus filhos; unir-vos heis e da harmonia saïrá a fôrça, emquanto nos campos o sol brilhante verá com um perpétuo sorriso a vossa ventura».

Assim se despede do mundo o infeliz, esquecendo a ingratidão, o desprêzo, o escárneo, únicos galardões da sua grande obra, a que só mais tarde é feita justiça.

As lágrimas sentidas do adolescente que sôbre o cadáver, na ânsia do desespêro, lança um desafio aos detractores do grande poeta, sintetizam o sofrimento do povo pela perda da independência que Camões nos seus versos cheios de inspiração e orgulho faria mais tarde ressurgir.

*

Do exposto, se vê que à peça de Halm não falta profunda análise psicológica e emoção trágica. Tem passos impressionantes, comovedores; é inspirada de ardente sentimento patriótico; peca no entanto por ser difusa, pela linguagem empolada, pelas largas tiradas à moda de Schiller, e sobretudo pelo artifício da intriga, de que é

exemplo frisante o encontro de Peres com Camões no seu leito mortuário, simples pretexto para o autor glorificar o génio que nas suas aspirações desinteressadas só encontra o sofrimento e o desprêzo dos contemporâneos, não lhe faltando em regra a justiça dos vindouros e contrapôr-lhe o espírito mesquinho do utilitário só preocupado com a hora presente, sem outro ideal que não seja a satisfação dos seus interêsses particulares. O carácter de Quebedo é inconseqüente; muda ràpidamente, tem mudanças bruscas; ora se revela pessoa de sentimentos generosos, ora um desprezível sem escrúpulo. Camões na sua atitude também se não mantém uniforme; depois de dissuadir o jóvem a abandonar a arte que só lhe acarretará desgôsto, acaba perante a sua insistência, por aconselhá-lo que sem receio dos perigos e sensaborias que se lhe oponham, procure realizar o seu ideal elevado. As situações não são bem escolhidas, as mais das vezes forçadas, sem motivos que as justifiquem. A crença na Alemanha, de que o poeta se finara de miséria, impressionou dolorosamente os grandes espíritos. Henrique Scherer[1], conta que «*o insigne poeta e Vergílio Lusitano, Ludovicus Camoens,* ludibriado pelos vai-vens da fortuna e perseguido por todo êste mundo morreu afinal na sua pátria pobre e miseràvelmente».

Motivo análogo aos das obras de Tieck e Halm, trata Karl. v. Holtei na peça *Lorbeerbaum und Bettelstab.* Todos os três autores descrevem a tragédia do homem superior em luta com a miséria, com a irreverência dos seus compatriotas ignorantes e egoístas, que se esforça por dar harmonia às dissonâncias de que tem a consciência, pela oposição entre o mundo subjectivo e objectivo, que luta com as condições da vida e por fim sossobra, porque a sua natureza independente e honrada não pactua com

---

[1] Cfr. *Atlas novus seu Geographia Universalis.*

quaisquer preconceitos. Mas emquanto os primeiros se inspiraram da sorte desgraçada do épico português, o segundo, conforme confessa, pensou em Henrique v. Kleist, o notável dramaturgo que animado só do ideal desinteressado de perfeição, sacrifica a própria existência, por se lhe tornar insuportável a sociedade moderna, egoista e hipócrita. Revoltado com a estreiteza de espírito dos contemporâneos, habituados ao estilo chão de Kotzebue e Iffland, procura um refúgio momentâneo para as suas desgraças, que acabarão por levá-lo ao suicídio nas suas creações admiráveis, todas elas naturezas ardentes, apaixonadas e grandiosas que sofrem as conseqüências de um carácter invulgar. Odeia as figuras apagadas adaptáveis às circunstâncias. Por isso não podia ser mais bem escolhido o modelo de Holtei para fazer sobressair os conflitos que adveem da luta entre os interêsses superiores do espírito e as opiniões de vulgo ou, como dizia Goethe, da desproporção entre o talento e a vida. Frederico Hebbel que seguiu o caminho iniciado por Kleist, o creador do drama individualista, definiu-o admiràvelmente na quadra seguinte:

> Er war ein Dichter und ein Mann wie einer,
> Er brauchte selbst dem Höchstn nicht zu weichen
> An Kraft sind weinige ihm zu vergleichen,
> An unerhörtern Unglück glaube ich keiner.

Também Goethe no *Torquato Tasso* nos apresenta os contratempos e dificuldades de toda a ordem a que está sujeito o poeta[1].

---

[1] Halm, retomando o tema de Camões, põe de novo o problema tão querido a esta geração, o lugar do artista na sociedade. Pretendia reflectir o presente na figura do passado, transportando-nos a uma época que a seu ver era mais nova e vigorosa.

CAPÍTULO IV

O romance em verso sôbre Camões de Rudolfo Bunge. — Exposição do tema de cada um dos capítulos. — Referência a algumas das suas principais belezas. — Estudo superior da loucura de Camões que endoideceu ao saber a notícia do desastre de Alcácer. — Falta de nexo entre as suas partes. — Algumas scenas ridículas. Conhecimento que Bunge possuía das poesias de Camões. — Várias ficções da sua lavra.

Obra literária curiosa sôbre o épico português é o romance em verso *Camoëns* de Rudolfo Bunge, mais conhecido pelos seus dramas históricos — *Duque de Curlandia, Nero, Alarico* —. O autor baseou o romance em vários episódios da vida do poeta, cujas obras mostra conhecer, embora introduzisse várias ficções da sua lavra.

Revela-se poeta de valor, tem versos de incomparável beleza, de que destacarei as canções entoadas por Camões no oasis, ao ser aprisionado pela caravana e aqueles, em que explica a Bárbara a existência de Deus; imprime às descrições um cunho pitoresco apreciável; a loucura do poeta é estudada superiormente. Não se mantém, porém uniforme; há algumas scenas de uma inverosimilhança ridícula, como as do encontro de Camões com o pai nas costas de Marrocos e mais tarde da Índia. A originalidade de ser composto em verso também o torna por vezes enfadonho.

Antes de entrar pròpriamente no assunto, Bunge apresenta logo a seguir ao frontispício um soneto a Camões em que lhe exalta o ânimo guerreiro, apelidando-o Tyrteu de Portugal, a inspiração poética, comparando-o a Vergílio e por fim alude à infelicidade em que viveu, amou e sofreu. Numa imagem feliz diz que na «sua coroa de espinhos vemos vicejar as rosas da imortalidade». Divide o seu trabalho em 42 capítulos, a que dá títulos indica-

tivos do conteúdo, acompanhando-os de citações apropriadas das obras do poeta.

I

No Castelo

(1542)

A acção passa-se no reinado de D. João III. No paço há grande animação. Chegaram muitos cavaleiros, para assistirem à grande Festa da Ordem de Cristo. O mordomo trabalha com afã para que os convidados tenham uma recepção condigna. O adegueiro, Frei Anselmo, exímio conhecedor de vinhos, está a postos, para que não haja faltas. Bunge, subscrevendo a opinião que faz de todos os frades amigos de vinho, apresenta Frei Anselmo como digno exemplar da classe. Representa-o além disso em intimidade com o cozinheiro que lhe traz os mais finos acepipes e recebe em troca do melhor Madeira e Tocaio. A raínha que ama o mordomo D. Câmara, por se ver afastada dêle, amofina-se, suspira e queixa-se ao rei de que as honras são para os outros, mas os incómodos para o favorito. O rei, conhecedor da causa do mau humor da esposa, explicou que D. Câmara terá mais que honras, porque lhe destina a mão da dama mais bela do paço, Catarina de Ataíde, ao que ela mortificada pede que não faça tal. O rei retira-se para uma sacada, atraído pelos acordes de uma harpa. Depara com um jovem de notável aparência:

«.......... .... blond von Haaren
Als ob flüssig Gold ihn kröne,
In dem Augenpaar, dem klaren,
Hell und rein des Genius Flamme,
Götterglut im Angesichte,
Als ob vom Olymp er stamme......»

que cantava ao acompanhamento da harpa as belezas e graças da rainha, ambicionando também todas as prosperidades ao rei dos Lusitanos:

«Heil dir, Herr der Lusitanen !
Heil dir, Schild der Christenheit !
Knüpfe sich an deine Fahnen,
Glück im Frieden, Sieg im Streit».

A homenageada, a quem o cantor chama a «coroa de todas as mulheres do vale do Tejo», aproxima-se também mas muito mal disposta, por o marido não lhe ter prestado bastante atenção.

Ninguém no palácio deixa de se impressionar com os maviosos sons. Até o cozinheiro se distrai e deixa queimar o assado. A sensibilidade de Catarina não faz excepção. Está a uma janela defronte do cantor, mas sem ser percebida. Rivaliza em beleza com as flores que a rodeiam. O seu olhar encanta toda a gente; tem-se mostrado no entanto até aqui indiferente ao amor. Agora, pela vez primeira, se sentiu perturbada; o coração bate-lhe agitado, não resistindo à tentação de colher uma flor e de a lançar ao mancebo. Consola-se, porém, com a consciência de que assim procedia, não pelo artista, mas pela sua arte. A rainha que tudo observa, fica prasenteira, ao contrário do mordomo que irritado se dirige ao jovem em tom severo, ordenando-lhe que se retire sem demora:

«Fremdling, der du ungerufen
Kühn ertönen lässt die Stimme
An des Königsthrones Stufen:
Sag, was willst du im Schlosse ?
Fort ! verlass es noch zur Stunde !
Welches fremden Ritters Trosse
Bist du zugethan? — gieb Kunde !»

Êste responde-lhe altivamente, explicando que é Ca-

mões, filho de nobre cavaleiro bem conhecido na côrte, cujos antepassados morreram pela glória dos lusitanos.

Enumera quais dêles mais se distinguiram. A rainha então intervém a favor de Camões, invocando os direitos de pagem, como descendente de quem valorosamente defendeu a cruz e a coroa. Ordena ao mordomo que o conduza aos salões depois de vestido com fato de gala, onde as suas melodias entreterão os convidados.

II

A festa da Ordem de Cristo

Ostenta-se o aparato dos dias de grande gala. Nas salas comprime-se o povo para ver os poderosos do reino, os cavaleiros com suas nobres consortes. Está presente o patriarca como delegado papal, o bispo que benzeu as insígnias da ordem e toda a côrte, não faltando entre os almirantes, Mascarenhas e o filho de Cabral. A soberana aparece entre as damas de honor. A beleza de Catarina, porém, a todos eclipsa. O mordomo que se julga favorecido pelo destino, não compreende por que ela o repele e pergunta-lhe por quanto tempo deseja continuar aquele jôgo cruel. Informa-a que é da vontade régia o seu casamento, ameçando-a de que não deixarão de se cumprir impunemente as ordens do monarca. Catarina responde imperturbável que o coração é livre e que nunca casará por imposição. Terminado êste incidente, começa a cerimónia a que assistem entre outros Caminha e Pimenta na companhia de Gil Vicente, o Plauto lusitano, Falcão o velho almirante que veio propositadamente da Madeira, Heitor da Silveira, Miranda e António Ferreira, o Horácio português, o maior poeta do reino desde a terra até ao mar.

III

O primeiro serviço de pagem

Foram três armados cavaleiros e um pagem da rainha, Camões, jovem elegante e galanteador que a todos impressionou na côrte, especialmente as senhoras. Catarina de Ataíde ficou surpreendida, ao reconhecer nêle o harpista. O rei incumbe-o de entregar um documento selado à dama que considerar a mais bela das que estavam presentes. Um tanto embaraçado, Camões, ao deparar com Catarina, entrega-lhe o documento sem hesitação. Esta abre-o, lê e como que assombrada por um raio, num gesto de terror, arremessa-o à cara do mordomo, gritando: «Apesar da vontade régia, nunca serei tua» e logo resvala da cadeira sem sentidos. O pagem condu-la em braços para um dos aposentos da rainha. O incidente provoca na sala grande borborinho.

IV

Noite de vigília

Camões passa a noite junto do leito de Catarina, solícito em tornar-se prestável. Não quere que nem a côrte nem ela lhe agradeçam os seus desvelos; como que tem o pressentimento de receber mais tarde uma doce recompensa.

V

Combate de falcões

Continua velando a doente. Num dado momento, atreve-se a confessar-lhe a sua grande paixão que é correspondida. De súbito, sente-se arrastado para fora do quarto

e logo a seguir ferido num braço. Levam-no para uma sacada, por baixo da qual serpenteia um riacho por entre rochas. Ali se batem Camões e o seu rival que o autor compara a dois falcões, por se acharem a tal altura. Camões consegue desprender-se do inimigo, o mordomo, que cai desamparado no abismo, devido à grade, a que se tinha apoiado, ter cedido.

VI e VII

Peripécia — Vosso como cativo mui alta senhora

Camões é prêso. Escreve um soneto acróstico cujo tema é *Euer Gefangener, erhabene Herrin,* em que lhe protesta o seu amor fiel e dedicado:

> ....
> Euch schwör'ich feste Treu'und Innige Liebe;
> Reizt And'res mich, so liebt mich Nimmermehr.

VIII

Dobre a finados

Descreve-se o funeral do mordomo, favorito da côrte e valido da rainha. Há luto geral; as damas testemunham o seu profundo pesar com os crepes que as envolvem, o povo associa-se à grande dor que invade a nobreza. Ninguém no entanto sente a morte de D. Câmara, como a rainha, a ponto de perder a côr e a beleza:

> Herrscherin der Lusitanen,
> Wer erkennt im Schmerz dich wieder?

Pranteava mais que o amigo o servidor:

> Königin, beweinst im Todten
> *Freund* und *Diener* du alleine?

Pertencia ao morto de corpo e alma:

«ihm mit Leib und Seele angehört».

Jura vingar-se do causador do seu irreparável tormento, exigindo que o rei puna o pagem sem demora. O monarca responde que é um dever fazer justiça e que Camões também ferido pelo punhal do mordomo, aguarda a sentença no cárcere. Desesperada, chega a ameaçar o marido de o abandonar, se o assassino não fôr severamente punido. Emquanto o rei medita a sós sôbre o procedimento a tomar, aparece Catarina que lhe cai aos pés, pedindo que reconheça no morto, o culpado que no furor da revindita tentou aniqüilar o seu rival. Se se deixar iludir por falsos testemunhos, os remorsos atormentá-lo hão o resto dos dias. O rei indignado com a idea de que alguém se atreva a enganá-lo, mandou comparecer imediatamente o incriminado ao julgamento.

IX

Canções do pagem prisioneiro

O poeta lamenta em versos sentidos a perda tão rápida e inesperada da sua felicidade.

Cito os primeiros:

Kaum träumt'ich ein goldenes Pfingstfest mir
In's junge Leben hinein,
Kaum rief es im tiefsten Herzen hier:
«Dein bin ich, Liebchen, dein!»
Kaum ward mein Herz beglückt von ihr,
Da brach die Nacht herein,
Die rings die Welt verfinstert mir,
Die Nacht voll *Kerkerpein.*
Doch — ist's auch noch so düster hier
Und ohne Sternenschein —
Viel finstrer ist est noch in mir
Wird nimmer Tag mehr sein.

X

A sentença real

Camões é condenado ao exílio, apesar do rei reconhecer as malévolas intenções de D. Câmara. Embarca para Ceuta, a combater o inimigo da pátria, o mouro. Vai na companhia de vários nobres guerreiros. Catarina convencida de que o castigo foi imposição da rainha e que o procedimonto do soberano se não fôsse isso, teria sido muito diferente, ajoelha-se-lhe aos pés e pede que evite que Camões expie pena tão injusta. Não é atendida. Camões tem de seguir para o destêrro, onde vai encontrar o pai encanecido já ao serviço da pátria.

XI

Canções da abandonada

É Catarina agora que chora em plangentes canções de saüdade, tão ricas de graça, sensibilidade e emoção, a ausência do bem amado:

. . . .

O lass mich weinen, stille Dämmerstunde,
An's harte Fensterkreuz die Stirn gelehnt,
Ach, deine Kühle heilet nicht die Wunde
Des kranken Herzens, das nach ihm sich sehnt.

Mein Auge sucht ihn, ohne ihn zu finden,
Die Stimme ruft ihn, Echo höhnet sie; —
Fort treibt der Wind den Blüthenschnee der Linden,
Und elend bin ich, elend wie noch nie.

Citarei ainda as quadras seguintes, tão inspiradas e ternas que atestam bem o alto valor de Bunge, como poeta, lembrando-nos a primeira e a última as lamentações de Margarida no Fausto de Goethe:

Was hilft mir der Frühling
Mit bräutlichem Schein
Bin ich doch verlassen,
Bin ich doch allein !

Wär's lieber Winter,
Küsst'er mich warm
Und hielt mich umfangen
Mit liebendem Arm!

Auf schwankendem Schiffe
Hinaus musst'er ziehn,
Und ich soll verlassen
Und einsam verblühn.

Ich bin ja so jung noch
Und blühe so roth,
Doch tief in dem Herzen,
Da keimt schon der Tod.

XII

Em combate com os mouros

Já próximo da costa de África, Camões e os companheiros avistam dois navios mouros, dando caça a um navio português. Trava-se renhido combate. O navio de Camões toma a defeza dos compatriotas e juntos põem por fim em fuga o corsário inimigo. Camões entre os perseguidos encontra seu pai e é precisamente no momento em que o abraça, que uma flecha inimiga o fere num ôlho, inutilizando-lho. No meio da luta cai ao mar, sem que os portugueses lhe possam valer. É encontrado depois na praia em estado miserável, quási moribundo por uma caravana de mouros que resolve salvá-lo na esperança de obter grande soma pelo resgate.

XIII

Catarina na praia

Êste capítulo descreve as saüdades de Catarina que todos os dias vai à praia informar-se da chegada de algum navio de África que lhe traga notícias.

XIV e XV

Cuidados de mestre da adega — A comunicação da vitória

Celebra se a boa nova do vitorioso recontro; porém quando se anuncia o desaparecimento de Camões, a mágua é geral. Catarina resolve abandonar o mundo e entrar num convento:

«So ist mein Loos entschieden;
Führt mich zum Kloster hin!»

O rei ficou também muito pesaroso com o triste acontecimento.

XVI, XVII, XIII e XIX

O despertar de um sonho febril — No deserto — Partida do oasis — Thalatta

A princípio, no delírio da febre, julga-se nos braços da amada; a realidade porém mostra-lhe a sua desgraça. No oasis o mouro vangloria-se das suas riquezas e habilidades. Camões é escarnecido, por só possuir a harpa que consigo traz. O poeta começa a cantar e a tocar, dizendo que não a trocava por todos os seus bens.

....
«Wohl ist mir die Harfe lieber als der Dromedare Lasten,
Als die schimmernden Paläste, als ein Schiff mit Flagg'und Masten».

E ao lembrar-se de Catarina continua inspirado

....
«Doch besitz ich noch ein Kleinod, das mir lieber ist auf Erden:
Eine Perle — hell und glänzend, wie die meine, habt ihr keine;
Denn es giebt ja so nur *eine* und die *eine* ist die *meine*.

Os mouros cubiçosos perguntam onde se encontra o precioso tesouro:

«Doch, wo birgst du dieses Kleinod? Lass uns deine Perle schauen!»,

ao que o poeta responde:

«Ach ich liess sie über'm Meere, in der Heimat grünen Auen;
Nur ihr Bildniss, ihren Abglanz trag ich tief in meinem Herzen,
Auf den steilen Wüstenwegen leuchtet mir's wie tausend Kerzen!»

«Zu gering sind eure Schätze, jene Perle zu bezahlen;
Wollt'ich ihren Glanz euch malen: schaut den Thau in Mondes-
strahlen!
Ich gewann sie nicht als Erbe — nein, mein Herz hat sie gefunden,
Und die *Liebe* — ja, die *Liebe* hat auf ewig uns verbunden!».

Constando no oasis que chegara a Marrocos um navio cristão, a caravana parte imediatamente, levando Camões com a mira do resgate. O cativo parece-lhes nobre e por isso esperam alcançar boa paga pela sua liberdade. Assim sucede; Camões é resgatado e embarca para Lisboa.

XX

A festa da noiva de Jesus

(1553)

O poeta chega a Lisboa no dia preciso, em que Catarina celebra os seus votos de religiosa. Por acaso, encontra-se na igreja e ao reconhecê-la, pede que se suspenda a cerimónia:

«O, haltet ein!
Mein ist dieses Engels Leben,
Diese Braut des Himmels *mein!*
Heilig sind der Kirche Mächte
Heiliger des *Herzens* Rechte!»

A professa, ouvindo a voz de quem julgava morto, cai nos braços da abadessa, implorando misericórdia:

«Habt Erbarmen! habt Erbarmen!»

O bispo ordena a Camões que saia do templo, porque Catarina já não pertence ao mundo, mas a Deus. O poeta então resolve partir para a Índia, a procurar nas lides guerreiras esquecimento para as suas culpas.

XXI e XXII

Madalena e dobres de claustro

Estes dois capítulos contêm versos elegíacos, em que Madalena (Catarina) se lamenta do malogro dos seus amores.

XXIII

Vozes alterosas — Profundo sofrimento

Camões embarca a caminho de Goa; segue o roteiro do Gama e por onde passa vai celebrando em seus carmes os gloriosos feitos do grande descobridor. Já à vista da costa da Índia, descobre-se um navio em luta com as encapeladas ondas. É o navio em que vai o pai de Camões. Êste corre em seu auxílio; consegue ainda evitar que seja arrastado no sorvedoiro, mas ao chegar a terra, já o pai era cadáver.

XXIV

Goa

Descreve-se o funeral do heróico ancião, a quem são prestadas honras militares. Noronha perante o

corpo inanimado, faz justiça aos serviços prestados pelo morto:

«Du bist es Camoëns? — o greiser Sieger,
Der König sandt'uns seinen besten Kriger!»

E colocando a mão sôbre a cabeça do filho, exorta-o a seguir-lhe o exemplo:

«Du bist der Erbe dieses Freubewährten;
So werde denn, was er uns Allen war,
Ein Held, ein Freund, erprobt auf rauhen Wegen:
Gott sei dein Leitstern, Glaubensmuth dein Segen!»

Camões honra a memória do progenitor com as suas proesas e composições patrióticas.

XXV

Satti

Trata-se aqui da cerimónia pagã, em que a mulher é queimada com o cadáver do marido. Camões está presente com alguns companheiros. De súbito, quando as chamas já cobriam a vítima, ouve-se uma menina cheia de angústia, apelar para Camões, de quem solicita a salvação da mãe que é portuguesa. O poeta e os seus companheiros conseguem arrancar a desgraçada à fogueira, mas já cadáver.

D'aqui se origina um tumulto violento; os índios enfurecidos exigem em altos brados que Camões substitua a vítima, desde que não consentiu que as chamas a consumissem. «Ihn für sie», gritam em côro. Entretanto aparece D. Noronha, a sufocar a rebelião. Os amotinados explicam o que se passou e ameaçam quebrar a fidelidade jurada, se não lhes respeitarem a religião, reclamam que o profanador das suas crenças seja punido. ¡O vice-rei para evitar maiores males, vê-se forçado contra vontade,

a exilar o poeta para Macau! Antes de partir, Bárbara a criança, cuja mão tentou salvar, implora-lhe que a não deixe entregue à vingança dos inimigos. Camões condoído leva-a consigo.

XXVI

Bunge faz uma pitoresca descrição da gruta que compara a um ninho de falcões «gleich einem Falkennest». Camões jaz ali doente; a sua enfermeira, solícita e dedicada, é a pequena agora já mulher que trouxe de Goa. Sustenta-se com o que Bárbara mendiga. Só os chineses se compadecem e lhe dão esmola. Um dia encontrou um papel com uma canção que a fez entristecer. O ciúme atormenta-a cruelmente:

> «Wieder an das holde Wesen,
> Das er liess bei seinem Volke;
> Weh mir! wieder an die Eine,
> Die in seinen Fieberträumen
> Mit ihm ging im Blüthenhaine
> Und in stolzen Königsräumen.

Trémula, deixa cair o fatídico papel; as lágrimas correm-lhe pelas faces. O doente acorda e ela tenta sufocar a comoção, para não deixar transparecer os seus pensamentos. O Homero português, o Polifemo lusitano, também não é insensível aos encantos da mulatinha; pede-lhe que o ajude a sair da gruta para a sombra das palmeiras. Ali, abraçado a Bárbara, dá expansão ao seu entusiasmo:

> «Rechtes Glück folgt erst dem Leide
> Unter dieser Gottessonne,
> O, wie glücklich sind wir Beide!»

Bárbara responde apaixonadamente:

> «Lass mich träumen von den Tagen
> Meiner Kindheit, wo dein Lieben
> Mich in weichem Arm getragen:
> Wär's doch ewig so geblieben!»

Camões afaga-a e consegue dissipar-lhe as desconfianças.

XXVII

Bárbara canta a felicidade dos dois na sua união e Camões entoa também canções amorosas:

«Du meine Abendsonne,
Mein Stern in dunkler Nacht,
Verwaisten Herzens Wonne,
Mildleuchtender Smaragd —
Du, meine schwarze Rose
Von Goa's duft'ger Flur,
Thaufrische, dornenlose
Lenzblüthe der Natur —»
....
«Als Gott dich mir gegeben
In wilder Flammennacht,
Da hat er meinem Leben
Das Leben erst gebracht».

XXVIII

Os Lusíadas

Convalescente, à sombra das palmeiras, compõe Camões o seu poema, sôbre os feitos heróicos dos portugueses nas viagens de exploração e conquista à Índia que já tinha cantado a bordo da nau, que o trouxera de Lisboa a Goa, inspirado pelos lugares que visitara. Ao contemplar a sua obra que tem a consciência de ser genial, regozija-se antecipadamente com a idea de que a posteridade lhe fará justiça.

XXIX

Um Prometeu libertado

D. Noronha, a mandado de D. Sebastião, vai libertar Camões do exílio, fazendo-o seguir para Lisboa. Causa-

-lhe estranheza a presença da mulatinha. O poeta explica quem é, emquanto ela tudo arranja para a partida.

Bárbara mostra-se receosa de que o protector a abandone. Tranqüiliza-a, prometendo não a abandonar.

«Nie verlass ich dich im Leben !»

Então já sorridente, mas ainda duvidosa da sua felicidade, pergunta se lhe será dado realizar os mais belos sonhos da sua vida:

Wär's möglich ? ruft sie aus
Und umfasst des Meisters Kniee —
«Willst du wirklich dass hinaus
Ich als Sklavin mit dir ziehe,
Und dein Heimathland erschau',
Das dein Lied mit Ruhm umschlungen,
Und die schöne weisse Frau,
Die so glühend du besungen ?
Wie? ich dürfte ihr den Saum
Des Gewandes huld'gend küssen,
Meines Lebens schönster Traum
Sollte Wahrheit werden müssen ?»

Camões, estreitando-a ao coração, replica afirmativamente:

«Ja, dein Traum soll Wahrheit werden !»,

o que provoca a exclamação entusiástica de Noronha:

«Wahrlich, noch giebt's Treu'auf Erden !»

O capítulo é um dos mais belos da obra, contém versos que se podem classificar de magistrais, como aqueles em que dá expressão às saüdades da pátria do exilado que vive solitário, sem encontrar uma alma amiga que o possa confortar. Todo êle está repassado de um tom profundamente triste, impressionante e comovedor.

XXX

Noites no mar

Durante a viagem, o poeta discreteia sôbre as fases da vida humana. Receia pelo futuro da sua protegida, se morrer primeiro. A existência pouco valor tem para Bárbara, se lhe faltar o seu amado senhor:

«Bin ich nicht dein in Ewigkeit?
Wie kannst du mich verlassen?
Was hab'ich weiter denn, o Herr,
Als was du mir gegeben?
Und hätt ich dich, o Herr, nicht mehr,
Was hätt ich dann am Leben?»

Cheia de simplicidade e ternura, inquire onde está o Deus de quem tanto lhe tem ouvido falar; tem-no procurado em toda a parte, para por êle se unir a Camões:

«Herr, du hast mir oft erzählt
Von dem Gott, der die Sterne gezählt,
Mild erhöhrt der Menschen Gebet
Wenn er im Sturm durch die Wogen geht,
Sagtest mir, dass überall
Leuchte seiner Gnade Strahl:
Längst schon, such'ich ihn, führe mich hin,
Dass ich in ihm vereint dir bin!»

A resposta de Camões é eloqüente de unção religiosa:

«Siehst du nicht sein Antlitz glühen
Aus der Meereswellen Grün?
Wie ein leuchtend Meteor
Taucht's in Flammen draus empor.
Hörst du seine Stimme nicht,
Die aus den stillen Wassern spricht,
Wenn sein mächtiges Zauberreich
Uns umfängt, dem Himmel gleich?
Weht dir durch die Welt voll Ruh
Nicht sein Gruss des Friedens zu?
Ueber dir — in dir, *nahe* und *fern*
Schwebet und webet der Geist des Herrn!»

XXXI

Noite de tempestade

Levanta-se violenta procela, na foz do Mekhong em que o navio sossobra e que é pintada com as cores mais vivas. O autor faz de Bárbara a heroína dêste episódio: é ela que salva Camões juntamente com uma caixa, onde iam as suas joias:

> Da word am Gurt des Gewondes
> Der Meister durch die Wogen
> Von Barbora fortgezogen
> Zur schützenden Bucht des Strandes.

XXXII, XXXIII e XXXIV

O caçador de panteras — O rei de Champa — Durga puja

O lugar, onde os náufragos abordam, está infestado de feras. Uma pantera tinha já ferido Camões e preparava-se para lançar um salto sôbre Bárbara, quando um caçador que aparece no local, a vara com uma bala. O caçador é o príncipe, filho do rei de Champa. Como se celebra naquele dia a grande festa *Durga puja*, o príncipe convida os estrangeiros a acompanhá-lo até ao palácio, onde são muito bem recebidos. Os hóspedes assistem com a côrte a sessões de prestidigitação e bailados das célebres bailadeiras e a todas as cerimónias e divertimentos que são descritos com minúcia. Bárbara acha-se envergonhada diante das atitudes pouco honestas que tomam nas suas evoluções de dança. O príncipe está possuído de violenta paixão por Bárbara; manifesta-a e promete fazê-la raínha. A fiel negra, porém, não troca a sua condição pelas pompas da majestade oriental e quando Camões lhe

aconselha indirectamente a que aceite tão vantajosa proposta, responde:

«Viel lieber Sklavin, Bettlerin,
In biltrer Noth an deiner Seite
Als fern von dir hier Königin!»

XXXV e XXXVI

Sintra — O que Bárbara viu

D. Sebastião com toda a côrte, foge à peste — Der schwarze Tod — que assola Lisboa. Vai para o seu castelo de Sintra à beira mar, onde se entrega aos seus sonhos de glória, recordando os feitos dos grandes navegadores.

Havia tempos que se não organizavam expedições guerreiras à África; por isso o povo impaciente dirige-se ao monarca, convidando-o a seguir o exemplo de seus maiores e a resistir a quaisquer pressões que procurem impedir-lhe o cumprimento do dever:

«Wozu bist du gekrönt
Du, dessen Muth nun wankte?
Rollt in dem Enkel nicht das Blut
Des mächtigsten Herrschers auf Erden,
Nicht Karl des fünften Thatenmuth?
....
Lass unbeschrieben nicht das Blatt
Von deinen Heldenthaten,
Weil Ohm und Feldherrn, altersmatt,
Den Krieg dir widerrathen......

O jovem rei estava possuído do mesmo espírito de aventura, mas era contido nos seus ardores por influências estranhas, principalmente pelo tio, o timorato cardeal

que o dissuade da empresa que se lhe afigura cheia de perigos:

«Lass ab und trage kein Begehr
Nach solchen Abenteuern,
Jetzt ist fürwahr die Zeit nicht mehr
Kreuzzüge zu erneuern —
. . . .
Lass ab und lass dir rathen:
Der Friede, nicht des Kriegesruhm mehr,
Krönt fürder unsre Thaten».

Mas eis que recebe os versos de Camões, a êle dedicados. Lê com avidez a narrativa dos grandes e heróicos feitos do Gama e de tantos outros que o poeta canta divinamente. Sente avivar-se-lhe a aspiração irresistível de não desmerecer dos antepassados. Manda chamar Camões a Sintra, onde o acolhe com o cerimonial das recepções solenes. Bárbara acompanha-o, mas não entra na sala; consegue, todavia, observar o que se passa, escondida atraz de um reposteiro. O rei abraça-o

«Als einem langersehnten Gast»,

desejando que toda a côrte honre o convidado, a quem chama o Vergílio português. Termina por lhe manifestar o prazer de o ouvir recitar:

. . . .
«Du machst mich stolz, weil du in deiner Lieder
Erhabenstem auch feiernd mich genannt;
Bin ich zu arm, es selber dir zu lohnen,
Beut dir mein Hof des Dichterruhmes Kronen».
«Und dass wir All'uns deiner freuen dürfen
Vergönne meinem Hofe den Genuss,
Von deinen Lippen *selbst* das Wort zu schlürfen,
Das mir geweiht dein hehrer Genuss.
Auch *mir* ist es ein sehnendes Bedürfen,
Von *dir* zu hören deiner Strophen Fluss».

Camões acede ao pedido, recitando as ostrofes, onde

incita D. Sebastião a reatar a tradição das campanhas à África, e concluiu com êste apêlo à vaidade real:

«Dann soll die herrliche, gepriesene Muse
Vor allen Völkern Dich erheben laut,
Dass Du, mein Alexander, sollst Achillen
Nicht mehr beneiden um Homeros willen».

O soberano, entusiasmado, decidiu-se a favor da guerra:

«Krieg will mein Volk, Krieg will sein König haben».

Estas palavras acham eco em todo o país; o rei agradece ao poeta o seu incitamento.

XXXVII e XVXVIII

24 de Junho de 1578

Descreve-se a partida da expedição, em honra da qual Camões compõe uma canção guerreira.

XXXIX e XL

Alcácer — Fogos fátuos

Dá-se o grande desastre. Camões pela falta de notícias já suspeitava do mau êxito da empresa; vê em sonhos o que realmente aconteceu. Ao despertar, encontra ao lado um mouro que lhe confirma o triste pressentimento.

«Ich komme mit des Königs Grüssen,
Der fern in meinen Armen starb;
Mit Heer und Leben musst'er büssen,
Dass um Marocco's Kron'er warb».

O grande patriota enlouquece de desespêro. No capítulo muito patético, *Irrlichter*, aparece Camões, guiado por Bárbara, de porta em porta, anunciando a morte do soberano, ao mesmo tempo que a escrava pede para seu sustento. A loucura de Camões é pintada com traços verdadeiramente shakespearianos. Chama umas vezes por Bárbara, para ir à procura do morto:

«Barbora, komm! lass uns eilen!
Lass uns suchen, Kind, nach ihm!
Glanzvoll sank er unter'n Pfeilen,
Wie im Kampf ein Cherubim.
Zwischen Bergen von Gerippen
Find'ich und erkenne ich ihn».

Outras, entretém animado diálogo com a morte, a quem pede informações do sucedido:

Wo fälltest du ihn?
«In blutiger Schlacht!»
Wann fälltest du ihn?
«Bei finstrer Nacht!»
Wer gab dir Befehle?
«Der Herr seiner Seele!»
Wo bringst du ihn hin?
«Zum Gericht! zum Gericht!»
Und kanntest du ihn?
«Ich kannte ihn nicht!»
O, rührte dich nicht seiner Jugend Glanz?
«Die Nacht war so schwarz und so schaurig mein Tanz».
Du stahlest die Krone von Portugal,
Du raubtest der Welt ihren Sonnenstrahl:
Fort — fort, Tod und Mord!»

Acabrunhado pelos males da pátria, tem êste pensamento patriótico: sofreria as maiores misérias, os horrores

da fome e da peste, pela salvação do seu querido Portugal.

«Hunger, Frost, der Krankheit Plagen
Und der Armuth bittre Qual,
Alles wollt'ich gern ertragen —
Gäb's nur noch ein *Portugal!*»

XLI

O epílogo da canção

1580

Camões, conduzido pela fiel escrava, bate à porta do mosteiro onde lhe aparece Catarina que êle no seu estado não identifica, mas cuja presença o enche de misteriosa consolação:

....
Mir ist's als ob bei ihr ich fände
Den Frieden, den ich lang gesucht,
Des Leidens und des Liedes Ende —
— Nein, Barbora komm! fort, zur Flucht!»

Catarina não o deixa partir, fala-lhe com ternura, explica quem é e como que por encanto faz-se luz naquele espírito apagado que evoca os tempos em que teve uma namorada com o mesmo nome, mas cujo destino ignora. Bárbara reconhece nela a inspiradora das composições do poeta e diz-lhe em lágrimas:

«Dir bringt der Tod
Was einst das Leben dir geraubt».

Camões reclina a cabeça sôbre o peito da mulata, recebe as bençãos de Catarina a quem agradece:

«Katarina, hab Dank»,

expirando logo a seguir.

XLII

Dez anos mais tarde

Refere-se o epitáfio que dez anos depois foi colocado sôbre o túmulo do poeta, no convento de Sant'Ana de Lisboa:

> AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
> PRINCIPE
> DOS POETAS DE SEU TEMPO.
> VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE
> E ASSI MORREU.
> ANO DE MDLXXX

Gustavo Ramos

A ÁRVORE TRISTE DA ÍNDIA

NOTA DE

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA

O sexto dos *Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da India*, por Garcia da Orta, tem por título: *Da arvore triste*. Neste colóquio Garcia da Orta diz[1] que esta árvore é do tamanho de uma oliveira, e que as suas fôlhas são semelhantes às da ameixoeira; as suas flores cheiram muito bem desde que o sol se põe até que sai; e que na Índia usam dos pés da mesma flor, que são amarelos, para tingir os *comeres;* e que o seu nome na língua de Goa é *parizataco*[2], e em malaio *singadi*. Depois acrescenta[3]: «E porque vejais as parvoíces e fábulas

---

[1] *Colóquios dos simples e drogas da Índia,* por Garcia da Orta, ed. do Conde de Ficalho, Lisboa, 1891, tomo I, p. 69-72.

[2] As palavras sânscritas *pārijāta* e *pārijataka,* designam a árvore *Erythrina Indica* de Lamark, que perde as suas fôlhas em Junho, e então se cobre de grandes flores de côr carmesim. (Monier Williams, *S. E. D.,* p. 620). Em português tem o nome de *coraleiro* (D. G. Dalgado, *Flora de Goa e Savantvadi,* Lisboa, 1896, p. 51).

As flores do *pārijāta* eram muito apreciadas; o sábio Narada ofereceu a Udayana rei de Vatsa, quando lhe pronosticou o nascimento de um filho, que havia de reinar sôbre os feiticeiros, uma grinalda de flores da arvore *pārijāta,* de que o rei foi muito contente. (Somadeva, *Kathāsaritsāgara,* III, 1, 130-134; cf. *Journal Asiatique,* 1919, I, p. 501).

[3] *Colóquios dos simples e drogas da Índia,* p. 71.

desta gentilidade, dizem que este árvore foi filha de um homem, grande senhor, chamado *Parizataco;* e que se namorou do sol, o qual a leixou, depois de ter com ella conversação, por amores doutra; e ella se matou, e foy queimada (como nesta terra se costuma), e da cinza se gerou este arvore, as flores do qual avorrecem ao sol, que em sua presença nem parecem: e parece ser que Ovidio seria destas partes, pois compunha as fabulas assi dêste modo.»

A *árvore triste* [1] é o *Nyctanthes arbor tristis* de Linneu, uma pequena árvore da família das *Oleaceae*, cultivada com freqüência na Índia, e expontânea em algumas das suas províncias centrais [2]. Os *pés das flores*, de que fala Garcia da Orta, são os longos tubos, de côr de laranja, das corolas das suas flores, os quais são empregados na Índia para tingir de amarelo a comida. Garcia da Orta menciona dois nomes da árvore triste; um *parizataco* da língua de Goa (concani), e outro *singadi* da língua malaia.

Desde tempos muito remotos que esta arvore atraíu a atenção dos homens, pela singularidade, que manifestam as suas flores, de abrirem as suas corolas e exalarem o

---

[1] *Colóquios dos simples e drogas da Índia*, por Garcia da Orta, ed. do Conde de Ficalho, Lisboa, 1891, tomo I, nota a pag. 72; D. G. Dalgado, *Flora de Goa e Savantvadi*, Lisboa, 1896, p. 115; Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossario Luso-Asiático*, Coimbra, 1919, volume I, p. 62.

[2] Em Malaca cresce uma certa árvore *Zingady*, que é chamada pelos portugueses a árvore triste *(Sad Tree)*, porque ela fecha as suas flores de noite. (J. Nieuhof, *Zee en Lant-Reizen*, II, 57; Yule and Burnell, *A Glossary of Anglo-Indian Colloquial words and phrases;* London, 1886, p. 758). Segundo o testemunho de Garcia da Orta *zingady* é o nome malaio da *arbor tristis;* e Nieuhof foi talvez enganado pelo seu informador, devendo dizer que a mesma planta abria as suas flores de noite.

seu agradável aroma, sòmente depois que o sol se põe até que nasce, isto é, de noite; e a êste facto andam ligadas muitas lendas indianas, uma das quais é a referida por Garcia da Orta.

A lenda, contada por Garcia da Orta, acêrca da *árvore triste,* não é certamente de sua invenção [1]; o narrador que lha contou, a tinha sabido, directa ou indirectamente, de um *Purāna* [2] ou de um *Māhātmya* local [3]; contudo apesar das diligências feitas, ainda não foi encontrado o texto em que se refira.

Esta lenda foi trazida bem cedo para o ocidente, à Grecia e a Roma. Ovídio, que nasceu em Sulmona, em 43 A. C., e morreu em Tomis, junto do Pôrto Êuxino (Mar Negro) [4] em 18 J. C., parece ter tido conhecimento da lenda indiana relativa à *árvore triste,* ou já da sua adaptação ao arbusto denominado *heliantho.* Com efeito Ovídio no livro quarto das Metamorfoses (v. 256-270) conta o fim lastimoso da ninfa Clytie [5], uma das Oceanides, que teve por amante o Sol (Apollo, Phoebus), e que depois de abandonada por êle foi transformada em helianto, cujas flores estão constantemente voltadas para o sol durante a sua carreira diária.

---

[1] Mr. Sylvain Lévi, carta particular de 13 de Agôsto de 1919.

[2] *Purāna,* nome de uma classe de livros sagrados, compilados pelo poeta Vyasa, que tratam de história tradicional e lendária. (M. W., *S. E. D.*, p. 635).

[3] *Māhātmya,* obra ou tratado em que se referem os méritos de algum santo lugar ou objecto. (M. W., *S. E. D.*, p. 915).

[4] O caminho seguido geralmente na transmissão das lendas, do oriente para o ocidente, parece ter sido: Índia, Báctria, Pérsia, Asia Menor, Bizâncio, Roma. Tomis é neste caminho.

[5] Clytie, Κλυτίη, uma das ninfas Oceanides, que teve por amante Apolo (Phebo), e foi metamorfoseada em helianto. (Plínio, *Hist. nat.*, 24, 17, 102).

Os versos de Ovídio são [1]:

At Clytien, (quamvis amor excusare dolorem,
indiciumque dolor poterat) non amplius auctor
lucis adit: Venerisque modum sibi fecit in illâ.
Tabuit ex illo dementer amoribus usa
nympharum impatiens; et sub Jove nocte dieque
sedit humo nudâ nudis incomta capillis.
Perque novem luces expers undaeque cibique
rore mero, lacrimisque suis jejunia pavit:
nec se movit humo, tantum spectabat euntis
ora dei: vultusque suos flectebat ad illum.
Membra ferunt haesisse solo: partemque coloris
luridos exangues pallor convertit in herbas.
Est in parte rubor; violaeque simillimus ora
flos tegit. illa suum, quamvis radice tenetur,
vertitur ad Solem; mutataque servat amorem.

A comparação da lenda indiana, referida por Garcia da Orta, com a lenda ocidental, contada por Ovídio, dá lugar a uma observação interessante. Na lenda indiana a árvore, em que foi transformada a *deri* amante do sol, fecha a corola das suas flores, emquanto o sol é visível acima do horisonte, e sòmente as abre depois do pôr do sol; isto significa que a *deri* manteve o seu despeito e

---

[1] Mas o autor da luz (o Sol) não foi mais para junto de Clytie, ainda que o amor podera excusar a dor, e a dor excusar a revelação; e êle usou com ela do mesmo modo, que Venus usara com êle. Por isso ela, não podendo sofrer as ninfas, gasta dos amores loucamente, se tornou lânguida, e ao ar (sereno), de dia e de noite, esteve sentada no chão nu, desgrenhada com os cabelos descobertos. Durante nove dias, sem tomar água nem comida, alimentou os jejuns com mero orvalho e com as suas lagrimas. Não se moveu do chão, sòmente olhava para o rosto do deus, que era ido, e dirigia os seus olhares para êle. Dizem que os membros dela aderiram ao solo: a palidez converteu parte do corpo dela em ervas lividas exangues; em parte [o corpo] dela é vermelho, e a flor cobre o rosto, muito semelhante à violeta; ela, ainda que é segurada pela raiz, volta-se para o Sol, e mudada conserva o seu amor.

aborrece o sol, que a abandonou: emquanto que na lenda ocidental o arbusto, em que a ninfa Clitye foi transformada, volta constantemente para o sol a abertura das corolas das suas flores, seguindo-o durante o tempo em que o sol é visível acima do horisonte; isto significa que a ninfa conservou o seu constante amor pelo sol, ainda depois de abandonada por êste. É forçoso confessar que a lenda ocidental exprime um conceito mais elevado, mais humano, e mais conforme com os sentimentos do coração da mulher: manter fiel o seu amor, e constante a sua dedicação pelo homem que amou, apesar de ter sido abandonada e despresada por êle.

«LOCUÇÕES E MODOS DE DIZER» USADOS NA PROVÍNCIA DA BEIRA ALTA

Apresentados sob a forma de diálogo

ADVERTÊNCIA

No decurso do ano de 1899, encontrando-me em Viseu — minha terra natal — e, portanto, no coração de uma Província onde a nossa língua pátria é riquíssima em *Locuções* e *Modos de Dizer*, — lembrei-me de começar coligindo todas essas preciosas modalidades de linguagem, como subsídio, embora modesto, para um estudo mais completo do nosso idioma, verdadeiramente rico, entre os mais ricos.

Futuros trabalhos similares, respeitantes ás outras Províncias de Portugal, forneceriam aos Lexicólogos os subsídios necessários para aquele estudo — cuja falta tanto se faz sentir, constituindo uma formidável lacuna aberta nos nossos Dicionários, onde os portugueses e, muito principalmente, os estrangeiros, não encontram, presentemente ainda, a significação de tantíssimas frases do nosso ubérrimo vocabulário, empregadas na linguagem interessante e pitoresca do povo.

Êsse complemento, absolutamente indispensável ao inteiro conhecimento da língua portuguesa, prestará, decerto, não menos valioso serviço para a sua história, fixando, com todo o rigor e segurança, as modalidades

variadíssimas que o nosso belo idioma assume através dos tempos.

A par e passo que o meu trabalho progredia, mais crescia o meu interêsse em levar a bom termo a obra começada, e legítima surpreza me provocavam as sucessivas descobertas de novas *Locuções* e *Modos de Dizer* a que — embora nascido e creado na Beira Alta — jámais prestara a justa e merecida atenção.

Longos cinco anos consumi nesse trabalho, quási permanentemente de lápis e papel em punho, atento e vigilante, para não deixar escapar uma só das frases com que devia enriquecer a minha futura obra.

Pelo mês de Maio de 1904, um último trabalho de revisão dos meus volumosos apontamentos deu-me a posse da longa lista de *Locuções* e *Modos de Dizer* inscritos no presente livro.

Apresentar essas modalidades, numerosas e interessantes, da nossa língua, numa lista sêca e pêca, além de enfadonho para o leitor, de modo algum preencheria o fim que me propuz, porquanto, difícil, senão impossível se tornaria, em tais condições, determinar-lhes o significado.

Eis porque resolvi apresentá-las sob a forma de diálogo.

E, como quási todas essas *Locuções* e *Modos de Dizer* assumam feição graciosa e até mesmo um pouco *livre*, entendi dever fazer intervir, no diálogo, a mocidade, sempre folgasã e divertida, certo de que ela me não levará a mal havê-la associado ao meu empreendimento.

Terminado o meu trabalho, em Novembro de 1904, convidei um amigo meu, entendido no assunto, a emitir, acêrca dêle, a sua opinião — que me foi favorável.

Razões de ordem vária, mas, muito particularmente, o avultado dispêndio a fazer com a sua publicação, determinaram o longo esquecimento, de 17 anos, a que o meu livro esteve sujeito.

Deliberei, pois, consultar o eminente e ilustre cidadão Dr. Teófilo Braga que, aquiescendo amávelmente ao meu pedido, se dignou ouvir a leitura — que lhe fiz — da minha obra e formular a opinião de que ela estava em condições de merecer a esclarecida atenção e interêsse dos membros ilustres da sapiente e abalisada Academia de Sciências de Lisboa — a quem o autor toma a liberdade de oferecer o seu mais que modesto trabalho, como preito do seu elevado aprêço e respeitosa homenagem por tão distinta colectividade.

Lisboa, Dezembro de 1921.

José da Fonseca Lebre,

Tenente Coronel do Estado Maior de Infantaria.

«Locuções e Modos de Dizer» usados na Provincia da Beira Alta

— ¿Falaste com o António antes de êle ir para o Porto?

— Não pude; julguei que fôsse mais tarde.

— ¡Pois então, *assobia-lhe às botas!* Embarcou para ali no comboio da manhã.

— *Ainda não estou em mim* pelo que acabas de me dizer. ¡Parece incrível que êle *andasse a prégar as tardes* aí por todos os cantos e nem sequer podesse dispôr de cinco minutos para vir despedir-se de mim!

— *Aqui para nós, que ninguêm nos ouve:* o rapaz ainda não pagou aquela dívida que sabes; o tio prometeu-lhe dinheiro, e o António *anda á corda* porque o velhote nem cinco réis lhe deu ainda.

— *Acho fóssil* o procedimento do tal tio.

— ¡E *ainda a procissão não vai na rua!*

O velho ainda o há de tratar peor. E o António, que já devia conhecê-lo, *aparou-lhe o jôgo* e, durante três

meses, *andou-lhe a rondar a porta (janela, casa, etc.)* com muito boas esperanças; mas acabará por ficar *a fazer cruzes na boca.*

— Na verdade, êle devia *arregalar o ôlho* à promessa do tio que é riquíssimo.

— Agora só sairá de dificuldades quando puder dizer com voz magoada: *¡a terra lhe seja leve!*

— *¡Á moda (dontem)!* Não creio que o velho seja capaz de tanto.

— *¡Adeus minhas encomendas!* Conheço-o de sobra: é teimoso e máu. Tentar convencê-lo é *andar a prégar no deserto (aos peixinhos).*

*

— Agora, a última novidade: ¿és capaz de adivinhar?
— *¡Á uma!... Ás duas!... Ás... três!...* — Já vejo que não descobres. Aqueles creançolas *ajustaram as contas* por causa da questão de outro dia, socando-se com fúria. Agora estou *a ver em que param as modas,* pois que a questão promete seguimento. Depois de se baterem *até o diabo dizer basta,* começaram a insultar-se: Você é *assim, assado, cosido e frito*; o demónio.

— *A roupa suja deve lavar-se em casa (família).* Eu sei a quem te referes: são uns fedelhos, e porisso, não têm responsabilidades.

*

— ¿Como vais tu, bem?

— *¡A viver, a viver!* ¿E tu?

— *¡Antes assim que nanja!*

— ¿Então, por aqui a estas horas? *¡Aqui anda coisa!*

— Estás enganado, menino. *Anda coisa no ar,* mas não é o que julgas.

— *¡Apanhei-te, cavaquinho!* ¡Foi aquela menina que te *arreganhou a taxa (dente, dentuça)* e tu estás furioso!

— ¿¡Furioso?! — Mas dessa já eu estou farto, crê.

— *¡Arrota, pelintra!* ¿Julgas que não sei tudo? — *¡A que porta tu vens bater!*

— ¡Pois, *achataste o béc (bico)*, grande sabichão!

— ¿Então, aquela scena que ouvi contar a teu respeito?...

— ¡Bem sei; mas essa pequena tem 13 anos, menino. ¡Como vês, *ainda cheira a cueiros!*

— ¿E a de há um mês no Porto?

— Essa é tão verdadeira que *ainda hoje se conta*. Bom; passemos a outro assunto. Sabes que o Alfredo não cede a pessoa alguma; ¡todo o mundo lhe tem pedido e *a nada o bruto se move!* Creio mesmo que o tio chegou a *aquecer-lhe as orelhas*. O João, por sua vez, *agarrou-se lhe às abas da casaca* e nada conseguiu.

— *¡Acho forte!*

— O Alfredo chegou a dizer-lhe: *¡ainda has de nascer outra vez* para que eu te possa ouvir! Está danado por o tio lhe ter chegado.

— Pois eu disse ao João que não fôsse falar-lhe; *assim o quer, assim o tenha*.

— É um pobre diabo; *anda no mundo por ver andar os outros;* entretanto, parece que o tio *anda a fazer o pão caro*, pois não teve razão para bater-lhe.

— O João que não seja tôlo; e tu também tens culpa porque o aconselhaste. Agora *assôa-te (limpa-te) a êsse guardanapo*.

— ¡Homem! Eu até lhe disse que não fôsse lá e não se fiasse no outro; êste, que é velhaco, prometeu-lhe e o João, foi logo: *agarrou-lhe com ambas as mãos;* eis o que foi.

— Sim, meu caro: *¡as tuas cantigas já não me adormecem!* Demais, eu sei de certa combinação feita entre vocês...

— Ora, adeus. Isso não vem *à colecção*. Nem aqui é logar próprio para discussões.

— ¡Pois aqui é que é, aqui mesmo... aqui!

— *¡Abóbora, que arrôs é água!*

— ¡Não te zangues, ó menino! Eu não sou para cerimónias; demais que *as cerimónias são para a missa.*

— ¿Olha: sabes que mais? *¡Assim não me venhas vêr!* ¡E digo-te que se o João deu à língua, *ainda hoje canta o rei chegou!*

— *¡Arreda, que te espéto, (parto)!* Homem, não te enfureças, que não é bonito.

— ¿¡Não me enfureça?! — ¡Hei de lhe puchar as orelhas!

— *¡Avança, leão!* Deixa lá o rapaz. Bem lhe basta o seu desgôsto, sempre com o ar contristado de quem *anda a pensar na morte da bezerra.* Deixa-o em paz e não leves a mal os meus ápartes. ¡Olha! ali vai o Luís... ¡Ò Luís! ¡Psst!...

— Não posso; vou com pressa.

— ¡Luísinho, meu menino; aqui já!

— *¡Aqui, é cão!* ¿Que queres tu? Diz depressa.

— Este também te não fica atraz na queda para dar sorte; bastou chamá-lo, e *aqueceram-lhe as orelhas* logo. ¡Estais bonitos!

— ¡Então! Está hoje com pilhas de graça na lombada e trata de as descarregar sôbre toda a gente.

— Também me parece. É o caso: *agarrou-se o diabo com botas, correu a cidade inteira.*

— ¡Com tal esperteza, ainda *arranjas lenha para te queimares!* Se, ao menos não fôsses massador...

— Ora, anda. *¡Apara lá êsse pião à unha!*

— *¡Até me matava!* ¡Eu não sou como vocês!

— Claro que não; com êsse teu chiste safado, que já *anda a dizer adeus ao mundo...*

— *A, quê, u, i, qui, minha cachorrinha;* tens razão; o teu está novinho no trinque; ¡és um catita!

— *¡Á unha (João da Cunha)!* Vejam lá; ¡não se peguem à pancada!

— Bem; não me roubem o tempo. Até logo.

— ¿Que vais tu fazer?

— Vou ver se encontro certa pessoa...

— Já sei; andas *à procura do homem da capa parda*. Estás servido.

— Olha: se é o António, escusas de procurá-lo; foi ontem para Viseu.

— ¡Anda, menino: *agora corre-lho (é correr-lho)!* E, se tinhas muita urgência em lhe falar, é caso para te pôres para aí a chamar: *¡apareça, apareça, o diabo sem cabeça!*

— Mas nem por não lhe falar eu me ponho *a chorar como uma cascata (videira)*, descança. *A páginas (fôlhas) tantas*, estava feito em água o que não tinha graça alguma. Coisas destas acontecem *ao mais pintado*.

— E olha que *andas com cabeça*.

— ¡Ora! Vocês estão *a caçoar (mangar) com a tropa*; adeus, passem bem.

— Adeus, menino. Também temos que fazer.

— ¡Então, *ala, que se faz tarde!*

*

— Afinal, o Luís deve ter ficado riquíssimo, com a morte do avô.

— ¿¡Qual?! Está pobre como dantes. Verdade seja que êle sempre esperou herdar uma boa fortuna, sempre *a contar com o ôvo no cu da galinha*; mas, pelo que se vê, ficou burlado. Desde aquele dia em que o Luís lhe tirou 2 libras da gaveta e o avô o *apanhou na ratoeira*, o rapaz ficou perdido.

— *¡A cabeça não tem juízo (regula), o corpo é que o paga!*

— O rapaz até perdeu as côres; anda magro, escaveirado, mesmo *a cair da bôca aos cães (a um cão)*. Chega a causar dó.

— Ora... *Atrás de tempos, tempos vêm.* A avó está quási a ir-se embora, e, então, é que o Luís fica rico.

— ¿A avó, dizes tu? *¡Ai, pai! Nódoa que lhe cai nem com benzina sai!* É peor ainda que o velho. ¿Pois tu não vês que toda aquela família tem fígados de pantera? Mas em suma, talvez que *a pedido de várias famílias*, a velhota lhe deixe com que comprar umas botas...

— Pelo visto, creio bem que também lhe *abanará com as orelhas.*

— *¡A minha avó dá ponto sem nó!* — O Luís que a vá moendo, que ela bem o merece.

— Isso deve-lhe arder o seu bocado ..

— *¿Arde-lhe? ¡É pimenta!* Ainda mais ela arderá, se é que existe inferno para gente de tal feitio.

— E o Luís que é um trabalhador incansável não merecia tal barbaridade. Nunca se vê aquele rapaz a passear; aquilo é todo o santo dia *anda (mete) mão, enfia dedo,* a fazer pela vida.

— E toda a gente lhe dá que fazer; é *a mim, a mim; não chega para as encomendas,* e ainda bem. Para êle é que a herança vinha *ao pintar da faneca.* Aquela seresma do avô deve-lhe ter ficado *atravessado na garganta.*

— ¿«Antão», que queres?...

— *Antão era pastor e guardava ovelhas.* Bom; vamos tratar da vida. *¡As massadas estão proïbidas!*

*

— Vais saber uma de primeira ordem. A D. Margarida pôs um pé em falso e deu uma tremenda queda. Fartei-me de gemer para poder levantá-la do chão; ¡com aquele pêso monstro, calcula! ¡À uma! ¡ás duas!... ¡acima! *¡Arranca-te nabo, que já estás criado!* Foi uma scena nunca vista. ¡Pois, ainda por cima me descompôs! Que eu que fôra o culpado; pouco faltou para me bater: ¡Em-

fim, *arden Troia!* Mas há mais: na queda, aleija um pé, ¡e *aqui (aí) é que a porca torce o rabo!* — para a pôr em casa, vi-me aflito; e como ela *arde em pouca chama (a pouco fogo)*, sempre receava apanhar o meu tabefe. Estavam a jantar quando lá chegamos...

— *¡Á hora de comer sempre o diabo trás mais um!*

— É facto. Houve choros, etc., etc.; tu é que tens a culpa, és tu, dizia-me ela furiosa; e o caso é que *apanhou aquilo a dente*, e, emquanto não me vim embora, não me deixou socegar. Ainda cheguei a dizer-lhe qualquer cousa; tornou-se apoplética e, grosseira como é, despediu-me, agradecendo-me desta amável maneira: *¡aqui não é sala de cães!*

— ¡Que regateira! E tu sem lhe poderes responder condignamente.

— ¡Pois, *aí é que me doe!* Mas fiquei embatucado; calcula. *¡Áque de Deus* que fôra eu que a fiz caír! ¡Ora a malcreada! *A gente vê caras, não vê corações;* supunha-a pessoa delicada. ¡Ah! que se eu sei a prenda que ela era...

— *Aposto dobrado contra singelo* em como a tratarias do mesmo modo. Eu, sim; não tinha a tua paciência. *Ainda has de comer muita raza de sal* para chegares a conhecer esta gentinha e a tratá-la como merece. ¿Sabes que essa mulher foi mais de 20 anos regateira na praça?

— ¡Ah!...

— *¡Ah! ¡mas estão verdes!* É isto que te digo.

— ¡E ela *a arrotar postas de pescada*, dizendo a todo o mundo que teve uma educação esmeradíssima!

— *¡Ah! ¡cão que t'arrinco o rabo!* ¡E eu que nunca lhe ouvi dizer isso! Afinal é mulher que até no próprio marido mata a nostalgia da sua antiga profissão. Um bom estafermo.

— *Anda o carro adeante dos bois;* o marido é que tinha razão para a descompôr e até sovar.

— O marido está *atado de pés e mãos* para isso, porque ela é quem o sustenta: são dignos um do outro. Basta ser aquela harpia quem, na casa, *alarga (pucha pelos) cordões à bolsa*, para que o homem a tudo se amolde. Meu amigo, *as vidas estão curtas*, e êle faz muito bem em não se ralar. Verdade seja que, de quando em vez, *abona Cascais* e êle apanha a sua tareia, quando *as nuvens andam baixas*, isto é, quando a cara metade está mais atacada da tal nostalgia; mas...

— Como *a (esta) vida são dois dias*...

— *Agüenta-se no balanço*, que não tem outro remédio, para não morrer de fome.

— Pois, *aí é que bate o ponto*.

— É verdade: ¿que terá o Fernando, que há mais de duas horas não sai daquele portal, além? Tu deves saber; vinhas com êle.

— Olha que não; mas é possível que esteja *á espera de quem não prometeu de vir*...

— Ora, vamos. Não estejas *a fazer-te Inês de Horta*, pois que, *ainda a manhã vem em casa de Deus*, e já vocês ambos por aqui andam a jardinar até que horas. Afinal, podes guardar o segrêdo; mas sempre te direi que dos dois, quem fica a olhar és tu, menino.

— Isso *ainda o não disseram três doutores*, creio que é avançares de mais.

— Pois, se é o que eu julgo, afirmo-te que *anda moiro na costa*, e, porisso, acautela-te.

— *Até vêr, não é tarde*.

— ¡Pois, meu caro, a esta hora, é muito possível que estejas simplesmente... roubado!

— ¡Irra! *¡Aí bebe um boi*, homem de Deus! Pois enganas-te redondamente, meu sabichão. Já indaguei de fonte limpa e estou tranqüilo.

— Quer dizer, fôste dar o alarme e prevenir a pessoa contra ti; *apertaste o fiado*, espera-lhe agora pelo resultado.

— Não apertei tal; e se me fizerem partida, do que duvido, sei bem a quem devo pedir a responsabilidade. ¡Não me comem!

— *¡Ai, Veneza!* ¡Chega-lhe p'ra baixo!

— Demais sei eu que todas as besbilhoteiras da terra se entreteem a forjar tolices a meu respeito; mas estão bem aviadas.

— É caso para dizer-se que *cada o menino nas mãos das bruxas;* mas não faças caso. Tudo isso são balas de papel. Nem em tal deves pensar.

— Eu sei; todo êsse falatório só consegue provocar-me náuseas; prejuízo absolutamente nenhum, pois que, após tão fatigante azáfama...

— *A montanha pariu um rato,* é claro. Ainda assim, deves concordar que *andas com a macaca,* pois que os alviçareiros conseguiram indispôr-te com toda a tua família.

— Não há dúvida; e são pessoas que toda a gente considera, êsses mariolas.

— Eu, no logar dos teus, lhes diria: êles a baterem à porta e eu logo: *¡aqui não é o curral do concelho!* ¡Rua!

— Ou então fazer o mesmo que o Duarte em idênticas circunstâncias: certo dia, a um dos tais besbilhoteiros, *apanhou-o com a bôca na botija* e deu-lhe uma respeitável carga de páo. ¡O mariola *apanhou um calor* de que toda a vida se há de recordar!

— ¡Isso, *alturas!* Era ligar-lhe consideração demasiada; não senhor. Não há como o desprêso para tal corja.

— Pois, meu amigo: se eu apanhasse um dêsses tipos a geito, havia de dar-lhe *até tocar a quebrado;* do desprêzo se estão êles rindo. Mas, já agora, ¿que remédio senão *agüentar e cara alegre?*

*

— ¡Ò João! ¡Tu parece que não tens juízo!

— ¡Essa não está má! ¿*¡A (por) que carga dágua* me vens tu com êsse disparate?!

— ¿¡Disparate?! Então tu rejeitas o logar que te oferecem...

— ¡Safa, demónio! *¡A cada canto seu espírito santo!* Estou farto de ouvir repisar na mesma coisa. ¿Vocês não me deixarão em paz?

— ¡Sim, senhor! ¿Fazes a asneira e não admites que te censurem? ¡Um homem que não tem 5 réis de seu e recusa um emprêgo que lhe daria um conto por ano! Tens razão: *¡a ordem é rica e os frades são poucos!* ¿Rico, como és, não precisas de esmolas, hein? — ¡Meu catita!

*

— Na ocazião, estávamos eu, o António e o Luís.

— ¿¡O Luís, também?!... ¡Se êle estava no Pôrto, homem!

— Tens razão, menino: era só eu e o António.

— ¡Ah!... *¡Agora ouvi eu!* Era engano da tua parte.

— ¿E tu nunca te enganaste?... «Antão»...

— Antão era pastor e guardava ovelhas... ¡Está di reito!

— ¡Ah!... sim... ¡Tu queres conversa!... *¡Até o diabo se ria,* se estivesse agora a ouvir-te com a tua léria!

— ¡Ora vejam, que homem êste! .. ¿Estou alegre?... *Aqui d'Elrei* que não está para me ouvir; ¿estou triste e não falo?... *¡Aqui d'Elrei* que sou um semsaborão!

— *¡Adeus, Viana (que eu vou p'r'ó Porto)!* ¡E tu a dares-lhe!... ¿Pois tu não vês, meu rico, que todos estamos com pressa? Ora, não nos empates as vazas.

— *¡Anda-me, Zéfa!* ¡Estás hoje duma fôrça!... ¿¡Então, assim me descompões, *á vista (face) de Deus e de todo o mundo?!*

— ¡Ora essa!... *Aqui, onde me vês*, até em frente do Diabo t'o faria, se tivesse razão, como agora.

— ¡Ah!...

— *¡Ah!... ¡Mas são (estão) verdes!...* ¿¡Pois, que cuidas!?

— ¡Cuido que estás hoje bravo, como o raio!... Ó Alfredinho: *¡¿azeite ou vinagre?!* ¡Ao menos, previne a gente, quando assim estiveres!... ¡Irra!

— Efectivamente, o Alfredo está hoje *azêdo como rabo de gato*, e, com franqueza, *ainda que eu mal pergunte:* ¿aqui, o Gaspar fez-te alguma partida?

— Não, embora êle ande sempre *a fazer das suas*, por toda a parte. Mas é que, mal se trate de coisas sérias, ¡caramba! — *¡antes morte que tal sorte!* — ¡começa logo a deitar asneira grossa e a envergonhar a gente!

— *¡Ah! cão de Niza!...* ¡Este Alfredo é um demónio quando está ao pé do Gasparinho; e, aqui o Casimiro também *afina p'rá mesma!*

— *¡Ai, não, tu não querias!...* ¡Com êste chato do Gaspar não há paciência que resista!.. ¡Safa!...

— Nada: *aí anda (aquilo é) coisa.* Não é por o que dizem, que os dois manos estão contra o Gaspar.

— ¡E descompõem-me, assim, estes meninos!...

— ¿E, então? ¿Descomposémos-te?... *¡Agora vai-te queixar*, se quizeres! Anda depressa.

— Não é preciso: *¡a todo o tempo é tempo!*

— ¡Ah! rapazes: ¡parece-me que atinei!... «Cherchez la femme!»

— *¡Apanhaste-a no ar*, ó Virgílio!... Olha que não é outra coisa. ¡Entre os três, há uma mulher entalada!

— ¡Olha, a novidade!... Já eu há bons três dias que *ando com o ôlho à espreita*, e não perdi o tempo. ¡Porém, nenhum dos três se lamberá com a «diva»! A quem ela dá sorte é ao Artur.

— ¡¿Ao Artur?!... ¡Ora, *abençoada mãe que tal filho*

pariu (creou)! ¡Olha com que cara êles ficaram! *¡Apertem as mãos na cabeça,* andem; e chamem-se desgraçados! ¡Eu, no caso dêles, ia já suicidar-me!

— Ora: deixem lá, meninos; *ámanhã também é dia;* e hoje mesmo, já é tarde demais para isso.

— Olha, o Gasparinho: ficou entupido e raspa-se. ¡Ó Gaspar! ¡Não te vás embora!... Isso: *¡agora o vereis!...* Aquele leva a sua conta. ¡Pobre rapaz!

— ¡Ó Gaspar! *¡Á bol' à bola!...* ¡Tens ladrão em casa!... ¡Corre!... ¡Aponta-lhe bem!... *¡Á cabeça do boneco, pum!...* ¡Ah! ¡Ah!... Lá vai êle a correr, coitado.

— Mas, a sério: ¿vocês dois também eram pretendentes?

— Ó rapazes: olhem que o Gaspar é capaz de ir fazer *arrefecer o céo da bôca* ao Artur. ¡Ah! ¡Ah!...

— Se tal acontecer — *¡altos juízos de Deus!* — é muito bem feito, porque o Artur é tratantote...

— Não tenho relações com esse; mas o que é facto é que não deve ser grande coisa: *a cara não o ajuda.* E o Gaspar faz bem em aplicar-lhe uma sova.

— Duas até, pois que o Artur, de há muito que *andava com ela ferrada,* para tirar a pequena ao Gaspar com quem anda a ferro e fôgo.

— É um maroto o Artur; ninguém póde vê-lo. *É apontado a dedo* por esta e outras patifarias que tem feito e que lhe teem valido o desprezo geral.

— Ó rapazes, calem-se, que *as paredes têm ouvidos,* e eu não quero questões com tal sujeito. Se *arrastou a aza* à rapariga, e esta gostou, que lhes preste.

— Olhem o Cesário... ¡Ó Cesário! ¡Então... adeus!

— *Adeus, olhos pretos como os meus!* Hajam de desculpar; não vos vi. Ando em cata do Frederico. ¿Vocês viram-o por êstes sítios?

— ¡«Caramba»! ¡¿Então você não me vê?! *¡Abra os olhos!*

— De noite todos os gatos são pardos. ¿Vês? Não quizeste cear comigo. Perdeste um belo acepipe.

— Alguma porcaria, pela certa. ¿O que era?

— *¿Asas de môsca com bicos de rouxinoes*, aposto?

— Não digo: é segredo. Não fôssem tôlos; aparecessem. *¡Agora digam-lhe que são marotos, (maus)!*

— ¡Ora êste tratante que me prega uma partida destas!

— ¡Anda, menino; é assim mesmo! *¡Agora chama-lhe de nomes!* ¡Eu bem te disse a hora, meu bruto! ¿Afinal, já sabem?... Tem hoje havido pancadaria medonha entre os rapazes da Academia e os do Seminário.

— Sem contar dois incêndios nos arrabaldes e uma scena de facadas na Ribeira. *Anda o diabo à sôlta*, com certeza.

— Estou aqui há uma hora, e ainda não consegui ver o tal tipo em que me falaste.

— São 2 horas; às 4, passa sempre por aqui.

— ¡Ora adeus! ¡Eu aqui *à espera do homem das calças (capa) pardas!* Vou-me embora, que tenho que fazer.

— ¡¿Tu, teres que fazer?! ¡Eu vejo-te sempre por aí, no passeio, *a dar ao penacho!* ¡Sempre me saíste!...

— O Afonso não mente: tem sempre afazeres *a dar com um pau*. ¡Só nesta rua são quatro!

— Lá estão vocês a *afiar a tesoura (tesourinha)*.

— Tens razão, Afonso. Estão a caluniar-te, estes melros. Ainda se tal fizessem aqui ao Luís...

— *¡Alto, vareta! ¡Comigo ninguém se meta!* Creio bem que ninguém terá nada que me dizer.

— Pois, claro. ¡O Luís está lá em disposições para namorar!... Há quinze dias, que êle, coitado, *anda com a sela na barriga*, comendo e fumando à custa dos amigos: *¡anda apertado da broxa*, o rapaz!

— ¿¡E és tu que *ainda tens cara* para me dizeres isso!? ¿¡Não fôste tu e os outros que me *armastes a rêde (ratoeira)* com a batotinha, deixando-me depenado?!

— Eu, não. O Filipe foi quem te convidou. Bem vês que é a êle *a quem toca a pedra*, e não a mim.

— ¡Ah! ¡Ah!... Ó Luís: ¿então tu fias-te nestes gajos? ¿¡Não sabes que, tipo que lhes caia nas mãos, *às duas por três*, fica de pernas para o ar!? Sempre que os lobrigues, raspa-te, meu velho: *¡adeusinho, que é mais docinho!* Cautela com êles.

— Estás vingado, Luís. ¡Ora toma! ¿Que sova, hein?

— *¡Aprender até morrer!* Uma vez a Cascais e nunca mais. ¡Com tais meninos, nem para o céo!

— Não: *a verdade, manda Deus que se diga:* para toda a parte se pode ir com êles... logo que não levem as cartas.

— ¿Então, o passeio que se combinou? ¿Alugam-se os trens ou não?

— ¿¡Trens?! ¡Isso é *atirar dinheiro pela janela fora!* Vamos no eléctrico, que é mais baratinho, meninos.

*

— ¡Afinal a Terezinha que dizia cobras e lagartos do Rodrigo, declarando que nada precisava do rapaz, *abateu a prôa*, e está agora às sôpas dêle!

— ¡É lá possível, menino!... *¡Andarem a ferro e fogo* um com o outro, para cair tão vergonhosamente!

— É certo. Mas a culpa não foi da rapariga. O tio desta é que lhe *armou araras* a propósito do Rodrigo, dizendo-lhe as peores cousas a seu respeito.

— ¡Oh! ¡que maroto! ¡E o Rodrigo, há bons seis anos, *a beber os ventos*, doido de amores pela pequena!

— Pois, porisso mesmo é que o tio não o podia ver nem enxergar, e pretendia malquistá-lo com a Tereza. ¡Mas, descoberta a marosca, o Rodrigo deu, no traste, tamanha tosa, que o ia matando!

— *¡Ai!*... ¡É mesmo assim! Valente rapaz.

— Pois, é verdade. O Rodrigo levou-o aos pontapés desde casa da rapariga até ao fim da rua. O patife, *aqui cai, além se levanta*, lá se foi arrastando para casa, a coxear, moído como uma salada.

— É verdade, ó Augusto: ¿que tal vais do reumatismo?

— *Assim, assim.* Estou ainda bastante atacado. Quem me vale é a minha tia, excelente mulher que não se poupa a sacrifícios para me proporcionar todo o conforto possível.

— É uma santa, não há dúvida. O marido adora-a.

— ¡Se tu visses! *Aquilo é: ¿boquinha que queres, coração que desejas?* Tem para ela mais extremos e cuidados que uma mãe para uma filha que idolatra.

— ¡Ó Chico! ¡Afinal, o Julião apanhou a sua conta!

— Não chegou a apanhar; mas veiu de casa do tio *a bufo de gato*. Se não foge tão depressa, levava duas bengaladas. O rapaz não tem o juízo todo: ontem foi declarar ao velho que a única coisa que lhe convinha era sentar praça e deixar de estudar. ¡Que ia para a África e, em menos de três anos, era alferes! ¡Ah! ¡Ah!... ¡Isto, depois de, há meses, ter dito que queria formar-se em direito, que era a carreira melhor e que não queria outra!

— ¡Olhem qu'isto!... ¡O rapaz *anda a nadar!*... ¿Êle sabe lá o que lhe convém?... Entre doutor e militar, melhor lhe fôra escolher a vida de... sapateiro. Talvez dê muito nessa arte.

*

— ¿Ó rapazes: já sabem da última novidade?... ¡O Alberto deu dois «estalos» no carão do nosso professor de latim!... ¡Que pena eu tive de não poder também molhar a minha sôpa! Mas, ainda lhe não perdi as esperanças.

— *¡Benza-te Deus, e que te não lamba o gato!* Fôste

sempre assim, e já agora, *burro velho não aprende línguas* — assim irás até morrer.

— Deixa lá o João; não o apoquentes, que *bem lhe basta o seu mal.*

— Cala-te; tu és outro que tal: *bem te conheço; és de Braga e chamas-te Lourenço.* Mas contigo posso eu. Quando pensares em fazer o mesmo, *benze-te*, e lembra-te do pai; ¡de mais que és *bruto como (uma porta) um pataco de D. João 6.º* e ês muito capaz disso!

— *¡Boa vai ela, senhor Quintela!* ¡Quem te ouvir, há de julgar que falas a sério!

— *¡Bico (calado)!* Tu não tens autoridade para me falares nesses termos.

— *¡Bravo, que risca, senhora Francisca!...* Tu decerto, não estás bom. Deixa-te disso, mano.

— Tens razão; querer convencer-te é *bradar no deserto.* Em todo o caso, acautela-te.

— *¡Bem digo eu!* Estás nos teus dias aziagos.

— ¡Olha, menino: faz o que te digo, se quizeres; se não quizeres, *boas noites!* .. Lá te avenhas. *¡Brada ao(s) Céo(s)* tamanho descaramento! *Bem se diz êle:* quem tôrto nasce, tarde ou nunca se endireita.

— ¡E é que *bate certo*; estás feliz na oratória, rico mano do meu coração! Também, para resolver enigmas, és um portento, mas... não vais muito além do *branco é, galinha o põe.*

— ¡É demais! ¡Toma, atrevido!

— *¡Bumba, canéco!* ¡Chega-lhe, Abílio! ¡Olha, se eu consentia que um fedelho dessa ordem estivesse a troçar o irmão mais velho!

— *¡Bem te conheço, meu pau de larangeira!* ¡Você aplaude meu irmão que me bate, e já se não lembra do que fazia ao seu, na minha idade! *Boas noites, tio Pedro;* vá lá dar leis a sua casa.

— Está muito bem; ¿¡então és tu que assim me falas!?

¡Pois volta lá a casa! ¡E foi êste maroto há dias *bater-me ao (no) ferrolho* para que eu o livrasse de aflições! ¡Que «caipira»!

— ¡Favores dêsses, *barata feira!* — qualquer m'os faria.

— ¡Ou tu não tens o juízo todo ou és um patife de primeira plana!

— ¡É assim mesmo. Prescindo de você, seja lá para o que fôr. Outro tanto lhe não acontece a si, que ainda ontem se fartou de *bater a todas as portas* e nenhuma se lhe abriu. Parece incrível que, para um cavalheiro tão honesto, e precisado, toda a gente tivesse *batido as ásas (e voado)!*

— Desculpa-o, que êle está doido. Não sabe o que diz. Em casa, o pai lhe pedirá contas.

*

— Ora, calcula tu que minha tia ficou tão zangada com meu irmão, que correu logo a nossa casa.

— ¡Ah! Ah!... ¡Por sinal que *bufava como uma baleia* quando lá chegou! Rebentava de estafada.

— ¡Com aquela gordura toda!... ¿Descompostura em forma, hein?

— Pois claro: é dos livros. Mas, deixa, que eu me livrarei dela.

— ¡Has de livrar *boas coisas!* ¡Aquilo é uma carraça!...

— ¡Ora!... Mudo-me para um 4.º andar; é remédio santo.

— *¡Bôa ideia, seu Soares!* ¡Se a ela já lhe custa subir a um 1.º andar, que fará ao 4.º!... ¡Estás salvo!

— ¡Não há dúvida que essa é *bem apanhada!*

— ¿¡Pois?! ¡Estou lá para a aturar! ¿Meu irmão faz as asneiras e eu é que as pago? E é um *burro (besta)*

de sorte aquele demónio: descobre sempre meio de furtar se ás iras da titi, o alma da bréca.

—¡Que admiração! ¡Se êle é um mosquito, e ela um elefante!

—¡Ah! Ah! *Bem metida;* sim senhor. Bate certo.

—Enganam-se: é porque minha tia é doida por êle, e não me pode vêr a mim. Para ela, meu irmão é um santinho. Mas, desta vez, creio que o mano *borrou a pintura.* É que minha tia não sabe ainda da partida feita pelo sobrinho há uns quinze dias; quando o souber, meu irmão é homem ao mar.

—¡Já sei: o câmbio das libras!... ¡Ah! ¡Ah! ¡Ah!... ¡Mas, essa foi soberba, homem! ¡Que *bem dada bola!* ¡Gastar uns oitocentos mil réis do ágio das libras, na pândega, livrando de tal pêso a «burra» duma tia riquíssima e miserável, é divino!

*

—¡Já te disse que, a esta hora da noite, não te deixo sair de casa. E escusas de bater com os pés no chão!

—*¡Bate padeirinha, bate bem o pé!* ¡Pouca bulha, menino! ¡E tu, mulher, manda-m'o deitar, senão, ainda hoje arranco uma orelha a êsse maroto!

*

—Depois de dois meses em que de nada me falou, o meu velhote saiu-se-me hoje dizendo-me que talvez me podesse dar os cem mil réis.

—¡Bravo! Estás um felizardo. Mas, tem cautela, menino; não largues a brecha. Agora é que é: *bater o ferro, emquanto está quente.* Não vá êle esquecer-se da promessa, que é *bôa como o bom melão.* ¡Ora, até que se *chegou á razão (rêgo)* teu tio!

— ¡Ah! ¡Ah!... *¡Caíu a sopa no mel!...* ¡Eu estava tão precisado!

— ¡Em compensação, quando eras petiz, fartou-se de *chegar-te a roupa (fato) ao pêlo (corpo)* e *chegar-te as orelhas aos olhos!*

— ¡E hoje ainda preciso de ter cautela... Sim... que *cautela e caldos de galinha não fazem mal a doentes!* Entretanto, deixem-me gosar esta felicidade que me *caiu (veio) do céo aos trambolhões.* Bem basta que ande toda a semana a *correr Séca e Méca e olivais de Santarém* em cata dum triste e enfezado cigarro.

— Tens razão, menino. ¡Hoje, *coração ao largo!* e toca a gosar; depois é que é peor...

— Até de hoje a oito dias, é contar com a negra miséria. *Contas na mão e borracha á cinta;* ¡que remédio! Jejuns e mais jejuns.

— E é ainda na hipótese de teu pai te não *chamar a capitulo (á barra)* como hoje fez a teus irmãos.

— *¡Cêbo de grilo!* ¡Não me lembres tal coisa!

— Vou lembrar-te coisa melhor; até te faço *crescer a água na bôca:* uma bola arrozada de lampreia no restaurante da Zéfa.

— ¡Ai! menino. *¡Chega-ma ao bico e verás como eu fico!* E eu que estou *com a barriga (estômago) a dar horas;* vamos lá a isso já. ¿Digo-te que havemos de *comer até lhe tocar com o dedo,* hein?

— Está dito. Mas devemos entrar lá *como quem não quer a coisa,* senão temos que agüentar com os exploradores; tu sabes.

— Podemos ir pelas trazeiras da casa para não darmos na vista. ¡Deus me livre! Se meu pai o soubesse, *caía o Carmo e a Trindade.*

— *¡Cruzes, canhôto!* Ninguém nos vê entrar, e pede-se segrêdo á Zéfa; e ficamos á nossa vontade, porque na sala comum está-se *como sardinha em canastra,* tanta é a gente

nestes dias. Mas mesmo que teu pai o soubesse: ¡não lhe *caem os parentes na lama!* Ele também já foi como nós.

— Mas, menino: agora como já não está em idade de folias, *canta de poleiro* e acabou-se. Na nossa idade, era êle um dos melhores freguezes da Zéfa; *custavam-lhe os olhos da cara* as pândegas rasgadas que por lá fazia com os amigos, e agora *caçôa com a tropa*, pretendendo convencer-me de que foi um menino virtuoso...

— Ora, adeus. ¡*«Chacun» governa-se!* E êle governou-se lindamente. ¡Não sejamos parvos!

— Olha, que se êle o sabe, é capaz de matar-me.

— ¡*Cantigas, ó Rosa!* ¡Há de matar-te, mas é *com faca de cana, Victor, Mariana!* ¡Homem, parece-me que tu *comes muito queijo!* Em certos dias pareces-me bruto. ¿Então, é lá coisa que se compreenda, um disparate dêsse lote? *Cáio das nuvens* com êsses teus negros terrores. Pois, sim: ¡*canta, que logo bebes!*

— ¡Mas se êle tem um génio terrível, menino!

— ¡*Comes logo!* O que tu queres, com toda a tua trêta, é forrar dinheiro. ¡Ó grande agiota! ¡*Com essa cara não me venhas vêr!* Olha, meu amigo: *cartas na meza e jôgo franco.* Tu fazes de teu pai uma fera, sendo êle um belo homem; escusas de te amedrontar e vem, que todo o teu e o meu mal é... fome.

*

— ¡De primeira ordem, meu velho, êste saboroso petisco! ¡Ainda que eu daqui saia *com uma mão atrás e outra adiante,* hei de aqui enterrar todas as minhas economias, embora mesmo tenha depois que *comer o pão que o diabo amassou!*

— ¡Ora graças! Já te desapareceu a tristeza. Eis-te com a *carinha n'água;* isso é que se quer. ¡Não há casmurrices que resistam à cosinha da nossa Zéfa! ¡Teu

pai, nos seus bons tempos, e talvez que a esta própria mesa, quantas vezes não *chamaria um figo* a todos estes belos cosinhados!

— ¡ E então êle que é um gastrónomo de raça! ¡ Só o cheiro era o bastante para êle dizer logo *chega-m'a!* É que está divina esta lampreia.

— Pois então, nada de cerimonias; estamos sós, as praxes abolidas. Somos aqui *como o vilão em casa do seu senhor;* podemos mesmo comer sem garfo e meter os dedos na bôca.

— ¡ E com o nosso bom apetite! Ai, menino: ¡ quatro rapazes da nossa idade, já com o estômago arrombado, passariam por aqui *como cão por vinha vindimada!*

— O Augusto, por exemplo; tinha um estômago de ferro. Hoje *chora lágrimas de sangue* sem poder dar-lhe remédio; fartou-se de cometer excessos, etc., e... *coisas, ó Rosa;* está um perfeito chaveco. E a propósito: já há meses que não o vejo; creio que se casou.

— *Casou-se, matou-se;* está sempre metido em casa. Casou com fortuna e o sôgro arranjou-lhe um belo emprêgo; de forma que *com uma cajadada (cacetada) matou dois coelhos.* Mas vê tu como são as coisas. Sogra e genro passaram anos a *cortarem na casaca* um ao outro; não se podiam ver, e, afinal, são presentemente os melhores amigos. É que a mulher era doida por o Augusto, e o sôgro doido pela filha.

— Então, menino: *¡ contra isso, batatas!*

— E *cada qual lá sabe as linhas com que se cose.* Êste mundo é assim. Em todo o caso, se o pai fôsse teimoso, podia *correr-lhe com a sorte;* não o fez e andou bem. Hoje são os dois *como a unha e a carne,* e o Augusto é doido pela mulher.

— Creio que, antes de casar, andava sempre atrelado às saias.

— Era muito doido, era; e porisso é que o sôgro

actual o não podia tragar. Por sinal, a última amásia que teve *comeu-lhe os olhos da cara* e deixou-o sem cinco réis; então, *caíu em si,* casou-se e curou-se dessa moléstia.

— Agora me lembro de ter ouvido falar nisso aqui há tempos. Mas foi o sôgro, homem, quem lhe *cortou as ásas voadeiras,* ameaçando-o de não lhe dar a filha. Dessa forma, o Augusto *coçou na orelha,* olhou para a algibeira, viu-se *chato que nem um prato,* e, para não deixar fugir o dote, agarrou-se ao casório *com unhas e dentes.* Assim é que foi.

— ¡*Conta-me, (diz-me) dessas!*

— ¡*Cantés!* Se não fôsse isso, ainda êle estava solteiro a esta hora.

— ¡*Com as duas mãos (a mão esquerda) me benzo!* Não sabia de tal.

— E o sôgro *cantou-lhas(lhe),* atirando-se a êle *como gato a bofes,* que o deixou a suar. Chegou mesmo a *crescer para êle,* quási a esbofeteá-lo; mas... ¡*cala-te bôca!* O rapaz tomou rumo, e, porisso, mal feito fôra estar a assoalhar o que entre os dois se passou.

— Emfim, *cada qual tem a sua maneira de matar pulgas.* Pois eu, no logar do Augusto, não admitiria tais excessos.

— Eu estou *como o outro que diz...* O Augusto teve sempre aquele feitio e viu que, só calando-se, *chegaria a braza á sua sardinha.*

— Além disso, êle gostava da rapariga e, por amor dela, seria que se calou; mas não posso aplaudi-lo: podia e devia portar-se com dignidade, e, infelizmente, não o fez.

— ¡Homem! Tu tens umas teorias muito patuscas a propósito de tudo e de todos. Não me sejas casmurro. ¿*Com que sonhas, porco? com a bolota.* Aqui tens: o porco-homem e a bolota dinheiro. A dignidade, em pre-

sença dum estômago vasío e da miséria possível, arde como isca. ¡Tu estás *com a cabeça à razão de juros!* Anda, come e deixa-te de tolices. Mais esta posta, vá.

—¿Tu queres que eu apanhe uma indigestão?

— Toma lá; isto *cabe na toca dum dente.* Não estejas *com cara (ar) de caso,* que não vale a pena. Olha: aí vem gente; estamos arranjados.

—¡Olha quem aqui está! ¡Ó rapazes, entrem! Não recebemos convite, mas é o mesmo.

—*¡Cresça o monte!* Quem paga são êles.

—*¡Can,tan,d,ó, dó!*

—Pois, sim. *¡Canta, que logo bebes!* ¿Vocês não nos deixarão em paz? ¡E entram então aqui, *como quem vai de caminho!* ¡Que pândegos!

— *Caíu algum santo do altar,* certamente, para vocês virem banquetear-se p'r'á Zéfa.

— Vamos; sentem-se se quizerem, mas não façam chinfrim. É verdade: tu vens de Lisboa, Antoninho. Trazes novidades; conta lá.

—Nem porisso. Comprei um bilhete e saíu-me o segundo prémio.

—*¡Chucha, que é cana doce!* ¿¡E estavas então *calado com o jôgo!?* ¡Que finório! Fôste mais feliz do que eu o ano passado que vim de lá *com as mãos a abanar.*

—¿E queres que te paguemos o jantar, meu fareista? ¡Um nababo a *comer á custa da barba longa!* Tinha que vêr!

—¿Que estás para aí a dizer, meu urso?

— *Cá falo.*

—Importo-me tanto com isso, *como com a primeira camisa que vesti.*

—Mas a sério: ¿saiu-te a «taluda»?

— É verdade, e por sinal, que bastante arranjo me fez. Estava à espera dela, *como quem espera pela vinda de Cristo;* e, afinal, cá me chegou; ¡mas... foi-se! Es-

tou à divina. Conhecida a novidade, *caiu-me em cima êste mundo e o outro.* Os crédores meteram-se-me na algibeira *como piolho por costura* e eis-me de novo a tenir. Em todo o caso, não estou triste: paguei o que devia, ninguém me encomoda.

— *¡Camões é cego!* Nessa é que eu não creio, ó menino.

— ¡Olha o fedêlho! *Cresce e aparece,* e poderás então falar. *Crescem as mãos á gente* com os atrevimentos destes petimétres.

— Que demónio. ¡Aqui há uns tempos parece que andas *com o rei na barriga!* Ninguém te pode falar.

— *¡Conversa, que o jantar é logo!*

— Podia ser já, se tu não fôsses um unhas de fome.

— *¡Cantigas, tenho ouvido muitas!* O que tu queres sei-o eu; mas não estou para te aturar.

— D'acôrdo; mas não sejas intrujão. Ainda ontem, *com estes dois que a terra há de comer,* te vi na mão umas oito notas de cem mil réis.

— *¡Com o que êle cá vem á feira!* Com essas notas paguei eu umas poucas de dívidas.

— *Contos (histórias) da Carôchinha.* Não me obrigues a falar; olha que ficas envergonhado.

— ¿Mas, afinal, que queres tu dizer com isso?

— *Cá me entendo;* não mostres o dinheiro, que ninguém te obriga, mas não faças de nós, parvos. E, visto que estou *com as mãos na massa,* sempre te direi que ainda há pouco te lobriguei na carteira uma nota de cincoenta.

— Calem-se com isso, rapazes. Estão a *chegar ao ponto de rebuçado* e estragam tudo.

— Tens razão; querer convencer êste forrêta é o mesmo que *chover no molhado.* Demais, que á mais simples coisa, *chega-lhe a mostarda ao nariz.*

— Ora, aí está: *¡com papas e bolos se enganam os tolos!* ¡E acreditou êste pateta que eu estivesse falando a

sério! Confessa que és tolo, menino. Alegra-te, que quem hoje paga sou eu. ¡Has de comer até rebentares!

— Caíu na esparrela *como o mais pintado;* mas houve quem o seguisse.

— É certo; eu também me convenci de que vocês estivessem já *com os seus azeites.*

— ¡Ah! ¡Ah! *Castiguei-te sem pau nem pedra;* para a outra vez, não sejas imbecil. ¡Rico filho! *Caiu-te o coração aos pés;* és creança, não admira. Se acompanhasses comigo, já nada disto era.

— *¡Contigo, nem para o Céu,* alma do diabo!

— Está bem; não te aflijas, que perdes o apetite e vais passar *como gato por (sôbre) brazas,* por cima dos pitéos da tia Zéfa, e isso é muito feio. ¿Então eu não tenho copo?

— Isso é «avis rara» nestes dias: ha um, por junto.

— *¡Camisas minhas e do meu impedido (camarada), uma!* ¡Essa é boa!... ¡Um copo, rapaz!

— Anda tudo doido com a freguezia: não te atendem tão depressa. Tens que servir-te *com a prata da casa.*

— ¿Que diabo está ali a parolar o Alberto há mais duma hora? ¡Já é ser massador! Ó Alberto!

— Tem *conversado as estopinhas;* vão lá buscá-lo.

— Cá estou, rapazes. Estive ali a aturar um demónio que não me larga por causa de certo negócio; *contos largos;* logo vos direi.

— ¿Que estás tu para aí pasmado *como um boi em frente dum palácio?* ¡Que pastas de creados a Zéfa meteu em casa! Traz mais vinho.

— É preciso *cantar-lhes a Moliana;* doutra forma, não fazem nada. ¡E êle parado! *¡Córte!* ¡Vá buscar mais vinho! ¿Não ouviu?

— ¡Ora, graças! Eis o vinho. *¡Cá recebi; não era pressa!* Vocês precisam de espertar e ser mais diligentes, senão. adeus gorgetas.

— A êsse diabo já a Zéfa *cantou o rei chegou,* mas foi o mesmo que nada; também, já está *com o pé no estribo;* amanhã é pôsto na rua.

— Efectivamente, o estafermo não *chega á craveira* para o serviço da Zéfa; é um papa assôrda.

— E ela então que quer as coisas feitas *com todos os éffes e érres.* Mas como é uma estoira vergas, os creados bons não lhe param cá.

— Não admira; o Suíço que é um café à altura não os tem melhores. *Cá e lá más fadas há.*

— ¡Bumba! Lá caíu o papa assôrda pelas escadas abaixo!

— Deixa lá. *Coisa ruim não tem perigo.* Olha: êle aí está sem uma beliscadura. ¿Partiste alguma coisa, rapaz?

— Não senhor; foi só uma travessa.

— Ainda bem. Pega-a *com cuspo de aranha preta* e verás: fica como nova.

— Já agora, o remédio é pagá-la, senhor.

— *Como quizeres, meu arroz doce,* mas traz-me mais pão e não partas mais louça. *Com geito e cuspo,* ainda amanhã podes levar dinheiro para umas calças.

— Acautela-te rapaz; doutra forma, não governas a vida. Se sais daqui com má fama, *corres as sete partidas (partes) do mundo* e ninguém te aceita.

— ¿Tens visto o Osório? Não há quem o veja.

— Anda *com a pedra no sapato* por causa da partida que lhe fizeram, e não aparece por isso.

— ¿Ele também, para que faz asneiras? O cunhado repreendeu-o, com muita razão, e o Osório *cantou-lhe d'alto,* e faltou-lhe ao respeito.

— É um tôlo. É dos tais que diz ter mundos e fundos e, afinal, não avesa cinco réis: *canta de galo e come de pito.*

— *Come-lhe o corpo,* é que é; precisava duma sova; ¡no lugar do cunhado, eu lhe diria!

— ¡O que êle tem feito ao pobre cunhado! *Coisas e tal, etc.*, levava tempo a contar.

— Aquela dos cem mil réis que lhe deram para entregar ao cunhado, é de primeira ordem.

— Bem sei: *comeu a caça pelo caminho* e o cunhado ainda está à espera do dinheiro. Embarrilou-o *como a qualquer burguez.*

— Depois disso é que o cunhado se pôz álerta, e tratou de indagar: *cada cavadela (mechedela) sua minhóca;* raro era o estabelecimento onde o Osório não devesse aos vinte e trinta mil réis. Nessa ocasião, ameaçado pelo cunhado, *chorou lágrimas de crocodilo;* ¡agora já se faz pimpão e insulta quem o sustenta e atura!

— É que foi sempre assim o Osório. Já em casa do irmão êle se julgava *como em país conquistado* e fazia toda a casta de tropelias.

— É verdade: ¿o sobrinho, que não o tenho visto?

— Está um rapagão; tem-se desenvolvido muito: *cresce sem licença de Deus.*

— Vocês estão para aí a dizer *coisas e loisas;* não sejam massadores; comam primeiro e conversem depois.

— *¡Como Deus quer os corações!* ¿Então tu não te comoves com tanta patifaria?

— Eu, agora, estou, *como lá se diz,* com ouvidos de surdo para scenas tétricas. Neste logar come-se e ri-se; não se chora. ¡Eh!... ¡Põe para aqui o meu rico charuto! ¡Que tal está o atrevido! ¿¡Então, *casei com a mulher para me dormirem com ela?!* E, vá lá: não quero que fiquem tristes pelos contrariar. Esta noite hei de *conversar com o travesseiro* e vêr se posso chorar um pouco sôbre as misérias do próximo. Portanto, não se amofinem.

— Vamos lá, rapazes: *¡cada frade á sua cela!*

— É melhor dizer: *cada môcho ao seu soito,* porque ámanhã temos aulas, e é preciso dormir; além de que

ninguém já se tem nas pernas nem atina com as côres...

— Enganas-te, menino. ¡Agora, que nos vamos, vejo-te a ti e aos outros... *côr de burro a fugir (quando foge)!*

*

— ¿Então o Rafael foi comido no negócio dos azeites?

— É verdade: *caíu como um patinho (pato).*

— ¡Que asneira!... ¡Vejam *como se escreve a história!*

— ¡Homem: repito-te que o Rafael *caíu como um tôrdo* no tal negócio, porque é um refinado parvo!

— ¡*Crédo!* ¡*Abrenúncio!* ¡*Senhora do Carmo!*... Não digas tamanho disparate. Decerto, não conheces o Rafael.

— ¡*Cebolório,* menino! Conheço êsse pateta melhor que tu.

— Não conheces tal. E tem cautela com a língua, que o rapaz não é para brincadeiras. Lembra-te que, só por o Alberto o outro dia o ter alcunhado de tôlo, na sua ausência, o Rafael jurou-lhas e disse que o mataria.

— ¡Ora adeus!... ¡*Cantigas do arrôz pardo!*... ¡Há de matá-lo tanto como matou o Mathusalem!

— É que o Rafael tem maus fígados. E, senão, é vêr-se: o tio que era pobríssimo mata-lhe a fome durante três anos, e fica arruïnado. O marôto *come á tromba estendida* durante todo êsse tempo...

— ¡E, então, que *comia como uma frieira,* o alarve!

— Embora. Mas has de concordar que é esperto.

— É verdade: ¡tem a felicidade de ser comtemplado com os seis contos na loteria, *cala-se com o jôgo,* o mariola, e sai de casa sem sequer se despedir do pobre velho! Em canalhice não conheço melhor.

— Pois... ¡A esperteza dêle *chegou ali (aqui) e parou!* ¡Ora!... ¡É incrível que tu defendas um tal patife!

— ¡Então, rapazes!... Isso já *cheira a chamusco, (esturro)* e eu não vos quero ver engalfinhados por tão pouco. Deixem lá. Ora, vamos, sejam rasoáveis: um *chi do coração pópó* para se congraçarem, e acabou-se a festa.

— Está bem, menino; se não falas tanto a tempo, envolviamos-nos em desordem e havia aqui um *chinfrim de três em pipa...*

— O que, de forma alguma, te convém, pois podias amarrotar-te todo. ¡Demais que andas hoje, *com o fato de vêr a Deus (e á Joana)!* É lindo que êle é.

— Não é feio, não; ¡e só me custou... a roubar!

— ¡Ah! ¡grande marôto!... *¡Com a verdade me enganas!* Mas... espera: ¡êle, é o fato do teu primo Braz!...

— ¿Pois então?... E não é nada de mais. ¡Vou-me pagando da «massa» que êle lá me tem! O marôto *comeu-me á esquineta;* mas eu é que lh'as não perdôo. ¡Calcu-las, lá!... ¡De manhã, assim que me viu com o fato dêle, foi uma scena!... *¡Chamou-me curto e comprido,* o diabo! ¿E, sabes? — isto é fato para 20:000 réis.

— *¡Com mais uns pós por cima,* meu grande gatuno!

— ¡Ó priminho! ¿¡E dizes-me isso com essa cara?!

— ¿¡E tu, com essa *cara (carinha) de sum, és, fui,* não estás ainda aqui a gabar-te da acção?!... Bem vês.

— ¡Ai, primo Braz! Tu não me conheces, senão...

— ¿¡O que dizes tu?!... *Conheço-te por dentro e por fora,* e demais até. E é por isso que, estando além a conversar há meia hora com uns rapazes, ia, *com o rabo do olho,* seguindo-te o gesto, certo do que estavas fazendo.

— Ao menos valha-nos a tua loquela, priminho. *¿Cortaram-te a trave?...* ¡Dantes, quási não falavas!

— ¡Hom'essa!... ¡Então, eu ando sempre atrapalhado da minha vida, aflito, *chorando como uma videira (cascata),* sem ter vintém, e êste melro a gosar de tal desgraça!

— Tens razão, Braz: ¡até já estás caréca, de tanto penar!

— *¡Caréca o pai, caréca a mãe, carécas quantos filhos tem!*

— Sim, meninos: *¡conversem!*... ¡Põe p'r'áqui o fato, anda! ¡E sem trazeres guarda chuva! Se m'o tens bifado ontem, estava servido: ¡estragavas-m'o com aquela chuva toda!

— É verdade: muito choveu ontem. Foi um dilúvio.

— ¡Caramba!... *¡Choveu tanta água, que até os cães a podiam beber de pé!*

— ¡Olha, o Francisquinho!... ¡Ó Chico!... ¡Anda cá!

— ¡Ah! ¡Ah!... *¡Chico, larico, bórra a cama e deixa o penico!* ¡Olhem com que cara êle hoje vem!

— Venho com a cara de todos os dias. Além de que, *cada um (qual) é como Deus o fez.* ¡Olhe qu'isto!

— ¿Então tu fôste intrujar o teu pai, meu marôto?

— ¿¡Qual intrujar?!... Ia *com pés de lã,* para êsse fim; mas não o conseguiu. Olha, Chico: como não tens habilidade para fazer cair o papá com os cobres, chega-te a mim que sou perito nesse assunto.

— ¿Sabes que mais?... Governa-te: *Cada um trata (cuida) de si, e Deus, de todos.* ¿¡Que tens tu com o que eu faço?!

— Está bem, Chiquinho; não te zangues. Vá lá: um *chi, coracão* para fazermos as pazes, anda.

— ¿Então, vocês negam habilidade ao Chico? ¿E não se lembram de quando o pai lhe deu duas libras que êle lhe pediu, muito aflito, êste vergalho, para pagar o vidro duma montra que partira?

— ¡Por sinal que *chorava como um vitelo,* e soube representar lindamente a comédia da aflição!

— ¡Tá, tá!... Não protestes, Chiquinho, que eu vi a scena, menino. A teu pai, *custou-lhe a roêr* a coisa; mas

como estava entre pessoas de cerimónia, não teve mais remédio senão pagar.

— Ó Chico: ¿então é certo casar-se tua prima?

— ¿Com quem?... Ela quer casar com o Abel; mas como o pai não deixa, declarou terminantemente que ia meter-se num convento.

— ¡Ora, adeus!... *¡Convento de S. José, com quatro sapatos debaixo da cama!* Isso passa-lhe; demais que o pai é amicíssimo da pequena e há de fazer-lhe a vontade. Ó Ferreira: ¡olha que são 3 horas!

— ¿¡Três horas!?... ¡Com mil demónios! Ia-me esquecendo...

— És um *cabeça de avelã (chôcha).* Anda, rapaz. Mexe-te. A esta hora, já lá estão fartos de te esperar.

— ¡Ora viva lá, seu André!... ¡Ah! ¡Ah!... ¿¡De calça branca?!

— *¡Calça branca em janeiro, é sinal de pouco dinheiro!*

— E de pouca saúde, rapazes... Não ando nada bom.

— ¡Cala-te, aí, homem!... ¡Tu tens saúde *como burro!...* Dá-me metade dela, que bem a preciso, e fica tu com o resto, que não vais nada mal.

— Enganas-te, meu velho. Em questão de saúde, estou tal qual o João Manuel; digo-t'o eu.

— ¡Valha-te Deus, emfermo!... Isso é *comparar um ôvo com um espêto,* rapaz. O João Manuel está paralítico, quási cego e tuberculoso. ¿E tu o que tens? ¡Um simples reumatismo que não te proíbe de seres um comilão de marca, andares córado como um rabanete e gôrdo como um frade!... Olha, amigo André: ¡borlóta!... ¡Não sejas mágico!

*

— ¿Fôste a casa do Hermenegildo?

— Fui. Assim que lhe disse o que tinha acontecido, *deu por paus e por pedras,* e ficou furioso; chamou o

creado e *deu-lhe pancada de crear bicho.* O Raul deve, a esta hora, *dar ao diabo a cardada* por se ter metido nisto.

— A irmã, assim que soube do caso, ficou perdida, a *dar com a cabeça pelas paredes*, aflitíssima. E, cá por fora, tudo a falar sem saber a verdadeira causa, e a comprometerem quem nenhuma culpa tem.

— *¡ Deixá-los falá-los que êles calarão-se (calarão-se-hão-se) (e a gente arranjará-se)!* Quem mais barulho faz, é um fulano... espera; tenho o nome dêle *debaixo da língua...*

— É o Esteves, bem sei; mas êsse já *deu com os calcanhares no rabo,* com receio de que o Hermenegildo ou o irmão lhe fôssem pedir explicações.

— ¡ Ah! *¿ Deu cebo nas botas?* Não andou mal; mas que não apareça, porque a todo o tempo se arrisca a apanhar uma sova mestra. Como o Hermenegildo, em tempo, lhe *deu com a porta na cara (ventas)* e não esteve para continuar a [illegible]o, o patife *disse as últimas* do irmão, caluniando-o, como patife que é.

— *¡ Diz-me dessas (e conta-me doutras)!* É ainda maior traste do que eu supunha.

— Mas o Hermenegildo é quem tem a culpa. Recebeu-o, depois de os amigos lhe dizerem que não o fizesse! *deu-lhe corda (guita)*; é bem feito.

— Eu próprio lhe mostrei o que era aquele mariola; êle, porém, não me quiz ouvir: *daí lavo as minhas mãos.* Se, logo de comêço, lhe *dá nas ventas p'ra traz,* como devia, nada disto era.

— ¿ Mas quem foi que te preveniu do acontecido?

— Foi o Raul; êsse é que *desfiou (desenredou, desenrodilhou, desfez) a meada,* contando-me tudo.

— Pois só te digo que a *deu em cheio,* não há dúvida. Está servido. Paga tudo *duro como óssos.*

— Não é êle o mais culpado. Foi o João que lhe *deu*

volta ao miôlo (mioleira, cabeça, toitiço) com as atoardas que lhe foi contar. E tão transtornado ficou que duas vezes me foi impingir a notícia detalhada dos acontecimentos.

— ¡ Irra ! *¡ Duas vezes é moléstia !* ¡ Ah ! que, se o Hermenegildo descobre a patifaria, o Raul e o João não ficam bem colocados.

— ¡ Ora ! *¡ Deixa correr os marfins (marfim) !* E, ainda eu lhe não contei tudo ; se êle o soubesse é que ficava *de cara á banda (como o Miranda)*.

— O Esteves pagou-lhe bem os favores que dêle recebeu ; quando era menos de esperar, *deu-lhe uma no cravo e outra na ferradura*, caluniando-o a êle e ao irmão.

— É bem feito ; todos o preveniram. *Deu-lhe o pé e êle tomou-lhe a mão.* Era de esperar. O Esteves, então que sempre teve o costume de *dar com a língua nos dentes* com razão e sem ela...

— Pois o João é quási o mesmo que êle.

— Sim ; *dum ao outro que venha o diabo e escolha.* Mas o Esteves, êsse, se cai nas mãos do Hermenegildo, há de, por fôrça, *dizer mal á sua vida.*

— É um mariola ; pertence a esta roda de tipos *de pouco mais ou menos*, que só servem para envergonhar os seus semelhantes. Olha, lá : ¿que andavas tu ontem a fazer com o Luís? Já estás atrapalhado ; *dei-te no vinte.* Vi-vos andar todo o dia, *de casa de Herodes para casa de Pilatos;* não me engano, não. ¡ Tu sempre me saíste um finório !

— *¡ Dá cá a mão compadre !* ¿E tu não tens feito o mesmo? Muito mais do que tu de mim, sei eu de ti e estou calado ; portanto, *dá ao diabo o que sabes* e não *deites as mãos (mãosinhas) de fora*, senão envergonho-te !

— ¡ Essa é *de se lhe tirar o chapeu !* ¿¡Tu quererás *deitar-me poeira nos olhos ?!* Eu é que posso confundir-te

quando quizer; não és tu a mim. ¡Olha que te *dou uma corrida em pêlo!*

— Mas, depois, desaparece, *dá ás de Vila Diogo,* senão ficas envergonhado para sempre.

— É questão de mais um mês; então, te direi.

— Está bom: *daqui até lá não nos dôa a cabeça.* Ainda tenho tempo bastante para viver.

— Eu é que posso dizer isso; ¡com a tua idade, podias ser meu avô!

— ¡Safa! ¿Então que idade tens tu?

— 19 anos.

— Olha: *¡dessa idade me morreu um burro!*

— ¡Que graça! ¡Que chiste! ¡És homem de espírito!

— *Desta massa é que êles se fazem.*

— Pois, *dáva-la em cheio,* se fizesses publicar os teus ditos engraçados. Ficavas riquíssimo.

— ¡Aí estás tu a *dar-me chá!* Não gostas de injustiças: seria *cobrir um santo para descobrir outro;* não quero tirar-te a primasia. Publica tu primeiro a lista das tuas casmurrices.

— Olha o Fernando. *¡Ditosos olhos que te vêem!*

— ¡Ora vivam! ¿Então que fazem vocês por aqui?

— Conversavamos; vieste a tempo, para *deitar água na fervura;* se não apareces, iamos ter séria questão.

— Sabem que fui procurar o Augusto; mas *dei com as ventas na porta.* ¿Êle saïria da terra? Se assim é, com as faltas que já tem, perde o ano.

— Ora. *¡Deixa arder, que é chamiço!* Não te preocupes com êle, que é tôrto que nem um arrôcho.

— Ou, por outra: *direito como uma linha num bôlso.* Realmente, não merece que se interessem por êle. Demais, já não é creança, e deve saber o que faz. Quando regressar, o mais que lhe pode acontecer é *dar com as ventas no sedeiro,* quando vir que perdeu o ano. Que não fôsse tôlo.

— ¡Mas, se perde o ano, não pode ir a exame!

— ¡Ah! ¡Ah! Essa é *de cabo de esquadra*, menino. Pois, é claro. E é uma infelicidade enorme, para êle, capaz *de fazer chorar as pedras (da rua, calçada)*. O que vale é que já está acostumado: todos os anos lhe sucede.

— Mas desta vêz, *dá com os burrinhos n'água*, porque o pai abre mão dêle. E o tio que tanta vontade tinha de o ver doutor...

— *¡Doutor da mula russa; tire o chapeu e ponha a carapuça!* ¡Está servido! A estudar tanto... Que *descalce a bota*, como quizer; nós nada temos com isso. E, em suma, poderá regenerar-se.

— *Dou-lhe um biscoito (e mais 10 réis p'ra oito)* se tal conseguir. Aquilo é menino *d'alto lá com êle;* não toma rumo: *disse lá para (com) os seus botões:* pai rico, tio riquíssimo; toca a malandrar, que a fortuna cá virá ter. O rapaz, apezar de tudo, ainda ha de *dar em droga*, porque é um valdevinos e, em meia dúzia de dias, esbanja tudo quanto vier a herdar.

— Mas antes disso, ainda ha de *dar com a cara dêle pelas mãos* do pai, que não é homem para lhe perdoar de novo a cábula. Digo-vos que há de *dar vivas* quando entrar em casa, *de cabeça baixa*, à espera de abraços, e lhe surgir um marmeleiro em cima do espinhaço.

— Faz o mal e depois esquece-se e *deita (atira) tudo para traz das costas*, como se nada fôsse com êle.

— *Dou-lhe um doce*, se livrar o pêlo, êste ano, duma sova real. O pai é muito bom, mas também se não ensaia para *deitar a cantareira abaixo*, quando o fazem desesperar.

— É bem feito: fez a asneira; *depois, chora na cama, que é logar (parte, cabo) quente*. O pai, êste ano, não se *dá ás boas*, como fez o ano passado, quando o irmão lhe foi pedir pelo Augusto. E, desde que soube que o filho passou o tempo todo *de casa e pucarinho* com a Amélia, peor.

— *Desde que me conheço*, nunca vi o Augusto senão metido em vadiagens.

— E não *dá o braço a torcer* a pessoa alguma. Eu, que muitas vezes o censurei, encontrei-o sempre *de pedra e cal*, muito surpreendido, pois nada fizera, dizia êle, que merecesse reparos.

— ¡Isso, é um velhaco *de marca G.!*

— *¡De X. P. T. O., Lôndôn!* É um homem *das Arábias*. Mas, desta vez, não tem remédio senão *dar a mão à palmatória* e sujeitar-se ao que o pai quizer; ao próprio tio, que não vê senão o sobrinho, já *deu no gôto* tanta patifaria, e nada mais fará por êle. E já o ano passado o irmão lhe chegou a dizer: *¿desampara-me a loja*, homem? ¡Não me venhas pedir por êsse bardino!

— Até se *despediram à francesa* e ficaram zangados por alguns meses. Mas, *dali não vem mal ao mundo;* como bons irmãos que são, em pouco se congraçaram.

— Pois o Augusto é de tal raça, que ao próprio tio tem *dado sota e áz*, obrigando-o, por causa das suas inconveniências, a passar maus bocados e fazendo mesmo troça dos seus conselhos. E o tio tão bom que tem *dormido sôbre o caso*, sem contar ao irmão tanta pouca vergonha.

— Na verdade, o Augusto tem-lhe *dado água pela barba*, e bem fará o tio se agora o desprezar. Mas creio que tal não acontecerá, porque tu mesmo, Fernando, és capaz de lhe ir pedir.

— ¡Isso, *dá cá o pé, papagaio!* A tanto me não abalançarei, *dôa (lá) a quem doer*, e *dê (lá) por onde dér.* Bem sei que, *dando dois dedos de conversa* ao excelente homem, fàcilmente o levaria a não abandonar o sobrinho. Êste, porém, *daria por paus e por pedras*, mal o soubesse e faria uma gritaria *de vir a casa abaixo*. Era questão certa; do *dize tu, direi eu*, passaríamos a mais, e eu não estou para o aturar.

— Fazes bem. O Frederico de quem êle é íntimo, que carregue com aquele mariola.

— O Frederico é outro que tal: *Deus os fez, Deus os juntou*. Tem explorado o outro descaradamente, embora êste lhe deva grandes favores e trabalhos.

— ¿E admiram-se disso? Se tem trabalhado, merece que lhe paguem, porque, meus amigos, *de graça, só os cães*. E êle então que só se fornece na fábrica *do se m'o dão*, ha de *dar vivas á Cristina*, quando vir escapar-se-lhe aquela mina. *¡Desgraçado flautista!* ¡Não lhe queria estar na péle!

— É só o Augusto perder o ano. Um e outro vão logo *de caixão á cova*, sem ninguem lhes valer. ¿Então, por onde tens tu andado, Fernando?

— Fui assistir ao funeral do avô do António. *Deus lhe fale n'alma*. Era uma excelente pessoa.

— E *dos de antes quebrar que torcer*. Aquele conflito que teve com o administrador define-o completamente. ¿Conheces a história?

— ¡Ora! *De cór e salteado;* era um valente *dos quatro costados*. Nunca soube o que era mêdo.

— E assim mesmo é que é: *dos fracos não reza a história*. Eu também soube dessa questão. Creio que o administrador, *de caso pensado e rixa velha*, mandou intimá-lo para depôr como testemunha e queria obrigar o velhote a dizer o que não tinha visto; êste, porém, *deu-lhe o trôco*, chamando-o funcionário indigno e *dizendo-lhe verdades como punhos;* foi um escandalo. Emfim, depois de *deitar os bofes pela boca fóra* e de o administrador pretender *dourar a pilula* e compôr a questão, chegando mesmo a *dar-lhe manteiga*, ia o bom homem para sair do gabinete, cheio de náuseas por toda aquela patifaria, mas o outro *deitou-lhe a rêde*, dando-lhe voz de prisão. ¡Então é que o velho *despejou o saco!* *¡Disse-lhe o que Mafoma não disse do toucinho!* O administra-

dor apanhou uma descompostura *de o fazer ver as estrêlas ao meio dia;* não teve coragem para lhe retrucar.

— É que o velho *dava-lhe com baldas certas;* conhecia-lhe bem a crónica, àquele mariolão.

— O administrador devia-lhe rios de dinheiro, e o velhote tinha-o livrado de não poucas aflições.

— Eis aí está como lhe pagou os favores. *¡Dos mal agradecidos está o inferno cheio!*

— Em resumo: o tipo adotou o expediente de fugir vergonhosamente, safando-se da administração para casa. E, se o não faz, o outro *deitava-lhe o fogo.* ¡Era um homem de coragem! E já então estava muito acabado, quási *de pés para a cova.*

— Pois faz imensa falta. Rico, vivia *de grande e á franceza,* mas auxiliava muita gente; ao sobrinho deu êle *de mão beijada* nada menos de dois contos para poder estabelecer-se. E o rapaz creio que vai bem com o negócio.

— *Dá tempo ao tempo,* e verás; *¡Deus lhe ponha a virtude!* Falta-lhe muito o tino para se agùentar naquele modo de vida. Se havia de começar por pouco; mas, não senhor: fez logo sortidos monstros que tem empatados há seis ou oito meses. Eu bem lhe disse: *devagar, que tenho pressa.* Não me quiz ouvir e ficou até *de candeias ás avessas* comigo, não me falando durante dois meses. Como vêem, toda a sua pressa lhe *deu na cabeça,* e foi bem feito.

— Mas creio que vai agora melhor; já vai *deitando os braços (bracinhos) de fora;* pelo menos, nestes últimos tempos, tem tido muita freguezia. ¡Bravo! ¡Que lindo fato tu trazes, ó menino!

— Êste é o *de ver a Deus e á Joana;* não é feio.

— Aposto que foi o teu padrinho quem t'o deu.

— ¡Olha, quem! ¡Êsse, só se me *désse uma cênica!* É um miserável; nunca me deu cinco réis.

— *¡Deixa falar quem fala!* ¿Então, nem o folar?

— ¿¡O folar?! ¡*Dá-lhe (com) d'essas!* ¿Então, tu não conheces o Abílio? ¡*Deixas a gente a nadar* com as tuas ingenuïdades, homem!

— ¡*Diz-lhe que sim e mais que também!* Nessa é que eu não acredito.

— Pois, podes crêr; nunca me *deu um chavo galego*, sequer. É um pelintra acabado.

— Isso, não se faz menino: *dizer cobras e lagartos* do Abílio...

— ¿¡Do Abílio?! ¡*Dobre a língua!* Do senhor comendador Abílio, é que é.

— ¡É *da ponta da orelha* êste Fernandinho! Não as perdôa a ninguém. E é rico o Abílio; pois, no teu logar, *dava-lhe uma sangria* real.

— Já uma vez tentei fazê-lo. Mas êle que é velhaco *das pontas (unhas) dos pés ás raizes dos cabelos*, percebeu me logo e nem dez réis me emprestou.

— ¡É *de se levantarem as pedras das calçadas!*

— E chegou a dizer-me: ¡pois, Fernandinho, embora tenhas grande precisão, *do Ceu te venha o remédio!* Nesta ocasião não me é possível. Ia-lhe *dando com os pratos na cara;* consegui, porém, dominar-me; mas o usurário é que, desde então, anda *de focinho tôrto*; quási me não fala.

— Eu voltava lá outra vez e outra, até conseguir.

— ¡Qual! O marôto ficou *de cal e areia* para sempre; dali nunca obterei o mais pequeno favor.

— Não é homem que deixe de estar *de pé atraz* contigo, desde que te descobriu as intenções. Em todo o caso, eu ainda *deitava barro á parede*, entendendo-me com a mulher do Abílio.

— ¡Olha, quem! *Dizias mal á tua vida*, logo a seguir. Muito peor, homem. É ela que *dá as cartas* lá em casa. ¡E se o marido é como viste, calcula o que ela não será! É mulher de *faca e calhau*, ou *de faca na liga:*

como quizeres. ¡Ia *de Scyla para Carybdes!* ¡Era até capaz de me bater! E ia logo procurar minha mãe para lhe contar tudo: *descosia-se* num instante. Deixá-los lá. Que se governem. ¿Vocês já jantaram?

— Não. É verdade: ¿Que me dizes aos belos cosinhados da Zefa? ¿Principalmente a lampreia?

— Divina, meus caros: ¡é *de comer e chorar por mais!* O Suísso é que está de rastos; bom como era, tornou-se uma chatarica indecente.

— Passou *de cavalo a burro.* ¡Mas tu, dantes, preferia-lo á Zéfa onde protestavas não pôr os pés!

— É certo: ninguém diga: *¡desta água não beberei!* Mas vou lá agora todos os dias. É realmente um restaurante modêlo. Há ali de tudo...

— *De tudo como na botica;* desde a mais completa culinária, aos mais finos licores e charutos. ¿Afinal, em quanto te importou o fato novo?

— ¿Quanto me custou? *¡Dinheiro e palavras!* Vê se adivinhas. Olha que não foi caro: 15:000 réis. Foi no Lacerda. Trabalha com soberba perfeição, mas vê-se atrapalhado com a inorme freguezia. Aquilo é todo o dia, *deita fora, deita fora;* não tem um momento livre.

— Trabalha bem e barato, e êle só, muito mais que todos os outros alfaiates juntos, que são, na sua maioria, uns industriais *de cácárácá.* E, já agora, vamos lá á Zefa.

— ¡Ah! ¡marôto! *¡De contente, já se te ri um dente!* É que aquela cosinha merece que a apreciem.

— Vinha comigo o Felisberto; por mais que fiz não o resolvi a jantar comigo na Zefa. Quem o tirar de casa e *debaixo das saias da mãe,* mata-o. Também, á última hora, tornou-se poeta...

— *D'água dôce,* bem sei; é um fraco, afinal: um dêdo de vinho é bastante para *dar-lhe (caír-lhe) na fraqueira* e fazê-lo adoecer. Ainda, outro dia, pelos anos do irmão,

um copo só, o transtornou e teve que *deitar a carga ao mar* e ficar de cama. O irmão, sim; êsse é *duma cama (só)* para comer, beber e chalacear; é um pândego.

— Esse é um bom bebedor; mas tem ocasiões. Lá está êle agora *de môlho*, por causa duma das suas. Esteve quási a ir-se com uma congestão.

— Gosta-se dêle; não é pessôa *d'arcas encoiradas*, é muito franco: o que tem a dizer, di-lo sempre, seja a quem fôr. Ainda, no mês passado, estando êle no Café do Augusto, aquele velhaco do Chico chegou-se a êle, *disfarçado em lapardo*, com toda a sua rônha, a ver se êle lhe emprestava cinco tostões. O outro que, como vocês sabem, nunca deixou de atender aos pedidos *de todo o bicho carêta*, não se prestou á sorte, por saber o mariola com que tratava; êste dirige-lhe umas inconveniências, e o rapaz *deu-lhe com os cinco mandamentos* na cara; nisto, intervem o Silvério, todo vestido *de ponto em branco*, como um diplomata... *de sola e vira*, é claro, a dizer as costumadas baboseiras, increpando o rapaz pela bofetada que deu ao outro; ¡calculem! Levou uma descompostura temível que o obrigou a *dar pulo de côrça*; o outro *dava-lhe como em centeio verde*, atirando-lhe em rosto com tudo quanto de pôrco o Silvério tem feito, isto na presença de toda a gente. Eu que estava em cima, ouvi o barulho e *deu-me uma pancada no coração*: vim a baixo, e, se não sou eu, e o Silvério e o Chico não *deitam carvão na máquina* e se raspam cá para fora, o rapaz *dava-lhes como Santiago nos mouros*. Estava furioso; mas, emfim, lá consegui socegá-lo.

— Ora, *Deus queira que o burrinho vá á feira*. Eles que voltem a aparecer-lhe e verão a tareia que apanham. ¿Mas, também, para que é que o irmão do Felisberto *dá largas* a essa gente? ¿Uns sujeitinhos *de pé fresco*, que só o procuram para o explorarem? Eu, hoje, *deito foguetes*, por nunca ter consentido junto de mim êsses tipos.

*

— Ó menino; entre, mas tire o chapéu, que *dentro de casa não chove nem faz sol.* ¿Então, sempre arranjaste o que desejavas?

— Infelizmente, não. Falei ao professor; pedi-lhe, instei, *dei-lhe (com) mel pelos beiços (queixos)* e, nada. Olha; lá está o pequeno a chorar.

— ¿Que queres tu, Adolfo?

— ¡Ó mamã, tenho fome! Dê-me de comer.

— Não, que te faz mal, a esta hora: *¡dorme, que dormir é meia mantença!* Vamos. ¿Então, onde o encontraste?

— Recebeu-me na sala, onde estava a jantar. Por sinal que estava a comer umas costeletas que eram mesmo *de fazer cair o queixo* ao menos guloso. E, a propósito: ¿o que me dás para ceiar?

— Bacalhau com batatas; ¿serve-te?

— Era bem melhor se... fôssem umas costeletasinhas...

— Pois, menino: se não quizeres comê-lo, *deita-te ao pé.* E que hoje não tenho mais que possa dar-te. ¿E não te deu esperança nenhuma o professor?

— Apenas o que te contei. *Disse, pôs o chapeu e riu-se.* Ele ficou a cear e eu vim para aqui.

*

— ¡Ó rapazes! ¿Quem é aquele tipo que vai ali, *direito que nem um fuso?* ¡Que tezuras, hein!

— Direito, por fora; mas tôrto como um arrocho, por dentro.

— Sim, sim; a cara nem por isso o ajuda muito.

— ¡Pois!... *Deus que lhe quiz mal, na cara lh'o pintou.*

— Aquele é o Costa, o agiota-mór; não tem vergonha. ¡Todos lhe *dão para baixo!* Toda a gente o descompõe.

— ¡Teu pai, há dias, chegou a chamá-lo ladrão e gatuno.

— Sim, senhor: *disse-lho alto e bom som.* Pois o sujeitinho calou-se, não obstante as suas fumaças de valente.

— ¡Aquilo é um valente... *de três ao vintém!* E, depois, não tem consciência aquele cão. ¡É ver-se como, sem pestanejar, e por quantias insignificantes, o carrasco tem levado á miséria extrema tanta família honesta!... *Desde que o mundo é mundo,* nunca nesta terra se vio patife de tal estofa.

— Dalguma forma se tira vingança das suas infamias: basta que todo o mundo *deixa (dá) campo largo* a êsse tipo. Tudo o despreza.

— ¡Não é tanto assim! De vez em quando, aparecem umas almas compassivas que não lhe dão desprezo algum, antes, pelo contrário...

— *Dão-lhe com o lenço de cinco pontas,* como o João Vaz que aqui há tempos, lhe deu duas bofetadas.

— Mas, dessa vez, creio que espirrou o seu pedaço.

— *¡Diz-lhe que sim (e mais que também)!* ¡O espirro foi ficar com elas! Pobre João Vaz que *deu com tudo em Pantana,* por causa do Costa e do Alves, também outro agiota...

— *¡Da costa da ovelha!* Ambos de se lhes tirar o chapéu. ¡Também, que desgraça! ¡Toda a gente bôa da terra *deu na marmelada,* á última hora, de jogar forte! ¡Ah! ¡Bom Miguel Dantas! Êsse é que não consentia a batota. ¡Quando soube do jôgo na Assembleia, ceus! *Disse raios e coriscos* e pregou com amigos e não amigos na cadeia. Ao Alves disse-lhe as últimas; *descobriu-lhe os pôdres,* chamou-o ratoneiro, e, se o outro não lhe *dá terra para feijões.* pondo-se na aragem, o Dantas esmagava-o.

— E apesar de todo êsse rigor, o Dantas era adorado. *Davam-se (viviam) como Deus com os anjos,* todos, com êle. ¿E agora?... *Dou-te um piló assado,* se encontrares meia dúzia de «pontos» que estimem o administrador com toda a sua «benevolência». É que, com o Dantas, embora *déssem com o nariz (êle) em prégo,* tratando-se de jôgo, e por êste lado, o bom velho lhes *désse amargos (amargôres) de bôca,* o bem que daí lhes resultava era manifesto. Com o actual, que lhes dá todas as facilidades, tornam-o responsável, é claro, pelos danos causados.

— Não há dúvida. Olha: ¿queres tu vir tomar um «cognac»?

— ¿Eu?... Nada, menino: *de bebidas brancas, só o cafésinho.* E depois, estou muito mal arranjado para ir ao café.

— ¡Ora!... *¡De noite todos os gatos são pardos!* Anda daí.

— O Anselmo foi ouvir hoje o «Solar dos Barrigas»; *Dá o cavaco (cavaquinho) por* esta peça. E, como tem dinheiro...

— Quer dizer, *daquilo com que se compram os melões...*

— Isso: sempre que aquilo sóbe á scena, êle lá está.

— O rapaz é doido por música; porém, a verdade é que êle *dá um ôlho ao diabo* por todas as obras de D. João da Câmara e Gervásio Lobato. E eu, como êle.

— É verdade: vocês foram talhados um para o outro. Mas são uns massadores; não falam senão de música.

— E é que me distraio imenso com isso. ¡Rico Anselmo!... *Deus me mate com quem me entenda.* Se não fôsse êle, estava servido. ¿Vocês, de música, o que percebem? Nada. Nos mais simples pormenores, *dariam raia.* ¡A música, a música! ¡Ó arte divina!

— ¡Ah! ¡Ah! ¡Pobre Luís!... *¡Deus te dê o que te falta,* menino!... Pois eu mesmo podia provar-te que te

enganas; e, se o não faço, é porque tu és uma carraça. Dando-te corda, aí estarias tu a *dares-me tratos de polé* com a ostentação de toda a tua sabedoria. E eu tenho mais em que ocupar o tempo.

— ¡Ah! ¡grande bárbaro!... ¡Cala-te, selvagem *duma figa!* ¡Tu só pensas na sorte grande, horrendo jogador de loterias!

— É verdade, ó Afonso: e se, desta vez, te sai a «taluda»!

— ¡Ah! ¡menino!... *¡Deus te ouça!* Já aqui tenho o bilhete. Custe lá o que custar, nunca deixo de comprá-lo.

— Effectivamente, *dás-lhe com a metralha toda.* Mas, apezar disso, ainda não fôste comtemplado.

— Não importa; estou sempre na bréeha, e não desespero.

— Também, jogador como tu, *de alto coturno*, poucos por aí se vêem. Mas, é a única coisa para que tens geito. Para tudo o mais, és um mandrião *de má nota;* cómes, bébes e passeias; ¡estudar... tó rôla!

— Mas, em paga, ninguém o vê, de noite, na pândega.

— É certo: o Afonso *deita-se com as galinhas.* Ai pelas 8 horas da noite, já êle está fazendo ó, ó.

— É verdade, ó Afonso: ¿então o teu padrinho já está mais humano? ¿Dá-te o que lhe pediste?

— ¡Ora!. . ¡Deixa-me aqui, menino! ¡Há mais de três meses que eu *deito barro á parede,* repetindo-lhe o pedido quási todos os dias, e... nada!

*

— ¡Ora esta! Lá está o pequeno a chorar... Anda lá... *¡Está-te o corpo a comer!...* Olha que te dou, Adolfo; ¡cala-te!

— De caminho, falei com o Albano. Aconselhei-o a

que fôsse falar ao professor e lhe pedisse desculpa da falta cometida. Creio, porém, que tudo quanto eu lhe disse, *entrou-lhe por um ouvido e saiu-lhe pelo outro.* Estou convencido de que *esta lebre está corrida*, e o rapaz, com o professor tão mal disposto contra êle, sujeita-se a ficar reprovado. ¡E então, fino como êle é...!

— Sim: *¡é muito fino (esperto) mas não caça ratos!* Do que êle precisava era duma bôa sóva; mas, como *é o menino Isá da casa,* e o pai não vê outra cousa, faz o que lhe apetece. *É isto (o) que se vê; escusa (não precisa) candeia:* comêr, passear, dormir e queimar dinheiro. *É uma bôa (bela, linda) prenda* o menino, não haja dúvida!

— Com tais hábitos, descamba em vádio, *emquanto o diabo esfrega um ôlho.* Se o pai se resolvesse a tratá-lo como merece, ainda o rapaz *entrava nos eixos;* mas, assim, torna-se um madraço e *está-se ninando* para tudo quanto nós e as outras pessôas lhe dissérmos.

— Ainda assim, o rapaz prometeu-me que se emendaria e creio bem que foi daqui resolvido a isso.

— Pois sim; *espera-lhe pela volta,* e verás. *¡Essa cá me fica!* ¡Tu sempre acreditas em cada uma!

— ¡Mas se êle me jurou que, de futuro, estudaria!

— ¡E *ela a dar-lhe e a burra a fugir!* ¿¡Pois ainda tomas a sério os protestos daquele menino?! Aquele marôto ha de matar-nos a todos com desgostos.

— Ora... *¡Em morrendo, fiz 30 anos á justa (certa)!*

— *E vai 'ó resto...* tu vais-te, e êle cá fica para continuar a sua vida de malandro: eis o que lucras. A quéda do Albano para a vadiagem *está para lavar e durar,* se o pai se não resolve a castigá-lo. Mas o pai, também, *é para o que lhe prestar;* teimou em atribuir as asneiras do menino á doença, e, *em teimando, teimou seu dono!* O menino que *é peste, fome e guerra,* obriga-nos, com as suas tranquibérnias, a *estar (andar) sempre com o Crédo*

na bôca. ¡E tu, mulher, com os teus optimismos, *estás a vêr navios (no alto de Santa Catarina)!*

— Olha que não será tanto assim, homem.

— Verás. Teu irmão *é d'estrêla e bêta e pé calçado (e bebe em branco)* para nos causar os peores amargos de bôca; ¡mas, *está muito curto*, se julga que hei de aturá-lo! Era cousa que *estaria fóra de vila e termo;* não senhor. Teu pai que olhe por êle; demais que o rapaz *está na fervura (pancada);* na sua idade, ainda póde torcer-se.

— ¡Valha-me Deus! ¡Se o Albano *é o seu ai Jesus!* Decerto o pai nada lhe fará, convencido, como está, de que o rapaz não estuda por ser doente.

— *¡É a tal cousa que aparece á meia noite!* Pois, minha amiga, se assim fôr, teu irmão *é chão que deu uva,* digo-t'o eu. *É homem ao mar.* Que teu pai, afinal, mais tarde ou mais cêdo, há de convencer-se da verdade, e, então, *estoira-lhe a castanha na bôca,* olá. Mas olha que não perde a mania de vêr no filho um doutor, e arquitectar tolices a tal respeito. Hás de vêr o menino *escangalhar-lhe a egrejinha* e o teu rico papá caír aos trambulhões do cimo das suas utopias todas. Talvez que, se o metesse no comércio... ¿Mas qual? O menino *está-se nas tintas* para tudo quanto não seja vadiar. ¡Ah! ¡que se fôsse comigo, *eu lhe contaria um conto e duas histórias!*

— Ora: não digas isso: O Albano não é tão mau como o querem fazer.

— Pois não; pelo contrário: *é um santinho de pau carunchoso,* bem sei. E, por isso é que vocês têm andado sempre com êle ás costas: *é um Santo Antoninho, onde te porei.* Como se está vendo, com aquele santinho em casa, *é um Céu aberto* em que vocês têm vivido! Depois, o santinho não come, não bebe, não encomoda ninguém: *¡é um ôvo por um real,* com a grande vantagem de vos meter a todos no... inferno! *É um nunca acabar* de «venturas» que o menino vos tem trazido, não há dúvida.

— ¿ Então, que desgostos nos tem êle dado? A não ser a perda dêstes dois anos e quando fugiu, há 3 anos...

— ¡ *Era melhor ir ao curral e matá-las todas!* ¿ E isso não é bastante, e de sobra, até? ¿ Não dizes nada? ¡ *Engoles em sêco!* Pois é claro. Mas, não; teu irmão *é umas natas:* um lindo menino. Tudo quanto vocês lhe fazem é bem feito, *e (tudo) o mais são histórias.* Comigo, está êle servido; ¡ *eu lhe darei o arrôs!* Deixa-o cá voltar com choradeiras, e verás; digo-lhe logo: ¡ meu amigo, *estou a banhos!* ¡ Estou lá para o aturar! A mim, pelo menos, *encheu-me as medidas;* estou farto. Todo o bem que lhe tenho feito *é manteiga em focinho de cão;* para nada lhe serve. Mando-o, de vez, para teu pai, *e passe por lá muito bem.* Ainda assim, se êle quizesse ir para o escritório de meu irmão...

— Já me disse a mim que não queria ir para lá.

— ¡ *Estão verdes; não prestam!* Morto por isso anda êle; mas meu irmão é que não o quer ver. Nada: teu irmão, tirado da vida airada *é como o peixe fóra d'água;* convencê-lo a trabalhar, *é malhar em ferro frio.* Aquilo *está-lhe na massa do sangue*; e vocês é que são os culpados. Se não *estivessem sempre de pernas abertas* para lhe aturarem tudo quanto êle faz, já êle estava mudado. Mas assim, estas scenas e outras peores hão de vir. *É o pão nosso de cada dia (nos dái hoje);* e ainda tudo isto *é o pano d'ámostra;* deixa estar. Mulher: *esta vida não chega a netos.* Vamos cear.

(Continua.)

José da Fonseca Lebre.

A ORDEM DE S. BENTO EM PORTUGAL

O Colégio Beneditino de Lisboa

Apesar das aparências do título, o escrito que adeante reproduzimos não obedeceu ao propósito de constituir uma Memória histórica. Trata-se apenas duma dissertação polémica, sôbre controvérsia que a partir dos fins do século XVIII agitou os monges de S. Bento de Portugal, principalmente os de Lisboa, segundo aqui se revela, pois nenhuma outra notícia temos acêrca da questão. Todavia ela encerra informações históricas tão curiosas, e pelo menos em grande parte hoje ignoradas, que não se pode hesitar na sua publicação.

Por disposição das Constituïções beneditinas publicadas em 1628, a Ordem de S. Bento devia ter em Portugal três casas de estudos: o colégio de Coimbra, o mosteiro de Lisboa e o mosteiro de Santarém. No mosteiro de S. Bento da Saúde, em Lisboa, houve estudos desde que se concluíu o edifício em 1615. No Capítulo Geral de 1629, determinou-se que fôsse reedificada a casa de Nossa Senhora da Estrêla, a primeira que a congregação tivera na capital depois da reforma geral; e que fosse dotada com renda própria para ser o colégio de estudos em Lisboa. Assim se fez; e, de facto, na casa de Nossa Senhora da Estrêla teve a ordem beneditina colégio de estudos até o anno de 1755, em que o terremoto arruïnou o edifício.

Tratou-se logo da reedificação, de modo que seis anos depois se julgava que o colégio podia de novo instalar-se, o que todavia se não praticou. Durante muitos anos se interromperam os estudos, o que era objecto de reparos e censuras. Em 1784 fez o D. Abade Geral uma tentativa de reabertura do colégio, e levou-a a efeito; mas apenas durante cinco anos se mantiveram os estudos. Oficialmente dava-se todo o apoio à sustentação do colégio, e todavia êste continuava encerrado.

É sabido que depois da reforma dos estudos em 1772, os diversos institutos religiosos organizaram planos pelos quais os seus colégios deviam reger-se em harmonia com a nova orientação. A ordem de S. Bento só em 1789 publicou o seu *Plano, e Regulamento dos Estudos*, no qual se supõe, em vários logares, a existência dos colégios de Coimbra e Lisboa; porém êste último, passados cinco anos de efémera ressurreição, continuou existindo apenas no papel. Á sua reabertura definitiva opunham-se dificuldades, que o autor do manuscrito adeante reproduzido não declara. Não iremos, talvez, longe da verdade, conjecturando que todos os obstáculos proviriam da repugnância em aplicar a renda perpétua destinada à sustentação dos estudos. Esta conjectura é abonada pelo conhecimento, que nos dão outros documentos, de que a Ordem de S. Bento era pobre: o colégio de Coimbra estava oneradíssimo de encargos e mal podia satisfazer necessidades imperiosas; tanto que nem o edifício chegou a ser concluído.

De facto o colégio de Lisboa ainda não funcionava em 1804, quando escrevia o autor anónimo; e os anos seguintes também não foram de feição para a abertura dos estudos.

Os termos em que na Memória se fala da intervenção do Dr. Fr. Joaquim de Santa Clara, defendendo, sem elogios, o seu procedimento, acusando as ingratidões que

de seus trabalhos recebeu e declarando a sua satisfação pelo cumprimento do dever, especialmente no § 26, quási levam a crer que foi êle o autor do escrito. A *Advertencia* final quási não deixa dúvidas. Fr. Joaquim de Santa Clara veiu a ser Arcebispo de Évora, não sem que a Santa Sé opusesse graves e tenazes dificuldades; porque havia fundamento para duvidar da ortodoxia do apresentado.

O manuscrito, que reproduzimos fielmente, desdobradas as abreviaturas, existe, em original ou cópia, na biblioteca do liceu de Coimbra.

Fortunato de Almeida.

MEMORIA ABBREVIADA

Sobre o Collegio Benedictino estabelecido na Corte, e Cidade de Lisboa.

I.

Estabelecimento primitivo deste Collegio

1. As leis da Congregação Benedictina de Portugal publicadas em 1628., expressamente Ordenaõ em huma das suas Constituiçoẽs, que (a fim de multiplicar o numero dos Mestres, que com o exercicio de ensinar se aperfeiçoem nos Conhecimentos Literarios) hajaõ estudos *effectivos* nomeadamente em trez Cazas; a saber, no Collegio de *Coimbra*, no Mosteiro de *Lisboa*, e no Mosteiro de Santarem; ou *ainda em outros (vel in aliis)*, se pelo tempo adiante julgar o Capitulo Geral, que melhor convem [1].

[1] « Statuimus *primo* (ut plures possimus habere Lectores, qui « Legendo atque docendo literis sese perficiant) quod *tribus in Locis*

2. Esta Constituiçaõ tem prezentemente, e continuará a ter sempre toda a sua força em quanto não for Legitimamente abrogada. Mas para o ser, he necessario primeiro, que a sua *abrogaçaõ* seja proposta, e approvada em trez Capitulos Geraes *Plenos (cunctis suffragantibus)* ao menos por duas partes dos Votos. Assim o determina outra Constituiçaõ em termos precizos com declaraçaõ de *nullidade* de tudo o que em contrario for feito [1].

3. Depois do anno de 1615., em que se acabou de todo a construcção do Mosteiro de S. Bento da Saude; nelle se conservaraõ os referidos Estudos por alguns annos até o fim do de 1628., em que foraõ publicadas aquellas Leis ou Constituiçoẽs Benedictinas [2].

4. No Capitulo Geral de 1629. Ordenou a Congregaçaõ, que a Caza de Nossa Senhora da Estrella, a primeira que ella teve na Corte depois da sua Reforma Geral [3]), fosse reedificada, e dotada com renda propria, para ser *perpetuamente* o seu Collegio de Estudos em Lisboa [4]).

« Studium Literarum *vigeat,* in Collegio videlicet Conimbricensi, « in Monasterio Ulisiponensi, et in Monasteiro Scalabitano; vel *in « aliis,* si progressu temporis Capitulum Generale id magis viderit « expedire». *Constitution. Ordin. S. Bened. Lib. III. Const. 6.ª* Cap. I. n. 2.

[1] « Quod adtinet ad *abrogationem* harum Constitutionum... Sta« tuimus ut nulla ... abrogari possit, nisi in *tribus* Capitulis Gene« ralibus, *cunctis suffragantibus,*... e tribus Vocalium partibus duæ « saltem partes in *abrogationem* alicujus Constitutionis consentiant « et concurrant ... Quod, si secus fiat... Constitutionis factae « *abrogatio*... nullius sit roboris, aut vigoris». Ib. Const. 9. Cap. III. n.n. 1. et. 2.

[2] Estas Leis na Constituiçaõ acima copiada suppoem já Estudos *effectivos* no Mosteiro de S. Bento da Saude muito antes do anno de 1628., em que foraõ publicadas.

[3] *Benedictina Lusitana* Tom. II. pag. 419, e 420.

[4] Ibid., pag. 433.

5. Esta Ordenação Capitular foi Logo cumpridamente executada no Seguinte anno de 1630[1]: e pouco depois a pedimento do Capitulo Geral de 1632.[2] foi *confirmada, e Reservada* a Sé Apostólica (unicamente em quanto á *perpetua* Conservaçaõ dos *dous* Collegios de *Coimbra*, e de *Lisboa*) por Urbano 8.º na Bulla *Riligiosos viros*. de 13 de janeiro de 1635[3].

6. He sem duvida, que em virtude desta *Confirmaçaõ Pontificia* ficou a Conservaçaõ dos sobreditos *dous* Collegios de *Coimbra, e Lisboa* de tal sorte independente da authoridade naõ só dos DD. Abbades Geraes, mas taõbem dos mesmos Capitulos Geraes, que tudo o que em contrario dispozerem será *nullo, e de nenhum vigor*, como no fim da Bulla se declara[4].

7. Assim o reconheceo constantemente até agora, como devia, a Congregaçaõ Benedictina nos 54., ou 55. Capitulos Geraes, que depois da data da dita Bulla tem celebrado; cujos Vogaes, bem longe de se aterverem a alterar descobertamente huma só das Constituições nella *Confirmadas*, muito pelo Contrario reclamaraõ sempre, e houveraõ por *nullos* todos os factos, que julgavaõ a qualquer dellas oppostos.

---

[1] *Benedict Lusit.*, tom. II. pag. 433.

[2] «In proximo Capitulo Generali anno 1632. celebrato cuncti... « Patres Vocales congregati ex omnibus Constitutionibus selegerunt «eas quas... magis expedire in Domino judicarunt,... ut a Sede «Apostolica *confirmentur, et in perpetuum observari praecipiantur.*» Saõ palavras da Supplica inserta na Citada Bulla *Religiosos Viros* de Urbano 8.º.

[3] «Hujusmodi *Supplicationnibus* inclinati (diz o Papa)... Cons-«titutiones prædictas tenore praesentium approbamus, et *confirma-«mus;* illisque *inviolabilis Apostolicæ firmitatis robur* adjicimus» São palavras da mesma Bulla.

[4] «... *irritum et inane,* quidquid secus super his a quoquam «quavis authoritate scienter vel ignoranter contigerit attentari.» Esta he a Concluzaõ da Bulla.

8. E com effeito em observancia da sobredita *Confirmaçaõ Pontificia* conservou a mesma Congregaçaõ a Caza de Nossa Senhora da Estrella no estado de Collegio por mais de 120. annos até o de 1755., em que foi arruinada pelo Terremoto do primeiro de Novembro [1].

II.

Reedificaçaõ do mesmo Collegio e estabelecimento da sua renda «perpetua»

9. Cuidou Logo a Congregaçaõ [2] em reedificar esta arruinada Caza para nella restabelecer o Collegio, que pela sobredita *Confirmaçaõ Pontificia* era obrigada a Conservar na *Corte*: e já em 1761., podia este acommodar-se na parte reedificada; a qual com tudo por mais de 22. annos até o de 1783. servio de habitação a trez ou quatro Religiosos inteiramente desocupados de todo o genero de exercícios publicos tanto de Coro, como de Aula.

10. Nesta mesma parte reconstruida achou em 1783. o D. Abbade Geral, que entaõ era, sufficiente Capacidade para nella abrir hum Collegio; que conservou por sinco annos até os fins do segundo Triennio do seu Governo; atalhando por este modo as murmuraçoẽs, a que havia dado occaziaõ huma taõ estranha, como prolongada

---

[1] No Outubro do mesmo anno de 1755. se tinha aberto Collegio de Theologia na Caza de Nossa Senhora da Estrella com tres Professores nomeados na junta Geral celebrada no mez de Julho antecedente.

[2] No Capitulo Geral de 1758. (como consta das suas Actas) applicaraõ-se *tres mil* Cruzados para se continuar a reedificaçaõ das Cazas de Nossa Senhora da Estrella; mas pouco depois cessou esta applicaçaõ ate o Capitulo Geral de 1786. de que abaixo se falla no §. 12., e seguintes.

suspensaõ dos Estudos Benedictinos *na Corte*[1]; e desmentindo ao mesmo tempo os pretextos, que a tinhaõ fomentado.

11. Por Ordem Regia de 15. de Dezembro de 1785. Foi Sua Magestade Servida *Approvar*[2] o Restabelecimento fixo deste necessario e indispensavel Collegio, e a applicaçaõ da renda *perpetua* para a sua Conservaçaõ; tudo na forma do Plano Economico[3], que o mesmo D. Abbade Geral pouco antes tinha posto na Real Prezença.

12. Á vista desta Soberana *Approvaçaõ*, e em conformidade das Bullas Appostolicas de Sizto 5.º[4], e de Urbano 8.º[5], e das Constituiçoẽs da Congregaçaõ[6], resolveo, *nemine discrepante*, o Capitulo Geral *Pleno* de 1786. o dito Restabelecimento fixo, e a *renda perpetua* do Collegio de Nossa Senhora da Estrella. O mesmo, e quazi pelas mesmas formaes palavras, resolveraõ segunda e terceira vez os dous Seguintes Capitulos Geraes *Plenos* de 1789., e de 1792.: e ainda álem destes tres Capitulos Geraes continuaraõ a resolver o mesmo os outros dous, que immediatamente se seguiraõ; o de 1795. e o de 1798.

---

[1] Desde o anno de 1755. até o de 1783, e desde o 1785. até o prezente de 1804.; isto he, no longo espaço de meio Seculo apenas apparaceraõ os Benedictinos em publico na *Corte* de Lisboa com trez unicos Actos de Concluzoẽs, e essas de Moral.

[2] No Capitulo Geral de 1789. depois de se ler a sobredita Ordem Regia, diz-se claramente que o Plano Economico *apprezentado* a Sua Magestade fora pela mesma Senhora *Approvado e Mandado executar*.

[3] Este Plano Economico acha-se transcrito nas Actas do mesmo Capitulo Geral com a Ordem Regia, que o approva.

[4] Na Bulla *Injunctum Nobis* de 25 de Novembro de 1587.

[5] Na ja citada Bulla, *Religiosos Viros*.

[6] Lib. 3º Const. 9. Cap. 3. n. n. 1., e 2.

13. Esta Resoluçaõ Capitular, desde que foi repetida em tres Capitulos Geraes *Plenos*, ficou sendo, na forma do Direito particular das Constituiçoẽs Benedictinas huma Lei confirmada, ou verdadeira *Constituiçaõ*[1]; a qual há mais de onze annos a esta parte esteve, e está no seu inteiro vigor; e nelle estará sempre, em quanto naõ for proposta e approvada ao menos por duas partes dos votos em outros tres Capitulos Geraes *Plenos* a sua abrogaçaõ; porque aliás hé *nulla* e de nenhum effeito[2].

14. Como S. A. R. na Ordem de 3. de Fevereiro de 1803. Houve por bem *confirmar novamente* a já referida Ordem de 15 de Dezembro de 1786.; e *roborar* outro sim *com a Sua Real Authoridade as Actas que em observancia della se estabeleceraõ nos tres Capitulos Geraes successivos de 1786., 1789., e 1792.;* nenhum dos Capitulos Geraes seguintes sem previa Licença do mesmo Senhor póde validamente, e sem grande temeridade propor a abrogaçaõ da sobre dita Lei Confirmada; e muito menos suspender, ou ainda alterar a renda do Collegio da Estrella, que já por elle ficára *perpetuamente* determinada, e que agora se acha *inviolavelmente Roborada com a Real Autoridade* do Soberano[3].

15. Em cumprimento daquella Resoluçaõ Capitular, deo-se Logo principio no Outubro de 1786. á nova Cons-

---

[1] «Similiter etiam, ut aliqua *nova Constitutio* his addatur, quae «*constitutionis,* vim et *Stabilitatem* obtineat, praedictus Ordo ser-«vetur (id est, in tribus Capitulis Generalibus, *cunctis suffraganti-«bus*,... e tribus vocalium partibus duæ saltem partes in additio-«nem alicujus Constitutionis consentiant, et concurrant)». Lib. 3. Const. 9. Cap. 3. n. 2.

[2] «Quod si secus fiat, neque Constitutionis factæ *abrogatio*, neque «novæ *additio* ullius sint roboris, aut vigoris. Ibid.

[3] Seria sem duvida hum verdadeiro attentado propor a votos de Vassallos, o que S. A. R. huma vez *Roborou com a Sua Suprema Authoridade.*

trucção do Edificio do Collegio da Estrella; o qual já no Outubro de 1789. se achava em termos de poder ser habitado por hum Competente numero de Collegiaes; mas a prevençaõ antiliteraria, valendo-se dos seus costumados pretextos de economia, continuou a paralizar este necessario Restabelecimento dos Estudos Benedictinos em *Lisboa* [1].

III

Publicaçaõ do Plano Geral dos Estudos onde se confirma a conservaçaõ do mesmo Collegio de Lisboa

16. No mesmo anno de 1789. se publicou o Plano Geral, para Regulamonto dos Estudos da Congregaçaõ; no qual declaradamente se ordena em conformidade da *Constituiçaõ* Confirmada por Urbano 8.°, que se conservem os dous Collegios de *Coimbra*, e de *Lisboa* com absoluta excluzaõ dos *Mosteiros de Aldeia*, ainda que vizinhos de Villas, e Cidades [2].

17. Não se pode duvidar que este Plano Geral he huma verdadeira Lei Regia, e Literaria, a que está sujeita toda a Congregaçaõ de S. Bento de Portugal; pois que para uzo della Houve Sua Magestade por bem Approvallo e Confirmallo, não na forma Commum, e Ordinaria, mas de hum modo singular, e extraordinario; fazendo-o, *como parte*, do Seu Regio Alvará de 15 de Fevereiro de 1789.; e Ordenando, *que se cumpra, e observe na forma que nelle se contem, não se podendo innovar, nem alterar qualquer das suas Disposiçoẽs sem que* (a mesma Senhora) *Haja de prestar para este effeito o seu Real*

---

1 Esta paralizia tem durado até agora.
2 Plano dos estudos. Secç. II. Cap. 1.° n n. 12., e 18.

Consentimento, ficando de nenhuma observancia o que sem elle se innovar ou alterar [1].

18. *Para melhor observancia* deste Regio Alvará, e conseguintemente do Plano por elle roborado com toda a força de Lei, He S. A. R. Servido Mandar na Ordem Regia de 13. de junho de 1792. *que se naõ concedaõ dispensas, nem sejaõ admitidas interpretaçoẽs, ou ampliaçoẽs algumas relativas ao que no mesmo Plano está mandado sem que primeiro seja ouvido aos mesmos respeitos o Doutor Fr. Joaquim de Santa Clara, Director Geral dos Estudos; para que, sendo necessario, elle possa fazer prezente a Sua Magestade pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino a sua informaçaõ* [2].

19, Para segurar ainda mais (se possivel he) a observancia do mesmo Plano, ao menos em quanto ás *Dispoziçoẽs Literarias*, Houve por bem S. A. R. na Ordem Regia de 9. de Outubro de 1792 [3]. Permittir *que só a respeito de algumas Dispoziçoẽs economicas se possaõ fazer provizionalmente as mudanças, que o D. Abbade Geral* (naõ por si só, mas juntamente e de acordo) *com o Director Geral dos Estudos julgarem interinamente ne-*

---

[1] Este Alvará acha-se impresso no principio do mesmo Plano dos Estudos.

[2] Foi publicada, e mandada registar em todos os Mosteiros desta Real Ordem por huma Pastoral de 5. de Julho de 1792 ; na qual são muito para notar estas expressoẽs de respeito, e gratidaõ, com que a conclue o D. Abbade Geral: «Julgo naõ ser precizo lembrar «a Vossas Paternidades, a *indispensavel Obrigaçaõ, que temos, de* «*cumprir*, e *fazer observar as Reaes Ordens,* e de incessantemente «dirigir rogativas ao Ceo pela Conservação da vida da Nossa Au-«gusta Soberana, que *tanto procura e protege o augmento dos Es-*«*tudos da nossa Congregaçaõ*».

[3] Esta Ordem Regia foi, assim como a antecedente, publicada e mandada registar em todos os Mosteiros por outra Pastoral de 13 de Outubro de 1792.

cessario para aumento dos mesmos Estudos[1]. Declarando ao mesmo tempo, *que ficaò em seu rigor todas as mais Dispoziçoẽs do mesmo Plano na forma, que está mandado pelo Alvará de 25. de Fevereiro de 1789.; e pela Ordem Regia de 13. de Junho de 1792.*

20. Como houve quem pertendeo illudir estas taò *energicas* Declaraçoẽs da Soberana Vontade de S. A. R., Foi o Mesmo Senhor Servido Mandar declarar em termos ainda mais *energicos* na Ordem Regia de 8. de Junho de 1793.: *Que o protelar a execuçaò de qualquer artigo do Plano Approvado* (por Sua Augusta Mai, e por Elle mesmo) *he obstar ao progresso dos Estudos, e attentar contra a Real Authoridade, que se dignou roborallos, e que ha-de sustentallos efficazmente contra quaesquer subterfugios, ou interpretaçoens, que se queiraò pretextar, ou se ouzem tentar*[2].

---

[1] Este artigo da Ordem Regia foi sempre constantemente observado pelos DD Abbades Geraes em todas as Pastoraes, que publicaraõ sobre materias pertencentes ao Plano dos Estudos. Na Pastoral de 26. de Dezembro de 1795. diz o D. Abbade Geral; «Depois «de conferir com o Director Geral dos Estudos em conformidade «das Ordens Regias (de 13. de Junho de 1792 e de 9. de Outubro do «mesmo anno), *que para isso nos authorizaõ.* &.ª». Na Pastoral de 28. de Setembro de 1796. diz o D Abbade Geral,: «depois de «conferir sobre esta materia com o R.mo P.e M.e Director Geral, «julgamos necessario dar interinamente as seguintes providencias «em virtude da faculdade, que Há por bem conceder-nos Sua Ma«gestade na Ordem Regia de 9 de Outubro de 1792». Na Pastoral de 29 de Setembro de 1798 diz o D. Abbade Geral: «Depois de «conferir com o R.mo P.e M.e Director Geral dos Estudos uzando da «faculdade, que Sua Magestade Foi servida conceder nos pela Re«gia Ordem de 9. de Outubro de 1792; julgamos necessario provi«denciar interinamente da maneira seguinte. &.ª».

[2] Estas expressoẽs proferidas da parte do Soberano, e debaixo do seu Augusto Nome daõ bem a conhecer, quanto he *efficáz* a Sua Suprema Vontade a favor do dito Plano dos Estudos; e quanto lhe saõ desagradaveis os *Subterfugios*, com que desde antes de 1793. se tem procurado illudir a sua observancia.

21. E com effeito a exacta observancia deste mesmo Plano tem continuado a ser até o prezente repetidas vezes recommendada, promovida, e vigorozamente *sustentada* por S. A. R. em outras muitas Ordens Regias, álem destas quatro, e a ellas posteriores: quaes saõ a de 30. de Abril de 1795.; a de 9. de Mayo do mesmo anno; a de 23. do mesmo mez e anno; a de 23. de Agosto de 1802.; a de 3. de Fevereiro de 1803.; e a de 10. do mesmo mez, e anno.

22. Algumas destas Reaes Ordens foraõ por S. A. R. mandadas publicar nos Capitulos Geraes, e incorporar nas suas Actas; outras por expressa Determinação do Mesmo Senhor foraõ communicadas aos Mosteiros para serem Lidas em Convento pleno, e lançadas nos Livros Competentes; todas existem registadas na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino: e bem longe de ter sido até agora huma só dellas revogada, muito pelo contrario foi S. A. R. Servido Declarar na Ordem Regia de 3. de Fevereiro de 1803., *que todas se achaõ em seu vigor*.

23. Em satisfaçaõ do Regio Alvará, que o approva, confirma, e Robora com toda a força de Lei, foi este mesmo Plano dos Estudos adoptado e reconhecido, como verdadeira Lei Geral e superior, nos Capitulos Geraes Plenos de 1789., 1792, 1795, e 1798.; foi solemnemente promulgado pela Pastoral de 26. de Setembro de 1789.; e foi executado, e mandado executar pelas Pastoraes de 5. de Julho de 1792., de 13. de Outubro do mesmo anno; de 26. de Dezembro de 1795.; de 28. de Setembro de 1796; e de 29. de Setembro de 1798.

24. Como, a despeito do que taõ expressamente Ordena este Plano dos Estudos Roborado por hum Alvará, por repetidas Ordens Regias, e por tantas Actas Capitulares, e Pastoraes, continuou por mais outo annos a estar occioza, sem estudos, sem exercicio de Coro, e quazi sem distino algum a Caza de Nossa Senhora da Estrella;

Lembrou-se, e com razaõ, o Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e de Guerra de a occupar com o Hospital da Tropa auxiliar Ingleza; o qual nella se conservou sinco annos inteiros, desde o Fevereiro de 1797., até o Fevereiro de 1802 [1].

IIII

Ultima Resoluçaõ de S. A. R. sobre o Restabelecimento do Collegio Benedictino de Lisboa.

25. Passados alguns mezes depois, que sahio da dita Caza este Hospital, poz o Director Geral dos Estudos na Augusta Prezença de S. A. R. em Audiencia de 3. de Agosto de 1802. hum muito simples Requerimento [2], no qual só pede ao Mesmo Senhor, que *Haja por bem ordenar que possaõ restabelecer-se os Estudos Monasticos no Sobredito Collegio de Nossa Senhora da Estrella, em Conformidade das Soberanas e Reaes Ordens, das Actas Capitulares, da Bulla Pontificia, das Constituiçoens, e do Plano dos Estudos da Sua Congregaçaõ, que elle fielmente allega* [3].

26. Nisto fez o Director Geral, o que em consciencia era obrigado a fazer pelo Plano dos Estudos [4], e por

---

[1] Nos Mosteiros de S. Bento da Saude, e de Nossa Senhora de Estrella existem os Originaes de dous Avizos de 7. de Fevereiro, a de huma Carta de Officio de 12 do mesmo mez de 1797 sobre o referido alojamento deste Hospital.

[2] Na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino existe o Original deste Requerimento, e nas maõs de muitos as suas Copias.

[3] Ao mesmo Requerimento estaõ juntas por Copia as Ordens Regias, Actas, e Lugares da Bulla, Constituiçoẽs e Plano, que se julgaraõ bastantes.

[4] Secc. III Cap. 1.º n.n 5, e 6. e n. 33

huma Ordem expressa do Seu Soberano [1]; e satisfez ao mesmo tempo aos instantes rogos do Prelado, e mais Religiozos rezidentes na dita Caza [2]; e aos votos geraes de toda a sua Congregaçaõ [3]; á qual julga ter feito hum verdadeiro serviço [4], em Solicitar pelo meio o mais Legitimo e honrado [5], a Conservaçaõ do primeiro Convento, que ella teve na Corte, e o restabelecimento dos Estudos, que nella tanto a tinhaõ acreditado por quazi seculo e meio [6].

27. Por Avizo de 23. de Agosto de 1802 Foi S. A. R. servido, por impulso unicamente da Sua Alta Clemencia, e sem ser requerido [7] Mandar remetter o Requerimento do Director Geral ao Ex^{mo} Bispo Conde Reformador Reitor para sobre elle informar, interpondo o seu parecer. Pouco tempo depois se fez publico, que este recto, e

---

[1] Ordem Regia de 13. de Junho de 1792. vid supra §. 18.

[2] Pouco depois que sahio desta Caza o Hospital da Tropa auxiliar Ingleza, o Prelado, e mais Religiozos nella Conventuaes, e álem destes outros muitos, principalmente do Mosteiro de S. Bento da Saude, repetidas vezes pediraõ ao Director Geral, que pela razaõ do seu Officio fizesse o dito Requerimento Como podia elle negar-se a taõ justas e louvaveis instancias?...

[3] Consta, que este Requerimento foi taõ applaudido por alguns Religiozos, como vituperado por outros. Era forçozo, que assim acontecesse conforme os sentimentos e as paixões de cada hum.

[4] O premio deste tal qual serviço foi o costumado!!...

[5] O Director Geral nesta diligencia do seu Officio, nem se valeo de agentes, nem procurou protectores: pedio immediatamente ao seu Soberano em Audiencia publica, que permitisse a execuçaõ das suas Reaes Ordens, e das Leis particulares da Congregaçaõ; e nada mais. Naõ he isto proceder com *verdade, e boa fé!* ..

[6] Ao menos desde o anno de 1630. ate o de 1755. e desde o de 1783. ate o de 1788. Vejaõ se os §§. 3, 4, 5, 8, e 10. Supr.

[7] Nem por escrito, nem de viva voz pedio o Director Geral, que o seu Requerimento fosse a informar a Pessoa alguma, e só passados sinco mezes inteiros, he que teve noticia da Resoluçaõ de S. A. R. neste respeito.

sabio Prelado tinha informado, que tudo o que no dito Requerimento se expunha, era a pura *verdade* demonstrada com irrefragaveis documentos, e como tal superior a toda a duvida; e que o que nelle se pedia, era do interesse não só da Congregaçaõ Benedictina, mas ainda da Igreja e do Estado, e como tal muito digno da Benevola Attenção de S. A. R. [1].

28. Em consideraçaõ, e á vista de taõ authorizados Informe e Parecer Houve o Mesmo Senhor por bem Resolver decididamente, tudo o que em razaõ do seu Officio, e em satisfaçaõ das respectivas e louvaveis instancias dos seus Confrades tinha requerido seis mezes antes o Director Geral dos Estudos. Esta Soberana Resolução foi participada ao D. Abbade Geral na Providentissima Ordem Regia de 3. de Fevereiro de 1803.; na qual He servido o Mesmo Senhor 1.º Ordenar *que se restabeleçaõ os Estudos no Collegio de Nossa Senhora da Estrella em conformidade do Plano roborado com o Alvará com força de Lei de 25. de Fevereiro de 1789., e munido com repetidas Ordens Regias a elle posteriores:* 2.º Declarar que *todas* estas Ordens Regias *se achaõ em seu vigor:* 3.º *Confirmar novamente a Ordem Regia de 15 de Dezembro de 1785:* 4.º *Roborar com a Sua Real Autoridade* as Actas, que *em observancia* desta mesma Ordem, *se estabeleceraõ nos trez Capitulos Geraes sucessivos* de 1786, 1789., e 1792. sobre a fundaçaõ *perpetua* da renda do Collegio: 5.º Intimar em termos os mais *energicos*, e ao mesmo tempo os mais honrozos para a Congregaçaõ Benedictina, a sua *Efficaz* Vontade, de que nella se *cultivem os Estudos proprios do Seu Instituto; sem os quaes naõ podem bem* os seus Religiozos *satisfazer ás obrigaçoens de Ecclesiasticos; e de Vassallos; nem por conse-*

[1] Esta Informaçaõ existe junta ao Requerimento do Director Geral na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino.

quencia fazer-se uteis á Igreja, e ao Estado, e dignos do Real Agrado, e da estimaçaõ do Publico [1].

29. Por Avizo de 10 de Fevereiro de 1803. Houve por bem S. A. R. Mandar participar por Copia ao Dr. Fr. Joaquim de Santa Clara a Ordem antecedente Mandando-lhe 1.º *que pela parte q̃. lhe compete, como Director Geral da Sua Congregaçaõ* [2] *haja de fiscalizar e promover com o seu conhecido zelo e distincto prestimo a prompta execução do sobredito Restabelecimento:* 2.º que assim o faça *na Conformidade da mesma Ordem Regia, a qual lhe deve servir de Regra:* 3.º que *faça constar pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino quaesquer estorvos, que se possaõ suscitar em Contrario a esta Real Dispoziçaõ* [3].

30. Na primeira destas duas Reaes Ordens nenhuma nova obrigaçaõ impoem o Principe Nosso Senhor ao D. Abbade Geral, pois que nella só Manda, que se execute, o que muito antes estava mandado em hum Al-

---

[1] Estas expressoẽs, com que o Principe Regente Nosso Senhor por hum singular effeito da Sua Real Clemencia se dignou honrar os Estudos Benedictinos, e os Religiozos, que os cultivaõ, foraõ com inadvertida temeridade, ou notadas ou por ventura arguidas de *Energicas!!* Mas já se reprimio esta mal considerada afouteza em huma resposta que talvez existirá na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino.

[2] Em dous Lugares do Plano dos Estudos (Secc. III. Cap. I. n.n. 5., e 6. e Ibi n. 33.) bem *energicamente* se declara a obrigaçaõ, e a competencia do Director Geral, e muito mais *energicamente* na Ordem Regia de 13 de Junho de 1792., allegada e transcrita em parte no §. 18 *Supr.*

[3] Não cumprio até agora o Director Geral cada hum dos tres artigos desta honroza Commissaõ, e expresso Mandado do seu Soberano; por esperar ainda, que o mesmo Senhor declare, em qual dos dous Conventos, ou da Estrella, ou da Saude he a Sua Real Vontade, que se execute o Restabelecimento dos Estudos mandado executar pela Sobredita Providentissima Ordem de 3. de Fevereiro de 1803. a qual deve *servir de Regra* ao mesmo Director Geral.

vará, em muitas outras Reaes Ordens e em repetidas Actas de Capitulos Geraes [1] que o mesmo D. Abbade Geral já tinha obrigaçaõ de observar e fazer observar, como Vassallo, como Religiozo, e como Prelado.

31. Na segunda destas mesmas duas Reaes Ordens, nenhuma nova authoridade confere o mesmo Soberano ao Director Geral dos Estudos; pois que nella só lhe ordena, que a respeito de hum objecto particular uze da identica authoridade, que elle já tinha em geral a respeito de *tudo, o q̃. pertence ao Literario;* authoridade, que no Plano dos Estudos se annexa ao seu emprego [2], e que S. A. R. tinha sido sirvido ampliar, e confirmar nomeadamente na sua pessoa [3].

ADVERTENCIA

Todas as Ordens Regias, Bullas Pontificias, Leis ou Constituições, Actas Capitulares, e Pastoraes, em que se funda esta Memoria, e que nella se allegaõ, achaõ-se juntas, e fielmente Copiadas com as illustraçoẽs necessárias para a sua intelligencia em huma Collecção dos Documentos sobre os Estudos Benedictinos em Portugal, principalmente desde o terremoto até agora. Esta Colleeçaõ ajuntou-se á Memoria Original, que foi posta na Augusta Prezença de S. A. R., e naõ se ajunta a esta Copia por naõ augmentar o seu Volume.

---

[1] Como na mesma Real Ordem se declara.
[2] Secc. III. Cap. I. n. 5.
[3] Ord. Reg. de 13. de Junho de 1792. *Sup.* §. 18.

Recapitulaçaõ Dos quatro Artigos
desta Memoria

I.

He *Constituiçaõ Confirmada e Reservada* a Sé Apostólica por Bulla Pontificia, que a Congregaçaõ Benedictina de Portugal tenha e conserve *dous Collegios* de Estudos, hum em *Coimbra*, e outro em *Lisboa*. (§§ 1.—8.

Tudo o que se determinar ainda mesmo em Capitulos Geraes contra esta *Constituiçaõ Confirmada*, será *nullo*, e de nenhum effeito *(irritum et inane)*, como no fim da Bulla se declara. (§§ 6., e 7.)

II.

He *Lei Confirmada* em tres, e mais Capitulos Geraes plenos, que se contribua annualmente para o Collegio de Lisboa com a renda *perpetua*, que lhe foi Legitima, e Solemnemente applicada com previa Approvaçaõ Regia, e Roborada depois com a Soberana Autoridade de S. A. R. (§§. 9.—15.).

Esta Lei Confirmada he uma verdadeira Constituiçaõ, que naõ pode ser abrogada, sem que primeiro seja proposta, e approvada em trez Capitulos Geraes plenos a sua *abrogaçaõ*; a qual aliás he *nulla*, e de nenhum effeito *(nullius roboris, aut vigoris)*, como nas Constituiçoẽs Benedictinas expressamente se declara. (§. 13.).

Attendendo á previa Approvaçaõ Regia, não pode ser nem ainda *proposta* em Capitulo Geral, a *abrogaçaõ* desta *Lei Confirmada*, sem preceder Licença de S. A. R.; aliás será a dita *propoziçaõ*, álem de *nulla*, *temeraria*. (§§ 11., e 12.).

Como S. A. R. Houve por bem Roborar com a sua Suprema Autoridade esta mesma *Lei Confirmada*, será hum verdadeiro attentado qualquer determinaçaõ a ella contraria. (§. 11.).

III.

He expressa *Dispoziçaõ* do Plano dos Estudos approvado, confirmado, e mandado observar *sem innovação ou alteração* alguma por hum Alvará, e por muitas Ordens Regias, que se conservem os mesmos sobreditos dous Collegios de *Coimbra*, e de *Lisboa*. (§§ 16.-24.).

O que se innovar, ou alterar a respeito desta *Dispozição* do Plano, sem o *Consentimento* de S. A. R., será *nullo, e de nenhuma observancia;* como no mesmo Alvará declaradamente se diz (§. 17.).

IIII.

S. A. R. Resolveo decididamente, que se restabeleçaõ os Estudos Benedictinos no Collegio de *Lisboa;* Roborou com a Sua Real Autoridade a applicaçaõ da renda *perpetua* do mesmo Collegio; e Confirmou todas as Ordens Regias antecedentes a bem dos ditos Estudos. (§§. 25-29.).

Em quanto não He servido o mesmo Soberano Ordenar o Contrario, ninguem pode, sem Crime, oppor-se á execuçaõ das Suas Reaes Ordens.

Concluzaõ

Toda, e qualquer determinaçaõ de Capitulo Geral contra o Restabelecimento e Conservaçaõ do Collegio Benedictino de Lisboa seria nulla, temeraria, e criminoza, em quanto as Determinaçoẽs Superiores não forem ou

revogadas, ou dispensadas pelas mesmas Autoridades, donde dimanaraõ.

Breves Respostas a algumas Objecções contra os sobreditos quatro Artigos

I.

Objecçaõ. Pela expressaõ *(vel in aliis),* que se lê na Constituiçaõ *Confirmada, deixa* o Papa *a escolha da Localidade dos Estudos ao arbitrio do Capitulo Geral:* Logo pode êste prezentemente supprimir o Collegio de *Lisboa,* e em Lugar delle erigir outro em qualquer Mosteiro.

Resposta. Como esta objecçaõ he toda fundada na falsa intelligencia Grammatical da particula *vel,* naõ ha remedio se naõ transcrever aqui o que diz Antonio Popma no seu tratado *de differentiis verborum,* que anda pelas maõs dos mesmos apprendizes de Latim. «*Aut, et vel* «(diz elle) habent aliquid discriminis. Licet enim utrumque «diversis rebus interponatur, tamen *Aut* proprie est «δι αζεντιπον, et contraria invicem *opponit* ita, ut alter-«utrum *excludat,* v. g. *aut* dies est, *aut* nox: vel proprie est «νποδεαζεντιπον, et diversa *nihil excipiendo, conjungit,* v. «g. *vel* tu, *vel* uxor tua, *vel* e tua familia quispiam adfligetur». Donde a expressaõ, *Vel in aliis,* em bom Portuguez quer dizer, *e ainda em outros;* e por consequencia naõ exclúe os dous Collegios de *Coimbra,* e de *Lisboa,* nomeados na Bulla, e nella *Confirmados.*

Deixando porem de parte razoẽs grammaticaes, apontemos esta unica razaõ Logica. Se o Papa depois da Sua Confirmaçaõ *deixa ao arbitrio do Capitulo Geral a*

escolha da Localidade dos Estudos, ainda com excluzaõ dos dous Collegios nomeados; que Confirmou elle na sua Bulla a respeito de Collegios? Nada: e por consequencia he illusoria a Sua *Confirmaçaõ*. Para evitar pois este absurdo, deve-se dizer que o Papa só deixou *ao arbitrio do Capitulo Geral a escolha da Localidade* dos ditos Estudos em algum, ou alguns dos outros Mosteiros (que naõ nomêa) *álem* dos ditos dous Collegios por elle *Confirmados*, os quaes em virtude desta Confirmaçaõ Pontificia naõ pode o Capitulo Geral supprimir, sem que para esse effeito preceda expressa Licença da Sé Apostólica; ficando alias nullo e de nenhum vigor *(irritum et inane)* o que sem ella se fizer.

II.

Objecçaõ 1.ª O *Estabelecimento* da renda do Collegio da Estrella, ainda que *confirmado como Lei fixa, naõ he por isso irrevogavel, ou Superior aos Poderes, que conforme a Constituiçaõ da Congregaçaõ rezidem no Corpo de Capitulo Geral*: Logo este pode revogallo, como fez o de 1801.

Resposta Conforme a Constituiçaõ da Congregaçaõ (Liv. III. Const. 9. Cap. 3. n. 1, e 2.) pode sem duvida o Capitulo Geral revogar, ou abrogar huma *Lei fixa*, ou *Confirmada;* mas he só depois de ter sido proposta, e approvada a sua revogaçaõ, ou abrogaçaõ em trez Capitulos Geraes plenos *(cunctis suffragantibus);* como nos §§. 2., e 13. desta Memoria fica dito; alias hé a sua revogaçaõ ou abrogaçaõ *nulla*, e de nenhum effeito, como na mesma Constituiçaõ se declara. Esta essencial Condiçaõ, naõ tinha precedido ao Capitulo Geral de 1801: Logo &.ª.

Naõ he necessario fallar sobre o que resolveo a este

respeito a Junta do mesmo anno; porque só os dez Vogaes, que a ella assistiraõ, naõ tinhaõ (como parece) authoridade, nem ainda para propor, e approvar, a abrogaçaõ da sobredita *Lei Confirmada* em trez Capitulos Geraes *plenos;* e muito menos tinhaõ a de abrogar de huma vez a mesma Lei.

Objecção 2.ª O *Avizo de 15 de Dezembro de 1785. naõ involvia mais do que huma simples Permissaõ, e naõ positivo* Mandado da Rainha Nossa Senhora: Logo sem preceder a Licença do Soberano, podia o Capitulo Geral abrogar a dita *Lei confirmada.*

Resposta. Nas Actas do Capitulo Geral de 1789. diz-se, que o Plano Economico sobre o Estabelecimento da renda perpetua do Collegio da Estrella fora *approvado,* e mandado executar por sua Magestade no sobredito Avizo; como se vê do lugar acima allegado na nota ao §. 11. desta Memoria.

Mas chame-se embora *simples Permissaõ,* o que Sua Magestade he Servida declarar naquele Avizo. Naõ será *temeridade* abrogar por votos de Vassallos hum Estabelecimento *permittido* pelo Soberano, sem preceder nova *Permissaõ* Sua em contrario?

Similhante procedimento naõ seria só huma *temeridade,* mas seria hum verdadeiro *attentado,* se o Soberano *Mandasse* positivamente executar, o que só approva, ou permitte no seu Real Avizo.

III.

Objecçaõ. A Dispoziçaõ do Plano a respeito dos dous Collegios de *Coimbra,* e da Estrella he *severa;* e como tal, digna de reforma.

Resposta. Naõ se trata aqui *de jure constituendo*, mas *de jure constituto*. Sua Magestade no Alvará de 25. de Fevereiro de 1789. *Ordena, que se cumpra e observe o dito Plano na forma, que nelle se contem, não se podendo innovar, nem alterar qualquer das suas Disposiçoẽs, sem que* a Mesma Senhora *haja de prestar para este effeito o seu Real Consentimento, ficando de nenhuma observancia o que tem elle se innovar, ou alterar.* Logo, se a referida Dispoziçaõ he, ou parece *severa*, requeira-se o *Real Consentimento* para ser reformada; mas naõ se reforme sem elle; porque similhante reforma seria absolutamente *nulla*, e de *nenhuma observancia*.

IIII.

Objecção. A Congregaçaõ no estado prezente não pode conservar, e manter hum Collegio de Estudos em *Lisboa*.

Resposta. Este Collegio tem renda propria, legitimamente estabelecida em mais de trez Capitulos Geraes, e roborada com a Soberana Authoridade de S. A. R., com a qual pode bem conservar-se, e manter-se. A maior parte desta renda foi tirada, em virtude de huma Bulla Apostolica, do Mosteiro de Arnoia, ao qual ainda resta hoje em dia o dobro da renda, que tinha em 1786., quando se applicaraõ os dous contos para o Collegio da Estrella. Logo as razoẽs economicas naõ saõ bastantes, para justificar a infracção das Leis da Congregaçaõ, e das Ordens do Soberano.

ADVERTENCIA

Estas *Breves Respostas* são, como hum Compendio de outras mais extensas, e circunstanciadas, que já se deraõ ás sobreditas *objecçoẽs,* e a outras menos importantes contra o Requerimento do Director Geral dos Estudos, e (o que parece incrivel) contra a mesma Resoluçaõ de S. A. R. de 3. de Fevereiro de 1803.

PARA A HISTÓRIA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA[1]

Senhor Jose Corrêa da Serra. — Tive a honra na monção passada de dirigir a V. S.ª o papel das descriçoens das producçoens da natutureza que tinha ajuntado; e forão em hum caixotinho, para se aprezentarem á Real Academia das Sciencias; de cuja remessa vai incluzo o seg.do conhecimento. Estimarei que tudo chegasse sem avaria, pois me acautelei, do modo possivel, em bem as acondicionar.

Algumas pelles que tinha ajuntado, me apodrecerão no Inverno, que este anno foi aqui muito rigoroso; e outras producçoens que tenho ajuntado, espero remeter a V. S.ª pelo navio que brevemente ha de partir em Abril subsequente.

Determine-me V. S.ª as suas estimaveis ordens para as executar como devo; pois tenho a honra de ser — De V. S.ª — m.to humilde Criado e Ven.or — Goa 19 de Março de 1781. — *Francisco Luiz de Menezes.*

Sn.r Joze Correa da Serra. — Depois q recebi a prim.ª carta de V. M. em data de 30 de Nov.bro de 1780, não tive a minima noticia dos progressos e occupaçoens da Nova Acad.ª R.l das Sciencias nessa terra, a q. me interesso com o duplicado titulo de Portuguez, e de gosar a honra de ser membro seo: nem tão pouco me chegarão á mão os seos Estatutos, e os outros papeis de q V. M. me falava na mesma Carta, o que suponho ter sido cauzado por algũa fatalid.e q̃ não me he conhecida. Rogo pois a V. M. queira remeterme os d.os papeis, juntam.te com o avizo do nome e assistencia de Academico, q̃ foi nomeado p.ª a minha Correspondencia em caso, q̃ a Academia tenha adoptado o plano da de Paris: pois achando-me já restabele-

[1] Continuado do vol. XIII, pág. 930.

cido da terrivel enfermid.e q̃ padeci perto de 4 annos com dores violentas dos olhos e cabeça, quizéra servir de algum modo a mesma Academia, e tendo a honra de ser solicitado frequentem.te por membros de varias Socied.es Literarias da Europa p.a a communicação do q̃ occorre á minha noticia q̃ seja util ao progresso das Sciencias e Artes, não quizera ter o desgosto de suspeitar q hum tal zelo se acha dormente na minha Patria.

Fico m.to p.a Servir a V. M. com a mais fiel vontade, e Sou com a mais distinta consideração — De V· M. — Servo m.to Ven.or e af.o — Londres 21 de Março de 1784 at n.o 12 Nevil Court. Fetter Lane

João Hyacintho de Magalhães

P. S. Quando V. M. me fizer a honra de escrever me será m.to a proposito remeterme as suas Cartas por via do official maior da Secretaria de Estado Manoel de Figueiredo ou por via de João Philipe da Fonseca, Official da Secretaria d'Estado da Marinha.

S.r Ab.e José Correa da Serra. — Meu Am.o e S.r da m.a maior veneração: Eu lhe escrevi os tempos passados, e até agora não tive resposta: Estimarei q̃ viva com saude, e com todas as felicid.es de que he merecedor.

Remeto lhe a informação incluza p.a a ler, e depois terá a bond.e de a fechar, e faze-la entregar ao Secret.o Fran.co Jozé da Costa. Ha m.to tempo que eu lhe communiquei este prejecto, porem só agora pude alcançar a informação do Corregedor da Comarca, e como a aprovação e zelo patriotico do Duque podem fazer m.to p.a a rezolução dele peço lhe que lho comunique p.a que dipois da consulta do Dezembargo do Paço influa q.to lhe for possivel na sua expedição com a Rainha, se isto lhe parecer acertado. Os impostos que os vereadores passados reprezentarão no requerim.to não me parecem em parte m.to bem imaginados, porq̃ se podião estabelecer de sorte que fossem menos gravozos ao Povo, mas assentei que se não devia falar nisso por não suscitar duvidas, e demoras, sendo facil depois alcançar comutação deles em coiza equivalente. Eu espero que as Camaras dos outros Destrictos continantes com o rio fação tambem as suas reprezentaçoens p.a q̃ o encanam.ro se complete nas coatro legoas, afim de ser navegavel em todo o ano.

Vi em caza de um Am.o meu uma estampa de retrato do Duque, que eu dezejava tambem possuir, e se tiver algumas lhe peço me

José Corrêa da Serra

queira fazer o favor de me mandar uma, ou me insinue os meios por onde a posso aver.

Tenha a bond.^{e} de oferecer a m.^{a} obed.^{a}, e os meus resp.^{tos} ao Duque, e dê-me as suas ordens que executarei fielm.^{te} pois sou — Seu Am.^{o} afect.^{o} Ven.^{or} e Cr.^{o} — Ponte de Lima 5 de Maio de *1784 Ant.^{o} de Ar.^{o} de Azv.^{do}*

Eccelenza. — Ho consegnato al S.^{or} Abate D.^{n} Giuseppe Vaccario un pacchetto per rimettere à V. E. nel quale si contengono due Esemplari della nuova Opera che ho publicato concernente le Pratiche di Geometria e Trigonometria, E Prego V: E: di presentara in mio nome uno dei detti Esemplari á codesta Reale Società delle Science in attestato del mio gradimento e stima che tongo per la Medesima, e di ricevere l'altro Esemplare con lo stesso titolo da chi ha l'onore di rassegnarsi — D. V.: E: — Segovia 19 Maggio 1784. — Aff.^{mo} Serv.^{re} — Á S: S: il Sig.^{or} Vizconte di Barbacena.

Pietro Giannini[1]

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. — Desde que a Academia foi servida honrar-me com me nomear entre os seus Socios, cuidei logo de aproveitar os intervallos de tempo q̃ me ficassem livres dos estudos, e pensoens da m.^{a} Profissão, para trabalhar em obra, com que podesse fazer algum serviço á Literatura da Nação, e concorrer q.^{to} em mim coubesse, para o esplendor da mesma Academia. Propuz-me entre outras coisas escrever Memorias para a Historia das Origens e Progressos da Lingoa Portugueza, e tratar em seus lugares competentes os Pontos que a Academia me mandou examinar sobre a sua Ortographia.

Tenho concluido a primeira da Obra, cujo Plano remetto a V. Ex.^{a}. Rogo a V. Ex.^{a} o favor de mo aprezentar á Academia, como hum testemunho menos de meus estudos e trabalhos, q̃ pouco valem, que dos dezejos q̃ tenho de não occupar ociozam.^{te} o lugar honrozo, em q̃ me poz. Fico m.^{to} prompto para tudo o q̃ V. Ex.^{a} me quizer mandar. D.^{s} g.^{de} a V. Ex.^{a} m. a. — De V. Ex.^{a} — M.^{to} attento venerador e Criado — Coimbra 7 de Junho de 1784.

Antonio Ribeiro dos Santos

[1] Pietro Giannini.

Rev.^{mo} Sn.^{r} P. Jozé Correa Serra. — Lhe remeto os papeis informados p.^{s} este cap.^{am} mor; agora espero da sua amizade o favor de solicitar, e obter o liv.^{to} desse soldado.

Me faz grande admiração o não fallar-se mais de Academia. O D.^{r} Dalla Bella dezejaria saber se a sua mem.^{a} se poderá acabar de imprimir.

Da Serra d'Estrella espero m.^{tas} plantas, e mineraes.

O P. Faustino esteve em Coimbra.

E en entanto tenho a honra de ser, pedindo-lhe o favor de me por aos pés do Ex.^{mo} Sr. Duque — m.^{to} ven.^{or} ob. Cr. A.^{o} — Coimbra 13 Set.^{o} 1784 — *Domingos Vandelli.*

Snr. Joze Correa da Serra. — Meu Amigo e S.^{r} da m.^{a} Vener.^{am}. Ainda que esta se antecipará pouco a minha chegada a essa Corte, contudo não quero deixar de acompanhar com ella o conhecimento incluzo, para que Vm^{ce} mande buscar o Modelo da Máquina que ha tanto tempo lhe prometi, e que vai remetido pello Hyate declarado no mesmo conhecimento.

Em quanto não tenho o gosto de vello e abraçallo lhe offreço as sinceras protestaçoens da m.^{a} fiel amızade e rendimento. D.^{s} G.^{e} a V. M.^{ce} m.^{s} a.^{s} Porto 27 de Novembro de 1784. — De V. m.^{ce} (*Não traz assignatura).*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor. — Remetto a V. Ex.^{ca} a solução do Problema sobre o methodo de approximação de M.^{r} Fontaine; estimarei q̃ essa Illustre Academia a julgue digna de lhe ser apresentada. — Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vines — Prop. 4. 11. — De V. Ex.^{a} — O mais humilde e obediente C.

Manoel Bag.no C.o Ro da Costa Maya

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor. — Receby de o Snr. D.^{r} Monteiro a carta de V. Ex.^{a}, q̃ continha as ultimas deliberações da Academia, as quaes comuniquei ao Snr. D.^{r} Dalla Bella, e despoes aos mais, como V. Ex.^{a} me ordena. Me parecerão m.^{to} uteis, as quaes se poderia acrecentar, q nas Assembleas publicas não se lesse memoria alguma sem antes ter se visto em alguma das particularidades. Dezejaria saber se a Lotteria continnará, porq̃. tendo a Academia annualm.^{te} esta renda, e bem administrada poderá fazer progressos considerá-

veis; mas he necessario q̃ V. Ex.ª continue a ser Secretario ao menos até ella ser estabelecida solidamente.

E entanto tenho a honra de ser — De V. Ex.ª — M.to Ven.or Ob. Cr.º e A.º — Coimbra 14 fev.º 1785 — *Domingos Vandelli*.

Ill.mo e Ex.mo Snr. — Recebi a estimavel carta de V. Ex.ª com a minuta incluza das Providencias que se tomarão para o Governo da Academia. E depois de a ler, logo a fiz passar ao destino, que V. Ex.ª me ordenou. A mim me parecem m.to acertadas as d.as Providencias, suposto que (como já expuz a V. Ex.ª em outra occasião) não confio tanto de Regulamentos escritos, quanto do espirito que se deve introduzir em cada hum dos Socios, p.ª todos concorrerem p.ª o mesmo fim.

Agradeço a V. Ex.ª o Almanak, em cujas Epochas vejo que vamos em 6 annos de Academia. E esta consideração faz ver, que he nessario apurar algũa cousa p.ª sahir á luz, e satisfazer a impaciencia de huns, e convencer a incredulid.º de outros. — D.s G.de a V. Ex.ª m.tos annos. Coimbra 21 de Fevr.º de 1785. — De V. Ex.ª — M.to fiel servo e Cr.º — *José Montr.o da Rocha.*

Para Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

O Snr. José Pedro Hasse, Prelado da S.ta Igreja Patriarcal.

Para Socios Suprannumerarios da mesma Academia.

O Snor. Ant.º Soares de Macedo Lobo, Medico da Familia de S. Mag.e, e Deputado da Junta do Protomedicato.

E o Sñor. Fran.co An.to Ciéra, Professor da Academia Real de Marinha.

Coimbra, e Março 14 de *1785*.

Ill.^{mo} e Excetmo. Senr. — Vi os nomes dos sujeitos q forão lembrados p. entrar no numero dos Socios dessa Real Academia. Pelo q. respeita ao Socio effectivo eu concordo na eleição do Snr. José Pedro Hassa de Belem, Prelado da Santa Igreja Patriarcal. Por Socios Supernumerarios q. hão de ser dous, eu nomeio Franc.^{o} Ant.^{o} Ciera, q̃ já se acha no numero dos nomiados; e em segundo lugar João Antonio de Lima Bezerra Professor de Historia nesta Unid.^{e}, homem distincto nas bellas letras, e pelas suas boas qualidades muito estimado.

Agradeço a V. E. a noticia de ser já chegada a impreção da minha Obra á folha N. Poderão faltar pouco mais de duas Folhas. Brevemente remetterei a V. E. outro Tratado completo sobre a cultivação das Oliveiras dirigido á mesma Academia, p. ver de obter a sua aprovação, quando o mereça. Estarei esperando as folhas impressas da primeira, e ao mesmo tempo a continuada honra do seu favor, pelo qual eu sou com profundo respeito — De V. Exza. — Coimbra 14 de Março de 1785. — Vnr.^{o} Dec.^{mo} Ob.^{mo} servd.^{or} e conf.^{e} — *João Anto dalla Bella.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{r} — A proposta da Academia sobre a eleiçam dos Socios me foi entregue a 14 deste, dia do correio, porem a tempo que me não dava espaço suficiente p.^{a} a minha deliberação, e assim foi necessr.^{o} deferir o meu voto p.^{a} o correio seguinte em q̃ escrevo, e he nesta conformid.^{e} o meu parecer que

P.^{a} Socio Effectivo seja o S.^{r} Roberto Nunes da Costa.

P.^{a} Socio Supernumerario Joze Joaquim de Faria.

E p.^{s} o lugar de outro supernumerario Antonio Soares de Macedo Lobo.

Estimarei que V. Ex.^{a} tenha perfeita saude, e me dê occasioens, em q̃ lhe preste. — Coimbra 21 de Março de 1785 — De V. Ex.^{a} — V.^{or} e obg.^{do}

Antonio Soares Barboza.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Com muito gosto vi a lembrança que V. Ex.^{a} me remetteu, das pessoas propostas para a Eleição dos Lugares va-

gos da Academia Real; e me parecem todas muito bem lembradas.

Para o outro lugar, que depois vagou, me lembra João Antonio Bezerra, Professor de Historia e Antiguid.^{e} nesta Universid.^{e}: sugeitto muito affeiçoado á Academia, e capaz de traballiar. E q.^{do} não haja lugar p.^{a} ausente, ficará p.^{a} q.^{do} o houver, e eu me comprometto na Eleição que a Academia fizer.

D.^{s} g.^{de} a V. Ex.^{cia} m.^{tos} annos. Coimbra 21 de Março de 1785 — De V. Ex.^{a} — M.^{to} obrig.^{do} e fiel Cr.^{o} — *José Montr. da Rocha.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor. — A Minuta das Resoluções da Academia Real das Sciencias de 7 e de 13 de Janr.^{o} de 1785, chegou á minha mão depois do Corr.^{o} em q̃ escrevi a V. Ex.^{a} a escolha q̃ na d.^{a} Lista fiz das Pessoas prepostas nella p.^{a} occuparem os Lugares vagos da m.^{a} Academia, pelo modo q̃ se me tinha insinuado, e q̃ he bem contr.^{o} ás d.^{tas} resoluções.

Dellas me consta q̃ devia lembrar som.^{te} outras Pessoas differentes das q̃ tinhão sido contempladas na referida Lista: e fiquei envergenhado pelo não ter feito assim.

Agora vou a remediar esta falta, espondo a V. Ex.^{a} o mot.^{o} della, e pedindo-lhe q̃ ma desculpe na d.^{a} Academia, se V. Ex.^{a} assim o julgar preciso.

Estimarei q̃. V. Ex.^{a} tenha festas alegres, e q̃ se sirva da cincerid.^{e} e affecto com q̃ sou — De V. Ex.^{a} — M.^{to} att.^{o} vend.^{or} e obrg.^{do} Servo — Coimbra e M.^{ço} 28 de 1785.

Antonio Joseph Pereira

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Visconde. — Como he chegado Mr. Franzini em cujo lugar fui nomeado para assistir ás sessões particulares da Academia, quizera que V. Ex.^{a} fosse servido declarar se devo continuar a assistencia dellas, ou não; pois sem esta declaração parece incoherente eu lá ir.

Remetto a V. Ex.^{a} o projecto do Italianno que Sua Mag.^{e} mandou a Academia. V. Ex.^{a} já sabe o meu parecer a respeito do merecimento delle; mas como Sua Mag.^{e} mandou ouvir a Academia, o meu voto he que este negocio se deve tratar m.^{to} seriam.^{te}, e que á imitação das outras nações, se deve nomear hũa comissão composta dos socios mais abalizados para o examinar, e desenganar a Sua Mag.^{e}

do que elle contem. E como hoje he dia do Corr.º, se V. Ex.ª julgar conveniente, o pode logo mandar ao D.r Montr.º p.ª abreviar o tempo.

Fico ás ordens de V. Ex.ª dezejando que o Ceo lhe assista com saude, e felicid.es, e g.e a V. Ex.ª m.s an.s — De V. Ex.ª — Reverente venerador e obzequiozo Criado — Castello de Lisboa 29 de Abril de 1785.

Castodio Gomes de Villas Boas

Num papel áparte: O papel em que fala esta carta deu-se a examinar ao Sr. P.e Theodoro de Almd.ª e parece-me q̃ tão bem juntam.te ao Sr. P.e João Faustino e estou na fé de q̃ ainda o não restituirão.

Ill. R. Snr. Jozé Corrêa da Serra. — Meu bom Am.º e S.r do C. Não estou contente com o rumo da jornada do Duque, pois quando o esperava aqui na comp.ª de V. M. e de Valleré, tive a certeza de que tinham voltado de Arronches: Deste modo evitaram a má hospedagem desta Caza; porem se eu tivesse esta certeza, hiria ao menos fazerlhe comp.ª em Arronches, e Campo Maior. Comtudo apezar do meu sentim.to dezejo que a jornada fosse feliz athé Lx.ª e quizera saber, se aproveitou a occazião em algũ descubrim.to de antigud.e

Faça-me favor de dizer ao Duque, que eu tenho mais ambição de o servir do q̃ S. Ex.ª entende; e por isso tive inveja ao Juiz de fora de Arronches, que veio saber a esta Serra algũas cousas do interesse de S. Ex.ª q.do eu estava mais perto, e conheço melhor o paiz. Que já sei q se me dêo o terreno da quinta, e q̃ pelo portador que ha de levar a relação destas averiguações escreverei a V. M. a este respeito.

Mas que previno a S. Ex.e p.ª que não determine decesivam.to cousa algũa neste p.ar sem me ouvir.

A pedra ou sippo do Municipio Amaitano fica-se colocando na Caza da Camara; e o Prov.or dá conta ao S.r Viscondo da execução da sua ordem. Tenha V. M. o trabalho de dizerme o q̃ achar em Barreiros nas Notas á 7.ª Taboa de Ptolomeo, e em Diogo Mendes de Vasconcellos no liv. 4 Antiquitatum Lusitaniæ. E mande me

sempre, em q̃ exercite a minha obediencia, persad.º que eu sou como devo Seu verdadeiro Am.º — Port.ᵉ 23 de Junho de 1785.

Joaõ Vidal

Quando V. M. não possa escrever cometa essa dilig.ª ao Am.º Snr. Pires. Quanto mais depressa for possivel q.ᵉ dever lhe o favor de remeterme pelo seguro hua das Medalhas, ou p.ª dizer melhor a Medalha da Academia em prata, tirada á minha custa, o q̃ V. M. poderá fazer, sem q̃ o Duque saiba p.ª q.ᵐ he.

Ill.ᵐᵒ Sr. Fran.ᶜᵒ de Borja Garção Stokler. — M.ᵗᵒ meu Sr. Em consequencia do que annunciou a gazeta da semana passada sobre o disposto p.ˡᵃ Real Academia na sua ultima sessão, como amante das Sciencias e Artes devo participar a V. S. que nesta V.ª de Frontr.ª, aonde sou Professor de Latim, se achara n'umas excavaçoens ao pé d'huma torre casualmente hũa lapide, cujo debuxo he o que remetto incluzo. Esta lapide se acha em caza de Joze Affonso Machado Sacotto nesta mesma V.ª, e bem pouca estimação se faz della. Tenho feito as possiveis diligencias por descubrir a sua historia, e com eff.º algũas clarezas tenho encontrado, que não exponho agora por me não ser possivel, o que farei quando tiver melhor occazião. Pode ser q̃ no mesmo sitio, ou na circumferencia do Castello se ache mais algũa coisa, fazendo-se as devidas deligencias.

Para servir a V. S.ª fico m.ᵗᵒ prompto, como quem he com todo o respeito — De V. S. — Creado m.ᵗᵒ att.º v.ᵒʳ — Frontr.ª 24 de Julho de 1795.

Pedro Fran.ᶜᵒ d'Oliveira

Monsieur. — J'ai eu l'Honneur, Monsieur, de reçevoir ces jours passés avec beaucoup de reconnaissance la Medaille que l'Academie Royale des Sciences à Lisbonne a adjugé au S.ʳ Kratzenstein, aussi bien que la lettre polie que Votre Excellence m'a bien voulu adresser en même tems pour cette raison et j'aurai soin de la faire remettre au dit Professeur dès que cela sera practicable.

Je suis au reste tres sensible à tout ce qu'il a plû à Votre Excellence me dire d'obligeant dans cette rencontre et je me ferai en

echange un vrai devoir de profiter de toutes les occasions que je serai assez heureux de rencontrer pour la convaincre de la consideration distinguée avec laquelle j'ai l'honneur d'être, Monsieur, — de Votre Excellence — le trés humble, et trés obéissant serviteur — Lisbonne le 20 aout 1785.

G. de Johnn[1]

Au Tres haut, Tres puissant et tres Genereux Seigneur Jean de Bragance, amateur et protecteur des Sciences et beaux Arts, president de l'Academie des Sciences de Lisbonne;

A l'excellentiss.me Vieonte de Barbacene, Secretaire perpetuel; et aux très illustres membres du même Corps.

Messieurs. — Votre choix m'appele a remplir une place d'Associé correspondant de votre illustre Academie: Grace honorifique, que je recois avec d'autant plus de sensibilité et de reconnaissance, que je la dois, non a ces talents heureux et superieurs, qui vous distinguent, mais uniquement aux impressions favorables, et à la bonne opinion que quelques membres Academiques vous ont inspiré de mon Amour pour cete même utilité publique, qui vous reunit et fait l'objet de vos Assemblées. Il seroit sans doutte, Messieurs, hors de propos, que je blamasse ce choix que vous venés defaire, mais il le seroit egalement et bien temeraire a moy et bien au dessus de ma portée, que j'entreprisse de le justifier. S'il est encore permis aux grands Genies de prendre l'essor et de revendiquer le droit qu'ils ont d'eclairer et d'intruire; il ne les dejá plus aux medioeres, qui doivent craindre de montrer au grand jour leurs vains efforts. En effet, Messieurs, que produiroit dans ce siecle eclairé, au milieu des plus vives clartés, quelques foibles rayons d'une lumiere affoiblie: Cependant il est encore, sans sortir de la sphere de leur activité; il est de longues carrieres a remplir, ou tous et chacun peuvent s'exercer selon la mesure des forces de son ame; je veux dire, Messieurs, que tous peuvent donner le bon exemple et la pratique des actes reiterés d'une bonté communicative; dont le stricte devoir est imposé essentielment a tout être raisonnable, aux grands et aux petits: c'est de cette indispensable obligation d'etre bon, comunne a

[1] G. de Johnn.

tous, anterieure a toutte autre obligation, attestée et reclamée interieurement par la conscience; c'est de cette unique Source Sacrée de tous nos devoirs reciproques et socials, qu'emane l'amour du prochain et celuy du bien commun. Helas combien de fois ce noble amour, aliment des ames genereuses, n'a til pas eté etouffé dès sa naissance par son adversaire, l'interest exclusif et mal entendu... Mais arretons nos plaintes, sechons nos pleurs! reconnoissons qu'il est de nos jours plus que jamais heureusement et efficacement propagé presque dans toutes les contrées. Ouy, Messieurs, ce principe lumineux et vivifiant de la charité universelle, que dirige vos travaux, resplendit aujourdhuy au milieu des tenebres des perjugés des nations, comme autrefois la colonne de feu dans de desert pendant l'obscurité de la nuit: dejá il guide surement les souverains, les peuples et les particuliers, il conduit et dirige leurs pas vers le Santuaire de l'utilité publique, ou la plus grande felicité est assisse sur son Throne. C'est a vous, a món respectable Maitre, a qui l'humanité, cy devant trop souvent degradée, doit l'insigne, l'incomparable et inapreciable bienfait de sa moderne Exaltation: oh que votre nom, que vous vous estes ligitimement attribué, est bien superieur a tous les autres noms: Vos contemporains luy ont applaudi et tous les ages vous le confirmeront: Ami des hommes! Souffrés que je jette sur votre tombe quelques fleurs et quelques grains d'encens; non que je me hasarde a ternir votre gloire par mes faibles expressions: Vos eloges ont eté traitté par de plus habiles panegiristes qui vous avoient consacré, ainsi que moy, toute leur sensibilité. Vos immortels ouvrages ou votre belle ame est si bien peinte existeront dans tous les siecles: mais dejà n'existent plus que dans notre souvenir ce langage expressif et ces traits tout de feu qui remuant nos ames au gré de vos desirs, nous inspiroient a tous une forte volonté de devenir meilleurs: O bienfaiteur des hommes! je vous rend Grace publiquement du bienfait dont L'Academie m'honore aujourdhuy: je le dois a vos principes, a votre langage que je me suis approprié dès ma jeunesse et a l'enthousiasme que vous m'avez inspiré et que j'ay quelque fois transmis dans mes entretiens publics et particuliers, — il a gagné ces Amis, qui m'ont tiré de mon obscurité; il ne m'appartient en propre que cette bonne volonté soumise a la loy de correspondant q̃. il vous a plûs, M.rs, de m'imposer: vous la reconnoitrés toujour en moy, si vous daignés la mettre a l'épreuve; heureux si dans mes essais, elle peut parvenir a meriter, Messieurs, votre approbation, et concourir en quelque façon avec vous a la grand œuvre de l'utilité publique: Veuille le ciel benir vos dignes intentions et couronner vos louables traveaux par

les plus heureux succés, et en prolongeant vos jours et votre bonheur jusq'au terme le plus reculé de la vie; ce sont les vœuds les plus ardents et les plus sinceres. — Messieurs — Valence 26 de Octobre 1785 — De votre tres humble, tres obeissant e tres obligé serviteur

Jean Victore Miron de Sabionne

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Senhor. — Quando presentei as amostras dos linhos de Luiz Ant.º de Leiros a Real Academia ouvi a resolução da mesma Acad.ª de agradecer o d.º Luiz Ant.º, e a incumbencia q teve o Sn.^r^ Brigadeiro de mandar fazer huma medalha de ouro para dar a Luiz Ant.º, do q̃ todo avisei o mesmo: Agora remetto a V. Ex. huma carta, q̃ me escreve: Eu neste negocio faço huma m.^to^ maa figura, peloq̃ me seria necessario huma atestação do q̃ resolveo a Academia quando prezentei as amostras, p.ª fazer constar, q̃ eu não tenho mentido no avizo q̃ dei a Luis Ant.º, ao qual ainda não respondo até não ter fallado a V. Ex.ª, do qual tenho a honra de ser — De V. Ex.ª — 20 N.º 1786 — M.^to^ ven.^or^ ob.º cr.º e A.º — *Domingos Vandelli.*

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Senhor Visconde de Barbacena. — Remetto a V. Ex.ª a Censura inclusa, q̃ se demorou a esperar por huma Memoria q̃ eu trazia entre maons, e q̃ algumas occupações publicas, me não deixão por ora concluir; o q̃ protesto fazer com a maior brevid.^e^ q̃ ellas me permittirem: Desejando entret.º q̃ V. Ex.ª tenha festas alegres, e q̃ se sirva sempre da veneração e respeito com q̃ sou — De V. Ex.ª — M.^to^ affectivo e m.^to^ obrigado servo — Coimbra, e Dezembro 19 de 1785 — *Antonio Joseph Pereira.*

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr. — Os raros, e elevados Talentos, com que V. Ex.ª se quiz fazer admirar de todos aquelles, que prezenciárão os distinctissimos actos, que conservão a memoria daquelle lustre, e esplendor, que especializou a V. Ex.ª naquella florente Universidade de Coimbra, testemunhão no mesmo tempo, que V. Ex.ª pela sua Nobilissima Pessoa, e beniguo caracter, com que alli se fez respeitado, e amado de todos, he digno do admiravel nome com q̃ he

só conhecido entre os homens, o Homem de Letras. E sendo V. Ex.ª, por este mesmo motivo, escolhido para Socio e Secretario dessa Real Academia, continúa V. Ex.ª nesse distincto lugar a distinguir, e a ennobrecer a todos; e he tão grande a benignidade de V. Ex.ª q̃ athé a mim me felicita, concorrendo para que eu fosse contemplado no feliz numero dos Socios correspondentes dessa Respeitavel Corporação, sem merecimentos que me elevassem á posse de huma tão grande honra. Facilitando-me ella, paraque, por meio desta Carta, agradeça a V. Ex.ª este grande obzequio, me permitte juntamente que eu tenha outro exercicio não menos interessante para mim pelo credito, que delle me rezulta, o qual he supplicar a V. Ex.ª me conceda, q̃ a minha obediencia seja sempre dependente dos honrosissimos preceitos de V. Ex.ª, cuja distincta mercê espero se digne conceder-me, e tambem que Custodio Gomes na primeira Sessão da Academia publique as minhas Observaçõens Meteorologicas, q̃ tenho a ventura de dedicar-lhe, e quatro palavras latinas mal ordenadas, com que me proponho agradecer-lhe o favor, que me concedeu: servindo-me desta deliberação, por dever evitar a V. Ex.ª todo o incommodo, e cooperar tão sómente para tudo o q̃ seja dar gosto, agradar, e servir a V. Ex.ª, o q̃ protesto exercitar sempre pelos officios que prescreve a mais rigorosa obrigação, confessando q̃ sou — Com o mais profundo respeito — De V. Ex.ª — Humilde Criado — Ill.mo e Ex.mo Snr. Viseonde de Barbacena. — Lamego 5 de Janeiro de 1786.

João de Souza Fryre de Araujo Borges da Veiga

Ill.mo e Ex.mo Snr. — Remetto a V. Ex.ª a Memoria inclusa, e hum papel sobre os motivos della, os quaes não deixárão de ser já notorios a V. Ex.ª. Deste Papel poderão mandar-se algũas Copias para essa Capital, porque o deixei ver a alguns curiosos. Nelle uso de tom mais forte, do que por outra parte dezejava. Porque reflectindo, que toda a moderação que houvesse da minha parte havia de ser olhada por José Anastacio e seus illudidos sequazes, como hum reconhecimento da superioridade que elle pretende sem fundamento algum, e por meios tão iniquos; achei que era necessario dar-lhe tanto de rijo, quanto fosse permittido em hum Papel que havia de correr em meu nome; seguindo o conselho do sabio: *Responde stulto juxta stultitiam suam, ne sibi sapiens esse videatur.*

Não posso porem deixar de dizer a V. Ex.ª que me são muito desagradaveis semelhantes contestaçoens, ainda que dellas venha a sahir com a superioridade, que resultará dos dous escritos que remetto. E que o maior desgosto, que tenho tido nesta materia, he o ver, q̃ alguns Membros da Academia derão occasião a esta scena, e atiçarão o fogo de Jose Anastasio tanto mais disposto para semelhantes emprezas, quanto mais jactancioso e presumido procura illudir o publico, e ganhar reputaçoens de Grande Homem. A emulação virtuosa, e as contestaçoens litterarias, tratadas com decencia, e civilidade, são de grande utilidade para o progresso das Letras; mas injurias grosseiras, e insolentes, de que se arma José Anastasio, são os maiores impedimentos, que se podem considerar; e se elle pegar esse contagio aos membros da Academia que lhe fazem corte, daqui a dou por perdida. D.s g.de a V. Ex.ª m.tos annos. — Coimbra 13 de Fevr.º de 1786 — De V. Ex.ª — M.to obr.º e fiel Cr.º — *Jose Montr.º da Rocha.*

Ill.mos e Ex.mos Snr.es — Nada regozija mais os sabios, porque nada appetecem mais, que serem arrollados nas celebres Academias, que tanto florecem em honra, e proveito da humanidade: a sua eleição he testemunho solemne de hum merito descommum, e hum titulo para participar da gloria daquelles illustres estabelecimentos. Porem eu, que, conhecendo bem a minha tenuidade, nem ousava esperar, nem appetecer a honrosa eleição, que agradou a VV. Ex.as fazer de mim; ao ver pronunciar o meu nome em hum Congresso onde o Genio, que preside ás Sciencias, ajuntou as maravilhas de Athenas, e Roma, em vez de se me alargar o coração, encolhido em mim mesmo esmoreço. Como encherei os encargos, que V. Ex.as me impôem?

Comtudo, confessando com a sinceridade, que he a minha unica virtude, que esta eleição he hum effeito da bondade de V. Ex.as e do seu respeitavel Presidente, entendo a industria desta alma sequiosa da gloria do nome Portuguez. Porque, não satisfeito com a de ter ajuntado em tão illustre Corporação, e desvellado ao mundo as luzes, que achou dispersas em a Nação, aspira á de crear outras de novo, emulando o divino architecto, que para a fabrica do Universo, todas as couzas tirou do seyo do nada, e nas suas mãos o barro tosco foi hum homem semelhante ao seu author.

Difficil he o empenho! Porque seria necessario primeiro esmoitar hum terreno tão inculto, como o meu, para o tornar docil á cultura, com que respondesse á mão do bemfeitor. E hua Providencia, que devo respeitar em silencio, obrigando-me a viver muy longe de

V. Ex.as, e entre barbaros, cujo trato embota as faculdades da alma, e a dar o melhor de meus cuidados a objectos melancólicos, não só me priva de hir ás sessões, e exercicios de V. Ex.as colher as luzes, que me faltão, das boas artes; mas athé de fazer de mim mesmo hũa applicação igual á minha necessidade.

Mas, vendo que a mesma benevolencia industriosa de V. Ex.as, posto caso que não he para mim titulo de gloria, he certamente hum para dupplicado agradecimento, dezejava poder exprimir dignamente o que sinto no coração, assim pela merce, que V. Ex.as me fazem, como pelo bem, que me procurão. Durará na minha alma a lembrança agradecida do beneficio de V. Ex.as, e estimulado de affectos, que não saberei declarar; não podendo em reconhecimento apresentar a V. Ex.as mais, que louvaveis desejos de merecer o que já lhes devo; protesto que farei quanto em mim for, para que estes não sejão estereis. Lutarei commigo, e com minha propria fraqueza; e se não tiver parte nas victorias, e triumphos, que V. Ex.as vão alcançando da ignorancia, ou serei como aquelles homens humildes, que tambem servem á Patria ajudando a conduzir a bagagem do exercito, ou os carros do triumpho. ou como aquelles camponezes, que acodem á estrada, para dar emboras aos vencedores, entre rusticas cantigas; ou me honrarei ao menos de espalhar algũas flores do campo pelo caminho por onde V. Ex.as vão subindo ao cimo da gloria verdadeira. Com estes esforços, quanto eu puder, procurarei justificar a escolha de V. Ex.as, mostrando a todos, que se não podião eleger hum correspondente menos habil, não o podião achar mais fiel á sua obrigação, e mais agradecido á bondade de V. Ex.as — Loanda 28 de Fevereiro de 1787.

Fr. Alex.e B. de Malaca

Ill.mo e Ex.mo Snr. — Pela ultima carta de V. Ex.a entendo que a Academia se dispoem a tratar da Impressão das suas Memorias. E nesta intelligencia dezejo rever as que remetti a V. Ex.a, os annos passados, porque dellas me não ficou copia. Assim espero, que V. Ex.a mas remetta (exceptuando a ultima que ha pouco mandei a V. Ex.a) para as tornar a ver, e muito principalmente a dos Cometas, da qual me he necessario tomar o fio, para fazer a segunda Parte. D.s g.de a V. Ex.a m.s a.s — Coimbra 26 de março de 1786. — De V. Ex.a — M.to obr.o e fiel Cr.o — *Joze Montr.o da Rocha.*

Bayonne le 3 Avril 1786. — Recevés Mon cher Rev. Pere, mes sincères remerciemens & ceux de M.r le Ch.er de la Chabeaussiere, pour les soins que vous vous êtes donnés affin de le faire recevoir a nôtre Academie, & faites agréer je vous prie à l'Academie le temoignage de ma vive reconnoissance de ce quelle a bien voulu s'en rapporter a moi pour le juger digne d'être admis dans son corps; M.r de la Chabeaussiere en est penetré, & il n'attend que de recevoir ses patentes pour adresser ses remerciemens á l'Academie & lui consacrer ses travaux. Lorsque M.r le Viconte vous aura remis les surd.tes patentes, vous me fairés plaisir de me les adresser directement par le courrier sans attendre une occasion de navire, cette voie n'étant jamais assi sure. Il me tarde de voir les memoires imprimés que vous m'annoncés & je verrai avec d'autant plus de plaisir vôtre morceau sur la musique, que depuis vôtre départ, sans negliger la pratique, j'en ai beaucoup étudié la Théorie.

Je fais une prière au P. João Faustino, je vous prie de l'appuier de vôtre crédit bien persuadé du plaisir qu'il me fera & de l'obligation que je lui en aurai.

Je vous remets cy joint la notte des bours que mon Pére á fait pour vous, montant a une somme de R.s 37$984 qu'il vous prie de faire remettre, à notre commodité à mon oncle J. Jacq.s Lartigue qui vous en donnera quittance; il vous fait mille complimens, recevés aussi les respects de ma fille qui deviant une fort aimable enfant.

Je suis toujours, Mon cher Rev.d Pere, avec la plus sincere amitié. — Votre tres affec.t serv.r & ami

Ducasson Lartigue[1]

Ill.mo e Ex.mo Senhor. — Esta terceira vez que faso uma pequena remessa de alguns produtos que pude ajuntar para o Museu da Academia Real das Sciencias, como Socio Correspondente: tenho a honra de os dirigir ao favor de V. Ex.a para os fazer prezentes.

O succeso de não saber se forão, ou não entregues os produtos que remeti os annos pasados, me dezanimão de algum modo à proseguir o que dezejava aprezentar da istoria natural de Goa pelos uzos cos-

---

1 Ducasson Lartigue.

tumes e outras noticias atinentes aos seus habitantes e situação, correlativas á mesma istoria. Nam quererei para o meu desengano que a benevola atensam de V. Ex.ª me deixe de onrar com reposta sua.

As memorias e deseriçoens feitas com presa, e sem a maior erize, necesitão de coresão e emenda. Não se podem ellas consegnir sem um vagarozo e ezato ezame: e as mesmas figuras debuxadas pela minha mão, não sahirão tão perfeitas como se podia dezejar.

As péles e mais produtos que vão no caixote estimarei que cheguem perfeitas e livres de avaria. Jozé Fernandes, e Jacinto Domingues, Sobrecargas do navio grande Condestavel, se me oferecerão a levalo gratuitamente sem fretes: unicamente em obzequio á Real Academia.

Serei felis se merecerem a aprovasam do Ill.mo e Ex.mo Senhor Duque Prezidente, e dos mais Ex.mos Senhores, e de V. Ex.ª aquem protesto a minha fiel obediencia para o servir e agradecer com a honra de ser — Ill.mo e Ex.mo Senhor Visconde de Barbacena — De V. Ex.ª — m.to hum.e e obrigado serv.or — Goa 8 de Abril de 1786. — *Francisco Luiz de Menezes.*

Ill.mo e Ex.mo Senhor. — São alguns correyos, que tive a honra de escrever a V. Ex.ª e remeterlhe a 2.ª Memoria do D.r Dalla Bella.

Tendo examinadas as memorias, que V. Ex.ª m'encarregou, não achei cousa alguma nova, que merecesse entrar no primeiro tomo de huma Academia de Sciencias, que deve mostrar ao publico o estado das Sciencias d'este Reino: Somente me parece, que se poderia imprimir a simples descripção da Cocinilha. Se a V. Ex.ª parecer conveniente, as ditas memorias poderião ser examinadas por outro socio, antes de eu remettelas; dezejando sempre o aumento, e credito desta Academia, com tudo eu não poder contribuir em modo algum ao seu esplendor; não achando-se em mim, se não que boa vontade, e grande desejo, que hum estabelecimento tão util continue com honra da Nação. Sendo com todo o respeito de V. Ex.ª — Coimbra 17 dAbril 1786. — M.to Ven.or Obr.mo Cr.o At.o — *Domingos Vandelli.*

Ill.mo e Ex.mo Sñr. — A estimavel carta que agora recebo, emq̃ a Academia Real das Sciencias se digna honrar-me de seu correspondente, sobre me deixar em huma notavel confuzão, pelo pouco merecimento meu, me obriga a hum publico, e continuo agradecimento, pelo credito que me rezulta da sua generoza benignidade em me agregar a si. Se eu posso mostrar algum, hé só empregando gosto-

sam.[te] todas as m.[as] forças, e diminutas luzes de q̃ sou doptado, em satisfazer as obrigações do encargo q̃ este Illustre Corpo me impoem, e mostrar hum constante zelo em tudo quanto depender de mim.

Como, Excellentissimo Snr, esta respeitavel corporação, pellas maons de V. Ex.[a] dirigio esta minha ventura, atrevo-me a rogar a V. Ex.[a] haja de patentear-lhe estes meus sentimentos. E já q̃ V. Ex.[a] principiou em proteger-me concorrendo para esta felicidade, sirva-se V. Ex.[a] tambem o desculpar-me na mesma Assemblea, o não explicar-me no mesmo idioma da sua carta; mas a causa he a infelicidade que me acompanha de ignorar aquella lingua.

Julgo q̃ V. Ex.[a] bem se lembrará de conhecer-me em Coimbra, e sabe bellam.[te] quaes forão os meus principios; e q̃ só estimulado de huma interior inclinação he q̃ me appliquei aos Estudos Mathematicos.

Tenho a distinta honra de remeter a V. Ex.[a] as m.[as] Observações dos ultimos tres annos q̃ aqui existo, e ao mesmo tempo suplicar-lhe incessantem.[te] desculpe os meus deffeitos; attendendo q̃ não tive outro ponto de vista neste trabalho, mais q̃. occupar honestam.[te] o tempo, e dar huma not.[a] fysica deste Paiz aos meus Compatriotas.

G.[e] D.[s] por m.[tos] annos a muito Illustre e dignissima pessoa do V. Ex.[a] como lhe dezeja — O mais obrig.[do] e o mais humilde criado de V. Ex.[a] — Rio de Janeiro 18 de Maio de 1786. — *Bento Sanches Dorta.*

Ill.[mo] e Ex.[mo] Snr. — Fico entregue das Memorias, e do Livro que contem as de Berlim. Pelo que tenho visto destas, me confirmei no que tinha conjecturado sobre ellas, depois de ver que M. Pingré no 2.º tomo da sua Cometographia alem do Methodo comum tráz os de Euler, Sejour, de la Place, e não transcreve das memorias de Berlim, senão hum Probl. de Hennert, que som.[te] tem o *accessit.* Assim julguei desde então, que as memorias premiadas serião muito ingenhozas, e sublimes, mas pouco comodas p.[a] a pratica, que era todavia o fim principal declarado no programma; e isto he o que ellas mostrão.

As minhas vierão na peior occasião p.[a] a brevid.[e] q̃ V. Ex.[a] me recomenda, por ser agora o tempo occupado nos Actos. Mas farei toda a dilig.[a] na expedição, a qual seria mais breve, se consistisse som.[te] na revisão. Mas o fim principal, porque as mandei pedir, foi por querer reformar a dos Cometas. Depois de a ter feito achei outro methodo, ou dous differentes de resolver as equaçoens fundamentaes, sem recorrer ás formulas differenciais, que me parecem m.[to]

mais expeditos na practica. E assim quero substituillos, e refazer por elles os exemplos: no que he nr.º mais algum tempo.

D.ˢ G.ᵈᵉ a V. Ex.ª m.ᵗᵒˢ annos — Coimbra 26 de Junho de 1786. — De V. Ex.ª — M.ᵗᵒ Obr.º e fiel Cr.º — *José Montr.º da Rocha.*

Leyde le 3 Juillet 1786. — Monsieur. — Voici l'exemplaire des échantillons de caractères d'imprimerie, que l'Academie souhaite d'avoir. Comme il forme un trop gros volume pour que j'oze vous l'expedier par la poste, je prend la liberté de l'adresser à Mr. de Almeida, qui peut-être aura l'occasion de vous le faire parvenir par la même voye dont je n'oze pas me servir. Au cas que non, je le prie de me la renvoyer, & alors je vous l'enverrai par le premier Vaisseau qui partira d'Amsterdam pour Lisbonne. Si l'Academie trouve parmi ces échantillons quelques caractères qui lui conviennent, en lui faisant agreer les assurances de mon respectueux dévouement, ayez la bonté de lui dire que j'aurai soins que les ordres qu'elle donnera pour les avoir, soient ponctuellement & fidélement exécutés.

Je suis avec toute l'estime & l'affection possible.

Monsieur — Votre très humble e très obeissant serviteur. — *Allamand.*

P. S. Vous trouverez à la fin de ce volume les prix de tous les caractères qu'il renferme.

Ill.ᵐᵒ e Ex.ᵐᵒ Snr. — A carta, q̃ há pouco recebo d'essa Academia, fazendo-me a honra de seu Socio correspond.ᵗᵉ accendeu em mim novos desejos d'empregar todos os cabedaes do meu espirito no mais zeloso Patriotismo: esta nomeação feita por hũa Socied.ᵉ tam sizuda, e tam sabia authoriza a gr.ᵉ inclinação, q̃ eu sinto p.ª promover da m.ª parte, e com as m.ᵃˢ fracas luzes o bem da Humanidade e ao m.ᵐᵒ tempo já premeia os bons desejos de lhe ser util: esse reconhecim.ᵗᵒ será hum seguro penhor dos esforços, q̃ empregarei p.ª desempenhar a m.ª eleição: q ʳᵃ V. Ex.ª ter a bond.ᵉ de fazer presentes estes meus sentim.ᵗᵒˢ ao Ex.ᵐᵒ Snr. Presidente e a toda a Academia. Sou com o devido resp.º — De V. Ex.ª — M.ᵗᵒ Ven.ᵒʳ e humilde Servo — Lagos. 30 de Julho de 1786.

Dymas Thadeu d'Almd.ª Ramo

Tenho tardado em manifestar o meu vivo reconhecimento, pelo especial favor da adopção com que a Real Academia das Sciencias me honrou, por desejar ao mesmo tempo obedecer ás suas patrioticas disposições, dando alguma prova do meu zêlo pelo bem publico; mas impossibilitaram-me de cumprir esta obrigação, as minhas diarias occupações, que, nesta extensissima Cidade, não dam lugar a que hum Medico attenda efficazmente a outros objectos, álem dos de immediata connexão com a prática, os quaes porem reputei até a presente por inadmissiveis, não se achando incluidos no Plano original da Academia.

Agora que percebo pelo ultimo Programma, que não tem limites a Philantropia deste Illustre Corpo; e lisongeando-me de poder cooperar com as suas benevolas intenções, por meios compativeis com a minha profissão, determinome sem demora a offerecer-lhe algumas Memorias sobre a Povoação de Portugal, persuadido de que objecto de tanta importancia, não poderá deixar de ser digno da attenção da mesma Academia.

O Assumpto da presente será pois, recommendar hum Projecto que considero como a baze fundamental de outros que para o diante proporei, e que espero sejam conducentes a promover o augmento da nossa Povoação.

Não obstante que a moderação que geralmente prevalece no modo de viver em Portugal, e a benignidade do seu clima, devam concorrer para a duração da vida, contudo o numero de seus Habitantes he relativamente muito inferior ao dos outros Estados da Europa, destituidos daquellas vantagens. Não averiguarei quanto contribuem para este effeito tão prejudicial, o Celibato, a decadencia da Agricultura, a emigração, e outras causas Politicas egualmente sensiveis, por não ser da minha competencia semelhante investigação.— O meu designio será unicamente de explorar as origens, no que diz respeito á saude, da decadencia da Povoação; e conhecidos os defeitos, ou causas, indagar o modo de corrigillos, e propôr os meios necessarios para recuperar e conservar a saude, e prolongar a vida.

Para proceder no exame deste importantissimo objecto, se requer primordialmente huma exacta informação das Doenças funestas, idades, sexo, e estação em que prevalecem em Portugal; e para este fim proponho á consideração da Academia o estabelecimento de Registros, ou Listas dos Nascimentos e Falecimentos, á imitação do que se está praticando em Londres, e outras principaes Cidades da Europa; não duvidando que a Nossa Augusta Soberana se digne de approvar hum Plano tão immediatamente dirigido ao bem dos seus

Vassallos, e que para o promover seja servida ordenar aquellas providencias que se fizerem necessarias.

Será muito provavel que o seguinte Plano careça de algumas alterações, tanto para facilitar a sua introducção em Portugal, como para procurar-lhe maiores vantagens; e por isso imploro os auxilios da Academia suplicando lhe haja de suprir o que neste se achar de defeituoso. Tambem prevejo algumas difficuldades na determinação da causa das mortes em muitos casos; porem como as mais consideraveis das Doenças funestas, sam aquellas em cuja decisão não póde haver dúvida, e o genero de outras se póde elucidar com sagacidade e observação, poucas serám as que requeiram decisão analogica, e muito menos as que se não possam investigar por meio destas inpagações.

O Plano consistirá pois em que se não permittam enterramentos, sem que o Medico assistente, Cirurgião, ou alguma outra pessoa nomeada para esse fim pelo Protomedicato, declare a causa do falecimento do Defunto. Cada Parrochia deverá ter hum Compilador, o qual será obrigado no fim de cada mez a entregar huma Lista circumstanciada dos Baptismos e Enterros ao Collector Geral na qual declare a causa das mortes, as idades, sexo, se Casados, Solteiros, ou Viuvos. — Tambem se deverám incluir nestas Listas os Defuntos dos Conventos e Hospitaes. O Collector Geral formará destas Listas mensaes das Parrochias, huma annual que será denominada a Lista da Cidade. — E as das Provincias se conformarám ao mesmo Plano.

Londres 18 de 7.bro de 1786.

Fran.co Correia da Silva [1]

Ill.mo e Ex.mo Snr. — Eu esperava ir pessoalmente significar a V. Ex.a a impressão, que em mim fez a alegre noticia do seu novo Despacho; mas as minhas molestias me impedirão até'gora este gosto. As Letras hão de sentir-se da auzencia do seu Patrono: mas o Estado porem, ao qual são devidos todos os parabens, vae a conhecer, que utilid.e lhe rezulta de escolher sabios p.a os Governos. Se Portugal contasse muitos, que procurassem fazer-se tão dignos, como V. Ex.a, deste nome, seria huma das mais felizes Monarquias. Não hé porem pequena felicid.e para nós termos em V. Ex.a hum

---

[1] Francisco Correia da Silva e Sequeira.

Grande, que se honra de ser sabio; porq̃ verdadeiramente o hé. Todos conhecem já os effeitos de tão nobre exemplo; e conhecerão d'aqui em diante os fructos, que as grandes Luzes de V. Ex.ª vão a produzir no seo novo Emprego, e nos mais, que a este hão de seguir-se.

Visto tomar a confiança de escrever a V. Ex.ª, tomo tãobem de caminho a de mandar-lhe entregar hum Manuscrito, o qual, ao menos por ser talvez o unico exemplar, q̃ existe, não desmerecerá a honra de ser posto na Bibliotheca da Academia. Vae no mesmo estado, em que o adquiri, por temer que os encadernadores desta terra o estragassem mais, querendo aceiallo. Contento-me por-ora com remetter obras alheias, emquanto algumas molestias, e outros embaraços me impedem pôr as minhas em termos de apparecerem com decencia aos olhos da Academia. Eu tenho até agora ajuntado alguns materiaes pertencentes á Historia Religiosa, Politica e Literaria dos Judeos em Portugal. Pareceo-me que esta Nação tão respeitavel, como universalmente perseguida, ainda que por differentes motivos, merecia hum distinto Lugar na historia Geral do nosso Reino; e que os meos trabalhos dirigidos a este fim não serião indignos da approvação de V. Ex.ª, e de toda a Academia. Estimarei não me enganar neste conceito.

D.s g.de a V. Ex.ª m.s a.s. Coimbra, Coll.º de S. Bento 2. de Outubro de 1786. — De V. Ex.ª — Servo o mais obrigado

Fr. Joaquim de S.ta Clara.

Ill.mo e Ex.mo Snr. — O lugar de Secretario da Academia das Sciencias, que V. Ex.ª ocupa tão dignamente; a honra que eu tenho de ser do numero dos seus correspondentes, e o desejo de q̃ a Academia adquira hũ Thezouro muito preciozo, me obriga a participar a V. Ex.ª que no dia 28 de Setembro proximo andando hũ homem trabalhador abrindo hũa valla, entre alicerces antigos, em hũa fazenda de João Carlos de Miranda, Pae do Enviado da Russia, no sitio de Marim, legoa e meia distante d'esta cidade, achara em hũ pequeno vaso de barro cem Medalhas de ouro de Honoris, quazi todas de tão perfeita conservação como aq̃ remeto a V. Ex.ª e que tive occazião de comprar da mão de hũ Ourives, adquirindo depois 8 pelas diligencias que eu, e o Ouvidor desta Comarca fizemos para descobrir o inventor; e na mão do mesmo Ouvidor ficão todas as

mais athé que Sua Mag.e, aquem elle me diz que dá conta pela Secretaria de Estado determine o que deve obrar.

V. Ex.a bem sabe a disposição do Alvara de Lei de 20 de Agosto de 1721 que acautelou o descaminho destes preciosos Monumentos; e julgo que compete á nossa Academia a mesma preferencia que se concedeo naquelle tempo a Academia Real da Historia Portugueza.

Repito sempre a V. Ex.a o offerecimento da minha fiel obediencia; e rogo a Deos que guarde por muitos annos a Pessoa de V. Ex.a. Faro 10 de Outubro de 1786.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Viseonde de Barbacena — De V. Ex.a — Obed.to e obrig.mo Servo

João Vidal da Costa e Souza [1]

Monsieur, — J'ai l'honneur de vous adresser cy joint, franc de port, un prospectus, qui annonce un grand ouvrage que j'ai composé; le contenu vous instruira du titre et de l'objet; il ne s'agit pas moins que d'extirper radicalement toute la misère publique, et de procurer a l'avenir la plus grande aisance a tous les citoyens, moyennant le travail de la profession de chacun, et en meme tems de perfectionner considerablement toutes les sciences, arts et metiers, ansi que les nouvelles inventions, auxquelles on accordera desormais les distinctions et les récompenses qui leur sont dues. Je vous prie, Monsieur, de vouloir bien mettre un de ces deux prospectus sous les yeux de l'Academie Roiale des Sciences de Lisbonne, a laquelle vous aurés s'il vous plait la complaisance de le presenter de ma part, l'autre vous etant destiné; je soumets cette production a ses profondes lumieres et aux vôtres; j'espere que l'hommage que j'ai l'honneur de lui en faire lui sera agreable, et a vous; et si je n'ai pas eu l'honneur de lui donner plus souvent de mes nouvelles, je la prie de m'excuser en faveur de ce grand ouvrage, qui a longtems absorbé mon tems et toutes mes pensées, et que je n'aurois pas pu finir de longtems sans cela. Je ne dissimulerai pas, Monsieur, que je desirerais beaucoup, avant de donner au Public mon grand ouvrage, qu'il plut a l'Academie le proposer conformement a ce que je demande a la page 58.e de mon avancoureur; elle trouvera sans doute qu'un objet ausi interessant en

[1] João Vidal da Costa e Souza.

vaut bien la peine; mon intention est que le public prononce lui meme la recompense que je meriterai en cas que je remplirois ce que je promets.

J'espere que l'Academie, non seulement voudra bien condescendre a ma demande, mais qu'Elle la regardera comme un des objets principaux de son institution, qui est sans doute de provoquer le bien public, et de concourir de tout son pouvoir a ce qui peut tendre a la perfection des arts et des sciences.

J'ai l'honneur d'être avec toute la consideration et le respect possibles, — Á Dieuse en Lorraine le 16 8.bre 1786 — Monsieur, Le Viconte de Barbacene, Secretaire perpetuel de l'Academie de Lisbonne — Votre trés humble et trés obeissant serviteur — *Collignon* — av.t e membre des acad.ies de Naples, de Munich et d'autres, correspondant de celle de Lisbonne.

P. S. — Obligés mois, s'il vous plait, de faire tenir la cy incluse a son adresse.

Snr. D.r Domingos Vandelly. — Meu am.o e S. Eu agradeço a Vm.ce a noticia que me partycipou da Honra com q̃ a Real Academia aprovando as minhas Expriencias sobre as Amostras dos Linhos que a Vm.ce remety, determinou se me entregue a mayor medalha de Ouro, com reconhesim.to por escrito respectivo ás minhas descobertas que tenho feito ao mesmo respeito, porem como tem tardado o dito premio e já algumas pessoas, tendo diso noticia, me deram o parabem, cuja rezulsam eu partisipey ao Ill.mo Ex.mo S.r Marquez de Anjeja e ao Ill.mo e Ex.mo S.r Martinho de Mello, dezejo Vm.ce me diga se ha algnma cauza que mova esta demora e o tempo que podera tardar, porque já quazy estou envergonhado por se ter feito publico, e ter pasado tanto tempo da resulsam da d.a Real Academia. Estimarey ao mesmo tempo que a mesma achase a resposta que dey sobre o tratado do R. P. F. Ioze da Espetasam, nos termos de se noticiar ao mesmo Religiozo E que Vm.ce me dê sẽpre ocasiois em que posa obedeserlhe — D.s G. a V. Vm.ce — De V. Vm.ce — Fiel am.o e Cr.do Obrg.mo — Ang.a 17 de Nobr.o de 1786

Luiz An.to de Leyro e Seyxas Souto Mayor[1]

No sobescripto diz: — Ao S.r D.r Domingos Vandelly meu am,o e sr. — etc. etc. — de Luiz An.o de Leyro.

---

[1] Luiz Ant.o de Leyro e Seixas Souto Mayor.

Ill.mo e Ex.mo Senhor. — Remeto a V. Ex.a no Papel incluzo, hũa Inf.ão genuina da Pessôa, costumes e Predicados do D.or Calote. Fico copiando a seg.da Parte p.a a mandar a V. Ex.a, bem q̃ V. Ex.a a ouvisse o outro dia. Hum, e outro Papel, são as valias de q̃ heide aproveitar-me p.a ser admitido ao Serviso da Real Accademia. Isto he obrar como homẽ de bem, e como Filosofo: e isto mesmo he moldar-me com o Genio e Sistemas de V. Ex.a; de q.m he por devoção, e vont.e — Ingenuo, e fiel Cr.o — Cruz dos quatro cam.os — 21 de 9.bro de 1786.

Nota

O *Review* de Mr Matty, não pode ser impresso desde o mez de Agosto proximo passado, por cauza da sua doença: e estou persuadido q̃ elle não continuará a imprimilo por cauza da sua pouca saude, & debilid.e da propria constituição, a q̃ se acha reduzido. A vista d'isto remeto em seo Lugar os numeros (Correspondentes aos q̃ faltão de Matty) do *Critical Review*, q̃ daqui por diante continuarei a remeter. Se acazo V. Ex.a quizer, q̃ se mandem os numeros precedentes até o principio deste anno, logo q̃ me der as suas ordens p.a este effeito será obedecido immediatamente — por este seo Criado — 26 de Nov.bro 1786. — *João Hyacintho de Magalhaens.*

Ex.mo S.r — O caderno q̃ tenho a honra de remeter com estas regras a V. Ex.a me foi entregado na ultima assemblea da Socied.e Real, pelo Astronomo Real o D.or Maskelyne, afim de ser remetido a Acad.a Real das Ciencias de Lisboa, p.a q̃ exercite o seo zelo na cultura da Astronomia, tomando e aplicando os meios proporcionados p.a q̃ o Phenomeno de q̃ trata este papel não escape de ser observado nos paizes meridionaes dos dominios de Portugal. Este Phenomeno he a reaparição do Cometa observado por Apiano em 1532, q̃ Halley julgou ser o mesmo aparecido em 1661, e q̃ agora se espera em 1789. Deve começar a aparecer nas Provincias perto da equinocial da p.te do sul: & se com effeito for descuberto no dito anno, servirá de confirmação completa ao sistema do movimento periodico destes Astros singulares; pois ainda não ha outra prova positiva d'esta Theoria, mais do q̃ o cometa do anno de 1759, q̃ o

mesmo Halley predisse, julgando ser o mesmo q̃ tinha aparecido em 1682, 1607, & 1531.

Sirva-se pois V. Ex.ª de remeter este Caderno ao Ex.mo S.r Presidente da Acad.ª R.l das Ciencias de Lisboa, p.ª q̃ se digne encarregar os Astronomos, & Curiozos Portuguezes, q̃ se acharem no Brazil, ou nos outros sitios Austrais, pouco distantes do Equador, tanto na Africa como nas Indias Orientaes de Portugal, afim de q̃ se appliquem a descubrir este phenomeno de tanta importancia p.ª a Astronomia, e q̃ se communiquem á Socied.e Real de Londres os sucessos das suas observaçoens, p.ª q̃ estes Estrangeiros vejão q̃ os nossos Portuguezes se achão já com os olhos abertos para a cultura das Ciencias & Artes uteis, q̃ tão longo tempo tem estado como sepultadas no seo esquecimento.

Fico m.to p.ª servir a V. Ex.ª com a mais fiel vontade & sou com a mais reverente consideração. — S.r Luiz Pinto de Souza Coutinho — De V. Ex.ª — Servo mais Venerador & obrigado — Londres 26 de Nov.bro 1786. — *João Hyacintho de Magalhães.*

Snr. Joze Correa da Serra. — Se o Ex.mo Reformador desta Universid.e me não tivesse excitado com seu exemplo a promover, q.to em mim está, os progressos da mocid.e, que se aplica ao estudo de Dir.to, a aprovação, que a Acad. Real fez de meus dezignios e as merces, com que me honrou, me excitarião a isso em extremo. Animado pois de novo com a aprovação de hua Socied.e tão respeitavel, eu me reconheço por mais hum titulo obrigado a continuar na carreira principiada; e sem que me suspenda o conhecim.to de minhas pequenas forças, não deixarei de tentar meio algum q̃ conduza a mostrar-me agradecido á honra, q̃ ella me conferiu.

Eu rogo a Vm.ce queira aproveitar a primeira occazião, q̃ tiver p.ª expressar a Acad.ª estes sentimentos, q̃ em mim vierão suscitar seus beneficios, e ao mesmo tempo lhe signifique com as expressoens do maior respeito o meu agradecimento. Particularmente agradeço a V. m.ce a p.te q̃ nisto havia ter e se o seu m.to merecim.to me obrigavão athe agora a respeita-llo, e estima-llo, daqui em diante a gratidão me obrigará tambem a isso.

Farei receber da mão de V. m.ce por Agostinho Joze da Costa a medalha, e carta de correspondente. Nesta mesma occasião remetto a V. m.ce tres exemplares dos Elem.tos de Dir.to Emphyteutico, que ordenei p.ª o uzo dos meus ouvintes, dos quaes V. m.ce me fara m.ce entregar hum com a carta incluza ao Ex.mo S.r Duque, outro á Acad.ª e servir-se do terceiro. Fico as ordens de V. m.ce de q.m sou

com todo o respeito e veneração — Rever.te venerador, o obrig.do Creado — Coimbra, 16 de Fevr.o de 1787.

Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa

Ill.mo e Ex.mo Snr. — Com todo o devido respeito bejo as mãos a V. Ex.a e lhe remeto a opozição ao Premio do Emprogrãme de 10 de Maio de 1785. p.a a Asamblea Publica de Maio de 1787. A respeito de asignar os meios mais Expedientes, e mais Seguros para Conhecer no Mar a q̃ distancia, e a q̃ rumo recto se tem navegado em hum tempo dado.

Ella só poderá ter valim.to debaixo do patrocinio de V. Ex.a a quem rogo a queira admitir, e aos mais Snr.s da Academia Real das Sciencias.

Espero esta mercê de V. Ex.a não como merecedor della, mas sim como graça especial q̃ V. Ex.a consede a quem se confesa ser com todo o devido resp.to — De V. Ex.a — O mais humilde e attento vened.or e Creado — Estremoz 22. de Fevereiro de 1787.

Reynaldo Basilio Isnardo
Cirurgião Aprovado.

Ill.mo e Ex.mo S.r — Pelo Seguro do Correio remetto a V. Ex.a a Memoria sobre a Medição das Pipas, e a outra não a posso ainda mandar, porque vista a nova perfeição que lhe posso dar, he necessario escrevella toda de novo. Mas p.a se cuidar na Impressão, julgo que não he necesser.o estarem lá todas juntas, nem que se siga a Ordem chronologica das suas pr.as entregas. Pode essa das Pipas ser a pr.a, a outra sobre a Regra de M. Fontaine a segd.a, e a dos cometas irá a tempo de ser a terceira.

Não he necess.ro fazer se a impressão dellas aqui, e por outra p.te daria grande incomodo, e sempre haveria differença na forma da letra, tinta &. Cuidando V. Ex.a na Impressão em Lx.a, evitão-se todos estes inconvenientes. E qd.o lhe pareça mandar-me pelo correio as ultimas provas, no imediato as mandarei revistas. O que só peço a V. Ex.a he que me haja de desculpar da revista da Memoria de qualquer Socio que seja dessa Academia, e que me dê todas as occasiõens de empregar-me no que for do serviço de V. Ex.a. D.s

g.de a V. Ex.a m.tos annos. Coimbra 26 de Fever.o de 1787. — De V.a Ex.a — M.to fiel e ob mo Cr o — *Jose Montr.o da Rocha.*

Lisbonne le 1.er mars 1787.

Monsieur le Duc. — Depuis deux jours j'ai éprouvé la contrarieté de ne pouvoir aller diner chez votre Excellence comme je me le proposois. Hier j'ai passé chez elle pour lui présenter l'offrande de mon ami Florian; ce que je pourrois ajouter en sa faveur ne vaudroit pas l'extrait ci joint de la lettre qu'il m'a écrite; faites je vous prie agréer son homage á votre accademie. Le tems est passé, ou des ignorans, des sots ou des êtourdis dénigroient un Pays aussi digne d'estime que d'admiration; vous voyez Monsieur le Duc ce qu'en pense un de nos plus aimables ecrivains; croyez qu'il n'est que l'echo de mes sentimens et qu'on lui reparlant des descendans de lusus je le confirmerai dans la juste opinion qu'il en a pris; puisse les lettres, les arts et des rapports trés marquans dans les caracteres, unir d'eu plus en plus deux Peuples dont les souverains ont la même origine; puisse l'industrie el le commerce faire frequenter chaque jour devantage les rives de la Seine et du Tage que la nature a deja liées par les memes eaux!

En passant hier à la porte de votre Excellence javois un motif de plus pour desirer de la trouver, celui de m'acquiter des ordres de la Reine de France en vous assurant Monsieur Le Duc du souvenir flatteur qu'elle vous conserve.

Enfin je joins ici une lettre écrite il y a trois jours croyant qu'un de vos gens attendoit ma reponse, vous y verrez au moins ma sensibilité á toutes vos attentions et combien elles ajouteroíent s'il etoit possible au tendre et respecteux attachement avec lequel — J'ai l'honneur d'etre — Monsieur le Duc — De votre Excellence — Le trés humble e trés obeissant serviteur

Le M.is De Bombelles [1]

---

[1] Le M.is de Bombelles

Extraits d'une lettre écrite á Monsieur le Marquis de Bombelles, par M.r le Ch.er de Florian

Le 9. fevrier 1787.

Monsieur le Marquis. — Vous m'avés promis de me rapeller a votre souvenir, et de vous envoyer certains petits contes a qui vous témoignates bien de la bonté. En voici trois exemplaires. Un pour vous Monsieur le Marquis, un pour M.r l'Abbé Garnier, et un pour l'Academie de Lisbonne, si vous daignés le lui présenter.

Elle y trouvera un Episode du divin Camöens traduit en octaves françaises. Je sais que la difficulté de l'Entreprise n'excuse pas le non succés. Mais peut-etre l'Academie et vous, serés indulgents quand vous reflechirés a la peine extreme que j'ai prise pour rendre vers par vers dans une langue infiniment moins douce que le Portugais, moins riche en rimes, et d'un génie absolument different, l'admirable morceau qui seul eut rendu Camöens le rival de Virgile et du Tasse. Je sais combien je suis resté au dessous de mon original, mais la place est encore belle a cent craus plus bas que lui. D'ailleurs le rithme de dix sillabes qui est le rithme heroïque des Etrangers n'est presque pas noble chez nous et mon respect religieux pour Camöens ne m'a pas permis d'employer douze sillabes, quand il n'est employais que dix.

Quoiqu'il en sois, Monsieur le Marquis, jenvoy mon petit volume sur les bords du Tage, avec l'espérance qu'il y réussira, si vous daignés le protéger. J'aurais voulu pouvoir vous l'aller porter moi même; jaurais un grand plaisir avoir ces beaux climats, cette heureuse patrie des Gama, des Castro, des Silveira, et de Camöens. J'yrais prier Dieu sur leurs tombes; et je dirais aux Portugais (ce qui est trés vrai) que les Grecs et les Romains n'ont jamais éte si brillants que les Enfants de Lusus l'ont été pendant prés d'un siécle.

Snr. P. Joze Correa da Serra. — Agradeço as noticias q̃ na sua ultima carta Vm.ce me deo respeito as terras incultas, como tambem as 4 copias das instruções q̃ reçeby neste correio. Dezejaria ver a Academia com hum pequeno fundo certo p.a assegurar assim a sua continuação.

Eu faço exercitar os estudantes do curso chymico em experiencias uteis das quaes darei parte á Academia. E entanto tenho a honra de ser — De V. m.ce — Coimbra 9 de Abril de 1787. — M.to Ven.or Ob.o C.o A.o — *Domingos Vandelli.*

Sn.r P. Joze Correa da Serra. — Reçeby a sua estimavel carta junt.e ao exactissimo plano de observações mineralogicas, q̃ entreguei ao Snr. D.r Monteiro.

Com grande e inexplicavel gosto tive a noticia de estar o Decreto assinado pelo fundo da Academia, porq̃ este hé o unico meio p.a ella subsistir.

Eu não sei a qual Livr.o V. m.ce remetteo as copias das Instrucções, e por isso não lhe posso dizer se forão vendidas; eu proporei aos meus discipulos de compralas p.a remettelas aos seus amigos.

A sua descuberta dos Dentes de Squaly me faz renovar o dezejo de saber a causa porq̃ se achão na terra tantos dentes unidos, e assim as pedras judaicas, os entrocos, as pedras frumentarias, e outros operculos etc.

Hum Allemão chamado Andreos Fedrico q̃ mora no convento do Jesus tem huma copiosa collecção de mineraes p.a vender.

E entanto dezejando-lhe festas, e annos felizes sou de V. m.ce — Coimbra 16 de Abril de 1787. — M.to Ven.or Cr.o e Am.o — *Domingos Vandelli.*

Amigo e Senhor. — Não respondi logo á sua estimavel carta porq̃ me achei muito occupado com estas ostentações de Theologia, q̃ se fizerão na terceira feira; o ponto foi da Resureção; indicarão todas as questões; porem as maes fortes ficarão p.a responder-se, o q̃ pode ser terão feito os outros opositores, porq̃ eu não pode resistir athe o fim. Alem dos Lentes se destinguirão o Pacheco dos Militares, o Ignacio Roberto Vasconcellos Betancourt, e Manoel de Aguiar. Estimei muito ouvir q̃ o Ex.mo Snr. Duque continua com o mesmo fervor pela Academia, porq̃ assim estamos seguros da sua continuação, e adiantamento; e sem o d.o Senhor era impossivel q̃ se podesse estabelecer Academia de Sciencias em hum paiz, no qual como tudo q̃ principião a florecer, são ainda em muito pouco apreço, e sem premio algum. Comuniquei a Manoel Joaquim a promessa de ser na pr.a ocazião nomeado Socio Supranumerario do q̃ se mostrou m.to satisfeito, e creio q̃ neste, ou no outro correio esta Socied.e escreverá ao Ex.mo Snr. Duque para ser feito Correspondente da das Sciencias, assim mo assegurou o d.o Manoel Joaq.m, e o Juiz do Crime, o qual pela activid.e, zelo, e amor patriotico emita bem o Intendente Geral da Policia.

Porq̃ na Deputação da Industria não se nomcia o sobred.o Intendente da Policia? eu por elle renuncio o meo logar, porq̃ elle sera mais util.

Eu dezejaria muito acompanhar V. M.ce nas suas herborisações,

q̃ estar assentado 8, ou 10 horas a ouvir estas opposições: com tudo procuro alliviar estas minhas saudades com persuadir a alguns dos meos Discipulos de sahirem por estes redores. Amorim de Castro foi ao Canal, mostrou o modo de queimar a Salicornia fruticosa, e polygonum maritimum p.ª obter huma boa basilha Passou a mina de carvão de Boarcos, na qual erão poucos dias q̃ se tinha encontrado o veio de purissimo litantrau ou gazes etc Examinou a mina de ferro arenata em visinhança da mesma mina de carvão, e examinou o lugar mais conveniente p.ª fazer-se a fabrica de coperosa e descobrio em visinhança de Pereira hum veio de carvão fossil orisontal etc.

Recebi do Snr Pallas de Petersburg os seus 13 fassiculos Spicilegia Zoologica e huma caixa de todas as minas da Russia, e Liberia, entre as quaes o ferro virgem, alem de outras muitas raras e particulares pela sua mineralização e mixtura etc.

E assim poderei enriquecer o gabinette da Academia; ao qual porem he necessario dar outra habitação mais segura, e longe da os q̃ hum dia ou outro, poderão apropriar-se os nossos trabalhos se continua o gabinete a ficar no mesmo lugar.

E entanto pedindo-lhe o favor de me pôr aos pés do Ex.mo S.r Duque Sou — De V. M.ce — Coimbra 10 Maio 1787. — M.to Ven.or Cr.o e A.o — *Domingos Vandelli.*

Ill.mo e Ex.mo Snr. — O premio q̃ a Real Academia das Sciencias de Lx.ª adjudicou ao trabalho em q̃ entrei p.ª bem dirigir as minhas plantaçoens, postoq̃ pequenas, e p.ª não hir ás cegas apoz de huma classe de homens, q̃ pouco raciocinão, he p.ª mim a maior gloria q̃ podia esperar. Eu beijo com o maior respeito as mãos a V. Ex.ª pela brevidade do annuncio official, q̃ me faz: Significando-lhe, q̃ eu tive o maior gosto em saber, q̃ ainda a Academia possuia a V. Ex.ª, pois seg.do a noticia da Gazeta, suppunha no Seu Governo a Pessoa de V. Ex.ª, a q.em conservo huma particular veneração. D.s g.de — Thomar 2 de Junho de 1787. — De V. Ex.ª — O Criado mais reverente, e obsequioso — *Jose Verissimo Alves da Silva.*

Ill.mo Snr. Domingos Vandelli

Meu Snr. — A animosidade de alguns bons cidadoens desta Praça, os tem resolvido a congregarem-se para formarem a Sociedade Economica de que já fallei a V. S.ª

Será dividida em tres classes: Economia em geral: Agricultura: e Arte Veterinaria: cada classe se comporá de cinco socios e hum

Director: Alem destes desoito socios effectivos haverá seis, ou nove extraordinarios, e correspondentes de precisa instrução.

Igualmente tenho resolvido a que a Sociedade tome por seu Protector o Ex.mo Snr. Duque de Lafoens: e esta eleição me persuado que V. S.a confirmará com os seus votos.

He-me indispensavel occupar a V. S.a para que me faça a honra de me avisar quaes sejão os melhores autores em as materias das tres sobreditas classes, para que os Socios por meio delles methodicamente promovão os interesses da patria.

Não tenho encontrado planta de nota, no que pertence a minerallogia algũa cousa tenho collegido, que, querendo V. S.a poderei enviar-lhe para essa Cidade; ou quando for para Coimbra então as conduzirei.

Humildem.te peço a V. S.a me communique todas as instrucçoens necessarias, que a mim me possam guiar no estabelecim.to desta grande obra. — Sou com o maior respeito de V. S.a — Discipulo humilde — Valença 8 d'Agosto de 1787.

[1]

Ill.mo Sig.r Pnd.e Col.mo — La partenze de V. S. Ill.a fu troppo sollecita, e la mattina seguente quando io stava in attensioni di rivederlo p. scorrere tutti questi erbe ni accorsi che un buon vento lo aveva transportato gia da questo Porto a quello di Genova.

Con la presente pertanto le rinnovo la mia servitu, e sarò assai contento se ella mi somministrerà occazioni de poterlo obbedire.

E con tutto l'ossequio ho l'onore de confermarmi. — Di V. S. Ill.a — Livorno del Lazzeretto de S. Jacopo li 20 ap.l 1787 — Dev.mo ed Obb.mo Servitore

[2]

---

[1] Joaquim Vicente Pr.a Ar.o

[2] Gio Maritis.

Regalis Academiae Scientiarum Olisiponensis Præsidi Illustrissimo, Excellentissimo, Sociisque Præclarissimis S. P. D. Fr. Alexander Episcopus Pekinensis

Per honorificas mihique jucundissimas litteras vestras sub die 31 Januarii anni proximé e lapsi datas hoc anno ineunte recepi; ex quibus intilexi vestram benevolentiá, ac humanitatem in me adscribendo venerabili, Per illustrique cætui vestro, ut in partem laboris vestri pro Patria caritate exantlati vocarer. Cum nihil mihi antiquius aut jucundius unquam fuerit quam civis caram Patriam diligentis officia adimplere; cumque ea sit vestrum omnium apud me authoritas, apud omnes praeclari nominis existimatio, ut sine piaculo vestris ordinationibus contraire non liceat; provinciam à Vobis mihi injunctam eo libentius accipio, quo præclarius me à Vobis honore affectum existimo. Unum est quod me ab honorifico correspondentum albo deterrere posset scilicet conscientia tenuitatis meæ, si, quod deest ingenii acumen nequiret patriotico zelo compensari. Sed vestris luminosis doctrinae ac eruditionis documentis e doctus vestrisque Patrioticis exemplis excitatus enitar, quantum vires, Episcopale que officium meum permittant, juxta vestras intentiones ac Instructiones meos debiles vestris honorificis literariis laboribus adjungere; id pro certo vobis attestans nullo unquam in tempore me defuturum esse vestris commendationibus, nec é memoria effuxurum vestrum erga me obsequium, humanitatem ac benevolentiam; ut eâ qua par est, grati animi testificatione meam erga vos, Viri præclarissimi, venerationem ac reverentiam patefaciam. Valete. Pekini Sexto calendas octobres anni 1787.

Fr. A. Episcopus Pekinensis [1]

Snr. Ab.e Joseph Correa Serra. — Eu não tive a fortuna de ver a V. M. mais q̃ hũa vez, e o grande dezejo q̃ tinha de utilisar-me das suas vastas ideas em Historia Natural me fez buscar por duas vezes o Sitio de S. João dos Bem Casados, onde não tive a fortuna de o achar; já tal fosse pelo tardo passo das calessas de aluguel dessa corte, que fazem perder por muitas vezes os pertendentes as horas criticas dos seus interesses: Agora com a singular honra de

[1] Fr. A. Episcopus Pekinensis.

me ver condecorado com o titulo de Correspondente da Academia das Sciencias, me animo a procurar o soccorro das suas instrucçoens, e o Plano de melhor servir as ideas de que V. M. infalivelm[e] não só he Depositario, se não que movel original de muitas; e como a Epigrafe da Academia he a da Utilid.[e] do Genero Humano nos seus conhecimentos, tal he tambem a minha applicação em adquirir as not[as] dos simples com que se curaõ nas suas enfermidades os Colonos destas Regioens, e o modo porque empregão a Mechanica nas suas necessidades; mas como inda he informe esta m.[a] aquisição por isso não me aprésso em produzilla ao Grande Mundo Europeo; as occupaçoens do Real Serviço, em que tenho andado me tem offerecido o meio de adquirir alem dos conhecimentos Geograficos q̃ resultão das observaçoens Astronomicas, varias especies de producçoens do Reino Mineral apenas colhidas pela superficie da terra em caminho das dilligencias; destas remetto algũas com seus letreiros, e naturalid.[es] que dizem respeito á Geografia Fysica; guardando para melhor conjunctura poder fazer mais ampla Remessa do que já tenho em meu poder, e de a acompanhar com algũas Informaçoens que hajão de generalisar estas mesmas observaçoens Fysicas, e subministrar talvez a V. M. ou a outro Genio de igual noticia alguns elementos de hũa Doutrina mais universal de que parece carecer inda a Mineralogia em todo o seu Reino.

Se a Agricultura tem recebido das applicaçoens dos Filosofos economicos hum tão grande soccorro, sendo esta hũa Materia versada no mundo desde o primeiro homem q̃ o povoou de sementes uteis á nossa especie, e perseguio as inuteis ou damnosas, qual adiantamento não deve esperar o Brasil, se for soccorrido pelas artes da Chymica, da Mechanica, e da mesma Agricultura propria deste Paiz?... verá V. M. das mesmas amostras q̃ lhe agora remetto a quantidade de ferro que a Natureza depositou por este Paiz da Zona Portugueza. . Com tudo, este metal de que tenho visto Bêtas riquissimas, se acha aqui em hum total *incognito*, e sendo o de maior necessidade para abrir as entranhas da terra, e para deseampar a superficie della cuberta de madeiros grossissimos, comtudo estamos mais atrazados q̃. os Netos primeiros do Patriarcha de Eden; quanto ouro se tire nestas Minas se deve pouco, e pouco repor pelo ferro de Biscaya, e da Suecia &.[a]... porque bastou a interrupção de dous annos de comercio do Pará com esta colonia de Mato Grosso p.[a] o ferro se pôr aqui a trezentos reis a libra, e o aço a quatro centos e cincoenta, e a 600 r.[s], porque he tanta a rudeza q̃. inda tendo o ferro não sabem fazer o aço; ora que mais se póde dizer do nosso atrazamento! exclamou Linneo do fundo da Suecia, q̃ serião

infelizes as Naçoens do Norte se os Portuguezes conhecessem o que tem; mas prescindamos da infelicid.^e futura delles, quando a nossa presente he tão constante; falta a paciencia á vista de tanta negligencia Nascional, a fabrica do ferro póde ser outro recurso do Patrimonio Real neste Emisferio Portuguez.

Ora no assumpto da extracção do ouro que parece fazer o objecto da nossa aquisição não ha palavras com q̃. exprima a rudeza, em que estão os Mineiros: que nenhum outro methodo usão mais que lavar as differentes matrizes, e apanhar aquelle ouro palpavel que pelo seu pezo especifico côa por entre a substancia liquida a buscar o fundo dos canaes, emq̃ a estão mechendo; todo o ouro impalpavel que pela sua divisibilidade natural nada sobre a agua, e muito mais sobre o lodo, todo este vai perdido; e nas pedreiras, e matrizes primordiaes desta substancia, quazi sempre se acha n'aquella forma, e apenas se apanha com cobertores de lam, ou couros de cabello hũa perquena porção.

Se fôrmos ás nossas fundiçoens por meio do sublimado corrosivo; se virmos que a prata que anda com o nosso ouro toda he perdida, he hum novo contraste da paciencia Filosofica. . Quando se nomeou o Snr. Visconde de Barbacena p.^a Gov.^r das Minas Geraes respirou o meu coração na certeza de que aquelle Illustre Membro da Academia da Sciencias era capaz de fazer os maiores progressos no Reino Mineral,... conquista a mais gloriosa de que necessitão as Quinas Lusitanas nesta Epoca, em que todas as Naçoens fazem a guerra a Ignorancia; mas quando eu esperava que aquelle grande Espirito viesse dar um novo tom as riquezas do meu Continente Natal, e engrossar os Thesouros de S. Magestade, me consta que foi p.^a a margem do Tamisa, onde sobre a perda que experimenta o Brazil, me cresce o cuid.^o sobre a saude impórtante daquelle Fidalgo Filosofo, cujas applicaçoens o poderão indispor com algũa molestia de peito, tão vulgar inda na fibra rija dos Bretoens, quanto mais no temperam.^to de hum Val de Reys e Hoenholoe, macerado com estudos desde a Puericia.

A correspondencia Astronomica he mais Comoda de satisfazer porem inda por agora me vou fazendo depositario do que temos adquirido, e por juncto poderei alcançar a honra de offerecer ao exame e ao conhecimento dos Senhores Socios o que tiver alcançado, porque tendo sido o nosso Theatro os Certoens que correm desde quatro gráos de latitude Boreal até os vinte e meio de latitude Austral, só em vista de hũa Charta Geografica se fazem interessantes; V. M. que tem a felicid.^e de ser attendido de hum Gr.^e Principe como o Senhor Duque Presidente, e que renovou no nosso

tempo o Real Astronomo do Cabo de S. Vicente seu glorioso Tio, V. M. póde promover muito o adiantamento do Brazil, mas he necessario pôr o Visconde de Barbacena, ou outros taes se os houver pelos Governos da Nossa America, e attrahir alguns Mineiros da Saxonia como ouvi que já D. Pedro de Almeida que depois foi conde de Assumar o requereo sendo Gov.^{r} em Villa Rica, e não póde haver receo de metter cá déz ou doze naturaes da Germania, porq̃. as Minas Geraes são hum pelago em que se absorvem sem algum risco. — Mato Grosso. 19 de Outubro de 1787 — Sou de V. M. — M.^{to} aff.^{o} V.^{or} e Cr.^{o}

Antonio Pires da Silva Pontes
Correspond.^{te} d'Academia

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{r} Visconde de Barbc.^{na}. — Remeto a V. Ex.^{a} essa dissertação: e se lhe agradar rogo a apresente a Academia das Sç. com quem dezejo m.^{to} concorrer, se os meos talentos o premetissem p.^{a} o fim do seo instituto. Espero tempo, e commodid.^{e} p.^{a} remeter outra sobre as aguas de Monchique. Eu me intitulo seo correspond.^{te} na esperança de q̃. V. Ex.^{a} me faça m.^{ce} de remeterme a Carta de costume depois da honrrosa eleição q̃ a mesma Academia de mim fés de seo membro como V. Ex.^{a} ha annos se dignou participar me por seo avizo. — Sirvase V. Ex.^{a} de mim como de seo subdito e C. — Tavira 7 de Janr.^{o} *de 1788 — João Nunes Gago.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{r} Visconde. — No corr.^{o} sucecivo ao emque eu remeti a V. Ex.^{a} a memoria da Ruiva, recebi a carta de V. Ex.^{a} em respósta da que lhe escrevi junta com a Memoria analytica das ágoas mineraes desta Praça. Ella me encheo de satisfação tanto da p.^{te} de V. Ex.^{a} como da Academia Real, e me animou com nóvos estimulos, a trabalhar para o bem do genero humano, e para o serviço da mesma Real Academia; e emq.^{to} fico aprontando as observaçois feitas por mim sobre as virtudes destas agoas Termais que a Academia me faz onrra pedir me lhe ofereço essa Memoria sobre a navegação do Rio Tamega. esta como a precedente q̃ trata da Ruiva, são o fruto das minhas observaçois do verão pasádo no qual as tracei com o fim de as oferecer a Real Academia. — Eu sou com o mais profundo respeito — Ill^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Visconde de Barba-

cena — Chaves 15 de janeiro de 1788 — De V. Ex.ª o mais umilde e reverente Criado

Manoel Jozé Leitão

Ill.mo Senhor Miguel Franzini. — Na indispensavel obrigasam de querer do modo possivel satisfazer para o Gabinete da Academia Real com os productos da natureza que posso ajuntar, com as minhas mal acabadas deserisoens e debuxos a elles atinentes: Tenho a onra de os dirigir ao favor de V. S.ª, esperando da sua benevolencia queira por mim apresentar, o que consta do recibo e lista junta, a Sua Alteza o Senhor Duque de Lafoens Prezidente, e aos mais Ill.mos e Ex.mos Senhores da Real Sociedade.

Peso a V. S.ª que os meos erros e a minha insuficiencia tenhão desculpa, porque em objetos grandes, não tem a minha capacidade, mais que limites curtos; que outro algum podia sem duvida adimplir condignamente.

O anno passado com grande desconsolasam minha forão os debuxos e as descrisoens incompletas; e querendo emendar, não pude ter este gosto, que para a monção futura espero. As figuras dos idolos dos gentios deste paiz, ocuparão me mais tempo do que eu cuidava.

Terei a maior gloria de merecer a aprovasam da Academia Real na minha feliz comissão; e igoalmente de V. S.ª de me empregar com eficacia no seo estimavel serviso: porque venero as excelentes qualidades de V. S.ª, e a todo o tempo saberei dar o valor que merecem, reconhecendo com grande respeito ser — De V. S.ª — Muito humilde Criado e obrig.mo Ven.or — Goa 29 de Fevereiro de 1788 — *Francisco Luiz de Menezes.*

1791: 29 de Março — Recebida por mão do Sr. Jozé de Moraes.

S.r Jose Correa da Serra. — Em 7 de Janeiro remeti ao Visconde de Barbacena huma dissertação sobre as aguas mineraes desta cid.e m.a Patria, para aonde vim de S. Iago de Cacem a assistir logo depois q̃ tive a honra de ver ali a Vm.ce com o Ex.mo S.r Duque.

Eu remeti aquele S.r a mencionada dissertação p.a a ler na Academia, se a avaliasse boa: cuidando q̃ elle ainda era o Secretario. Sei pelo seguro do Correio q̃ a reçebeo a 28 de Janr.o. Despois não me respondeo: e vejo na Gazeta q̃ a 10 de Fevr.o partio desse Porto

p.ª as minas geraes; e fiquei na duvida, se elle a deo a Academia, ou se a deixou entre os papeis inuteis. Lembrei-me por isto escrever a Vm.ce.

Rogolhe, queira ter a bond.e de averigoar, q̃ destino teve a m.ª dissertação. Ella não me parecia em todas as suas partes absolutam.te má. Tenho outra q̃ faço sobre as aguas aqui vizinhas de Monchique, q̃. só remeterei depois de saber do destino daquella pri.ª.

O m.º S.r Barbaçena se tem descuid.º de me remeter a m.ª Carta de correspond.e, depois q̃ a Academia se dignou elegerme.

Sirvase Vm.ce de mim no que quizer, e eu prestar nesta cid.e, aonde prontam.te o servirei — D.s G.e a Vm.ce m.s ann.s — Tavira 3 de Março de 1788 — De Vm.ce Am.º e S. Obg.mo — *João Nunes Gago.*

Monsieur. — Je me prens la liberté de vous envoyer les essais que j'ai fait pour construire et diriger avec une guande facilité les Balons Aerostatiques. C'est un tribut que je me crois en devoir de rendre aux lumieres de vôtre Academie; car ne pouvant me flatter d'avoir pleinement resolu cet important problême à moins que les Scavans ne m'en assurent, bien loin d'en attendre les éloges j'en souhaite au contraire la censure et les remarques pour mon instruction. C'est pour cela que si vous daignerez d'en faire l'examen avec vos illustres confreres et de m'en donner le précis, je regarderai ce jugement comme un Oracle aussi bien, que vôtre bonté comme un objet de mon éternelle reconnaissance. Je suis avec la plus respectueuse consideration. — Monsieur — Florence le 19 mars 1788 — Vôtre trés humble et trés obeissant serviteur

François Henrion

Snr. Joze Correa da Serra. — Pelo Marechal Valleré recebi a sua que m.to estimo e preso. Eu me alegro pela boa escolha que fez a Academia, e lhe agradeço a honra, com que me trata, communicandoma. O cargo de Secretario não podia cahir em outrem, q̃ o pudesse desempenhar melhor. As suas luzes juntas a hum zelo travalhador e eficas de que eu já tinha bast.es not.as me fazem esperar gr.des coizas no cumprim.to das novas obrigaçoens q̃ lhe sam encarregadas. Eu estimarei poder cooperar, q.to mo permitirem os embaraços da vida em que me acho, p.ª fins tão louvaveis, e mos-

trar particularm.te que sou — De V.me — Creado e V.or m.to obg.
— Coimbra 20 de Abril de 1788 — *Antonio Soares Barbosa.*

Seõr. Abb.e José Corrêa da Serra. — Coimbra 21, Abril 1788. — Na quarta Feira passada teve a estimad.ma sua de 22 de Março. Foi muito accertada a escolha dessa R. Academia na sua Pessoa por Secretario da mesma: as suas luzes, o seu talento, e a sua actividade ha de servir muito p.a illustrar, e augmentar os progressos de hum Corpo q̃ deve produzir a gloria maior deste Reino, excitando os talentos e a industria da Naçào. Eu membro inferior dessa Sociedade me estimo muito honrado pela notizia q̃ me dá, de se ter julgada huma das minhas Memorias sobre o Magnetismo digna de se publicar com outras dos Socios mais eruditos. No principio da minha segunda Memoria sobre o mesmo Magnetismo ha huma nova descuberta, q̃ o mesmo Polo de hum Magnete em huma certa distancia se converte em outro polo. Não sei se V. M. terá disto lembranza. O fenomeno me parece digno de publicar-se. Até q̃ não acabo o meu Compendio de Fisica, q̃ espero ha de comprender as descubertas mais modernas, eu não prometto cousa alguma, comtudo q̃ eu tenho alguma cousa nova. Procurarei porem de não ser Socio infructuoso para corresponder as suas patrioticas invitaçoens. Peço-lhe o favor de me por aos pes do Ex.mo commum Mecenas o S.r Duque. Sou com toda a estima & — De V. M. — Criado e mt.o venerador — *João Ant.o dalla Bella.*

Sn.r Jozé Corrêa da Serra. — A maior vantagem que podia vir á Academia R. das Sciencias depois da auzencia do Sn.r Visconde de Barbacena Secretario della era succeder-lhe em seu lugar hum homem que por seu raro saber e grande zelo podesse promover tão efficasmente como elle os progressos da sua Literatura e applicação. Logo que elle teve de se auzentar todos os bons e sabios da Nação pozerão em Vm.ce seus olhos, e o dezejarão ver naquelle emprego, e ora m.to folgo com a noticia, que Vm.ce me dá de sua eleição, porque tão justos desejos se comprissem com tanta esperança de grandes coisas, que seu nome e suas obras nos prometem. Estimo m.to que a Academia por sua industria e cuidado haja de apparecer em publico com a impressão das obras de seus socios; porque sobre ser este o maior galardão, que se lhes pode dar de seus trabalhos he de esperar que a Nação se aproveite dellas com m.to fructo e m.ta honra de seu nome. Quanto ao meu Plano sobre as origens de nossa Lingoa, teria talvez algũas coisas que accrescentar ainda, e outras que cumpriria corrigir e aperfeiçoar; mas não me dão

lugar a isso as m.tas pensões e foros, de que ora estou carregado pelas obrigações de minha vida e profissão. Pelo que va elle embora assim mesmo como está; que pois pôde merecer a Vm.ce e á Academia louvor e aprovação para ter lugar entre obras de tamanhos homens, seguro fico de q̃ assim mesmo não deixará de ser tido em boa conta. O que sobre isto tenho escrito cuidarei de o tirar a limpo nas horas folgadas das occupações de meu officio, e o hirei apresentando á Academia, e tanto nisto como em tudo o mais, em que houver de trabalhar, haverei por grande bem poder aproveitar-me de seus largos e profundos conhecimentos; que pois até aqui não ouzava consultallo por meu encolhimento, já me fica desculpa para o fazer com afoiteza e confiança, visto seu cargo, e a m.ta honra e benevolencia com q̃ me trata em sua carta. — D.s g.de a Vm.ce m. a. como lhe dezeja este — De Vm.ce — Coimbra 21 de Abril de 1788. — Menor criado e muy affectuozo venerador — *Antonio Ribeiro dos Santos.*

S.r Joze Corrêa da Serra. — He certam.te digna de todo o aplauso a eleição que de Vm.ce fez a Academia p.a seu Secretario, não por algum interesse que Vm.ce haja de ter de correspondencias taes como a minha, mas pelo que ha de redundar á mesma Academia da intelligencia e actividade com que Vm.ce ha de desempenhar as obrigações de tão importante lugar.

Depois da Memoria já impressa, pode seguir-se a que mandei sobre a regra das Quadraturas de M. Fontaine. Tenho cá o original da Memoria sobre os Cometas, que mandei pedir ao Snr. Visconde p.a a abbreviar, e melhorar consideravelm.te. Mas embaraçado com outras cousas, ainda lhe não peguei. Se o fizer a tempo, mandalla-hei a Vm.ce p.a sahir no fim do começado volume; e q.do não, ficará para o seguinte, merecendo a approvação da Academia.

Sobre o artigo de Problemas, assentei de não apontar mais nenhum. A Academia tem lá Director e Socios, que como manejão em presença os seus negocios, assim escolherão melhor os Problemas, que se devem conformar com as actuaes circunstancias della. Fico m.to p.a obedecer a Vm.ce que D.s g.de m.s an.s. — Coimbra 28 de Abril de 1788 — De Vm.ce — M.to vu.or e fiel Cr.o — *Jose Montr.o da Rocha.*

Snr. Ab.e Joze Correa da Serra. — Não respondi logo a sua carta q̃ receby de o Snr. M.l Valleré, porq̃ esperava junt.e a resposta remetterlhe algumas das minhas mem.as; mas como estou mudando de caza, tenho todos os meus papeis confundidos; assim logo q̃ os

acharei, lhe remetterei algumas. E entanto sou — Coimbra 28 de Abril de 1788 — Seu m.^to Ven.^or Ob.^e Cr.^o e A.^o — *D.^os Vandelli.*

Senhor Joze Correia da Serra. — Eu devera ter respondido á summa attenção, com que Vm.^ce me trata, communicando-me a noticia da acertada eleição, q̃ a Academia R. das Sciencias fez de Vm.^ce p.^a seu Secretario, se me não tivera impedido no justo dia do correio huma forçosa obrigação, que me roubou o tempo. Agora o faço, congratulando-me com todos os Socios, que conhecem os distinctos merecim.^tos e luzes de Vm.^ce dignas de empregos maiores. A Academia não deixará de tirar huma vantagem real d'hum tão digno, e benemerito Secretario, que ajunta ao seu pessoal merecimento os suffragios de todos os que se interessão na gloria, e felicid.^e da Nação. Eu me encho do mais sensivel prazer, e agradeço a Vm.^ce esta gostosa noticia, offerecendo-me p.^a tudo o q̃ for obsequio da Sua Pessoa, q̃ D.^s G.^de m.^s an.^s — Coimbra 28 de Abril de 1788. — De Vm.^ce — M.^to attento v.^or e fiel C. — *Francisco Tavares.*

Ill.^mo Sn.^or Joze Correa da Serra. — A Gaseta de Lisboa que este corr.^e se repartio n'esta Cidade dando conta do Acto Publico da Real Academia das Sciencias declara ser V. S. o novo Secretario de tão Ill.^e e Sabio Corpo, depois da auz.^a que fes para o Governo das Minas Geraes o Ill.^mo Ex.^mo Snor. Visconde de Barbacena que occupou tam honorifico lugar, e com quem tinha a honra de corresponderme como correspondente da mesma Real Academia.

Depois de dar a Ella, e a V. S. o parabem de hũa tão acertada, e tão bem recebida escolha, vou oferecer a V. S. o meu lemitado prestimo nesta Cidade onde as ordens de V. S. me acharão sempre prompto p.^a as obedecer. — Deos Gd.^e a V. S.^a muitos annos. — Porto 24. de Mayo de 1788. — De V. S. — M.^to fiel. e m.^to rev.^te Cr.^o — *Manoel Gomes de Lima Bezerra.*

Monsieur et cher Ami. — Je suis faché de sçavoir ce qui vous me dites de votre santée que je souhaitte bien de sçavoir retablie vous invitant a faire tout ce qui dependra de vous pour regagner l'embonpoint que vous avez perdu. Je pense bien que la vie de Lisbonne n'est pas aussi agréable que celle de Paris ou de Rome, pensez combien je dois regreter celle de la première; mais il faut bien se faire une raison la plus eficace etant celle de votre conservation cert je vous assure un de mes grands points. Parler de Paris me fait vous dire que quand vous trouverez ma fille de lui

demander a voir la derniere lettre que j'ai reçu de mon cousin pour que jugiez si je dois avoir des souvenirs de ce pays.

La vie est ici des plus tristes, mais les occupations font le suplement de la Societé il y a cependant huit jours que la pluie me retient sans voir la campagne, barbouiller du papier et lire me font trouver le tems court, entretenant ma santée que est des meilleures. Toutes vos lettres ont etées remises sourtout celles a M.^rs^ Silveira et Santa Clara que jai donné personellement, le dernier n'etant pas ici au commencement il y a au moins trois semaines que venant je la lui ait remise, toutes les autres l'ont etées les 1.^res^ huit jours dêtre ici par mes deux compagnons que jen ait chargé pourt avoir été les 1.^res^ jours obligé de garder la maison pour une piqure dépine faite au pied dans la route. Recevez leur plus vif remereiments et tous les complimens possibles de leur part, vous fesant la grace de les presenter aussi de la leur et de la mien a Monsieur votre frere. Le meme a touts nos amis, et ne cessez de me croire de cocur — Monsieur et cher ami votre tres humble et tres obeissant serviteur — Coimbre le 2.^e^ juin de 1788. — *de Valleré.*

Les ruines du pont ne sont que des bagatelles, elles ne sont que dans quelques parties du pavé et des parapets, le grand point et le principal objet est de voir a empecher la degradation du pays superieure, ce qui cauze un transport de petits galets et de gros sable qui ne pouvant recevoir assez de mouvement de la rivière fait qu'il sacumulent. La culture na pas la moindre attention la dessus, et des hayes vives au bas des penchans retindraint les plus grandes particules, touts les arbustes croissent ici a merveille et sont plus forts que touts ceux que jay vus partout ailleurs. Le tems est court et par la 1.^re^ occasion je vous en direz davantage comme d'Aveir ou nous allons des que le tems se soutiendra un peu plus au sec.

Rv.^mo^ S.^r^ Jose Correa da Serra. — Se os gostos são em relação ás penas, he inexplicavel o q̃ tive lendo a Gazeta pela qual conheci ser falsa a sua hida para fora do Reino, noticia, q̃ em Abrantes me tinhão dado. Amo-o cordealm.^te^, pelas suas felicidades tenho a maior paxão; e de ser eleito Secretario da Academia felicito a Republica.

No anno passado o P.^e^ Manoel Xavier, e o D.^r^ Rodrigo Soares me obrigaram a mandarlhe a Memoria sobre os vinhos. Escrevi aquelle o Correio passado, p.^a^ q̃ ma remettesse p.^a^ poder satisfazer a clareza, q̃ Vm.^ce^ me pede, porem não tive ainda resposta. Seg.^do^ me parece são nomes de algumas uvas de terras, q̃ me podião dar

a conhecer, peloq̃ os reservei p.ª hirem no bilhete. Mas como eu estava bastantem.te doente, q.do se poz em limpo esta Memoria, foi esta a causa da falta.

Eu fasia tenção de pedir a Academia lic.ª p.ª impremir estas duas Memorias, accrescentando-lhe duas, q̃ tenho em desenho: huma sobre a natureza das terras, e suas qualidades respective a Agricultura: outra sobre a escolha dos graens suas doenças, e cura. Porem aquellas depois de estarem frias p.ª tornarem a forja, e estas depois de traballhadas. Mas como a Academia as quer mandar imprimir, peço a Vm.ce o favor de me mandar dizer athé q̃. tempo posso mandar a clareza q̃ me pede com alg.as notas, e correçoens, p.ª me desembaraçar de outras coisas, e cuidar nisto.

Peço lhe tãobem a m.ce de hũa pequena porção de luserna, e esparceta; este anno fiz em varios tempos sementeira de ambas, porem as sementes estavão tão defecadas, q̃ em nenhũa nascerão. O terreno aqui tem todas as qualidades p.ª produzir a luserna. — Sou com o maior affecto — Thomar 5 de Julho de 1788 — De Vm.ce — M.to Am.o e Criado m.to obrg.do — *Joze Verissimo Alvres da Silva.*

R.mo Snr. Joze Correa da Serra. — Tendo eu escrito na Memoria, a qual t.ª por epigrafe — *Infelix ager, cujus villicus magistrum non audit, sed docet* — q̃ eu me julgaria feliz, e bem recompensado dos meus trabalhos, se no juizo da Academia elles fossem julgados dignos de poder dar algumas noçoens uteis ao bem da Agricultura: lendo agora o Programa do pres.te anno eu me lisongeo de ter conseguido este fim. Pelo q̃ gostosam.te consinto q̃ se abra o bilhete que tem a dita epigrafe; o que a Academia de mim requer. D.s prospere todas as suas coisas, e a VM.ce de verdadeiras felicidades. — Eu sou — de VM.ce — O Creado mais aff.to e obrigado — Thomar 7 de Julho de 1788 — *Joze Verissimo Alvres da Silva.*

Ill.mo Snr. — O dezejo de servir, e ser util á nação me obriga a escrever a VS.ª o q̃ não faria, por não ter a honra de conhecer pessoa tão sabia, e distinta: he o motivo manifestar a VS.ª q̃ ha annos se descobrio no Archivo da Collegiada de Cedofeita junto ao Porto, hum antiquissimo monumento, q̃ me parese não havera outro semelhante em todo o reyno: he hum Decreto latino feito por hum Mouro chamado Abdelasim Abrahem Mahomet, Governador do Porto, no anno de 717. derigido aos clerigos, e christaõs da Igr.ª de Cedofeita, q̃ chama Mostr.os.

Este Decreto, ou Carta q̃ por sua antiguid.e se faz extimavel, por estar em letras goticas, e antigas, levarão dous conegos da mesma

collegiada ao Mostr.º da Serra, p.ª q̃. o P. D. Bernardo da En.^{ção} q̃ era insigne em ler letras antigas, lho lesse, o q̃ fez, declarando tambem o sentido de algumas palavras, q̃ nelle vem latinas. Do mesmo Padre recebi hnma copia deste monumento, q̃ estimo m.^{to} se no tempo do Snr. D. João 5.º o communicase a Academia da Historia Portugueza, não duvido q̃ os seus socios farião delle todo o appreço q̃ merece; porem ainda q̃ o dezejava communicar, e offerecer a nova Academia das Sciencias, não sei se será bem asseito, por não ser noticia, q̃ a ella lhe toque. Isto soposto, quiz prim.^{ro} dar parte a VS.ª p.ª q̃ segundo o seu prudente conselho, me diga se quer, q̃ eu lhe mande o referido Decreto; dezejando ter novos motivos de servir, e obedecer a VS.ª e a Academia. Mafra 16 de Julho de 1788. — De VS.ª — Seu mayor Venerador, e menor criado

D. Ignacio da Boamorte
Bibliothecario

Snr. Joze Fran.^{co} Correa. — Amigo e S.^{r}. Não descançou este S.^{r} Bispo emq.^{to} me não fez vir á sua companhia. Na vespera da minha jornada que foi quasi repentina fui procurar a Vm.^{ce} em sua casa p.ª me despedir, e dizerlhe que tinha já 55 cartas Africanas, e Asiaticas não só copiadas, mas postas em limpo p.ª se lhe por a tradução; ao que não dei principio por me dizer o amigo Joze Victoriano, que achara outras muitas, e vae buscando; pois em varios armarios entre os maços vão aparecendo, e as que elle tem apontado, chegão ao numr.º de trinta, e tantas. Com esta noticia suspendi a tradução por querer levar a obra por sua ordem. A minha licença he por vinte dias até hum mez; porque a obra aque aqui tenho me levara este tempo, e acabada ella faço tenção de me recolher á Corte.

Dezejo que Vm.^{ce} tenha saude perfeita, e esta fosse igual ao seu dezejo. D.^{s} G.^{de} a vida de V. m.^{ce} por m.^{tos} a.^{s} — Beja 18 de Julho de 1788. — De Vm.^{ce} — Am.º m.^{to} aff.º e obr.^{do}

Fr. João de Souza

P. S. O S.^{r} Bispo se recomenda a Vm.^{ce} e elle repetidas vezes me perguntou pelo S.^{r} Abbade Correa.

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores. — Sendo p.ª mim summam.[te] apreciavel a distintissima honra, q̃ V. E.[as] me conferirão associando-me á Real Academia das Sciencias na Classe de Correspondente; com quanta maior razão me devo hoje considerar infinitam.[te] obrigado, recebendo a precioza Medalha, q̃ V. E.[as] se dignárão mandar-me entregar pelo Ill.[mo] Ex.[mo] Snr. Secretario desta Sociedade; como penhor certo da benevolencia com q̃ V. E.[as] me distinguem. Esta acção excita em mim os sentimentos do mais vivo reconhecimento. Eu suplico a V. Ex.[as] de os aceitarem, assim como os votos mais ardentes, q̃ faço pelo bom successo dos louvaveis esforços, q̃ esta Sabia Sociedade procura p.ª o adiantam.[to] dos conhecim.[tos] uteis entre nós; ao qual me considerarei bem feliz se poder contribuir com a pequenhez do meu espirito.

Ponho na prez.ª de V. Ex.[as] os meus pequenos trabalhos Fisicos, e Astronomicos do anno de 1787, e d'alguns mezes do prez.[te], e ultimos q̃ posso fazer nesta Capital do Brazil; pois ordem do nosso Ministerio me manda passar com toda a brevidade á Capitania de São Paulo.

Naquella parte do Mundo, ou em outra onde me achar nesta longa, e penosa Viagem, dezejarei ter occazião de cumprir o q̃ devo a esta erudita Corporação, e mostrar q̃ sou — De Vossas Excellencias — O mais reverente subdito, e o mais obrigado — Rio de Janeiro 20 de Julho de 1788. — *Bento Sanches Dorta.*

Londres 22 de Julho de 1788. — R. Snr. Joze Correia Serra — Na resolução de comunicar á Academia tudo oq̃ na m.ª viagem julgar digno da sua atenção: e na certeza deq̃ éla receberá benignam.[te] ainda os esforsos q̃ não corresponderem á m.ª expectação: tomo agora a liberd.[e] de a informar por via de V. M., de q̃ logo q̃ aqui cheguei tive ocasião d'observar q̃ entre os Fisicos e os Astronomos está radicada a idéa de q̃ o calor do sol fás inclinar os edificios, principalm.[te] aquêles q̃ tem mais de elevação, q̃ d'extenção orisontal: q̃, por esta resão, os instrumentos, destinados a observar a passagem dos Astros, não devem colocar-se no alto dos Observatorios; porque p.[la] d.ª inclinação mudão a sua direcção vertical, e vem a causar um erro na computação do tempo da passagem. Estas observações já há tempo se fazem no Observatorio de Greenwich com os instrumentos postos no chão, isto he em terra; e o Observatorio de Oxford se está actualm.[te] reedificando, p.º o mesmo motivo, afim de o adaptar áquella posição dos instrum.[tos]. Desde q̃ esta opinião se tem adoptado, contão aqui como inexactas as observações de París: e M.[r] de la Lande, q̃ actualm.[te] se acha

nesta Capital, não duvidou reconhecer a preferencia q̃ se deve ás observações de Greenwich. Aquêle Academico Francês se achava, q.[do] fês esta asserção, em uma Comp.[a] em q̃ Luiz Pinto, nosso Ministro succedêo encontrar-se, sem ser conhecido do Astronomo: este com o tom *tranchant* da sua Nação, disse q̃ em toda a Europa não avia mais q̃ três Geometras, e dous Astronomos, q̃ merecessem esse nome: e individuando os Paizes, p.[a] fazer menção dos que se reputavão como sabios naquéllas Sciencias, concluío q̃ em Espanha não avía nenhum, e em Portugal nem sombras disso. O nosso Ministro não pôde sofrer a expressão: e alegou q̃ tinhamos actualm.[te] algũas pessoas m.[to] abeis em ambas as Sciencias, nomeando-as. M.[r] de la Lande respondêo, q̃ éra necessario q̃ élas se fizessem conhecidas, comunicando os seus trabalhos. Créio q̃ esta anecdota déve ser conhecida p.[la] Academia, de q̃ tenho a onra de ser Membro, e de q̃, como tal, zélo com o maior ardor a reputação: porisso estimaria sumam.[te] q̃ o parecer de M.[r] de la Lande fosse seguido: certo de q̃ uma comunicação prompta dos trabalhos da Academia, ao menos dos mais notaveis, ganharia á Nação grd.[e] ventagem, na avaliação dos seos talentos, e aplicações Estimaría q̃. a Academia me fizesse a justiça de reconhecer o meu zêlo: e q̃ V. M. me desse occasiões de mostrar-me — De V. M. — M.[to] Vend.[or] e C. — *Felix Antonio Castrioto.*

S.[or] Jozé Joaquim Soares de Barros — Meu Am.[o] e S.[r] da maior venerasam. O anno passado escrevi a V. S., e agora tenho a mesma onra, mal convalecido ainda d'um formidavel reumatismo, que me prostrou durante muitos mezes. Emfim, se tenho tardado com alguma remesa, poso dizer com o proverbio vulgar, que porém tenho arrecadado. Aî remeto incluza a celebre *Spigelia Antelmia,* que tanto se tem procurado descubrir nesta America Portugueza, e que de fato por la tem casualmente aparecido no meio doutras plantas, que para ese Jardim Botanico se tem de cá remetido em confuzo; sem que porém se podese até agora atinar com ela no proprio paiz, nem com o terreno da sua produsam.

O noso Ex.[mo] Secretario o Snr. Visconde de Barbacena, que por aqui pasou no principio do prezente ano, bem diligencias fez por este axado, porém sem o dezejado suceso. Eu tenho a onra d'oferecer a V. S. as primicias desta descoberta, que nam deixará de merecer a atensam da nosa Academia: porque é sem dúvida a mesma, e mesmissima, que descreve o Linneo, segundo a mais exacta, e completa analize. Receio que lá xeguem caidos os *testiculos,* de que tem a forma a semente. O que advirto, para que nam entre em du-

vida á vista da falta, se a ouver, esta circunstancia notavel da sua estrutura.

Uma das folhas da incluza nam vai perfeitamente *lanceata*, como as outras trez, porque se-cortou a ponta por um incidente. Pelos seguintes navios repetirei a remesa com outras mais bem acondicionadas. E V. S. terá a bondade de me participar a devida instrusam sobre o Comercio, que dela se-pode fazer para a Rusia, como o unico prezervativo para os *vermes*, que tanto perseguem a aquelles povos no tempo do gelo. Segundo a minha lembransa os Hollandezes de Surinam sam, os que estam na pose deste comercio tam preciozo para aquela vasta regiam.

Dezejo saber a certeza, se os Rusos bebem a tintura da tal erva, como se uza com o xa, ou se é precizo remeter tambem a *haste*, e as raîzes, como agora faso por mostra. E emfim, se este produto deve ser remetido, asim como de-lá costumam remeter, por exemplo, as malvas, sem mais cerimonia, nem feitio mais delicado. Eu nunca falei com Comerciante Ruso, que sobre este artigo me-podese dar luz alguma. Ás apalpadelas é, que vim a dar com este produto tam decantado pelo famozo Linneo: e poderei com o tempo fornecer avultadamente aos Rusos um tam poderozo antidoto para o seu grande mal.

Ainda nam tratei em grande a plantasam, o que virei a fazer com a aprovasam de V. S., e da nosa Academia. E uma tal plantasam deverá ser feita em um dilatadisimo terreno, visto que a planta nam produz mais, do que esas quatro pequenas folhas, se nestas unicamente consistir a virtude.

Digne se V. S. de comunicar me boas noticias da sua saude, e da Ex.ma Sr.a D. Maria Izabel, mais da Sr.a D. Maria Ana. Intereso mais em saber, quantos filhos V. S. já tem, e que anuncios já se-observam dos seus talentos ereditarios. De meu Mano Fr. Joze, ou antes Ex-Frei Joze receba uma viva lembransa. Tenha V. S. a bondade de comunicar-me os escritos seus, e da Academia, que ouverem saîdo á luz, pois neste canto do mundo naõ poso ter maior consolasam. E especialmente em tudo, o que lhe-diz respeito, e á sua distinta Familia, eu sou, como sempre fui, e serei — De V. S. — Mais reconhecido discipulo e fiel cativo — Baia 24 de Julho de 1788.

Ant.o Ferr.a d'Andr.a

M. R. S.^{r} Jozé Correa da Serra. — Meu am.º e S.^{r} da m.ª vener.^{m} não tive a fortuna, dezejando-a m.^{to}, de abraçar a V. S.ª, nem quando me fez favor, nem quando lho fui agradecer; e só me resta este meyo de lhe fazer constar o meu agradecido affecto, e de lhe pedir q̃ veja algũas especies naturaes, q̃ com esta lhe serão entregues: poucas; porque nem os meus trabalhos, nem o genio de quem me podia servir, derão liberdade aos meus dezejos, q̃ deste modo se mostrão, tanto como a minha inutilidade.

Se acazo algũa dessas couzas tiver algum prestimo, V. S. me fará a m.^{ce} de apprezentalla ao S.^{r} Duque, a q.^{m} não tenho atrevim.^{to} de escrever, mas a q.^{m} amo ternam.^{te}; não só por me lembrarem as honras ha m.^{to} recebidas de S. Ex.ª, mas por me chegarem aos ouvidos as honrozas auzencias, que este Principe se digna fazer de hum tão humilde Capellão de Sua Caza, e em tempo q̃ a caluñia anda tão desbocada contra mim.

Confesso tãobem dever grande parte desta fortuna á benevolencia de V. S., a quem os meus fracos talentos bastão para lhes dar o vulto, que eu nunca esperaria. Mas essa mesma bond.^{e} me anima a esperar que, conhecida a m.ª impossibilidade, se contente desta confissão por paga da m.ª divida. — D.^{s} Gd.^{e} a V. S. m.^{s} an^{s}. Seminario de Brancannes 27 de Julho de *1788*. — De V. S. — Obrig.^{mo} Ven.^{or} e Am.º

Fr. Bispo de Malaca

Ill.^{mo} Snr. — Remeto a V. S.ª a carta ou Decreto q̃ lhe prometi mandar: tendo a honra de servir a V. S.ª e a essa Real e Illustre Academia.

O P. D. Joaquim da Assumpçaõ Velho, com q.^{m} sou Socio, e Bibliothecario neste Mostr.º de Mafra, me entregou ha tempo hum papel de V. S.ª em q̃. pedia varias noticias, elle me encarregou este cuidado, tenho já descoberto varias noticias, q̃. não são menos estimaveis q̃. a mencionada carta, eu ou o R. P. D. Joaquim as farei remeter a V. S.ª

Se ouver duvida no dizer eu q̃. Egidio João q̃. copiou a carta do mouro, fora Conego Regrante, mostrarei q̃. o foy na verdade e q̃. o Mostr.º de Cedofeita, hoje Collegiada de Conegos Seculares, fora antigam.^{te} de Conegos Regulares de S. Agostinho. Espero novos preceitos de V. S.ª achando-me sempre prõpto p.ª lhe obedecer, e

dar gosto. Mafra 30 de Julho de 1788. — De V. S.ª — Seu mayor venerador, e servo — *D. Ignacio da Boa Morte.*

Ill.ᵐᵒ Snr. Joze Correa da Serra. — R.ᵉⁱ a carta com que V. S. me honrou, e nella a noticia da perigoza molestia, que padeceo, e de cujo exterminio dou a V. S. o parabem, e á Literatura do Reyno, que se interessa muito na saude, e prosperidades de hum Portuguez tam sabio, tam benigno e tam geralmente acreditado como V. S. he. Deos lha conserve por dilatados annos, e me de a mim o gosto de servilo, e comprazelo em tudo quanto for servido mandarme Eu tambem vim convalescer para a patria Ribeira de hũa Dysenteria cruel q̃ me atacou no Porto, e obrigou a remedios, porem no mez q vem faço tenção restituirme áquella Cid.ᵉ onde estarei as ordens de V. S.

Quanto ás noticias que a Acad. dezeja dos Archivos he esta huma materia bem escabroza. No tempo do S.ʳ D. João V. e a instancias da Acad. da Historia se franquearão os principaes da Provincia, porem os sogeitos que os investigarão ou por falta de luzes, ou de criterio, ou por muito apaixonados a favor de certos factos, estabelecimentos, ou Corporaçoens, poucas couzas nos deixarão que se possão dizer claras, e certas. Nos Mosteiros ha muitas escripturas, e nas Camaras das terras nobres, porem como nos primeiros se confundio o historico com o util de cada hum, e nas segundas houve individuos que por interesses particulares extraviarão registros onde havia coisas muito memoraveis, somente hũa mão poderoza ou talvez sómente a Real pode meter em ordem o que se acha dezordenado. Á imitação da Comissão q̃ deu Felipe 2.º a Morales he precizo hum sogeito munido de authoridade que saiba pedir, escolher, ler, e copiar letras antigas, e gothicas. He necessario que saiba dezembrulhar, e apartar o verdadeiro do suspeitozo, e que tenha talento p.ª se não deixar seduzir dos que tem interesse em propagar certos factos pois bem ve V. S. o como estão as Historias do Reyno, e qual he a cauza da sua ilegalidade, e defeitos. Sobre tudo he necessario, que não seja credulo, ou espantadisso, porque se for hũa coiza, e outra meterá como lá dizem gato por lebre, e não quererá combaterse com a malevolencia que logo encontraria ao patentear as verdades Tenho pedido para a minha obra noticias dos Archivos das Camaras de Vianna e Ponte de Lima, e dizendoseme que estão promptas não as pude ver ainda. Julgo comtudo que ha monumentos preciozos cuja publicidade interessaria a Coroa, o Estado, o Commercio, a Agricultura, e muitos ramos da Administração do Reyno e principalmente as Leys municipaes,

porem lá estão onde a traça os destroe, ou onde a malicia, ou a ignorancia os sepulta, ou despreza. Se V. S. entender que posso ser util em algũa averiguação farei o que possa com toda a rezignação, e zelo. Deos gd.^e^ a V. S. muitos annos. Ponte de Lima 6. de Agosto de 1788. — De V. S. — M.^to^ respeitador, e criado fiel — *Manoel Gomes de Lima Bezerra.*

R. S.^r^ Joze Corr.^a^ da Serra — A recriminação q̃ faz Mr. de la Lande aos Mathematicos Portuguezes, comunicada na carta de Mr. Castrioto, que V. M.^ce^ leo na ultima secção da Academia, não he sem fundamento; mas quẽ tem a culpa disto he a mesma Academia, em não ter impresso mais cedo as suas Memorias, ou ao menos communicado ao publico, por via dos Jornaes, as concluzões, e extractos dellas.

Se o Astronomo Francez tivesse lido a Memoria do D.^r^ Monteiro sobre os Cometas, talvez não fallaria assim. Se visse a da medição dos Toneis, do mesmo Author, ajuizaria de outro modo, e se tivesse lido, e sabido as memorias e questões passadas entre o mesmo D.^r^ Montr.^o^, e Jozé Anastasio, mudaria de linguagem.

He pêco nosso fazermos pouco, porem imprimimos menos, e ainda que imprimamos mais sempre as nossas obras hão de avultar pouco; porque a nossa lingua he pouco conhecida.

As minhas Memorias não são para comparar com as do D.^r^ Monteiro, nem com as de Mr. Anastasio, mas se tivessem sido publicas, teria menos razão o Academico Francez de nos suppor sem sombra de hum mathematico. Teria visto nellas a Longitude de Madrid determinada com certeza, o que elle não pôde conseguir nas Memorias de 1777, apezar das m.^tas^ observações que discutio. Teria visto a Longitude de Cadiz, em que elle e os seus collegas tem andado ás apalpadellas. Teria visto a de Bolonha, e Roma que ainda não sabem: a de Viena d'Austria em q̃ não crem: a de Lisboa, Coimbra, e Aveiro, que tem mais desculpa de a terem errado. A do Porto, Mafra, Cabo de S. Vicente, Rio de Janr.^o^ etc.

E finalmente teria visto a Longitude de *Greenwich* que publiquei na Gazeta de Lisboa de 1787, n.^o^ 4, a 23 de Jan.^o^, antes de saber as medidas q̃ se intentavão em Inglaterra para a verificar, antes de saber o que pensava em França Mr Cassini, e antes de saber o resultado das ditas medidas que ainda não sei, e portanto peço a V. M. escreva a Mr. Castrioto que nos informe delle. Se este resultado concordar com o meu, como espero, tambem devo esperar que Mr. de la Lande concederá q.^e^ os mathematicos portuguezes não são tão estupidos como elle julgava; m.^to^ mais depois de ver o Elogio

de Dalembert, feito por meu collega Francisco de Borja Stockler, e as mais obras que tem comunicado á Academia, e outras em que trabalha actualmente.

Se isto não bastar para o convencer; brevemente lhe mostrarei que as suas Taboas Novas de Mercurio dão mais erro nas passagens q.e acontecem no Nó Ascendente, do que davão as velhas: que dão menos no Nó descendente; porque o erro das velhas era enorme, e que elle se enganou na applicação da Aberração de Mercurio que quiz contemplar nas ditas Taboas Novas: isto he, que fora melhor não fazer caso della, e serião mais certas sem isso do q̃ com isso.

Quanto a mais q̃ diz Mr. Castrioto a respeito dos observatorios, o nosso está assaz izento das alterações q̃ elle contempla por ser edificado sobre hũa torre quadrada que tem 20 pez de lado, construida ha mais de 100 annos, massiça, e solida de maneira q̃ os instrumentos colocados nella ficão mais firmes do que se estivessem no chão. He verdade q̃ nas paredes novas, q̃ se fizerão em cima della, algũa variação tenho já reconhecido; porem esta não offende as observações q̃ são feitas totalmente independentes dellas.

Peça a Mr. Castrioto que lembre a remessa da continuação das Trans. Philosophicas de 1780 em diante, e as outras encomendas que forão feitas pelo S.r Brigadeiro.

Fico as suas ordens desejando m.tas occasiões de me empregar no seu serviço; porque sou — De V. M. — Attento venerador e obsequioso criado — Castello 8 d'Agosto *de 1788 — Custodio Gomes de Villasboas.*

Senhor Joze Correa da Serra. — A rezolução da Academia me honra, e acredita tanto, que eu não posso deixar de aceitar em toda a sua generalidade, e mostraria ser insensivel se nesta parte desse a conhecer a mais leve repugnancia E desde já protesto empregar todas as minhas forças para não ser membro inutil de hũa tão sabia, e respeitavel corporação. Nestes termos pode o Senhor Joze Correa quando lhe parecer revelar o meu nome a todos os Senhores aos quaes beijo as mãos pelas publicas demonstraçoens com que querem distinguirme mais do que eu mereço, e hoje escrevo ao nosso Presidente para de algum modo lhe mostrar o quanto desejo satisfazer aos deveres de gratidão; Agradecendo tambem ao Senhor Joze Correa a advertencia, q̃ me fez esperando me continue esta graça quando lhe parecer conveniente, e necessario para que não me aconteça cahir em algum erro digno de mayor censura. Estimarei que conte muitas felicidades, e ter occa-

zioens em que mostre, que sou seo — Amigo Venerador e Creado — Real Collegio de S. Pedro de Coimbra 15 de Setembro de 88.

Constantino Botelho Lacerda Lobo

M. R. Sñr. D.r Ant.o Caet.o d'Am.al — Meu am.o e Snr. da m.a part.ar estimação, e respeito. Há dous correios q̃ escrevi a Vm.ce, tão som.te com o fim de saber da sua saude, e na verd.e me-decha com algum cuid.o a falta que tive das suas noticias, posto q̃ me-lembra ser este o tempo, q̃ Vm.ce escólhe sempre p.a fazer as suas digreçoens pellas visinhanças dessa Corte; estimarei as tenha feito com saude, e com felicidades, não se esquecendo em toda a parte do ardente dez.o q̃ tenho de lhe mostrar os efeitos da m.a sincéra, e fiel amizade.

Penço q̃ a V. M.ce não será dezagradavel a noticia de hum extraordinario sucéço desta terra, q̃ se-bem não seja singular, sempre ao menos pella sua raridade, se fás m.to recomendavel, não sô p.a qualquer pessoa particular, q.to mais para hum digno sócio da Real Academia das Sciencias

Na noite do dia — 7 — do prez.te mes, e pellas onze horas, pouco máis, ou menos, pario Antonia Ignácia, cazada q̃ foi com Ant.o Joze, sold.o no Regim.to de cavalaria desta Cid.e, hum monstro, que se compunha de duas prefeitas meninas, mas lateràlm.te pegádas des-de o Thoráx, ou região do peito, athe o Embigo, de sorte q̃ pella párte dianteira formávão hum sô ventre, sendo aliás dous m.to prefeitos corpos, e pella parte de trás claram.te se-vião as duas cóstas, com as suas Espaduas m.to bem divididas; todas as máis partes exteriores do corpo erão, não sô m.to prefeitas, mas tãobem separadas, como de duas pessoas distintas, porq̃ tinha cada hũa sua proporcionáda cabeça, e nélla todas as partes proprias daquelle lugar, como são = Olhos, = Naris, = Boca, = Orelhas, &. mas advertio-se que ambas trazião o Beiço de sima raxádo, signal evidente de q̃ por elles estávão tãobem ligadas, mas que algũa volta no Claustro materno, ou algũa maiór violencia na ocazião do seu nascimento, as fez quebrár a ligadura daquella parte: cada hua dellas tinha máis dous braços, e duas pernas com a suas mãos, pés, e todos os dedos na sua ultima perfeição, mas como tinhão hum sô ventre pela união, tinhão tãobem hum sô Embigo, e nelle a Vide,

pela quál no Utero se comunicáva o alimento p.ª ambas; tinhão porem todas as máis vias, tanto superiores, como posteriores prefeitas, e proprias de dous corpos separádos, q̃ na positura, com q̃ nascerão reprezentavão bem a figura do Signo de Geminis, como se vê na Estampa, q̃ apezár da sua imperfeição, pello pouco tempo, e m.ta insuficiencia do Artifice, tenho a satisfação de ofrecer a V. m.ce, tão somente p.ª q̃. por ella fáça hum completo juizo deste extraordinario sucéço.

Abrirão-se estas duas crianças p.ª se-anatomizárem, e achou-se q̃ cada hũa se-compunha de todas as partes internas, e proprias do corpo humano, a saber cada hũa com seu Figado, = Bofe, = Estomago, = Bexiga, dous Rins = &. Observou-se máis que no ventre suprior, ou região do peito havia todas as visceras próprias de dous córpos separádos, mas estes animádos de hum só coração; finalmente averiguando se o ventre, ou região inferior, ali se-acharão com individuação todos os intestinos prefeitos, e proprios de qualquer corpo bem formádo.

Concervarão-se estas duas crianças vivas no Claustro materno por espaço de nove mezes, athe a ocazião do seu nascim.to, em q. destintam.te se-ouvio chorar a hũa dellas, porem quando totalm.te aparecerão neste mundo jâ se-virão ambas mórtas, com o desgosto de-se-lhes não poder administrár o necess.o, e sagrado Baptismo.

A Mãy, depois daquelle monstruoso párto se-tem visto em hum evid.te perigo de vida, e asim se-concerva hoje ainda, e seu Pay, haverá hum mes q̃ faleseu da vida prezente, dechando esta mizerável viuva em tal pobreza, q̃ tendo na vida de seu marido apenas o soldo de simples soldádo, agóra náda mais tem q̃ a carid.e de alguns fieis, q̃ pello amor de D.s a quizérem favorecer.

Tenho dádo a Vm.ce conta deste extraord.o sucéço, de q̃ poderia dizer máis algũa couza, porem finalizo com o papél, por não cauzar fastio com a demaziáda extenção. Tenha Vm.ce saude, com felicid.es, não se-esquecendo de me-dar ocazioens, em q̃ possa mostrar com gosto, q̃ devéras, e sem lizonja sou — De V. m.ce — Am.o m.to fiel ven.or, e obrig.do — Ev.ª 10 de 8.bro de 1788.

Dom.os Theodoro d'Olivr.a Affonso

Senhor Joze Correa da Serra. — A minha Memoria sobre a cultura das vinhas se acha em poder do Marquez de Pombal a quem foy remettida para offerecer ao Principe defunto. Estimaria, que a Academia lha manda-se pedir, e julga-se digna de se impremir, porem a mim lembravame acrescentar lhe algũas reflexoens sobre o estado actual da cultura das vinhas em Portugal, e no fim hũa breve recapitulação acommodada o mais que fosse possivel á inteligencia dos lavradores. A Memoria sobre os vinhos queria, q̃ fosse acompanhada com algũas experiencias, as quaes pedi a muntos as fizesem obrigandome a todo o risco, que houvese nos vinhos, porem como nada pude conseguir assentei de nunca publicar a tal Memoria. Tenho mais outras duas, hũa sobre as aguas ardentes para a qual já tenho feito algũas experiencias no Laboratorio. Outra sobre a analyse das Caldas de Alafoens, as quaes logo q̃ estiverem concluidas remetterei a Academia.

Desejo que logre hũa vigoroza saude, e ter occazioens em que mostre, que sou — De Vm.ce — Criado Am.o e Ven.or — Real Collegio de São Pedro 12 de 8.bro de 1788. — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Snr. Joze Correa da Serra — Recebi, e estimei munto a sua carta, e juntam.te o Programa de que me fez favor, por onde fico certo do que heide obrar em outra semelhante occazião pelo que me confeço munto devedor, e aggradecido. He verdade, que ignorando eu nesta parte a determinação da Academia, o D.or Domingos Vandelli meo Mestre me insinou o modo de que uzei. Emquanto a demora persuadime, q̃ sempre se devia entender excetuado o legitimo impedimento, m.to principalmente estando eu na boa fe de que tinha obtido licença da Academia.

Rogolhe por especial merce a destribuição das ordens na execução das quaes mostrarei que sou — De Vm.ce — Muito fiel e m.to attento creado — Coimbra. No Real Coll.o de S. Pedro 11-8 de 88. — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Ill.mo Snr. — Estimei a noticia q̃ VS.a me cõmunicou de ter sido aprovado pl.os Senhores Socios da Academia o Documento q̃. lhe remeti; a mesma aprovação julgo tera os q̃ agora remeto a VS.a o q̃ não pude fazer atégora por estar occupado com hum Diario Historico dos homens Illustres da minha congregação, q̃ acabo de completar em dous Tomos in-fol. pois fui eleito por companheiro, e socio do Chronista da Congreg.ção q̃. he o R. P. D.r D. Joaquim de Guadelupe, Professor da Cadeira da Historia, na Universid.e de Coimbra.

Ao P. D. Joaquim da Assumpção dei a recomendação de VS.ª e em tudo o mais q̃ puder, farei por obedecer, e servir a VS.ª e a essa Illustre, e Real Academia. — Mafra 26 de 8.bro de 1788. — De VS.ª — Seu mayor vend.or e menor criado — *D. Ignacio da Boamorte.*

Senhor Joze Correa da Serra. — Dezejava saber se obteve do Marquez de Pombal a minha Memoria sobre a cultura das vinhas como tambem o seo juizo a respeito da mesma antes, que fosse aprezentada a Academia; e no cazo que lhe pareça conveniente fazerlhe o acrescentamento, que já lhe disse seija servido mandarma para asim o executar. Se porem ella tiver tido algum descaminho igualmente o estimaria saber para tirar outra copia, que será para mim de bastante trabalho por não ter outro semelhante exemplar.

Em me dezembaraçando da Cadeira de Chymica que estou regendo na falta de meo Mestre o D.or Vandelli sempre me rezolvo a maudar a Memoria sobre os Vinhos, restringindo me somente sobre a manufactura destes, modo de os conservar, e fazer a vindima. Estimarei, que conte muntas felicidades e ter occazioens em que mostre que sou — De Vm.ce — Am.o e attento creado — Real Collegio de S. Pedro 27 de 8.bro de 1788. — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Ex.mos S.ors Presidente e mais Socios dessa Real Academia. — He indizivel o gosto de que o meu espirito se preocupa com as estimaveis letras que de VVEEx.as recebi, e com a mayor submissão vou gritificar-lhes a destinta honra que participão á minha inutil indigencia, que por destituida de qualidades boas, nada merece.

Por satisfação ao gosto de VVEEx.as estou continuando com o Tomo Segundo que contem o Reino Animal, e na verdade se faz bem plausivel pella extravagancia das figuras, costumes e Anatomia, que de tudo trato.

Com a possivel brevidade o farei ver a essa Real Academia com intimo dezeijo de que seja dos EEx.mos Senhores Socios bem aceito.

Da mesma sorte pretendo inviar as Armas dessa Real Academia em hum Relicario encerradas, e em hũa pedra Brasilica esculpidas, que por falta de professores de talha e escultura me vi obrigado a fabricar tudo com a delicadeza que a minha curiosidade póde: se pella perfeição não merece agrado, ao menos o conseguirá pella materia de que hé construida.

Por falta de tempo (que sempre a sofro) não posso juntamente remeter o Retrato da Rainha minha Senhora na mesma pedra de-

buxado; o que, se Deus me conservar a vida, farei na mais proxima occasião.

O Supremo Ser cõmunique a VVEEx.^{as} abundantes graças e felicidades repetidas para eu com intenso prazer publicar a honra que consigo em ser — De VVEEx.^{as} — Obzequiosissimo criado — Villa da Cachoeira 7 de Novebr.^{o} de 1788.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{r} Visconde. — Suposto que os meus talentos não são capazes de produzirem frutos dignos de offerecer a essa sabia Academia, comtudo os meus dezejos, e o zello patriotico, suprem muito bem esta falta.

A minha curiozidade empenhou todo o seu desvello para fazer huma Analyse, digna de ser lida na prezença dessa respeitavel Asembleia, a q.^{m} pesso desculpem os meus erros, e a V. Ex.^{a} a graça de fazer ler esta memoria na secção mais opurtuna da Real Academia de quem V. Ex.^{a} hé o digno Secretario. — Chaves 18 de 9.^{bro} de 1788. — Eu sou de V. Ex.^{a} com o mais profundo respeito hum indigno servo, e umilde Criado

[1]

Ill.^{mo} Snr. — A relação q̃ agora remeto a VS.^{a} foy feita por ordem do Papa João 22. e escripta p.^{lo} Bispo do Porto D. Fernando Ramires. He estimavel p.^{las} noticias q̃. traz: não a vio D. Rodrigo da Cunha, pois tratando do referido Bispo não faz menção della, a qual lhe seria de grande utilid.^{e} p.^{a} não affirmar o q̃ escreve de S. Martinho Bispo de Dume, e Arcebispo de Braga.

Não repare VS.^{a} nos erros do latim, por q̃ foy copiada segundo original. Espero que VS.^{a} me queira cõmunicar, se foy entregue deste, e dos mais papeis q̃ ultimam.^{te} lhe remeti, e se todos tem tido boa aceitação de VS.^{a} e dos Snr.^{s} Socios da Academia, a q.^{m} dezejo servir, e obedecer. Mafra 10. de Dezembro de 1788. — De VS.^{a} — Venerador, e Servo — *D. Ignacio da Boamorte.*

---

[1] Manoel José Leitão de Sousa Mourão.

Senhor Joze Correa da Serra. — Tenho rezolvido mandarlhe a minha Memoria sobre a cultura das vinhas mais aperfeiçoada, e por isso rogolhe por muito favor que no cazo de não ter ainda alcançado aquella, que o Marquez de Pombal tem em seo poder, pare com esta diligencia. Estimarei que conte muntas felicidades, e ter occazioens em q̃ mostre que sou — M.^to seo Am.^o e att.^o Creado — Real Coll.^o de S. Pedro 22 de Dezembro de 1788. — *Constantino Botelho Lacerda Lobo.*

Ill.^mo e Ex.^mo S.^r Visconde — No mes de Novenbro do ano proximo pasádo escrevi huma carta a V. Ex.^a, e nella incluza huma Memoria analytica das Agoas mineraes desta Praça para V. Ex.^a fazer me a graça manda-la ler na respeitavel prezença desa sabia Companhia; ella me pareceo digna de lha enviar, não por ser feita por mim, mas sim pelo objecto de que tratáva. e muito mais porq̃ eu a tinha feito ver ao Lente de Medicina Francisco Tavares, e Manoel Joaquim Henriques de Paiva, hum dos asociados desa Academia, e porque d'ambos teve a aprovação, com algumas emendas do ultimo, me animei dirigila á Real Academia de q̃. V. Ex.^a hé o digno Secretário.

Não sei se V. Ex.^a della foi entregue porq̃ as tempestades repetidas fizerão retardár muitos Corr.^os, a não ter algum descaminho e V. Ex.^a della ser entregue fico satisfeito. aliás V. Ex.^a tenha o trabalho de me dár algum indicio para eu extrahir do original que me ficou, outra copia, e de novo enviála a essa Sabia. e Real Academia.

Remeto agora esta informe memoria que já o ano pasado tratei q.^do a este respeito fiz algumas reflexoens, ella me pareceo digna da atenção desta respeitavel asembleia pello objecto de que trata, por ser o mais interesante para o nosso comercio interior, fico concluindo a memoria da navegação do Rio Tamega depois de ter o verão pasado vizitado quazi todas as suas margens, e que anuncio nesta referida memoria para satisfação do dez.^o que tenho de ser util a Patria.

Sou com o mais profundo respeito S.^r Visconde de Barbacena de V. Ex.^a o seu mais umilde criado — Chaves 25 de Dezembro de 1788. — *Manoel Jozé Leitão.*

Snr. Joze Fran.^co — Amigo e S.^r. Dezejo que Vm.^ce goze saude perfeita e que tenha festas m.^to completas.

Remeto os Cadernos que contem 55 cartas Arabicas para Vm.^ce as hir vendo de seu vagar e dar algum toque se for necessario·

Não sou o mesmo portador dellas por me ser m.to precizo hir a Belem, onde estarei tres ou quatro dias.

No que respeita ás cartas Persicas, nada se fez; porque duas manhãas successivas lhe aluguei sege, e o fui buscar á Caza da Piamonteza, e o conduzi para a Torre do Tombo onde se lhe mostrarão as ditas cartas; porem teve suas difficuld.es na sua leitura, humas por falta de pontos, outras por mal escritas, isto he maus caracteres, e outras finalmente por estarem cheias de termos Portuguezes Arabizados, como são nomes, e apelidos, mas a maior duvida foi a falta de tempo, porque me disse que para huma só carta lhe são precisos trez ou quatro dias para entender o sentido della e como estava á partir não podia fazer nada, e com effeito se embarcou com o Capitão na 3.a fr.a 22 do cor.te

As grandes chuvas, e mau tempo nos atrazou nessa parte. As taes cartas já estavão summidas, e gastou-se huma manhãa primeiro que aparecessem, e já as davão por perdidas, até que Joze Victoriano as achou em outro Armario, onde se acharão outras cartas avulsas, entre as quaes apareceo huma em que lhe fallei, respective a Diogo d'Azambuja. Sobre este assunto á vista fallaremos. — D.s G.de a Vm.ce m.s a.s — Conv.to. 25 de Dezẽbro de 1788 — De Vm.ce — Am.o do C. — *Fr. João de Souza.*

Sevilla y En.ro 16 de 1789. — Sr. Josef Correa — Mi estimado Dueño y S.r. Regularmente habra vm. recibido antes que esta dos exemplares de mi tratado de Navegacion que dexé en poder del Consul de Portugal en Cadiz para que se los dirigiese. Uno es el que menciono en la adjunta para la Academia y otro para que vm. lo reserbe en su Biblioteca como señal de la veneracion y aprecio que le profeso.

Con este motibo espero que vm. me cuente en el numero de sus apasionados y que como tal disponga de mi buena voluntad siempre que quiera ó pueda serle util.

Dios g.e a vm. m.s a.s — Sevilla y Enero 16 de 1789. — B. l. m. de vm. — Su m.s at.to y seg.ro

Josef de Mendoza y Rios

P. S. — Dentro de pocos dias estaré yo en Madrid, y luego podrá tener variaciones mi destino. Portanto podrá vm dirigirme su respuesta ó qualquer orden conque quiera honrarme baxo cubierta del Ex.^{mo} Sr. D. Antonio Valdes Ministro de Marina: pues de este modo llegará a mis manos con seguridad.

Sur. Jozé Correa da Serra — Collegio Real de S. Paulo de 12 de Janeiro de 1789. — Recebi de Vm.^{ce} a inesperada noticia de ter sido eleito socio da Academia Real das Sciencias: noticia q̃ eu accreditaria, se tivesse meios de salvar algũas contradiçoeus, que da carta de V. m.^{ce} se colligem. Destas a primeira he, o ser V. m.^{ce} Secretario da Academia, e ignorar quaes sejão os socios effectivos della. A segunda, o dizer V. m.^{ce}, que o Sur. Vandelli falara comsigo em Coimbra a respeito da referida eleição, sem tal ter acontecido. A vista disto, eu lhe passo a dizer já, e m.^{te} claram.^{te}, o que V. m.^{ce} procurava saber de mim pela sua carta. Eu não sou actualm.^{te} Socio, nem o procurarei jamais ser, não obstante a grande honra de que me privo. D.^{s} G.^{de} a V. m.^{ce} m.^{s} a.^{s} como lhe dezeja q.^{m} he — De V. m.^{ce} — Criado e m.^{to} admirador

Manoel Joaq.^{m} Mayão

Senhor Jozé Corrêa da Serra. — Como recebi a sua carta retardada, ainda agora vou agradecer a Academia a honrra, que me fez em me admitir por hum dos seus socios correspondentes; farei munto por não desmerecer o conceito, que por fortuna tenho conseguido. Rogo a Vm.^{ce} por especial favor me queira instruir nas formalidades do costume, e que me dé muitas ocaziñes em que possa mostrar que sou — De Vm.^{ce} — Amigo Ven.^{or} e Creado — Real Collegio de S. Pedro 16 de Janeiro de 1789. — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Luiz Pinto de Souza faz os seus affectuozos comprimentos Ao S.^{r} Joze Corriea da Serra, e tem o sumo disgosto de lhe partecipar, que não pôde asestir oje na Academia Real por cauza de hum grande defluxo comq̃ se acha, o qual o privou já da honra de fazer a sua Corte a S. M.

Roga ao S.^{r} Jozé Correia o fassa asim constar em signal da sua devida atenção. — Lx.^{a} 18 de Janr.^{o} 1789.

Senhor Joze Correa da Serra. – Agradeço munto o favor que me faz de remetter-me algũs exemplares da minha Memoria, e estimo que esta cauze algũa utilidade. Logo que deixar de reger a cadeira de Chimica remeterei a memoria da cultura das vinhas: Vou continuando com as experiencias com que perteudo mostrar o tempo em que dos vinhos se pode tirar hũa maior quantidade de agua ardente; quando concluir este trabalho terei a honra de offerecer a Academia o seo resultado. Dei hũa procuração a hum meo Collegial o Snr. João de Magalhães p.ª este receber as medalhas de que a Academia me fez favor, estimaria que Vm.ce me fizesse a graça de lhas fazer entregar não tendo nisto o mais leve incommodo. Dez.º ter ocazioens em que mostre que sou — De VM.ce — Am.º, e Creado attento — Real Coll.º de S. Pedro 2 de Fevr.º de 1789 — *Constantino Botelho Lacerda Lobo.*

Clarissimo Viro Josepho Correa, Regiae Scientiarum Academiae Ulissiponensis a Secretis. — Josephus Mendoza et Rios Classiarius Dux — S. D. P. — Ulissiponem — Absolveram nuper. Vir. Cl. de navigandi arte tractatum, Catholici Regis Caroli jussu elucubratum, quique ejusdem munificentissimi Principis impensâ lucem vidit. Non sum nescius quantum nostrâ et memoriâ et aetate Scientiae Nauticae lucis et incrementi accesserit sapientissimorum virorum lucubrationibus, qui ad eam illustrandam felicer admovêre manus l. d *(sic)* porro mihi, etsi magno subsidio fruisse profiteor, stimulos etiam addebat, ut in eâ, si possem, augendâ et amplificandâ non modô vires experirer meas, sed omne meum studium industriamque collocarem. Etsi veró pergratum mihi accidisse gratulor operam qualem cumque meam tanto fuisse Regi probatam cujus nutu fuerat suscepta; magno tamen mihi ad absolutiores labores, quibus sapientium judicia promerear, incitamento fore sentiebam, si illustribus per Europam Academici labor iste meus perinde foret acceptus. Idcireo vir cl. operis exemplum hisce cùm litteris ad te perferendum decrevi, quod ut Regiae Academiae meo nomine exibeas, comiter oro quod si doctissimorum collegarum, qui eam exornant, suffragia tulerit, id verò ipse summi honoris loco ponam.

Interea vir cl. isto mihi nomine gratulor, quod scribendi opportunitate, optatam mihi copiam ipse fecero observantiae, benevolentiae, studiique erga te mei hisce litteris significandi: quo, siquid in te umquam conferre potero, hoc ego officio antiquius aut jucundius nullum putabo. Vale. Dabam Hispali, decimo septimo calendas februarii CIↃCIↃCCLXXXIX.

Snr. Jozé Corrêa da Serra — Meu Am.º e Snr. do C. M.to ha q̃. ando p.ª lhe escrevêr: e só hum gr.de escrupulo de tomar tempo a pessõa tão ocup.ª como o considero depois q̃ lhe veio a sua secretaria, hé q̃ tanto podia retardar-me hũa acção, a q̃ me sinto tão incitado: com eff.to aos motivos, q̃ eu já tinha p.ª lhe pedir de q.do em q.do novas suas, accrescera o de lhe eu dezejar fallar de seu Mano, a q.m vi e fallei nas Caldas, e do seu am.º Verdier, com quem ainda mais tempo la tratei, e hia principiando amisade: p.ª ambos peço hũa visita; pois de ambos me lembro com resp.º e com affetto.

Tambem as lembranças q̃ o nosso Caldas me trouce vierão avivar a m.ª obrigação; mas por fim hũa carta, em q̃ tanto me honra vem por-me em estreita necessid.e de lhe significar q̃ sou sencivel e reconhecido.

Farei o maior apreço do presente, q̃ me annuncia, e nelle não só notarei hum sinal da sua amisade, mas festejarei os progressos litterarios, q̃ a Academia e a Nação vão devendo ás suas luzes e ao seu zelo.

Executei o q̃ me recommendou indo logo entregar em mão propria a carta, q̃ me remeteu p.ª Vicente Joze Ferreira. Não posso por ora dizêr q̃ juizo se tenha feito deste lance da Academia: p.ª o corr.º verei se sobre isto lhe posso dizêr algũa couza: já com tudo ouvi discorrêr q̃ nisso haverião contemplações; no q̃ eu só conviria sendo ellas taes q̃ podessem tambem concorrêr p.ª os bens q̃ a m.ma Academia tanto promove.

Fallando de mim e com a franqueza q̃ devo a hum tal amigo, confesso q̃ reparei em q̃ a Academia desse aquelle testemunho, não em consideração do escrito q̃ o m.mo Vicente publicou, mas em razão das suas lições extraordinarias.

Este oppositor posto q̃ na sua faculd.e fora de toda a duvida tenha algus q̃ o igualem e outros tambem q̃ o excedão, com tudo he hum Moço m.to habil e de merecim.to

Agora se o q̃ elle fez se lhe deve levar em conta de g.de serviço não hé p.ª mim tão claro.

O escrito de q̃ fallo, q̃ hé o m.mo q̃ elle ditou da cadeira, pode ser de utilid.e á vista do pouco q̃ temos a proposito naquella p.e: do seu merecim.º absoluto mal posso fallar com segurança não o tendo lido ainda; nem devo comprometer-me no juizo de outros, q.do o acho mui pouco favoravel a hum Authôr, a cujo resp.º certam.e estou mais prevenido do q̃ indisposto.

Sobre o ouvilo tratar de compendio por agora só farei este reparo m.to vago e g.al; q̃ eu não sei p.ª q̃ hé abreviar e resumir ideas, q̃ ainda temos m.to pouco desenvolvidas, e q̃ não menos carecem de

illustração q̃ de ordem. A querer elle servir ao publico talvez seria melhor o ter dado obra mais solta, e q̃ podesse ter uzo fora de huma cadeira q̃ não há, nem acaso deverá continuar. Comtudo este m.^mo^ pouco já hé demasiado arriscar p.^a^ quem não vio a obra.

Passando á façanha de abrir e reger hũa cadeira extraord.^a^ lá me parece isto mais digno de premio do q̃ intorpecêr em caza em hum ocio podre: de mais seg.^do^ as suas vistas talvez daqui lhe rezultem commodos ainda mais reaes: elle tem aquella filosofia domestica e tratavel de se não contentar da gloria; tambem quer dinheiro; e faz bem. Fora disto acho q̃ elle não fez hum serviço extraord.^o^ ao publico, nem abrio hum exemplo q̃ deva ou haja de imitar-se.

Não necessita a Universid.^e^ de maior numero de cadeiras; necessita q̃ m.^tas^ das q̃ tem se reduzão a algũas q̃ lhe faltão. Os Estud.^es^ do prim.^o^ anno juridico são obrig.^dos^ a quatro aulas por dia; os do 2.^o^ a tres: os dos seg.^tes^ tambem tem em q̃ gastem o tempo. Mais horas e ainda tantas de aula serve mais de fadiga q̃ de aproveitam.^o^; roubar-lhes-hia o tempo necess.^o^ p.^a^ lerem com reflexão e p.^a^ fazerem combinações suas, e o passarem de repente de hũa materia mal diger.^a^ p.^a^ ouvirem outra de natureza toda diversa serve mais de os confundir q̃ de lhes acclarar as ideas.

Hé verd.^e^ q̃ tem sempre havido e ha ainda Estud.^es^ q̃ de curiosid.^e^ sua fação o esforço de se carregarem de mais aulas q̃ as a q̃ são obrig.^os^: mas tenho visto q̃ as q̃ tomão de mais sempre são das ciencias naturaes; e creio q̃ m.^to^ justam.^te^. Tanto dir.^o^ Snr!

Os Estatutos hé certo q̃ abrem aquella porta aos Oppositores anciosos do Magisterio; mas athé agora nenhum outro tinha entr.^o^ por ella, nem esta omissão tinha sido sencivel.

Já o nosso R.^or^ propozera a outro Oppositor Legista q̃ elle fosse abrir aquelle exemplo: tal escuza elle lhe deu q̃ não houve q̃ lhe repôr: Com eff.^to^ o m.^mo^ Vicente p.^a^ não ler aos bancos, só não assalariou ouvintes, porq̃ de quatro q̃ tem tido hum hé seu Irmão, dois da familia do Reythor q̃ á conta de lhe fazerem a vontade se sustentão das suas sopas &. Todos elles se vão sacrificar p.^a^ lhe darem ouvintes, e nenhum vai p.^a^ ouvir o dir.^o^ emphyteutico.

Parece portanto q̃ ao publico nada servio: agora parece-me q̃ nem a si: tenho p.^a^ mim ser cousa m.^to^ differente o ler com desafogo meditar e reflectir seg.^do^ as minhas necessid.^es^ e actual humôr, de preparar-me todos os dias ou queira ou não tumultuariam.^e^ p.^a^ ir continuar hum gyro q̃ se ha de resolver todos os annos quasi pelos mesmos rodados. Sendo isto assim como posso crêr q̃ hum Oppositor se adiante em cortar a carreira dos seus estudos do-

mesticos em q̃ mais pode approfundar, e obrigar-se a outros debaixo de preceito, e q̃ não são f.tos p.a si, mas p.a quem por gr.de fineza e obzequio se revestir da paciencia de o ir escutar sem a nada lhe replicar.

Eis aqui o q̃ eu sinto a resp.o das lições extraord.as de dir.o Ou nisto convenha ou não, rogo-lhe q̃ nada tome em má p.te Eu reconheço as boas intenções da Academia, e q̃ ella neste passo não só honrou aquelle Oppositôr, mas ainda a sua corporação: porem ao longe nem sempre as couzas aparecem debaixo de todas aquellas faces por onde se podem encarar.

Terei summo prazer em q̃ leve adiante os planos q̃ promete confiarme; e já daqui espero q̃ elles hão de sêr m.to uteis e acertados

Ha tempos avisei o nosso commum am.o Pascoal Joze de Mello de q̃ eu suppunha q̃ brevem.e apareceria hum dir.o publico da Nação. Dei-lhe este aviso p.a o incitar a q̃ elle antes sahisse com o seu, parecendo-me melhor q̃ houvessem duas obras deste genero sendo ambas boas do q̃ hũa só. Creio q̃ elle não está longe disto: parecendo-lhe pois pode promover este negocio, sem comtudo lhe fallar em mim, nem a outra pessoa: ha suas razões p.a estas cautellas. Se no dir.o publico se seguir o p.cer q̃ elle ha m.tos annos tem quasi orden.o, tanto melhor, porq̃ neste se reconhece a pena já mais assente: a difficuld.e está em elle se sugeitar a completar a obra. A isto creio não devem obstar alguns ligeiros descuidos q̃ escaparão na historia, os quaes não fazem q̃ a obra não seja util.

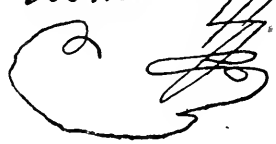
O emprego de Ant.o Ribeiro ha de privar a m.a faculd.e de algũas couzas uteis q̃ delle se esperavão em razão da comissão q̃ a tres annos lhe foy dada.

Tenha saude de-me as suas ordens e perdoe o panal. — Coimbra 16. de Fevereiro de 1789. — Am.o Ven.or e Cr.do

Simão de Cordes Brandão

Mui S.r mio, y de mi mayor estimacion: he visto, con mucha complacencia mia, anunciados en la Gazeta de Madrid los premios distribuidos por esa R.l Academia Portugueza. Io, que soi mui apasionado a esa Nacion, y sobre todo al merito literario en qualquiera parte que se halle, he deseado ver las producciones coronadas p.r ese ilustre cuerpo; pero, sobre todo, desearia ver la tragedia *Osmia:* porque habiendo me dedicado desde mis primeros años al estudio de la Poesia, con algun aprovechamiento, segun me dan á entender los elogios que he merecido en mi patria, es natural que vea con predileccion todo quanto perteneze al arte que yo cultivo.

Entre nosotros todavia no se ha pensado en animar à los buenos ingenios para que cultiven la carreira Dramatica; no obstante que la decadencia de nuestro theatro está pidiendo una reforma general: no se en que estado se halla el theatro de esa Nacion; aunque me persuado que sera poco mas ò menos como el nuestro; pero si esa Academia, à la sombra de la grande Reyna que hoy gobierna á Portugal, sigue coronando el merito como lo ha hecho hasta aqui, no dudo que se manifesten los grandes talentos, que por falta de estimulo jazen obscurecidos, y que la Literatura Portugueza llegue por estos medios à su mayor auge, y explendor.

Io lo deseo, aun sin haber visto quales son los primeros ensayos que ha producido el establecimiento de esa Academia; pero debo de creer que seràn mui dignos de la ilustracion de nuestro siglo, y de un cuerpo sabio que los aprueba, y los publica.

Nuestros Libreros, ocupados unicamente en imprimir libros vulgares, se cuidan mui poco de mantener correspondencia con los extrangeros, para facilitarnos las obras dignas de estimacion que se publican en otros paizes, y esto me ha dado atrevimiento para dirigirme à vm.[d] y suplicarle que, si le fuese posible, me embie un exemplar de la tragedia premiada: pues se le meresco este favor, le quedaré sumamente agradecido.

Creo que no extrañará Vm.[d] esta peticion en un hombre que non tiene la fortuna de conocerle personalmente, pues nada de esto importa para que los hombres hagan beneficios, y en las materias literarias, como en las de comercio, el trato personal estorba poco á la buena correspondencia, y aun à la amistad.

Sê mui bien que su empleo de Vm.[d] le ocupará mucho tiempo; pero confio de su atencion que no dejará de responderme, ya sea que me favoresca en lo que le pido, ò ya que me diga si hay alguna dificultad para solicitarlo por otra parte.

Ntrõ S.[or] gũe su vida de Vm.[d] los m.[s] años que deseo. Madrid 9. de Marzo de 1789. — B. L. M de Vm.[d] — Su mas seguro servidor — S.[r] Secretario de la R.[al] Acad.[a] de las Ciencias.

Leandro Fernandez de Moratin

P. D. — Si Vm.d me hiziese el favor de responder podra añadir à mi nombre estas señas *Calle de Iacometrezo n.º 3 quarto principal Madrid.*

Amigo estimadisimo, como se pasa el tiempo sin sentir! Pareceme ayer quando recebi la apreciable de Vm. que me entregó el S.r North, i fue en la primavera del año antecedente estando yo con la Corte en Aranjuez. Tuve particular gusto en tratar a este Cavallero, que en pocos años da de si grandes muestras i esperanzas. Su inopinada i pronta marcha no me dio lugar á obsequiarle, como huviera deseado, ya por su merito, ya para darle a entender lo mucho que pueden con migo las recomendaciones de Vm.

Vm. havra estrañado mi silencio, i con razon. Lo ha causado una persecucion que se movió contra mis tareas relativas a la Historia de Indias; durante la qual estuve mui disgustado. El Conde de Campomanes, como vio mudado el Ministerio por la muerte del Marques de Sonora, intentó que mi comision, i los papeles que yo havia adquirido en diversos Archivos i Bibliotecas, pasasen á la Academia de la Historia, de que e[illegible]es Director. Usó de sus mañas i maniobras secretas: mas pude descubrirlas i desbaratarlas. Hice conocer los perjuicios del monopolio literario, a que se dirigian los intentos de aquel Pedante embidioso; i al fin resolvio el Rei que continuase yo mi trabajo, i se me exonerase en lo posible de los negocios de Secretaria. Esto segundo no ha tenido efecto todavia: sin embargo voi adelantando la Historia quanto permiten las molestas ocupaciones del oficio, i confio antes de mucho publicar alguna cosa. Vm. tendra por ventura mejor suerte con la mudanza de ese Ministerio. Creo que el S.r Pinto Balsamon es el que estaba de ministro en Londres, á quien hablé algunas veces; i el S.r Seabra de Silva, el que me honró un dia acompanhandome a la mesa en casa del S.r Duque de Alafoens. Sirvase Vm. dar el parabien en mi nombre a dichos Señores; i a V. m. dói por ello la enhorabuena, pues no dudo que sera ayudado i favorecido en sus empresas literarias por tan ilustrados i sabios Ministros.

Sepa Vm. que el Abate Eximeno me escrivió acordandome las conversaciones que acerca de mi havia tenido con Vm. en Roma, i me remetió un tratado latino Ms. *de studiis philosophicis et mathematicis instituendis*, preliminar a sus Instituciones, para que lo hiciese imprimir sin las dificultades que se temia de censores indoctos Io lo hice ver al S.r Conde de Floridablanca, i logré que se mandase imprimir a expensas de la Superioridad en la imprenta real; que a nombre del Rei se diesen gracias al autor por sus trabajos;

que desde luego se le delibrase una cantidad de dinero, i se le ofreciesen mayores socorros quando fuese embiando las Instituciones. Ya se ha empezado la impresion de MS. que es excelente, i cuidaré de remitirlo a Vm. quando se concluya.

Un literato, a quien devo muchas atenciones i deseo complacer, me encargó algun tiempo hace, que por medio de mis amigos de Portugal le procurase adquirir lo que se solicita en el adjunto papel. Io le di noticia de Vm., i ofreci que Vm. haria la diligencia posible por satisfacer. Mucho lo estimaria. Desde luego ruego a Vm. que me responda sin perdida de tiempo, ofreciendo buscar lo que desea, i que no dejará piedra por mover afin de encontrarlo. I en la contestacion no exprese Vm. la fecha con que escrivo, por que hace bastantes dias que ofreci iscrivir, i no he podido por varias ocupaciones perentorias.

Quando reciba respuesta de Vm. le diré otras varias cosas literarias: aora no tengo tiempo para mas.

Al S.r Duque mis respetos i obediencia. Vm. mande con toda libertad quanto quiera a — Su af.mo am.o i serv or — Madrid 13 de Marzo 1789. — S.r D. Jozef Correa da Serra.

« Antes que España reconociese los Reys de Portugal, la Corte de Roma se negó constantemente á dar Obispos á aquel Reino á peticion i nombramiento del nuevo Rei.

No faltaron en aquel tiempo Escritores que asegurasen no ser necesario el consentimiento de Roma, i que sin él podian hacerse los Obispos. Con esto motivo se publicaron en Portugal dos Escritos, de los quales se sacaron e censuraron algunas proposiciones por el Tribunal de la Inquizicion.

Esto es cierto, pues existe un Breve de Inocencio X. dirigido al Inquisidor de Portugal con fecha de 15 de Octubre de 1650. en alabanza de la censura.

Se desea tener copia de esta censura.

En los años 1649. i 1651. se iscrivieron en Paris dos Escritos mui favorables á las ideas de los Portugueses. Su Autor fue Ismael Boulliand Canonigo, i erudito celebre en aquel tiempo.

Estos dos Opusculos, que se publicaron en Francia por primera

vez en 1656, i se reimprimieron en Alemania en el 1700. no produyeron otro efecto, segun el dictamen de Niceron, que el de la prohibicion del Santo Oficio.

Se desea igualmente tener copia de esta prohibicion, i asimismo de la censura de estos dos Opusculos; i se estimará qualquiera noticia de otros opusculos, ó doctrinas que se hallasen, tanto á favor, como en contra, sobre la consagracion de los Obispos.

Snr. Beneficiado Joze Correia da Serra. — Meo S.r da minha maior veneração. heide estimar m.to q̃. pessua hũa felis saude, e aquellas prosperid.es q̃ lhe deve dezejar hũ am.o como eu, q̃ sempre deveras o amou, e dezeja achar ocazioens de merecer os seos agrados, e ganhar a sua benevol.a

Esta me anima a dizer-lhe queira VM.ce atender a suplica de João Alberto X.er meo p.ar am.o p.a o fim de ser premiado na Academia pelo disvelo e activid.e q̃ ha an.s tem tido na creação dos bixos da seda, e no ensino das fiadeiras, promovendo esta produção não por hũa mera pratica, mas por experiencia, e observação, pois he sugeito dotado de hum grande talento e costumado á lição de livros bons. Q' elle merece ser atendido nessa Corporação de Sabios he coisa q̃. todos os homens de senso, q̃ o conhecem lhe podem atestar. e em se lhe conferir o premio vem se a coroar o merecim.to Espero q̃ VM.ce lembrandose da honra com q̃ sempre me tratou o atenda, e o escute, porq̃ alem das qualid.es asima q̃ tanto o distinguem hé hum homem de bem. de q̃ lhe ficará cada vez mais obrig.do — Seo Criado, e Capelão — Abr.tes 16 de M.co de 1789.

O P.e Manoel Xavier da Rocha

P. S. — Cuido q̃ brevem.te terei a honra de lhe beijar a mão, e espero q̃ deveras se interesse por este meo am.o pois sei q̃ tudo está na sua mão.

Ill.mo Senhor Jozé Corrêa da Serra. — Tendo já disposto pela nao de viagem desta monsam uma pequena remessa dos produtos da natureza para o Museo da Academia Real das Siencias: recebo proximamente a onra da carta de V. S.a pelo S.r Tenente Coronel Brandley, escrita em Julho preterito, com o precioso Donativo das medalhas e livros, que fazem a minha maior gloria e estimasam.

Nam tendo espresoens para satisfazer como devo à uma gratidam

tão relevante: o Magnifico e gradiozo prezente por si publica a incomparavel Generosidade da Academia Real: e V. S.ª que se mostra muito propenso a favoreceer me, quererá nella por mim suprir a minha conhecida insuficiencia.

O ano pasado, na incerteza de ter V. S.ª voltado das viagens que fazia pela Europa, como me certificou o Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Secretario Visconde de Barbacena, à tempo de estar a partir para o Governo da Capitania das Minas Geraes: pedi ao S.^or Miguel Franzini quizesse encaminhar para o Muzeu a remesa que então fiz.

Prezentemente não poso completar mais que as duas descrisoens: do pasaro Gorodu, e da cobra Malundu; e os produtos que em um caixotinho vam entregues ao S.^r Antonio Joaquim dos Reis Portugal, comandante da nau S. Luiz e S. Maria Madalena.

A ordem que recebi do Ill.^mo Ex.^mo S.^or Governador e Capitam General deste Estado para chegar ás montanhas dos Gates vezinhos; onde estive em Fevereiro pasado: no exame da arvore de Puna, propria para a mastreasam nas naus de S. Magestade: posto que me deu ocaziam de observar terrenos desconhecidos. em paízes distantes desta Capital: fez que não pudese prontificar como dezejava, as descrisoens e debuxos que tenho reservado para o futuro.

Já mais me pouparei a qualquer diligencia que posa conduzirme a fazer do modo posivel a minha onrosa comisam no serviso da Academia Real. Tambem rogo a V. S.ª, com eficacia queira dispor da minha obediencia no emprego de ezecutar os estimaveis preceitos de V. S.ª, a quem dezejo as mais completas felicidades, protestando que com o maior respeito sou — De V. S.^ria — muito umilde Criado e obrig.^mo ven.^or — Goa 19 de Marso de 1789. — *Francisco Luiz de Menezes.*

Snr. Joze Fran.^co — Esta manhãa fui fazer a deligencia que me incumbio na Impressão Regia, levando comigo alguns dos prim.^os cadernos, porem a diligencia foi frustrada; porque M.^el Joze de Guerra não quiz dicedir o negocio ainda que poz a sua duvida, e por fim me remetteo a Miguel Manescal. Este por modo algum quer que sahão caracteres da Impressão porque diz, que alem de terem o risco de se perderem, os poderão destruir, e amassar: Alem do que tem elle prohibição de não emprestar cousa alguma ás outras officinas, mas concluio dizendo que se podia huma, e outra obra imprimirem-se ahi mesmo, porquanto o gasto vinha a dar no mesmo, e a pagar a Academia os jornaes dos compositores do Arabe em huma officina, e aos do Portuguez em outra. tudo era o mesmo jornal,

e que o papel era o mesmo, e sendo assim era milhor que se faça a impressão em huma só parte, e querendo eu convenceľlo por algum só parte, e querendo eu convencello por algum modo, respondeo M.el Joze de Guerra, que podia a Academia não querendo estar por isso, mandar vir os caracteres arabicos de fora, e fazer a impressão na sua officina, e voltei com os cadernos, e os deixei na impressão da Academia. Não me parece dezacertado o Vm.ce hir fallar com o Manescal, e ver se o pode reduzir á razão, ou se podem obter os ditos caracteres por hum avizo.

D.s G.de a Vm.ce m.s a.s Conv.to 6.a fr.a 27 de M.ço de 1789. — De Vm.ce — Am.o do C. — *Fr. João de Souza.*

Ill.mo Snr. Joze Correa da Serra. — Neste corr.o recebi as folhas dos Programmas da Real Academia, que V. S.a me mandou dirigir, e tambem em aproveitarme de qualquer tregoa que me concedão os meus penozos, e assiduos exercicios diarios para discorrer sobre alguma dellas, a que possão chegar os meus estudos, e talentos. Tenho visto e lido as Memorias que concorrerão para os premios sobre estrumes, e cultura das vinhas, que a Real Academia mandou publicar, e me alegro de que os nossos nacionaes principiem a imitar as outras naçoens nesta parte que tam nr.a e recomendavel he para o bem da nossa patria; e espero que o tempo nos faça menos admiradores das Memorias que os de Berne, e outros tem publicado sobre asumptos Economicos.

Beijo a V. S.a a mão por toda a honra que me faz, e que procurarei não desmerecer em toda a occazião que se me offerecer do seu honrozo serviço.

A Ill.ma Pessoa de V. S. Guarde Deos m.tos annos. — Porto 28 de Março de 1789 — De V. S. — O mais rev.te e obrigadissimo Criado — *Manoel Gomes de Lima Bezerra.*

Snr. José Correa da Serra — Recebi os dous exemplares do Eprogramma da Academia das Sciencias q̃ V. S.a por via da Secretaria me comunicou. Com gosto li os seus pontos, e sobre a historia Typografica poderei dar algumas noticias. Com vivas expressões agradeço a V. S.a este donativo e particularm.te a honra q̃ V. S.a e esses Illustres Senhores me fazem em me admitirẽ por seu correspondente. Eu farei por obedecer aos seus perceitos, remetendo as noticias q̃ julgar serem uteis à Academia e ao publico.

Aviso a VS.a q̃ o anno paçado se imprimio em Veneza a Vida do nosso S. Ant.o escripta em Italiano pelo P. M.el de Azevedo Ex-Jesuita Portuguez, dedicada ao Byspo de Beja, foi bem recebida, e

aplaudida dos Italianos, e Romanos, juntando-lhe hũa dilatada Dissertação. Eu a li já, e desculpo as faltas q̃ o autor teve, por falta de noticias, q̃ pudera pedir á minha congregação. Particularm.te he mui deminuto na narração dos progenitores, e parentes do S.to; no Archivo porem do Mostr.o de S. Vicente, hoje no de Mafra, descobri dous Testam.tos hum de Vasco Martins Ir. de S.to An.to e o Testam.to do Deão de Sylves Giraldo Paes, terceiro primo do S.to; nestes extimaveis Docum.tos e no antigo livro dos Obitos daquelle Mostr.o descubro alguns parentes de S. An.to, dous Tios, dous Irmãos, e hũa Irmã, dous primos, e hũa prima, alem de outras pessoas. Ategora estiverão estas noticias sepultadas no esquecim.to, e dellas não tem noticia o chronista da minha congregção D. Nicolao de S. M.a. Para gloria do S.to e da sua familia dos Bulhões, seria acertado publicaram-se estas noticias, as quaes remeterei a V. S.a sendo do seu agrado, e dos demais Senhores Academicos. Mafra 1. de Abril de 1789 — De V. S.a — Seu Venerador e obrg.do — *D. Ignacio da Boa morte.*

Senhor Joze Correa da Serra — Como o meu Coll.a o Snr. João de Magalhães se demorava lhe mandei pedir hum exemplar da minha Memoria, e nella vi tinhão escapado algũs erros creyo, que por descuido daquelle a q.em mandei copiar o meu manuscrito. Estimaria que disto mesmo se avizase ao publico, porq̃ muitos dos erros fazem variar o sentido daquillo que quero dizer. Logo que acabar de reger a cadeira de Chimica principio aprompta a minha Memoria sobre a Cultura das Vinhas p.a remetter a Academia. Dez.o ter occazioens em que mostre que sou — De Vm.ce — Am.o e Creado m.to attento — Real Coll.o de S. Pedro 4 de Abril de 1789. — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Erratas	Emendas
Paragrafo 2, 7, 11, 37, 43, 57, 58, 61, 73, 81, 96, 117, 126, 137, 147 Athmosphera	atmosphera
§ 1 mefitico	mephitico
§ 4. 7 Athmospherico	atmospherico
§ 5 o fogo com o calor	o fogo como calor (Craltford)
Do § 5 (a) deporada	depurada
§ 10, 14 athmospherica	atmospherica
§ 12 ar fixo	ar fixo ou acido cretozo
D.o 12 (a) de ar fino	de ar fixo
§ 13 de recipiente	de recipientes

§ 14 asperamente acidos	puram.te acidos
§ 15 moberem	moverem
§ 20 da terceira parte	da segunda parte
§ 27 do eu trabalho	do seu trabalho
(a) do § 37	se deve entender do § 39
§ 42 monteculos	monticulos
§ 43 de parte	de partes
§ 46 escrementos	exerementos
§ 65 Creadoror	Creador
§ 111 (a) { por recolherem / athmosphericos	{ porq̃ recolhem / atmosphericos
§ 103 incetos	insectos
§ 113 devem-se samear todas e quaesquer plantas comtanto, que pelas suas flores não tornem a ser reproduzidas como são as ervilhas. etc.	devem se samear todas e quaesquer plantas (com tanto que pelas suas flores não tornem a ser reproduzidas) como ervilhas etc.
§ 121 (a) { Utricularia Palustris / Gelandria Diginia / Graminum / Eleatine alpinatum	{ Utricularia Vulgaris / Gelandria Petraginia / Gramineum / Eleatine Alsinast
D.º § 121 tenhão	tinhão
§ 129 utilidade	fertilidade
§ 130 o lucerne	a lucerna
§ 139 { Bourgone / Auverne	{ Bourgogne / Auvergne
§ 140 (b) incetos	insectos
§ 154 Auverne	Auvergne
§ 154 oleozes	oleozas
Coroll. 4.º P.te 3.ª incetos	insectos

Neste corr.º recebo dois Programmas, q̃ essa Real Academia me fés favor remeter com o titulo de seu Correspondente: não posso deixar de ser sensivel a esta honra, e á m.ma agradecer a lembr.ª, q̃ teve de mim sem ser ornado daquellas qualid.es, que podião fazer-me benemerito p.ª ter correspondencia com hũa Corporação tam distinta, e illuminada, de quem Vm.ce he digno Secretario. A Medicina he o ramo da Sciencia natural a q̃ eu particularm.te me tenho distinado, e em q̃ posso mais commodam.te servir essa Academia, o q̃ farei q.do a experiencia me tiver ministrado conhecim.tes sufficientes; pois he a experiencia só a q̃ me deve conduzir na averiguação da natureza. Por este unico modo intento gratificar á

mesma Real Academia a distincção, q̃ principia a fazer-me; e a Vm.ce protesto hũa fiel escravidão, sendo — De Vm.ce — O mais hum.e e Rev.te Serv. — Porto 4 de Abril de 1789.

Sequeira José Bento Lopes

Ill.mo Sig.e e Pronẽ Colm̃o — Tardai fin ora di rispondere alla pregiatissima sua de 14 scorso, perché aspettai di ricevere la Casseta Libri da V. S. Ill.ma speditimi, per distribuirli conforme alle disposizioni prescritte, e farne poscia Lei consapevole. Ebbe nel Sabato scorso cadauno la porzione destinatagli, e per la mia parte distintam.e la ringrazio, come pure per parte del Sig.r D.r Monteiro da Rocha, il quale occupato nel Officio de Vice-Rettore. la prega scusarlo se a lei non iscrive. Auró piacere di sapere se il primo Tomo degli Atti dell'Accademia si pubblicherà prima del Mese di Ottobre futuro, desiderandolo per avere nella terza parte del mio Compendio Fisico citate le due mie Memorie sopra il Magnetismo che cottesto sagio Corpo Academico mi fece l'onore di far imprimire.

La supplico di bacciar rispettosamente le mani per me all'Ecce.mo Sig.r Duca gran Protettore delle Scienze e Belle Arti; e con tutta la stima e cordial amicizia passo a dirmi quale sono — Di V. S. Ill.ma — Diu.mo Obbt.mo serv.e ed Amico — Coimbra 13. Aprile 1789. — *Giannantonio dalla Bella.*

Ill.mo S.r Jozé Corr.a da Serra. — A brevidáde comque parti désa Corte, chamádo pello generál desta Provincia me não deu lugar a despedirme de pessoa alguma.

A Rainha N. S. me fes a graça despachárme Cirurgião mor desta Provincia ensinando Anatomia e Cirurgia no Hospital melitár desta Praça. Se V. S.a julgár que neste ministerio eu posso ser util a Academia póde mandárme os prográmas a que eu posso responder nos lemites da m.a Arte e pode remeter tambem outros ao Medico desta Praça M.el Antonio de Mendonça N.es q̃ hé m.to ábil, e pode m.to bem ser hum excelente Correspondente da Academia.

Eu fico com a ydéia de proceder novamente a Analyse destas Agoas Termaes seg.do o méthodo de Mr. de Fourcroi. - pesolhe q̃ a outra que já tinha remetida a fasa em pedaços, em quanto se não apronta esta para lha remeter. — Sou de V. S.a o mais Sincero Criado e Am.o Venerador — Chaves 14 de Abril de 89. — *Manoel José Leitão.*

Ill.mo Seňr e Pronē Colño — Coimbra 20 Aprile 1789. — Trovai nella Casseta Libri specitimi due Involti diretti a M.r de Vailerć, il quale era partito per Lisbona. Mi dimenticai di scriverlo nella passata mia. Ella dunque ni indicherá cosa ne debbo fare; se devo da qui spedirli allo stesso. o á Lei. Pieno di rispetto e di amicizia passo a dirmi quale sono — Di V. S. Ill.ma — Diu.mo Obbt.mo serv.e ed Añ.o — *Giannanto dalla Bella.*

Sr. D. Josef Correa da Serra. — Madrid y Ab.l 21-89. — Mi estimado dueño y S.r. Nro comun amigo el P.e Morales, me ha escrito, comunicandome la noticia que vm. le da de la eleccion con que me ha honrado esa Academia. Aun no he recibido el titulo que vm. anuncia, pero yo no quiero esperar a esta etiqueta, para tributarle las debidas gracias por la parte que ha tenido en esta satisfaccion mia. Las distinciones de los cuerpos cientificos son los unicos caracteres exteriores que deciden del merito literario, y yo no olvidaré nunca que la que he merecido á la Academia de Lisboa es efecto de los buenos oficios de vm.

Siento que no llegasen à su debido tiempo los dos exemplares de mi tratado de Navegacion que puse para este fin en manos del consul de Portugal en Cadiz. Este me avisó dias hace que los habia dirigido á nombre de vm. y asi no puedo persuadirme a que se hayan extraviado. Sin embargo espero que vm. me diga si acaso no han parecido todavia; pues entonces repetiré de aqui el embio con mas seguridad.

Yo estoy actualmente aqui para tratar de varios puntos relatibos a la comision con que me hallo p.a hacer un viage por toda la Europa por orden de esta corte. Prescindiendo de los encargos ministeriales que pongan a mi cuidado, es mi animo dedicarme fuera de España á adquirir los conocimientos de ciencias naturales de que carecemos aqui absolutamente ó de que solo tenemos idéas obscuras. Este es un ramo de instruccion a que tengo una vocacion decidida, aunque con la contrariedad de haberme visto obligado a preferir otros estudios, como mas analogos á mi professíon maritima. Asi, aunque esta no lo exija, cuento con pasar mucho tiempo en Alemania e Italia, y aliar los objetos de obligacion con los utiles y deleitables. Vm se alla ya al fin de esta carrera, y podria ayudarme con sus advertencias a que yo la emprendiese con acerto. Tambien podria proporcionarse que mi presencia en alguna parte fuese util á vm. ó á la Academia, para la adquisicion de noticias en otras cosas. Para tales casos tendré cuidado de indicar a vm. los paizes donde me halle; y no dudo que siempre me tra-

tará como à un compañero que le está estrechamente unido por el reconocimiento y el amor à las letras.

Se al recibo de esta no me huviese vm. embiado ya el titulo de academico, espero me lo despache dirigindolo baxo cuvierta del Ex.mo S.r D. Antonio Valdés Ministro de Marina, como ya he dicho a vm. Baxo la misma podrá vm. mandarme quantas ordenes quiera ahora y siempre. Y confio, que, al mismo tiempo que un miembro de la Academia de Lisboa, vea vm. en mi un amigo verdadero que solo desea ocaziones p.ª acreditar le la consideracion con que se le ofrece — Su m.º aff.º at.to v.or — *Josef de Mendoza y Rios.*

P. S. El primer paso de mi viage será à Paris, donde me detendré bastante tiempo, pero no saldré de aqui antes de mes y medio ó dos meses.

Sñr. Joze Corrêa da Serra. — Recebi a sua carta datada em 18 de Abril deste anno, em q̃ me dá parte de que a Real Academia me elegera para seu correspondente do numero na Assemblea de 4 do mez de Março deste mesmo anno. Acceito a honra, que ella me quiz conferir; com o pezar porem de não poder satisfazer conforme o seu, e meu dezejo aos louvaveis fins, para que ella se dignou elegerme: e m.to mais quando as materias das aulas, que actualm.te frequento nesta Universid.e, e huma obra, que tenho entre mãos a concluir-se me tirão todo o tempo de poder trabalhar nos sabios, e uteis programas, que me forão ha dous correios remettidos da Secretaria da mesma Academia. Não obstante, para o tempo feriado pertendo trabalhar sobre alguns dos programas, e farei do modo possivel por satisfazer com os deveres de academico patriota. Entretanto remetto essa pequena Memoria, que não deixará de agradar á sabia Academia pelas noticias novas, que em si contem.

Sinto muito o seu estado de saude conforme me refere, e dezejo se restabeleça para utilid.e sua, e gosto meu, e da Nação. Deos G.e a Vm.ce como dezeja. Coimbra 24 de Abril de 1789. — De Vm.ce — Cr.º e m.to attento venerador

Vicente Coelho de Seabra

Sñr. Jose Correa da Serra. — O P. D. Joaquim me deu as recomendações q̃ VS.ª lhe deu p.ª mim eu as recebi com a mayor veneração ficando m.to agradecido a este e mais favores de VS.ª.

Remeto a VS.ª os papeis incluzos q̃. julguei poderião servir de

alguma utilid.e a Academia. Pareceme q̃. se não poderá descubrir canto gregoriano mais antigo no nosso reyno q̃. esse: semilhante vi nas constituições primr.as do Mostr.o de S. Cruz, em tempo de S. Theotonio, e da mesma sorte em Masilon. Estimarei q̃. tudo seja bem recebido de VS.a e dos mais Senhores da Academia a q.em dezejo servir, e obedecer. Mafra 27 de Abril de 1789. — De VS.a — Seu mayor venerador e menor criado — *D. Ignacio da Boamorte*

Desculpe VS.a os erros do amanuense q̃. ignora a lingoa latina.

Sñr. Joze Correa da Serra. — Recebo a noticia, que me participa, de que a Academia Real das Sciencias dessa Corte na sua assemblea de 1 de Março me fez a honra de me escolher para seo Correspondente do numero. Eu sou tanto mais sensivel a ella, quanto considero devela á pura escolha dessa respeitavel Corporação, e ao conceito, que fez de meos tais quais talentos, que, ainda que errado, comtudo m.to me deve lisongear. Pelo que peço-lhe queira da minha parte significar a Academia assim o meo devido reconhecimento, como os sinceros dezejos, que tenho de corresponder com os meos trabalhos e fracas luzes ao que a mesma de mim julga, e espera. D.s G.e a Vm.ce — Coimbra 27 de Abril de 1789. — De Vm.ce — Criado e m.to attento vener.or

Jeronymo Soares Barboza

El Profesor de Analise y de Astronomia de Praga M.r Perstner en carta de 31 de Marzo me incluie el exemplar impreso q̃.e acompaña a esta pediendome q.e yo lo dirixa a los Astronomos Portugueses con el fin de q̃. practiquen con el nuevo Planeta descuvierto por M.r Herschel las observaciones q.e se previenen: y no teniendo yo particular conocim.to de alguno a quien dirigirlo para q̃. se logren las buenas intenciones del Autor a beneficio de la Astronomia, y de la Phisica celeste, me valgo del medio de recomendarla al S.or Consul de la nacion para q̃. se sirba encamiñarla áquien tenga por conv.te y los S.res Astronomos q.e practiquen las observacion.s se serviran dirigirlas en derechura al referido M.r Perstner en Praga por medio de los Ex.mos Embaxador.s bien sean de S. M. Fidelissima en Bieña ó de S. M. Imperial en la Cortte de Lisboa

para q.e el Autor la reciba sin cortos. Y yo de mi parte lo agradecere mucho quedando a la buena correspond.a emq.to mis facultades alcancen. — Cadiz y Ab.l 28 de 1789: — Blm.s a V. Su mas seg.o atento servidor

Antonio Ulloa [1]

A los S.res Astronomos en Portugal.

S.or D.n José Corrèa da Serra. — Mui S.r mio: Doi a Vm las debidas gracias p.r sus buenos oficios acerca del recebim.to de Academico de D.n Jozé Mendoza i Rios, q.e me participa en su estimada de 4 del corr.te. Esta noticia la comuniqué a dho oficial, q.e se halla en Madrid, quien igualm.te sensible q̃.e yo al favor de Vm., le escribe (segun me avisa) las gracias; reservando el hacerlo á la R.l Academia, luego q.e reciba el Diploma q.e Vm. le anuncia. — Ha sentido se hayan extraviado los dos exemplares de su obra, q.e dexó al consul de Cadiz, i cree q.e pueda estar la falta en el corresponsal de Lisboa. Contodo, ha escrito al Consul, p.a en caso de no estar cierto de la remesa, repetir otra desde Madrid.

Igualm.te doi a Vm. gracias p.r el Programa de los Premios, cujo nuevo Plan, abrazando mayor num.o de obyetos mui propios de la Academia, lo es tambien p.a esparcir en la Nacion el espiritu de filosofia q.e debe acompañar á qualesquiera clase de indagaciones. A cá tenemos mucho q.e sufrir en esto p.r unos obstaculos q.e parece se fortificam cada dia, q.do esperabamos verlos removidos algun tanto. — He remetido el Programa á Madrid, p.a q e se inserte, como el año anterior, en el Periodico Literario de la Corte.

Cuenteme Vm. en el num.o de sus apasionados i amigos, i como

[1] Antonio Ulloa.

tal mande con toda confianza á — Su Seg.º Serv.or e Capp. g.r S M. B. — Sevilla 29 de Abril 1789.

José Isidoro Morales

Madrid 30. de Abril de 1789. — Mui S.or mio, y de mi mayor estimacion: recebi con mucho gusto la mui favorecida de Vmd y suspendi contextarle, por ver que me decia en ella, que al correo seguiente recibiria otra suya; pero no habiendola recibido hasta ahora, creeria faltar á mi obligacion si dexase de dar a Vmd las mas expresivas gracias por las atenciones que le meresco admitiendo con suma complacencia la oferta que me haze de las obras publicadas por esa R.l Academia.

No quisiera de ningun modo que su remision le costara á Vmd molestia alguna, y sobre todo, sentiria infinito que su silencio fuese por falta de salud: rezelo á que da lugar lo que Vmd me decia de sus indisposiciones en la mui estimada suya.

Con este motivo, me repito às sus ordenes de Vmd rogando á Dios gũe su vida los m.s años q.e deseo. — B. L. M. de Vmd — Su mas seguro servidor — *Leandro Fernandez de Moratin.*

S.r D.n Jozef Correa da Serra.

Sñr. Joze Francisco. — Por não ter passado bem, e hoje estar com remedio, não sou o mesmo portador desta. O P.e corista vae suprindo m.to bem. Como Vm.ce me disse que queria apontar o Avicena sitado na obra, ahi remeto o papel incluzo para o ver; se lhe parecer poderá hir no fim do Prologo o mesmo Avicena, entre os mais aucthores, e q.do não, fara o que milhor lhe agradar, e for mais acertado. D.s G.de a Vm.ce m.s a.s — Conv.to 23 de Mayo de 1789. — De Vm.ce — Am.º do C. — *Fr. João de Souza.*

Ex.mos S.ors Presidente, e mais Socios dessa Real Academia. — O estimavel aviso que de VV Ex.as recebi, foi hũ estimulo vivo para o seguimento do meu principiado projecto.

Continuou a minha incansavel deligencia a Historia dos Reinos

Vegetal, Animal, e Mineral do Brazil, e na attendivel presença de VV. Ex.as offerece o segundo tomo, se não com os attributos do dezejo, ao menos com a exacção da possibilidade.

Nelle se faz ver o diverso methodo que segui, crendo ser mais perspico-o, perceptivel, e interessante; merecendo justa disculpa algua miscelanea das Estampas por se precizar debuxar as Figuras no tempo em que apparecião os originaes.

As vertudes Medicinaes que tenho neste Reino alcançado, e no volume descripto, forão nos annos passados conseguidos. As condenaçoens continuadas pellos Delegados do Proto-medicato de Lisboa, principalmente a de 1786 em q̃ todos os Professores desta villa fomos multadas cada hũ pello de Medicina em 70$000, e pelo de cirurgia em 52$ — tem posto inteiro embaraço aos meus experimentos.

Poucas semanas há, q̃ repettindo o mesmo Delegado de Medicina a sua correição nesta villa, me fez notificar para o livramento das culpas da sua devassa na presença da Junta do Proto-medicato em Lisboa, não só por fabricar medicamentos, mas tãobem por curar de Medicina, não obstando hũa licença vitalicia que conservo passada por Sua Mag.e Fidelissima, assignada pelo ultimo Fisico Mor do Reino Christovão Vaz Carapinho, com o sello da chancelaria, e todas as mais circunstancias, que a constituhirão, para os seus Antecessores até agora valioza; alem disto não haver nesta villa Medico, e distar da Bahia aonde só os há, quatorze legoas por mar, e mais de trinta por terra. Nem as minhas instancias forão validas de lhe pedir repentino exame, e de ter a honra de ser nomeado na lista dos correspondentes dessa Real Academia, Medico na Villa da Cachoeira; respondendo que, sim conhecia em mim grande Erodição, sciencia, practica, e habilidade; mas que nada me valia não sendo medico formado.

Nesta situação EE.mos Senhores, veijo-me precizado a dispensar do uzo medico, se VVEx.as me não concedem, ou alcanção hũa ampla exenção do dominio destes mal intencionados homens; que se á piedade da Senhora Rainha chegasse a noticia do que elles por cá praticão, prendendo, sequestrando, e extorquindo dinheiros avultados, certamente a Senhora aboliria justiça tão pernicioza, e nosciva aos seus Estados.

Igualmente offerece o meu afecto em hũa pedra Brasiliense exculpidas, e em hum Relicario clausuradas, as Armas dessa Real Academia; quando eu tratar do Mineral darei a nosção das suas qualidades, que na verdade são estimaveis.

O ardente dez.o de ser solicito nos preceitos de VVEx.as, me

fez passar de Medico a Geographo. Fiz certa descripção: mas com o disgosto de não a poder agora concluir por contratempos do meu Pintor; na mais oportuna occazião (que na verdade são daqui raras) a farei ver a essa Real Academia, que penso lisongeará o gosto, senão pelo rustico da frase, ao menos pela novidade do objecto. No plano do manuscripto que agora offereço, vão ponderados em parte os motivos da m.ª falta na execução dos preceitos que VVEx.as me tem proposto; agora porem repettindo digo, que neste paiz há em todos os tres Reinos, utilissimas, e admiraveis couzas, cuja noticia não tem chegado a Naturalista algum; mas tão reconditas algũas, e dificil a sua invenção, que só a beneficio de muito trabalho e dispendio se podem conseguir, o que eu não posso executar.

A demora da resposta da carta com o primeiro manuscripto incluzo, diminuio grandemente a vivacidade da minha deligencia no exercicio de Naturalista, crendo ser inutil o meu laboriozo divelo; e só desde o tempo em que a recebi tornei ao projecto; por isso tem sido a presente remessa tarda. Este o motivo porque rogo a VVEx.as a graça de com a possivel brevidade me fazerem inviar a resposta desta.

Ultimamente EEx.mos Senhores, se aos correspondentes dessa Real Academia fosse permittido, que esculpidas as suas Armas, ou qualquer outra Divisa fizesse publica a honra que da Sociedade recebem, certissimamente exerceriamos com muito mayor gosto o honorifico Ministerio.

O ceo participe a VVEx.as prosperidades infinitas, para eu com mais prazer confessar a honra que adquiro em ser — De VVEx.as — Villa da Cachoeira 24 de Mayo de 1789. — Obrigado e fidelissimo servo

Fran.co Ant.to de S. Payo

S.r Abbade Correa. — Antes de hontem fui á Academia, segundo o nosso ajuste, porem não tive o gosto de o achar, e me disse hum homem, que creio serve de porteiro, que não costumava ir ali naqueles dias: Estou com receio de não poder ter o gosto de o ver antes da m.ª partida, e faço a restituição do livro, pedindo-lhe o favor das cartas de recomend.am, e as suas ultimas ordens, q̃ execu-

tarei sempre como devo: Tambem lhe renovo, não por hum simples cumprim.[to], mas por eff.[o] da m.[a] verdadr.[a] amiz.[e], o offerecim.[to] da m.[a] caza na Haya, e estimarei q̃ ali ache couza, q̃ o demore: Sou — Campo de S.[ta] Anna 27 de Mayo de 1789. — Seu fiel Am.[o] e C.[o]

Ant.[to] de Castro.

Ill.[mo] Sñr. Joze Correia da Serra. — Noticiado pelo Snr. Domingos Vandelli que na Real Academia das Sciencias se havia proposto hum novo descobrimento de se fazerem chapeus, que sem alteração na bondade, custavão duas partes menos, e considerando que para se fazerem as necessarias experiencias, em presença dos competentes Comissarios Deputados pela m.[ma] Academia, se hade necessitar de lugar provído dos necessarios aprestes, e artifices manipuladores, tomo a liberd.[e] de offerecer para esse effeito, a fabrica de que sou proprietario no citio da Rua formoza, onde me persuado se poderão commodamente effectuar taes experiencias, e sem custo para a Real Academia, pois que me farei hum dever de mandar aprompter tudo que nella houver, e se indicar ser necess.[o].

Faço este offerecimento pela certeza em q̃ estou de que todos os laboriosos trabalhos da Real Academia só tendem a instruir o publico p.[a] beneficio commum, e como assim que não poderei ser arguido de indiscreto nesta dita m.[a] offerta, que seguro me hé inspirada pelo mesmo zello, q̃ anima a Academia, a quem VS.[a] me fará a honra e favor certificalo, se o achar conveniente, na certeza que ninguem mais do que eu respeita tão Illustre Corpo, e a pessoa de VS.[a] a q.[em] desejarei sempre provar esta verdade, como sendo — De VS.[a] — M.[to] certo V.[r] e obed.[te] Criado — Lisboa 2 de Junho de 1789.

Jacome Ratton[1]

Snr. Jozé Correa da Serra. — No Tojal honde estive algũs dias, recebi a carta latina da Real Academia; devia responder na mesma

[1] Jacome Ratton.

linguagem, porem fui advertido q̃ havia de ser em portuguez como faço, e como ignoro os Estatutos da Academia, q̃ ainda não vi, este he o motivo de a remeter a VS.ª pedindo-lhe o favor, de a querer manifestar a esses Senhores da minha parte.

Remeto tambem p.ª a Academia essa inscripção, na qual não pude descobrir o sentido das palavras q̃ noto nos pontinhos. A noticia da Genealogia de S. An.to em q̃ já fallei a VS.ª dezejava fazella publica pela impressão, se isto não poder conseguir a remeterei a VS.ª M. S. Fico p.ª lhe obedecer &. Mafra 3 de Junho de 1789. — De VS.ª — Seu mayor Venerador, e menor criado — *D. Ignacio da Boa morte.*

Ill.mo Sig.re Sig.r Profie Colmo. — Ô ricevuto il pachetto libri speditimi stampati nell'Officina di cottesta Academia, de quali feci subito la distribuzione commessami. Per quel che mi appartiene, rendo grazie all'attenzione de V. S. Ill.ma, sotto la di cui vigilante direzione già principia a brillare il salutar effetto di una si rispettabile e lodevole fondazione.

Lessi poi con someno dispiacere l'incommodo da lei sofferto nel petto. Veda bene di fugire la troppa applicazione, se pure ella puó vincere l'attività del suo genio. Si ramenti che io lei considero come l'ellaterio de cottesta Machina Letteraria, che con la forza del suo spirito le da movimento. Se desidera che continui a muoversi, fa duopo ch'ella si conservi.

Con la prima occazione rimetteró a lei i libri chi, erano diretti a M.r Vallerè; e pieno di stima e rispetto passo a dirmi quale sono — Di V. S. Ill.ma — Che supplico di pormi umilm.e ai piedi dell'Exmo Sig.r Ducca — Coimbra 8 Giugno 1789. — Diu.mo Obb.lmo Serv.o ed Amo — *Giannanto dalla Bella.*

Senhor Joze Correa da Serra. — De meo Mestre o Senhor João Antonio della Bella recebi o Veridario Lusitanico, e a vida do Infante D. Duarte pelo que beijo as mãos a Academia. Estimarei que já esteija inteiramente restituido, e ter occazioens em que mostre que sou — De Vm.ce — Real Coll.o de S. Pedro 8 de Junho de 1789. — Am.o e attento Creado — *Constantino Botelho Lacerda Lobo.*

Snr. Joze Correa da Serra. — A semana passada escrevi a VS.ª e juntam.te remeti huma inscripção Latina; Duvidei depois, se nella hia Duodecimo Kal. Januarii, devendo ser Undecimo Kal. Jan. VS.ª queira emmendar o erro se o ha. As palavras latinas deuião

hir juntas e não separadas; foy idea do amannense, q̃ não pude emendar por estar a copia já feita.

Como no Prográma pede a Academia noticia das impressões q̃ houve nos Mostr.os farei por remeter a noticia dos livros antigos q̃ se imprimirão nos Mostr.os de S. Cruz, e de S. Vicente de fora. Fico p.a servir, e obedecer a VS.a — Mafra 10 de Junho de 1789. — De V. S.a — Servo e obed.mo subdito — *D. Ignacio da Boa morte.*

Messieurs. — Persuadé que votre illustre Société joint aux plus grandes lumieres toute la droiture l'impartialité et le zéle le plus pur a encourager les Auteurs qui tachent d'étendre par leur travail les limites des connoissances utiles au bien Public et spécialement a un Art aussi important que celui de la Navegation, je vous adresse avec la plus grande confiance un nouvel essai ou je ne me suis proposé que ce seul but.

Dans l'impossibilité de conferer sur cet ouvrage avec des Sçavans vraiment instruits de ces sortes de matiéres dans un ville uniquement appliquée au Commerce, j'ai pris le parti de le faire imprimer moins comme un ouvrage achevé que comme un assemblage de matériaux afin de le soumetre a la Censure des Sçavans de toutes les Nations, déterminé a ne faire entrer dans un Edition mieux digérée et plus étendue que ce que ces Sçavans auront adopté comme vraiment utile et a retrancher tout ce qui pourra leur paaitre inutile ou de mauvaise qualité.

Je me flate Messieurs, que vous voudrez bien faire proceder a l'examen de cet ouvrage, et me faire parvenir le jugement que vous en aurez porté — Je suis avec un très profond respect — Messieurs — Votre très humble et très obéissant serviteur. — De La Rochele 20 juin 1789.

P. Balleuz de l'oratoire Ancien
prof. de Math. à l'université d'Anger

Snr. Abb.e Correia. — Vão tres cartas traduzidas, nas quaes se inclue a de Diogo d'Azambuja. Vm.ce as passará pela vista, pois mais vêm quatro olhos que dois.

Espero de Vm.ce que dê ordem ao Filipe, que quando estiver a obra acabada de se imprimir que me separe alguns exemplares que Vm.ce determinar para brindar alguns amigos.

Por estar determinado a hir ver as barbas a esses Turcos Arge-

linos no dia de amanhãa, não sou o mesmo portador desta. D.s G.de a Vm.ce m.s a.s — Conv.to 26 de Junho de 1789. — De Vm.ce — Am.o do C. — *Fr. João* [1].

Ill.mo e Ex.mo Sñr. — Com o mais profundo respeito tributo sempre a Vossa Ex.cia a minha fiel servidão toda intenta para executar enteiramente os seus venerados Preceitos.

O Ex.mo Sñr. D.n Rodrigo de Souza Ministro P.ro de Sua Mag.de Fid.ma no Corte de Turim neste correyo me têm enviado hum pesante e volumoso maço para prosseguir a Vossa Ex.cia, faço a diligencia de o entregar a hum correyo amigo para Madrid recomendado ao Ex.mo Sñr. Embaixador D.n Diogo de Noronha pello pronto envio depois a V. Ex.cia.

Pertencente aos Bodes e Cábras de Angora os meus correspondentes de Liorne me confirmão o mesmo de quanto me tinha avisado o meu Amigo de Florencia, que a especie de ditos Animáes tem degenerado, e se algum particular os dezeja os manda vir de Aleppo, onde os mercantes turcos os portam para os vender; Se depois devem sèr em estatua o Modelo se podem haver da Fabrica Ginori em Florencia das medidas que se dezejarem; onde sobre este particular fico esperando as determinações de Vossa Ex.cia.

Me dedico reverentem.te prontissimo no seu serviço, e com humilde veneraçam bejo as mãos de Vossa Ex.cia que D.s G.de m.s a.s Genova aos 29. de Junho de 1789. — De Vossa Ex.cia — O mais hum.de e Fiel e Obrg.mo Cd.o

Ill.mo e Ex.mo Sñr. Luiz Pinto de Souza Coutinho — Secr.rio de Estado & & & — Lisboa.

Joaõ Piaggio

Londres 8 de Junho 1789. — R. Snr. P. Correa. — Eu tenho tomado a liberd.e d'escrever a Vm. duas cartas; e ainda q̃ não tenho algũa prova d'ellas lhe serem entregues, me resolvo a escrever a terceira, com o mesmo objéto das outras q̃ hé informar por sua via

1 Fr. João de Sousa.

a Academia de q̃ me parece digno da sua atenção. Eu fiz daqui uma viagem a Olanda aonde fis conhecimento com M.r Damer Professor na Universid.e de Leide, e successor de M.r Alemand, q̃ eu tinha recomendado p.a correspondente da Academia, e q̃ he morto há algum tempo. M.r Damer significou dezejo de succeder ao seu predecessor na correspondencia da Academia de Lisboa; e eu lhe dei a intender q̃. a Academia estimaria poder aproveitar-se dos seos talentos. Ele hé reconhecido por omem m.to ábil em Mathematicas, Fisica, e Historia natural: dotado de gr.de activid.e, q̃ promete uma correspondencia util. Se a Academia julgar a proposito recebêlo no n.o dos seos correspondentes, pode dirigir-lhe a carta com o seg.te sobrescrito: *C. H. Damer. Docteur en Philosophie, & Professeur de Mathematiques, & de Phisique à l'Université de Leyde.*

O famozo D.or Camper tambem se me mostrou prompto p.a ser correspondente; mas a morte pôz termo aos seus incansaveis e uteis trabalhos depois q̃ eu voltei aqui. O P. Magalhães se acha de todo inabil p.a continuar a sua correspondencia: está inteiram.te tonto, e ás vezes declaradam.te doudo. Ele tinha disposto p.a proseguir a sua vasta correspondencia nas comissões de maquinas etc. M.r Nicholson, grande Matematico, e Fisico, de q̃ atestão as obras q̃ tem publicado, he certam.te pessoa de m.to merecim.to e tambem está pronto p.a ser correspondente da Academia de Lisboa. O seu nome he *Guilherme Nicholson: N.o 21 North Street Red Lion Square.*

Um Fisico aqui, M.r Admas, guiado p.la conjectura formada antes sobre alguas observações, de q̃ o fluido magnetico não segue a direcção dos meridianos; mas circunda a Terra, movendo-se numa linha espiral, concebêo a idéa de q̃ a direcção da d.a linha podia ser a causa da variação d'agulha: e q̃ esta variação se poderia corrigir mudando a figura do instrum.to. Com effeito, construindo a agulha em forma espiral, conseguiu impedir a variação; pois a agulha assim formada aponta directam.te p.e o polo do Norte. A importancia deste descobrim.to requere q̃ êle se confirme em todos os logares e tempos. O Autor tem mandado o instrum.to construido ao seu modo p.a varias p.tes: até mandou um p.a Madrid, e me prometeu confiarme um q̃. eu terei a onra de remeter á Academia: a cuja lembrança respeitosam.te me recomendo: e a V. M. dezejo mostrar-me — Seu vened.or e criado — *Felix An.to Castrioto.*

Snr. Joze Correá da Serra. — He mais necessario alem da Varruma p.a sondar a terra hũ Instrumento p.a determinar a inclinação dos diferentes bancos de terra na observação dos Montes, este se

acha descrito por Metherie no pr.º semestre do Jornal de Rozier do anno de 1787 pag 200: he tambem precizа hũa rede p.ª apanhar algũs Insectos. Falando sobre isto com meo Mestre o Snr. Vandelli me ponderou, q̃ se este projecto tivesse lembrado há mais tempo á Academia, poderia já estar tudo prompto, e eu ter aproveitado este mes e o precedente na viagem. Agora certamente ha de custar m.to apromptarse tudo athe ao fim de Agosto, e deste modo vem a ficar muito pouco tempo para a viagem ainda q̃ eu me recolha p.ª Un.e no fim de Outubro. Em consequencia disto paresia melhor, que a minha Viagem se diferise p.ª o anno futuro porq̃ pouco a pouco se apromptа tudo o que he precizo, e posso empregarme neste trabalho mais dois ou tres mezes do q̃ este anno. E para occupar estas ferias em algum trabalho util lembravame ir a todos os portos da Beira, e Minho observar como salgavão o peixe, examinar os defeitos desta preparação, e mandar sobre isto fazer algũas experiencias, e na Primavera ir aos Portos das outras Provincias fazer a mesma deligencia, precedendo estas observaçoens e experiencias, e consultandose depois o q̃ praticão os Estrangeiros nesta preparação se poderá fazer depois hũa memoria q̃ cauze algũa utilidade a Nação.

Como do bagaço se pode tirar hũa grande quantidade de aguaardente como eu já em pequeno experimentei no Laboratorio, e alem desta as limas claveladas q̃ podem servir muito nas Fabricas do vidro. Lembrava-me eu tambem fazer algũas experiencios em grande no tempo da Vindima em algũa das Fabricas da Companhia; depois fazer ver em hũa memoria a vantagem, q̃ em Portugal se pode tirar do bagaço. Se poder fazer estas experiencias será esta a memoria q̃ remetterei a Academia depois da da cultura das vinhas. Estes são os meos projectos, q̃ estimaria ser auxiliado p.ª os por em execução. Quando porem queira a Academia, que eu dô principio a Viagem não obstante as dificuldades, que propus estou prompto.

Estimarei, que lhe continue hũa vigoroza saude e ter occaziõens em que mostre que sou — Real Coll.º de S. Pedro 13 de Julho de 1789. — De Vm.ce — Am.º e Attento Creado — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Snr. Joze Correa da Serra.—Fico esperando o tratado de Duhamel sobre as pescas, estimarei, que venha com brevidade, e não parto daqui sem elle, depois me podera remetter toda a collecção dos Artigos sobre o mesmo assumpto. Tenho conversado com o Snr. Vandelli sobre o plano das minhas observaçoens, e podemos já

contar com as noticias, que elle poder adquirir do Meditarreo; e o mesmo espero, que alcance do Sñr. Luiz P.[to].

A tudo o mais que me recomenda farei muito por dar toda aquella execução, q̃ estiver nas minhas forças. Sou — Real Coll.º de S. Pedro 27 de Julho de 1789. — De Vm.[ce] — Am.º e Attento Creado — *Canstantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Snr. D.[r] Jozé Correa da Serra. — O D.[r] Constantino no principio do mez hirá fazer as observaçoes sobre a pesca; mas lhe seria necessario ver a Arte da Pesca publicada pela Acad.ª das Sciencias de Paris; a qual obra poderia comprar a Academia, e remetterlhe entanto os tomos q̃ pertencem á salgação e mais preparo dos peixes.

O D.[r] João Pedro Ribeiro já foi ao Porto, lhe escreverei sobre elle remetter alguma cousa a Academia.

Recomendei ao Jacinto da S.ª inspector das Agoard.[tes] formado em Fr.ª q̃ comunique as suas observações sobre a manufactura, e perfeição dellas, á Academia.

Achei a mem.ª sobre o cobre, a qual na minha vinda porei em melhor ordem.

Entretanto lhe remetto algumas memorias, q̃ me mandou ultimam.[te] o pobre, desprezado, perseguido, e escravo Feyo da Ilha de Cabo Verde.

A figura do cobre.

Hum ensayo sobre a preparação, e uzo da Rubia de Joaq.[m] Jozé Fer.ª, q̃ fez sendo meu Discipulo em Chymica, agora he opositor em Leys.

E na duvida, q̃ não tenha, lhe remetto tambem o Discurso do D.[r] Duarte Ribeiro de Macedo.

Na minha faculd.[e] som.[te] o D.[r] Constantino, e o D.[r] Joze Jorge são capazes, e tem paixão p.ª a Sciencia; nas outras se desculpão com o grande trabalho.

O D.[r] Jozc Pinto me dará huma observação medica sobre hum calculo em (?)

E entanto sou — De Vm.[ce] — Coimbra 27 de Julho de 1789. — M.[to] vend.[or] Ob. Cd.º e A.º — *Domingos Vandelli.*

M.[to] Illustres, Ex.[mos] Snr.[es] da Academia Real das Sciencias de Lisboa. — O Primeiro tomo da Historia Natural, que nesta occazião envio á respeitavel presença da Academia, tem p.[r] objeto a descripção exata de alguns Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes; da Palmatoria conhecida p.[r] Lineo com o nome de Cactus Tuna, — da salsa descoberta nesta villa da Caxr.ª, do Tabaco, e a nova im-

prensa silindrica, a mais apta p.ª a factura de Tabaco de folha; com observações relativas ao comercio, a economia, e as artes, com quarenta e huma Estampas illuminadas, e fieis de todos os produtos descritos: resultado este das minhas observaçoens, dos meos exames, e trabalhos: nos quaes continuarei p.ª completar a Historia Natural do Brasil, q̃ emprehendi fazer p.ª exercitar os meos studos; e incitar á emulação dos meos compatriotas a lançarem mão a hum objeto digno das suas atençoens. Se a mesma Academia houver asim p.r bem; e com toda ingenuid.e me advertir os erros q̃ achar; e me declarar o metodo q̃ devo seguir; no caso de não aprovar o q̃ adoptei; julguei q̃ descrever os produtos em Latim era mais proprio desta sciencia p.ª a fazer geral conformandome com o sistema do grande e incomparavel Lineo.

Pareceo me justo, q̃ a Medalha da Academia não só andase aberta em bronze; mas em pedra, recordandome dos antigos monumentos; e neste estado a invio á mesma Academia p.ª q̃ se conheça a industria dos habitantes deste Pais; q̃ animados poderão sem duvida aumentar as artes.

Como se pode aperfeiçoar a Historia Natural do Brazil, sem se dar principio a ella: Esta he a razão Illustres, e Respeitaveis Socios p.r q̃ tomei sobre mim huma empreza tão superior as minhas forças, e aos meos studos, p.ª q̃ os conhecim.tos da Academia aperfeiçoie, e a corrijão, animandome a por em execução huma obra não emprehendida p.los nossos compatriotas, e subministrando alguns conhecim.tos p.ª mais dignamente a completar.

As qualid.es de compatriota e socio correspondente da mesma Academia, são os stimulos, q̃ animão vivam.te o meo spirito p.ª o trabalho; e o seo fiel resultado terei o gosto de o hir pondo na Respeitavel Prezença da Academia, a quem amo, e respeito. D.s prospere, e felicite aos Illustres e respeitaveis Socios da Academia p.ª aumento das Sciencias, da Agricultura, e das Artes. — B.ª 27 de Julho de 1789. — Senhores da Academia Real das Sciencias. — Com toda a submissão, e respeito profundo consagra á Academia os seos trabalhos — O mais inutil socio

Joaquim d'Amorim Castro

Snr. Abbade Joze Correa da Serra. — Por hũa carta de Joze Basilio da Gama, Oficial da Secretaria de Estado, tive a noticia de que a Academia Real das Sciencias pouco depois da sua fundação,

me havia honrado entre o numero dos seos Correspondentes. Fui depois certificado desta mesma honra por Simão Pires Sardinha, sem que eu recebesse o Diploma, que me enviou esta respeitavel Corporação, perda que me foi muito sensivel. Passando então das Minas do Rio das Mortes a occupar a Cadeira de Rhetorica nesta cid.^e do Rio de Janeiro, representei o meo justo sentim.^to ao Ex.^mo Visconde de Barbacena Secretario da Academia; mas foi sem fructo a minha deligencia. Cresceo com o tempo a louvavel ambição desta gloria; e por issó vou á prezença de V. S. rogar-lhe queira encarregar-se da expedição deste (para mim) importante negocio, a que parece tenho direito, supposta, e verificada a primeira nomeação, que tanto me honra.

Não leve V. S. a mal, que eu procure por este unico meio a sua protecção, permittindo ao mesmo tempo, que eu possa mostrar, que sou — De V. S.^a — R.^o de Janeiro a 28 de Julho de 1789. — O mais aff.^o e fiel ven.^or e C.

M.^el Ign.^cio da S.^a Alvarenga

Snr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo. — Remeto pello Correio Cento e quarenta e quatro mil reis, e hum Barometro com seu Termometro, que a Academia das Sciencias determinou lhe remetece para a deligencia de que se acha incumbida. Espero me faça o favor de me remeter o recibo do dinheiro, e do Barometro separádos.

Estimei ter esta ocazião de executar o que a Academia determina, p.^a a ter de lhe pedir me determine as suas ordens, e me reconheça por seu — Lx.^a 1.^o de Agosto de *1789*. — M.^to venerador e obrig.^mo C.

Bartholomeu da Costa

Rev.mo A.o D.r Jozé Correa da Serra. — Do milhor Medico Pratico q̃ temos nesta Un.de lhe remetto essa observação, e junt.o hum calculo urin.o m.to raro; estimarei, q̃ • ache digna essa observação p.a publicar-se, e sou — De V.M. — Coimbra 3 Ag.o 1789 — M.to Ven.or Ob. Cr.o e A.o — *Domingos Vandelli.*

Rev.mo Am.o D.r Jozé Correa da Serra. — Sono senza sue noticie; spero però, che ciò non sarà per causa di molestia. Le rimisi ne passati cor.e alcune Mem.e del Tejo e hum op.co sopra due particolari calcoli urinari, i quali pure le rimèsi. Il D.r Constantino partirà jovedi, e anderà al Porto; ma sino ad ora nulla à ricevuto. Io partirò nel fine del presente mese e sono — Di V. S — Coimbra 10 Ag.o 1789. — Obd. D.mo Sr.e ed A.o — *Domenico Wandelli.*

P. S. Sendo la Chiesa di Miranda do Corvo novam.te vaga il P. Manoel Jozé da Cunha, pel quale già S. A. i Sig.i di Palhavão parlarano in oltra ocazione all' ex.mo Sgr. Duca, desiderarebbe ottenerla, con le condizioni, che S. E. gli volesse impore; cosi a lei lo raccomando, avendo ocasione favorevole.

Senhor Joze Correa da Serra. — Ainda não recebi a Letra, nem o barometro, e thermometro. No dia treze deste mez começo a minha jornada para o Porto aonde me demorarei algũs dias, a esperar o que determinão de mim, antes, que a continue p.a a minha Patria. Estou prompto para me empregar a todo o genero de trabalho para que tiver algũ prestimo. Querendome fazer algũa remessa pode esta ser derigida ao Porto. Aqui deixo pessoa p.a me remetter as suas cartas cazo va p.a as Costas do mar. Estimarei tenha logrado boa saude, e ter ocazioens em que mostre que sou — Real Coll.o de S. Pedro 10 de Agosto de 1789. — De Vm.ce — Am • e Attento Criado — *Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

Snr. Joze Correa da Serra. — No dia 13 sahi de Coimbra, e ainda não tinha recebido a letra nem o termometro e barometro. Deixei o meo Creado em Coimbra para me trazer os livros, que vem pela recovagem. Pareceme muito util o fazer-se a Ictiologia Lusitana, e supposto eu fizesse hum plano das minhas observaçoens sempre quero me lembre tudo aquillo q̃ fôr util, que eu faça; porque dez.o muito que na minha viagem nada me escape, q̃ possa causar utilidade. Paresiame nessessaria hũa Portaria do Intendente da Policia, para os Magistrados territoriaes de cada hũ dos Portos, afim de q̃ estes sem o mais leve prejuizo de terceiro me facilitem alguns

meios. Deos g.º a Vm.ce muitos annos como lhe appetece este seo — Am.º e Creado — Porto 13 de Agosto de 1789. — *Constantino Bott.º de Lacerda Lobo.*

Sñr. P.º Joze Correia. — Remeto a carta que tinha feito p.ª Coimbra, e não foi porq̃ não quizerão tomar conta do Barometro, o qual hia em caixa de madeira p.ª não ter ruina na jornada; dicerão que pello estafeta he que devião remeter, e como não foi o barometro não remeti dinheiro, mas se quizer que mande entregar o dr.º no Correio ou que se tire letra no Tabaco amanhã o farei e lha remeterei p.ª qdo lhe escrever lha mandar; mas o Barometro não sei o q̃ se deve fazer. Com a sua determinação, tudo se executará. Fico dezejando lhe continue perfeita saude pois verdadeiram.te lha dezeja e felicidades quem he — De Vm.ce — Caza 21 de Agosto de 1789. — M.to am.º venerador e obrg.mo C. — *Bartholomeu da Costa.*

Senhor Joze Correa da Serra. — Recebi a letra de trinta moedas as quaes não me são entregadas pelos administradores do Tabaco senão no dia 28 deste mez. Restame pouco tempo para as minhas observaçoens porem farei o que puder, e darei conta dos meos trabalhos. Pezame não ter começado a mais tempo a minha viagem o que certamente teria feito se eu mesmo pudese fazer as despezas, porem não se pode esperar isto de hum oppositor, q̃ não tem mais, que os bons dezeijos de se empregar em algũa couza util. Hoje recebi os livros, que me remeteu meu M.º o Sñr. Della Bella. P.ª o correyo remetterei parte dos meos trabalhos. Estimarei ter occazioens em q̃ mostre que sou — de Vm.ce — Amigo Ven.or e attento Creado — Porto 5 de Setembro de 1789. — *Constantino Bottelho de Lacerda Lobo.*

Senhor Joze Correa da Serra. — Remetto pelo corr.º as trez primeiras partes da minha memoria sobre a cultura das vinhas, e depois de eu fazer algũas observações remetterei a continuação da mesma que julgo sera antes, que me recolha p.ª a Universidade. Espero que me desculpem o não ir a Memoria com mais decencia porem não houve tempo para mais. No que me resta deste mez, e parte do seguinte farei algũas observaçoens nesta Provincia, ainda que heide necessariamente ommittir muitas das Phîsicas por me faltarem algũs instrumentos. Querendo que eu faça algũa cousa, pode escreverme ao Porto porque daqui me enviarão a carta para onde eu estiver. Estimarei ter occazioens em q̃ mostre q̃ sou

de Vm.ce — Amigo Creado e m.to Ven.or — Porto 12 de Setembro de 1789. — *Constantino Bott.o de Lacerda.*

R.mo S.r Joze Correa da Serra. — A carta de Vm.ce q̃ recebi pelo Snr. Verdier, e pela qual Vm.ce me da conhecimento deste seu gr.do amigo, he p.a mim o melhor donnativo, q̃ me podia inviar. As suas excellentes qualidades, os seus conhecim.tos litrarios, fazem a sua companhia m.to estimavel; e com a sua vinda p.a esta terra eu me julgo bem afortunado. Por seu voto vou a fazer hũa Memoria crytica, para a qual tinha junto alguns materiaes, mas q̃ receava dar lhe forma. Como a Academia na m.a Memoria, q̃ tinha por divisa — Sine ludricis artibus — julgou q̃. havia hũa vasta erudição posto q̃ a tradução fosse defeitoosa na linguagem, sendo essa erudição pela maior p.te pertencente á Agricultura, daudome por A., consinto q̃ a Impressão da Academia a possa mandar imprimir com as condiçoens q̃ o S.r Verdier me diz, q̃ costuma; como tàobem a tradução da Memoria de Berklei, q̃ remetto; no caso q̃ agrade. Na mesma Academia ha já annos, q̃ tenho outra Memoria, q̃ tinha por Devisa — Non oderis laboriosa opera — e como a Academia julgou q̃ os factos erão verdadeiros, tãobem consinto, q̃ a Impressão Academica sendo lhe agradavel, a possa imprimir. Aprecio em m.to o donnativo da Academia, e a Vm.ce beijo as mãos pelo trabalho de mo remetter: desejando com o affecto mais sincero ter occazioens, em q̃ possa mostrar, q̃ sou — Thomar 12 de Septembro de 1789. — De Vm.ce m.to Am.o v.r e Criado m.to obrigado — *Jose Verissimo Alvres da Silva.*

Snr. José Correa da Serra. — Na Historia Sebastica q̃ fez imprimir Fr. Manoel dos S.tos omitio varias noticias daquelle infelice Rey, q̃ ornarião m.to sua historia, entre outras, he huma carta q̃. ElRey D. Sebastião escreveu ao D. Prior g.al de S. Cruz, pedindolhe a espada, e escudo do V. Rey D. Aff.o Henriques. Esta carta vem na historia dos Priores de S. Vicente MS. Della fiz extrair a copia q̃ remeto a VS.a julgando sera do seu agrado, e dos mais Senhores da Real Academia, de q.m tenho a honra de ser o menor servo. Mafra 23 de 7.bro de 1789. — De VS. — Venerador, e creado — *D. Ignacio da Boamorte.*

Sñr. Joze Correa da Serra. — Estimo infinito, que a minha memoria aggradase a Academia, e se o meu trabalho cauzar algua utilidade tenho conseguido a maior gloria que posso dezejar.

Tenho as duas ultimas partes concluidas, mas para ser mais util

o meo trabalho sobre os diferentes generos de vinhas, e os modos de as melhorar pareseo me necessario fazer alguas viagens na Provincia do Minho, e por algũas partes do Alto Douro por onde ainda não tenho veajado. Principiei as minhas observaçoens desde esta cid.e até Caminha veajando todas as terras vizinhas ao mar, e como se acabou o meo dinheiro com q̃ me achava, recolhime ao Porto receber aquelle q̃ me mandou a Acad.

Amanhã ou depois passo a continuar as minhas observaçoens pelo interior da Provincia, e daqui para o Douro. Concluida, que fôr esta viagem, remetterei o resto da memoria, q̃ poderá tardar ao m.to dois mezes, depois continuarei com as mais observaçoens soltas q̃ fizer, e que tenho já feito. Digo com todas as veras, que sou — De Vm.ce — Criado, e Amigo m.to obrig.mo — Porto 17 de 8br.o de 1789. — *Constantino Bottelho de Lacerda Lobo.*

Ill.mo Sñr. — Com o mais profundo respeito recebo as ordens da Academia Real das Sciencias, e beijo mil vezes a sabia mão que as escreveu.

A carta, com que VS.a me honra, suppoem em mim certeza, de que era correspondente; porem permitta-me V. S.a reprezentar as justas razoens da minha incerteza.

He verdade, que hum Amigo meu me participou a Eleição, e ao mesmo tempo, que eu havia de receber hua carta da Academia, o que eu antes tambem tinha visto praticar com muitos dos meus Amigos correspondentes.

A honra de receber tal carta até hoje a não tive; e quando, decorrido longo tempo, perguntei por ella ao mesmo A.o, me tornou «que se pertendia joeirar a lista dos correspondentes».

Com magua vi, que hua Illustre Corporação de Sabios intentava tachar se de menos circumspecta, e a penar inocentes, que sem intriga, ou prevaricação dos suffragios, com que forão eleitos, e sem depois haverem violado os preciosos pactos academicos, hião a soffrer mutilação na sua existencia moral, que a Academia lhes tinha augmentado tanto pela revelação da Eleição, como ao depois pela publicação nos Almanakes.

Sentia o mal dos outros; por que emquanto a mim a admiração, que me tinha causado a minha eleição, me facilitava resignação na peior sorte, a qual com rosto quedo esperava, e contra ella não saberia despeitorar queixumes.

Dadas estas circumstancias VS.a me julgue relativamente ao cumprimento dos meus deveres para com a Academia, que eu entendia suspensos, e proximos a aniquilarense; sem que isso com-

tudo empecesse, aos que me restavão para com o publico de passar augmentada á posteridade a heransa dos pensamentos de nossos Avôs, no que fosse conveniente aos meus talentos, já que me empreguei em os cultivar; e por que quanto mais tarde nascemos, maior he a obrigação, devia hir com tento, para que as minhas producçoens não cauzassem asco, e fossem dignas do seculo, em que vivemos.

Estou prompto a mais observar, recolher, e remetter: porem VS.ª dicidirá, se sem a carta de correspondente me devem ser exigidas as observaçoens.

Espero que esta carta não faça estorvo ás intençoens da Academia, porque eu, sejão quaes forem, lhe darei sempre valor, e respeito.

Não sou escravo, e por isso sei, que devo fallar com o vulgo, e pensar com os Sabios; porem o imperio do costume pelo longo trato com aquelle me fará agora escuzavel diante de VS.ª

Em qualquer condição em que esteja, renderei sempre homenagens ás virtudes, e talentos de VS.ª e com gosto lançarei mão de toda a occazião, em que possa mostrar a VS.ª o meu reconhecimento, respeito, e submissão.

D.s G.de a VS.ª. Gouvea 7 de 9bro de 1789. — Ill.mo Snr. Jozé Correa da Serra. — De VS.ª — Obediente Creado, e attento Vend.or

Joaquim Vicente Pereira d'Araujo

Não busco a Vm.ce de manhãa por ficar embaraçado com o corr.º, e não o busco de tarde porq̃ estou certo de o não achar.

Hontem recebi a Memoria incluza, e a caixinha q̃ remeto a Vm.ce juntamente com ella. Vm.ce decidirá se isto he coiza q̃ mereça ser apprezentada á Academia; e parecendo lhe digna disso, e approvando-a o Duque, apprezentarlha há. O seu A. he o D.or Joze Pinto da Silva Professor de Medicina na nossa Universd.e. Eu entendo q̃ Vm.ce conhece bem o seu merecimento; e para q̃ conheça tambem o seu caracter ahi lhe remetto huma copia do q̃ elle me diz na sua carta a respeito da m.ma Memoria.

He necessr.º q̃. Vm.ce desculpe, e corrija alguns erros do amanuense, q̃ por ventura escapassem ao A. q.do revio esta copia. Fico para dar g.to a Vm.ce q̃ D.s g.e m.s a.s. Caza. Sabb.º 28 de Novbr.º de

1789. — De Vm.ce — M.to obzequiozo Ven.or e Obrig.do — M.to R.do S.r Joze Corrêa da Serra.

Ill.mo Sig.re Sig.re e Proñe Colmõ — Ricevetti l'Involto Libri da vendersi per conto di cottesta Academia, che subito consegnai al Libraio Antonio Berneaud come quello, cui avendo confidati i miei Libri da vendersi, ho sempre trovato pronto ai pagamenti tutte le volte che ne lo richiesi. Feci che questo mi passasse ricevuta, dichiarando l'obbligo suo di dar conto in ogni tempo dei Libri ricevuti o in dinaro per la parte venduta, o in ispecie per la parte da vendersi. Feci altresi che esponesse alla porta sua i tittoli de medesimi con i prezzi prescritti, perché non avesse ad aver alterazione ne medesimi. Ben può star certa cottesta rispettabile Società della premura mia per servirla in tutto ciò che io posso, altro non desiderando che l'aumento di gloria della medesima resultante dai vantaggi proccurati alla Patria, ed alla Società degli vomini, cui ogniuno è tenuto ed obbligato.

Le sarà già noto che si principiò a spiegare il primo Volume del mio Compendio in quest'Aula di Fisica, e che per mercé divina incontra un universal compatimento. Fra pochi giorni si pubblicherà il 2d.o Volume cui desidero un egual incontro. Mi farò l'onore di spedirne un esemplare, che V. S. Ill.ma come piccolo dono da me fatto a cottesta Academia, potrà nascondere in un canto della Libreria, che per lo meno servirà ad accrescere il numero dei Volumi. Non so ancora quando s'imprimerà il terzo Volume, che contiene i capitoli dell'Elettricità, delle Meteore, e del Magnetismo, e che ho terminato di scrivere sino dal Febbrajo passato.

Ella poi di me disponga in ogni tempo, e proccuri, come la prego, che io pure tenghi, come altri Soccii tengono, l'intera collezione delle Medaglie pubblicate dall'Academia, non mi essendo stata conseguata se non quella, che credo fu la prima, allorché fu l'Academia honorata col titolo di Reale. Sono con tutto il rispetto ed amicizia — Di V. S. Ill.ma — Coimbra 7 Xbro. 1789. — All'Ill.mo Sig.r Abê Correa da Serra Secretario &. Lisboa. — Diumõ Obblmõ servid.e ed Amico — *Giannãnto dalla Bella.*

Sñr. Joze Correa da Serra. — Agora que me acho em Coimbra por não poder demorarme mais tempo fora da Un.º vou a dar contas do q̃ tenho feito Primeiram.te fis algũas observaçoens nas costas do mar da Provincia do Minho desde S. João da Foz até Caminha, examinando como costumavão salgar, e secar o peixe, e os defeitos destas preparaçoens: ajuntei a esta observação outras mais que pude fazer Viagei por diferentes partes da Provincia com o fim de observar os diversos generos de vinhas. q̃ na mesma se cultivão fazendo mais algũas observaçoens q̃ sem ajuda de instrumentos erão possiveis. Passei ao Douro p.a ver o modo como cultivão as vinhas neste territorio. aqui não me demorei tanto como eu queria por me achar com algũa molestia, motivo porque me recolhi a minha patria, e daqui p.a a Universidade logo q̃ tive algũas forças Nesta viagem gastei quinze moedas cada hũa de 4800. porem aproveiteime da hospedagem de alguns amigos em algũas terras, e como não tinha instrumentos, que fizese conduzir levava somente hũ criado na m.ª companhia sem mais outro trem.

O resto, q̃ tenho em meu poder pode ser applicado p.ª algũ dos fins, que o Sñr. Joze Correa em hũa carta me propoz, ou dispor a Academia delle o que bem lhe parecer. Agora não faço outra couza mais do que apromptar muito brevem.te o que resta da m.ª memoria sobre as vinhas, e depois continuarei com a relação das minhas observaçoens. Se estas agradarem poderei continuar neste exercicio em todo o tempo, que não fizer falta ao serviço da Universidade. Não me esqueci da Ichtyologia Lusitana sobre a qual fallarei mais largam.te p.ª outra occazião. Estimarei tenha logrado hua vigoroza saude, e ter occazioens em que mostre, que sou — de Vm.ce — Amigo e attento Creado — No Real Coll.º de S. Pedro 14 de Dezembro de 1789. — *Constantino Bott.º de Lacerda Lobo.*

(Continua) **Christovam Ayres.**

ÍNDICE DO VOLUME XIV

Fascículo n.º 1 — Novembro a Julho, 1920

Fascículo n.º 2 — Agosto a Outubro, 1920

Estudos, documentos e notícias.